

CINTHIA FREIRE

MINHA

SÉRIE ~ SEGREDO S

cura



"QUANDO UM CORAÇÃO PARTIDO ENCONTRA UM QUE NUNCA AMOU, SOMENTE A MÚSICA DA ALMA É CAPAZ DE UNI-LOS."



CINTHIA FREIRE

MINHA

S É R I E ~ S E G R E D O S

cura

"QUANDO UM CORAÇÃO PARTIDO ENCONTRA UM QUE NUNCA
AMOU, SOMENTE A MÚSICA DA ALMA É CAPAZ DE UNI-LOS."

Copyright © 2020 Cinthia Freire

Capa: Thais Alves

Preparação de texto e Diagramação: Carla Santos

Todos os direitos reservados a autora.

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Ficha Catalográfica

Ordem Cronológica

Recado da autora

Dedicatória

Epígrafe

Prefácio

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 17

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Epílogo

Nota da autora

Agradecimentos

Biografia

Obras

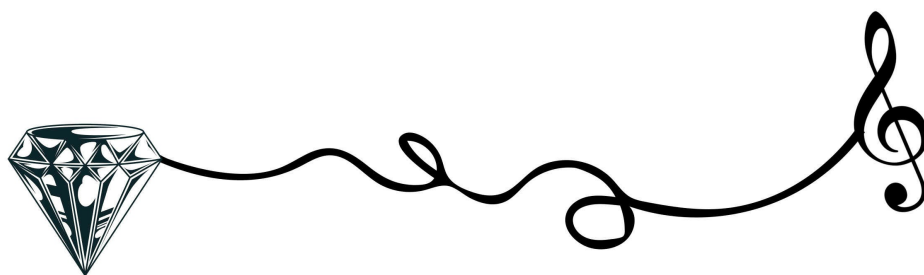
Nota

ORDEM CRONOLÓGICA

Querido leitor,

Para que a leitura desse livro fique mais fácil, é importante explicar que ele é o quarto volume de uma série, e que os acontecimentos a seguir seguem a ordem cronológica abaixo, vindo logo depois do conto *Nosso*:

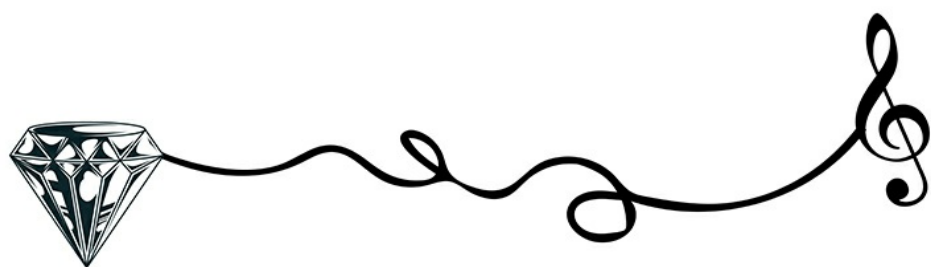
- Meu Erro
- Minha (conto)
- Minha Rendição
- Meu (conto)
- Meu Refúgio
- Nosso (conto)
- Minha Cura



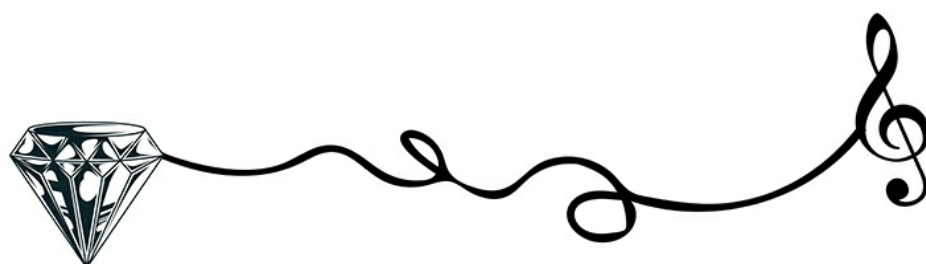
Por favor, se puder, ao resenhar esse livro, seja na *Amazon*, no *Skoob* ou qualquer outra rede social, cuidado com *spoilers*, eles podem estragar a experiência de leitura das outras pessoas. Quero que as surpresas aqui inseridas, sejam descobertas no decorrer da leitura e espero contar com vocês para que isso aconteça. Mas, se quiser, pode me chamar nas redes sociais, estou sempre à espera para conversar com você.

Desejo uma linda e emocionante leitura.

Sejam bem-vindos a história de Tomaz e Cristal.



A meu pai, que me ensinou a amar a
música e que, sem saber, criou as mais
belas lembranças em meu coração.



“Respire, respire o ar
Não tenha medo de se importar
Vá, mas não me deixe.”
(Breathe – Pink Floyd)

PREFÁCIO

Chegar ao fim de uma série nunca é fácil. É um misto de sentimentos: nos dividimos entre a ansiedade de concluir um ciclo e a tristeza da despedida de personagens que se tornaram parte da nossa jornada.

Durante quatro anos acompanhamos os personagens da série *Segredos*. Vibramos, nos emocionamos e sentimos no coração cada palavra descrita. Ainda mais quando estas palavras são escritas por alguém com tanta sensibilidade que é capaz de tocar nossa alma.

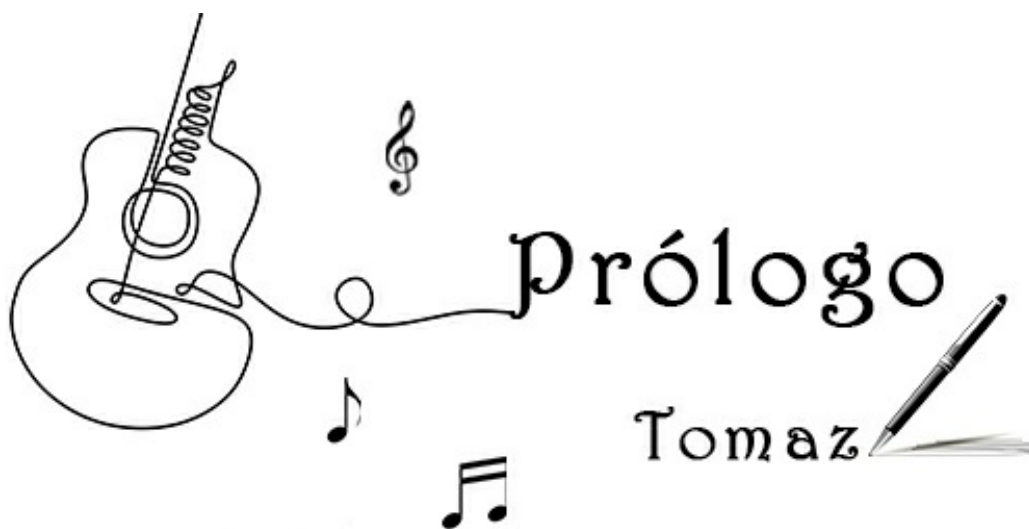
Chegamos ao fim...

Minha cura é uma história sobre escolhas, destino, segredos e, principalmente, sobre a vida. É de uma sensibilidade gigantesca e encerra a série *Segredos* deixando um único sentimento no ar: saudade.

Preparem-se para se emocionar com Tomaz e Cristal, um casal tão lindo que é impossível não se apaixonar. E, quando o fim chegar, você terá a certeza de que o amor sempre será o caminho.

Com amor e saudade,

Camila Moreira – autora da série *O amor não tem leis e 8 segundos*.



Ajusto o violão no colo e dedilho uma nova melodia, mais uma música falando de algo que há tempos deixei de esperar, mas que sou tão bom em falar.

Amor.

Fecho os olhos e me deixo levar, sinto a música se formando, crescendo dentro de mim, pulsando em minhas veias, deixo a emoção me levar e logo estou compondo.

Escrever para mim é algo natural, não tem hora para acontecer, ela vem em ondas e me domina, me envolve e me persegue, não desiste até que eu me sente e dê a ela a atenção que precisa.

Pego o cigarro no cinzeiro e trago mais uma vez, é o quarto ou o quinto, não tenho certeza, e quem está contando? Eu preciso terminar essa música antes que ela me enlouqueça e só vou me levantar daqui quando finalizar.

Penso na ironia da vida, como pode um homem sem coração ter tanta facilidade para escrever sobre as dores de um? Como alguém que nunca foi amado pode saber como se sente?

Durante anos acreditei ter amado uma garota, mas hoje, ao vê-la, sei com toda a certeza do mundo, que nunca a amei de verdade, e essa constatação me assusta porque tenho medo de nunca vir a amar ninguém.

Termino o cigarro e coloco o que resta no cinzeiro, é o quinto, com certeza. Deito minha cabeça no corpo do violão, dedilho a música e sinto a vibração das cordas em meu corpo e, enquanto ela entra dentro de mim como melodia, eu a externo em forma de letra e canto.

Trechos soltos, frases sem sentido, uma melodia que não se encaixa, outra que gosto e, quando consigo uma estrofe perfeita, pego o caderno ao meu lado e escrevo o que consegui. Demoro mais algumas horas até acertar o refrão e o repito exaustivamente, troco notas, testo algo novo, um solo, um *la la la...*

E assim a noite se vai, levando consigo um pouco mais do meu sono e trazendo mais um pedaço de mim em forma de canção. E quando ouço os sons de mais um dia que se inicia, olho para as folhas lotadas de palavras e notas musicais, melodia e letra.

Pego-me pensando em como a música se parece com o amor, como um só faz sentido se estiver na presença do outro, como duas pessoas que se amam. Um é a letra, um amontoado de palavras que pode ser uma poesia, um pensamento, uma divagação, ou apenas algo completamente sem sentido.

A outra é a melodia, um clamor de um instrumento, às vezes vários, que sozinhos não passam de um barulho sem sentido, apenas notas que se juntam em busca de um motivo para serem música e, quando finalmente se unem à letra e à melodia perfeita, formam algo mágico, único e então penso:

Como vivi todos esses anos sem ouvir isso?

Assim é o amor, eu não o sinto, mas o vejo, cada dia mais, a minha volta, unindo letras e melodias em todos os cantos, fazendo com que pessoas se conectem e se sintam encaixadas uma na outra.

Às vezes, invejo o amor, temo nunca encontrá-lo, ser o solitário professor de História que despeja suas frustrações em letras melosas e tristes de um homem que nunca foi amado.

Às vezes, me sinto-me aliviado por não ter ninguém, em noites como hoje, em que permito que minha tristeza se transforme em melodia e letra; e na solidão caótica dos meus pensamentos, eu possa transformá-la em música.

Levanto-me do sofá e sinto todos meus ossos estralarem, sinto-me cansado de um jeito que só quem já viveu uma vida inteira pode sentir, estico-me e vou até a cozinha atrás de uma xícara de café, bebo e repasso a música em minha cabeça, como se ela fosse uma rádio particular em que eu posso tocá-la no momento em que eu quiser.

Sinto que ela está perfeita e, então, eu volto para o sofá, seguro meu violão e volto a fechar os olhos, dessa vez para cantar, pela primeira vez, a canção que acabei de criar; enquanto encaixo voz e som me permito sorrir sabendo que, mesmo que eu jamais consiga encontrar a letra certa, que se encaixe na melodia da minha alma, eu sei que, ao menos, serei capaz de criar músicas que embalem outros corações apaixonados, outras almas gêmeas e, de certa forma, estarei eternizado, cantando canções de um amor que até hoje é desconhecido para mim.



Já se passaram dez minutos desde que a apresentação acabou, mas ainda tem dois garotos observando Guilherme fazer seu tradicional “ta, ta, ta, tu, tcha” na tentativa de ensiná-los a tocar bateria enquanto uma menininha tenta dedilhar as notas musicais e eu estou tentando tirar o microfone das mãos de outro menino, que mais parece ter seis braços, é praticamente impossível tirar algo dele.

— A apresentação foi incrível — Poliana diz com um sorriso gigante nos lábios. — Cada ano, vocês se superam.

— Obrigado, fico feliz que gostou — agradeço enquanto finalmente consigo retirar o microfone das mãos do menino polvo, Poliana o ajuda a descer e chama uma das recreadoras para ajudar a retirar o restante das crianças do palco.

— Senti falta do Ben — ela continua.

— Eu também.

A verdade é que eu sinto falta daquele moleque todos os dias, sinto falta da facilidade com que ele permite que a música preencha todos os cantos dentro de si, como ele a conduz e a molda, como massinha de modelar, sinto falta da sua versatilidade e da capacidade incrível de criar

misturas únicas e inesquecíveis. Todos acreditam que eu sou o professor de Benjamin, mas a verdade é que ele é quem me ensina muito; com sua limitação pessoal, ele descobriu na música uma forma de se comunicar com o mundo. E ele é um ótimo comunicador. Basta encontrar quem tenha a sensibilidade para ouvir a sua voz.

— Você está sabendo que eles chegam em algumas semanas? — ela continua falando com a sua alegria de sempre.

Poliana é uma mulher surpreendente, quem conhece a sua história e sua trajetória não consegue acreditar que há tamanha força e coragem em alguém tão pequena, ela sempre procura ver o lado bom em tudo e seu otimismo contagia a todos.

— Sim, eles vêm para o casamento da Verônica — respondo enquanto guardo os equipamentos.

Aliás, quem não vem para esse casamento? Tenho a sensação de que toda a cidade foi convidada, porque aonde eu vou encontro alguém comentando sobre o evento do próximo ano, eu só espero que haja noivo porque Fábio, meu pobre amigo, está à beira de um colapso nervoso.

Termino de arrumar tudo e desço do palco, que já está sendo tomado por crianças brincando de dançar e tocar, coloco minha case nas costas e estou arrastando a caixa de som quando Vinícius e Christopher se aproximam.

— Bonita apresentação — Christopher fala com seu jeito fechado e educado, e eu agradeço; Vinícius estende a mão me parabenizando e repito o agradecimento.

— Você vai ficar para o jantar? — ele pergunta enquanto beija o topo da cabeça de Poliana e apoia o queixo nela recebendo um tapa.

— Não, eu vou pegar estrada assim que sair daqui.

— Vai passar as festas fora da cidade? — Christopher pergunta e posso notar que ele está se esforçando para manter um diálogo; aperto os lábios evitando um sorriso, porque é como conversar com uma versão mais velha de Gabriel. Não que nós tenhamos muito assunto, mas hoje sei identificar a timidez e o jeito introspectivo de Christopher, sem contar que tenho a sensação de que todos são capazes de ver que, no fundo, ele é um homem eternamente em luto.

Eu e Gabriel já passamos da fase de rixa há alguns anos, não tenho nenhum problema com ele; já ele parece que tem problemas com todo mundo. Aprendi a compreender o seu jeito e descobri que ele tem muito mais do jeito tímido do pai do que arrogância em seu jeito de ser. Ele só não liga para o que as pessoas pensam dele.

E quer saber? Eles estão certos.

— Vou para a casa dos meus pais — digo enquanto retiro meu violão das costas e apoio na caixa de som.

— Que bacana.

Poliana e Vinícius pedem licença e se afastam quando veem a madre chegando acompanhada de algumas crianças. E então ficamos só eu e Christopher.

— E você, vai viajar? — Sinto-me obrigado a perguntar e, quando ele sorri, noto que fiz a coisa certa. É algo raro arrancar um sorriso do rosto do homem mais rico dessa cidade.

— Vou, amanhã embarco para Nova York, eu e minha filha — ele completa como se fosse importante explicar. — Vamos passar o Natal todos juntos.

— Bacana. Gabriel vai gostar de ter a família junta.

— Ele não sabe, mas conseguimos convencer até mesmo a Penha, na verdade quem convenceu foi a Clara, aquela garota consegue tudo com

aquele jeitinho esperto dela.

Viro-me na direção de onde Christopher está olhando, vejo Clara sentada de costas para nós, os cabelos cacheados e rebeldes cobrindo qualquer visão do seu rosto, as mãos gesticulando exageradamente, rodeada de crianças, ela parece estar fazendo algo muito interessante porque todos estão quietos ouvindo-a e começo a lembrar da época em que fui seu professor; ele tem razão, ela tem mesmo o dom de conquistar as pessoas.

— Ela sempre foi uma boa aluna — digo porque sei que os pais gostam de saber disso. Não é mentira. Na época em que lecionei no colégio, Clara sempre teve um espírito de liderança natural, ela atraía a atenção de todos para si e sempre se livrava de problemas com um sorriso gentil, que derretia o coração dos professores.

O completo oposto do irmão.

— Preciso ir, Christopher, me desculpa, mas eu ainda tenho que guardar todo o equipamento — começo a justificar.

Ele me dá um abraço educado e desejamos boas festas um para o outro. Meus companheiros de banda se aproximam, cada um carregando um pouco do seu equipamento e seguimos para o carro de Guilherme, para guardar tudo, comentando o que deu certo e o que deu errado no show de hoje, uma rotina tão natural como respirar depois de tantos anos juntos.

— Ei, cara, tá indo já? — Fábio chega momentos depois ajudando a guardar os equipamentos sem precisar perguntar onde fica o quê.

— Estou. Eu preciso ir, você sabe — respondo ao meu amigo e ele dá um tapinha nas minhas costas, porque sabe o quanto é difícil para eu voltar para casa, o quanto tenho evitado estar lá.

Fábio é meu amigo de infância, crescemos juntos, almoçávamos na casa um do outro, na verdade eu mais na dele do que ele na minha, junto com Rio, nosso outro amigo, éramos um trio bem esquisito, Fábio era o garoto tímido, meio nerd, que gostava de livros e astronomia; eu, o cara do rock, que usava o violão para animar as festas à beira da fogueira. Rio era o hippie, que não tinha limites e pegava todas as turistas da cidade.

Entramos na faculdade juntos, eu fiz História e Fábio fez Administração; Rio começou Biologia, mas desistiu na metade do primeiro ano e voltou para casa. Tornei-me professor contra todas as probabilidades, Fábio abriu uma livraria, Rio continua sendo Rio e nossas vidas foram tomando rumos diferentes. Vivíamos a vida, como deveria ser.

Até que eu e Fábio viemos para cá, conhecemos duas garotas; uma delas, o grande amor platônico de Fábio, o clássico caso do garoto nerd com a patricinha. Verônica veio como um furacão e destruiu todas as defesas do meu amigo, não que ele tivesse muitas. Na verdade, se tratando de Verônica, ele nunca teve nenhuma; na presença da loira estonteante de olhos azuis era como se ele fosse um esquilo diante de um leão. Ou uma leoa.

Eu conheci Caroline, a doce e gentil amiga de Verônica, linda com seus olhos expressivos e seu sorriso tímido, não poderia ser mais perfeito, melhores amigos apaixonados por melhores amigas, eu vi meu amigo feliz e acreditei que não havia mal algum baixar a guarda. Mas cometi um grande erro, me machuquei e, mesmo que eu nunca tenha dito isso em voz alta, depois de Caroline eu perdi um pouco de fé no amor. Não que ele não exista, eu sei que existe, só não acredito que ele seja uma regra, nem todos nasceram para se apaixonarem; eu sou um desses, vivi a experiência uma única vez e não gostei.

— Eu chego em alguns dias — ele diz como se tentasse me consolar.
— Não faça nenhuma bobagem sem mim.

— Valeu, irmão! — Puxo Fábio para um abraço e, sem dizer nada, agradeço por ele estar sempre ao meu lado, principalmente agora.

Nos separamos meio sem jeito e avisto a sua noiva vindo em nossa direção.

— Tomaz, já disse para você não se aproveitar do meu noivo. — Ela se aproxima e Fábio a abraça, como se não a visse há muito tempo.

— Okay, já parei. É que ele é irresistível. — Estendo as mãos para o alto e ela ri.

— Eu sei que é. — Ela segura o rosto de Fábio e beija sua boca rapidamente. — Por isso vou acorrentá-lo para sempre.

Fábio franze o nariz e faz uma cara de apaixonado idiota, que me faz crer que deve existir algum tipo de curso para isso porque é cômico. Mesmo assim fico feliz por eles, sei que Verônica ama meu amigo do seu jeito passional e meio maluco, escandaloso demais e excêntrico, mas ele é louco por esse conjunto e isso é o que importa. Acho que isso é o que torna essa coisa de amor tão instigante.

— Já está indo? — ela pergunta, com as mãos em volta do pescoço de Fábio como se temesse que eu, de alguma forma, o colocasse dentro de uma mala sem que ela perceba.

— Vou pegar estrada — respondo para Verônica, que me olha como se soubesse da minha história, talvez saiba, ela e Fábio são quase uma única pessoa e não o condeno por compartilhar suas coisas com ela. É assim que os casais de verdade devem fazer.

Contar a verdade um para o outro, não mentir, doa a quem doer.



Demoro duas horas até que consigo finalmente pegar a estrada, decido ir de carro, não estou animado o suficiente para ir de moto, paro no posto, abasteço, compro três maços de cigarro e finjo não me incomodar quando a balconista me olha como se eu estivesse cometendo um crime.

— Acredite, eu vou precisar disso — justifico e ela sorri como se dissesse “tanto faz”.

Assim que tenho a certeza de que está tudo okay, pego o telefone e ligo para casa, deixo uma mensagem na caixa postal e tento não pensar muito no motivo para que não tenham me atendido.

“Estou a caminho. Chego em quatro horas.”

Ligo o meu carro, acendo o primeiro cigarro sabendo que teremos um longo caso de amor pelos próximos dias, aumento o som do rádio e deixo que Pink Floyd afaste todos os pensamentos da minha mente. Ainda tenho quatro horas até precisar pensar novamente.



O cheiro do mar me traz recordações de uma vida que não conheço mais, festas inocentes, beijos escondidos, amores juvenis, música, alegria, sonhos.

Eu quase havia me esquecido do quanto fui feliz aqui. Desde a última vez que estive em casa, eu tentei apagar esse lugar da minha mente, mas existem coisas que são impossíveis de serem apagadas, cheiros, sons e sabores são como marcas registradas que não somos capazes de nos desfazer. E isso é uma grande merda.

Passo pelo centro, avisto as lanchonetes que frequentei na juventude, a praça onde fiz meu primeiro show, a escola onde estudei, recordo-me do professor que me inspirou a ser um mestre, um homem que admirei por toda a minha vida e que sempre foi minha inspiração.

Passo por ruas, lembranças de uma vida, vejo o pai de Fábio sentado na frente de sua casa conversando com outros senhores e faço uma anotação mental para vir aqui vê-lo depois. Ignoro a rua que deveria entrar e sigo adiante, para o único lugar do qual realmente sinto falta nesse lugar.

Desço do carro e sigo o resto do caminho a pé, tiro os sapatos e dobro a barra da calça, enfio os pés na areia e me recordo de como isso sempre foi revigorante para mim, caminho até o antigo píer e me sento de frente para o mar, acendo mais um cigarro e faço um pedido mental para que eu consiga passar os próximos dias sem maiores problemas. Na verdade, acho que não é bem um pedido, isso já entra na categoria milagre.

O sol pinta o céu com seu alaranjado imponente indicando o fim de mais um dia, o som do mar e das gaivotas voando é a melodia perfeita para a partida majestosa dele, observo o sol se pôr sem me dar conta de como isso era algo natural na minha vida e hoje me sinto maravilhado com esse espetáculo. Como pude me esquecer o quanto eu amava isso aqui? Como pude deixar que a mágoa anulasse tudo que era importante para mim? Me pergunto se haverão outras coisas que eu sentirei falta no tempo em que ficarei aqui e tenho medo da resposta, não quero perceber que deixei muita coisa para trás.

— O bom filho a casa torna. — Ouço uma voz familiar atrás de mim e me viro para encontrar Rio.

— Não é bem assim, mas vamos fingir que sim.

Ele se senta ao meu lado e me abraça como nos velhos tempos. Rio ainda cheira a sal e descolorante de cabelo e sorrio quando penso que algumas coisas não mudam nunca. Meu amigo é um homem do mar, uma brincadeira com o seu nome que sempre fizemos quando criança, mas é verdade, Rio ama o mar, as ondas, a liberdade e o desapego. Com sua pele queimada e seus cabelos parafinados, ele é a verdadeira representação do surfista. Quando moleque, ele tentou me ensinar a surfar algumas vezes, mas eu sou tão leve como uma pedra e logo percebemos que cada pessoa nasce com um dom, o dele é no mar, o meu é na música.

Quando terminamos o colégio e cada um foi para o seu canto, eu soube que Rio sempre ficaria por aqui, e ele ficou; depois de abandonar a faculdade, abriu uma escola de surfe e vive em uma pequena casa próximo ao mar. Ele é a prova viva de que nem sempre ser bem-sucedido significa ter dinheiro, Rio não seria feliz longe do mar, por mais que algumas pessoas não consigam compreender. Uma pena.

— Você não deveria fazer isso, cara! — Ele olha para o meu cigarro e faz uma cara de desaprovação. Rio é adepto a vida saudável, vegano desde que me conheço por gente, ele nunca bebe e não fuma, também odeia ver os amigos “destruindo os seus corpos”.

Para Rio, o corpo é o templo da alma, ele só não sabe que, para um templo existir, ele precisa ter algo que o habite e no meu caso... bom, não quero parecer dramático nem nada do gênero, mas eu não acredito muito nessas baboseiras todas que fala.

Olho para o cigarro em minhas mãos, ergo os ombros e respondo:

— Eu preciso, é isso ou socar a cara de alguém. Está disposto a me deixar socar a sua?

Ele ri, mas sabe que estou falando a verdade, não com relação a socar a sua cara, mas o fato de precisar fumar. Não sou um viciado em cigarros ou coisa assim, mas fumar me acalma quando estou sob pressão e, nesse momento, sinto como se estivesse com um torniquete em meu peito, apertando a medida em que tento respirar.

— Já viu teu velho? — Ele vai direto ao ponto e me lembro o motivo para odiá-lo. Rio não perde tempo com conversa mole, ele fala sempre o que deve ser dito, algo que não estou muito a fim hoje. Nem pelos próximos sete dias.

— Acabei de chegar.

— Eu imaginei.

Trago mais uma vez o cigarro e observo a fumaça se desmanchar no ar sabendo que ele está odiando isso. Estamos quites, meu irmão.

— Se precisar de alguma coisa, sabe que pode contar comigo.

— Tem uma rede sobrando lá na tua casa? — pergunto olhando as gaivotas sobrevoarem o mar em busca de alimento.

Rio sorri e passa o braço por meu pescoço.

— Para os amigos sempre tem.

O sol se põe, a noite chega, Rio me atualiza sobre as novidades, eu conto a ele sobre a banda e a universidade, ele promete ir me visitar um dia, mas sei que nada tira esse caixara daqui. O tempo passa e finalmente não tenho mais como evitar, despeço-me do meu amigo e me obrigo a seguir para o meu destino.

— Tomaz — ele me chama quando começo a caminhar de volta para o carro. — Se precisar socar alguém, estou aqui.

— Valeu, irmão! — Afasto-me sentindo uma onda de sentimentalismo me atingir e odiando tudo isso.

Sete dias, será que vou suportar?

Acendo o último cigarro do maço pouco antes de chegar à rua arborizada de casas grandes e reconheço o portão de madeira que esconde atrás de si o lugar onde cresci. Pego o controle no porta-luvas e me surpreendo quando percebo que ele ainda funciona.

Um cachorro late quando meu carro entra na garagem, eu não o conheço, mas tenho certeza de que minha mãe já o colocou para cheirar todas as minhas coisas como se esperasse que eu voltasse a qualquer momento. Estendo minha mão para ele e logo o *weimaraner* está abanando o rabo para mim.

— E aí, amigão. — Faço um afago em sua cabeça e desço levando comigo uma pequena mochila, tudo o que trouxe comigo para passar o

mínimo de tempo possível por aqui. Entro na casa que deveria ser minha, mas que para mim é totalmente estranha, tudo está em silêncio e sou obrigado a conferir as horas para ver se não é tarde demais.

Nove e meia da noite, e se levar em consideração que avisei que estava chegando, imaginei que encontraria alguém. Mas não há ninguém.

Vou até a cozinha e abro a geladeira, pego uma garrafa de água e, quando me viro para pegar um copo, a encontro, parada à porta, com seu olhar caloroso e sorriso doce.

— Meu filho, você chegou. — Minha mãe abre os braços e vou até ela permitindo que me abrace e me beije como se eu fosse um garotinho e percebo mais uma coisa da qual senti falta: do seu cheiro.

— Como a senhora está? — pergunto quando ela me solta, observo seu longo vestido colorido, as tranças em seus cabelos e as unhas pintadas de cores fortes. A mesma mulher que me ensinou a tocar violão, que me apresentou a música, desde a clássica ao rock, apaixonada por Janis Joplin e Raul Seixas, amante da poesia e da natureza.

— Eu estou ótima, agora você. — Ela faz uma avaliação da minha aparência e tento conter um sorriso. — Fumando, Tomaz?

— Você sabe que eu precisei.

— Não há justificativas, não depois de tudo.

Quero dizer a ela que é exatamente depois de tudo que sinto a necessidade de aplacar minha ira em algo, que por sua culpa estou há mais de seis horas entre um cigarro e outro e que não queria estar aqui, mas não digo, ela não merece que eu desconte toda a minha raiva nela, mesmo que esteja apoiando tudo isso, ela não tem culpa.

— Eu sei, mas não posso agir como você — tento conter a mágoa na minha voz. — Eu não sou como você, mãe.

— Ninguém é como ninguém, filho, mas eu gostaria que você compreendesse que não temos o controle de tudo.

— Não quero falar sobre isso agora — corto-a antes que ela comece com seu discurso de que a vida segue seu curso e essas coisas todas que não concordo.

— Tudo bem. — Ela respira fundo, como se já soubesse o que eu diria. — Eu gostaria que você, ao menos, cuidasse melhor do seu corpo, está se alimentando direito? Ou só tá comendo bobagem?

Às vezes, eu tenho a sensação de que Rio é seu filho perdido, que fomos trocados em algum momento e nossas mães não notaram a diferença, mesmo que eu seja uns quinze centímetros menor que Rio hoje, acredito que, quando bebê, não fôssemos tão diferentes assim, justificaria a semelhança entre minha mãe e meu amigo.

— Eu tô me alimentando, mãe — minto e ela olha para mim como quem sabe que essa não é a resposta correta.

— Está dormindo, filho?

— Mãe? — tento pará-la, mas é mais fácil parar um trem desgovernado.

— Está ao menos feliz?

— Nesse momento estou cansado. Bastante cansado.

— Entendi. — Ela faz uma careta e vai até a geladeira retirando uma tigela de dentro. — Eu já sabia a resposta de tudo isso e preparei uma sopinha para você.

Ela abre a tigela e me recordo de algo que eu não gostava, as comidas milagrosas da minha mãe, ela sempre tem algo no seu quintal que é bom para alguma coisa, e com isso cresci sendo alimentado com ingredientes que ninguém mais conhecia. Talvez esse seja o motivo para que eu troque qualquer refeição por uma porção de fritas e sanduíche e meu

armário seja abastecido basicamente de macarrão instantâneo, meu principal alimento nos dias em que estou em casa.

— Não, mãe, obrigado. Eu não tô com fome — digo, mas ela ignora minha resposta e coloca a sopa para esquentar.

— Você está muito magro, Tomaz.

Penso em responder a ela que sempre fui magro, mas desisto; aos trinta e três anos, não tenho mais esperanças de me tornar um cara alto ou forte, se tem algo que eu aprendi a lidar é com meu corpo. E eu estou bem com ele.

— Mãe, sério, eu não estou com fome — digo quando uma tigela indiana com um líquido azulado aterrissa na minha frente.

— Me conte sobre você. — Ela se senta na minha frente enquanto me observa remexer a sopa de um lado para o outro e me sinto como o garoto que cresceu aqui, nessa casa, com o cheiro constante da maresia, o barulho tranquilizador do mar e as receitas malucas da minha mãe.

— Eu estou bem, mãe, estou realmente bem. — Coloco uma colherada na boca e engulo tentando não descobrir o que tem dentro dela e minha mãe sorri. Velhos hábitos não mudam nunca.

Coloco mais três colheradas na boca seguidas para evitar falar, mas ela continua me olhando e sei que não tenho muito tempo para evitar o verdadeiro motivo que me trouxe até aqui.

— Como ele está? — pergunto e tenho que colocar outra colher da sopa na boca porque, de repente, sinto como se as palavras de alguma forma arranharam minha garganta. Engulo com dificuldade, só não sei ao certo o quê.

Minha mãe baixa a cabeça e ajeita a barra da toalha de crochê colorida que está nessa mesa desde que eu me lembro.

— Ele está como tem que estar.

Ótimo! Era a resposta que eu dirigi quatro horas para ouvir.

Tomo o resto da sopa em silêncio, mas sinto que a mistura secreta de ingredientes da minha mãe não é capaz de desfazer o nó em minha garganta, na verdade eu sei que a única forma de desfazer esse nó seria se eu pudesse falar tudo o que está entalado na minha garganta, mas, infelizmente, não posso. Nem hoje e nem nunca.

— Vou tomar um banho e me deitar, estou cansado da viagem. — Levanto-me, coloco a tigela na pia e vou até minha mãe beijando seus cabelos grisalhos.

— Você veio de moto? — ela pergunta mesmo sabendo que meu carro está estacionado na sua garagem servindo de banheiro para o seu cachorro.

— Não.

— Deveria, é bom para liberar energia.

— Não estou com cabeça para motos, vou dormir.

Começo a caminhar em direção ao meu antigo quarto, já estou quase saindo da sua cozinha quando ela fala:

— Não adianta se revoltar contra a natureza, Tomaz, as coisas são como devem ser.

— Você sabe que não dou a mínima para esse papo de natureza.

Ela sorri mesmo diante da minha resposta malcriada.

— Estou feliz que você veio.

Fecho os olhos e respiro fundo e mais um caroço se forma em minha garganta. Ela sabe que eu viria, meu celular está sempre pronto para receber a sua ligação, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, eu aguardo o momento em que ela me pede para vir, mesmo que eu odeie estar aqui, mesmo que minha vontade é de quebrar tudo a minha

volta, eu vim, e virei quantas vezes ela chamar. Mas, no fundo, eu sinto que essa talvez seja a última vez.

— Boa noite, mãe — digo sem olhar para trás e sinto que será um grande desafio chegar até o fim dessa semana.



Acordo um pouco assustado e completamente desorientado, demoro um pouco até me lembrar de que estou de volta a minha casa, o cheiro úmido da manhã ensolarada ajuda a refrescar a minha mente e, então, a confusão matinal dá lugar à fúria e à impotência. Apoio o braço no rosto impedindo que o sol queime minhas retinas por falta de cortinas nessa casa. Minha mãe acha fundamental permitir que o *astro rei* alcance todos os cantos da casa, iluminando e aquecendo-a.

Mas eu não sou sua casa e, nesse instante, tudo o que eu não quero é ser iluminado e muito menos aquecido.

Retiro o travesseiro debaixo da minha cabeça e cubro o rosto tentando me acalmar, hoje é apenas o primeiro dia, ainda tenho mais seis e preciso me controlar ou vou transformar isso aqui em um inferno e, no fim das contas, quando colocar minhas coisas no carro e voltar para a minha vida, deixarei para trás apenas destroços e minha mãe, completamente sozinha, no meio deles. Eu não posso fazer isso.

Ouçó a voz inconfundível de Janis Joplin enchendo a casa e a risada escandalosa de Rio, ergo o travesseiro e olho para o despertador antigo

no criado-mudo, seis e vinte da manhã. Não compreendo a felicidade matutina deles e já desisti de entender, somos diferentes demais.

Dez minutos depois me obrigo a levantar e vou até o banheiro tomar uma ducha fria, sorrio ao notar velas aromáticas amontoadas no canto da pia e toalhas perfumadas colocadas ao lado do *box*. Deus! Minha mãe morreria se soubesse onde vivo e como mantenho as coisas.

Quando chego à cozinha, o cheiro de café me anima um pouco, sei que ela odeia e mesmo assim faz exatamente como gosto só para me vez feliz e isso já é motivo suficiente para que eu sorria.

— Bom dia — digo ao me arrastar até minha mãe e beijar seus cabelos emaranhados em um coque no alto da cabeça.

— Bom dia, filho. — Ela estende uma caneca com frases motivacionais para mim e tento não pensar que foi de propósito. — Dormiu bem?

Bebo um pouco do café e solto um suspiro de satisfação, que faz com que o sorriso dela se espalhe por seu rosto.

— Muito, estava cansado.

Minha mãe passa a mão em meus cabelos ainda úmidos do banho e ignoro o fato de que velhos costumes não mudam e ela ainda tenta arrumá-los como quando eu tinha dez anos.

— E aí, ainda roubando café na casa dos outros? — indago a Rio enquanto me sento e pego um pedaço de pão esquisito ignorando os grãos que vejo nele.

— Eu sempre tomo café com a minha garota. — Rio pisca para a minha mãe e reviro os olhos porque, embora saiba que é uma brincadeira, não gosto.

Ele joga um pedaço do pão, que desisto de comer, em mim e ergo a mão para pegá-lo antes que me acerte.

— Alguém precisa ser alimentado aqui; se não é o filhinho da mamãe, então que seja o melhor amigo dele — Rio completa enquanto enfia um pedaço generoso do pão na boca e se levanta levando consigo um punhado de bolachas cobertas de gergelim e uma banana.

— Preciso ir. — Ele olha para o pulso como se ali houvesse um relógio. — Primeira turma começa em vinte minutos.

Rio vai até minha mãe e a beija, sinto-me feliz em ver que ela não está totalmente sozinha, e a forma como o olha me faz ver que ele é como um filho para ela, o filho que ela deveria ter tido, que ama o mar e come as coisas esquisitas que faz.

— Te vejo mais tarde — digo quando ele passa por mim e dá um tapa em meu ombro.

Quando Rio se vai, a casa fica silenciosa, mesmo com a melodia rouca e nostálgica tocando no antigo toca-discos em que minha mãe orgulhosamente ouve seus LPs.

Ela permanece em silêncio dando-me o espaço que sabe que preciso todas as manhãs; como o máximo do que consigo, ao menos o iogurte parece bom, basta apenas não pensar em como foi fabricado e ficarei bem.

— Fábio chega quando? — ela pergunta depois de algum tempo.

— Em alguns dias, ele vem com a Verônica.

— Ela vem? — Minha mãe abre um sorriso quando fala da noiva do meu amigo. Ela adora Verônica, o que não me surpreende, todos amam aquela garota.

Passamos um tempo falando sobre o casamento de Fábio e Verônica e o quanto os pais dele estão felizes. Posso ouvir as palavras embutidas em suas frases, sobre quando ela vai ter essa felicidade e como ela acha que preciso de uma mulher.

— Mãe. — Estendo minha mão e toco a dela suja de farinha esverdeada. Ela ergue seus olhos para mim e sorri tristemente. — Eu estou bem.

— Eu sei que está, ou talvez ache que está, mas eu me preocupo.

— Com o quê?

Sei que sou um bom filho, tenho uma profissão que enche meus pais de orgulho, ao ponto de ter cópias dos meus diplomas espalhados em quadros pela casa, tenho a música em minhas veias e a levo a sério, como uma religião, e isso faz com que minha mãe saiba que ela fez um bom trabalho comigo, mas também sei que ela não liga para minhas conquistas materiais, porque, no fundo, ela sabe que isso não é o mais importante.

— Você não está feliz.

— Claro que não estou e você sabe o motivo — digo fugindo do verdadeiro assunto.

— Tomaz, eu não ficarei em paz se algo acontecer comigo e você...

— Mãe! — chamo a sua atenção e ela desvia o olhar mirando a vista do mar ao longe. — Eu tenho tudo o que preciso, não precisa se preocupar comigo.

— Não adianta esconder-se atrás de status e fachadas, Tomaz, eu o vejo exatamente como você é.

— E o que eu sou?

— Um homem lindo, solitário e vazio.

Suas palavras me atingem de uma forma assustadora, porque, no fundo, eu sei que ela tem razão, eu só não sabia que era assim tão óbvio.



Às sete da noite, a praia ainda está cheia, a cidade apinhada de turistas e a alegria de mais um ano que termina são como um soco no meu estômago.

Caminho pela orla carregando meus chinelos em uma mão e a guia do *waimaraner* na outra, que passeia tranquilamente ao meu lado como se fôssemos amigos de longa data e me surpreendo com o quanto ele me compreende; se eu paro, ele para; se eu corro, ele corre. Em uma sincronia perfeita.

Avisto os cabelos descoloridos de Rio alguns metros antes de me aproximar, ele grita algo para um grupo de moleques, que fingem se erguer na prancha enquanto se equilibram no mar, um deles cai na areia fazendo com que seu professor se incline e mostre a ele a forma correta de voltar para a prancha. Sento-me em uma pedra e observo Rio ensinar exaustivamente a mesma coisa para os meninos durante uma hora, o cão adormece aos meus pés, o focinho enterrado na areia enquanto seu corpo sobe e desce tranquilamente aquecido pelo sol do fim do dia.

Antes de terminar, todos eles se sentam em suas pranchas, as pernas cruzadas, as mãos espalmadas nas coxas enquanto Rio faz uma oração

esquisita, no fim todos gritam, o que deduzo que seja um amém hippie, e então os meninos se vão carregando suas pranchas enquanto comentam uns com os outros sobre seus desempenhos.

Eles passam por mim, alguns brincam com o *waimaraner*, que desperta ao ouvir as vozes se aproximarem. Um deles se abaixa e recebe uma lambida do animal, que de perigoso não tem nada, além do seu porte físico. Após alguns minutos, Rio se aproxima, balançando seus cabelos molhados como se fosse um cachorro.

— Vira essa cabeça pra lá — digo erguendo a mão para me proteger dos pingos salgados.

— Você está muito rabugento, deveria dar um mergulho, o mar ajudaria a renovar suas energias.

Rio se senta ao meu lado e esfrega a cabeça de Hendrix, que se aconchega aos seus pés. Até mesmo o cachorro o ama.

— Não. Obrigado.

— Certo... sem mar então. E aí, Hendrix, como vai essa soneca? — Rio brinca com o cachorro, que parece sorrir de tão feliz com o carinho.

— Jimmy Hendrix? Sério isso? — Aponto para o cachorro, que volta a dormir com o focinho apoiado no peito do pé de Rio.

— O que é que tem?

— Não podia ser Bob, Rex ou Totó?

— Você está brincando comigo, não está? Totó?

— Ah, sei lá, esquece.

— Ele gosta do nome dele. — Rio esfrega a cabeça marrom do animal.

— Não é, Hendrix?

O cachorro suspira, como se soubesse que estamos falando dele.

— Aposto que você tem a ver com isso.

Rio não nega, apenas sorri orgulhoso e ficamos um tempo em silêncio, ouvindo o barulho tranquilizador do mar e a respiração ofegante do cachorro ao nossos pés.

— Já falou com ele? — Rio pergunta e nego balançando a cabeça. — Por que não termina logo com isso, cara? Fala logo com teu velho e resolve as coisas entre vocês.

Sei que ele está certo, sei que de nada adianta ficar fugindo dele como um moleque, estaremos debaixo do mesmo teto nos próximos seis dias e uma hora vamos nos esbarrar. Mas não hoje.

— Acho que preciso beber alguma coisa.

— Posso fazer um suco energizante para vo... — Rio nem ao menos termina de falar. — Certo, acho que você está falando de algo com álcool, né?

— O máximo que eu puder aguentar.



O antigo bar onde passamos a nossa adolescência ainda é o mesmo, Moisés, o proprietário, ainda carrega um bronzeado em seu rosto e os cabelos presos em um rabo de cavalo, que o deixa mais jovem, mas as marcas do tempo estampam seu rosto sempre sorridente.

— Tomaz! — Ele se aproxima e me dá um abraço apertado. — Quanto tempo, garoto.

Sento-me em um banco enquanto Moisés dá a volta no balcão e Rio se senta ao meu lado.

— Onde está Hendrix? — pergunto quando vejo que ele não está com o cachorro.

— Lá fora comendo um pouco. — Ele aponta para os fundos do bar e avisto o cão cheirando um pote com uma porção de frutas.

— Frutas?

— O que você queria? Que eu desse comida industrializada para Hendrix? — Rio pergunta como se fosse um crime cachorros comerem ração.

Deixo para lá, vivemos em mundos realmente diferentes.

— Moisés, o de sempre para mim — Rio pede.

— O de sempre para mim também — digo e recebo um sorriso largo e de dentes amarelados pela nicotina de volta.

— Senti sua falta, garoto — Moisés diz enquanto retira a garrafa de uísque da prateleira puída e enche um copo com desenhos de coqueiro para mim. É estranho ser chamado de garoto quando, na verdade, sou sempre o mestre, o professor, aquele que deve ser respeitado e ouvido.

— Eu também senti falta de vocês — admito enquanto tomo o primeiro gole e retiro o maço de cigarro do bolso da minha bermuda.

— Sinto que a noite vai ser longa! — Rio resmunga enquanto Moisés acende o meu cigarro e dou um tapinha nas suas costas.

— Na verdade, serão seis dias, meu irmão, seis longos e dolorosos dias.



Deus foi perfeito ao criar os cachorros, eles são os melhores amigos que podemos ter, não nos julgam, não nos cobram, não nos magoam. Cachorros existem para nos protegerem e nos guiarem, ao menos Hendrix.

— Shhh... não faça barulho, Jimmy Hendrix, não quero acordar o todo-poderoso papai — digo enquanto deixo o meu amigo de quatro patas me guiar até o sofá. — Dá para ir mais devagar, acho que você está rodando só um pouquinho.

Hendrix ignora meu pedido e acabo tropeçando em um tapete e caindo em cima de uma poltrona. Solto um silvo de dor quando bato meu quadril na quina da poltrona.

— Eu te disse... — gemo enquanto me ajeito na poltrona. — Está tudo rodando... tudo... tudo...

Fecho os olhos e solto a guia incapaz de conseguir me levantar e ir até meu quarto no fim do corredor; de repente, a casa parece grande demais para um homem que está acostumado a viver em um apartamento de quarenta metros quadrados.

— Vou ficar só um pouquinho aqui, só até tudo parar de rodar e, então, eu vou ver se acho alguma coisa pra comer que seja comível, você não sente vontade de comer algo comível? — Abaixo minha mão e encontro a cabeça peluda do meu amigo. — Nesse momento, eu comeria até a sua ração, mas você não tem ração, não é mesmo, amigo?

Hendrix não responde, claro. Mas continuo porque falar com ele parece mais fácil do que falar com os humanos, ele ao menos apenas me ouve, sem me julgar.

— Estou com fome... com muita fome. Mas sabe, eu acho que estou com muito mais medo do que fome, odeio estar aqui, eu daria tudo para estar no meu apartamento, longe disso aqui, longe dessa realidade que não escolhi para mim. Junto com meus cigarros e uma grande pizza de pepperoni e queijo.

Inclino-me um pouco para a frente e perco um pouco o equilíbrio.

— Eu prometo que, se você quiser, eu te levo comigo e te dou um pedaço de pizza de pepperoni. Você vai gostar, eu juro.

Hendrix late, ou resmunga, não sei ao certo, para mim foi como um “muito obrigado, amigão” em cachorrês, mas não tenho certeza, estou começando a ficar com sono.



No dia seguinte, sinto-me exatamente como um homem deve se sentir ao adormecer em uma poltrona que foi produzida apenas para enfeitar. Estou moído e com tanta dor de cabeça, que tenho dificuldades em abrir meus olhos; preciso de um pouco mais de tempo para que consiga me erguer e ainda mais até que eu finalmente abro meus olhos.

O dia ainda está nascendo, a sala está em uma penumbra que antecede o amanhecer, Hendrix está deitado ao meu lado, o focinho ainda sujo de areia e frutas da sua refeição, ao meu lado há um copo de água com rodela de limão e hortelã e em meu colo a antiga manta que minha mãe me deu quando eu era um garoto.

Sinto minha garganta fechar e a dor em minha cabeça aumentar quando ergo meus olhos e avisto a figura magra e baixa, que tanto quis evitar nos últimos dias, parada na porta da cozinha olhando para mim.

— A porta estava aberta e você sempre sentiu frio à noite.

Não consigo dizer nada, sequer reconheço a sua voz, agora grave e tão baixa, que não tenho certeza se estou sonhando ou se ele realmente está falando.

— Tome a água, vai ajudar a curar a sua ressaca. — Ele aponta seu dedo longo e fino para o copo ao meu lado e, sem esperar por nenhuma resposta, se põe a andar de volta para seu quarto.

— Oi... — limpo a garganta quando sinto que as palavras não conseguem sair. — Bom... obrigado, pai.

Ele ergue a mão trêmula sem olhar para mim e caminha com dificuldade enquanto carrega consigo um coletor e uma sacola plástica. Ameaço me levantar para ajudá-lo, mas ele volta a erguer a mão.

— Pode ficar onde está, eu ainda sou capaz de dar alguns passos sozinho.

E então ele se vai, lentamente, com toda a arrogância que o renomado historiador Bernardo Fonseca ainda é capaz de carregar, junto com seus remédios para dor e seu coletor.



O dia seguinte não é diferente, passo a tarde vendo Rio ensinar surfe para três turmas, corro com Hendrix na praia por algum tempo, como mal pra cacete, fumo e bebo. E então eu durmo.

Entre todas essas coisas, evito vergonhosamente a presença do meu pai. Como um moleque mimado e ridículo faria, sinto nojo e vergonha de mim, mas não posso fazer nada, não consigo, é mais do que posso suportar.

Na manhã do dia vinte e quatro acordo tarde e com uma ressaca que está se tornando familiar, Hendrix está ao lado da minha cama roncando, a manta velha está na cadeira no canto do quarto e há um copo de água com limão e hortelã; embora esteja evitando o contato com meu pai, sinto-me acolhido todas as vezes que vejo que ele veio até mim.

Sento-me sem me lembrar de como me despi na noite anterior e bebo a água toda de uma vez me dando conta de que, mesmo que eu esteja sendo um maldito covarde, ele ainda cuida de mim.

— Droga, pai... — resmungo enquanto me arrasto para o banheiro. Olho-me no espelho e me surpreendo com o tamanho da minha barba, não reconheço esse cara que me olha de volta, nem mesmo consigo encarar seus olhos sem vida. Abro as gavetas em busca de um barbeador e vou para o chuveiro.

Quando chego à cozinha, a mesa está cheia de travessas e minha mãe cantarola animadamente uma canção natalina enquanto enfeita um prato de algo colorido e nada apetitoso.

— Bom dia, mãe. — Vou até ela e beijo sua cabeça antes de ir até a geladeira e pegar o iogurte misterioso. — Você deveria ter me acordado

— resmungo mexendo o líquido denso de um lado para o outro.

— Você parecia cansado — ela diz sem olhar para mim.

Bêbado.

Coloco uma colherada na boca e sinto vontade de cuspir tudo, mas engulo mesmo assim.

— Continua fugindo da realidade, Tomaz — ela sussurra e decido que é melhor não discutir esse assunto, ela já sabe a minha opinião.

— O que você põe aqui dentro? — pergunto e ela entende que hoje não é um bom dia para falar sobre isso.

A ceia natalina da família Fonseca, assim como tudo que diz respeito a ela, não é nada convencional, na verdade meus pais não são adeptos a costumes capitalistas então nunca tivemos árvores de Natal e troca de presentes, mas minha mãe sempre fez questão de que comemorássemos a data de uma forma que, para ela, é especial.

Então todos os anos ela, com a ajuda de alguns amigos, monta uma enorme mesa à beira-mar, e a enchem com o máximo de comida que eles são capazes de produzir. Em todos os meus trinta e três anos, nunca vi essa mesa esvaziar em uma ceia, embora tenham sempre muitas pessoas em volta, é como se não fôssemos capazes de comer tudo.

Esse ano não é diferente, exceto pela ausência de meu pai que fica em casa sozinho.

— Tem certeza de que ele vai ficar bem? — pergunto enquanto equilíbrio três travessas em meus braços e olho para a casa atrás de nós.

— Sim, ele está indisposto — minha mãe responde em meio a um sorriso que me irrita.

Não me diga...

— Mas o que você acha de deixá-lo sozinho? — pergunto enquanto caminhamos em direção à tenda que foi montada.

— Ele não está sozinho, Hendrix está com ele.

— Ah, claro, um cachorro.

— Ele está sendo seu companheiro esses dias em que você está bancando o adolescente rebelde, Tomaz.

Abro a boca para responder, mas decido que é melhor deixar para lá, eles sabem o que fazem e eu preciso me manter o mais longe disso possível.

Como imaginei, a ceia é exatamente igual a todos os anos, comida, bebida e risadas fáceis, revejo mais alguns antigos amigos e participo de conversas aleatórias, mas meus olhos não desgrudam da casa onde meu pai está completamente sozinho.

E se alguma coisa acontecer com ele?

— Alguém tem que ceder nessa merda, meu irmão, e, a essa altura do campeonato, não vai ser o seu pai — Rio diz sentado ao meu lado encarando a velha construção onde crescemos.

— Tô sabendo.

— Você vai se arrepender — Rio continua.

— Tô sabendo também.

— O tempo não volta, cara.

Viro-me para olhar para Rio, ele ergue os ombros como se estivesse apenas me lembrando, o problema é que eu não preciso que ele me diga nada porque eu sei de tudo isso, repasso essas frases e mais mil e quinhentas outras, todos os dias, me torturando.

— Estou ciente das minhas escolhas e das consequências dela — digo enquanto vejo Hendrix passear pelo jardim como se estivesse avisando de que está tudo bem e, em seguida, entrar novamente na casa. — E estou pronto para lidar com elas.



“Minha Cristal,

Houve um tempo em que vivi mergulhada em porquês, não sabia a resposta de quase nenhum e isso me angustiava, me sufocava, me entristecia. Com o passar dos anos percebi que o que realmente nos move não são as perguntas que afligem a nossa alma, mas as memórias que criamos no decorrer da nossa vida.

Viva mais, pergunte menos.

Amo você,

Mamãe.”

Eu amo o Natal, sempre amei, não importa onde eu esteja, ou com quem, me sinto melhor nessa época do ano, mais confiante, mais revigorada. Acho que é a enxurrada de propagandas de famílias felizes e casais apaixonados que sempre me fizeram acreditar que um dia tudo se encaixa e que todos teremos nossa “noite feliz”.

A verdade é que eu ainda não tive uma noite verdadeiramente feliz, daquelas que começam logo cedo com a mãe na cozinha fazendo pratos deliciosos enquanto as crianças fuçam os presentes tentando adivinhar o

que há dentro deles, uma árvore enorme e uma casa cheia. Durante toda a minha vida, eu tive que aceitar que nunca terei tudo, foi uma escolha feita muito tempo atrás, antes mesmo de eu nascer e que rege a minha vida até hoje.

Eu nunca terei tudo, sempre faltará algo, não importa o que seja. Durante anos me peguei triste ao constatar que, em minha vida, sempre haverá uma lacuna na qual nada poderá ser completo, porque eu não sou completa.

Hoje, ao olhar para a árvore de Natal belíssima, ao sentir o cheiro da comida na mesa e as vozes em toda a casa, eu ainda me sinto vazia, de um jeito que só eu sei, o vazio que me acompanhou durante toda a minha vida. Sorrio para todos, abraço, beijo, desejo felicidades, trocamos presentes, como e bebo, estou feliz, de verdade, ao menos acho que estou, ou tento parecer feliz para aqueles que me amam, porque sei o quanto a minha felicidade é importante para eles, o quanto o meu bem-estar e o meu sorriso são importantes para que eles também estejam bem, então me esforço para ser feliz. Afinal de contas, não é assim que uma família de verdade faz?

Mas quando todos se vão, quando a árvore é finalmente desligada, a comida guardada, quando só restam os papéis rasgados pelo chão e o silêncio domina o ambiente é que me permito sentir o vazio que faz morada em meu coração e nesse momento, sentada no sofá olhando para a janela, eu sinto uma lágrima escorrer por minha bochecha, assim como tantas outras: solitária, silenciosa e triste. E enquanto permito que um pouco do que sinto possa finalmente escapar de dentro de mim, pego-me pensando se todos estão nesse momento, assim como eu, fingindo serem algo que realmente não são. Ou se eu sou a única que se esforça tanto para ser feliz, para fazer aqueles que amo felizes. A única que não

questiono os porquês da vida ou que tento não me revoltar com as injustiças.

Fecho meus olhos e faço um pedido aos céus para que isso não seja verdade, eu não suportaria viver em um mundo onde a felicidade não passa de uma utopia em que as pessoas fingem acreditar, assim como o Papai Noel.

Nesse momento, eu preciso acreditar que, em algum lugar desse mundo, existe alguém que, assim como eu, está tentando não se perguntar por que eu? E que, um dia, possamos encontrar as nossas respostas.



Não demora muito para que eu me sinta novamente em casa, o cheiro do mar, o sal enraizado na pele, o pé no chão, a bermuda e a regata. Olho no espelho e noto o bronzeado em meu rosto, meus cabelos mais claros e as rugas em volta dos meus olhos mais evidentes. Mais dez dias aqui e volto a ser o caçara.

— E aí, princesa, vai demorar? — Rio abre a porta do banheiro e dou um pulo para trás.

— Cacete! Você me assustou — resmungo ajustando a toalha em volta da cintura enquanto passo por ele e entro no quarto.

— Achei que você tinha desmaiado dentro do banheiro, precisava saber, ou talvez voltou aos velhos tempos de adolescente. — Rio move a mão para cima e para baixo na frente do quadril e nem me dou o trabalho de responder, pego a roupa em cima da cama e volto para o banheiro para me trocar.

— Ei, não fica ofendido — ele me provoca do outro lado da porta quando a fecho na sua cara.

— Vai se foder, Rio!

— Acho que posso pensar na sua oferta, se você prometer ser gentil.

Abro a porta usando apenas a calça e mostro o dedo do meio para ele. Termino de me arrumar, pego a carteira e o maço de cigarro e me surpreendo com a velocidade com que ele está acabando, eu tinha certeza de que estava pela metade hoje cedo... quantos cigarros fumei em poucas horas?

— Fábio ligou, disse que nos encontra no píer — Rio avisa me trazendo de volta.

— Beleza, vamos lá.

— Hummm... que homem cheiroso — meu amigo continua me provocando e, dessa vez, acabo sorrindo porque é perda de tempo ficar bravo com ele.

Abro a porta do quarto ainda rindo das idiotices dele quando vejo meu pai saindo do banheiro, ele se atrapalha e acaba derrubando alguma coisa no chão, preciso me esforçar para agir, mas Rio é mais rápido do que eu e se apressa para ajudá-lo.

— Ei, tio, que tal uma mão aí. — Ele passa o braço pelo corpo magro do meu pai e lentamente o ajuda a caminhar até o quarto, a distância é pequena, mas o processo é tão longo e tortuoso que não suporto mais nem um segundo sequer vendo isso.

— Rio, te espero lá fora — digo para as costas deles enquanto saio da casa sentindo meu coração bater tão forte, que tenho a sensação de que vai explodir a qualquer momento.

No caminho retiro o maço de dentro do bolso e coloco um cigarro na boca praguejando enquanto tento acendê-lo e ignorando o fato das minhas mãos estarem trêmulas. Apoio-me no muro e trago profundamente desejando que a fumaça apague a imagem do homem que sempre foi o meu herói sendo carregado pelo meu amigo, fecho os

olhos e puxo os cabelos enquanto tento não gritar, de ódio e de frustração. De medo.

Por que... por que caralho?! Por quê?

A palavra que martela minha cabeça dia e noite e que não permito sair da minha boca parece feita de espinhos e, nesse momento, fere meus pensamentos. Não sei mais quanto tempo vou suportar tudo isso, não sei mais quanto tempo conseguirei guardar todos os porquês dentro de mim.

Hendrix late ao meu lado e desvio o olhar sabendo que ele é o único capaz de sentir o caos que vive dentro de mim.

Meu bom amigo.



Rio não para de falar nem um segundo sequer, isso não significa que eu esteja ouvindo, minha cabeça ficou lá, naquele corredor, pausado naquela cena que eu faria de tudo para apagar da minha mente, mas que sei que está gravada como uma tatuagem e que irá me assombrar no futuro.

— Chega com essa porra, Tomaz! — Rio joga o cigarro que acabei de retirar do maço no lixo.

— Mas que merda é essa? — Empurro o peito do meu amigo e ele se desequilibra dando um passo para trás.

— Eu já perdi as contas de quantos desses você já fumou só hoje.

— Foda-se, sou eu não você!

— Aí que você se engana, eu tô aqui do seu lado, então sou eu sim.

— Se você não vivesse enfiado na minha casa, como se fosse parte da família, não precisaria me ver fumar.

Rio que, até então, tem sido um cara bacana e tido paciência com todas as minhas merdas olha para mim como se finalmente estivesse vendo o cara amargurado que me tornei.

— Você é um babaca, Tomaz. Um enorme babaca.

— Por quê? — indago antes de colocar outro cigarro na boca. — Não disse nada que não seja verdade.

— Seu filho de uma puta, eu deveria falar o que você merece ouvir, mas sei que é isso que você quer, me provocar para poder brigar com alguém.

— Você disse que estava disposto — digo ignorando o aglomerado de pessoas que se acumulam a nossa volta.

— Não adianta estragar a sua saúde por causa disso, você não pode mudar nada do que está acontecendo.

— O caralho! Eu poderia se tivessem me deixado.

— Não adianta remoer isso, e nem pense em continuar com essa merda, eu não vou permitir que você coloque mais essa na sua conta.

Ele volta a caminhar e, ao passar por mim, retira o cigarro da minha boca.

— E para de fumar, caralho, tô começando a ficar irritado!

Ele joga o cigarro na areia e pisa nele ao passar, ignorando os palavrões que grito enquanto sigo ao seu lado.

Nesse momento, eu sei que ele está cuidando de mim, mas tem horas que tudo o que precisamos é de alguém que nos ajude a afundar, esse é o meu caso, mas acho mais fácil o inferno congelar, já que tenho os dois caras mais corretos do mundo como amigos.



*"I've been down and I'm wondering why
These little black clouds keep walking around
With me
With me"¹*

Passo a mão nas mechas douradas que se espalham pela pia enquanto canto. A playlist que montei há alguns dias está tocando há horas. Stereophonics parece ouvir meu coração e, nesse momento, tudo o que quero é me perder em sua batida melancólica e sua voz rouca e jovem.

Palavras...

Às vezes me pergunto se as pessoas sabem o peso que elas têm; o poder que esse amontoado de letras possui são como armas, capazes de nos destruir, de mudar vidas, de transformar pessoas. Por isso amo tanto as músicas, elas me confortam nos dias em que nada parece me alcançar, me acalutam quando preciso, me fazem chorar e pensar, embalam meus momentos mais sombrios, principalmente aqueles que eu não desejo dividir com ninguém.

Músicas são para mim o carinho da alma, são o consolo para corações partidos assim como o meu, são companheiras de pessoas solitárias, são a trilha sonora da nossa vida.

Música é a própria vida. É poesia viva, é o som da emoção e a expressão dos sentimentos. A forma mais linda de usar as palavras.

Palavras podem ser para a alma assim como punhos são para o corpo. E, nesse momento, estou machucada de tal forma, que tenho a sensação de que nunca mais vou melhorar. Mas eu vou, eu sei que vou.

Olho no espelho satisfeita com o resultado, caótico, despontado, desorganizado, assimétrico. Uma clara expressão do que sou nesse momento.

Meu celular vibra ao meu lado e viro o rosto para olhar a nova mensagem que chega, ela se acumula com todas as outras centenas que enchem meu celular... palavras... apenas palavras vazias, que já não alcançam meu coração.

Abro a torneira e deixo que a água gelada lave o que restou em minha cabeça sentindo a leveza dos fios curtos deslizando sobre meus dedos.

Mais uma mensagem chega e, dessa vez, faz um sorriso bobo surgir em meus lábios.

“Você vai me dizer que porra aconteceu ou vou descobrir sozinho?”

Penso em ignorar, mas sei que se não responder, será apenas uma questão de segundos para o celular tocar e não estou a fim de falar com ninguém.

“Já disse que estou bem, não tenho nada para falar.”

Uma carinha feia surge em seguida e sei que ele não me deixará em paz; em, no máximo, meia hora outra mensagem chegará.

Vou até meu quarto e me sento na cama. Um desejo masoquista me faz abrir as mensagens que venho ignorando durante os últimos dias, são tantas que não sei se conseguirei ler todas, me concentro na última, enviada há poucos minutos e é o suficiente para fazer as lágrimas idiotas voltarem a cair em meus olhos.

“Não sei por que, não consigo entender, mas sinto tanto a sua falta, que chega a doer.”

“Dói respirar, dói pensar em você.”

“Por favor, me responde, nem que seja para mandar eu me foder, não vou parar de mandar mensagens até que você me responda.”

Jogo o celular ao meu lado me odiando por ter cedido ao desejo, eu estaria melhor se não soubesse o que estava escrito lá, eu deveria estar feliz por saber que ele está sofrendo tanto quanto eu, mas não estou e isso me faz sentir mais raiva de mim do que dele.

Pego o celular e abro a conversa novamente, digito várias coisas que gostaria de dizer a ele, coisas que venho pensando diariamente, todos os diálogos que não tivemos, todas as frases de impacto que uma mulher deve ter na ponta da língua para calar babacas como ele, todas as coisas que leio em textos de autoajuda diariamente, mas depois de quase dez minutos eu apago a última tentativa de parecer forte e madura e escrevo a única coisa que ele merece ler.

“VAI SE FODER!”

Clico em enviar e volto a deixar o celular ao meu lado, aumento o volume e o refrão de *All In One Night* enchem meus ouvidos em uma maldita ironia:

*"You made me feel like the one
You made me feel like the one
The one
You made me feel like the one
You made me feel like the one
The one"*

Infelizmente, hoje já não me sinto mais única; na verdade, nesse momento, não sinto absolutamente nada. Nem mesmo a raiva fica por tempo suficiente.



A porta se abre pela décima vez, sem desviar os olhos do teto respondo a mesma coisa que disse durante todo o dia:

— Ainda não estou com fome. Obrigada.

A porta continua aberta, ouço vários pares de sapatos entrando em meu quarto e fecho os olhos não querendo ver o que está prestes a acontecer.

Minha bolha de depressão e autocomiseração acaba de ser estourada.

— Ótimo, já chega dessa merda! — Mariah, minha melhor amiga desde os doze anos, puxa os fios do fone dos meus ouvidos e o edredom

para longe do meu corpo. — Está fazendo um calor dos infernos lá fora. — Ela aponta para a janela enquanto Juliana abre as cortinas permitindo que o sol entre.

— É para isso que existe ar-condicionado. — Viro-me de costas para ela e escondo minha cabeça debaixo do travesseiro.

Ouçó o bipe do aparelho sendo desligado e as mãos fortes de Mariah me virando de barriga para cima.

— Reaja, garota! — Ela chacoalha meus ombros enquanto seus olhos sempre tão intensos e alegres me encaram.

— Eu não quero reagir — admito sentindo um nó se formar em minha garganta.

A verdade é que estou cansada de ser a garota bem-resolvida, aquela que sempre aceitou todas as merdas que a vida lhe reservou sem questionar, aquela que sempre coloca o bem-estar da família acima do seu porque porra... minha família precisa tanto de mim, que nunca parei para pensar que eu também precisava dela. Não que eles algum dia deixaram de olhar para mim, eles olham, até demais, o problema é que eu nunca os deixei ver o que eu não queria, talvez seja a minha forma de protegê-los de mais dor do que eles já tiveram em suas vidas, e eu tenho certeza de que, se eles soubessem, seriam capazes de arrancar o próprio coração e me dar se isso me fizesse bem. Sempre foi assim. Até hoje.

— O que diabos você fez com os seus cabelos? — ela exige passando a ponta dos dedos por eles.

— Nada de mais — respondo sem interesse.

— Cristo! Por que não cheguei a tempo?

— Me deixa aqui só mais um pouquinho — imploro e o olhar assustado de Mariah diz que meu estado é pior do que eu poderia imaginar.

— Nem fodendo, você vai se levantar dessa cama agora. — Ela segura meus braços e me puxa para cima obrigando-me a sentar.

— Mariah... — choramingo e volto a me deitar, mas meus travesseiros já foram jogados no chão e ela está decidida a me tirar da cama.

— Eu já te dei tempo suficiente para chorar e ter pena de si mesma, agora já chega, ninguém merece seu lindo coraçãozinho partido. Ninguém.

Obrigo-me a levantar e jogo minhas pernas para fora da cama enquanto Mariah tira o celular de perto de mim.

— Foi meu pai quem te chamou?

— Não, mas, acredite, eu viria em dois segundos se ele me chamasse. — Ela sorri daquele jeito safado que sempre faz quando fala do meu pai e balanço a cabeça de um lado para o outro enquanto Juliana ri.

— Todo mundo sabe disso, Mariah.

— Todo mundo, menos ele — ela suspira e ergue os ombros, como se não se conformasse com o fato do meu pai não se ligar que ela cai de quatro por ele. Na verdade, eu acho que ele sabe, mas não sei como explicar para ela que, talvez, pegar garotas da idade da sua filha não seja bem a sua praia.

— Deixa meu pai pra lá — encerro o assunto e puxo meus cabelos em um rabo de cavalo, mas ele não vem.

Mariah continua andando de um lado para o outro recolhendo roupas do chão e reclamando e Juliana entra no banheiro abrindo o chuveiro e deixando a água quente encher a banheira.

— O que vocês estão fazendo? — pergunto quando me puxa em direção ao banho.

— Te salvando de si mesma.



“Minha querida Cristal,

Nem todos os dias serão bons e isso é inevitável, por mais que eu adoraria te dizer o contrário, haverá dias que serão difíceis.

Então aqui vai o meu conselho para esses dias:

Viva!

A melhor arma contra a dor é viver. Mesmo quando parecer insuportável, encha o pulmão de ar, mentalize algo que te faz feliz e solte o ar, a alegria é o veneno da dor.

Com amor,

Mamãe.”

A música alta não consegue me alcançar, as risadas em coro não me atingem, nem mesmo o balançar dos corpos ao meu lado fazem com que eu consiga sair da inércia onde estou desde que aceitei entrar nesse carro e me deixar ser levada para uma viagem de quatro horas até uma praia, para passarmos o réveillon enchendo a cara e reclamando da vida.

Talvez tenha sido essa última parte que tenha me feito aceitar essa proposta.

Então apenas olho para a estrada a minha frente, incapaz de pensar em mais nada além da última mensagem que recebi vinte minutos atrás e que fez com que Mariah confiscasse o meu celular e me promettesse um coma alcoólico digno de entrar para o *Guinness Book*.

“Eu sei que tá difícil, tá difícil pra caralho, eu tô tentando, só quero que você fique bem... tente, por favor, apenas tente.”

Eu vou ficar bem, é o que venho fazendo durante toda a minha vida, ficar bem para que todos a minha volta fiquem bem. Dessa vez, não será diferente, eu vou ficar bem, não por ele, mas por mim.

— Estou trazendo uma garrafa daquela tequila que meu pai esconde dentro do guarda-roupa porque acha que ninguém vai olhar lá — Juliana diz no banco da frente.

— Eu acho que temos bebida suficiente para embriagar a cidade inteira aqui nesse carro — Mariah diz ao meu lado enquanto passa um braço em volta dos meus ombros e me chacoalha, como se assim pudesse me animar. Sorrio para ela.

— Vai ser incrível! — Fernanda, a motorista, diz. Todas gritam e sou obrigada a me esforçar para não tapar os ouvidos.

Eu não sei o que estou fazendo aqui, na verdade tenho a sensação de que, a qualquer momento, vou acordar e estarei de volta a minha cama, deitada, ouvindo músicas deprimentes, olhando para o teto e pensando sobre o ano que está prestes a começar. Não sei por que aceitei essa viagem, não estou no clima para bebedeira, nem ao menos eu bebo e ainda me sinto exausta, tenho a sensação de que ainda não dormi, embora tenha passado os últimos três dias na cama.

— Droga! Acho que vamos pegar um pouco de trânsito — Juliana diz enquanto tenta olhar algo a sua frente e me encolho no banco desejando adormecer, mesmo sabendo que é quase impossível em um carro com quatro mulheres empolgadas.

— Ouvi dizer que lá tem altas festas — Débora, a mais agitada, diz enquanto fuma um cigarro.

— Abre essa janela, pelo menos — Mariah reclama quando ela solta uma nuvem de fumaça.

Acontece um desentendimento entre elas, que logo é interrompido por uma música conhecida, que começa a tocar e faz com que o carro balance. As vozes voltam a ficar altas e fecho os olhos rezando para que essas quatro horas passem rápido. Mesmo sem saber onde essa viagem irá me levar.



Faltam pouco para a meia-noite quando finalmente chegamos na casa que Juliana alugou para nós pelos próximos dez dias, a cidade é pequena e charmosa e está lotada de pessoas, um mar de branco com pinceladas amarelas e vermelhas caminham em procissão de um lado a outro da orla.

Descemos as malas rapidamente e, em pouco mais de quinze minutos, estamos misturadas com a multidão, cada uma carregando consigo uma garrafa de champanhe e o desejo de ser feliz, de realizar desejos, mesmo que no fundo ainda não saibamos quais realmente sejam eles. Os meus mudaram drasticamente no intervalo de poucos dias. Hoje, nem ao menos sei o que quero além de passar um tempo com minhas amigas e

tentar esquecer o que aconteceu em uma amnésia ilusória causada pelo álcool.

Álcool esse que ainda não bebi.

— Você está bem? — Mariah se aproxima e pergunta baixinho para que apenas eu possa ouvi-la. Ela é a única que sabe de tudo e, se depender de mim, ficará apenas entre nós. Ainda não sei o que pensar e nem ao menos como agir, apenas estou tentando arquivar meus sentimentos enquanto protelo o momento em que precisarei tomar uma decisão que, com certeza, não será hoje.

— Sim — respondo enquanto olho os fogos que começam a iluminar a noite estrelada e forço um sorriso em meus lábios.

— Não precisa fingir para mim. Se você não estiver bem, tudo bem — ela insiste.

— Estou bem, Ma, eu juro.

Logo Juliana se aproxima, rindo de algo.

— Onde está Fernanda? — Mariah pergunta olhando em volta.

— Com certeza bem melhor que nós — Juliana responde.

— Já? — pergunto surpresa.

Logo um papo sobre homens gostosos e apostas sobre quantos elas conseguem beijar no tempo em que ficaremos por aqui me distraem. Os fogos explodem no céu, nos abraçamos e bebemos, por alguns minutos me sinto leve e tenho a sensação de que posso me divertir. Faço uma promessa a mim mesma, a primeira do ano:

Durante os próximos quatro dias serei apenas Cristal, a garota sem dramas, sem dores, sem porquês.



Os fogos pipocam no céu, pessoas a minha volta se cumprimentam, alguns desconhecidos me abraçam, recebo até mesmo um beijo de uma garota um pouco mais atrevida, mas não consigo reagir, continuo parado observando o cigarro em minha mão enquanto a realidade atinge meu cérebro com uma força tão grande, que sinto que posso sufocar.

— Paz e luz a você, irmão. — Rio se aproxima passando o braço por meu pescoço e me puxando.

— Obrigado — é tudo o que consigo dizer porque todos os meus esforços estão em colocar meu braço em volta dos seus ombros e não chorar.

— Eu estou aqui — ele diz ao se afastar e bate o punho em meu peito. — Não se esqueça disso nunca.

— Obrigado — repito e bebo mais um gole da garrafa em minha mão desejando que o líquido leve consigo minha dor.

— Feliz Ano Novo, padrinho! — Verônica grita ao se aproximar envolvendo seus braços longos e finos em volta do meu pescoço enquanto dá pulinhos.

— Obrigado — sussurro me sentindo sufocar com seus braços me apertando e sua alegria tão destoante da minha tristeza, dou alguns tapinhas sem jeito em suas costas enquanto ela estala um beijo em minha bochecha.

— Esse ano você vai encontrar uma garota incrível e deixar meu futuro marido em paz, não vai? — ela diz ainda com um braço em volta de mim enquanto limpa a mancha vermelha que deixou em minha bochecha.

— Admito que não é minha prioridade, mas posso fazer um esforço agora que você vai enforçar meu melhor amigo.

Fábio está na nossa frente com os braços cruzados, observando sua garota limpar o batom em meu rosto e o sorriso que ele tem nos lábios mostra o quanto ama essa mulher.

Verônica se afasta e, então, sou envolvido por um par de braços enormes que quase me sufocam em um abraço apertado demais para o meu gosto.

— Feliz Ano Novo — ele diz suavemente enquanto envolve minha cabeça em sua mão e olha para mim. — Eu sei que esse ano vai ser uma merda, mas estamos juntos nela, para o que der e vier, você não está sozinho, irmão.

Fábio beija meu rosto e mantém suas mãos em torno de mim o tempo suficiente para que algumas lágrimas escapem dos meus olhos e molhem a sua camisa perfeita, que provavelmente foi escolhida pela sua garota.

— Eu sei — digo repetindo os tapinhas que dei em sua namorada. — Valeu.

— Te amo, cara — Fábio se declara e, puta merda, se isso não é embaraçoso pra cacete porque eu também o amo, como se ele fosse meu

irmão, mas nesse momento não estou em condições de receber esse tipo de afeto.

— Eu também — admito e sinto meu rosto esquentar, não por amar um homem, mas por demonstrar meus sentimentos. Isso é algo que só costumo fazer quando estou sozinho, compondo minhas músicas, ou no palco, cantando-as. Mas verbalizar o que sinto sempre foi algo difícil para mim, principalmente nesse momento de merda em que estou vivendo.

Para minha salvação, o momento “nos amamos” termina rapidamente. Verônica tem o poder de conseguir diluir qualquer situação desagradável com sua empolgação. Ela começa a falar e poucos minutos depois já atraiu a atenção de todos a sua volta. Enquanto conta algo novo sobre o seu casamento, aproveito a deixa e me afasto indo até o bar e pegando mais uma bebida e mais um maço de cigarros antes que Rio me veja e me obrigue a pular ondas com ele.

Já é demais para mim.

— Ei, garoto, vai com calma aí, ainda é só meia-noite — Moisés diz enquanto entrega a garrafa e um copo plástico, que descarto, em minhas mãos.

— Hoje eu preciso disso como do ar que respiro — digo girando a garrafa sobre o balcão.

Moisés não diz nada, ele apenas balança a cabeça e me olha com aquela expressão que se olha para alguém fodido.

Uma merda, eu sei...

— Avisa ao Fábio que fui dar uma volta. — Coloco o maço novo no bolso e pego a garrafa encarando o rótulo.

— Só não vá muito longe, você bebeu demais.

— Pode deixar.

— Feliz Ano Novo garoto, essa é por minha conta. — Ele pisca e se afasta indo atender um grupo de garotas, que estão escolhendo uma bebida animadamente.

Estou saindo do bar, indo para o lado oposto à festa, que está começando ao som da música eletrônica que um grupo de alunos do Rio escolheram para tocar, quando ouço meu nome.

— Tomaz! — Moisés grita e me viro para olhar para ele. — Você esqueceu isso aqui. — Ele joga o isqueiro para mim, ergo a mão para pegá-lo no ar e, quando me viro de volta, esbarro em alguém.

— Jesus Cristo! — Envolver meu braço rapidamente em sua cintura, é tão rápido que nem ao menos penso. Quando vejo, estou levemente inclinado em sua direção, a garrafa em uma mão, a cintura dela em outra, e meus olhos cravados em seus lábios semiabertos e assustados. — Me desculpe — sussurro meio sem jeito por quase ter derrubado a garota.

— Na verdade, você me salvou — ela diz e seus lábios se movem em um sorriso que ilumina a noite de *réveillon* como fogos de artifício e nesse momento, enquanto a vida acontece a minha volta, cheia de alegria e expectativas, ao som pulsante de uma balada sobre amor e festas, sou incapaz de compreender o que essa garota acaba de dizer e, mesmo assim, tenho a sensação de que nunca ouvi nada mais sincero em toda a minha vida.

Culpa do álcool, com certeza.



Lentamente me afasto da garota enquanto ela olha para mim como se eu fosse o próprio King Kong e a estivesse resgatando do sacrifício. Quando minha mão deixa de tocar sua pele, fico sem saber o que fazer com ela e esfrego os cabelos bagunçando-os como sempre faço quando estou sem graça.

— O que disse? — pergunto ainda sem entender o que diabos está acontecendo e começando a notar que talvez eu já esteja bêbado demais.

Ela me observa por alguns instantes e tento pensar se falei algo errado.

— Eu perdi o equilíbrio. Se não fosse você, eu teria caído e, provavelmente, batido a cabeça naquelas pedras. — Ela aponta para um amontoado de pedras a meio metro de distância. — Então, você me salvou.

— Ah sim, claro. — Dou um sorriso sem graça para ela.

— Feliz Ano Novo. — Ela estende a mão para mim e fico alguns segundos olhando para ela sem saber o que dizer, até que alguém esbarra em mim e dou um passo para a frente segurando sua mão meio sem querer.

— F-Feliz Ano Novo — digo a garota, que sorri enquanto nossas mãos se tocam.

— Eh... então... — Ela baixa os olhos e noto que nossas mãos ainda estão unidas e a solto.

— Desculpe — digo sem jeito e volto a enfiar a mão no cabelo.

É isso ou acender um cigarro e acho que não seria muito gentil da minha parte fazer isso agora.

Começo a me virar em direção à saída quando sua voz chama minha atenção novamente.

— Está indo embora? — pergunta e noto que seus olhos grandes e expressivos são um pouco intimidantes.

— Sim, muita agitação por aqui. — Coloco a mão no ouvido para ilustrar.

— Ah... — Ela cruza as mãos na frente do corpo e olha sobre os meus ombros. Sigo seu olhar e encontro o grupo de garotas que estavam escolhendo uma bebida, todas elas estão olhando para nós como se fôssemos algum tipo de atração circense.

—Suas amigas?

— Sim.

— Então acho melhor te deixar voltar para elas.

Dou um passo para o lado, mas ela não se move, ao contrário, continua me olhando como se não me visse há muito tempo e seu olhar me desconcerta.

— Eu... — Esfrego o pescoço e olho para a garrafa de uísque barato e para ela algumas vezes antes de falar, tenho vontade de perguntar se nos conhecemos, mas sinto que talvez seja grosseiro, caso ela seja uma garota com quem já fiquei. Deus, e se a gente já tiver transado? Não sou bom em guardar rostos e não sei lidar com essa questão; para ajudar, a

quantidade de álcool em meu organismo faz com que tudo fique ainda pior.

— Você? — ela me instiga a falar e, meu Deus, me ajude, porque quando ela sorri, seu nariz arrebita dando a ela um ar esnobe e quase irrereal que mexe comigo.

Eu conheço essa garota...

— Eu vou dar uma volta, quer ir comigo?

Ela inala profundamente e olha para as amigas em uma espécie de comunicação a distância, depois olha para mim e responde:

— Eu estava esperando por isso.

Então ela sorri novamente, arrebitando seu nariz e fazendo com que eu sorrisse de volta.



Aguardo do lado de fora do bar enquanto ela fala com as amigas, já me arrependi de tê-la convidado, não sei o que estava pensando, talvez a forma como seus olhos intensos me olharam como se fôssemos velhos amigos tenha me feito agir como um adolescente. Mas agora que ela se foi, estou tentado a começar a andar para longe dela.

A garota não merece começar o ano ao lado de um bêbado revoltado como eu.

Porra, nem meus amigos merecem isso.

— Podemos ir? — ela indaga nas minhas costas e me viro surpreso com a sua presença silenciosa.

Abro a boca para dizer a ela que é melhor não, que eu não serei uma boa companhia, mas desisto, não sei o motivo para ela estar aqui ao meu

lado e estou cansado demais para pensar.

Talvez, só talvez, nessa noite, eu possa agir como um adolescente e me deixar encantar por uma garota linda e desconhecida.

Amanhã eu volto à vida real.

— C-Claro... — me atrapalho um pouco com as palavras e deduzo que é por causa do álcool.

Ela começa a caminhar e me coloco ao seu lado, passamos pelas pessoas que começam a chegar à festa.

— Você é daqui? — pergunto enquanto desviamos de um grupo que dança balançando os braços para todos os lados.

Ela olha para mim como se eu tivesse perguntado se ela é uma extraterrestre ou algo do tipo, e sorri. Esse sorriso...

— Não.

Balanço a cabeça e enfio a mão livre no bolso.

— Eu também não — digo mesmo que ela não tenha perguntado. — Na verdade, moro em uma cidade a quatro horas de distância, sou professor. — Ela olha para mim enquanto retira uma mecha do cabelo curto e desgrenhado do rosto. — E músico — completo.

— Uhum... legal — ela responde e olha para a garrafa em minha mão. — Uísque?

— Acho que meus amigos acreditam que preciso beber, então me deram isso. — Estendo a garrafa em sua direção. — Servida? Ainda não bebi, caso queira.

— Não bebo, mas obrigada.

Andamos um pouco mais em silêncio, à medida que nos afastamos, a quantidade de pessoas diminui e já não precisamos nos esquivar.

Aproveito para admirá-la, ela é bonita de um jeito um pouco jovial demais para mim, mas, por algum motivo, me hipnotiza. As bochechas

coradas, os cílios longos se movendo à medida que ela pisca, o nariz pequeno e arrebitado, os cabelos tão loiros que parecem quase brancos com a luz dos postes, parece quase sobrenatural. Ela usa um vestido branco curto, uma das alças está caída em seu ombro dando-me a visão do seu colo e de um biquíni verde, que em contraste com sua pele, a faz parecer um fantasma. O fantasma mais lindo que já vi, embora eu acho que nunca vi nenhum fantasma na minha vida.

— Você chegou hoje? — pergunta ainda olhando para seus pés, que chutam areia enquanto caminha.

— Não, na verdade estou na casa dos meus pais, cheguei há alguns dias.

— Ah, então você já está indo embora? — Sua voz soa desapontada.

— Em quatro ou cinco dias talvez — apresso-me a responder.

Ela sorri, um sorriso amplo que ilumina seu rosto e me faz molhar os lábios tamanha a vontade de beijá-la nesse momento.

— Eu também.

— O quê? — pergunto por que não consigo parar de imaginar como deve ser beijá-la.

— Eu também vou ficar mais quatro dias.

— Ah sim, claro, nossa, isso é... que legal, muito bom mesmo.

Ela franze o cenho enquanto olha para mim, talvez me achando o maior babaca do mundo, porque eu não consigo formar nenhuma frase coerente ao seu lado, então ergo a garrafa até meus lábios e bebo um bom gole do uísque barato que Moisés me deu ignorando o fato de que estou usando essa linda garota para afogar a dor em meu coração, só espero que ela não perceba.



*"Querida Cristal,
Existem porquês que não merecem respostas. Não se questione tanto,
aceite as coisas da vida.
Com amor,
Mamãe."*

Eu realmente não faço a menor ideia do que estou fazendo, e sinceramente nesse momento não quero pensar muito sobre isso. Me sinto um pouco confusa, uma parte de mim sabe que tudo isso é errado, estou usando-o como uma rota de fuga para a dor em meu coração; mas existe uma outra parte, uma bem lá no fundo, que está feliz em estar aqui nessa noite e estou me agarrando a isso para não sair correndo.

Estamos caminhando pela praia, minhas sandálias na mão, enquanto sinto a textura da areia sob meus pés e ouço vozes e músicas vindas de todos os lados. Elas se tornam cada vez mais baixas à medida que nos afastamos, estou tremendo e agradeço por ele estar meio embriagado ou provavelmente notaria. Ele bebe mais um gole e noto que a garrafa está quase na metade.

— Você se importa se eu acender um? — Ele mostra o maço de cigarros e meu coração dói. Odeio cigarros e tudo o que eles carregam consigo, mas, por mais que eu sinta vontade de dizer a ele que não deve fazer isso, me calo. Nos próximos quatro dias, não quero pensar no que é certo e no que é errado, não quero pensar em minha vida, no passado e nem no futuro; enquanto estiver nessa cidadezinha quero ser outra pessoa, me permitir esquecer tudo e viver o agora.

E, nesse momento, eu só quero passear na praia com ele.

— Por mim. — Ergo os ombros e desvio o olhar porque não consigo fingir que o cigarro não me incomoda.

Ele parece sentir meu desconforto e volta a guardar o maço no bolso de trás da calça, depois passa a mão no cabelo, gosto quando ele faz isso, demonstra sua vulnerabilidade e não me sinto tão nervosa.

Mentira... eu estou prestes a infartar de tanto nervoso, mas estou fingindo bem, afinal de contas sou muito boa em fingir.

— O que acha de nos sentarmos um pouco? — pergunta um pouco tímido depois de algum tempo caminhando.

— Pode ser.

Encontramos um lugar onde não há tanta movimentação, ele ameaça retirar a camisa e estendo minha mão impedindo-o. Tudo o que não preciso agora é da visão de um homem sem camisa ao meu lado. Principalmente ele.

— Você tem horário para voltar? — pergunta parecendo preocupado quando me sento ao seu lado.

— Tenho o celular, qualquer coisa elas me mandam mensagem.

— Certo.

Ele dobra os joelhos e apoia os braços sobre as pernas, ficamos um tempo em silêncio observando os escassos grupos que passam por nós.

Aproveito o momento para observá-lo mais de perto, seus traços são fortes e másculos e, embora ele não seja alto, sua presença é imponente; mesmo um pouco sem equilíbrio, ele parece ter o controle de tudo a sua volta e isso o deixa absurdamente sexy. Ele é um homem muito bonito e me sinto bastante nervosa ao seu lado.

— Então, me fala alguma coisa? — pergunto completamente sem jeito, como se fosse a primeira vez na vida que eu falo com um homem.

— Você sabia que, antes dos romanos declararem o dia primeiro de janeiro como o primeiro dia do ano, o ano novo era comemorado no dia quinze de março? — responde chamando a minha atenção para o assunto. Seus cabelos bagunçados estão um pouco grandes e cobrem seus olhos quando ele abaixa a cabeça pra remexer a areia.

— Oi?

— Não vai mudar nada na sua vida, mas achei que deveria te contar isso.

— É uma informação interessante, obrigada por compartilhar — digo tentando não rir.

— Você está rindo de mim?

— Não estou não.

— Está sim, posso ver você comprimir os lábios. — Ele aponta para o meu rosto e sinto minhas bochechas esquentarem.

— Eu só achei... interessante.

Ele sorri e balança a cabeça antes de voltar a olhar para o mar, o vento move seus cabelos e tenho vontade de tocá-los, de saber se eles são tão macios como parecem.

— Então isso significa que talvez nem ao menos estamos no ano correto? — indago tentando ignorar meus desejos malucos.

— Muito provavelmente não. — Ele esfrega o rosto e joga o cabelo para trás antes de voltar a me olhar. — E eu não deveria estar falando sobre curiosidades inúteis com uma garota bonita como você.

— Você está me elogiando?

— Muito provavelmente sim, estou um pouco alcoolizado e totalmente suscetível a falar asneiras, portanto desde já me desculpe.

Ele se vira para mim e sorri, um sorriso meio tímido, meio... triste e totalmente lindo.

— Dizer que sou bonita foi uma asneira?

— Ah não, isso foi a coisa mais sincera que já disse em toda a minha vida.

— Sei...

— Juro, eu costumo ser bastante sincero com as pessoas.

— Eu gosto de sinceridade — digo sentindo a tristeza querendo se juntar a nós.

— Eu também. — Ele analisa meu rosto e, por um instante, suas sobrancelhas descem escurecendo seus olhos e ele se inclina um pouco para perto de mim. — E você é a garota mais bonita que já vi na vida.

— Cuidado, eu vou acreditar.

— Tenho certeza de que não sou o primeiro a falar isso. — Sua voz... ah, meu Deus, ele não pode falar essas coisas assim, com essa voz rouca.

Ele estende a mão e retira uma mecha do meu cabelo do rosto e sinto minha pele formigar no lugar onde ele me tocou.

Embora esteja bebendo, tenho a sensação de que sou eu quem estou embriagada quando ele olha para mim como se nada mais existisse além de nós.

— Engraçado, eu tenho a sensação de já ter te visto. — Ele analisa meu rosto, agora de perto e meu coração acelera. — Tem certeza de que

não nos conhecemos?

Hesito um pouco antes de responder, sei que se eu falar a verdade o encanto acabará, ele não olhará mais para mim dessa forma e hoje eu preciso muito me distrair.

Então faço uma coisa que eu odeio: minto.

— Tenho.

— Eu ainda não sei o seu nome. — Ele franze o cenho enquanto me analisa.

Meu coração bate tão forte, que fica difícil respirar.

— Cristal — respondo rapidamente ignorando a ansiedade na minha voz.

— Cristal... Cristal... — Ele testa meu nome em seus lábios, como se assim conseguisse descobrir de onde me conhece. Estou tremendo, ele vai se lembrar e fugir de mim como o diabo foge da cruz. — Que nome diferente. — Ele parece pensar por um momento, como se tentasse encontrar em suas memórias alguma Cristal.

Não vai achar.

— É sim.

— Eu gosto de Cristal — ele diz, ainda me analisando. — Sou o Tomaz.

— Prazer.

— O prazer é todo meu — ele diz antes de se virar olhando para o mar enquanto bebe mais um gole. — Sabia que o mês de janeiro foi criado em homenagem ao deus Janus, e que seu nome significa porta em latim?

— Não, eu não sabia. — Sorrio sentindo um alívio por ele voltar a falar essas coisas aleatórias. Talvez esteja mais bêbado do que parece, o que me deixa triste, porque essa noite ficará apenas na minha lembrança.

— Mas o que tem a ver uma porta com o mês de janeiro?

— Janus representava a passagem de novos tempos e os romanos acreditavam que traria boa sorte para eles.

— E você acredita nisso?

— Na sorte? Não. Com certeza não.

Ele parece um pouco triste, embora esteja sorrindo e me pergunto o que aconteceu para ele estar assim.

— Você é sempre assim? — pergunto tentando conter o riso.

— Assim como? Um idiota?

— Não, quero dizer, sobre essas coisas de curiosidades.

— Só quando estou nervoso, ou bêbado, no caso estou um pouco dos dois, então... — Ele ergue os ombros e sorrio um pouco mais aliviada.

— É uma boa maneira de quebrar o gelo.

— Você acha?

— Ainda estou aqui pensando nesse tal de Juno — brinco e ele volta a beber mais um gole.

— É Janus.

— Ah sim, Janus. — Coloco uma mecha rebelde para trás da orelha.

— Por que você está nervoso?

— Porque a vida é uma merda.

— Nisso eu sou obrigada a concordar com você.

Tomaz me olha surpreso com minha resposta e sorrio para ele, tentando não parecer uma doida suicida, embora eu tenha quase certeza de que nesse momento é o que eu pareço.

— O que houve com você?

— A vida me deu um chute, bem no meio da minha bunda, estou tentando me levantar.

— Espero que ao menos as minhas bobagens te distraiam.

- Eu gosto das suas bobagens, é tão... diferente.
- Você gosta das minhas bobagens?
- Sim, sinto que sairei daqui um pouco mais culta.
- Cultura inútil na grande maioria dos casos.
- Mesmo assim, eu gosto.

Ele coça a parte de trás da cabeça, como se tentasse decidir se estou falando a verdade ou não.

— Você sabia que há algumas comunidades que comemoram o Ano Novo ao lado dos seus mortos?

— Como o dia dos mortos?

— Sim.

— Que coisa horrível!

— Talvez... embora tenha quem faça isso sem perceber.

Tomaz se inclina para trás, apoiando os cotovelos na areia e encarando o céu estrelado acima de nós, e penso no que ele falou. Sei exatamente o que isso significa.

— O que você acha que acontece quando a gente morre? — pergunta ainda encarando o céu.

Ah, Tomaz... se você soubesse que a morte para mim é algo tão próximo.

— Eu não sei, às vezes, gosto de pensar que as pessoas que amamos não se vão por completo, sabe? Que elas ficam ao nosso lado, como anjos da guarda, nos protegendo e nos acompanhando no decorrer das nossas vidas.

— Você acredita nisso?

— Eu acho que gosto de acreditar, me faz sentir melhor.

— Você perdeu alguém?

Balanço a cabeça e desvio o olhar porque, nesse momento, não acho que a morte seja um bom assunto.

— Você não quer falar sobre isso?

— Não.

— Tudo bem.

Deito-me sem me importar que meus cabelos estão ficando cheios de areia, ele faz o mesmo deitando-se ao meu lado e então começamos a falar sobre coisas inúteis, como os soldados e as esposas que eram enterrados juntos com o faraó e a exatidão com que os maias calcularam a idade da Terra. Ficamos assim, um do lado do outro, a areia sob nossos corpos, o mar à nossa frente e um mundo à nossa volta.

A conversa muda e falamos sobre o que posso fazer nos próximos dias na cidade, sobre comida, música, filmes e viagens, damos boas risadas e me surpreendo com o quanto temos em comum. Depois de algum tempo, o silêncio se estabelece entre nós e ele se vira para mim e sinto o calor do seu olhar enquanto mantenho o meu para o céu, agora não tão escuro acima de nós.

— Obrigado — agradece baixinho enquanto me olha.

— Posso saber o motivo de me agradecer?

— Por ter esbarrado em mim naquele bar.

Viro meu rosto para olhar para ele, sinto o meu coração voltar a acelerar, mas dessa vez de um jeito bom.

— Eu fiz de propósito — admito e, quando ele sorri, sei que não acredita em mim.

— Sério?

— Você parecia tão entediado, quis dar uma agitada na sua noite — brinco e a gargalhada que ele dá faz meu estômago se agitar.

— Então devo agradecer por ter tido uma ideia tão brilhante.

— Às ordens — digo sentindo meus olhos começarem a ficar pesados e me recordo que faz quase dois dias que não durmo e o quanto a minha vida mudou desde a última vez em que fechei meu olhos.

— Cristal... — ele sussurra meu nome enquanto acaricia meu rosto.

— Tomaz...

— Acho que gosto de Cristal.

Penso no significado desse nome e o quanto ele é especial para mim e, por alguns segundos, permito-me sentir saudades.

— Eu também gosto desse nome, minha mãe o escolheu com muito carinho.

— Acho que gosto da sua mãe.

— Eu também gosto dela. Mais do que ela possa imaginar.

— Qual foi o seu primeiro desejo de Ano Novo? — pergunta mudando de assunto.

— Ser feliz, e você?

— Não sei, não pensei em nada.

Olho para o céu e depois para ele, os traços do seu rosto começam a ficar mais nítidos com o amanhecer que está começando e me surpreendo com o quanto ele é bonito assim, depois de uma noite acordado, sujo de areia e totalmente à vontade.

— A noite não acabou, ainda dá tempo de pensar em algo.

Tomaz coloca a mão em meu rosto mais uma vez, seus dedos se enroscam em uma mecha de cabelo e ele a enrola em seu dedo enquanto pensa.

— Então que essa noite não termine nunca — diz ainda encarando meus cabelos e sorriso.

Não sei como descrever meus sentimentos. Estou agitada com a forma como ele me olha, assim tão de perto e como seus dedos brincam

com meus cabelos como se fosse algo natural, talvez seja a magia da passagem do ano, ou eu realmente esteja vivendo esse momento como se ele fosse único. Muito provavelmente será.

— Uma vez ouvi falar que algumas coisas duram o tempo necessário para se tornarem inesquecíveis — digo me sentindo um pouco envergonhada e ele ergue uma sobrancelha.

— Então fiz o desejo certo. — Sua voz sai baixa, ainda mais rouca e meu estômago se agita, meu coração acelera e meus dedos formigam.

— Acho que sim.



Olho para os lábios rosados da garota deitada ao meu lado, e tento não notar que suas bochechas ficam ainda mais vermelhas quando ela vê a forma como eu a encaro.

Conheço-a há apenas algumas horas, mas sinto como se a conhecesse há muito tempo, isso me deixa confuso, já que ela garantiu que não. Decido colocar a culpa no álcool, parei de beber quando percebi que estava falando bobagem demais e o fato dela ainda estar aqui é sinal de que ou ela está mais desesperada do que eu por companhia, ou talvez, por algum motivo, ela tenha gostado de estar aqui comigo.

Estou me apegando a segunda opção.

Minha boca seca de vontade de tocá-la e mantenho meus dedos em seus cabelos, às vezes, as pontas tocam seu rosto e tenho a impressão de que, quando isso acontece, ela prende a respiração.

Deus!

Não tenho mais idade para esse tipo de situação, quero beijá-la, mas não sei se ela também quer, não é como se eu não tivesse beijado uma desconhecida antes, sou músico e as noites de bar são quase sempre agitadas, não é incomum terminá-las com uma garota na garupa da

minha moto, ou nos fundos do bar. Mas Cristal é diferente, ela me deixa... em paz.

Não menti quando disse que não quero que essa noite acabe, não quero mesmo, então estico as horas segurando-a aqui comigo o máximo que posso. Preciso guardar essa noite em minha memória.

Estendo minha mão e toco sua bochecha rosada, ela baixa o olhar para os meus dedos, sujos de areia e então seus olhos se encontram com os meus, e a intensidade com que olha para mim é algo que faz todo o ar dos meus pulmões desaparecerem por um instante.

— Você é linda — sussurro e minha voz sai tão grave que não tenho certeza se ela é capaz de compreender o que digo. — Você é absurdamente linda.

Cristal sorri e desvia o olhar e, nesse momento, ela parece uma menina ingênua, em uma praia deserta, sendo seduzida por um homem meio embriagado e completamente destruído.

— Se você continuar falando isso, eu posso ficar convencida.

— Então vou continuar, porque é verdade.

Minha mão passeia pela extensão do seu pescoço longo e pálido, pequenas partículas de areia ficam em sua pele, meus dedos se enroscam em seus cachos e meus olhos voltam a olhar para a sua boca. Cristal se aproxima, seus lábios vermelhos entreabertos, e me sinto ansioso como um garoto quando noto que ela está cada vez mais perto.

— Você sabia que utilizamos cerca de 29 músculos faciais ao beijar alguém — falo quando percebo sua intenção e ela se afasta apoiando a cabeça na palma da mão.

Cristal ri e sua alegria faz com que meu corpo se aqueça.

— Você está nervoso, Tomaz? — pergunta erguendo uma sobrancelha e, quando ela molha os lábios, tenho plena convicção de que

anjos existem.

Principalmente os caídos.

Estou olhando para um nesse momento.

— Não.

— Não? — sussurra.

— Talvez um pouco — admito tentando parar de encarar sua boca bonita. — Você me deixa nervoso.

— Bom saber, porque você também me deixa nervosa.

Estendo minha mão livre até a dela e acaricio sua palma, a pele pálida se arrepia com meu toque.

— Sabe, estou feliz que você esteja aqui, você salvou minha noite.

— Eu costumo fazer isso nas horas vagas — brinca enquanto observa meus dedos passeando pela curva do seu pulso.

— Meu pai está morrendo. — As palavras machucam meu peito à medida que saem da minha boca; por mais que eu saiba, ainda dói ouvir essa realidade. Ainda dói pensar que estou perdendo-o sem poder fazer nada.

— Eu sinto muito — ela diz, com tanta suavidade que meus olhos marejam e agradeço a Deus por ainda estar um pouco escuro.

— Eu não sei mais quanto tempo ele tem, e quer saber o pior? — Olho para ela e tudo o que vejo são seus olhos calorosos e atenciosos enquanto admito a parte mais feia do meu coração para essa garota linda. — Eu o odeio por isso.

— Você odeia o fato de estar perdendo-o?

— Não, eu odeio o meu pai.

— Por quê?

Sento-me sentindo as costas reclamarem por estar tanto tempo deitando e respiro fundo pensando se sou capaz de falar tudo. Se

realmente quero falar tudo, aqui, para essa garota. Talvez seja bom desabafar, afinal de contas, ela não me conhece, seu julgamento não vai me machucar tanto.

Eu acho.

— Quando meu pai descobriu que estava com câncer, já não tinha como tentar muita coisa, não havia cura, mas tinha algumas opções de tratamento para que ele pudesse estender sua vida.

Olho para ela, que se senta para poder me olhar enquanto falo, seus cabelos estão uma bagunça, repletos de areia e sua pele está um pouco avermelhada nas partes onde teve atrito com a areia, mesmo assim ela ainda se parece com um anjo.

— Meu pai sempre foi um homem inteligente, o mais inteligente que conheci, mesmo assim ele simplesmente rejeitou todos os tratamentos.

— Olho para o mar a minha frente enquanto relembro o momento em que me contou que havia escolhido morrer, como se nós não significássemos nada.

— Tomaz. — Ela se aproxima colocando uma mão carinhosamente em meu braço. — Eu o compreendo.

— Como assim?

— Lembra o que disse sobre os momentos? Não precisa ser eterno para ser inesquecível.

Observo-a por alguns segundos, seu rosto juvenil parece carregar a carga de um ancião, que conhece a verdade da vida, a dura, crua e assustadora, aquela que todos evitam durante o tempo que é possível evitar.

— O que você está falando?

— Todos estamos aqui de passagem, uns ficam mais, outros menos, mas nem todos tem o privilégio de poder se despedir daqueles que ama,

aproveite esse tempo com seu pai.

Balanço a cabeça incapaz de concordar com ela.

— Ele poderia ter mais alguns anos se tivesse aceitado o tratamento, mas, ao invés disso, escolheu viver alguns meses, isso não é um privilégio, é suicídio.

— Você não sabe, o tempo é ilusório, Tomaz, ninguém sabe quanto tempo tem realmente aqui. Nem mesmo eu e você. — Sua voz me causa calafrios, suas palavras embora entonadas com a voz de um anjo, são como lâminas afiadas me cortando. — A escolha é dele, sinto muito por você, mas ele tem o direito de escolher como quer passar esse tempo.

— É fácil para você falar, não é o seu pai que está morrendo bem na sua frente.

Levanto-me incapaz de ficar mais um segundo sequer sentado. Caminho de um lado para o outro, o chão abaixo de mim rodopia um pouco e perco o equilíbrio, estou furioso com ela por entender o meu pai melhor que eu, por ele ter escolhido morrer, por eu não ser capaz de entender tudo isso.

Cristal se levanta e vem até mim estendendo o braço e tocando-me.

— Me desculpe, eu não tive a intenção de te magoar — fala agora parada na minha frente com o rosto triste. — Eu só falei o que eu acho.

— Tudo bem. — Desvio o olhar dela e passo a mão pela nuca sentindo a cabeça começar a doer.

— Não, não está tudo bem, você está chateado e eu não soube me expressar.

— Eu não estou chateado. Estou puto da vida, isso não é justo.

— E quem disse que a vida é?

Respiro fundo, engulo todas as merdas que ameaçam querer sair por minha boca e balanço a cabeça concordando com ela.

— Você tem razão, me desculpe, eu não deveria ter falado assim com você.

Ela se afasta cruzando os braços em torno de si e observando o mar calmo a nossa frente.

— Sêrio, Cristal, eu não costumo ser assim.

— Tudo bem, eu entendo, esse assunto mexe com você.

— Sim, muito — admito, envergonhado.

Ela estende a mão e a seguro puxando-a para um pouco mais perto de mim.

— Acho que estamos pulando etapas. — Ela enrosca seus dedos nos meus, o atrito da areia entre nossas peles causa uma sensação boa.

— É?

— Uhum. — Ela se aproxima um pouco mais até que nossos olhos estão quase no mesmo nível. — Deveríamos estar fazendo outra coisa, não falando sobre morte e luto, essa conversa é pesada demais para o primeiro dia do ano.

— Também acho.

Ela morde o lábio, tão sutilmente, que qualquer um poderia jurar que foi inocente, mas eu sei que está me provocando, porque seus dedos passeiam lentamente sobre a pele do meu braço, causando arrepios em minha espinha. Dou mais um passo deixando nossos corpos colados e passo minha mão livre em seu rosto seguindo a curva do seu queixo até parar em seus cabelos.

— Gosto dos seus cabelos — digo enquanto acaricio as mechas rebeldes, que não se importam em ficar em um único lugar, como se tivessem personalidade própria.

— Que bom, quando quiser um corte, só me chamar.

— Vou anotar a dica.

Deslizando meus dedos por seu pescoço, ela mantém seus olhos fixos nos meus, como se esperasse que eu dissesse algo. Enroscando meus dedos nas mechas curtas próximas a sua nuca erguendo um pouco seu rosto. Cristal se aproxima, com seus lábios rosados e úmidos tão perto dos meus que posso sentir o calor do seu hálito. Sinto sua mão se aventurando por minhas costas, acariciando a minha pele por cima da camisa, é acolhedor, reconfortante, excitante.

— Você sabia que o dia 1º de abril existe por causa do dia 1º de janeiro? — indago e o sorriso que se forma em sua boca bonita me faz sentir o homem mais sortudo do mundo.

— Você pode me contar essa história depois, eu juro que vou adorar saber.

— É importante... — sussurro quando meu lábios tocam os dela, quentes e convidativos.

— Eu tenho certeza que é. — Sinto seus dedos por baixo da camiseta, tocando minha pele e fecho os olhos deixando que minha boca explore a sua, delicadamente, sentindo a sua respiração pesada quando ela os abre pronta para me receber. Ergo a outra mão segurando seu rosto por inteiro, trazendo-a para mim e então a beijo, com delicadeza, sem pressa, como se essa noite realmente não fosse acabar nunca e tivéssemos todo o tempo do mundo.

É um beijo suave e gentil, com gosto de desconhecido, caloroso e cheio de expectativas. Beijar Cristal abre um espaço em meu coração cheio de raiva e dor, um espaço para o recomeço.

É um mar de incertezas que me apavoram, mas que infelizmente não posso ignorar.

Cristal envolve meu pescoço com seus braços e a abraço trazendo-a para mais perto, o máximo que consigo. E quando aprofundo o beijo,

explorando sua boca, exigindo cada vez mais de seus lábios, ela me dá e sinto que poderia passar a minha vida toda aqui, beijando essa garota misteriosa que, sem saber, salvou minha noite de uma tragédia alcoólica cheia de remorso, tristeza e lágrimas.

— Ah, cacete... — resmungo quando ela passa a mão por minha nuca e a enrosca em meus cabelos puxando-me para si.

Desço os lábios por seu queixo, matando meu desejo, passo a língua em toda a extensão do seu pescoço e chego a sua orelha sentindo seu corpo se retesar quando a mordo levemente.

— Você é incrível — digo ao me afastar para olhar em seus olhos.

— Esse foi, sem dúvida, o melhor beijo do ano — ela brinca com as mãos ainda em meus cabelos, passeando pela minha nuca e me causando arrepios.

— Isso pode deixar um homem vaidoso.

— Eu imagino que sim.

Seus lábios estão um pouco mais vermelhos e há manchas rosadas em seu pescoço, por onde minha barba a tocou. Passo os nós dos dedos na região imaginando como seria deixar essas marcas por todo o seu corpo e, antes que eu perca o controle, me afasto.

— O que acha de voltarmos? — digo ao olhar para ela e perceber que eu não quero que ela vá embora, mesmo que eu saiba que não posso usá-la para afogar a minha tristeza, não é justo com uma garota tão bacana quanto ela.

— Ah... claro — ela diz sem graça e seu rosto fica ainda mais vermelho.

— Está ficando tarde e...

— Tomaz, por favor, não estrague o melhor beijo do ano. — Ela pisca para mim e sorrio encantado com ela. — Um beijo que movimentou cerca

de 29 músculos do nosso rosto — ela completa.

— Aproximadamente — digo ao receber um sorriso tão bonito, que preciso de todo o meu controle para não segurar seu rosto em minhas mãos e beijá-la novamente.

— Vamos? — ela diz começando a caminhar. — Minhas amigas devem estar desesperadas à minha procura.

— Vamos — assinto me sentindo em paz pela primeira vez, depois de um longo período de angústia e solidão.



“Querida Cristal,

Hoje acordei pensando no seu primeiro beijo, insano se pensarmos que você ainda nem ao menos nasceu, mas não pude evitar. Então eu te vi, sorrindo, apaixonada, enquanto o garoto a beija. Meus olhos marejaram, meu coração se apertou de emoção e, então, eu pensei em algo que eu gostaria que você soubesse antes desse dia chegar.

Um beijo é muito mais do que dois lábios se unindo, é o mais íntimo dos toques, é a forma mais fácil de se chegar ao coração. Não há nada mais bonito do que beijar alguém especial. Beijar é a forma silenciosa de dizer eu te amo.

Nesse momento, eu adoraria te beijar e te mostrar o tamanho do meu amor, mas, como não alcanço você, o papai a beijará por mim.

Com carinho,

Mamãe.”

Meu primeiro beijo foi inesquecível, eu estava apaixonada e, quando ele me beijou, eu pude jurar que vi estrelas e todas essas coisas que as pessoas dizem sobre o primeiro beijo, desejei muito contar a minha mãe

que me senti exatamente como ela descreveu. Tenho certeza de que sempre me lembrarei desse beijo com um sorriso bom nos lábios. Foi o melhor primeiro beijo que uma garota pode querer.

Mas essa noite, enquanto senti os lábios de Tomaz se aproximarem dos meus, mesmo depois de tantos anos sendo beijada e beijando, mesmo depois que o encantamento do primeiro beijo se tornou apenas uma lembrança, mesmo assim, quando ele me beijou, eu senti algo que nunca senti antes, como se lá no fundo, mesmo sem saber, eu estivesse esperando por esse beijo.

Era como se seus lábios houvessem encontrado um lugar especial que chegou direto a minha alma. Me senti exposta de um jeito quase assustador e, quando ele se afastou, tive a impressão de ter sido jogada de dentro de um avião em pleno voo. Me senti em queda livre, rumo ao desconhecido.

Já estamos caminhando há algum tempo, mas minha mente parece ter congelado naquele pedacinho de areia onde ele me beijou.

— Vocês precisam ir à Pedra do Menino — ele diz enquanto observa seus pés.

— Pedra do Menino?

— É um dos pontos turísticos da cidade, tem a mais bela vista do pôr do sol.

— Vou dizer as minhas amigas.

Ele enfia a mão no bolso traseiro e retira o maço de cigarros, olha para eles, gira o pacote na mão por um tempo, depois volta a guardar e enfia as mãos nos bolsos da calça novamente. Trocamos pouco mais que meia dúzia de palavras desde que saímos do lugar onde nos beijamos e meu cérebro não para de repetir a cena como um GIF mental. Sua boca se aproximando, o ronronar que ele produziu enquanto explorava meu

pescoço com seus lábios, o dançar dos seus dedos em minha pele. Seus dedos... mágicos, gentis e belos. Imagino como seria tê-los por todo o meu corpo e estremeço com a ideia. Não me surpreendo que eu não consiga falar, respirar e caminhar já é quase um milagre nas condições em que estou.

— Caso suas amigas queiram dançar, tem uma boate bem legal no centro.

— Uhum... — digo enquanto ele se esforça para me dar dicas de passeios, mas tenho a sensação de que está só quebrando o silêncio sem falar sobre coisas esquisitas. Embora eu acho que preferia, ele parece bem mais natural quando as diz.

— O melhor restaurante de frutos do mar é o Black Bass e caso queira...

— Tomaz — chamo sua atenção e ele se vira para mim, como se só então houvesse notado que não está sozinho. — Obrigada.

Ele me olha por um segundo, não consigo enxergar seus olhos por baixo dos cabelos desgrehados, mas posso sentir a forma como ele me observa, como respira com dificuldade como se estivesse nervoso e isso é tão insano. Ele nervoso, por estar comigo.

— Cristal. — Ele para de andar e faço o mesmo. — Eu adorei ficar com você.

— Mas... — Sorrio ignorando o meu coração afundando em meu peito.

— Mas a verdade é que não estou legal, eu poderia passar o resto da semana ao seu lado, poderia te beijar até esquecer todas as merdas que estão acontecendo comigo, mas isso não é justo com você, porque você parece uma garota incrível e eu sou um filho da puta muito azarado,

porque eu daria tudo para poder te conhecer em outro momento, mas, infelizmente, não dá e não vou fazer isso com você.

Abro a boca para dizer a verdade, ainda não acredito que ele não sabe, mas desisto, ele tem razão, é melhor assim, nada de bom poderia sair disso e eu não sei ao certo o que estou fazendo aqui, brincando com nossos sentimentos por uma bobagem.

— Tudo bem, Tomaz, foi só um beijo de Ano Novo, não precisa se explicar tanto, eu vou ficar bem.

— Eu sei que vai. — Sorri, meio sem graça e sem acreditar no que está falando.

Voltamos a caminhar, agora parece que há um abismo entre nós e tento não olhar para ele.

— A princípio, o Ano Novo durava do dia 25 de março até o dia 1º de abril — ele muda completamente de assunto. — Mesmo depois que foi transferido para o dia 1º de janeiro, algumas pessoas continuaram comemorando até o dia 1º de abril.

— O dia da mentira.

— Exato. Os bobos de abril.

— Obrigada pela noite — agradeço quando começamos a diminuir o passo com a expectativa do fim.

— Eu adoraria continuar com você.

— O tempo, lembra? — falo e agora é a minha vez de sorrir sem graça.

— Sim. Obrigado por torná-lo inesquecível.

— De nada — digo e voltamos a caminhar, dessa vez no mais absoluto silêncio.

Estamos nos aproximando do bar onde deixei minhas amigas e já posso vê-las, acompanhadas de alguns rapazes enquanto riem alto.

— Viu só? Estavam preocupadíssimas! — Aponto para onde elas estão, Tomaz passa as mãos pelos cabelos e me viro quando vejo que ele parou de andar.

— Eu quero te ver de novo — ele diz de uma só vez, como se não tivesse coragem de falar caso fosse mais devagar e mordo o lábio para conter a alegria em ouvir isso.

— Eu estava ficando preocupada com a minha habilidade de beijar.

— Como? — pergunta confuso.

— Você está agindo como um guia turístico a uns vinte minutos e eu tenho a sensação de que está evitando olhar para o meu rosto, achei que tinha deixado uma má impressão ou então...

Tomaz me puxa pelo braço e me cala com seus lábios em um beijo bruto e sensual, ele invade minha boca enquanto enrosca sua mão em meus cabelos segurando-os e me mantendo no lugar, não consigo me mover, sequer consigo tocá-lo, estou imersa em um beijo que prova exatamente o que ele acabou de me dizer, ele quer me ver, mesmo que seja errado, mesmo que eu saiba que, a qualquer momento, ele pode lembrar, talvez quando o álcool deixar a sua mente e ele puder pensar no que aconteceu hoje, e então tudo vai acabar, mas estou imersa em uma avalanche de sentimentos e emoções e, nesse momento, eu o quero, quero a proteção dos seus braços, o conforto da sua voz grave e rouca, quero a maturidade, quero até mesmo a sua tristeza. Eu quero Tomaz por inteiro e não sei ao certo se estou me vingando, se estou magoada ou se realmente estou desenterrando algo que eu achei que já nem existia, mas que se dane, nesse momento eu o quero e isso é tudo o que importa.

Quando o beijo termina, ele passa a língua nos lábios, como se eles ainda guardassem o meu sabor e, quando ele sorri, sinto borboletas em meu estômago.

— Você está com o seu celular? — pergunto e ele retira um aparelho do bolso e entrega na minha mão compreendendo o que quero fazer, recebo o telefone e anoto meu número, clico em ligar e logo o meu celular toca no bolso do meu vestido, retiro-o e agito-o no ar. — Agora você me tem — brinco me referindo ao meu contato e estendo o aparelho de volta para ele.

Ele olha para o aparelho em suas mãos enquanto passa a língua pelo lábio inferior e preciso me segurar para não agarrá-lo.

— Boa noite, Tomaz — me despeço ao dar um passo para trás. — A gente se vê.

— Eu não vejo a hora — ele diz e, enquanto me afasto, tento ignorar o mal-estar que sinto em meu peito ao som das suas palavras, afasto as lembranças ruins da minha mente e observo Mariah acenando para mim, corro até elas tentando ignorar as palavras que ainda ecoam em meu coração, como um soco avisando-me de que isso tudo está errado.

“Eu só quero que você fique bem...”

Poucas horas atrás, eu achava que isso seria algo impossível, mas, enquanto me aproximo das minhas amigas, ergo a mão até meus lábios e sorrio.

Eu não acredito que beijei o professor Tomaz...



Observo-a se afastar enquanto sinto uma excitação nova agitar algo dentro de mim, evito pensar que tudo o que aconteceu hoje tem a ver com o álcool ou com a pressão que estou vivendo todos esses dias, mas não tem como negar, o sorriso dela abriu uma fenda em meu peito e me sinto empolgado com a perspectiva de voltar a vê-la. Afinal, que mal há em um homem querer ser um pouco feliz?

Serão apenas quatro dias.

Cristal corre em direção as suas amigas, seus cabelos, ainda mais desgrenhados por minhas mãos, voam para todos os lados, alguns caras mexem com ela quando a veem passar, eu não os condeno, ela realmente é linda demais. Mesmo de costas para mim, eu posso imaginar o sorriso em seus lábios, as bochechas coradas pela corrida, os olhos brilhando de alegria por encontrá-las.

Jesus Cristo! Preciso parar com isso, estou parecendo um adolescente que nunca havia beijado uma garota antes.

Quando ela está junto com suas amigas me viro e volto a caminhar, retiro o maço de cigarro do bolso da calça e acendo um sentindo uma

pontada no peito ao perceber que ele vem sendo o meu refúgio nesses dias nublados.

Dessa vez vou em direção ao píer, onde meus amigos provavelmente estão reunidos. Durante todo o caminho repasso o beijo que dei nela antes de nos despedir e imagino como serão os próximos.

Talvez eu esteja mais alcoolizado do que eu possa imaginar, pois realmente me sinto como um adolescente.



Mesmo de longe avisto a fogueira acesa e ouço o som do reggae que embala o amanhecer. Rio conta uma história empolgado; de longe, seus cabelos descoloridos parecem labaredas do fogo. Fábio está sentado com Verônica entre suas pernas; há mais outras pessoas, reconheço alguns alunos de Rio e outros velhos conhecidos.

— Olha quem decidiu se juntar aos amigos! — Rio grita quando me vê chegar.

Sento-me ao lado de Fábio e recebo uma garrafa de cerveja, bebo um longo gole e tenho certeza de que, quando acordar, estarei com uma ressaca horrível, mas agora nesse momento só consigo pensar na garota que beijei.

— Onde você se meteu? — Fábio pergunta e Vê se vira para olhar para mim, como se fosse um absurdo passar uma noite longe deles.

Deus... eu nem ao menos vi o tempo passar.

— Acabei de conhecer a garota mais fantástica do mundo — admito e não me importo com o som que Verônica faz ao ouvir minha declaração.

— E por que não a trouxe? — a noiva do meu amigo pergunta animada.

— Ela estava com as amigas — justifico enquanto bebo mais um gole e relembro dela correndo para perto delas.

— Vai ver ela de novo? — dessa vez Fábio pergunta, ergo os ombros e olho para o celular ansioso para lhe mandar uma mensagem.

Será que vou parecer desesperado se fizer isso?

— Ela me deu o número dela.

— Então você vai ligar para ela, né? — Vê pergunta animada e me sinto um pouco estranho por estar tão ansioso para ver Cristal mais uma vez.

— Não sei se devo.

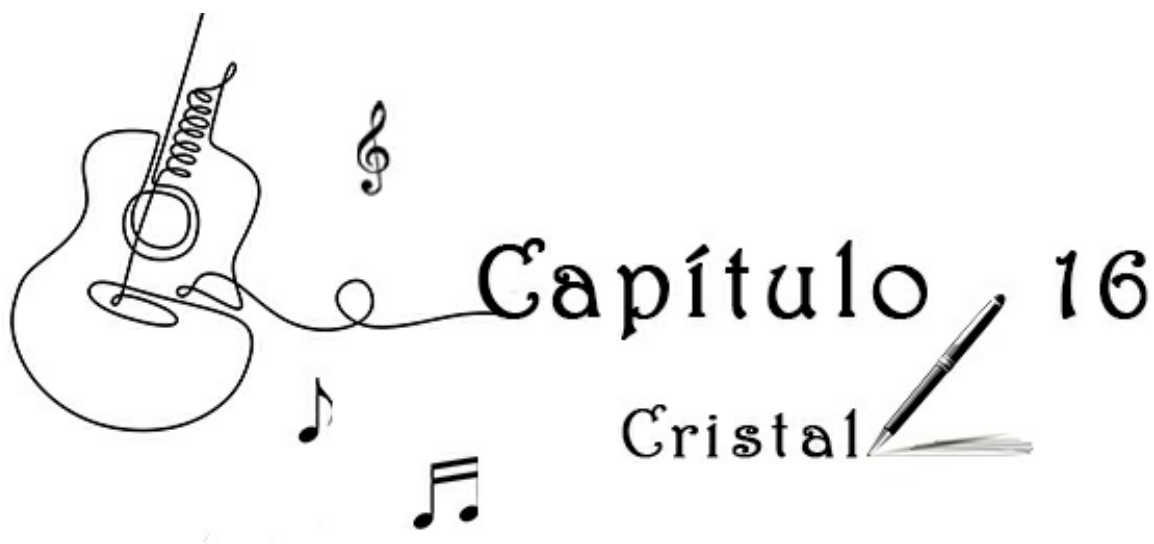
— Por que não, cara? Você tá precisando sair com alguém — Fábio diz e sei que ele tem razão, os últimos meses têm sido um verdadeiro inferno e mal estou suportando os últimos dias.

— Não sei, não acho justo colocar ela nessa merda que se tornou a minha vida, ela parece uma garota legal, feliz e tão linda...

Não, definitivamente não quero mais vê-la, Cristal foi apenas um sopro de alívio, um presente dos céus para me fazer acreditar que, mesmo diante das piores situações, algo bom pode acontecer.

— Acho que foi só um lance de fim de ano, nada mais.

E, nesse momento, sinto que acabo de falar a maior mentira da minha vida.



“Minha querida Cristal,

Acima de qualquer coisa, seja sempre sincera com o seu coração, ele é o seu melhor amigo e é ele quem vai te guiar, nos momentos bons e principalmente nos momentos ruins.

Com amor,

Mamãe.”

Passamos o restante do primeiro dia do ano na praia, vemos o nascer do dia, ouvimos música, vejo minhas amigas serem beijadas e recordo a cada instante os beijos que Tomaz me deu.

Não era para ter acontecido, Deus sabe que nem em meus mais loucos sonhos imaginei algum dia que algo assim pudesse acontecer, não significa que não sonhei, mas era algo tão impossível que jamais cogitei, mas aconteceu e quem sou eu para negar o inevitável.

— E aí, como foi beijá-lo? — Mariah pergunta enquanto nos arrumamos para dormir, já quase no fim da manhã.

— Foi bom... — É tudo o que me limito a dizer, incrível não descreve o que foi ter seu lábios nos meus, mas não quero falar mais, sinto que estou

movida a emoção e não quero confundir as coisas, tenho a sensação de que o que houve hoje não passou de um beijo de Ano Novo e tudo o que eu não preciso é misturar meus sentimentos e estragar tudo.

— Bom? Só bom? — insiste, como se fosse capaz de ler meus pensamentos.

— Bom está ótimo, não acha? — Deito-me na cama e viro de costas para ela.

— Você beijou o professor Tomaz e tudo o que tem a falar é isso?

Quero falar muito mais, quero dizer que ele me fez esquecer por algumas horas o quanto minha vida medíocre me sufoca, quero dizer que me senti importante quando ele se abriu para mim e falou o que está sentindo, quero me enganar e dizer que o que houve foi mais do que um beijo, mas não digo nada e, mesmo não estando com sono, nos dez minutos seguintes finjo que estou dormindo enquanto penso no que aconteceu essa noite.



Faz tempo que não sou beijada assim, e nunca fui beijada por um homem como Tomaz, que sabe o que está fazendo, que tem confiança e consegue fazer uma mulher suspirar como uma garotinha. O toque firme das suas mãos em minha pele, o calor do seu beijo forte e persistente, os sons que ele produz quando está beijando...

Deus... Tomaz é um homem de sons.

Eu deveria saber.

Quando acordamos, já é quase fim da tarde, o sol brilha forte lá fora e decidimos dar uma volta pela cidade. Mesmo sem querer, me pego

olhando para o celular de tempos em tempos, é loucura eu sei, mas, lá no fundo, uma parte de mim espera que ele ligue ou mande uma mensagem, uma parte de mim deseja vê-lo mais uma vez mesmo sabendo que isso não tem como dar certo..

Mas ele não liga.

O dia passa e, mesmo que eu tente evitar, me pego pensando nele mais vezes do que eu gostaria. Eu sabia que seria assim, eu sabia que seria difícil ignorar as horas que passamos juntos na noite passada, e mesmo diante do lindo dia de sol, em uma das praias mais bonitas que já vi, a decepção não me permite sorrir.



É o nosso segundo dia por aqui, o sol se põe no horizonte e, embora já passe das sete da noite, temos a sensação de que a tarde não está interessada em se despedir.

Os dias parecem durar mais nessa cidadezinha esquecida, o sol preguiçoso se estende por todo o horizonte, banhando o mar com sua tonalidade alaranjada, é lindo de ver.

Passamos o dia conhecendo alguns pontos turísticos, praias desertas e quase selvagens, lugares tão remotos que me pergunto se há muitas pessoas que as conhecem. Agora estamos caminhando a mais ou menos meia hora; de acordo com Débora, há um professor de surfe em algum lugar por perto e estamos exatamente procurando por ele.

— O dono do mercado disse que não é difícil, ele tem um cabelo descolorido e está sempre cercado de garotos — diz Débora enquanto busca alguém com a descrição que lhe foi dada.

Chuto uma pedrinha na minha frente enquanto sinto meus ombros começarem a arder por causa do excesso de sol, estou cansada e nem um pouco interessada nessas aulas, mas prometi a Mariah que ficaria bem e estou me esforçando para ficar.

Na verdade, desde que acordei sinto-me mal, é estranha a sensação de estar recomeçando, a saudade daquilo que já não tenho mais machuca e, por mais que eu me force a aceitar que tudo tem um propósito, nesse momento eu não consigo compreender qual seja.

— Olha lá! — Juliana aponta para um amontoado de garotos fazendo flexões na areia enquanto um homem alto, com os longos cabelos descoloridos, exatamente como foi descrito pelo senhor do mercado, grita com eles.

— Ele está gritando, eu não quero ouvir ninguém gritando comigo — Juliana diz abaixando os óculos para analisar melhor a situação. — Mas pensando bem... — ela completa quando o homem se vira para nós e ela confere seu peito nu. — Eu posso aguentar meia dúzia de palavras exaltadas.

Sorrio diante das bobagens que elas começam a falar enquanto Débora sai na frente chamando a atenção do tal professor.

— Olá — ele cumprimenta sorrindo enquanto olha para nós quatro.

— Ouvimos falar que havia um professor de surfe por aqui — Débora diz como se não estivesse caçando o tal professor, como se ele fosse um tesouro perdido.

— Acabaram de encontrar — ele diz e Juliana se derrete ao meu lado. — Muito prazer, sou Rio. O tal professor.

Nos apresentamos e Rio, o professor, explica para nós os pacotes de aulas que ele tem a nos oferecer, uns garotos param de se exercitar enquanto observam nossa conversa, Rio precisa chamar a atenção deles

algumas vezes antes de desistir e mandar todos eles para casa. Três deles passam e nos cumprimentam sob o olhar recriminatório de Rio.

Assim que eles se vão, o professor se oferece para fazer uma aula teste de meia hora caso tenhamos interesse. As meninas ficam animadas e ele começa a explicar alguns conceitos sobre o surfe e a ligação do corpo com a natureza.

— Para que vocês possam aprender a surfar, precisam primeiramente, entender que quem manda aqui é ele. — Rio aponta para o mar a nossa frente. — Ele é o senhor de tudo e nós devemos respeitá-lo.

Rio continua falando sobre mente, corpo e natureza e, quando ele decide que já está tudo bem claro, nos convida a ir até uma pequena cabana onde ele guarda seu material.

— Vamos escolher algumas pranchas para que vocês possam *sentilas*.

As meninas o acompanham animadas e tenho certeza de que o motivo dos sorrisos não tem absolutamente nada a ver com pranchas e mãe natureza e sim com as costas bronzeadas e bem definidas do professor. Rio continua falando enquanto abre a tal cabana e, quando ele nota que eu não estou ao lado das meninas, para com a mão no trinco da porta e me olha.

— Eu não vou, obrigada — digo antes que ele pergunte.

— Não sabe nadar?

— Sei sim, apenas não pratico esportes. De nenhum tipo.

Rio assente e volta a abrir a porta indicando para as meninas quais as pranchas que servem melhor para cada uma.

Nos próximos vinte minutos, Rio as obriga a repetir algumas posições em cima da prancha, Mariah tem as bochechas rosadas e Juliana já

revirou os olhos três vezes enquanto ele passa consertando os movimentos errados. Permaneço sentada em uma toalha grande que Rio me ofereceu enquanto observo-as tendo absoluta certeza de que fiz a escolha certa.

Olho para o celular mais uma vez, uma mensagem aparece na tela, foi enviada uma hora atrás. É apenas um “oi” e me surpreendo com o quanto duas letras são capazes de fazer o sorriso que um dia inteiro de praia não fez, surgir em meus lábios.

“Olá, professor.”

Escrevo e apago a mensagem três vezes antes de enviar. Ignoro o fato de haver mais doze mensagens que não foram lidas na minha caixa e observo ele digitando.

“Eu não sabia se deveria ligar, achei que talvez uma mensagem seria melhor ignorada.”

Sorrio ao ler imaginando o homem sempre tão forte e confiante, com medo de ser dispensado por mim.

Ahhh, Tomaz, se você soubesse...

“Sabe de uma coisa? Não há nenhuma forma agradável de ser dispensado, mas fico feliz que você escreveu, achei que havia se arrependido.”

“Nunca!”

Olho para as minhas amigas se matando em cima de uma prancha, que nem ao menos se mexe e imagino quanto tempo elas vão aguentar, caso decidam ir realmente para o mar.

“Como você está?”

“Bem e você?”

Envio e aguardo, ansiosa por sua resposta.

“Quero te ver, talvez eu não seja a melhor opção, já te disse ontem, mas eu realmente quero te ver.”

Ele escreve, sem enrolação, e gosto da sua sinceridade.

“Só dizer o lugar e a hora.”

Envio e meu coração dispara quando me dou conta do que estou fazendo, é arriscado, muito provavelmente me meterei em uma confusão, não sei quanto tempo vai demorar para que ele se dê conta do que está fazendo, mesmo assim a expectativa de estar com ele mais uma vez, de ser beijada por Tomaz, de sentir suas mãos fortes sobre mim... de encher meu coração ferido com algo mais do que por quês, que nunca serão respondidos, é muito maior do que o medo.

Droga! Quem estou enganando? Há muito mais do que atração física entre mim e Tomaz, eu o estou usando da pior forma possível e não consigo sentir nenhum remorso por causa disso.

Não sei mais quem sou, me sinto perdida e afogando em sentimentos ruins, mas ao recordar o que vivemos na noite passada uma onda de

alegria me invade.

“Às oito, no mesmo bar de ontem, pode ser?”

Tomaz pergunta e, antes de responder, abro a outra caixa de mensagens e leio todas as treze conversas que ignorei durante os últimos dois dias, a grande maioria é mais do mesmo.

“Você não pode me julgar assim antes de ouvir a minha história.”

Fecho a caixa de mensagens sentindo a fúria que se tornou minha amiga nos últimos dias me invadir. Abro a conversa com Tomaz e respondo sem sombra de dúvidas:

“Nos vemos às oito, então.”

Envio para Tomaz com a certeza de que não estou fazendo absolutamente nada de errado, somos dois adultos, machucados e magoados, querendo se distrair ao menos por algum tempo e isso é muito mais do que tive nos últimos seis anos.

“A gente se vê então.”

Ele responde e mando apenas um emoji feliz antes de guardar o celular. A aula termina e então todos se levantam.

— Caso queiram continuar, as aulas começam as seis — Rio diz enquanto leva duas pranchas para a cabana.

— Da tarde? — Fernanda pergunta enquanto tenta retirar a areia da roupa.

— Da manhã — ele responde como se fosse óbvio e minhas amigas se olham sem saber se realmente vale a pena acordar tão cedo.

Voltamos para casa cheias de planos para a noite, as meninas combinam de ir a uma balada, enquanto eu só consigo pensar nos beijos que darei no professor Tomaz. E por quanto tempo essa farsa vai se sustentar.



Como previ, acordo com uma dor de cabeça do tamanho do mundo. Mal consigo me levantar e quando crio coragem é para vomitar.

Estou acostumado a beber, são anos trabalhando à noite e sempre tenho um copo de bebida comigo, não sou um cara que fica bêbado com frequência.

Mas essa noite eu estava realmente disposto a afogar minhas mágoas naquele uísque barato que Moisés me deu, até que Cristal apareceu e então eu me afoguei em seus lábios e, sinceramente, eu não sei ao certo se estou de ressaca pelo álcool ou por ela.

Passo a maior parte do dia entre cochilos e chás de sabe Deus o quê, minha cabeça lateja e estou tão mal que minha mãe se rende à tecnologia farmacêutica e acaba me comprando analgésicos.

— Eu preciso falar que eu não gosto do que você está fazendo com você, Tomaz — ela fala no instante em que entro na cozinha.

— Eu sei — me limito a falar e a vibração das minhas cordas vocais fazem minha cabeça pulsar.

— O que você pretende com esse comportamento infantil e rebelde?
— ela aumenta o tom da voz, o que me surpreende.

Fazer com que esses dias passem o mais rápido possível é o que eu gostaria de responder, mas não tenho energia para esse tipo de conversa e me deixo cair na cadeira e apoio a cabeça em minhas mãos gemendo para que talvez ela se comova.

Mas ela não se comove. Ao contrário, ela continua falando:

— Eu já tenho uma cota enorme de frustração para lidar, não preciso ver meu filho se destruindo como um garotinho rebelde que não teve seu desejo realizado.

— Estamos falando da vida do meu pai — falo ignorando a dor que aumenta, em minha cabeça, em meu peito.

— E eu estou falando do homem da minha vida, meu companheiro, um pedaço de mim, você acha que não estou morrendo um pouco junto com ele?

Ergo a cabeça e olho para o seu rosto, pela primeira vez desde que tudo isso começou vejo minha mãe agir com emoção.

— E como a senhora acha que me sinto sabendo que um dia terei que ir embora e deixar vocês aqui, sozinhos?

Ela me olha com surpresa ao perceber que não estou indo embora como havia dito, vou ficar nessa porra, pelo tempo que for preciso.

— Não estamos sozinhos, temos nossos amigos e temos o Rio que está ao nosso lado.

— Mas eles não são eu. — Sinto a dor em meu coração se sobrepor a dor em minha cabeça e não dou a mínima quando as lágrimas que venho segurando todos esses dias decidem escapar dos meus olhos bem na frente dela.

— Eu sei que não, e graças a Deus que não é você.

— O que a senhora quer dizer com isso?

— Você fez suas escolhas, Tomaz, sua vida não é aqui e eu entendo isso. Eu aceito isso, assim como aceito as escolhas do seu pai.

Olho para seus olhos vermelhos aguardando as lágrimas, mas elas não vem e eu sei que elas não virão, minha mãe quase nunca chora, ela não vê a morte como eu vejo e, no momento em que me dou conta disso, a lembrança de Cristal invade minha mente.

— Vou me deitar, minha cabeça está me matando.

Levanto e saio da cozinha sem me importar de deixar o assunto pela metade, não tenho intenção nenhuma de conversar sobre isso com ela agora e preciso de todos os meus esforços para não pegar minhas coisas e dar o fora daqui.



Os dias estão passando mais rápido do que eu imaginava, talvez o álcool tenha ajudado a suportar, ou talvez eu não queira admitir que estar em casa é sempre bom, mesmo quando não é.

Tirando os copos de água com limão e gengibre que aparecem ao lado da minha cama porque ele sabe que faz bem para a minha voz, não vejo muito o meu pai, embora eu saiba que ele está ali a poucos metros de distância, definhando em seu leito de morte.

Deus... só de pensar nisso, meu estômago já se revira e tenho vontade de vomitar. Levanto me sentindo um pouco melhor, mas não o suficiente para encarar a comida da minha mãe e saio de casa decidido a tomar café na padaria dos pais de Fábio, meu refúgio favorito desde que me conheço por gente.

— Bom dia, senhor Osvaldo — cumprimento ao me sentar em um banco alto.

— E aí, filho, como está se sentindo hoje? Fábio disse que você estava de ressaca.

Conto a ele um pouco da minha noite deixando de fora meu encontro com Cristal, em seguida ele fala sobre lembranças da juventude e de como sente falta de nos ter por perto.

— Logo o Fábio arruma um neto para o senhor — digo enquanto como o sanduíche de presunto e queijo que ele faz para mim.

— Estamos contando com isso, e você, quando vai arrumar uma garota e dar netos para seus pais?

Meu peito se aperta ao pensar que meu pai nunca verá um filho meu, me sinto frustrado e o pedaço de pão parece não ter mais intenção de seguir seu caminho por minha garganta.

— Acho que não fui feito para essas coisas — admito deixando o sanduíche no prato e tomando um gole do suco de laranja para ajudar o pão a descer.

— Que nada, filho, ela apenas não apareceu ainda.

Ergo os ombros incapaz de discordar dele e, sem que eu queira, minha mente me leva de volta àquela noite, à garota dos olhos gentis e dos lábios calorosos.

Para com isso, Tomaz, já está indo longe demais!



Passo a maior parte do dia na praia, ajudo Rio um pouco, entro no mar e até me arrisco um pouco na prancha mesmo que eu não seja lá

essas coisas, tomo uma cerveja no bar e jogo conversa fora com Moisés, tudo para evitar a minha realidade.

No fim das contas me tornei aquilo que eu mais repudio:

Um covarde.

Já passa das seis quando chego em casa, vou direto para o meu quarto e depois de um banho me jogo na cama, olho para o teto enquanto relembro a conversa que tive com Cristal e como ela me acalmou e me fez sentir feliz em apenas algumas horas.

Estou ignorando-a há dias porque não sei se devo vê-la novamente, não estou em um bom momento para relacionamentos, mas também tenho medo de perder a oportunidade de conhecer alguém legal.

Pego o celular e abro a caixa de mensagens buscando por seu contato, há uma imagem do pôr do sol em uma das praias daqui no lugar que deveria haver o seu rosto e me sinto frustrado, gostaria de vê-la mais uma vez, admirar seus olhos, ver seu sorriso e relembrar o sabor de beijar a sua boca e a textura das mechas rebeldes.

Crio coragem e ajo como o adolescente rebelde do qual minha mãe me chamou e mando uma mensagem para ela. Sinto o coração acelerar quando a vejo escrevendo de volta, é uma sensação boba, simples, mas tão viciante que me vejo desejando sentir por mais tempo.

Trocamos algumas mensagens e combinamos de nos encontrar em algumas horas.

Gosto de falar com Cristal, ela tem um humor que me agrada, é inteligente e sabe o que quer e, nesse momento, ela me quer e estou muito bem com isso.

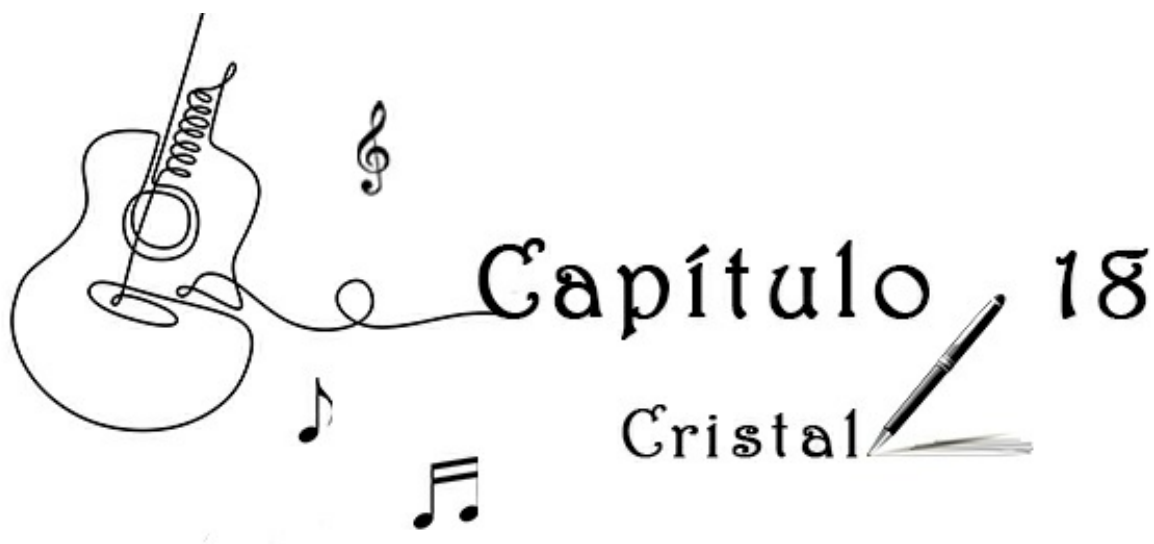


Já passa das seis quando entro na cozinha atrás de algo para comer, minha mãe não está em casa e a geladeira está abastecida de frutas e legumes amontoados em potes.

Sinto que estou emagrecendo, o que no meu caso não é nada interessante, sempre tive uma facilidade imensa em perder peso e a dieta alimentar da minha mãe não me ajuda muito. Até o fim da minha estadia por aqui estarei pele e osso.

Abro o armário e pego o saco de pão integral decidido a ir ao mercado amanhã comprar comida de verdade quando ouço o som de algo caindo no chão, o barulho de vidro quebrando chama a minha atenção e, quando ouço Hendrix latir, jogo o pão na mesa e saio correndo.

A verdade é que a realidade sempre encontra um jeito de nos confrontar, eu fugi dela o quanto pude, agora chegou a hora de enfrentá-la.



*“Querida Cristal,
Uma verdade sobre a vida,
As pessoas que você mais ama são as que vão te decepcionar. Dê um
desconto para elas.
Com amor,
Mamãe.”*

Olho para as escassas opções de roupas que trouxe e que, nesse momento, estão esparramadas a minha volta e tenho vontade de chorar.

— E que tal esse? — Juliana ergue um vestido que mal cobre meu traseiro.

— Isso é uma saída de praia, Ju. — Pego o vestido e jogo de volta na mala.

— Mas você só trouxe isso.

— Talvez seja porque estamos na praia — digo um pouco irritada. — Ah, me desculpe, eu estou meio nervosa.

— Qualquer uma no seu lugar estaria — Débora fala. — Um encontro com o professor Tomaz!

— Eu não, com certeza ele não faz o meu tipo — Mariah diz enquanto revira a sua mala e pega um vestido analisando-o.

— Claro, Mariah, todo mundo sabe que você está se guardando para o tio — Débora a provoca e reviro os olhos voltando a mexer na minha mala e ignorando a conversa.

— Vocês podem não acreditar em mim, mas um dia...

— Tá, tá, a gente já sabe que você vai pegar o pai da nossa amiguinha aqui — Juliana debocha dando tapinhas nas minhas costas.

— Será que vocês podem parar de falar do meu pai?

Mariah me entrega um vestido e decido que será ele mesmo, não tenho mais cabeça para pensar em nada.

Estou nervosa e, por mais que eu queira me enganar, sei que não tem nada a ver com a obsessão da minha amiga por meu pai e sim pelo meu encontro com Tomaz.

Será que hoje ele vai me reconhecer?



As sete em ponto entro no bar onde nos encontramos na noite de *réveillon*, olho em volta ansiosa e sem saber como agir, mas não o encontro em lugar nenhum. Vou até o balcão e peço um suco de maracujá para o rapaz que está atendendo e me sento em um banquinho tentando não parecer tão ansiosa como estou.

Pego o celular e verifico as mensagens, respondo as mais importantes e ignoro o resto, abro a caixa de mensagens de Tomaz e verifico se não me confundi com o horário, mas está lá, sete horas.

Ele está meia hora atrasado.

O bar começa a encher de pessoas sujas de areia e mar, a música alegre e praiana em nada combina com meu humor, que piora a cada segundo, e o suco já não desce mais por minha garganta.

Às oito peço uma porção de batatinhas só para justificar a minha presença, mas meu traseiro já está começando a doer e me levanto levando as batatas e a minha dignidade para longe do olhar de pena do rapaz do bar.

Sento-me em uma pedra grande e desconfortável, mas ao menos aqui posso sentir raiva e pena sozinha. Remexo as batatas sem intenção nenhuma de comê-las enquanto observo cada uma das pessoas que entram e saem do bar.

A noite chega definitivamente e já não sei mais por que estou aqui, o celular está tão silencioso que desligo e ligo para garantir que as mensagens não estejam sendo impedidas de chegarem por algum motivo.

Nada...

Nenhuma satisfação, nenhuma desculpa esfarrapada ou um conhecimento inútil. Nenhuma tentativa de me iludir.

Absolutamente nada.

Olho para o horizonte e uma onda de decepção me invade, eu não estava pronta para isso, não sei onde eu estava com a cabeça quando achei que seria legal me envolver com ele, não posso, não é justo comigo e, principalmente, com ele. Não estamos bem, ele não está bem.

Relembro a conversa que tivemos na noite de *réveillon* e mesmo sabendo que ele fez o certo não consigo evitar a tristeza de me invadir.

Olho para o celular pela última vez. Nove horas, levanto-me e levo a batata intocada de volta para o balcão.

— Onde eu pago? — pergunto ao rapaz que está limpando a bancada.

— É por conta da casa, moça — ele responde sem olhar para mim.

— Não, obrigada, mas eu quero pagar — insisto.

— Não se preocupe, eu faço questão. — Ele finalmente me olha e sorri, não há nada além de gentileza em seu olhar e, quando insiste pela terceira vez, eu aceito.

Afinal de contas, não há mal em ser mimada depois de tomar um bolo.

É, Cristal, começou o ano bem.



Hendrix corre até mim latindo ferozmente, como se estivesse gritando por socorro, passo por ele e tropeço nos tapetes espalhados pela sala enquanto tento chegar até ele. O cachorro para na porta e continua latindo.

— Já cheguei, amigo. — Passo a mão na cabeça dele rapidamente antes de entrar, mas não preciso ir longe, encontro o corpo magro do meu pai caído no chão, há vômito em toda parte e o acesso do seu braço caiu deixando um filete de sangue.

Não consigo me mover, nem sei se estou respirando direito, tudo fica escuro e preciso me esforçar para não cair.

Hendrix late ao meu lado, seu focinho em minha perna me incitando a agir.

— Eu não consigo... — sussurro para o animal. — Santo Deus... eu não consigo.

Minhas mãos estão fechadas em punho e só percebo que estou chorando quando não consigo enxergar nada a minha frente. Estou paralisado diante do meu maior pesadelo.

Não... não, pai... por favor, hoje não...

Meus olhos estão fixos na sua figura, os cabelos brancos ralos, os ombros que por muitas vezes foi meu lugar favorito nesse mundo, as mãos que me mostraram o mundo.

Meu pai.

Ouço o som da sua voz me levando de volta a uma época em que meu único medo era não conseguir ficar acordado para ouvir suas histórias.

— *Só mais um pouquinho, mãe. — Junto as duas mãos na frente do rosto e faço uma cara bem triste para convencê-la.*

— *Está tarde, filho, amanhã você acorda cedo.*

— *Mas eu quero esperar, eu juro que não vou reclamar para acordar — imploro um pouco mais.*

— *Já passa das onze, Tomaz, você já deveria estar dormindo, não tomou o chá de camomila que eu te fiz?*

— *Chás são para doentes, eu não estou doente.*

— *Mas está muito agitado, deita agora! — ela exige e não me resta outra coisa a fazer a não ser obedecer.*

Estou quase dormindo quando sinto o colchão ao meu lado afundar, tento abrir os olhos, mas estão pesados demais e tudo o que faço é sussurrar:

— *Você chegou, papai?*

— *Oi, filho, eu disse que viria.*

Ele estica o braço e me viro para me deitar na curva do seu ombro, inalo o seu cheiro e me sinto reconfortado quando ele me abraça e deixa um beijo no topo da minha cabeça.

— *Você deveria estar dormindo, rapazinho.*

— *Eu estava esperando você.*

— *Você sabe que sua mãe fica brava com a gente — ele sussurra com a boca perto do meu ouvido.*

— *Mas esse é o meu momento favorito do dia, papai — admito e ele ri, seu corpo grandão balança e me sinto feliz.*

— *Ah, meu garoto! — Ele me beija e respira fundo. — Sabe o que eu descobri hoje? — ele fala, tão baixinho que só eu posso escutar.*

— *O que, papai?*

— *Que o cérebro do avestruz é menor que o seu olho.*

— *Nossa! É por isso que ele vive com a cabeça debaixo da terra. — Sorrio elevando o tom da minha voz.*

— *Shhh... sua mãe vai acabar colocando a gente de castigo.*

— *Viu só, por isso que eu te espero chegar, você sempre traz uma curiosidade incrível.*

— *Que bom que você gosta, filho, prometo que sempre trarei uma curiosidade para você.*

Ficamos quietos, com medo de sermos pegos pela mamãe, abraçados no meu quarto escuro olhando para os planetas em neon no teto.

E então eu adormeço, pensando em como o avestruz pode ser tão tonto.

O latido de Hendrix me traz de volta à realidade, onde meu pai está caído no chão, respiro fundo, passo as costas das mãos em meus olhos e me aproximo.

Hendrix vem ao meu lado, como se estivesse me dando apoio e talvez esteja, talvez seja ele quem esteja me levando até o corpo desfalecido do meu pai.

Ajoelho-me ao seu lado e tento me lembrar como se sente o pulso de alguém, ele está quente, não tanto quanto eu gostaria, mas seu pulso frágil ainda está morno e me apego a isso para agir.

Corro para fora do quarto e pego meu celular, disco para a emergência e atropelo nas palavras enquanto volto para o quarto, Hendrix está sentado ao lado dele, como um bom amigo faz e me sinto pequeno e incapaz diante dessa cena.

Respondo perguntas que não tenho certeza se estão certas, faço o que me pedem e dez minutos depois uma equipe de socorristas está na minha casa, levando meu pai para o hospital.

— Doutor, cuida do meu pai, ele tem câncer. Estágio terminal — digo como se esse homem tivesse a cura para ele.

Mas ele não tem.

Ninguém tem.



O cheiro do mar me enjoa.

Estamos a cerca de um quilometro de distância, mesmo assim sinto que posso vomitar a qualquer instante.

Abro a porta do carro e espero Hendrix descer, ele para ao meu lado e caminho devagar enquanto tento não perder a cabeça.

— Senhor, não é permitida a entrada de animais no hospital — um homem fala quando chego à entrada de emergência.

Ignoro-o e continuo andando.

— Senhor, o cachorro não pode entrar — ele insiste.

Outro homem aparece na minha frente, é pelo menos uns quinze centímetros maior do que eu e foda-se, eu não estou nem aí. Tento desviar, mas ele segura meu braço. Péssima ideia.

— Tira suas mãos de cima de mim. — Olho nos olhos do homem sem me importar que vou me dar mal se ele quiser me enfrentar.

— Desculpe, senhor, o cachorro não pode entrar.

— Eu preciso ver meu pai, ele acabou de entrar. — Afasto meu braço e ele não tenta me segurar novamente. Boa ideia.

— O senhor pode deixar o animal aqui e pedir informações na recepção.

— Ele não é um animal, porra! — grito. — Ele salvou a vida do meu pai.

Outros homens aparecem e Hendrix late, olho para ele desejando que ele rasgue a garganta de cada um desses imbecis, mas o cachorro apenas olha para mim, como se fosse uma versão canina do meu pai e late mais uma vez. Eu quase posso ouvi-lo falar.

Shhh... fique quieto, filho, ou sua mãe vai nos colocar de castigo.

Uma mulher aparece, ela chama o meu nome, mas não a conheço, nem ao menos me viro para olhar para ela, meus olhos estão presos no animal que parece querer me acalmar.

— Tomaz, seu pai foi encaminhando para a UTI. — Ela toca meu braço chamando a minha atenção.

— Eu não te conheço.

— Sou Marisa, amiga dos seus pais e a enfermeira que cuida do Bernardo sempre que ele vem para cá. Me falaram que o Hendrix estava aqui e imaginei que fosse você. — Ela olha para o cachorro e sorri e eu posso jurar que ele sorri para ela. — Pode ficar tranquilo, estão fazendo tudo o possível pelo seu pai.

— Ele... — respiro fundo criando coragem. — Ele não vai morrer, não é?

— Tomaz, você sabe que...

— Hoje, por favor, me diz que ele não vai morrer hoje.

— Eu não posso te dar esse tipo de garantia, o que acontece dentro de um hospital é imprevisível.

Afasto-me da enfermeira sem me importar em ser grosseiro, passo pelo babaca do segurança e faço questão de dar um esbarrão nele, acho que no fundo estou esperando que ele me acerte. Mas ele não faz nada além de olhar para mim, como se eu fosse um miserável.

E na verdade eu sou.

Saio sem saber para onde ir, passo por pessoas que não conheço e desabo em um canto escuro do lado de fora do hospital com Hendrix ao meu lado o tempo todo, o cachorro fica quieto, olhando para todos os lados, como se estivesse me protegendo e, nesse momento, me sinto como o garotinho que passava as noites à espera do seu pai.

Só que, dessa vez, eu sei que ele não vai chegar e finalmente choro.



Não faço ideia de que horas são, nem de quantos cigarros já fumei, meu coração ainda está agitado, como se eu tivesse tomado uma descarga elétrica, mesmo assim não consigo me mover e na real? Estou bem aqui ao lado de Hendrix, fugindo da realidade de que meu pai está lutando pela vida a poucos metros de distância e eu não posso fazer porra nenhuma.

— Finalmente te encontramos! — Verônica diz ao se aproximar com Rio ao seu lado. — Estávamos preocupados. — Ela se ajoelha ao meu lado e envolve meu pescoço em um abraço, que parece ser mais para ela do que para mim. Não consigo retribuir, meus braços não se mexem.

— Obrigado — digo quando ela se afasta e afaga a cabeça de Hendrix.

— Bom menino. — Ele se aproxima e deita a cabeça no colo dela.

Filho da puta esperto.

— Ei, e aí? — Rio se senta ao meu lado erguendo os joelhos e apoiando os braços em suas pernas.

— Cadê o Fábio? — pergunto porque sei que, se Verônica está aqui, ele também está.

— Ele já vem, está lá dentro com a sua mãe e os pais dele.

Respiro aliviado ao saber que ela realmente não está só.

Acendo um cigarro, mas não tenho tempo de colocá-lo na boca, Rio o pega e joga longe.

— Mas que porra! Era meu último cigarro — esbravejo, mas ele não dá a mínima.

— Ótimo, porque tô meio cansado dessa rotina de jogar fora cada uma dessas merdas que você coloca na boca. Você tá fedendo, Tomaz.

— Foda-se, quem liga?

— Eu ligo — Verônica diz me surpreendendo, não somos muito de trocar declarações e, na grande maioria do tempo, estou provocando-a por sua infantilidade, mas o fato é que ela é minha amiga; há dez anos essa garota entrou na minha vida sem a menor intenção de sair e, por mais que ela me irrite, eu a amo porque sei que ela faz Fábio feliz.

— Eu também ligo — Rio diz mesmo bravo comigo e isso é o suficiente para fazer meu coração amolecer,

— Fábio com certeza também se importa — Verônica completa no instante em que ele se aproxima.

— Eu me importo com o quê? — Fábio olha para cada um de nós com um ar cansado e confuso e me sinto o cara mais triste e feliz ao mesmo

tempo. Não sei nem como isso é possível, mas é o que esses três conseguem fazer.

Fábio se senta ao lado de Verônica e, nesse momento, percebo que ninguém sequer questionou o fato de estarmos no chão imundo de um hospital, eles estão aqui por mim e isso é o suficiente para que eu me sinta ainda mais emotivo.

Puxo o grandão peludo para o meu colo e acaricio sua cabeça, porque me sinto mais calmo quando ele está perto de mim.

Sorrio ao perceber que, até mesmo agora, meu pai pensou em mim, ele sabia que eu precisaria de Hendrix antes mesmo de eu o conhecer.



*“Querida Cristal,
Respire, às vezes é tudo o que precisamos fazer. Às vezes é tudo o que
podemos fazer.*

*Com amor,
Mamãe.”*

— *Você está bem?*

— *Sim, estou.*

— *Filha* — ele me chama daquele jeito sério que todos os pais falam com as filhas e reviro os olhos aproveitando o fato de que ele não pode me ver nesse momento.

— *Eu já disse que estou. Por que você não acredita em mim?*

— *Porque sua voz está triste.*

Deve ser porque eu tomei um bolo no terceiro dia do ano.

— *Impressão sua. E você está bem? Está se alimentando?*

— *Não tente inverter as coisas, mocinha, eu sou o seu pai.*

— *E eu cuido de você desde que aprendi a ligar o fogão aos oito anos de idade.*

Uma risada ecoa do outro lado da linha e me faz sorrir. Sempre fui apaixonada pelo tom da sua voz, mas sua risada, sempre tão rara, é o que faz meu coração descompassar no peito.

Eu amo meu pai, com todo o meu coração, amo a forma como ele me permite ser livre, embora mate um pouquinho dele aceitar minhas escolhas, amo como ele é bondoso e apaixonado, amo como ele sempre me coloca em primeiro lugar em sua vida e amo como, mesmo amando ter o controle de tudo, ele me deixa controlar um pouco a sua vida.

Eu tenho o melhor pai do mundo.

— *Vamos fingir que isso é verdade.*

— Pelo bem de todos — digo ainda com um sorriso. — Como estão as coisas por aí?

Meu pai não é um homem muito falante, então nos próximos dez minutos ele conta como foram os últimos cinco dias e isso é um novo recorde.

— Como você está tagarela hoje, hein? — brinco.

Ele ri.

Eu rio.

Ficamos em silêncio.

— *Filha, volta pra casa* — ele pede de um jeito triste que eu quase aceito, mas não quero, porque sei que lá estarei vulnerável e não posso.

— Eu ainda tenho algumas coisas para fazer por aqui, temos passeios pagos para todos os dias, não posso simplesmente pegar um ônibus e voltar para casa.

— *Eu posso ir te buscar.*

— Pai, eu não tenho mais doze anos.

— *Para mim sim, sempre terá.*

Reviro os olhos, mas dessa vez sorrio porque é bonitinho.

— *Volta.*

— Eu juro que estou bem.

— *Mariah me ligou.*

— Claro que ela te ligou.

— *O que você quer dizer com isso?* — ele pergunta de forma tão inocente, que eu quase acredito que ele não sabe que minha amiga é apaixonada por ele.

— Pai, cuidado, não alimente as loucuras da Mariah.

— *Não mude de assunto* — ele diz irritado. — *Isso não é sobre mim, é sobre você.*

— É sobre tudo.

— *Você está bebendo?*

— É claro que não, que espécie de irresponsável você acha que sou?

— *O tipo que desaparece de casa nas vésperas do ano novo sem deixar um bilhete para seu pai.*

— Eu sei me cuidar, pai, estou bem, prometo. E eu mandei uma mensagem no celular.

— *Você sabe que odeio essas coisas de mensagens, devia ter me ligado.*

— Me desculpe.

— *Por favor, filha, não faz mais isso com seu pai, não tenho mais idade para me preocupar dessa forma.*

Baixo o olhar para minhas mãos pálidas e respiro fundo absorvendo suas palavras, ele tem razão, não tenho o direito de ser a filha rebelde a essa altura do campeonato, já passamos por muitas coisas e tudo o que não precisamos nesse momento é de um novo drama familiar.

— Não se preocupe, está tudo sob controle. Me desculpe por te preocupar.

— *Você sabe o quanto te amo, não sabe?*

— Eu também te amo. Muito.

Encerramos a ligação e permaneço algum tempo olhando para o meu celular, tenho vergonha de admitir que passo a maior parte do meu dia oscilando entre duas caixas de mensagem. A que eu faço questão de ignorar e a que eu anseio para que não seja ignorada.

As duas estão em silêncio nesse momento.

Me pergunto o que diabos há de errado comigo, por que uma garota tecnicamente bonita, jovem, com amigas incríveis, não consegue ser feliz? Por que tenho que espelhar minha felicidade em cima de outras pessoas e criar expectativas que eu sei que, se não forem superadas, irão me frustrar?

Abro a caixa de mensagens que sempre tem respostas para tudo e escrevo:

“Hoje, eu daria tudo para que você estivesse aqui, ainda preciso daquele abraço e de um pouco das suas palavras sábias.”

A mensagem não chega até ela e imagino que esteja em aula, mas essa eu tenho certeza de que será respondida com um conselho daqueles capazes de reerguer até mesmo quem já morreu.

Fico pensando no que ela vai achar quando eu contar para ela sobre Tomaz. Com certeza vai ficar do meu lado, como sempre fez.

Desligo o celular e saio finalmente do quarto decidida a aproveitar o dia. Mas não antes de ter uma conversinha com Mariah. Ela precisa tirar o meu pai da sua cabecinha.



Um bom exercício para aliviar um coração magoado é passar um tempo longe do celular. É incrível o tempo que perdemos verificando aquela telinha pequena que guarda um mundo de expectativas e nos causa tanta ansiedade.

A vida é muito mais do que uma tela de 5", ela é um horizonte alaranjado, o vento batendo no rosto, a areia arranhando meu rosto queimado, é o sorriso causando câimbras em meus músculos, é o cochilo no meio da tarde, é olhar nos olhos das pessoas ao meu redor.

Estou exausta e feliz quando chegamos em casa depois de um dia inteiro de praia, já passa das nove da noite e tudo o que eu quero é um banho gelado e dormir.

É exatamente isso o que faço.

Eu durmo, sem pensamentos que não me trazem respostas, sem porquês que me angustiam, sem o silêncio esmagador das palavras que não chegam.

Eu apenas durmo.



Acordo no meio da noite sentindo frio, muito frio, levanto e desligo o ventilador, depois vou até o guarda-roupa em busca de um cobertor, não há nenhum. Abro minha mala e pego o único moletom que trouxe e o visto, mesmo assim o frio não passa e me encolho na cama batendo os dentes e tremendo.

Algo não está bem.

Espero um pouco antes de acordar Mariah, sei que ela vai querer ligar para o meu pai e, se ela fizer isso, ele estará aqui em seguida me enfiando dentro do seu carro e me levando de volta para casa como uma garotinha de doze anos e isso é tudo o que eu não quero. Tenho certeza de que estou com insolação, isso que dá ficar debaixo de um sol escaldante o dia inteiro, mas não é motivo suficiente para trazer meu exagerado pai até aqui.

Vim para cá para me divertir e isso é o que vou fazer, só preciso de um analgésico e amanhã estarei melhor.

Vou até a cozinha e tomo um comprimido, meu corpo dói e decido que ficar na sala é mais confortável.

Pego meu celular e ligo para me distrair com algum joguinho bobo, prometo que não vou olhar as mensagens, mas assim que o aparelho se ilumina vejo algo que chama minha atenção.

Uma mensagem de Tomaz.

Meu coração se agita no peito, de mágoa e frustração, de ansiedade e de expectativa. Abro a mensagem e leio suas palavras:

“Me desculpe por faltar ao nosso encontro, meu pai está na UTI, não sei o que fazer.”

Olho para a tela do celular por alguns minutos refletindo suas palavras.

Seu pai... droga, ele havia me dito que seu pai estava mal, mas não imaginei que seria tanto.

“Eu sinto muito por seu pai, como ele está?”

Envio a mensagem e me surpreendo quando ele a lê imediatamente, já passa das três da manhã e imagino que esteja no hospital. Pobre, Tomaz.

“Não muito bem, aumentaram a medicação para dor, é tudo o que podem fazer.”

Tomaz parecia apavorado com a ideia de seu pai piorar e agora que sei que ele não foi ao nosso encontro porque não podia. Sinto-me mal por ele.

“Sei que não adianta muito, mas eu estou aqui.”

Envio a mensagem e me arrependo imediatamente, não quero que ele interprete mal minhas palavras, mas ele a lê imediatamente, impedindo-me de apagar.

“É mais do que eu poderia imaginar, obrigado por não estar chateada.”

Eu deveria encerrar essa conversa antes que seja tarde demais, deveria apagar o seu contato e ignorar as suas mensagens, deveria deixar que ele siga seu caminho e seguir o meu, Tomaz já tem muito com o que se preocupar e não merece mais problemas na sua vida, eu deveria fazer tudo isso. Mas não faço.

“Não estou, tomei todo o estoque do bar em água de coco e suco, mas obrigada por me explicar o motivo.”

“Nossa... me desculpe, eu deveria ter ligado, mas eu não conseguia pensar, eu estava apavorado.”

Quase posso ouvir a sua voz através das suas palavras e, por mais que eu gostaria de ignorar, uma parte de mim se sente feliz por ele se sentir mal.

Encerre essa conversa... encerre logo.

“Tomaz, sério, eu não estou chateada.”

Envio e começo a pensar em uma forma de dar um fim nesse papo quando uma mensagem nova surge.

“O que está fazendo acordada a essa hora?”

Sorrio com sua frase, penso em escrever algo engraçado, mas não sei se ele está no clima de brincadeiras então digo apenas a verdade:

“Acho que estou com febre, levantei-me para tomar uma dipirona.”

Estou olhando para a tela do celular, esperando por sua resposta quando o aparelho vibra na minha mão me assustando.

— *O que houve?* — é uma pergunta, mas soa como uma exigência e, embora eu deva me sentir desconfortável com o tom da sua voz, eu sorrio porque ele me parece muito familiar.

— Uau! Está preocupado com a minha saúde? — brinco.

— *Claro, você está longe da sua casa, e se você passar mal, ao menos sabe onde fica o hospital?*

— Não, mas acho que o *Google* pode me ajudar — minto porque ele não precisa saber que o primeiro lugar que pesquiso sempre que vou a uma viagem é o hospital.

Se depender de mim, ele nunca saberá.

— Não se preocupe, acho que tomei sol demais. — Afasto a alça da camiseta e tento conter um gemido quando o tecido resvala na pele maltratada.

— *Droga! O que houve com seu protetor solar?*

— Foi um ato de liberdade, eu me rebelei contra ele e acabei me dando mal.

— *Você está brincando?* — ele parece preocupado e é tão bonitinho.

— Na verdade foi só mais uma tentativa de voltar para casa com uma cor mais saudável do que o meu branco fantasmagórico, mas fracassei, mais uma vez.

— *Se quiser posso te levar ao hospital.*

— Não precisa, de verdade, eu só preciso de um emplasto de algodão e soro fisiológico e vou ficar bem.

— *Tem certeza?* — ele insiste.

— Tenho sim. Estou acostumada.

— *Se precisar...* — ele deixa a frase no ar e permanecemos um instante em silêncio, abro a boca algumas vezes buscando coragem para dizer a ele que não podemos mais nos ver, mas não consigo; por algum motivo, me sinto bem, mesmo assim em silêncio, ouvindo o som da sua respiração do outro lado da linha.

— Você está bem?

— *Vou ficar.*

— Está com ele?

— *Não, eu não consigo, estou na recepção, está vazia e eles me deixaram ficar.*

— E sua mãe?

— *Ela foi para casa, meu amigo está com ele e de manhã ela volta.*

É estranho perguntar sobre essas pessoas que não conheço, mas que significam tanto para ele, é estranho estar preocupada com Tomaz e perceber que, mesmo depois de tantos anos, ele ainda desperta o mesmo fascínio sobre mim. É estranho notar que finalmente consigo enxergar o homem por trás do professor e que ele é ainda mais incrível, real e cativante do que a ideia de perfeição que eu tinha anos atrás.

— *Você sabia que perdemos em média quatro quilos de pele morta por ano?* — ele diz e começo a rir com a forma abrupta com que muda de assunto, mas logo em seguida me sinto triste por ele, por saber que seu pai está morrendo e ele está sozinho em uma sala de espera fria e que cheira a antisséptico conversando aleatoriedades com uma garota que está mentindo para ele porque é covarde demais para falar a verdade.

— Acho que eu perco um pouco mais do que isso todo verão.

Passamos um tempo conversando idiotices inúteis, Tomaz me faz rir e eu o faço rir, é algo bobo e tão íntimo que me assusta. É fácil conversar com ele.

Em um momento, ele precisa falar mais baixo porque uma enfermeira o repreendeu e começamos a rir descontroladamente. Quando paramos, o silêncio volta novamente.

— Queria estar aí com você — admito um pouco envergonhada.

— *Você está, estamos há quase uma hora no telefone.*

— Verdade, fomos até expulsos.

Encosto-me no sofá apoiando o telefone no ombro, o frio começa a diminuir e preciso erguer as mangas do moletom.

— *Como tá a temperatura?* — pergunta como se pudesse me ver.

— Acho que a febre passou.

— *Que bom, Cristal, se cuida, por favor.*

— Você não faz ideia do quanto eu ouço isso — relembro a conversa que tive com meu pai hoje de manhã.

— *Não quero que você se machuque.*

— Às vezes é inevitável, Tomaz.

— *Você é uma garota legal.*

— Você também é muito legal.

— *Você só conheceu a parte bêbada e idiota de mim, não tem como você me achar legal.*

— Acredite, eu conheci o suficiente para saber que você é muito legal.

Ele suspira, meu coração acelera e noto o quanto essa conversa é perigosa para nós dois. Tomaz está passando por um momento delicado e não merece ter o seu coração quebrado e eu sei que é isso o que acontecerá quando ele descobrir que estou mentindo para ele.

Eu vou quebrar o seu coração.

— Preciso desligar, a gente se fala.

— *Tudo bem, a gente se fala.*

— Tenta descansar — peço, mesmo sabendo que é algo quase impossível no caso dele.

— *Vou tentar, obrigado por ter me distraído um pouco essa noite, estava precisando.*

— Estou às ordens.

Ele ri e desliga o telefone, sem despedidas melosas, sem promessas de que vamos nos ver outra vez ou que me ligará.

Sinto um vazio em meu peito e ignoro a sensação, eu não devo ir por esse caminho. Estou cometendo um grande erro e preciso parar antes que seja tarde demais.

Ao menos para ele.



Ser professor requer uma doação maior do que se pode imaginar, conhecimento é apenas uma pequena parte do todo que compõe um professor.

Eu sempre acreditei que ensinar é muito mais do que uma escolha, é um dom e me sinto privilegiado por ter esse dom.

Dou aulas desde que saí da faculdade, ainda jovem demais para conseguir o respeito de adolescentes poucos anos mais novos do que eu, mas desde o primeiro dia em que entrei em uma sala e me vi diante de trinta e cinco pessoas que se calaram para me ouvir, eu soube que havia escolhido a profissão certa, contar histórias, guiar meus alunos através dos séculos, apresentar a eles fatos que aconteceram milhares de anos antes de chegarmos aqui e que, de alguma forma, nos tornaram o que somos hoje, sempre foi a minha paixão.

É incrível a semelhança entre lecionar e tocar. Em ambas as situações, depende só de mim conquistar a atenção ou não daqueles que estão ali para me ver, seja por opção ou por obrigação. Será a minha capacidade de seduzi-los que os manterão interessados em mim. E toda vez que estou diante de uma turma nova ou de um bar lotado de pessoas, eu sei

que no fim, se eu for bem-sucedido, cada um daqueles que estão ouvindo minha voz, seja ela cantada ou falada, levarão com eles um pouco de mim, a minha parte mais bonita, aquela da qual eu me orgulho.

Durante os últimos dez anos venho aperfeiçoando a técnica de seduzir, sejam eles meus leitores ou as pessoas que ouvem minha música e, desde que Ben entrou na minha vida, ele potencializou isso a um nível que eu jamais me vi capaz de realizar.

Agora enquanto estou aqui, sentado nesse banco duro e desconfortável, relendo pela quinta vez a conversa que tive com Cristal, sinto que estou perdendo essa capacidade de conquistar.

Não sei por que, mas tive a sensação de que ela queria encerrar a nossa conversa, ou talvez eu apenas esteja sendo um pouco dramático, ou quem sabe a privação de sono esteja me deixando um pouco sensível demais.

Merda, a quem quero enganar? Eu estava ansioso para reencontrá-la, queria poder confirmar se o que senti na noite em que ficamos juntos foi realmente tudo aquilo ou se foi apenas o fato de estar bêbado e carente que me fez acreditar que havia encontrado a garota.

Que patético...

Quem em sã consciência acredita nessas coisas ainda? E por que diabos eu estou tendo esse tipo de pensamento? Justo eu que nem ao menos me importo com essas coisas, que gosto da minha vida solitária e corrida. Porra, se eu for bem sincero, eu nem ao menos tenho tempo para relacionamento, nem mesmo tenho jeito para lidar com alguém que precisa de mim.

Por um momento me deixo pensar em como seria a minha vida se Cristal realmente fizesse parte dela, como seria ter alguém com quem dividir minhas angústias e alegrias, me recordo de como me senti leve ao

contar àquela estranha o quanto estava chateado com o meu pai e mesmo que ela não saiba, de certa forma, suas palavras me acalmaram.

O dia amanhece e estou oficialmente duas noites sem dormir, minha cabeça não para de doer e estou tão agitado, que mal consigo organizar meus pensamentos, todos eles no fim me levam até Cristal. Acho que estou começando a ficar obcecado com essa garota. Coloco a culpa no fato de que sei que, em poucos dias, ela vai embora e que talvez a gente nunca mais se veja.

— Trouxe o café da manhã. — Rio aparece com um copo bem na minha frente.

— Obrigado. — Pego o copo e me ajeito para ele se sentar ao meu lado.

— Como ele tá?

— Exatamente igual a duas horas atrás. — Rio me dá um sorriso que diz: “relaxa, amigo, a coisa vai ser lenta por aqui”.

Balanço a cabeça e tomo um gole do que seja lá que está ali dentro e, assim que sinto o sabor, desejo cuspir.

— Mas que diabos é isso?

— Vitamina de abacate.

Abro a tampa e vejo um líquido espesso e verde, que faz meu estômago vazio se revirar.

— Pelo amor de Deus, Rio, isso deveria ser proibido!

— Abacate faz bem para o coração. — Ele se senta ao meu lado e devolvo o copo. — Você deveria comer mais, se continuar nesse ritmo vai infartar antes de completar quarenta anos.

— Isso é algum tipo de visão do futuro?

— Não, é só uma constatação óbvia, você tá um trapo, não come direito, bebe e fuma o dia todo e eu sei que não é apenas por causa do

Bernardo, você vem se negligenciando há anos.

— Isso não é verdade — minto.

— Esqueceu do Fábio? Ele me deixa a par de tudo o que você tenta esconder.

— Aquele fofoqueiro — resmungo e Rio me entrega uma maçã.

— É bom para sua garganta e cordas vocais.

Limpo a maçã na minha camiseta e mordo um pedaço sentindo o líquido escorrer por minha boca.

— Obrigado por tudo — agradeço, nas últimas vinte e quatro horas é a palavra que mais sai da minha boca e, cada vez que a pronuncio, sinto-me grato por poder falar isso tantas vezes.

Posso dizer que nesse aspecto da minha vida sou um homem privilegiado, tenho poucos, mas tenho os melhores amigos que alguém pode desejar e isso é o que importa. Meu pai sempre me disse que amigos são bens que acumulamos ao longo da vida. Sendo assim, posso me considerar rico.

— Ainda a garota do *réveillon*?

— Como você sabe? — Olho surpreso para Rio, que está tomando a gororoba verde como se fosse a coisa mais deliciosa do mundo.

— Você estava olhando para o celular com cara de idiota, imaginei que fosse ela.

— Eu não estava olhando para o celular — me defendo.

— Estava sim e eu fico feliz, você merece.

Ele dá um tapinha em minha perna e, por um instante, sinto-me um adolescente prestes a ter aquela conversa embaraçosa com o meu pai.

— Do que você está falando? Não me lembro de te ver com nenhuma garota.

— Mas a diferença entre mim e você é que eu ainda estou procurando a garota, você continua fingindo que não quer.

Tenho vontade de falar para ele que, mesmo que eu tenha passado minha vida me esquivando, talvez eu já a tenha encontrado, mas a verdade é que, para que eu possa falar isso para ele, eu preciso primeiro admitir para mim mesmo e ainda não estou pronto para isso.



“Então, vocês são os três mosqueteiros?”

A mensagem de Cristal chega e eu me acomodo no banco do carro para poder responder.

Estamos conversando há quase duas horas, desde que admiti para mim mesmo que não me importava se ela estava me evitando e mandei uma mensagem com a desculpa esfarrapada de perguntar sobre suas queimaduras de sol.

“Somos, de um jeito esquisito, mas somos.”

“Como assim?”

“Fábio é o homem perfeito, eu juro que se tivesse uma filha, gostaria que ela se casasse com ele.”

Enrugo o nariz assim que envio a mensagem embora pareça um pouco esquisito, é exatamente isso que meu melhor amigo é, o homem

perfeito.

“Ainda dá tempo de fazer uma filha. Kkkk.”

Ela responde de volta e quase posso imaginar o sorriso se espalhando por seu rosto.

“Ele já foi fisgado, fica pra próxima.”

Estou com um sorriso idiota no rosto quando uma mulher estaciona ao meu lado e desce olhando para mim como se eu fosse algum tipo de *serial killer*.

Arrumo o banco e dou partida no carro enquanto coloco o celular no painel e ligo o viva-voz.

A chamada demora apenas um toque para ser atendida e meu sorriso aumenta.

— *Saudades da minha voz?* — brinca assim que atende.

— Na verdade estou dirigindo.

— *Então é melhor eu desligar.*

— Não precisa, estou no viva-voz.

— *Tem certeza?*

— Tenho.

— *Então, me fale do seu outro amigo.*

— Rio é um pé no saco, vive me enchendo porque não me alimento, não faço exercícios, não me conecto com a natureza, essas coisas todas.

— *Ele te ama, se preocupa com você.*

— Eu sei, eu também o amo. Mas ele passa dos limites, é quase como se fosse um pai extra... — E cá estou eu me abrindo, mais uma vez, para

essa garota com uma facilidade que me surpreende.

Conto para Cristal algumas aventuras da época em que eu vivia aqui, há tanto tempo que eu tenho a sensação de que foi em outra vida.

— *Rio deve ser um cara legal, eu gostaria de conhecê-lo.*

— Ele dá aulas de surfe, você e suas amigas deveriam passar por lá, elas vão se divertir eu garanto.

Chego à porta do hospital e retiro o celular do viva-voz levando-o para meu ouvido.

— Cheguei.

— *Ótimo, agora estou mais tranquila sabendo que você comeu um pouco.*

Sua voz soa um pouco mais baixa e fecho os olhos desejando que ela pudesse estar aqui, gostaria de poder segurar sua mão, conversar olhando em seus olhos, observando o seu sorriso. Admirando-a.

— Acho que você e Rio se dariam bem, ambos são ótimos para dar ordens.

— *Tenho certeza de que seríamos invencíveis* — brinca e rio, mas logo meu riso se desfaz e ela parece sentir minha mudança de humor. Só não sei como consegue fazer isso. — *Daqui a pouco, ele vai ficar bem* — tenta me acalmar.

Puxo uma linha em minha camiseta me dando conta de que não saio desse hospital há dois dias.

Dois dias sem dormir direito.

Dois dias sem comer direito.

E graças a Cristal, estou aqui, me mantendo forte.

— Ele não vai ficar bem Cristal.

— *Talvez não o tanto que você gostaria, mas o suficiente para poder voltar para casa.*

— Como você sabe?

— *Vocês têm questões pendentes, Tomaz, ele não vai embora antes de resolver isso com você.*

Penso por um instante em tudo o que ela tem me falado nos últimos dias, sobre perdão e arrependimentos. Cristal é sutil e quase sempre divertida, mesmo assim suas palavras sempre me atingem de uma forma dolorida.

— Você é incrível — admito e ela demora um instante para responder:

— *Eu sei.* — E desliga.

Por cerca de um minuto, eu continuo sorrindo.



*“Querida Cristal,
Eu já tenho tanto orgulho de você e nem vi seu rostinho ainda.
Com amor,
Mamãe.”*

Se uma pessoa pudesse realmente morrer de remorso eu estaria morta nesse exato momento. Enquanto observo o sol se pôr debaixo do guarda-sol e com uma camada generosa de protetor solar, posso ouvir os gritos das minhas amigas enquanto ouvem as instruções de Rio.

Nunca imaginei que um dia diria isso, mas a verdade é que eu sou uma cadela cretina, que merece morrer sozinha.

De remorso.

Minha mãe estaria com vergonha de mim se pudesse me ver nesse momento e meu pai me recriminaria com toda a certeza do mundo. Meu pai odeia mentiras de qualquer tipo e eu o compreendo, ele já teve sua cota de mentiras para uma vida inteira.

Mas eu já criei tantas desculpas para justificar o que estou fazendo que, às vezes, acho que sou capaz de convencer até mesmo Deus.

Ah, meu Deus... o que estou fazendo?

Hoje, enquanto ele me contava o quanto Fábio é especial, eu quase falei; por um momento, eu quase disse a ele o quanto eu estou sendo uma cretina e o quanto não mereço ser chamada de incrível, porque tudo o que eu não sou é incrível.

Ou talvez eu seja uma incrível mentirosa.

Mariah se senta ao meu lado balançando os cabelos em minha direção, as outras meninas continuam conversando com Rio sobre algo que não faço ideia, mas que o faz rir e colocar a mão espalmada em sua barriga sarada.

— Tenho que admitir, esse homem molhado é a coisa mais gostosa que já vi na vida.

— Uhum... — respondo enquanto as palavras de Tomaz se repetem na minha cabeça.

“Acho que você e Rio se dariam bem.”

Cadela cretina...

— Qual o tamanho do espaço que o professor está ocupando no seu coração nesse momento? — Mariah pergunta ainda olhando para as meninas enquanto desembaraça os cabelos com os dedos.

— Como é?

— Eu sei que ele sempre foi o seu crush, mas eu achava que era aquela coisa de adolescente, que tem uma quedinha pelo professor gato.

— Do que você está falando?

— Você não chora desde que chegamos aqui e todas as vezes que te vi no celular havia um sorriso nos seus lábios.

— Você está insinuando que eu estou apaixonada pelo Tomaz?

Isso é tão absurdo, que é difícil até mesmo verbalizar essa frase.

— Não, eu só estou perguntando o quanto ele já entrou aí dentro. — Aponta para o meu peito. — Porque eu sei que aqui — ela bate o indicador em minha cabeça — Ele já dominou geral.

— Não fale besteira. — Afasto sua mão de perto de mim. — Você sabe que estou apenas me distraíndo.

— Aquilo ali é uma distração. — Ela aponta para Rio, que está com os braços cruzados na frente do peito, deixando seus bíceps proeminentes.

— Eu não posso me envolver com Tomaz, mesmo que eu estivesse disposta a isso.

— Por que não? Você é livre, ele também...

Levanto-me, sentindo-me desconfortável por ter essa conversa a poucos metros de distância do melhor amigo dele.

— Vou indo pra casa, estou começando a arder de novo — minto e começo a andar sem me importar que Mariah esteja me chamando.

Vou acabar com isso hoje mesmo, não é justo com ele.



Assim que chego em casa vou para o quarto e fecho a porta, sento-me na cama e desbloqueio o celular, há uma mensagem de voz dele, clico nela e encosto o aparelho no meu ouvido:

— *Ei, tenho boas notícias, meu velho já está no quarto; se tudo correr bem essa noite, amanhã ele voltará para casa. Estive pensando no que você me disse, acho que está na hora da gente acertar nossas contas, nossa... eu nem sei por que estou tão feliz, talvez você tenha razão, não é a quantidade de tempo, mas a qualidade. Obrigado, Cristal, de verdade, eu sei que estou soando repetitivo mas... sério, você é incrível, obrigado por me ouvir todos*

esses dias, por me distrair, no bom sentido, claro, e principalmente por me entender. Você não tem ideia da diferença que está sendo ter você.

Ouçó a mensagem mais duas vezes e, no fim da terceira, estou chorando.

Sinto que meu coração está estraçalhado e o remorso é tanto que mal consigo respirar. Dói.

Há um conflito dentro de mim, não posso fazer isso com ele, não agora nesse momento tão delicado, ele precisa de apoio e, por alguma razão que eu não faço a menor ideia, ele encontrou em mim algo que o acalma. Eu sou esse apoio, então preciso esperar.

Clico no seu nome e o telefone chama, na quarta vez estou quase desligando quando ouço a sua voz do outro lado da linha.

— *Cristal?*

Fecho os olhos e sinto um arrepio em minha espinha quando sua voz rouca de sono invade meus ouvidos.

— Ai, meu Deus, eu te acordei?

— *É, acabei apagando aqui no carro, aconteceu alguma coisa? Você está bem?*

Ele pigarreia um pouco, mas sua voz parece tão rouca e baixa que eu gostaria de pedir a Deus que a deixasse assim para sempre.

— Eu ouvi o seu áudio, quis dizer o quanto estou feliz.

— *É, eu te mandei assim que soube, imaginei que estava com suas amigas.*

“E com o seu melhor amigo”, digo para mim mesma sentindo o remorso me corroer.

— Estávamos tendo uma aula de surfe.

— *O quê? Por que não me disse? Você conheceu o Rio?*

— Uhum... Conheci, ele é realmente incrível. — Sinto um alívio ao diminuir ao menos um pouco o peso da culpa.

— *Opa, como assim incrível?*

— Me refiro como instrutor e toda essa coisa de respeite o mar, ame o sol, agradeça a natureza.

Tomaz ri, uma risada rouca e tão sexy que eu me sinto a garota mais pervertida da face da Terra porque ela causa um burburinho em meu estômago.

— *Ele é isso tudo aí mesmo. Poxa, gostaria de ter estado lá para te ver sofrer nas mãos dele.*

— Ah... eu não participei das aulas. Só assisti.

Levanto-me e vou até a janela, olho para a praia ao longe e, pela primeira vez desde que chegamos aqui, sinto que vou levar boas lembranças desse lugar.

— E aí, já pensou em como vai ser quando ele voltar pra casa?

— *Ainda não, estou me acostumando com a ideia de falar com ele.*

— Acho que vai ser bacana, você vai se sentir mais leve quando finalmente aceitar que nem sempre a vida é como a gente gostaria. — Penso em todas as coisas que eu gostaria de mudar na minha própria vida, em tudo o que já passei e as coisas que um dia posso vir a passar.

— *Nunca é, né?* — ele diz depois de um tempo.

— Nunca — falo sentindo que essa é a maior verdade de todas. Talvez a única.



Estou parado na porta do quarto dele, Rio e Fábio estão lá dentro, estou tentando entrar, mas não consigo. estou tremendo tanto que tenho a sensação de que vou despencar a qualquer instante.

— Ei, Tomy, não se cobre tanto. — Verônica aparece ao meu lado segurando dois copos de café, um para ela e um para mim.

— Obrigado. — Recebo o copo e me dou conta de que tudo o que comi nesses dias em que estive aqui foi dado por meus amigos, o tempo todo eles me alimentaram, com comida e com palavras.

— Vem, vamos dar uma volta, quero bater um papo com você.

Verônica começa a andar e a sigo sorrindo com a sua capacidade de ser tão mandona até mesmo quando está usando uma saída de praia e chinelos.

Saímos do hospital e ela me leva até uma praça do outro lado da rua onde há um banco. Verônica se senta bebericando o seu café, como se estivesse em uma praça qualquer de uma cidade charmosa da Europa. Sento-me ao seu lado e tomo mais um gole do meu enquanto espero que ela diga seja lá o que for.

Ela ajeita os óculos de sol e olha em volta, depois cruza as pernas e bebe mais um pouco do seu café.

— Já parou para pensar que a gente se conhece há dez anos? — ela começa.

— Pois é.

— Eu quase não me lembro mais da garota que fui quando tinha vinte anos — diz ainda sem olhar para mim. — Eu era uma garota feliz, sabe, amava a minha vida de baladeira, até o dia que eu conheci o Gabriel. — Ela bebe mais um pouco do seu café e faço o mesmo, porque só de lembrar daquela época já me sinto desconfortável. — Eu não estou julgando-o nem nada, afinal de contas já conversamos milhões de vezes sobre isso e eu sei que ele não teve culpa de nada, mas se existe uma coisa que eu gostaria de apagar da minha vida, é o dia em que conheci o Gabriel.

— Por que você está falando isso para mim? — pergunto sem entender onde quer chegar.

— Calma aí, professor. — Ela descruza as pernas e cruza do outro lado. — Eu quero dizer que, se eu pudesse, mudaria as coisas como elas aconteceram, porque não há nada nessa vida que possa apagar a culpa que senti por anos.

—Vê, qual é? Você não teve culpa de nada.

— Por minha causa, meu irmão ficou três dias no hospital, minha melhor amiga quase foi estuprada e o Gabriel quase morreu.

— Jesus Cristo! De onde você tirou isso?

Ela ajeita os óculos de sol e ergue o rosto em uma postura que pode ser interpretada como arrogância por qualquer um que a vir assim de longe, mas que eu sei que é porque ela não quer deixar as emoções a dominarem.

— Eu não consegui ver o Vini naquela cama nem um dia sequer, eu mal conseguia me levantar.

Ela fala sobre a briga que Vinicius teve com Gabriel, faz tanto tempo que eu mal me lembrava disso, mas, pela forma como Verônica diz, essas lembranças ainda são frescas em sua memória.

— Se não fosse pela Carol, que não saiu do meu lado, eu acho que eu poderia até ter cometido uma loucura.

Carol, sempre colocando o bem-estar de todos acima do seu, ainda me lembro a forma como ela se sentia culpada no fim do nosso namoro, quando, na verdade, eu era o intruso na história dela com o Gabriel.

— Para, Vê, todos nós sabemos que você não teve culpa de nada.

— Hoje eu sei, dez anos de terapia me ajudaram a compreender que nem tudo de ruim que acontece a nossa volta é nossa culpa.

Ela se vira para mim segurando minha mão com a sua, a forma carinhosa com que ela sorri me faz perceber o quanto Verônica mudou em todos esses anos.

— Sabe qual foi a parte mais difícil de tudo para mim? — Nego com a cabeça. — Superar o fato de não ter visto a Carol, de não ter estado ao lado dela quando ela ficou naquele hospital, porque, quando eu precisei, foi ela quem me segurou.

— Você já segurou a Carol também, Vê.

— Mas não naquele momento em que minhas atitudes haviam chegado ao ápice da tragédia.

— Nós somos humanos, imperfeitos e fracos, não é justo se culpar por algo que era mais forte do que você.

— Eu sei, mas a culpa não tem escrúpulos, ela se alimenta da nossa maior fraqueza, a minha é a Carol e o Vini. — Ela ergue os ombros, como se admitir algo tão íntimo não fosse nada de mais. — E o Fábio, claro.

— Por que você está me falando essas coisas?

— Porque sua fraqueza é o seu pai e eu sei que você não é o tipo de cara que vai sentar a bunda no consultório de um terapeuta para se libertar dos seus fantasmas, então eu estou aqui adiantando algumas coisas para você. — Ela bebe um longo gole de café. — Pare de se culpar por coisas que não dependem de você, não alimente o seu orgulho, ele é ganancioso e nunca está satisfeito, aproveite o seu tempo com seu pai, não se obrigue a fazer mais do que seu coração lhe permita fazer e o mais importante de todos os conselhos. Ame, Tomaz, permita que o amor seja o seu escudo, porque ele é o único sentimento capaz de curar as dores da vida.

Assim que termina de falar, Verônica ergue os óculos escuros em seus cabelos loiros e se inclina em minha direção para fazer algo que eu não estava esperando.

Ela deixa um beijo em minha bochecha e me abraça.

— E pode ficar tranquilo, estaremos aqui para segurar você, sempre.

Envolvo meus braços em torno de seu corpo e a abraço.

— Valeu, Vê! — é tudo o que consigo dizer porque, de repente, meus olhos ficam nublados e as palavras parecem pedras, entaladas em minha garganta.



Assim que chego em casa tomo um longo banho, deixando a água morna desfazer todos os nós dos meus músculos e levar embora todo o estresse dos últimos dias. Ainda estou com as palavras de Verônica vagueando por minha mente, como um lembrete de que preciso agir

antes que seja tarde demais, e desde então eu venho dizendo para mim que vou seguir seus conselhos.

Inclino minha cabeça deixando o jato atingir minha nuca, estou tão tenso que sinto dor quando a água bate em minha pele. Meia hora depois me obrigo a sair, enrolo uma toalha no quadril e saio.

Passo pela cozinha e encontro minha mãe sentada encarando uma caneca colorida com algum tipo de chá dentro, seus cabelos grisalhos estão soltos em ondas que se espalham por seus ombros e, por um momento, me recordo de como eu sempre amei seus cabelos. Ela parece exausta, não consigo sequer imaginar o que ela sentindo, vendo o seu marido cada dia mais fraco, mais perto do fim.

— Oi, filho — ela diz ainda passando o indicador na borda da caneca.
— Está se sentindo melhor?

— Um pouco, acho que preciso dormir.

— Quer comer algo?

— Não, estou sem fome. E a senhora, como está?

— Bernardo está em casa, estou bem agora. Ele odeia o hospital. —
Ela ergue o rosto, encarando-me finalmente, e sorri.

— É, eu sei, também odeio.

— Mas você não saiu de lá nem um minuto sequer.

— Eu não podia deixá-lo sozinho.

— Ele não estava sozinho. Você sabe.

— Mesmo assim, eu sei como ele estava se sentindo, ele faria o mesmo por mim.

— Eu sei, filho.

Minha mãe se levanta e vem até mim, ela espalma a sua mão em meu peito e acaricia minha pele com as pontas dos dedos.

— Eu amo tanto você.

— Eu também, mãe. — Puxo sua cabeça para mim e beijo seus cabelos, ela me abraça por um instante e eu gostaria de poder tirar a dor em seu coração nesse momento. Eu não ligaria de carregá-la em meu peito.

— Vai lá descansar. — Ela se afasta. — Odeio ver essas olheiras em seus olhos.

— Eu vou, qualquer coisa me chama.

Afasto-me sentindo o cansaço dos últimos dias me derrubar; quando chego ao meu quarto não me importo em vestir uma roupa, apenas me jogo na cama e fecho meus olhos antes mesmo da minha cabeça encostar no travesseiro.

E então eu apago.



Quando acordo, a casa inteira está em silêncio, nem mesmo Hendrix está no meu quarto. Levanto-me e vou até a cômoda pegando um short e o visto, saio atrás de algo para comer e encontro Rio deitado no sofá assistindo a um filme e meu cachorro deitado ao seu lado como o bom traidor que ele é.

Meu cachorro...

Desde quando eu tenho um cachorro? Afasto essa ideia da minha cabeça porque ele não é meu, em breve voltarei para a minha casa e Hendrix não tem lugar em minha vida. Seu lugar é aqui, ao lado do meu pai. E de Rio.

— Ei — ele fala ao me ver e a ideia de Hendrix deitado em seu colo quando eu for embora me deixa de mau humor.

— Você chegou que horas? — Sento-me ao seu lado e dou batidinhas na minha perna chamando a atenção do cachorro, que se arrasta preguiçosamente para o meu lado.

Bem melhor assim.

Roubo um pedaço da pizza que está na mesinha, para minha sorte é de muçarela de búfala, mesmo assim parece a coisa mais gostosa do mundo.

— Era umas nove, terminei a última turma e vim para cá, achei que vocês estariam precisando.

Nove? Olho para o relógio, já passa das duas, não acredito que dormi tanto tempo.

— Valeu — digo de boca cheia e Rio me entrega um copo de suco de abacaxi, que bebo sem reclamar.

Mais algumas semanas vivendo aqui e me tornarei aquilo que eu mais temia: o cara que come salada.

— Hoje conheci a tua garota — Rio diz ainda olhando para a TV e ignoro o meu coração, que dispara no peito.

Minha garota?

— Ela não é minha garota — o corrijo, mas a forma como ele me olha faz parecer que estou mentindo. — E como você sabe que é ela?

— Porque eu sei, e não existem muitas Cristal por aqui, né?

Não me recordo de ter falado o nome dela para ele, mas ultimamente os dias estão passando como um borrão e eu mal me recordo do que tenho comigo, o que dirá o que falo.

— Ela é bonita. — Meu amigo olha para mim com um sorrisinho que me deixa nervoso. — Não parece muito o tipo de garota com quem você sai, mesmo assim ela tem uma beleza clássica, exótica.

— Ela é, ao menos o que me lembro.

Só então me dou conta da verdade das minhas palavras. Embora tenha falado com Cristal todos os dias, eu só a vi uma única vez, e mesmo assim o álcool nublou a maioria das minhas memórias. Droga, eu nem ao menos sei a cor dos seus olhos!

— Acho que pode ser ela — ele diz com um pedaço de pizza na boca enquanto assiste tevê.

— Não viaja, Rio, ela vai embora em dois dias e eu estou aqui. — Aponto para a casa dos meus pais.

— E daí? Relacionamentos a distância acontecem o tempo todo.

— Não vai rolar, eu não estou pronto para isso. Jesus Cristo, eu nem sei se ela quer algo comigo, a gente só se viu uma vez. Acho que somos mais como amigos.

Rio ergue uma sobrancelha e olha para mim.

— E ela já fez esse estrago todo? Aquela carinha de anjo... eu sempre tive medo desse tipo de garota.

— Que tipo de garota?

— As que iluminam o mundo com o seu sorriso.

Abro a boca para contestar o que ele diz, mas Rio tem razão, Cristal é o tipo de garota que ilumina o mundo.

Principalmente o meu mundo.



*“Querida Cristal,
Sabe qual a beleza da vida?
Não saber nada sobre o dia de amanhã,
Isso nos permite sonhar...
Com carinho,
Mamãe.”*

Dois dias...

Me pego olhando para o teto e tentando descobrir onde foram parar os outros seis. Ou foram dez? Eu não me recordo de nada. Desde o dia em que chegamos aqui, eu só consigo pensar em uma coisa. Na verdade, em uma pessoa.

Tomaz.

Ele toma meus pensamentos, meus sonhos, minhas palavras, todas as horas da minha vida e, mesmo quando acho que não estou pensando nele, ouço uma música que me faz lembrar dele.

Agora já são 55 mensagens acumuladas na minha caixa e eu não tenho mais vontade de ler, elas não significam muito para mim, ainda

machucam, mas não importam mais.

Temo que, no instante em que eu voltar para a minha vida, a dor surja novamente e eu me esqueça dos dias em que passei aqui nesse pedacinho particular do paraíso.

Olho para o celular tentando controlar a minha vontade de mandar uma mensagem para Tomaz, ainda são apenas seis da manhã e estou observando as meninas se arrumarem para a aula de surfe.

— Eu ainda não entendi por que vocês continuam fazendo essas aulas, se em dois dias iremos embora?

— Porque gostamos — Juliana justifica.

— Porque o professor é um gostoso — Débora completa.

— Porque queremos aprender a ficar em pé na prancha — Mariah diz, mas o sorriso que tenta esconder é o suficiente para que eu saiba que está mentindo.

— Você deveria vir com a gente, hoje o Rio vai nos deixar fazer *stand up paddle* — Juliana fala com tanta empolgação, que me faz rir.

— Vocês sabem que eu não posso fazer, sem contar que esse sol está me matando. — Olho para meu ombro em estado de descamação severa e gemo só de imaginar como ele vai ficar quando toda essa pele morta for embora.

As meninas terminam de se arrumar e saem, combino de me encontrar com elas no fim da tarde quando o sol estiver mais tranquilo, eu estou realmente bastante queimada. Quem manda ser tão branca.

Tento dormir um pouco mais, mas não consigo, estou agitada. Abro o celular mais uma vez, há uma mensagem de bom dia do meu pai dizendo que está com saudades. Para que ele me envie mensagens deve estar com muitas saudades.

“Em dois dias estarei aí para te encher o saco. ☺”

Envio a mensagem e abro o *Instagram*, procuro por Tomaz e encontro seu perfil fechado, fico frustrada, mas sei que não posso enviar uma solicitação.

Abro o meu perfil e vejo as fotos, algumas das minhas favoritas estão aqui, Londres, Paris, Chile, Roma, Nova York... minha família.

Sinto-me mal por saber que o que estou fazendo não tem desculpa, é errado em todos os níveis. Preciso contar, estou decidida que farei isso antes de ir embora.

Coloco em um episódio de *Grey's Anatomy* e acabo adormecendo antes que alguém morra, acordo com o som do meu celular tocando ao meu lado e atendo ainda de olhos fechados.

— Alô...

A chamada fica em silêncio por tanto tempo, que o tiro do ouvido para ver se não foi finalizada.

É ele.

— Tomaz?

— Oi.

— Está tudo bem? — Sento-me sentindo o coração afundar em meu peito.

Deus, por favor... não.

— *Está sim, eu estava apenas absorvendo o som da sua voz.*

Respiro aliviada e volto a me jogar nos travesseiros com o sorriso mais idiota do mundo.

— Engraçadinho.

— *O que você está fazendo dormindo às dez da manhã com um dia lindo desse?*

Abro a janela só um pouquinho para poder observar lá fora.

— É exatamente por causa desse dia lindo que estou aqui dentro.

— *Já está descascando?*

— Eu me pareço com uma cobra albina, chega a ser nojento — resmungo e tudo o que ele faz é rir. — E como estão as coisas aí?

Ele respira fundo como se falar sobre seu pai exigisse muito mais do que está disposto a dar.

— *Indo, ele dorme a maior parte do dia, os medicamentos estão deixando ele um pouco grogue.*

— Imagino.

— *Ainda não falei com ele.*

— Tudo a seu tempo, o importante é que você está aí.

— *Sim, eu sei.*

O silêncio se estende por um tempo até que ele fala:

— *Eu sei que pode parecer loucura, para o Rio é, ele acha que estou meio maluco.* — Tomaz ri, como se ele mesmo não acreditasse no que está falando. — *Mas eu me sinto melhor desde que te conheci.*

Abaixo o olhar para o meu colo e, mesmo sabendo que estou sozinha, sinto meu rosto aquecer.

— Eu também — admito sem dizer o quanto ele me ajudou a cicatrizar meu coração nesses últimos dias.

Ouçó sua respiração, forte e pesada antes dele continuar:

— *Quando você vai embora?*

— Depois de amanhã.

— *Quero te ver, Cristal.*

— Eu também quero, mas...

— *Não, por favor, sem mas, eu só preciso te ver antes que tudo mude.*

Tudo vai mudar, Tomaz, não tem como evitar.

— Eu sei...

— *Você não quer me ver? É isso? Porque se for, eu vou entender, juro que vou.*

— Não é isso, eu quero. — Mordo meu lábio tentando encontrar uma maneira de falar para ele a verdade. — É que...

O latido estridente do cachorro dele me interrompe e interpreto como um sinal dos céus para que eu não fale nada. Ao menos não ainda, não assim, através de uma ligação.

— Eu preciso ir — minto enquanto ele conversa com o cachorro. — A gente se fala.

— *Cristal? Espera...*

Desligo a chamada.

Sou oficialmente a maior cretina que já existiu na face da Terra.

Parabéns, Cristal.



Ignoro as mensagens dele no resto do dia.

Ignoro as mensagens do meu pai também.

Para dizer a verdade, assim que encerrei a chamada com Tomaz, mandei uma mensagem para Mariah dizendo que eu estava indisposta e que não iria ao passeio, em seguida desliguei o telefone.

Atitudes cretinas de uma garota cretina.

Às duas da tarde, não suporto mais a minha companhia e decido dar uma volta na praia, coloco um chapéu e óculos escuros para o caso de precisar me esconder, não sei se terei coragem de encará-lo assim, no meio do dia, com o sol iluminando a minha cara de pau.

Com certeza não.

Quando volto para casa já está escuro e as meninas estão de volta.

— Mas o que diabos está acontecendo com você? — Mariah esbraveja assim que abro a porta.

— Não começa. — Ergo a mão silenciando-a. — Eu fui dar uma volta, não estava tentando me suicidar.

Ela revira os olhos e me sinto mal por ter sido grosseira com ela, mas, às vezes, Mariah me sufoca e hoje não é um bom dia para lidar com sua pressão.

— Seu pai ligou três vezes.

— Ótimo, você deve ter adorado.

Entro no quarto e jogo o chapéu e os óculos de sol na cama.

— Não seja uma cadela comigo, eu não sei o que está acontecendo, mas não vou aceitar que desconte em cima de mim.

Mariah para no batente da porta e cruza os braços no peito.

— Me desculpe, hoje não é um bom dia.

— Ele te ligou?

— Sim, e eu não consegui falar. — Sento-me na cama e apoio meu rosto em minhas mãos sentindo-me exausta.

— A hora certa vai chegar — ela diz, mas ainda sinto a mágoa em sua voz. — Liga para o seu pai.

Ela sai fechando a porta e me deixando sozinha com o meu péssimo humor.

Ligo o celular e as mensagens apitam dramaticamente como se todos estivessem desesperados para falar comigo. Essa é uma das utopias das redes sociais, fazer com que a gente realmente se sinta importante, quando na verdade não somos.

As mensagens passam voando sobre a tela, algumas eu não consigo ler, mas então uma chama a minha atenção.

“Acho que entendi errado nossa conversa, ou talvez eu esteja sendo um pouco apressado, desculpe se você achou assim... bom, quero dizer que amanhã é o aniversário do Rio, acho que ele convidou as suas amigas, estarei lá, caso queira me ver mais uma vez.”

Meus dedos tremem enquanto escrevo a mensagem de volta, é ridículo porque é a situação perfeita para nos vermos e resolver isso tudo de uma vez.

“Ótimo, te encontro lá.”

Aperto em enviar e sinto meu estômago se retorcer em expectativa. Acho que a hora chegou.



Quando eu tinha quinze anos, apaixonei-me por uma turista. Ela era linda, tinha longos cabelos castanhos, que cheiravam a protetor solar; e sardas no rosto, que se acentuaram com o sol escaldante do verão.

Ficamos juntos por uma semana, sete dias incríveis, nos beijamos mais nesses sete dias do que já beijei durante toda a minha vida, fizemos juras de amor e promessas de que nunca nos separaríamos, trocamos endereços, telefones. Tínhamos, em nossa inocência juvenil, a certeza de que havíamos realmente encontrado nossas almas gêmeas aos quinze anos.

É claro que não nos vimos nunca mais, trocamos três cartas e alguns telefonemas, depois, a vida se encarregou de nos mostrar que o amor de verdade precisa ser forte para suportar os percalços do caminho.

Hoje, aos trinta e três, tenho quase certeza de que o amor se baseia em sexo e muita conversa furada sobre sentimentos enaltecidos por um desespero de estar sozinho.

A verdade? Talvez o Tomaz de quinze anos tenha perdido a fé no amor, algo que alguns anos depois foi constatado que, se é real, nasci com imunidade a ele.

Olho para a mensagem que chegou há alguns minutos e não sei bem o que pensar, quero ligar para ela e confrontá-la, quero dizer que estou sentindo a sua falta antes dela ir embora e que, mesmo sabendo que podemos continuar esse nosso estranho relacionamento virtual aqui nessa cidade ou no Japão, estou com medo do que vai acontecer quando ela se for.

O problema é que não sei do que tenho medo.

Vou até o quarto onde meu pai dorme há mais de três horas, estou começando a ficar nervoso, tenho medo de que, a qualquer momento ele deixe de dormir e... afasto esse pensamento e abro a porta devagar, ele está do mesmo jeito que da última vez que o vi, entro e dessa vez crio coragem e vou até sua cama. Venho pensando muito no que Verônica disse, ela tem razão, não sou um cara que divide suas merdas com ninguém, além de Cristal, e sei que, se eu não fizer algo agora, carregarei comigo algo que nunca vou superar.

Remorso.

Aproximo-me de sua cama e estendo minha mão para tocar a sua, está fria, mas seu peito ainda sobe e desce, tranquilizando-me.

Não muito.

É difícil vê-lo assim, o homem que sempre se orgulhou de ser o primeiro a acordar e o último a dormir, agora está aqui, deitado nessa cama, à mercê de medicamentos que o fazem apagar a maior parte do tempo.

Eu odeio vê-lo assim.

Essa constatação me assusta porque, pela primeira vez desde que ele adoeceu, eu cogito a possibilidade de que ele merece descansar de verdade. Sem dor, sem remédios, sem expectativas de algo que não vai acontecer.

— Vou sentir sua falta, pai — sussurro, tão baixo que quase não consigo ouvir a minha própria voz.

Puxo uma cadeira e me sento ao seu lado, retiro o celular e abro o aplicativo de música, *The Dark Side of the Moon* está no topo; sempre foi o nosso álbum favorito de todos os tempos e até hoje é o que ouço quando não consigo pensar.

As batidas começam, o relógio da vida ditando o tempo que teremos juntos.

Não é muito, mas quero que seja especial. Preciso que seja.

Coloco o celular no colchão e me inclino deitando minha cabeça ao seu lado. Fecho meus olhos e me sinto embalar nas ondas de *Breathe*, e ela nunca fez tanto sentido como agora.

Respire pai... só mais um pouquinho, ainda não estou pronto para te permitir voar...



Estou na cozinha fazendo um miojo, sinto-me o próprio *Withe* cozinhando metanfetamina, se bem que, para a minha mãe, com certeza dá no mesmo.

Faz meia hora que acordei, ainda estou dolorido, mas me sinto estranhamente feliz, a ponto de cantarolar enquanto jogo o pó duvidoso no macarrão.

— Se sua mãe te ver fazendo isso vai te matar.

Viro-me rapidamente quando ouço sua voz, por um instante não a reconheço. Grave demais, baixa demais, fraca demais.

— Pai? O que o senhor está fazendo de pé? — Vou até ele e o ajudo a se sentar.

— Eu acho que tirei uma boa soneca. — Ele tosse entre as palavras e tenho medo de que se levantar tenha sido uma má ideia.

Pego um copo com água e entrego a ele, que bebe dois goles com dificuldade.

— Vá comer, Tomaz, antes que sua mãe chegue. — Ele balança a mão em direção ao fogão.

Despejo meu jantar em um prato e pego mais um colocando uma pequena porção para ele.

Meu pai sorri e sinto vontade de chorar.

Foi ele quem me ensinou a amar essa porcaria, miojo sempre foi a nossa comida especial, quando estávamos de saco cheio de comer as coisas que a minha mãe cozinhava.

Sempre à noite, escondidos. Nosso segredo.

O silêncio desse momento só é quebrado pelo som dos talheres e da tosse. Até mesmo Hendrix dorme tranquilamente na porta, como se estivesse nos protegendo da chegada de intrusos.

Pergunto-me se, assim como eu, meu pai também está recordando algumas das vezes em que fizemos isso no passado. Eu espero que sim.

— Sabia que os flamingos são rosas por causa da sua alimentação — ele fala enquanto remexe o miojo de um lado para o outro no prato.

Paro com o garfo no ar, preciso engolir o nó que se forma em minha garganta quando olho para o homem que me ensinou a decorar coisas inúteis por toda a minha vida.

— Acha que, se tivéssemos seguido à risca a dieta da mamãe, seríamos esverdeados?

— Bem provável que sim. — Ele ergue o garfo e sorri.

E eu sorrio junto ignorando a lágrima perdida que escorre por meu rosto.



Depois do nosso jantar clandestino e ilegal lavo os pratos para que não haja nenhuma prova do nosso crime e ajudo meu pai a voltar para o quarto, é uma longa e cansativa caminhada de dez metros.

Estamos assistindo Indiana Jones, acho que é o segundo, não tenho muita certeza, mas me lembro de que ele sempre dizia que um bom historiador pode desbravar o mundo.

Quando criança, eu achava que ele era o próprio Indiana, forte, destemido e inteligente. Talvez ele ainda seja para mim. Talvez por isso esteja tão difícil aceitar o fim.

O telefone toca chamando minha atenção, olho para meu pai e ele diz para eu atender. Quando vejo o seu nome na tela, não tenho certeza do que fazer, nem se devo mesmo atendê-la, mas a curiosidade fala mais alto.

— Oi.

— *Oi* — ela fala do outro lado da linha e é o suficiente para que eu me torne um idiota. — *Eu... me desculpe por hoje mais cedo, eu não quis te dispensar.*

— Mas dispensou.

— *Eu sei, por isso estou ligando para me desculpar, eu não estava muito bem e...*

— Tudo bem, não tem problema.

Mentira. Tem sim, você fez eu me lembrar porque não gosto de me relacionar com ninguém. Não que o que temos seja um relacionamento. Digo a mim mesmo. Mas não gostei da sensação de ser descartado que me acompanhou durante todo o dia.

— *Você está assistindo Indiana Jones e o Templo da Perdição?* — ela pergunta do outro lado da linha.

Olho para a tela sem saber o que falar, Harrison Ford está pendurado em uma ponte, tentando não morrer pela milionésima vez e eu não faço ideia de como ela sabe.

— Sim, eu não sei, quer dizer, acho que sim. — Olho para o meu pai e ele está prestando atenção em mim. — Como você sabe?

— *Eu e meu pai já decoramos todas as falas de todos os filmes da franquia.*

—É, eu sei como é. — Olho para meu pai mais uma vez, ele está sorrindo e imagino que já tenha notado que estou falando com alguém especial. — Estou assistindo com o meu pai também.

— *Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Eu não acredito que estou atrapalhando esse momento, sério?*

— Sim, não, quer dizer, você não está atrapalhando, só quis te contar — começo a me atrapalhar com as palavras e ela suspira do outro lado da linha, como se estivesse em êxtase.

Eu estou. Completamente.

— *Ele está bem?*

— Sim, está muito bem.

— *Pode dizer que eu mandei um oi?*

— Claro. — Volto a olhar para ele. — Pai, minha amiga, que também é apaixonada por Indiana Jones, está mandando um oi.

— Apaixonada por Indiana? Me deixe falar com ela. — Ele estende a mão pedindo o telefone e eu fico sem reação.

— Ele quer falar com você. Tudo bem?

— *Claro, eu vou amar.*

Levanto-me e levo o telefone para ele, sento-me ao seu lado enquanto ele fala com Cristal sobre Indiana Jones e a essência dos filmes dos anos 80, ele tosse algumas vezes, pausa a fala para respirar, mas, pelos dez minutos seguintes, eu consigo ver o meu pai exatamente como ele era antes de ter a sua vida roubada por essa doença.

E, nesse momento, eu tenho certeza.

Ela é especial.



*“Querida Cristal,
Às vezes precisamos desligar o som do mundo para ouvir o mais importante de todos, o que vem de dentro de nós.
Com carinho,
Mamãe.”*

Eu não faço a menor ideia do que estou fazendo e, desde que cheguei aqui, isso vem se tornando uma rotina em minha vida.

Converso com Bernardo por alguns minutos, ele sorri e me sinto feliz em saber que está bem, isso significa que Tomaz também está.

— *Uau! O que foi isso?* — Tomaz diz quando pega o telefone de volta.

— Né?

— *Ele estava realmente sorrindo?*

— Você ainda não acredita no meu poder de sedução, professor? — brinco enquanto me deito no sofá enrolando uma mecha de cabelo nos dedos, ainda sinto um pouco de falta dos cabelos longos e, embora na grande maioria do tempo eu não me dê conta, me arrependi de ter cortado.

— *De forma alguma, isso eu nunca duvidei* — ele diminui a voz e sorriu porque adora quando ele flerta comigo.

Deus, estou flertando com Tomaz.

Fecho os olhos e sinto o coração disparar no peito ao pensar que em breve ele vai me odiar. Porque eu sei que vai.

— Seu pai parece ser uma pessoa incrível — mudo de assunto porque não sei como reagir a suas palavras.

— *Ele é, sempre foi.*

— Como você está?

— *Não sei, confuso, com medo, com raiva, com saudades.*

— Ele ainda está aí.

— *É eu sei.*

— Curta bastante esse tempo de vocês, assista O reino da Caveira de Cristal.

— *Ah não, eu não posso fazer isso.*

— Você precisa, faz parte da tradição.

— *Qual tradição?*

— Você e seu pai.

Ele fica em silêncio e temo ter empurrado muito.

— Tomaz? — o chamo quando ele não diz nada.

— *Eu ainda estou aqui.*

— Eu te chateeí?

— *Não, eu só estou pensando.* — Eu já consigo reconhecer a tristeza em sua voz.

É engraçado o quanto podemos aprender sobre uma pessoa mesmo sem vê-las, apenas por suas palavras, ditas ou escritas. Sinto em suas palavras a apreensão com o futuro que ele ainda não conhece, mas teme.

— No que você está pensando?

— *Quando cheguei aqui estava tomado de raiva e negação, não aceitava a condição do meu pai e tudo o que eu queria era poder voltar para a minha vida e fingir que esses dias não existiram, mas eu te conheci e... quer dizer, a gente criou essa relação esquisita e agora que está chegando ao fim, eu não quero que acabe.*

Sinto suas palavras me tocarem de uma forma perigosa.

— Não acabou ainda, Tomaz. Nem eu e nem o seu pai acabamos ainda.

— *Promete pra mim que não acabou, Cristal.*

— Prometo, por mim não acabará.

Ele respira fundo e faço o mesmo sentindo o ar entrar com dificuldades em meus pulmões.

— *Desculpa, eu... droga, eu não deveria ter dito isso, acho que esse lance todo tá me deixando meio emotivo.*

— Acho melhor você voltar para o seu pai, ele está te esperando para terminar de ver o filme.

— *Verdade, eu vou lá.*

Desligo o telefone antes dele se despedir, não porque eu não queira ouvi-lo, mas porque, de repente, me despedir dele se torna difícil.

Cada dia mais difícil.

Vou até a cozinha e abro a geladeira desejando que o ar frio me ajude a pensar com clareza. Amanhã será o grande dia, preciso acabar com essa farsa antes que ele descubra, preciso contar para ele porque fiz isso, porque eu sei que, se eu conseguir explicar tudo, ele vai entender, eu sei que vai.

Pego um copo de água, olho para a garrafa de bebida aberta na geladeira e nunca desejei tanto beber quanto hoje.

Eu daria tudo por um porre.



Por fim me rendo e assistimos a todos os filmes da série, tento não pensar na sensação de que estamos correndo contra o tempo e que talvez não tenhamos outra chance, mas é impossível quando preciso parar a cada uma hora para verificar a sua medicação e todo o arsenal de coisas que ele tem acoplado em seu corpo.

Em algum momento acabo adormecendo na poltrona, ao lado da cama dos meus pais. Acordo com uma manta sobre meus ombros e um travesseiro embaixo da minha cabeça, um gesto tão simples, mas carregado de amor.

Minha mãe está deitada ao lado dele e me imagino no seu lugar, vendo a pessoa com quem ela dormiu nos últimos quarenta anos deixando-a aos poucos.

Meu coração dói de pensar nisso, vou para o meu quarto e desabo na cama, mas não consigo mais dormir, rolo de um lado para o outro até que decido levantar e seguir o que o meu coração pede.

Abro a gaveta, pego um caderno e um lápis e me sento com as costas apoiadas na parede, as palavras voam em minha mente, acumuladas por todos esses dias, desejando serem libertas da agonia de não poder sentir.

Palavras de dor, saudade, medo, amor.

Eu não queria escrever sobre meus sentimentos, mas sei que preciso porque eles me atormentarão um dia, não posso mais suportar carregar todos eles dentro de mim.

“Respire... por mim, só mais uma vez.

O céu está te esperando lá fora,

Vamos lá, só mais uma vez.

Estou tentando suportar,

Eu juro que estou”

O som do atrito do grafite no papel é a única coisa que ouço além do barulho do mar lá fora. As palavras começam sem sentido, as frases não se encaixam, a melodia não vem, é apenas um amontoado de frases que se acumulam no papel.

Eu tenho medo dos meus sentimentos.

Você chegou com seu sorriso iluminando minhas noites.

Agora você vai embora e eu não sei mais viver na escuridão.”

Continuo escrevendo, páginas e páginas que não chegam a lugar algum; em um momento, levanto-me e pego o violão, passo um tempo olhando para o papel, corrigindo estrofes, mudando palavras, trocando frases de lugar enquanto meus dedos passeiam pelas cordas do instrumento.

Uma melodia triste surge, aquecendo meu coração, toco baixinho, de olhos fechados, sem pensar em absolutamente nada além do seu som, da

forma como meus dedos conversam com o violão em meu colo e como a letra aos poucos se encaixa na composição.

O dia amanhece sem que eu perceba, minhas costas reclamam e meus dedos já calejados estão doloridos, meus olhos ardem, mas há um sorriso em meus lábios que só quem um dia já criou algo é capaz de saber.

É como ver a mágica acontecer.

Há dezenas de folhas de papel na minha frente, uma música pronta e mais uma rascunhada, me deito e ouço o que gravei no celular para não perder, anoto mais alguns ajustes enquanto ouço repetidamente a canção até que chego ao que eu quero.

Ouçó mais uma última vez, de olhos fechados, enquanto, em silêncio, penso que, às vezes, não adianta fugir, os sentimentos são como água, escapam por nossos dedos e ocupam tudo dentro de nós.



Quando acordo noto que todas as folhas estão arrumadas em cima da mesinha ao lado da minha cama e meu violão está de volta ao seu lugar. Sorrio, embora esteja com uma leve dor de cabeça, porque sei que minha mãe ainda vem ao meu quarto como se eu fosse um garotinho de quinze anos.

Quando chego a cozinha, ela está cantarolando enquanto prepara o almoço e estou faminto o suficiente para que sua comida se torne apetitosa.

— Noite produtiva?

— Sim, acho que sim.

— Que bom, estava com saudades de ouvir seu violão. — Ela se vira para mim e sorri.

Então me dou conta do quanto estava sendo egoísta ao pensar apenas em mim, em minha dor e revolta, ao acreditar que meu pai em sua decisão estava sendo egoísta, não me dei conta de que eu também estava.

Deixo um beijo nos cabelos da minha mãe e começo a arrumar a mesa.

— Como ele passou a noite?

— Bem.

— Ele já se levantou?

— Sim, está lá fora com Hendrix.

Termino de colocar os pratos na mesa e vou até o quintal. Encontro meu pai sentado em uma poltrona confortável, o cachorro deitado ao seu lado, como se soubesse que sua presença é importante.

— Oi, pai. — Inclino-me e deixo um beijo em seu rosto antes de me sentar ao lado do cão e fazer um carinho em sua cabeça escura.

— Ouvi você compor essa noite — ele diz ainda olhando para o mar.

— Não foi nada de mais.

— Espero que tenha sido para a garota do telefone. — Ele se vira para mim e sorri. — Ela parece o tipo de garota por quem os músicos compõem.

Aperto os lábios quando um sorriso idiota ameaça surgir e balanço a cabeça.

— Ela é só alguém que conheci na noite de *réveillon* — assim que as palavras saem da minha boca noto o quanto estou mentindo.

Cristal é bem mais do que isso, muito mais do que eu gostaria que fosse. Mais do que estou disposto a aceitar.

— Isso faz diferença?

— Não sei, pai, ela vai embora.

— Isso muda alguma coisa? — Seu tom de voz se parece um pouco com a do historiador que sempre se orgulhou de suas pesquisas. — Ir embora não muda a forma como as pessoas nos afetam, Tomaz. Pessoas são o que devem ser, independentemente do tempo que permanecem em nossas vidas.

Tento ignorar o duplo uso da sua frase e respondo:

— Só não crie expectativas.

— Os pais sempre criam expectativas, Tomaz.

Ele volta a olhar para o mar e eu finjo que não estou fazendo a contagem regressiva para essa noite, e as próximas... e as próximas... e as próximas.



Olho para o celular pela milionésima vez desde que acordei, a caixa de mensagens está lotada, mas não há nenhuma mensagem dela.

— Relaxa, *bro*, se ela disse que vem, ela virá — Rio diz enquanto leva uma caixa de bebida para dentro da sua casa.

— Como você pode ter tanta certeza? — Retiro outra caixa da traseira da caminhonete e sigo meu amigo.

— Ela tá interessada em você.

— Quem tá interessada no Tomaz? — Fábio grita de dentro do banheiro.

— Ninguém.

— A Cristal! — falamos ao mesmo tempo e Fábio coloca a cabeça para fora.

— Como é que é?

Bufo carregando a caixa para a cozinha enquanto Rio e Fábio conversam sobre minha vida como duas velhas fofoqueiras.

— E o nosso amigo tá caído por uma garota, que só viu uma vez na vida.

— Eu não acredito! — Fábio diz com um sorriso idiota na cara.

— Ei, pode parar de idealizar encontros de casais porque não vai rolar, ela tá indo embora e eu tenho uma vida pra tocar, tem a banda, a ONG, a faculdade, meu pai.

— Ah, claro, imagina, o professor músico não tem tempo para essas coisas fúteis como mulheres.

— Sim, que horror imaginar que ele poderia talvez transar um pouco para ver se essa cara feia melhora. — Rio balança a cabeça.

— Ei, eu transo, não que isso seja da conta de vocês.

— Eu não me refiro a uma foda de cinco minutos nos fundos de um bar. — Rio puxa uma cadeira virando-a de costas e se sentando. — Eu tô falando de sexo de verdade, com alguém especial.

Termino de colocar as garrafas na geladeira e olho para meus amigos, Fábio está apoiado na parede com os braços cruzados e uma cara de quem já falou isso mil vezes.

— Vocês sabem que eu não curto essas coisas de dormir junto.

Pego a caixa que Rio deixou em cima da mesa e volto a guardar garrafas tentando ignorar esse papo de sexo florzinha. Mas eles continuam falando da Cristal, como se ela fosse a solução dos meus problemas.

— Dá uma chance pra ela — Fábio diz ainda parado no mesmo lugar e sei que ele se preocupa comigo.

— Não dá, Fábio, nesse momento não dá.

— Esse é o seu problema, nunca dá.
— Ela vai embora hoje — justifico minha falta de coragem.
— Ela vai para onde? Júpiter? — Rio provoca.
— Não vai rolar, eu não estou com cabeça para relacionamentos, principalmente a distância. Não tenho tempo nem de tomar banho direito, onde, em nome de Deus, vou enfiar uma garota?
— Na tua cama seria um bom lugar — Rio fala e se levanta saindo da cozinha. — Se quiser posso te explicar como faz.
— Vai se foder! — grito quando ele começa a falar como se eu fosse um adolescente virgem e agradeço a Deus por estar com a minha cara dentro da geladeira porque começo a rir. Exatamente como um adolescente.



“Te vejo às nove <3”

Olho para a mensagem que chegou há pouco mais de dois minutos e me sinto ansioso. Depois de uma tarde aguentando Rio e Fábio encherem o meu saco por causa dela, arrependo-me de tê-la convidado.

“Desculpe, mas acho melhor a gente cancelar.”

Escrevo, mas no último segundo desisto de enviar e apago a mensagem. Em seu lugar escrevo o endereço de Rio e envio para ela.

Seguro-me para não escrever mais nada e guardo o celular no bolso enquanto termino de me arrumar.

— Achei que você iria precisar disso. — A voz rouca e baixa, quase inaudível do meu pai, enche o quarto e me apresso para ajudá-lo a entrar.

— Pai, o senhor não precisava... — Ele agita a mão derramando um pouco do chá e me fazendo calar. Ele odeia ser tratado como um moribundo, embora seja exatamente isso que ele é.

Um moribundo em estágio final.

— Obrigado — agradeço ao pegar a xícara de sua mão e ficar ao seu lado enquanto ele se arrasta até minha cama, onde se senta com tanta dificuldade, que sinto que ele não levantará nunca mais de lá.

Bebo um pouco do chá sentindo o gosto do gengibre em minha garganta enquanto meu pai me observa.

— Sabe, Tomaz, eu gosto dela — ele diz sem rodeios. Sempre gostei da forma como diz meu nome, como se fosse a palavra mais importante do mundo.

Tenho medo de pensar que um dia eu não ouvirei mais ele chamar meu nome.

— Eu percebi. — Tento não sorrir, mas é quase impossível quando vejo a cara do meu velho e lembro a forma como seus olhos brilhavam enquanto Cristal falava com ele na noite passada.

— E você também gosta dela — afirma e não consigo desmentir, eu gosto dela, de um jeito assustador, porque gosto do seu riso quase infantil, gosto da forma sexy como fala baixinho quando não quer acordar as amigas, gosto das suas brincadeiras e de como ela me tranquiliza, gosto da sua coragem e da forma bonita como vê a vida.

E a morte.

A verdade é que esses últimos dias descobri que gosto muito dela e, talvez, seja a primeira vez em muito tempo que eu tenha gostado de alguém.

— Ela é uma garota incrível — me limito a dizer, mas ele é meu pai e eu sei que sabe tudo o que essas palavras querem dizer.

— Mais que aquela garota? — pergunta e já sei de quem ele está falando.

Carol.

Nossa, faz tanto tempo que chega a ser difícil comparar os sentimentos! Mesmo que o que eu tenha vivido com ela tenha sido mais longo, o que tenho com Cristal é mais intenso.

“As coisas duram o tempo necessário para se tornarem inesquecíveis.”

Sorrio ao me lembrar das suas palavras e, sem sombra de dúvidas, respondo ao meu pai:

— Muito mais.

— Ela é como um farol iluminando tudo a sua volta — meu pai continua e ergo os olhos para ele. Balanço a cabeça concordando porque é a verdade. Essa é a melhor definição para o que ela é.

Um farol.

— E você é como um barco perdido, vagando sem rumo.

— Obrigado pela sinceridade, eu não sabia que estava tão ruim assim — digo antes de tomar um gole do chá.

— Todos nós, homens, somos como barcos perdidos em busca de um farol que nos guie.

— Talvez nem todos queiram ser guiados, pai — defendo-me.

— Querer é diferente de precisar, Tomaz. Você pode passar sua vida inteira fugindo, mas no fim, quando olhar para trás, vai ver que lutou contra algo que está dentro de você, essa necessidade constante de encontrar a luz não é algo que se escolhe, é algo que nasce com a gente.

Acabo de tomar o chá e me viro para o espelho ajustando a camisa e me sentindo um pouco agitado e completamente perdido.

— Preciso ir — digo sem saber como agir. — O senhor quer que eu o ajude?

— Não, vá encontrar sua garota.

— Estou indo para a festa do Rio, pai.

— Diga a ela que eu mandei um abraço — meu pai ignora o que falo.

— E que *O Templo da Perdição* ainda é o meu favorito.

— Pode deixar.

Hesito um pouco e, por fim, inclino-me e deixo um beijo em seus cabelos grisalhos. Antes de sair do quarto, ele me chama.

— Não seja tão duro com você, filho.

Olho para a figura frágil do homem que me ensinou tudo o que sei sobre ser um homem e balanço a cabeça.

— Boa noite, pai.



Paro na frente da casa do meu amigo, jogo o cigarro no chão e enfio minhas mãos nos bolsos enquanto solto a fumaça no ar.

Estou tentando não pensar no que meu pai disse, mas no fundo ele tem razão, estou ignorando todos os sinais, tudo o que está estampado na minha cara e no meu coração.

Eu passei os últimos dez anos da minha vida ignorando o fato de que eu tenho medo de relacionamentos, medo de sentir, medo de me magoar mais uma vez.

E, embora eu saiba que eu nunca vou admitir isso em voz alta para ninguém, não posso me enganar e fingir que não é real. Talvez o fato de não haver contato físico, de ser apenas conversas despretensiosas, nada além da presença mesmo que apenas virtual, de alguém que vem se tornando especial, tenha tornado tudo mais fácil de acontecer.

Todo garoto de praia está acostumado a conhecer garotas que vão embora e deixarão saudades, lembranças, experiências vividas em um curto período onde tudo parece mais intenso e eterno, mesmo que seja apenas por alguns dias.

Hoje, embora não seja mais um garoto, me sinto o mesmo, agitado, as mãos suadas, o coração descompassado. Já perdi a conta das vezes que tentei arrumar a merda do cabelo, que já cheirei minha camisa para ver se o perfume está okay ou que já peguei o maço de cigarros e o coloquei de volta no bolso.

É minha última noite com ela e quero que seja perfeita.

A porta se abre e Fábio sai para pegar algo no carro, ele não me vê, mas observo meu amigo se matar para carregar uma caixa, que imagino que seja o bolo, Verônica vem logo atrás com mais sacolas e alguns balões de ar em formato de baleia e tartaruga, sorrio porque isso é bem a cara dela, sempre querendo mimar todos a sua volta como se fôssemos seus sobrinhos.

— Precisando de um braço forte? — Aproximo-me de Verônica, que se vira para me cumprimentar.

— Para carregar esses pesados balões? — Ela joga as sacolas e os enfeites exagerados nas minhas mãos. — Obrigada, professor.

Entro desviando das pessoas que já lotam a pequena sala de estar da casa, carrego as sacolas para a cozinha, que está quase tão cheia quanto a sala e encontro Fábio ainda segurando a caixa nas mãos.

— Eu não faço ideia do que fazer com isso — ele diz como se eu pudesse ajudá-lo. — Vê comprou bolo pra cidade inteira.

— Cadê o Rio? — Olho em volta à procura do responsável pela brilhante ideia.

— Tá lá fora tentando acender uma fogueira.

Olho pela janela da cozinha e o vejo conversando com algumas pessoas enquanto bebe algo que imagino ser um dos sucos estranhos que ele e minha mãe compartilham.

— Deixa eu ver se consigo dar um jeito nisso. — Coloco as sacolas na bancada e abro a geladeira na esperança de encontrar um lugar para o bolo, mesmo sabendo que ele não caberia aqui, nem que fosse a única coisa nela.

Passo algum tempo tentando organizar as garrafas quando ouço Verônica entrar na cozinha.

— Amor, olha quem eu encontrei lá fora.

Ainda estou com a metade do meu corpo dentro da geladeira de Rio, segurando o bolo e tentando não sujar o teto com glacê, ou seja lá o que for essa gosma branca, quando ouço Fábio falar:

— Clara, não acredito, o que você está fazendo aqui?

Ele parece surpreso e tento me recordar quem pode ser. Uma ex-namorada? Rio não faria isso, faria?

— Eu vim com umas amigas, o Rio está dando aulas de verão para nós — ela explica e o som da sua voz faz com que tudo a minha volta pare e apenas o som do meu coração agitado no peito seja audível.

É ela.

Cristal.

Tento colocar o bolo na geladeira antes que ela me veja desse jeito.

— Como foi o Ano Novo? Eu ainda não acredito que a Carol e o Gabriel se casaram antes de mim — Verônica fala e, então, algo desperta dentro de mim.

Ele disse Clara.

Não Cristal.

— Pois é...

— Como eles estão? — Fábio pergunta.

— Estão todos bem.

Fecho os olhos e tento me acalmar, talvez eu esteja confundindo as vozes, afinal de contas o telefone pode fazer com que a voz da Cristal fique parecida com a da irmã do Gabriel, não é mesmo?

— E o bebê? — Verônica pergunta cheia de entusiasmo.

— Está ótimo, a Carol está indo bem, acho que ela vai ser uma boa mãe.

— Com certeza — Fábio diz e finalmente encaixo o bolo na prateleira, foda-se o teto da geladeira.

Fecho a porta e me viro para o trio que conversa ao meu lado, certo de que tenho razão, Clara Smith tem a voz parecida com a da Cristal. Mas as semelhanças terminam aí.

Percebo que estou enganado quando meus olhos se encontram com os seus. E então tudo vem a minha mente.

A forma como ela me olhou na noite em que nos conhecemos.

A sensação de que já nos conhecíamos.

O sorriso familiar.

O fato dela não querer mais me ver.

Sua familiaridade com a morte.

Deus...

Clara, não Cristal.

Mantenho minhas mãos firmes na porta, como se ela fosse capaz de me manter de pé enquanto observo o rosto que vi apenas uma vez e pelo qual sonhei nos últimos dias se tornar o rosto da irmã do único cara que já odiei na vida.

Clara Smith.

— Tomy, você se lembra da Clarinha? — Vê pergunta e Clara move a cabeça lentamente pedindo em silêncio para que eu não diga nada.

“Tem certeza de que eu não te conheço?”

“Tenho.”

“Qual seu nome?”

“Cristal.”

— Sim, eu me lembro — digo mantendo meus olhos fixos nos seus.

Ela sorri agradecendo.

Meu estômago se revira.

— E a Cristal? Que horas ela chega? — Verônica pergunta empolgada e completamente alienada com o fato de que estou nesse exato momento olhando para ela.

A garota por quem passei a noite compondo. Aquela para quem contei meu medos e angústias, para quem confiei meus segredos, a única capaz de me acalmar no meio do maremoto que se tornou a minha vida.

Clara Smith.

— Ela não vem mais — digo sem tirar os olhos da irmã do Gabriel.

— O que houve?

— Eu descobri que estava cometendo um erro. — Sinto a raiva flutuar em minhas palavras.

— Você o quê? — Fábio pergunta confuso.

Clara desvia o olhar para o chão e quase posso ouvir o som da sua respiração quando ela recebe minhas palavras duras.

— Você sabe, Fábio, eu não curto esse tipo de coisa, meu negócio é outro. — Volto a olhar para ela no instante em que seus olhos se encontram com os meus. — Sexo sujo nos fundos do bar. — Sorrio, o sorriso mais cruel que sou capaz de dar e não dou a mínima quando vejo a tristeza nos seus olhos.

Abro a geladeira e pego uma garrafa de qualquer coisa, em seguida retiro o maço de cigarros do bolso e enfio um na boca.

— Alguém tem fogo? — pergunto para cada um deles, todos estão me olhando sem entender nada.

Foda-se!

Saio sem esperar pela resposta. Meu coração retumba em meus ouvidos enquanto tento encontrar o caminho para fora dessa casa, para longe dela.

Fábio vem até mim, sua mão se fixando em meu cotovelo e me parando.

— Ei, o que diabos foi aquilo de sexo sujo?

— O que a irmã do Gabriel está fazendo aqui? — pergunto desejando descontar a raiva que estou sentindo em alguém.

— Eu não sei, porra, estou tão surpreso quanto você.

— Tira ela daqui. Agora! — exijo.

— Calma aí, Tomaz, o que está acontecendo?

— Leva essa garota embora daqui, Fábio. Eu não a quero aqui.

— Por quê?

— Porque não, porra! Leva ela embora! — grito sem me importar se ela está ouvindo ou não. Espero que esteja.

— Por que você está agindo como um babaca? A garota é gente fina, e ela disse que o Rio a convidou.

— É, você tem razão — respondo sem me importar que eu esteja agindo como um idiota ou não. — Talvez eu é quem deva ir embora.

— Onde você vai? — Fábio pergunta quando abro a porta.

— Eu preciso sair daqui.

Saio da casa ignorando os pedidos do meu amigo para ficar. Dou graças a Deus quando sinto o cheiro do mar inundar meu nariz e a areia afundar sob meus pés. Embora eu esteja tão perdido, que eu não faça a

menor ideia de para onde estou indo, sinto uma súbita onda de paz me atingir.

Ao menos, isso ainda é real.



“Querida Cristal,

Gosto de uma frase do Drummond que diz: “Se você sabe explicar o que sente, não ama, pois o amor foge de todas as explicações possíveis”.

Isso é o amor, a falta completa de tudo, o vazio que só é quebrado pelo retumbar do coração, o reconhecimento familiar daquele que você nunca viu, mas sabe, mesmo sem saber, que já não vive sem ter.

Espero, filha, que, de alguma forma, o amor surja assim para você, uma força sem explicação, que domine seu coração.

Assim como eu e seu pai.

Assim como eu e você.

Com carinho,

Mamãe.”

Seis anos atrás...

O alívio que sinto ao ouvir o sinal indicando a última aula é algo indescritível, estou exausta e tudo o que quero é dormir o resto do dia, depois de uma semana horrorosa de provas.

Junto minhas coisas e saio, César fica pra trás, ele tem treino de futebol e estou irritada demais para falar o que acho sobre esses treinos, que têm a função de juntar garotas em torno da quadra.

Passo por ele e finjo que estou no telefone, só para não ter que responder ao seu chamado, saio da escola sentindo-me um pouco frustrada quando noto que ele não veio correndo atrás de mim.

Cumprimento um grupo de professores que está saindo, Tomaz está entre eles e sinto meu rosto esquentar quando noto a forma como ele se parece diferente dos outros professores; se ele colocasse um uniforme, passaria fácil por um aluno do último ano, ele parece notar que o estou observando e acena com um sorriso amistoso para mim, odeio a forma como me sinto uma criancinha quando faz isso, dou um tchauzinho e saio, antes olho mais uma vez em busca de César.

Nada.

Caminho alguns metros antes de ver um carro parar ao meu lado, não ligo, muitos carros param na frente da escola todos os dias, continuo andando, tentando ajustar o fone em meus ouvidos quando ouço meu nome.

— Clara? — um homem desconhecido me chama e paro para olhar quem é.

— Sim?

O homem se aproxima, e logo outro sai de dentro do carro, esse parece mais assustador e a forma como ele me olha, como se eu fosse algo apetitoso, faz meu coração gelar.

— A irmãzinha do playboy cresceu, hein? — Ele caminha devagar, como um lince negro prestes a atacar, dou alguns passos para trás até sentir a parede em minhas costas quando ouço ele chamar Gabriel de playboy.

— Quem é você? — pergunto olhando em seus olhos.

— Tão branquinha... — Ele passa a língua nos lábios e estremeço. — Imagina o estrago nessa pele branquinha? — indaga para o outro cara e sinto a bile subir por minha garganta quando eles começam a rir.

— Eu preciso ir. — Tento me afastar, mas ele estende a mão para me impedir.

— Calma, gostosinha, preciso que você dê um recadinho para o seu irmão.

— Eu não vou fazer nada! — Empino o nariz de forma arrogante para o estranho, embora esteja apavorada.

— Clara? — ouço a voz de César se aproximando e quero pedir que ele volte para dentro.

Por favor, volte.

O homem olha para César, em seguida para mim.

— Avisa ao playboy que ele tem dois dias, ou então vamos ver como essa sua pele vai ficar quando eu meter a minha boca em você.

Os dois se vão, entrando no carro, mas antes, o cara que me ameaçou, olha para mim e eu sinto, no seu olhar, que suas ameaças não são fajutas; se ele quiser, ele vai me machucar.

— Clara, por que você foi embora daquele jeito? — César se aproxima, mas não consigo responder, meus olhos estão fixos no carro que se afasta cantando pneu. — Quem eram esses caras? — pergunta, mas não falo, não posso, não consigo.

Vejo mais uma pessoa se aproximando, ele para na minha frente, suas mãos se estendem até estarem em meus ombros, gentis e atenciosas.

— Clara, olhe para mim — o professor Tomaz pede, com a voz suave e carinhosa, tão diferente do tom exigente que usa na sala. — Por favor, Clara, olhe para mim.

Faço o que ele pede, ergo meus olhos e encaro os seus, meu corpo inteiro está tremendo e a voz daquele homem reverbera em minha mente.

— Ela está tremendo, o que houve? — o professor pergunta para César, mas ele não sabe o que responder.

Mantenho meus olhos em seu rosto, nunca estive tão perto assim dele e me surpreendo em notar que seus olhos são da cor de caramelo, daquelas balas mastigáveis que o Alan tanto gosta e que seus cabelos no sol são quase loiros.

Bonito.

Professor Tomaz é bonito.

Acho que estou em choque, é isso, eu estou em estado de choque, porque não deveria estar pensando nisso nesse momento, não deveria, mas estou...

Não noto quando ele retira minha mochila do meu ombro e a joga para César; não vejo quando ele me leva, entre os olhares curiosos, de volta para a escola; não ouço o que ele diz com sua voz rouca e séria de professor quando alguém se aproxima; tudo o que sinto é seu braço em torno de mim, seu cheiro estranho e ao mesmo tempo tão familiar, a sensação de segurança que ele me transmite enquanto me leva para a enfermaria e o jeito esquisito com que me sinto calma ao seu lado quando ele diz que vai ficar tudo bem.

Eu estou em choque.

É por isso que não consigo parar de olhar para ele, nem mesmo quando César se ajoelha ao meu lado perguntando... o que ele perguntou mesmo?

Nem mesmo quando meus olhos se enchem de lágrimas e as palavras horríveis ficam girando em minha cabeça. Nem quando Gabriel chega,

apavorado e prestes a matar qualquer um ao me ver chorando.

Gabriel fala, mas não ouço; ao invés disso, meus olhos voltam para a figura do homem parado à porta da enfermaria e a forma como ele me olha, como se estivesse disposto a me proteger de tudo.

Parece tão familiar...



*“Querida Cristal,
Palavras são armas, cubra-as de amor, limpe as ervas daninhas e
cultive o perdão; ele é o pesticida das palavras.
Com amor,
Mamãe.”*

Eu achei que nunca mais na minha vida, eu seria capaz de me sentir pequena diante das palavras de alguém. Acreditei que César foi o homem capaz de me provar que palavras matam, que elas podem anular uma pessoa e fazer com que se torne tão medíocre, que o simples ato de respirar fosse a coisa mais difícil do mundo.

Até hoje.

— Você sabe, Fábio, eu não curto esse tipo de coisa, meu negócio é outro. — Sua voz é tão diferente da que ouvi nos últimos dias, que eu não o reconheço. Ergo meus olhos e encontro os dele. Frios, escuros, sombrios, cheios de decepção. — Sexo sujo nos fundos do bar.

Assim que assimilo suas palavras, sei que ele está fazendo isso para me magoar, mesmo assim dói ouvi-las porque sei que ele não é assim.

Por um ano tive seus olhos sobre mim, perguntando-me se tudo estava bem, acompanhando-me na saída, mesmo que se mantivesse afastado; e ainda que eu fosse apenas uma menina de quatorze anos, ainda que César estivesse ao meu lado, era Tomaz o homem com quem eu sonhava quando estava sozinha.

Então o ano acabou, ele foi embora e meu namoro com César se tornou mais sério, acreditei por anos que o que eu sentia pelo professor Tomaz era uma ilusão criada por meu cérebro assustado naquela tarde em que ele cuidou de mim e minha paixão secreta pelo meu professor de História se tornou apenas uma lembrança boba.

E agora ele está aqui, diante de mim, com tanta raiva em seus olhos, que eu me sinto sufocar.

Quero fugir, quero pedir desculpas, quero bater nele, quero chorar.

Mas não faço nada, apenas observo enquanto ele sai pedindo para que Fábio me leve embora e ouço, mais uma vez, meu coração quebrado trincar.

“Eu descobri que estava cometendo um erro e dispensei ela.”

Essa frase não sai da minha cabeça, junto com o seu olhar decepcionado enquanto descobria que a sua Cristal, na verdade, nunca existiu.

Baixo o rosto em minhas mãos e respiro fundo tentando pensar no que fazer, o que diabos aconteceu nesses dias, quem Tomaz é para mim e por que suas palavras estão doendo tanto.

— O que aconteceu? — Verônica pergunta para Fábio, que parece mais confuso do que ela.

— Não entendi.

— Hoje cedo ele estava tão empolgado, parecia tão feliz em apresentar a garota, como era mesmo o nome dela? — Vê continua e

sinto meu estômago embrulhar.

— Cristal, eu acho — Fábio responde e continuo calada, tentando fingir que não sou a cadela da qual eles estão falando.

Relembro a forma como ele contou sua história, sua relação com seu pai, a forma como sempre foi tão sincero comigo e como foi fácil para ele aceitar o que eu tinha a lhe oferecer.

— Você e o Tomaz brigaram ou algo parecido? — Fábio pergunta e relembro a forma como o usei para apagar a dor em meu coração.

— Eu quero ir embora — digo dando as costas para eles e saindo enquanto penso em tudo o que aconteceu, em como a medida em que os dias foram passando, as lembranças do que César me fez se tornaram cada dia mais fracas diante da realidade do presente.

Talvez Mariah tenha razão e o que eu acreditava ser amor, era comodismo, costume de alguém que cresceu e se tornou mulher em um relacionamento longo, havia uma rotina estabelecida depois de seis anos juntos e, quando se tem apenas vinte, isso é trinta por cento de tudo o que já vivi.

Isso não muda o fato de que César foi e sempre será o meu primeiro amor, mas, nesse momento, eu já não tenho mais tanta certeza de que ele ainda é o meu amor.

Saio da casa e logo Fábio e Vê estão ao meu lado, eles me levam até o carro e fazem o que Tomaz pediu, tiram-me de perto dele.

Apoio a testa na janela e fecho meus olhos enquanto relembro uma das histórias bobas de Tomaz e de como ele sempre foi tão sincero, mesmo sem ter ideia do quanto eu estava sendo desleal com ele.

No fim das contas, eu dei a Tomaz um pouco do veneno que estava contaminada; mesmo sem saber, eu o enganei, e percebi que a traição dói, independentemente de ter sido seis anos ou dez dias.

Não era pra ter sido assim, eu jurei a mim mesma a cada dia que amanhecia, que eu falaria a verdade e a cada noite eu dormia jurando que, na manhã seguinte, eu arrumaria um jeito de mudar isso, mas a verdade é que eu sempre soube que, no momento em que ele descobrisse quem sou, ele me olharia dessa forma.

Dura, fria, distante...

Abraço meu corpo, meu estômago dói, não consigo respirar e meus olhos ardem com as lágrimas que ameaçam cair.

Não quero chorar, não mais, não suporto chorar. Não suporto pensar, o remorso me corrói e me odeio por ter feito isso com ele. Não suporto a imagem da decepção em seu olhos quando percebeu quem sou. Não suporto a dor em meu peito por saber que fui uma cretina com a única pessoa capaz de aplacar a dor em meu peito. Não suporto mais ficar aqui enquanto o tempo passa sem que ele saiba a verdade.

— Pare esse carro. — Apoio a mão no banco da frente tentando respirar. Mas não consigo. — Pare esse carro! — imploro, com a voz atropelada.

— O que houve? — Fábio pergunta me olhando pelo retrovisor.

— Para, para, para... — Puxo a trava tentando abrir a porta, mas ela não abre e espalmo a mão em meu peito porque sinto que vou sufocar se ficar mais um minuto aqui dentro.

De repente, a porta se abre e saio tropeçando em meus próprios pés enquanto puxo o ar para dentro dos meus pulmões.

— Clara, o que houve? — Verônica surge ao meu lado, com suas mãos apoiando meus braços.

— Eu preciso vê-lo... — Olho em volta tentando me orientar. — Eu preciso explicar...

— Ver quem? Clara, você está me assustando.

Fábio surge ao meu lado, com sua expressão assustada enquanto ele se coloca na minha frente estendendo suas mãos em meus ombros.

— Calma, nós te levaremos onde você quiser, mas primeiro se acalme ou o único lugar que você conseguirá ir será no pronto socorro.

— Fábio... — Olho para o rosto doce dele e desabo a chorar, a dor em meu peito se torna quase insuportável. — Eu preciso voltar e explicar tudo.

— Vamos nos sentar e você me conta o que houve. — Ele me leva até um banco enquanto Verônica vai até o carro e pega uma garrafa de água.

— Eu preciso ver o Tomaz — digo olhando para minhas mãos. — Ele não pode me odiar antes de saber tudo — continuo falando enquanto as lágrimas escorrem por meu rosto.

— E por que ele te odiaria? — Fábio pergunta enquanto me entrega a garrafa de água.

— Eu menti para ele — respondo e encaro o rótulo da garrafa. — Ele deve estar se sentindo traído, mas eu juro por minha mãe que não tive a intenção de magoá-lo, eu apenas permiti que...

— Espera aí — Verônica me interrompe. — Ai, cacete! Você é a Cristal?

— O quê? — Fábio pergunta sem compreender. — Não, não pode ser, ela não pode ser... puta merda, você é a garota que esteve com Tomaz todos esses dias?

Aperto os lábios tentando manter o choro controlado, mas quando confirmo balançando a cabeça, as lágrimas aumentam e já não consigo mais enxergar nada na minha frente além dos seus olhos castanhos cheios de decepção.

— Por favor, eu só preciso ir até ele.



Demoramos menos de dez minutos para voltar, mas, para mim, é como se fosse muito mais. Desço do carro antes mesmo de Fábio desligar o motor e não me preocupo em bater na porta.

— Onde ele está? — pergunto a Rio, que está sentado no sofá ao lado de outras pessoas e se levanta quando nos vê.

— Finalmente! Será que alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui? — Ele olha por cima do meu ombro e sei que Fábio e Verônica estão logo atrás de mim.

— Onde ele está?

— Eu não sei — Rio responde. — Ele saiu e não atende ao celular.

Viro-me para olhar para Fábio e Verônica.

— Eu preciso achá-lo — digo como em um pedido de ajuda.

— Eu acho que sei onde ele pode estar — Fábio diz enquanto olha para Rio, como se estivessem se comunicando mentalmente.

Rio se levanta e caminha até mim me dando um abraço acolhedor.

— Vamos lá, vamos encontrar o nosso garoto complicado.



O celular vibra, retiro-o do bolso apenas porque ainda tenho esperanças de que Tomaz responda alguma das minhas mensagens, mas é apenas Mariah querendo saber se estou bem. Respondo com um simples sim e deslizo o aparelho novamente no bolso de trás da calça.

— Acho que o estou vendo — Verônica diz apontando para um ponto distante.

— Eu sabia que ele estaria aqui — Fábio comenta enquanto caminhamos na direção do lugar.

Rio não disse nada o caminho inteiro, ele sequer sabe o que está acontecendo, mesmo assim caminha ao nosso lado assobiando algumas canções enquanto olha em volta, como se já soubesse o tempo todo onde Tomaz está.

Meu coração bate com força no peito à medida que nos aproximamos e a certeza de que é ele se estabelece, sinto que vou sufocar.

— Você está bem? — Rio finalmente questiona. — Seu rosto está sem cor e você parece prestes a desmaiar.

— É exatamente como me sinto.

Fábio caminha um pouco a nossa frente e, quando chega perto do amigo, abaixa-se ao seu lado e diz algo que, de onde estou, não consigo ouvir. Vejo os cabelos desarrumados de Tomaz escondendo seu rosto e a fumaça do seu cigarro se espalhando pelo ar, ele balança a cabeça e meu estômago se revira. Fábio diz mais alguma coisa e Tomaz bebe um gole de bebida antes de olhar na nossa direção. Quando seus olhos se encontram com os meus, sinto como se ele fosse capaz de me queimar, há julgamento e ira em seu olhar e é quase insuportável sustentá-lo.

Sem pensar, caminho até ele e o cheiro de cigarro e bebida se tornam mais forte à medida que me aproximo.

— Tomaz — o chamo e minha voz soa chorosa e triste. Ela não poderia expressar melhor como me sinto. — Podemos conversar?

Tomaz ergue o rosto em minha direção, o cigarro descansa em seus lábios, e ele parece não ter a mínima vontade de falar comigo.

— Por favor! — imploro e dou mais um passo me aproximando de Fábio, que se levanta e se coloca ao meu lado.

— Vai embora, não tenho nada a falar com você — ele diz e sinto que estou encolhendo.

— Tudo bem, se é assim que você quer, eu falo na presença deles, eu não me importo.

— Dá o fora daqui, garota, eu não tenho nada pra falar com você.

— Não adianta ser grosseiro, estou acostumada com isso, eu vou falar e depois pode me odiar.

Tomaz bufa antes de beber um gole da garrafa ignorando a presença silenciosa dos seus amigos atrás de nós.

— acredite, eu já te odeio.

Ignoro a forma como suas palavras me machucam, no fundo eu já estava preparada para elas.

— Eu nunca quis te magoar — digo baixinho sem dar a mínima para o fato de não estarmos sozinhos.

Ele olha para mim, a fumaça escapa dos seus lábios enquanto ele retira o cigarro da boca e o segura longe.

— Você tem ideia do que você fez?

— Tomaz... — Estendo a mão e toco a ponta dos seus dedos, que descansam em seu joelho. — Eu preciso que você me ouça.

Seus olhos caem em minha mão, em seguida para mim, analisando cada parte do meu corpo. Estende a mão e segura uma mecha do meu cabelo observando-a como se fosse a primeira vez em sua vida que ele visse uma mulher.

— Eu sabia... — Ele aponta um dedo em meu rosto. — Eu sabia que essa cara não era estranha, mas eu nunca consigo lembrar — diz. —

Nomes sim, números, até mesmo a nota de um aluno, mas rostos? Nunca os guardo.

Ele ri e balança a cabeça como se estivesse inconformado com o que está dizendo.

— Mas eu deveria lembrar. — Ele bate o punho na cabeça e depois volta a colocar o cigarro nos lábios tragando e soltando a fumaça. — Eu deveria...

Baixo o rosto sentindo o peso da culpa em meus ombros e acaricio seus dedos longos e bonitos. Dedos que são capazes de criar magia ao tocar as cordas de um violão e que eu aprendi a admirar muitos anos atrás.

— Você sempre soube quem sou? — ele pergunta com a voz fria enquanto continua me olhando.

Confirmo com a cabeça e ele desvia o olhar segurando o cigarro entre os dedos e dando uma tragada. A fumaça chega a meu rosto e nunca odiei tanto cigarros como nesse momento.

— Mesmo naquela noite, quando você disse que esbarrou em mim de propósito, você sabia quem eu era?

Volto a confirmar e ele ri sarcasticamente.

— Deus do céu! Então, você tinha tudo planejado? Vocês também sabiam? — Ele olha para seus amigos.

— Claro que não — digo e ele volta a olhar para mim.

— E eu deveria acreditar em você por quê?

— Porque, tirando o meu nome, eu sempre fui sincera com você.

Tomaz gargalha, como se eu tivesse acabado de contar uma grande piada.

— Que merda de vida! — resmunga enquanto solta a fumaça.

— Eu sinto muito — digo sentindo as lágrimas escaparem dos meus olhos e me odeio por parecer tão fraca na sua frente.

— Sente? Sente o quê?

— Eu não queria que tudo acabasse assim.

— O que você queria? Que fosse uma experiência de verão? Apenas um babaca pra te distrair? Cadê a porra do seu namorado? Você não é a namorada do moleque do Alan?

— Não, eu não sou namorada de ninguém.

— Menos mal, tudo o que eu não preciso é de um idiota reclamando mulher na minha vida. Já passei por isso antes e não tenho a menor intenção de repetir. — Ele esfrega as mãos em seus cabelos e volta a colocar o cigarro nos lábios.

Suas palavras me fazem parecer uma cadela, mas a verdade é que Tomaz foi minha cura no momento mais difícil da minha vida.

— Já chega desse papo, vai embora, garota, volta para a sua vida e me deixa em paz.

Ele balança a mão para o nada e volta a olhar para o mar, mas não me movo, continuo ajoelhada a sua frente, com minha mão em seu joelho, esperando que, de alguma forma, eu consiga fazê-lo acreditar em mim.

— Não posso, Tomaz, não antes que você possa me ouvir e entender que eu não fiz por mal.

— Eu confiei em você.

— Eu sei, eu também confiei em você.

— Eu te contei coisas que nunca falei para ninguém.

— Eu sei e isso foi importante para mim.

— Você tem ideia de quantos rostos eu vejo por noite? Quantas pessoas passam por minha vida? — ele continua me encarando enquanto fala com a voz triste. — Quantas. Pessoas. Passam... — diz pausadamente

e ri. — É exatamente isso. As pessoas passam... talvez por isso eu nunca me dou ao trabalho de olhar para elas por muito tempo, no fim eu sei que elas nunca vão ficar. Elas nunca ficam.

Tomaz se levanta me dando as costas e noto que Rio, Fábio e Verônica não estão mais por perto nos dando privacidade.

— Por favor, acredite em mim.

— Por que eu deveria acreditar? — Ele se vira olhando para mim, o vento causando uma confusão bonita em seus cabelos e me fazendo desejar tocá-los mais uma vez.

— Porque a gente ainda não acabou.

— Acabou sim — afirma com a frieza do professor autoritário. — Você já teve a sua fantasia, eu já tive a minha ilusão babaca, já pode voltar para a sua vidinha e me deixar em paz agora.

Ele volta a beber e vou até ele.

— Tomaz, esses dez dias foram reais, o que tivemos foi real. — Seguro seu braço impedindo-o de continuar se afastando. — Você não pode fingir que não foi, porque eu sinto aqui dentro que você mudou algo em mim. E eu sei que mudei algo em você.

— Vai começar com aquela merda de não importa o tempo que passamos juntos? — Ele olha para todos os lados, para o céu, menos para mim. — Deus, eu devo ser o maior idiota da face da Terra.

— Por favor, não faz assim.

— Qual o seu nome? — ele exige, com sua voz ainda mais rouca e forte. — Qual o seu nome? — repete.

— Tomaz...

— Qual a porra do seu maldito nome? — grita e Rio começa a vir até nós. Volto a chorar enquanto ele me olha devastado. Sei que esse é o

nosso fim e, por mais que eu tenha tentado me preparar para ele todos os dias, não imaginei que seria tão difícil.

— Clara.

— Clara do quê? — Tomaz mantém seus olhos em mim, analisando cada pedacinho do meu rosto.

— Você sabe.

— Clara do quê? — ele repete.

— Clara Vieira Smith.

Tomaz puxa seu braço e dá um passo para trás como se precisasse colocar uma distância entre nós, ele me olha mais uma vez e balança a cabeça.

— Some da minha frente — diz com a voz irreconhecível. — Some da porra da minha frente! — grita e passa por mim, dessa vez caminhando firmemente como se soubesse que não pode vacilar, não na minha presença.

Não mais na minha presença.



“Clara, meu amor,

Eu sei que eu não deveria te chamar assim, as coisas que fiz me tiraram esse direito, sei também que não deveria escrever essa carta, as coisas que estão aqui deveriam ser ditas olhando em seus olhos. Você não merece menos do que o meu respeito, mas não posso. Por favor, compreenda que, nesse momento, eu sou um miserável incapaz de admitir isso olhando para você.

Eu tentei, juro por Deus que tentei, a cada vez que ligava aquela webcam eu tentei, eu decorei o texto como um ator de merda, mas sempre que você me olhava com esse seu sorriso lindo, eu apenas... não conseguia.

Então decidi escrever essa carta, porque sou covarde, mas não sou um canalha, sei que o que eu fiz não tem perdão, mas acredito que todo mundo merece o direito de se explicar e é isso que estou tentando fazer nessa carta.

Estou me explicando.

Antes de mais nada, eu preciso que você saiba que eu não vou pedir o seu perdão, não o mereço.

Mas preciso que você me ouça (leia), com seu coração aberto e tente compreender, que eu sou só um moleque, um moleque confuso e cheio de ideias, um moleque cheio de saudades e de perguntas que não sou capaz de responder. Longe de você, longe de tudo o que aprendi a amar, em um país novo, me adaptando, me encontrando em meio a um mundo que não é meu.

Eu preciso que você saiba que eu sempre vou te amar. Deus... eu te amo tanto! Enquanto escrevo essa carta sinto meu peito doer de amor. Eu amo seu sorriso, seu corpo, sua voz; amo seu cheiro, a forma como você é sempre tão leve e tem sempre a coisa certa a dizer. Eu amo amar você.

Amar você foi tudo o que eu fiz durante seis anos da minha vida, amar você, beijar você, desejar você, ter você.

Cara! Seis anos é tempo pra cacete e nós ainda somos tão jovens...

Quando eu me vi aqui, na universidade, completamente sozinho, sem a Monique e o Alan, sem o Ben para me preocupar, apenas eu e meu futuro, foi aí que eu me dei conta de que não havia vivido nada. Porra, Clarinha, a gente não viveu nada, eu nunca beijei outra garota, eu nem sei se a gente transa do jeito certo, tudo o que sei aprendi com você e vice-versa.

Eu não estou reclamando, isso foi o que eu sempre quis, eu sempre desejei ser como o Alan e a Monique e talvez por isso eu tenha visto o nosso relacionamento como algo perfeito. Igual o deles.

Um dia, meu colega de quarto viu você, ele te achou linda, claro, quem não acharia. Você ainda é a garota mais bonita do mundo. Ele perguntou se não era estranho ter tido apenas uma garota na vida, se eu não me arrependia de não ter vivido outras experiências. Eu não soube responder, porque, naquele momento, eu não sabia quem era o César Bragança de Alcântara Siqueira.

Eu só sabia quem era o filho do Alan e da Monique, o namorado da Clarinha, o irmão do Ben e da Sarah, mas o César eu não conhecia e isso me

deixou confuso.

Duas semanas depois teve uma festa, foi onde conheci a Jordan; ela é bacana, Clara, juro que é, vocês seriam boas amigas em outra ocasião.

Ela me fez sentir bem, feliz, um cara normal, um jovem universitário em uma festa. A gente se curtiu e rolou, mas quando acabou eu soube a resposta da pergunta que meu colega de quarto fez naquele dia.

Eu não precisava de nenhuma garota, eu tinha a melhor de todas, bem na minha frente, nos meus braços, na minha cama.

E sim, o nosso jeito de fazer amor é o melhor, eu sinto falta dele, sinto falta de você, do seu sorriso e do seu cheiro.

Você ainda tá aqui na casa do lado enquanto escrevo essa carta em uma noite de Natal, você nem se foi e eu já estou chorando como uma criancinha porque sinto muito a sua falta.

Eu te traí, Clara, isso não é horrível? Minha boca beijou outra garota e não sei o que vou fazer da minha vida quando você me odiar, porque você vai, eu já me odeio.

Duas semanas atrás Jordan veio falar comigo, ela está grávida, não sei ainda se o bebê é meu, mas não é justo te meter nessa merda, por isso, embora eu não tenha sido capaz de dizer na sua frente, estou terminando nossa história por aqui.

Como eu disse, o que fiz não tem perdão, só preciso que você saiba que, no momento em que a toquei, eu soube que havia cometido o maior erro da minha vida.

Por favor, só te peço uma coisa, não me odeie. Pelo menos, não para sempre.

E, por favor, um dia, quando estiver pronta, fale comigo, eu estarei aqui esperando.

Para sempre.

Seu Cesinha."

Não é engraçado como a nossa percepção sobre um determinado acontecimento muda de acordo com o quanto estamos familiarizados com ele?

Até ontem à noite, durante todos os dias desde que recebi essa maldita carta, senti-me miserável, traída de todas as formas possíveis.

De todas as coisas que as palavras garranchadas de César me fizeram sentir, a pior de todas foi ser enganada, até mais do que a traição, porque, além de namorados, éramos amigos, não havia nada que eu não contasse para ele. Todos os meus medos, meus segredos, minhas dores e alegrias, meus sonhos e desejos, tudo era compartilhado com ele. Talvez, se ele tivesse me contado sobre ela, eu entenderia que nosso namoro havia terminado, sem grandes traumas, sem tanta dor.

César sabia tudo sobre mim, até mesmo minha paixão pelo professor Fonseca, o Tomaz.

Ele dizia que Tomaz era tudo o que os garotos gostariam de ser e o que todas as meninas gostariam de ter.

Mas agora, depois de ver a tristeza nos olhos do Tomaz e saber que fui a responsável por machucá-lo dessa forma, eu compreendo um pouco o lado do vilão.

Hoje, eu sou a vilã.

A cadela que mentiu e enganou o cara mais fantástico que já conheci na vida e, por mais que eu saiba como é a dor de ser enganada, estou experimentando pela primeira vez a sensação de ser aquela que causou dor.

Difícil de explicar, mas dolorosamente fácil de sentir.

Dobro a folha de papel pela milionésima vez desde que a recebi naquela manhã fria no aeroporto, ainda sinto em meu peito a dor de ter descoberto a traição de César através de uma droga de pedaço de papel cercada de centenas de estranhos, sentada ao lado do meu pai.

Seis anos da minha vida e ele acabou com tudo por uma carta.

Durante dias chorei agarrada à carta de César, destruída por sua traição e por sua mentira, e agora passei a noite imaginando se Tomaz também está se sentindo assim, embora o que tive com ele não passou de um encontro, eu o enganei, entrei em seu coração, o fiz confiar em mim para, no fim, provar que ele cometeu um erro.

Quem sou eu para julgar César, se na primeira oportunidade magoei uma pessoa vulnerável?

Ele me pediu uma chance para falar e eu nunca respondi as mensagens que se acumulam em minha caixa, não da maneira como ele gostaria. Mas eu daria tudo para que Tomaz me deixasse explicar os meus motivos para não ter contado. Mesmo que o principal deles seja óbvio.

Tomaz jamais me permitiria me aproximar dele caso ele soubesse quem eu sou porque me odeia, pelo simples fato de que sou Clara Smith.

— Vamos? O carro já está pronto. — Mariah surge na porta do quarto e me levanto enfiando o papel amassado no bolso da calça enquanto pego minha mochila e coloco no ombro.

Não olho em volta, nem ao menos na direção do mar, não quero levar nenhuma lembrança. Saio deixando para trás a certeza de que um pedaço do meu coração ficará aqui.

E eu não tenho o direito de guardar essas lembranças.



Quando o carro para na frente da casa onde minha mãe viveu por toda a sua infância e juventude sinto um aperto tão grande no peito, que quase não consigo respirar.

Daria tudo para que ela pudesse estar aqui hoje, para me deitar em seu colo e chorar, contar como foram esses dias e a confusão que se instalou em meu peito.

Ao invés disso, tenho um diário, onde ela escreveu para mim durante quase três anos, são pensamentos, frases, poesias, conselhos, fragmentos do que imagino que tenha sido a mãe mais maravilhosa que já existiu nesse mundo.

E ela foi minha por pouco tempo, mas o suficiente para que eu a amasse por toda a vida.

— Você tem certeza de que não quer que eu fique? — Mariah pergunta enquanto tiro minhas coisas do carro.

— Podemos ficar todas e fazer uma noite de pizza e filmes tristes — Juliana propõe.

— Obrigada, meninas, eu preciso mesmo ficar um pouco sozinha.

Não quero dizer que ficamos juntas por duas semanas e isso é muito mais do que estou acostumada a ficar. Cresci praticamente sozinha, longe da minha família e do Brasil por doze anos e depois, meu pai e irmão nunca estavam em casa por tempo suficiente.

Então sempre fomos eu e o diário da minha mãe e estou bem assim, nunca me sinto verdadeiramente só.

Despeço-me das meninas e retiro as chaves de casa, aciono o alarme e destravo todas as trancas, sorrio com o exagero do meu pai e irmão, mas

essa foi a única condição para que eu pudesse morar sozinha.

Escolhi voltar para a casa onde meus pais se conheceram, gosto da disposição dos cômodos, do ambiente antigo e acolhedor, de saber que um dia minha mãe viveu aqui e que foi aqui que se apaixonou.

Meus planos eram ter um lugar para poder ficar mais tempo com César quando ele viesse ao Brasil, mas agora sou apenas eu e isso tem que bastar.

Assim que abro a porta encontro um arranjo de rosas vermelhas na mesa e um cartão, sei que foi ideia da Penha, que cuida da roseira da minha mãe como se fosse a coisa mais preciosa da face da Terra.

“Seja bem-vinda a sua casa. Lembre-se: seu quarto está sempre a sua espera, seu pai também.

Estou com saudades, te amo.

Papai.”

Pego o telefone e verifico as mensagens: há duas de Carol contando como foi a última consulta; uma de Gabriel falando sobre um seriado que estamos assistindo juntos; e uma que chegou meio minuto atrás de Mariah perguntando se eu não queria que ela voltasse mais tarde.

Mas nenhuma de Tomaz.

Respondo a Carol dizendo que estou ansiosa para saber o sexo do bebê; a Gabriel falando para ele se preparar para o próximo episódio, que será destruidor; e a Mariah, agradecendo a preocupação e negando o convite.

Abro a caixa de mensagem de Tomaz e releio a última mensagem que me enviou poucas horas antes da festa.

“Cinco horas ininterruptas de exploração, contando as horas para te ver novamente, sinto-me ansioso.”

Fecho sua caixa de mensagens e ligo para o meu pai.

— *Filha?*

— Oi, pai, cheguei em casa, obrigada pelas rosas, elas estão lindas.

— *O que houve, está com a voz triste, você está bem?*

— Sim, estou, só um pouco cansada.

— *Quer que eu vá te buscar?*

— Pai, eu estou bem, não precisa se preocupar e eu já estou em casa.

— *Eu sei, mas eu me preocupo, não adianta.*

— Obrigada, eu só queria agradecer pelas flores.

— *Jantar amanhã?*

— Combinado, Sr. Smith. Te amo, pai.

— *Eu também te amo, se cuida.*

Desligo o telefone e meus pensamentos voam de volta para a pequena cidade litorânea onde Tomaz está vivendo seus últimos dias ao lado do seu pai.

Abro a caixa de mensagens e faço algo que prometi a mim mesma que nunca faria:

Eu mando uma mensagem a ele.



Eu não deveria estar tão furioso.

Afinal de contas, o que houve entre nós além de algumas trocas de mensagens e risadas bobas? Um beijo roubado em uma noite de *réveillon*? Ah, qual é? Isso não é nada de mais.

Então por que diabos eu estou tão furioso?

Ignoro a presença de Rio ao meu lado enquanto caminho de volta a sua casa, o peso da garrafa pela metade em minha mão e o cigarro em minha boca é a única coisa que me faz ter certeza de que isso não é a porra de um pesadelo de merda.

— Tomaz — ele me chama e eu o ignoro. — Tomaz.

— Me deixa em paz.

— Espera um pouco — fala novamente, e eu ignoro enquanto solto uma nuvem de fumaça no ar.

Rio retira o cigarro da minha mão e o lança em direção ao mar.

— Droga, me desculpe — ele diz para o mar e não para mim.

— Mas que porra!

— Que porra digo eu. — Ele se coloca na minha frente e desvio do seu corpo grande. Ele volta a me impedir de caminhar e empurro seu peito afastando-o de perto de mim.

— Sai da minha frente.

— Você não quer fazer isso. — Sua voz calma me deixa mais irritado.

— Sério? Vai pagar para ver?

— Está se comportando como um moleque.

— Foda-se, me deixa em paz!

Dou as costas para ele enquanto retiro um novo cigarro do maço e coloco na boca, tento acender, mas Rio volta a jogá-lo fora.

Antes que eu consiga pensar no que estou fazendo, meu punho acerta seu rosto, ele não desvia; ao contrário, aceita o murro sem revidar.

— Vai se foder, seu babaca!

Dou mais alguns passos, mas não consigo continuar, me viro e o encontro parado, olhando para mim como se eu fosse realmente um moleque mimado.

— Quer saber? Eu estou puto da vida e não sei o porquê. — Ergo os braços no ar.

— Não sabe mesmo? — Rio cruza os braços em frente ao peito, observando-me como se eu não tivesse acabado de acertar a sua cara.

— Não, quer dizer, eu não sei ao certo, ela me enganou.

— Não é só isso — Rio fala como um maldito guru.

— Ela é a irmã do Gabriel, porra! — Sento-me na areia fofa da praia, cansado, derrotado.

— E daí?

— Tá maluco? Ela é a última garota no mundo com quem eu me relacionaria.

— Hummm, interessante. — Rio passa a mão no queixo provocando-me.

— Não começa, na boa, eu tô falando sério.

— Eu sei, e isso é o que mais me intriga.

— Eu nem sei se ela falou a verdade, porra, eu nem sei se ela já é maior de idade.

Começo a fazer as contas tentando me recordar de quando fui seu professor.

Meu estômago embrulha só de pensar que durante todo esse tempo ela sabia quem eu era, enquanto eu falava sobre minha vida de merda e ela ria da minha cara.

— Eu sou patético — admito. — Fui enganado por uma ex-aluna.

— Aprenda um fato sobre os homens, todos nós somos patéticos diante de uma linda mulher, e fica tranquilo, ela é maior de idade, eu me preocupei com isso assim que a conheci.

— Jesus Cristo, eu beijei a Clara. — Esfrego o rosto sem acreditar nisso. — Onde diabos eu estava com a cabeça?

— Quer mesmo que eu responda?

— Não começa, Rio. — Balanço a mão no ar. — Nem começa com esse papo.

Ele se aproxima e se senta ao meu lado retirando a garrafa das minhas mãos e colocando-a no seu rosto.

— Porra, eu pedi pra me deixar em paz — justifico apontando para o hematoma rosado em seu rosto.

— Você estava precisando, eu disse que estava aqui para isso — diz encarando o mar.

— Você é muito estranho.

Ele não responde, ao invés disso Rio sorri e passa o braço por meus ombros me dando um abraço acolhedor.



— E aí, como ele tá? — Fábio pergunta assim que entra.

— Acordado, se quiser pode perguntar para mim, ainda sou capaz de responder — respondo olhando para o ventilador de teto de Rio, que não para de girar, deixando-me tonto.

— Bêbado igual um gambá — Rio responde enquanto continua limpando a zona que deixaram para trás depois que sua festa acabou.

— Isso não é verdade, eu tô bem. — Volto a fechar os olhos e cobri-los com o braço. — Eu tô bem, tá tudo bem.

Sinto o sofá afundar quando Fábio se senta ao meu lado.

— O que aconteceu, Tomaz?

— Eu não sei, ainda estou tentando entender.

— A Clarinha, Tomaz? Como você não percebeu?

Retiro o braço e olho para meu amigo, ele está um pouco desfocado e coloco a culpa no cansaço e não no álcool.

— Como eu ia saber? Ela parecia tão... tão bacana e tão bonita, e a Clara para mim ainda não passava daquela garotinha que namorava o, como é o nome dele?

— Você não a reconheceu — Fábio constata o óbvio, ele melhor do que ninguém sabe como isso é normal para mim, não foram poucas as vezes em que ele precisou me livrar de situações desagradáveis.

A primeira vez na vida que percebi que tinha alguma coisa estranha comigo foi ainda na adolescência, eu havia conhecido uma garota em um

luau, estava escuro e, embora tenhamos ficado algum tempo juntos, na manhã seguinte, quando nos encontramos na praia, eu simplesmente não a reconheci.

Mesmo assim, nunca dei a devida importância a minha dificuldade em guardar rostos, sempre encontrei uma desculpa para isso, muito trabalho, grande quantidade de pessoas diferentes, na escola, no bar, no projeto, falta de sono, álcool... enfim. Qualquer desculpa que justificasse meus lapsos de memória fotográfica.

Até que, um dia, Fábio apareceu na minha casa com alguns estudos sobre uma doença esquisita, com nome complicado e que se encaixava perfeitamente com o que eu tinha.

Propasognia, ou cegueira de feições, é um distúrbio neurológico que impede o cérebro de arquivar informações básicas sobre um rosto humano. Em casos como o meu, é possível viver uma vida normal, geralmente eu gravo bem os rostos, desde que os veja periodicamente. De dia, de preferência.

Mas basta algum tempo sem ver determinada pessoa, que suas feições simplesmente desaparecem da minha mente, como fumaça se dissipando no ar.

É o caso da Cristal.

A última vez que a vi foi na festa da ONG, ela estava longe, de costas para mim e seus cabelos estavam longos, quando a encontrei na praia, seus cabelos estavam curtos e ela parecia tão diferente. Mesmo assim, eu sentia que a conhecia, só não tinha certeza de onde.

Como, em nome de Deus, eu poderia imaginar que ela mentiria para mim?

— Ela me disse que se chamava Cristal e que seus pais eram os melhores do mundo, porra! Ela nem ao menos tem mãe.

Esfrego os olhos desejando um analgésico, um calmante, uma garrafa de uísque, tudo junto.

— Vocês só se encontraram uma vez?

— Meu pai foi para o hospital e aí as coisas foram acontecendo...

— Jesus Cristo... — Fábio apoia o rosto nas mãos como se ele tivesse algum tipo de culpa.

Nós dois sabemos que, se existe algum culpado nessa merda toda, essa pessoa é a Cristal. Ou Clara. Tanto faz.

Foi ela que mentiu para mim, foi ela que “esbarrou de propósito” em mim naquela noite e que me permitiu beijá-la mesmo sabendo quem eu era.

O que eu não consigo entender é: Por que ela fez isso?

— Eu a levei pra casa — Fábio diz algum tempo depois.

— Não me importo.

— Ela estava chorando, Tomaz.

— Foda-se, já disse que não me importo!

— Eu sei que você se importa — ele insiste e me levanto, cambaleando em direção à cozinha.

— Não, Fábio, você não sabe de nada — digo do fundo do meu coração, porque, nesse instante, nem eu mesmo sei.



Os dias seguintes passam sem que eu me dê conta do que estou fazendo.

Como todas as refeições sem reclamar, caminho com Hendrix pela praia, acompanho as aulas de Rio, vejo filmes com meu pai e escrevo.

Eu odeio admitir, mas desde que Cristal foi embora tenho escrito algumas coisas; não sei ainda se algo poderá ser aproveitado, mas é uma forma que encontrei para canalizar todos os sentimentos que parecem prestes a me afogar.

Tem ajudado bastante.

Escrevo mais uma frase no caderno, que já está repleto de confusões, e olho para o celular.

Estou vivendo um conflito, uma parte de mim grita para que eu abra a droga da mensagem e leia; a outra parte, a machucada, a ofendida, diz que eu devo deixar isso pra lá e esquecer que essa garota existe.

Algo meio difícil quando ela vem se tornando minha obsessão.

A porta se abre e meu pai entra, levanto-me e vou até ele ajudando-o com a cadeira de rodas, que, embora ele odeie, foi necessário. Seu corpo está perdendo a batalha. Pouco a pouco.

Na grande parte do dia, concentro-me em seu bem-estar e tento não pensar em Cristal; funciona, ao menos até que ele comece a falar dela, ou Rio, ou Fábio ou até mesmo Verônica.

— Você está trancado nesse quarto o dia inteiro — meu pai fala quando coloco sua cadeira ao lado da minha cama e volto a me sentar com o violão em meu colo.

— Estou compondo. — Balanço o caderno no ar para que ele possa ver.

— Coração partido sempre foi uma das melhores fontes de inspiração — ele fala antes de engasgar-se e começar a tossir.

Vou até ele e dou batidinhas em suas costas para ajudá-lo a voltar.

— Respira, pai — peço tentando não ficar nervoso, mas cada vez que isso acontece penso que pode ser a última.

— Estou bem, já estou bem. — Ele pousa a mão em meu braço e finalmente volto a respirar.

— O senhor precisa falar mais devagar.

Ele olha para o caderno na cama, puxa-o para seu colo e folheia algumas páginas, penso se devo deixá-lo ler tudo, tem muito sobre ele também, dor, raiva, luto, medo... é estranho, é como se ele pudesse ver o meu interior; mesmo assim, eu deixo que ele as leia.

— Você sabia que vacas que ouvem músicas relaxantes produzem mais leite? — questiona ainda olhando para o caderno e começo a rir; a princípio, uma risada controlada, mas que logo se transforma em uma gargalhada, que o contagia.

Estamos rindo, tossindo e com os olhos lacrimejando quando minha mãe aparece na porta assustada.

— O que está acontecendo aqui? — Ela vai até meu pai e se ajoelha ao seu lado perguntando se está tudo bem com ele.

— Foi apenas uma piada ruim — justifico.

— Imagino se ela fosse boa, hein? — Ela se levanta e começa a empurrar a cadeira para fora do quarto. — Venham, hoje teremos lasanha de berinjela.

Meu pai me olha como se estivesse indo para a força e sorri.

— Ligue para ela, Tomaz, não seja tão teimoso.

Observo meus pais saírem enquanto sinto o peso das suas palavras sobre mim e olho para o celular. Mais uma vez.



“Sei que provavelmente você nunca vai ler essa mensagem e, de verdade, eu não o julgo; nesse momento há exatamente 97 mensagens não lidas do César na minha caixa de mensagens, então eu te entendo, mesmo assim resolvi escrever porque quero que você saiba de tudo.

Ele me traiu com uma universitária americana chamada Jordan; sério, eu nem imagino como deve ser uma pessoa que se chama Jordan, mas isso não importa, porque ela foi a garota que deu um ponto final nos nossos seis longos anos de namoro.

César me contou tudo através de uma carta, pois é, foi assim que ele terminou comigo, por uma merda de um pedaço de papel. Fiquei arrasada, deprimida. Foi quando cortei meu cabelo, na pia do banheiro do meu quarto, com a tesoura de jardinagem da Penha. Deu pra imaginar como eu estava mal, né? Foi aí que minhas amigas tiveram a brilhante ideia de me levar a uma viagem de fim de ano.

Se você ainda estiver lendo, que eu duvido, deve estar se perguntando o que você tem a ver com tudo isso né?

Quer saber a resposta? É um pouco mais complicado, mas vou tentar explicar.

Lembra-se do dia em que você me salvou do Alemão? Que você me levou àquela sala e me disse que tudo ia ficar bem? Desde então você se tornou meu ponto de equilíbrio, insano eu sei, mas sempre que eu me sentia chateada, assustada ou confusa, eu me lembrava das suas palavras naquele dia, da sua mão protetora em meu ombro e do seu olhar preocupado e eu realmente me sentia bem.

Aquela noite quando te encontrei na praia, sozinho, eu pensei, não pode ser o acaso que nos uniu e não custa nada conversar um pouco com ele. Então, eu esbarrei em você, de propósito, claro, era só para dizer um oi, perguntar como vai a vida, essas baboseiras que a gente faz quando encontra alguém, mas quando percebi que você não sabia quem eu era, eu me aproveitei para fingir que eu era outra pessoa, porque, naquele momento, eu estava tão magoada, tão triste, que a melhor coisa que eu poderia fazer a mim mesma era bloquear meus sentimentos.

Me perdoe, Tomaz, eu sei que foi sujo da minha parte mentir e, pior ainda, sustentar a mentira, mas eu precisava do meu ponto de fuga naquele momento, eu precisava acreditar que tudo ia ficar bem. E, por dez dias, eu estive bem, porque você esteve comigo. Mas agora não sei o que fazer, já que aquele que me acalmava se tornou o motivo da minha tristeza.

Não sei se você ainda está lendo isso, mas se eu tiver a sorte de te fazer ficar até aqui, te peço mais uma coisa: quando você voltar, só, por favor, não me olhe com desprezo, não me odeie.

P.S.: Meu nome é Clara, mas minha mãe me chamava de Cristal. Só as pessoas mais especiais da minha vida me chamam assim.

Achei que gostaria de saber.”

Fecho a caixa de mensagem e me deito olhando para o teto por um tempo, relembro o episódio do qual ela se refere, foi a tanto tempo, ela era apenas uma garotinha e aquele moleque já estava lá, ao lado dela.

Durante semanas, eu a observei de longe, assim como havia prometido a Gabriel, cuidei dela, garanti que ela estivesse segura enquanto ele procurava por Poliana. Mesmo depois que tudo estava bem, mantive minha promessa, sempre de longe, vendo a menina de cabelos dourados sorrir sem imaginar que, um dia, aquela garotinha se tornaria a mulher que me acalentou quando achei que estava perdendo meu pai, a responsável por me fazer voltar a falar com ele.

Absorvo todas as suas palavras e, por mais que eu queira odiá-la, não consigo.

Apenas não consigo.



Duas horas depois estou dedilhando algumas notas no violão, ignorando o celular que continua no mesmo lugar e o olhar de Hendrix, que está deitado na porta do meu quarto me olhando como se eu estivesse indo para o campo de batalha.

— Não me olhe assim, droga — digo para o cachorro, que ergue uma sobrancelha. — Eu não vou responder, é melhor assim, não tem o menor cabimento trocar mensagens com a irmã do Gabriel.

Justifico pela centésima vez e Hendrix apenas me olha antes de fechar os olhos.

É melhor assim. Digo para mim mesmo enquanto visto uma camisa e pego a guia do cachorro.

— Vem, vamos dar uma volta.

Fazemos o mesmo trajeto de todas as noites, caminhamos em silêncio e descubro que Hendrix é um excelente amigo, sem julgamentos, sem questionamentos, sem pressão.

Acendo um cigarro e trago relembrando o dia em que Cristal me pediu para não fumar na sua presença, hoje sei o motivo, ela passou por muita coisa enquanto seu irmão estava envolvido com drogas. Provavelmente, ela deve odiar cigarros.

Olho para o cigarro em minhas mãos, a ponta iluminada reluzindo na noite silenciosa, ouço sua voz em minha mente e, antes que eu possa pensar no que estou fazendo, jogo-o fora.

Avisto Fábio e Rio alguns metros à frente, eles estão no mesmo lugar onde a quinze dias conheci Cristal.

Droga! Isso não é verdade.

Esse é o lugar onde fui enganado por uma garota que me usou para afogar a sua mágoa pelo namorado traidor.

Penso em dar meia-volta, mas Rio me vê e ergue o braço me chamando, não me resta nada além de ir até ele.

— Ei, como vai? — Fábio me cumprimenta enquanto Rio faz um afago no pelo de Hendrix.

— Indo e vocês, o que fazem aqui?

— Bebendo. — Fábio ergue um copo de cerveja e Rio uma garrafinha de água mineral.

— Você é ridículo, Rio.

Ele ergue os braços sem ligar para o meu mau humor. Está acostumado.

Peço um copo de cerveja para Moisés e encho tomando um longo gole antes de me sentar ao lado de Fábio e observar o mar com suas ondas prateadas.

— Como você está? — ele pergunta, mais uma vez, e encaro meu amigo sabendo que ele não vai parar de perguntar enquanto eu não responder.

— Compondo, acho que isso deve ser um bom sinal, né?

— A Vê quer falar com ela.

— Por favor, não deixa ela fazer isso — peço, mesmo sabendo que será em vão, Verônica já decidiu e ela vai falar.

— A Clara vai estar no nosso casamento, você sabe disso, né?

— Imaginei que sim.

— O Alan também.

— E daí? — pergunto, mas assim que termino de falar sei o que ele quer dizer com isso.

— Fica tranquilo, eu não vou fazer um escândalo no seu casamento.

— Não é com isso que estou preocupado — ele diz parecendo ofendido. — Eu me preocupo com você, como vai ser ver os dois.

— Eu não ligo, já disse, foi só um lance de verão, já passou, eu nem me lembro mais do rosto dela.

Minto porque, desde o dia que descobri quem ela era, procurei por fotos nas redes sociais até que encontrei uma atual, de cabelos longos, mas ainda assim era ela.

Me envergonho em saber que ela está salva no meu celular, mas disse a mim mesmo que fiz isso para evitar de esquecer seu rosto novamente.

— Tem certeza? — Fábio pergunta mais uma vez e confirmo com a cabeça, junto com um sorriso falso.

Rio se levanta indo brincar com Hendrix na areia e aproveitou esse momento para fazer uma pergunta para Fábio.

— Posso te fazer uma pergunta?

Fábio me olha com uma cara de quem não está entendendo nada. Pois é, meu amigo, bem-vindo ao meu clube.

— Pode, claro.

— Quando foi que você descobriu que a Verônica era a mulher da tua vida?

Fábio me dá aquele sorriso besta, que ele sempre dá quando está falando da sua noiva, e bebe o resto da sua cerveja.

— Eu sempre amei a Vê, desde a primeira vez que ela entrou na livraria torcendo o nariz para os livros e batendo os saltos escandalosamente no piso, mas eu amava a mulher que havia idealizado, a sexy e sedutora loira que me enchia de tesão e que me fazia perder a cabeça. — Meu amigo respira fundo e começo a me arrepender de ter perguntado isso. — Depois que começamos a namorar tivemos muitos altos e baixos, como todo casal, eu conheci o lado feio dela e ela o meu, nos desentendemos, nos odiamos, mas foi aí que eu me apaixonei pela mulher com quem vou me casar em breve. Em um desses dias qualquer, quando a vi adormecida na minha cama e pensei, cacete, essa é a garota com quem quero passar o resto da minha vida? E a resposta foi sim. Isso faz quase dez anos.

Penso nas palavras de Fábio enquanto observo Hendrix correr atrás de Rio pela areia, com a certeza de que nunca na minha vida me imaginei fazendo essa pergunta para nenhuma garota.

Nem mesmo a Carol.

E por um instante me sinto meio deprimido por acreditar que talvez Cristal pudesse ser “a garota”, mas que, por milhares de motivos, isso

nunca vai acontecer.



*“Querida Cristal,
Hoje, eu só queria te dizer que eu amo você, então, quando tudo estiver
difícil, lembre-se disso.
Com amor,
Mamãe.”*

Estaciono o carro na ampla garagem da residência da família Smith e, antes de descer, faço algo que se tornou um hábito há alguns dias.

Checo o celular.

Quando Tomaz leu minha mensagem, algo se acendeu dentro de mim. Senti que talvez pudéssemos ter uma chance, que ele talvez fosse me ouvir.

Mas ele não respondeu.

Cinco dias se passaram e ele não me respondeu, penso em ligar, mas acho que seria um pouco invasivo demais, penso em falar com Fábio, mas não sei até onde Verônica será capaz de ficar com sua boca fechada e se Carol souber... estremeço só de imaginar Gabriel bancando o galo de briga para cima de Tomaz.

Então sigo na minha obsessão por verificar a caixa de mensagem enquanto ignoro as que continuam a chegar de César.

É o universo me devolvendo aquilo que faço.

Bato a porta do carro e observo que o *sedan* negro do meu pai já está aqui, sorrio porque sei que isso significa que ele está me esperando.

Meu pai sempre foi um homem ocupado, imagino que isso tenha sido uma consequência do que aconteceu com minha mãe; para se manter longe dela, ele se afundou no trabalho e não saiu mais. Até que Gabriel quase morreu e, então, ele percebeu que ainda precisávamos dele.

Esse foi o momento em que voltei para o Brasil, que revi meu irmão, que voltamos a ser uma família. E desde então seguimos juntos, com todos os percalços, medos, aflições e esperanças, com muito amor e muitos sonhos, como toda família deve ser.

Entro na grande sala de estar e encontro a árvore de Natal ainda montada, sinto uma pontada de culpa porque sei que ela continuará assim, caso eu não o ajude, meu pai não consegue fazer isso sozinho. Quase vinte anos desde que ela se foi e ele ainda não seguiu em frente; às vezes, eu até desejo que ele enxergue Mariah, ou qualquer outra garota que o faça feliz, que tire seu coração do limbo e que coloque um sorriso em seu rosto ainda tão bonito.

Se existe nesse mundo alguém que merece ser feliz, esse alguém é Christopher Smith.

Entro na cozinha e encontro meu pai de costas para mim, usando moletom, camiseta e um avental que tenho certeza de que Penha o obrigou a colocar. Quem o vê assim jamais imagina que esse é um dos maiores empresários da construção civil desse país.

— Eu não acredito que você me chantageou só para eu desmontar aquele monstro colorido que continua na sala. — Me aproximo e beijo

seu rosto.

— Sou um pai desesperado, faço qualquer coisa para trazer a minha menina para casa.

— Não seja dramático, eu estou bem. — Beijo seu rosto e abro as panelas.

— Nenhum pai acredita que sua filhinha está bem longe dele.

— Vivi dez anos na Inglaterra, esqueceu?

— Você não estava sozinha, e era uma criança, não havia nada que pudesse tirar o meu sono.

Reviro os olhos e vou até a geladeira, pego um pouco de chá e me sento na bancada onde há uma travessa de queijos e uma garrafa de vinho pela metade.

— Está comemorando alguma coisa? — Ergo a garrafa e inalo seu aroma frutado.

— Eu não preciso de um motivo para comemorar —ele diz, mas sei que está mentindo.

— Sr. Smith, eu te conheço.

Meu pai se vira para mim com um sorriso bobo.

— Falei com os meninos hoje.

É engraçado ouvir meu pai se referir a Alan e Gabriel como “meninos”, quando eles já são casados e pais.

Deus! Gabriel realmente vai ser pai.

— E?

— Gabriel vai voltar para o Brasil.

— Para o casamento da Vê, né, pai? Isso eu já sabia. —Coloco um pedaço de Camembert na boca.

— Não. — Ele vem até mim e retira a garrafa da minha mão enchendo a taça e tomando um gole. — Definitivamente.

— O quê?

Meu pai balança a cabeça confirmando e meu coração se agita no peito, mas, ao contrário do que eu imaginava, não é de alegria que ele se contrai e sim de apreensão.



Jantamos juntos na bancada da cozinha; às vezes, em uma casa grande demais, tudo o que se precisa é da simplicidade de um jantar íntimo.

Meu pai conta algumas coisas sobre a casa e sua rotina cheia e chata, me pergunto em que momento da semana ele se diverte, se tem amigos ou se ele realmente é uma máquina de fazer dinheiro.

Depois do jantar o obrigo a pegar as caixas e começamos a desmontar a árvore de Natal, é nesse momento que ele termina de esvaziar a garrafa e preciso colocar umas músicas animadas no *Spotify* para não cair na sua deprê.

— Sabe quem eu encontrei lá na praia? — começo a falar enquanto retiro com cuidado as bolas de vidro colocando-as na caixa.

— Quem?

— O Fábio e a Vê.

— O que eles estavam fazendo lá?

— O Fábio nasceu lá, ele foi passar o fim de ano com a família.

Começo a falar sobre os dias que passei na praia, surpreendo-me quando me dou conta de que ainda me lembro de algo além de Tomaz e meu pai me ouve com atenção.

— Encontrei o Tomaz também — digo e sinto meu rosto aquecer, aproveito para me enfiar na parte de trás do monstro verde, para que ele não note meu rubor.

— Ele também é da mesma cidade?

Conto a meu pai sobre Bernardo, sua decisão de rejeitar o tratamento e como isso afetou Tomaz negativamente, conto sobre o susto que ele levou, sobre as aulas de surfe de Rio, falo o quanto ele ficou encantado com Mariah e tento notar algum traço de ciúmes.

Nada.

Continuo falando e nem me dou conta de que só eu falo, até que percebo que todos os enfeites já estão guardados e meu pai está me olhando com um vinco entre as sobrancelhas, que o faz ficar parecido com Gabriel.

— O que foi?

— Parece que você e o professor Tomaz ficaram bem próximos esses dias.

— A gente se falou. — Ergo os ombros tentando parecer casual, ainda sem saber se eu quero realmente contar tudo para ele ou se estou dando início a Terceira Guerra Mundial.

— E?

Respiro fundo e me sento na mesinha de centro enquanto brinco com fitas natalinas e pisca-piscas coloridos. Olho para todos os enfeites, passado e presente misturados em completa harmonia.

— Eu fiz uma coisa terrível. — Abaixo o olhar para a caixa de bolas em minhas mãos e sinto quando ele se inclina para a frente pousando a taça na mesinha e cruzando as mãos.

— Então está na hora de você me contar.

Eu começo a falar, desde o momento em que decidi cortar os cabelos, como uma forma figurativa de iniciar um novo ciclo, falo sobre a mágoa que ainda sinto ao pensar em César e no fato de sentir que meus sentimentos por ele são voláteis, se transformam a cada dia.

Conto sobre Tomaz, desde o nosso primeiro encontro, não omito nada e a cada palavra que sai da minha boca sinto seus ombros enrijecerem enquanto os meus se tornam mais leves, como se estivéssemos dividindo o peso das minhas ações.

Meu pai não me interrompe, não me critica, não me repreende, não diz nada, apenas me ouve.

Quando se cresce sem a presença da mãe, fica mais fácil criar laços com o pai, ele sempre foi tudo o que tive. Primeiro, porque Gabriel estava longe de mim; depois, porque Gabriel estava instável demais para poder ficar perto de mim.

No fundo, eu sei que ele sempre tentou me proteger, mas de um jeito ingênuo, meu pai me colocou em uma redoma onde quase nada pôde me machucar, até o último Natal.

— Como você se sente a respeito disso? — pergunta ainda com a expressão séria.

— Confusa.

— Você já tentou se desculpar, ele não quis te ouvir, não há mais nada a ser feito.

Olho para ele, seus olhos verdes intensos me observam com atenção, sei que ele está à espera de que eu possa estar escondendo algum fato que justifique ele viajar quatro horas para pegar Tomaz pelo colarinho, mas não há, a única que merece um chacoalhão aqui sou eu.

— Eu sei, mas isso não faz com que eu me sinta melhor.

— Você o enganou, Clara, isso não é algo fácil para um homem digerir.

— Eu sei — repito como uma criança pega fazendo algo errado. — Eu não tinha ideia das consequências, não imaginei que...

Não termino a frase, não sei se estou pronta para admitir isso nem mesmo para mim, o que dirá para o meu pai, ele continua me olhando e, por um momento, me sinto novamente com doze anos.

— Você é uma mulher, Clara, embora no meu coração sempre será a minha garotinha de aparelho nos dentes e cabelos desgrenhados, eu sei, não sou tolo, você é adulta. — Ele pega uma das bolinhas na mão, gira de um lado para o outro e depois olha para mim. — Não sei o que te dizer, de verdade, mas uma coisa é certa: não inicie um novo ciclo antes de terminar o antigo.

— O que o senhor quer dizer com isso?

— Converse com César.

— Ele me traiu — digo com a voz chorosa.

— Eu sei, quero matá-lo por isso, mas ele foi importante para você durante seis anos, ele é filho do melhor amigo do seu irmão, não é como se você pudesse fingir que ele não existe de agora em diante. Converse com ele, diga o que você tá guardando aí dentro, arranque as ervas daninhas do seu coração, tenho certeza de que vai se sentir melhor.

Mordo o lábio enquanto sinto o peso do celular em meu bolso com suas 102 mensagens não lidas, sei que ele tem razão, mas a parte magoada do meu coração se sente bem em saber que ele está sendo ignorado, é ridículo e até mesmo um pouco imaturo, mas é a verdade.

— Eu sei, vou fazer isso.

— Ótimo. — Meu pai se levanta e sai da sala levando sua taça para a cozinha. — Acho que o jantar não me fez muito bem — ele resmunga

enquanto ouço o barulho de outra garrafa sendo aberta.

— Outra garrafa, pai?

— Seu pai precisa. — Ele volta carregando dessa vez a garrafa junto consigo. — Acho que, talvez, esse papo me deixou mal do estômago.

Ele faz uma careta fofinha enquanto se esparrama no sofá e vou até ele jogando meus braços em seu pescoço e deixando um beijo em sua bochecha.

— Eu amo você — digo com a cabeça em seu ombro.

— Eu sei, eu também te amo. — Ele beija meus cabelos e deixa um aroma alcoolizado neles. — Agora volte ao trabalho, garota, essa árvore não vai se desmontar sozinha. — Ele aponta a taça para a árvore vazia. — Ano que vem me lembre de comprar uma coisa menor.

— O senhor fala isso todo ano.

— Eu sei, quem sabe, dessa vez, eu consiga me livrar dela — diz, mas sinto no tom da sua voz que está mentindo.

A verdade é que nem todos estão prontos para arrancar as ervas daninhas que se instalam em nosso coração no decorrer da vida.



Engraçado como tudo é capaz de mudar em uma fração de segundos.

Estamos constantemente em rotação, fisicamente, emocionalmente e talvez isso seja uma forma da vida nos mostrar que nada, absolutamente nada, nela é permanente.

Vir para a casa dos meus pais nesse fim de ano foi a coisa mais difícil que já fiz na minha vida, eu não estava preparado para ver meu pai desse jeito, eu havia dito a mim mesmo que guardaria a lembrança dele como eu gostava. Forte, saudável, vivo.

Mas agora, enquanto tento enfiar minhas roupas na mala e observo o olhar choroso de Hendrix na porta, eu sinto que estou morrendo por ter que ir embora.

— É só por alguns dias — digo ao meu pai, que está sentado em sua cadeira de rodas olhando para mim. — Eu vou pegar uma licença na universidade e volto.

— Tomaz — meu pai me chama, com sua voz frágil.

— Eu já falei com o pessoal da banda, um dos caras pode cantar no meu lugar.

— Tomaz — ele insiste e fecho meus punhos no tecido, que insiste em não caber na porcaria de mala.

— Vinicius também já está sabendo que eu ainda não posso voltar.

— Tomaz.

— Meus telefones estão gravados no celular da mãe e no seu, eu também deixei com o seu médico e tem anotado naquela mesa logo na entrada.

— Tomaz.

— Droga, essa mala deve ter encolhido! — Jogo minha camisa favorita no chão e me sento na cama. Exausto.

— Filho.

Fecho meus olhos e tento respirar, mas parece que cada um dos meus órgãos estão revestidos de chumbo.

— Por favor, pai, agora não — peço e ouço o deslizar das rodas trazendo-o para perto de mim. — Por favor, não. — Estendo a mão impedindo-o de se aproximar de mim.

Não sou muito bom com emoções, talvez seja porque desde cedo aprendi a colocá-las no papel ao invés de demonstrá-las para as pessoas. Mas nesse momento, enquanto tento não pensar que estamos chegando ao fim, sinto que estou me afogando.

— Ei, garoto olhe para mim — ele exige e ergo meu rosto para encarar o seu. — Pode ir, cuide das suas coisas, não vou a lugar nenhum sem te ver.

— Pare com isso — peço.

— Confie no seu velho pai, eu vou ficar bem.

Ele sorri e espalma a mão em meu rosto. Eu não sorrio de volta. Meus lábios não conseguem se mover.



— Promete me ligar se qualquer coisa acontecer? — peço a minha mãe e a Rio, que está ao seu lado.

— Prometo, filho, pode ficar tranquilo.

Dou uma risada nervosa porque não existe a menor possibilidade de ficar tranquilo deixando meus pais nesse momento.

— Cuida deles para mim — peço a meu amigo.

— Claro, pode deixar comigo. — Ele passa um braço sobre os ombros da minha mãe carinhosamente. — Eu e Hendrix vamos cuidar deles, não é, campeão?

O cachorro pousa as patas em seu peito latindo atrás de um carinho.

Jogo minhas coisas na traseira do carro enquanto tento não me sentir o pior filho do mundo.

— Promete pra mim que vai se alimentar bem e vai tentar parar de fumar? — minha mãe pede.

— Prometo.

— Me liga quando chegar. — Ela me abraça e aninho meu rosto na curva do seu pescoço. — Nós te amamos.

— Eu sei, eu também amo vocês, daqui a alguns dias estarei de volta.

Ela se afasta e é a vez de Rio se aproximar me cumprimentando com um abraço.

— Dá uma chance pra Cristal, ou seja lá qual for o nome dela. Tenho certeza de que ela é a responsável por metade desse peso que você tá carregando aqui. — Ele aponta o dedo para o meu peito e afasto sua mão de perto de mim.

— Cuida deles pra mim e qualquer coisa me liga.

Abro a porta do carro e sinalizo para Hendrix, que vem até mim para a nossa despedida. Dói, até mesmo a forma que ele olha para mim.

— Já volto, amigão, prometo. — Deixo um beijo no topo da cabeça peluda dele e entro no carro, dou a partida saindo da casa onde não desejei estar, talvez porque, no fundo, eu já sabia que no momento em que eu fosse embora, deixaria para trás um pedaço de mim.



Um acidente na estrada fez com que a viagem que duraria quatro horas, se transformasse em seis. Sem a presença dos meus cigarros, tenho a sensação de que foram doze.

Passei todo o trajeto pensando em como fazer para ficar ao lado do meu pai sem atrapalhar minha vida, cheguei à conclusão de que não tem como. Preciso fazer uma escolha, e que se dane o resto do mundo, meu lugar é ao lado do meu velho.

Ignoro todas as vezes em que as palavras de Rio tentam invadir meu raciocínio, ele não sabe nada sobre mim e muito menos sobre Cristal.

Ou Clara. Que seja.

Assim que chego à cidade, o peso da realidade aumenta, estou longe demais dos meus pais e perto demais daquela que eu preciso esquecer.

Paro o carro na frente do bar, porque ainda não estou preparado para voltar para casa. Desço esticando minhas costas, estou dolorido e com uma puta dor de cabeça, mas preciso tocar, preciso beber e, acima de tudo, preciso esquecer.

Assim que entro, a sensação de familiaridade me atinge e sorrio de forma triste. Encontro o pessoal ainda montando os instrumentos e me

junto a eles com abraços de Feliz Ano Novo e perguntas sobre meu pai, que são dolorosas de responder.

Toco durante horas, deixando que a música entre em meu corpo e lave minha alma, toco com tudo o que tenho, não é muito, mas é tão intenso que sinto que se eu não tocar posso explodir. Então toco, sem intervalo, sem olhar para ninguém, sem me importar se estão me observando, se minha música está chegando a eles, sem dar a mínima para o mundo a minha volta.

Nesse momento, eu preciso controlar a fúria que acontece dentro de mim, e não há nada nesse mundo que me acalme melhor do que o som da minha guitarra.



Os dias seguintes continuam no mesmo ritmo, toco até que meus dedos não suportem mais, converso pouco, quase nada e ignoro as reclamações do resto da banda. Durante o dia passo a maior parte do tempo resolvendo as coisas entre a faculdade, a escola e a ONG, para que eu possa voltar para a casa dos meus pais o mais rápido possível.

— Eu sinto muito, meu amigo — Vinicius diz sentado em seu consultório enquanto observa os exames que ele me pediu para trazer para ele. — O que posso fazer é me informar sobre a conduta que está sendo aplicada para gerar conforto a ele.

Odeio me sentir pequeno diante de alguém, na grande maioria das vezes sou o professor, aquele que impõe respeito nos alunos, mas nesse momento, enquanto observo a coleção de desenhos tortos na parede e os

porta-retratos dos filhos de Vinicius e Poliana na mesa, me sinto um átomo. Tão pequeno, que tenho certeza de que estou desaparecendo.

— Não se preocupe, ele tem uma equipe excelente, estão fazendo tudo o que é necessário.

Vinicius organiza toda a papelada na pasta e volta a olhar para mim com um sorriso de quem está acostumado a ver gente morrer todos os dias, mas que não deixa de se sentir impactado com isso.

— Você pode ficar o tempo que quiser com ele, não sei nem o motivo para que você esteja aqui me pedindo permissão. Por Cristo, Tomaz, somos amigos, isso me ofende!

— Eu sei, agradeço. — Me encosto na cadeira meio sem jeito enquanto pego um porta-retratos nas mãos. — Como ela está? — refiro-me à Nina, sua filha adotiva. Tive algum tempo com ela no ano passado, mas a garotinha consegue ser mais fechada a relacionamentos que o Ben e quase não tive avanços com ela.

Quando Vinicius e Poliana a conheceram no orfanato, ela era como um bicho acuado, machucada e com medo do mundo, até que eles a adotaram e, com muita paciência e amor, estão mostrando para ela que nem todos machucam, que há aqueles que curam.

Temos tentado uma nova terapia com música para ela, algo que vem dando certo com Benjamin e que Vinicius e Poliana acreditam que pode dar certo, mas Nina ainda não consegue confiar em ninguém além dos pais adotivos.

— Você sabe como a Nina é, ela quase não fala e seu contato é, na maioria do tempo, com Poliana ou Noah.

Vinicius parece frustrado e um pouco triste enquanto pega o porta-retratos e acaricia o rosto de sorriso tímido e olhar distante da filha.

— Eu queria matar quem fez isso com ela — ele diz e posso sentir a fúria em suas palavras e compreendo. Nina foi machucada de um jeito que a impede de se relacionar com as pessoas, até mesmo as que ela ama. Mas mesmo sabendo disso, me sinto feliz porque sei que ela não poderia ter pais melhores.

— Você está fazendo o melhor, dando amor, cuidando dela, Nina não precisa de mais violência em sua vida.

Ele assente e coloca a foto da filha ao lado das outras enquanto deixa novamente o lado pai protetor e volta para o bom e velho doutor Becker. Começamos a falar sobre a ONG, um assunto que alivia o coração desse médico obcecado por consertar um mundo que insiste em mostrar o lado ruim da humanidade.



Quando chego ao bar tenho a sensação de que estou acordado há dias, a necessidade de fumar é tamanha que me pego cheirando a embalagem e imaginando colocá-lo na boca, mas não vou fazer, não mais. E a cada vez que me obrigo a lembrar que não posso fumar, recordo-me dela.

Pego uma dose de uísque e me dirijo ao palco, começo a organizar os instrumentos enquanto observo o bar encher, há um grupo de mulheres que se sentam em uma mesa um pouco distante, elas parecem estar comemorando algo, uma delas me observa com mais interesse, estou acostumado com isso, há um certo atrativo em um cara com um instrumento musical, que o faz ficar mais interessante, e não sou

hipócrita para não admitir que me aproveito desse subterfúgio sempre que posso.

Sou um homem solitário, não há nada de errado em ter um pouco de sexo descompromissado de vez em quando.

A noite transcorre como todas as outras, a garota mantém seus olhos em mim durante todo o tempo, seu corpo se move ao som da minha voz e ela sorri com os lábios junto ao copo. Ela está dando em cima de mim.

Quando o show acaba, ela e suas amigas continuam rindo, bebendo e conversando, já passa das quatro da manhã e há pouquíssimas pessoas no bar, vou até o barman e peço uma garrafa de água e, assim que termino de beber, saio sem olhar para trás, vou para o banheiro e depois de usá-lo, lavo meu rosto e nuca me refrescando e sentindo os ombros tensos. Ainda estou com a cabeça baixa, apoiado na pia, tentando manter minha mente vazia, me concentrando no barulho em meus ouvidos, quando ouço a porta se fechar atrás de mim, não preciso erguer os olhos para saber quem é.

— Eu preciso dizer que estou apaixonada por sua voz.

— Isso significa que fiz um bom trabalho — respondo olhando para ela através do espelho.

— Você não tem ideia do quanto.

Ela sorri maliciosamente. Eu repito seu gesto e me viro para olhá-la de frente. Sexo no banheiro de um bar com uma desconhecida não é algo que eu nunca tenha feito antes e, embora eu não esteja muito a fim hoje, não vou recusar.

Como eu disse, qualquer coisa para manter a minha mente vazia.



Eu amo História, amo o fato de saber que não há nada que ainda não tenha sido pensado, que nossos antepassados chegaram muito mais longe do que jamais podíamos imaginar, amo saber que tijolos e tetos carregam a trajetória de pessoas que viveram há milhares de anos, que o tempo jamais será capaz de apagar completamente algo que um dia foi feito.

Mas, acima de tudo, amo saber que toda história é manipulada, como a velha ideia de que quem conta um conto aumenta um pouco, ou talvez diminua. O fato é que nada é totalmente verídico, embora seja real. Uma incoerência fascinante que me faz crer que o que torna a história tão especial é muito mais a forma como ela é contada e não o que de fato ocorreu. E isso me faz crer que dar aula é minha missão e que estou no lugar certo.

Finalmente consegui substitutos para minhas aulas e, embora eu não tenha dúvidas sobre o meu lugar nesse momento, a parte em mim que ama dar aulas está sofrendo por ter que entregar minhas turmas por provavelmente um semestre inteiro. Já está tudo certo com a ONG, a

banda consegue ficar bem sem mim, só preciso de mais alguns detalhes e já posso voltar para junto dos meus pais.

Estou exausto e, nesse momento, eu adoraria estar na minha cama dormindo as oito horas que a Organização Mundial da Saúde indica, mas que eu insisto em cortar pela metade e passar o resto do dia bocejando. Porém, ao invés disso, estou aqui, em um bar às quatro da tarde, protegendo meus olhos vermelhos de sono com óculos escuros enquanto ouço meu melhor amigo choramingar.

— Eu juro por Deus que, se eu tiver que passar mais um dia tendo que escolher flor, Verônica vai ter um funeral no lugar de um casamento para ir, eu me mato, ou morro com um infarto fulminante. — Fábio vira o restante da cerveja em um único gole e bate a caneca na mesa dramaticamente.

— Achei que, a essa altura, essas coisas já estariam resolvidas. — Enfio uma porção de amendoim na boca e desvio o olhar para o outro lado da rua para não rir, em geral eu me compadeço da situação do meu amigo, afinal de contas são quase dez anos ouvindo histórias desses dois, entre namoro, noivado, morar juntos, adotar um cachorro e dois gatos, quase ter um bebê, ver dois sobrinhos nascer, a chegada de Nina, idas e vindas, brigas e reconciliações... Eu quase me sinto uma terceira pessoa nessa relação, tamanha a minha interferência.

— Hoje, eu acordei e a encontrei sentada na cama mexendo no celular, perguntei o que ela estava fazendo, sabe o que ela me respondeu?

Balanço a cabeça porque não sei se quero saber.

— Ela estava verificando se as flores combinavam com os vestidos das madrinhas! — Fábio baixa a cabeça nas mãos desolado e não consigo evitar o riso que sai de minha boca.

Meu amigo ergue o rosto e me recrimina com o olhar.

— Isso é sério, porra! Não ri não.

— Desculpa, Fábio, é impossível não rir.

— Um dia, isso vai acontecer com você e eu vou estar aí, desse lado da mesa, e vou fazer a mesma coisa. Vou rir, vou gargalhar, uma gargalhada enlouquecida e vou me vingar.

Fábio diz como se estivesse me rogando uma espécie de maldição; em seguida, ergue o braço pedindo mais duas cervejas.

— Desculpa te desapontar, amigo, mas não vai rolar — falo com a convicção de quem sabe que é mais fácil Rio se tornar um amante da vida na cidade grande do que eu me casar.

— O quê? A risada? Ah, vai, eu juro por Deus que vai.

— Não, eu quero dizer, não vai rolar esse lance de casar para mim.

— Por quê? Você acha que vai se safar dessa? Sinto muito, mas ninguém escapa, é como uma espécie de labirinto; por mais que você fuja, uma hora você acaba caindo nas garras de uma mulher e, quando menos espera, está decorando nome de flores e músicas clássicas.

— Olhe para mim, Fábio, já estou com quase trinta e três anos, não me vejo vivendo uma paixão arrebatadora, acho que isso é coisa de moleque, não tenho mais idade e paciência para essas coisas de relacionamentos estáveis; no momento, o único relacionamento que anseio é com minha cama, e sozinho de preferência.

— Você não falou mais com ela, não é? — ele pergunta como se fosse algum crime evitar problemas.

— Claro que não, por que eu falaria?

— Porque você tá bem a fim dela.

— Eu não tô não.

Fábio arranca meus óculos e encara meu rosto abatido de quem vem testando os limites do corpo.

— Tua cara tá uma merda, você tá mais rabugento que o normal e eu vejo você desviar o olhar cada vez que uma garota loira se aproxima.

— Isso não é verdade, e minha cara sempre foi uma merda. — Pegos meus óculos de volta e coloco no rosto.

— Só vou te falar uma coisa. — Meu amigo se inclina para mim e tenho vontade de me levantar e ceder a meu desejo de cair na cama e dormir. — Não adianta tentar afogar tuas merdas no meio das pernas de garotas aleatórias.

— Qual sua solução? Casar-me com a Clara? — brinco, mas Fábio não ri.

— Eu estava pensando em conversar com ela primeiro.

— Você não acha que eu já tenho problemas demais?

A cerveja chega, gelada e acompanhada de alguns petiscos e Fábio enfia alguns na boca antes de responder:

— Eu acho, só não creio que Clara seria um problema na sua vida.

Um grupo de jovens do outro lado da rua chama a minha atenção, garotas e rapazes, provavelmente universitários, rindo alto e conversando ao som de uma música barulhenta que conheço, observo-os interagir e constato que o que disse é a mais pura verdade, não tenho mais saco para isso, na verdade tenho quase certeza de que serei um daqueles coroas solteirões solitários, que se perde no meio da aula falando sem parar sem sequer ser ouvido.

Olho para Fábio e noto que ele também está olhando para o mesmo lugar.

— Eu não tô interessado.

Minto.

Porra... eu odeio admitir isso, mas nos últimos dias passei na frente da casa do seu pai mais vezes do que já fiz a minha vida inteira, eu já decorei a sua mensagem e tenho cerca de vinte respostas diferentes salvas no bloco de notas do meu celular.

Não sei ao certo o que me impede de falar com ela, ainda me sinto um pouco enganado quando me recordo o que ela fez comigo, mas não sinto mais raiva. Esse sentimento foi esmagado pela saudade da sua voz.

Sinto tanta falta de falar com ela, de ouvir os seus conselhos, que estou apavorado e acho que é exatamente isso que me impede de ir até ela.

Estou apavorado.

— Você está com alguma dúvida com relação ao casamento? — pergunto tentando ignorar o pavor que sinto só de pensar em Clara.

— Não, pelo amor de Deus! — ele diz quando percebe o que estou falando. — Eu amo aquela mulher, com toda a sua loucura, com os acessos de choros e crises existenciais, eu a amo, mesmo quando está com o cabelo que mais parece um ninho de pássaros raivosos às três da madrugada ou quando estamos brigando como um casal de velhos que não se suportam mais.

— Então, qual o problema?

— Eu acho que estamos estressados, acho que é essa coisa de casamento, não sei, eu adoraria que ela tivesse ficado com a ideia inicial de algo mais simples como uma capela igual Vinicius e Poliana ou no meio do mato só nós dois como Alan e Monique, ou quem sabe até mesmo o bom e velho civil como Gabriel e Caroline. — Fábio balança a mão no ar, como se tentasse lembrar o que Verônica havia falado. — O fato é que, dentro de alguns dias, estarei no meio de um altar sendo avaliado por mais de seiscentos convidados enquanto vejo a mulher da

minha vida caminhar até mim e na boa, meu amigo, eu não sei se consigo fazer isso.

Continuo pensando no fato de que Gabriel e Caroline, Vinicius e Poliana, Alan e Monique e até mesmo Fábio e Verônica estão finalmente tomando um rumo em suas vidas enquanto eu continuo aqui, paralisado no mesmo lugar, como se estivesse preso em uma espécie de maldição e, por um breve instante, me pego invejando meu amigo e seus seiscentos convidados.

— ... O que me consola é saber que você também será torturado.

— Oi? — digo quando percebo que parei de ouvir.

— Você estará lá, ao meu lado, enfrentando os seiscentos pares de olhos junto comigo.

Ergo a mão e bato em seu ombro.

— Com certeza estarei.

Dou um sorriso forçado; algo que venho fazendo tanto, que estou começando a achar que esse é o meu novo sorriso sincero.



— Essa noite quero dedicar o show a uma pessoa muito especial, o cara que me ensinou tudo o que sei e que fez de mim o homem que sou, ele amava vir aqui e me ver brincar de cantar. — Ergo a caneca de cerveja ao meu lado e o bar lotado segue meu gesto fazendo o mesmo. — Bernardo Fonseca, essa noite é sua. Amo você, cara.

Tomo um longo gole ao som de aplausos e assobios, sei que parece uma homenagem póstuma, mas no canto do palco, sentado em uma

mesa, Fábio segura o celular fazendo uma chamada de vídeo para o meu velho. Esse provavelmente será o último show que ele vai assistir.

Abaixo o rosto encarando o violão enquanto as luzes do palco diminuem, meus dedos tocam as cordas, tão familiares para mim, enquanto fecho meus olhos e penso nele.

Meus lábios se aproximam do microfone, sinto a textura do metal sobre eles enquanto minha voz ecoa por todos os cantos, tudo está tão quieto, só meu violão é capaz de ser ouvido além de mim e, por um instante, imagino que eu estou lá, ao seu lado.

Só eu e ele.

Preparei uma seleção com todas as suas músicas favoritas, toco cada uma delas, e em todas tenho lembranças que aquecem meu coração. Percebo, nesse instante, que estou feliz, mesmo no meio de toda essa merda, porque Clara tem razão, tivemos muitos bons momentos, incríveis e especiais e eu sei que, sempre que a saudade apertar, eu tocarei para ele.

Durante as três horas seguintes toco sem parar, a noite está quente e sinto minha camiseta colada nas costas, já perdi a conta de quantas cervejas bebi e, assim que o show termina, sento-me em um banco e continuo a beber.

Uma garota loira se senta ao meu lado e me recordo do que Fábio disse a respeito de ignorar garotas loiras, ele tem razão, não suporto sequer olhar para elas, todas me fazem lembrar de Clara e isso é ruim.

Sei que estou sendo teimoso, mas o que posso fazer, esse sou eu, o cara que não consegue falar com a garota que está a fim porque ele não é sequer capaz de admitir para si mesmo que está realmente a fim dela.

— Eu sinto muito pelo seu pai — a garota fala enquanto seu dedo passeia pela borda do copo. — Eu também perdi o meu há um ano, foi

difícil, mas a dor diminui aos poucos.

Ela é bonita e gentil e, por algum motivo, não consigo afastá-la.

— Ele ainda não morreu. — Tomo todo o conteúdo do copo e peço para o garoto novo do bar encher o copo. — Estágio terminal. Esse foi o último show que ele assistiu da cama do hospital.

— Ah... eu lamento.

Ela se vira para mim e sua perna roça na minha levemente, estou magoado, levemente embriagado e com o coração partido, aditivos perigosos para uma noite como essa, então recolho o resto de dignidade que tenho e admito:

— Há quase duas semanas, eu não suporto sequer olhar para qualquer garota loira. — Ela arfa ofendida. — Não me leve a mal, não há nada de errado com garotas loiras, é que todas me lembram a única que eu quero esquecer. — Encaro o copo em minhas mãos. — Engraçado que é justamente a que eu menos me recordo, mas a que não sai daqui. — Bato meu dedo na lateral da minha cabeça. — Eu não sei quem você é, eu nem ao menos sei se a gente se conhece ou se você vai mentir para mim, então vou me levantar agora e sair daqui, porque, nesse momento, eu estou muito a fim de te beijar e não quero magoar mais ninguém nessa merda.

Levanto-me e pego o copo, saio do bar sem esperar por sua resposta, não me importo com o que ela vá dizer, eu só preciso parar de pensar nas palavras de Fábio sobre Clara não ser um problema, porque eu sei que será. No fundo, eu sei que será.

Saio na rua e vou até a esquina onde me apoio na parede e acendo um cigarro, prometo a mim mesmo que será o último e foda-se, nesse momento eu preciso de tudo para me manter firme.

Ouço o barulho de saltos se aproximando e bebo todo o líquido do copo esvaziando-o e colocando-o no chão ao meu lado no instante em que a garota aparece.

— Eu acho que podemos nos distrair essa noite. — Ela se aproxima e passo o braço em sua cintura puxando-a para perto de mim.

Eu quero apagar a imagem de Clara da minha mente e, por mais que eu saiba que essa garota não merece ser usada, eu preciso dela essa noite, como se ela fosse a cura para a minha doença. Então, eu faço algo que prometi a mim mesmo que não faria: eu a beijo.



“Querida Cristal,

Não se leve tão a sério, daqui a dez anos você vai rir de tudo o que te aflige hoje, porque até mesmo aquilo que te destrói é menor do que a força do tempo.

Eu te amo tanto,

Mamãe.”

Minha cabeça pulsa com as batidas da música e tenho a impressão de que estou um pouco mais surda a cada segundo que passa.

Juliana está se pegando com um cara há mais de uma hora e Mariah está conversando com outro no bar ao meu lado; o amigo do carinha que está investindo pesado nela está sorrindo de algo que ele falou e não faço a mínima ideia do que seja, sorrio de volta por educação e bebo mais um gole da minha água.

Olho para o relógio e não acredito que se passaram apenas dez minutos, esse lugar deve ter algum campo magnético, que faz com que os relógios fiquem malucos. Só pode.

Se Tomaz estivesse aqui, esse seria o momento perfeito para ele soltar uma das suas curiosidades inúteis sobre a história do relógio ou algo parecido e, sem que eu perceba, me pego sorrindo igual uma idiota.

O carinha pensa que estou rindo por causa das suas piadas sem graça e se estica todo. Ele é bonito, mas jovem demais, talvez não tão jovem, se me lembro, ele disse que tinha vinte e dois, mas tanto faz, ele me lembra César e é o suficiente para que ele não tenha chance nenhuma essa noite.

Não odeio mais o César, ou acho que não, e isso me assusta porque sempre acreditei que o ódio tem a mesma medida do amor, amores intensos podem se transformar em ódios mortais. Mas não é o que sinto por ele e por dias me questioneei o motivo. Acho que nosso amor já havia morrido antes dele bater o primeiro prego no nosso caixão.

O carinha também bebe um pouco do seu uísque com energético e a forma como se dedica para atrair a minha atenção é deprimente. Tenho vontade de virar meus olhos para essa necessidade infantil que os jovens tem de beber além da conta.

A verdade é que tudo aqui me irrita. A música alta demais, as investidas do pobre rapaz, o calor e a falta de espaço, os pegos desesperados, como se o mundo fosse se acabar se não estivessem com suas línguas dentro da boca de outra pessoa.

Droga, estou parecendo o Gabe, mal-humorada e ranzinza. Talvez seja por influência dele que me tornei o que sou hoje. Nunca fui uma garota da noite; quando minhas amigas começaram a sair para baladas, eu já estava namorando César a quase dois anos e, embora fôssemos jovens, tínhamos uma rotina bem tranquila, dividíamos nosso tempo entre minha casa e a dele e, sempre que podíamos, estávamos com Ben, que precisava de apoio constante.

Gostávamos da nossa vida assim, enquanto nossos amigos caçavam casos aleatórios, nos descobríamos como casal. Perdi minha virgindade cedo e, mesmo que sempre tenhamos nos prevenido, Monique e Alan sempre nos davam aulas de como não é legal ter bebês na adolescência. Eles sofreram muito antes de finalmente ficarem juntos e, embora fossem nossa inspiração, nenhum de nós queria repetir o feito.

César sempre dizia que não se importava se eu engravidasse, ele sempre achou o relacionamento da irmã com Alan o modelo perfeito mesmo com todas as dificuldades. Já eu tinha até mesmo medo de pensar nisso quando estava em casa. Tenho certeza de que, se algo assim acontecesse comigo, César não permaneceria vivo por tempo suficiente para pensar se estava pronto ou não para ser pai; mesmo sendo filho do melhor amigo do meu irmão, Gabriel arrumaria um modo de apagar a sua existência da face da Terra.

Irmãos...

Sei que irmãos nascem com o intuito de nos infernizar a vida, Gabriel levou essa missão a máxima permitida. Não foi muito fácil ser adolescente na minha casa, Gabriel estava sempre de olho em nós, controlando nossos horários, analisando nossos comportamentos e nos lembrando a cada instante que conhecia todos os bares e boates da cidade.

Como ele mesmo dizia: “não há nessa cidade um lugar que eu não conheça, do mais caro ao maior buraco de rato que existe”.

Eu odeio saber que ele tem razão, odeio imaginar Gabriel em um buraco de rato e, por mais que eu detestasse ouvir suas histórias sobre por que deveríamos nos manter longe de tudo o que pode nos viciar, eu sei que ele fazia para o nosso bem.

Amo meu irmão, mas isso não tornou mais fácil crescer ao seu lado. Hoje, sei que Gabriel seria capaz de morrer se algo de ruim acontecesse comigo e esse sempre foi um dos motivos para que eu escolhesse trocar minhas noites de agitação por um cinema e um hambúrguer. E pela saúde mental da Carol, que sempre acabava tendo que segurar o mala sem alça do meu irmão também.

E tudo isso me traz de volta a esse momento em que me tornei aquilo que eu mais temia: uma cópia mais calma e feminina do meu irmão.

Levanto-me antes mesmo do garoto parar de falar, Mariah se levanta também preocupada que eu esteja sentindo algo e me segue sem pensar duas vezes.

— O que foi? — ela pergunta assim que chegamos ao banheiro.

— Tô indo embora, não aguento mais essa música alta e esse carinha fingindo ser engraçado.

— Tadinho, ele está se esforçando.

— Eu sei, acontece que eu não estou. — Faço um rabo de cavalo sem me importar muito com minha aparência. — E o amigo dele?

— Legalzinho.

— Você parece animada.

— Meio jovem demais para mim, mas é o que tem para hoje e eu preciso beijar na boca.

Mariah retoca o batom enquanto me observa pelo espelho com uma expressão desanimada. Às vezes, fico triste por ela, não imagino o que é ter um amor platônico; quando meninas brincávamos que, um dia, nos casaríamos com os homens dos nossos sonhos, mas, enquanto as outras meninas se referiam a astros de Hollywood e cantores pop, ela sonhava com o homem que nos levava para a escola todos os dias e que nos

deixava dormir tarde aos sábados, algo tão inalcançável quanto o próprio Zac Efron.

— Tem certeza de que vai embora?

— Absoluta. Pode ficar aí, a Juliana está de carro, ela te dá uma carona.

Mariah reluta em aceitar, mas por fim ela concorda com minha opção e volta para o rapaz com quem estava conversando. De onde estou consigo avistar o pobre garoto à minha procura, mas, a cada passo que dou, tenho mais certeza de que estou no lugar errado.



Uma das coisas que mais gosto de fazer quando sinto que estou perdendo o controle da minha vida é dirigir. Já passei horas atrás do volante, sem um destino certo, apenas rodando enquanto o vento batia em meus cabelos e a música me distraía.

Dessa vez, não é diferente, assim que entro no carro e bato a chave no contato me sinto livre, saio da frente da boate dando graças a Deus quando o barulho abafado pelas paredes fica para trás, abro as janelas e aumento o som permitindo que *I Stand By You*, do Pretenders, preencha todo o carro.

Canto junto sentindo um misto de tristeza e alívio, que me faz chorar embora eu não saiba ao certo o motivo.

Ou, talvez, eu queira fingir que não há um motivo.

A música acaba e *Don't Get Me Wrong* começa, a música vibra exageradamente no metal do carro e desejo que ela possa, durante os seus minutos, me curar com sua magia. Uma música toca após a outra me

levando para longe de tudo e todos, as lágrimas cessam em algum momento entre uma canção triste e uma divertida e, quando me dou conta, estou diminuindo o volume.

É tão patético que tenho vergonha até mesmo de pensar no que estou fazendo.

Meu coração dispara enquanto diminuo a velocidade, vejo o bar a alguns metros à frente, mas não ouço a música e imagino que eles estejam no intervalo, olho para o relógio no painel e lamento quando percebo que está tarde demais.

Resmungo enquanto começo a passar pelo bar, lamentando o fato de não ter tido coragem de vir para cá ao invés de ficar perdendo meu tempo em uma boate ouvindo um garoto bobo tentar me seduzir.

Sou uma mulher moderna, sei o que quero e não tenho medo de correr atrás. Não tenho tempo para pensar no certo e no errado, aprendi desde muito jovem que a vida é um sopro de ar e que ela passa mais rápido do que podemos notar. E nesse momento tudo o que mais quero na vida é falar com Tomaz.

Estou quase no fim da rua quando um vulto chama a minha atenção, na verdade não é o vulto em si, mas o que ele tem em sua mão. A ponta iluminada de um cigarro, volto a diminuir a velocidade para poder ver melhor, embora meu coração já saiba quem é.

E é quando me arrependo de ter vindo até aqui.

Tomaz está acompanhado, uma garota de longos cabelos loiros está com suas mãos em volta do seu pescoço; assim como os garotos idiotas da boate, ele está com sua língua dentro da boca dela enquanto mantém o cigarro protegido. É um beijo intenso, afoito e tão íntimo que desejo poder apagá-lo da minha mente.

A cena toda me desconcerta e, mesmo que eu saiba que ele não me deve nada, me sinto mal. Tão mal que, antes que eu possa me dar conta, bato meu cotovelo sem querer na buzina, é tão rápido que, se fosse uma tarde normal, ninguém notaria, mas já passa das quatro da manhã, a rua está silenciosa e quase não há carros.

O barulho chama a atenção do casal e Tomaz se vira para onde estou, desvio o olhar e acelero rezando para que ele não me reconheça, mas o destino tem planos melhores para mim e, nesse exato momento, um cachorro decide atravessar a rua, assusto-me com o bichinho e, para não machucá-lo, viro o volante com força para a direita, o carro sobe na calçada, me atrapalho com os pedais e, ao invés de pisar no freio, acelero.

E então o carro perde o controle e acerta um poste, o impacto faz com que eu seja jogada para o vidro da frente, sinto uma pontada horrível na cabeça seguida de um zunido em meu ouvido, que logo se transforma na voz de Gabriel:

“Porra, Clara, quantas vezes eu já disse para você usar o cinto de segurança?”

Passo a mão na minha testa e sinto meus dedos molhados. Tento ligar o carro, preciso sair daqui o mais rápido possível, mas ele não me atende e tudo começa a ficar turvo à minha frente no instante em que avisto duas pessoas correndo na minha direção.

Droga, Gabe, nunca odiei tanto dizer isso, mas você tinha razão!



No instante em que minha boca colide com a dela sei que estou fazendo merda, não porque estou beijando-a e provavelmente estarei dentro dela em algum momento nos próximos minutos, mas porque sei o que estou fazendo.

Estou tentando provar a mim mesmo que Cristal não significa nada e que Fábio estava errado, eu posso muito bem ficar com a garota que eu quiser e que o fato de não ter sido uma loira foi apenas coincidência.

— Acho melhor a gente entrar. — Seus lábios molhados percorrem a extensão do meu pescoço e me sinto um pouco incomodado. — É perigoso ficar aqui fora.

Olho em volta e não consigo ver ninguém, mas uma sensação estranha me deixa agitado, levo o cigarro até minha boca enquanto as mãos ousadas da garota brincam com meu cinto.

— O que há de errado com um pouco de perigo? — ela pergunta enquanto puxa o cigarro da minha mão e leva-o a sua boca.

— Qual o seu nome? — Observo seu rosto tentando encontrar algum traço que me faça lembrar dela. Olho seus braços em busca de uma tatuagem, seus brincos, alguma pinta ou mancha de nascença. Nada.

— Vitória. — Ela solta a fumaça de forma sensual.

— Vitória do quê?

Nomes. Sempre fui bom em guardar nomes, posso dizer sem titubear a lista de chamada de quase todas as minhas turmas.

— Vitória Sampaio, por quê?

Sinto um alívio ao perceber que não a conheço, não estou agarrando nenhuma ex-aluna, embora nada me garanta que ela não esteja mentindo para mim.

Um mal-estar se instala em meu estômago, nunca fui um cara grilado por conta da minha deficiência, mas depois de Cristal ou Clara, tornei-me inseguro.

Eu a vi uma única vez, depois de anos sem nos vermos e eu não a reconheci, e se eu não a reconhecer novamente?

Tento não pesar nela enquanto Vitória se abaixa apoiando suas mãos em meus quadris.

— Sua voz é incrível — ela sussurra enquanto abre meu cinto. — Eu estava tão excitada enquanto te ouvia tocar. — Ela começa a abrir minha calça.

Não conheço sua voz e o toque da sua mão me deixa nervoso. Dou um passo para trás e ela se levanta quando nota que estou fechando a calça.

— Acho melhor pararmos, isso não é legal, não aqui — minto porque nesse momento não será legal em lugar algum.

— Eu fiz algo errado?

Jesus Cristo! Ela está mesmo me perguntando isso?

— Não, claro que não, eu só... — Passo a mão pelos cabelos enquanto penso em algo, mas nada me vem à mente.

— Então, o que foi? — Vitória inclina a cabeça e me observa.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Já entendi, é a garota loira. — Ela puxa o cigarro para si e pego outro para mim enquanto balanço a cabeça confirmando. — Coração quebrado é uma merda.

— Pois é — digo com o cigarro entre os dentes.

— Quer saber? Eu não ligo, se você não ligar.

— Do que você está falando?

— A gente pode ficar, é só uma noite, não precisa ser nada sério. — Ela estica o braço e passa a unha em meu peito. — E eu realmente fiquei excitada te ouvindo tocar.

Vitória joga o cigarro no chão e me puxa pela gola da camisa, sua língua serpenteia por toda a extensão da minha boca enquanto seus dedos se enroscam em meus cabelos, é um beijo selvagem e, mesmo que eu tenha dito a verdade quando falei que não estava a fim, tenho que admitir, não tem como não ficar excitado com um beijo desse.

Volto a pressionar meu corpo no seu enquanto seguro sua cintura com uma mão e com a outra a protejo do cigarro aceso quando uma buzina chama a nossa atenção.

— Está esperando alguém? — pergunto e ela nega com a cabeça, olhamos em direção ao carro, mas os vidros são escuros e não consigo ver o motorista, ele acelera e perde completamente o controle da direção desviando de um cachorro e acertando em cheio um poste.

— Puta que pariu!

— Droga!

Corro em direção ao carro quando vejo que, embora seja o acidente mais estúpido que já presenciei na minha vida, o motorista não consegue se mexer direito, ele tenta fazer o carro funcionar, mas ele já era, a frente está abraçada ao poste e não há partida que o tire dali.

Atravesso a rua com Vitória ao meu lado e, quando chego ao local do acidente, sinto que todo o ar desapareceu da face da Terra, porque ou estou ficando completamente paranoico ou Clara é a motorista que está desmaiada dentro do carro.



*“Querida Cristal,
O equilíbrio é o segredo da vida, encontre o seu e descobrirá quem você
é de verdade.
Com amor,
Mamãe.”*

Tento abrir meus olhos, mas não consigo, há algo de muito errado acontecendo aqui e não faço a menor ideia do que seja. Mexo os dedos dos meus pés e agradeço por senti-lo, mexo minha cabeça de um lado para o outro e é como se tivessem trocado meu cérebro por um tijolo de concreto, eu até posso sentir ele se movendo dentro dela.

Ergo a mão para o local onde mais dói, há uma bolsa de gelo no lugar e a derrubo sem querer.

— Graças a Deus! — uma voz sussurra aproximando-se de mim. Ou bati muito forte a cabeça, ou Tomaz está aqui, ao meu lado.

Meu coração dispara quando me recordo como vim parar aqui, seja lá onde eu esteja porque, nesse momento, não tenho a menor intenção de abrir meus olhos.

— Como você está? Por favor fale comigo. — Sua voz soa desesperada e eu chego à conclusão de que bati muito forte com a cabeça.

— Tomaz? — o chamo ainda sem coragem de abrir os olhos e, quando sinto sua mão segurando a minha, tenho absoluta certeza de que morri e estou no céu.

Esse é o único motivo para ele estar aqui.

— Oi, sou eu. — Sua voz rouca e preocupada faz os pelos da minha nuca se eriçarem e um sorriso bobo se instalar em meus lábios.

Crio coragem e abro meus olhos, devagar, e encontro os seus, castanhos e preocupados olhando para mim enquanto segura minha mão junto a seu corpo.

— Oi — sussurro porque falar faz minha cabeça doer.

— Como você está?

— Como se alguém tivesse rachado minha cabeça ao meio — digo e ele sorri, meio de lado, mostrando um dente levemente torto e absurdamente charmoso.

Ele ergue a mão livre e toca levemente o lugar onde dói, as pontas calejadas dos seus dedos causam uma sensação boa ao me tocar e fecho meus olhos.

— Foi quase isso — ele ri e o som da sua risada, mesmo tensa e preocupada, acalma o meu coração.

Abro os olhos novamente e o observo por um momento, seu rosto bonito e sério parece mais cansado do que me lembro, há olheiras sobre seus olhos e seus cabelos da cor de mel estão uma desordem.

Então me lembro das mãos que fizeram isso com ele e do motivo para que eu esteja nessa situação.

— Onde ela está? — pergunto olhando pela primeira vez em volta e me dando conta de que estou em um hospital.

— Ela quem?

— Jesus Cristo! Quanto tempo eu apaguei? — Afasto minha mão da sua e tento me levantar, mas a dor em minha cabeça é tanta que acabo desabando novamente na cama e gemendo.

— O que você está fazendo? — ele se exalta.

— Quanto tempo estou aqui?

— Eu não sei, te trouxe imediatamente para cá. — Ele olha para o relógio na parede. — Umas duas horas, talvez menos.

Coloco a mão instintivamente na cabeça e noto pontos no lugar onde machuquei.

— Eu não acredito...

— Quem não acredita sou eu, você poderia ter se machucado feio, sabia?

— Como é? — Olho para ele sem acreditar que estou tomando bronca.

— Você nem ao menos estava usando cinto de segurança.

— Ah não, nem começa. — Ergo a mão parando-o. — Já não me basta o Gabriel.

— Pelo visto, ele não tá fazendo um bom trabalho — Tomaz resmunga e quase posso ver o professor Fonseca brigando comigo.

— O que você está insinuando? — pergunto ofendida com o fato dele estar brigando comigo, da possibilidade de a garota estar em algum lugar dessa merda de hospital esperando por ele, de estar ofendida por ele.

Droga! Mil vezes droga.

— Cristal, você tem ideia de que poderia ter sido grave?

— Mas não foi — defendo-me. — Eu dirijo com cuidado e aquele cinto me deixa nervosa, eu não consigo usar.

— Imagina se estivesse em alta velocidade?

— Eu já disse que dirijo com cuidado.

— Garota irresponsável, eu nem acredito que Christopher tem coragem de deixar um carro na sua mão — Tomaz caminha de um lado para o outro enquanto fala.

— Quem é você para falar assim comigo? — Agora é a minha vez de me exaltar.

— Sou o cara que te trouxe para o hospital depois que você decidiu tentar se matar na frente do bar. — Ele abre os braços no ar.

— Ah, me perdoe se eu atrapalhei seu pega no beco.

— Como é?

— Sinceramente, professor, eu esperava um pouco mais de você — cuspo as palavras sem me dar ao trabalho de me preocupar se estou ofendendo-o ou não, não importa, não mais.

— Do que você está falando?

— Não se faça de desentendido, eu vi você praticamente comendo a garota no beco, me admiro ela aceitar isso.

Ele me olha boquiaberto, como se eu estivesse falando alguma mentira, mas eu vi, e na verdade nunca vou esquecer a cena. Seu corpo pressionado ao dela, as mãos enroscadas em seu cabelo, a forma como meu coração doeu.

Meu pobre e maltratado coração.

— Se estivesse prestando mais atenção na rua do que na vida alheia não teria batido o carro.

— Eu não... — paro de falar quando noto que ele tem razão, quem sou eu para falar o que ele faz ou deixa de fazer? Não é porque eu não consigo deixar de pensar nele, que ele também deve estar pensando em mim. Afinal de contas, eu sou Clara Smith, e ele deixou bem claro que jamais me beijaria se soubesse disso.

Olho para a janela e, embora as cortinas estejam fechadas, posso ver que o dia já está amanhecendo lá fora.

— Pode ir, volte para o seu encontro.

— Qual o seu problema? — ele pergunta irritado e meus olhos pinicam com as lágrimas que querem sair.

— Nenhum, só estou pedindo para que você vá embora.

— Não vou te deixar aqui sozinha.

Ele não pode me deixar sozinha, ele não disse que não quer me deixar sozinha.

— Eu chamo meu pai, ele vem me buscar.

— Seu pai está viajando.

— Como você sabe?

— Eu já falei com ele, o tranquilizei e disse que daria notícias.

— Eu não quero que você fique aqui — digo como uma garotinha ridícula e mimada.

Parabéns, Clara, você está fazendo um ótimo trabalho em mostrar a ele o quanto é imatura.

— Você não tem opção. — Ele se afasta e se senta na poltrona do outro lado do quarto cruzando as pernas e me olhando em desafio.

— Eu não quero você aqui.

— Não era o que parecia ontem quando estava me observando — ele fala com arrogância.

— Você é muito convencido, se realmente acha que eu estava lá por você.

— E não era? — Ele se inclina para a frente e quero morrer. Nesse instante, enquanto minhas bochechas se aquecem, eu imagino que esteja vermelha como pimenta porque ele tem razão.

— Não, eu estava voltando da balada.

— Clara, eu conheço sua casa e sei que não há possibilidade de você passar em frente ao bar para ir embora.

— Você não sabe onde eu estava.

Ele me observa por um instante, seus olhos fixos nos meus, um sorriso arrogante em seus lábios e minha raiva por ele é tanta, que desvio o olhar para a janela.

— Realmente, eu não faço ideia de onde você estava. — Sua voz se suaviza e, por um instante, não tenho certeza do que ele está falando.

A porta se abre e um médico entra cortando nossa estranha briga e chamando a atenção de Tomaz. Ele se levanta e arruma sua roupa amarrotada enquanto observa o médico vir até mim, ele me faz algumas perguntas sobre o que aconteceu e respondo todas, em seguida me diz que precisarei de alguns exames e que ficarei mais algumas horas aqui.

Tomaz ouve atentamente tudo o que ele diz, sua expressão preocupada faz com que o médico o tranquilize.

— Não se preocupe, sua namorada vai ficar bem, dessa vez foi só um susto. — Ele olha para mim com um sorriso profissional e retribuo com um sorriso de quem arrebentou a cabeça.

E o coração.

— Obrigado, doutor. — Tomaz aperta a mão do médico e tudo o que consigo pensar é que ele não desmentiu.

E, por um instante, finjo que ele é exatamente isso: o meu namorado.

É, acho que bati forte a cabeça.



Eu ainda estou tremendo.

Faz quatro horas que ela está aqui e minhas mãos ainda não pararam de tremer.

Coloco a culpa na falta de sono, na raiva por sua petulância, no fato de ter sido interrogado como se fosse o culpado por uma maluca ter atropelado um poste, até mesmo no cachorro que atravessou seu caminho.

Menos na verdade.

Ver Clara desacordada, com seu rosto pálido coberto de sangue e pensar em todas as coisas horríveis que poderiam ter acontecido, está me matando. Sempre que acredito que vou parar de me torturar, uma nova onda de imagens aterrorizantes invade a minha mente.

Faz cerca de meia hora que a levaram para fazer alguns exames e, enquanto aguardo a chamada para o seu pai completar, saio para fumar.

Foda-se, eu preciso.

— *Tomaz?* — Christopher atende no primeiro toque.

— Oi, está tudo bem, só estou ligando para dar notícias.

Conto a ele sobre os exames e que Clara acordou, deixo de fora a discussão que tivemos, assim como o fato de que estou me sentindo culpado porque, embora ela jure que não, eu sei que sou o motivo para ela ter batido aquela droga de carro.

Deus... poderia ter sido pior.

— *Obrigado por avisar, já adiantei o meu voo, mas não consigo chegar antes do fim da tarde.*

— Não se preocupe, eu fico com ela.

— *Muito obrigado.*

Desligo o telefone e termino meu cigarro, enquanto um novo episódio da série Terror para Tomaz se desenrola na minha mente.



Já se passaram duas horas desde que Clara foi levada e estou começando a ficar preocupado. Estou prestes a me levantar e ir atrás dela quando a porta do quarto se abre e Vinicius entra.

— E aí, como você está? — Ele se aproxima e me levanto para cumprimentá-lo, aliviado por finalmente ver um rosto conhecido.

— Preocupado, levaram ela faz umas duas horas e, desde então, não me deram mais notícias.

Vinicius se senta na ponta da cama enquanto me observa falar, ele tem uma expressão calma e isso me tranquiliza.

— Ela está bem, só estamos fazendo mais alguns exames, pode ficar tranquilo.

— Você sabe que esse papo furado não funciona com quase ninguém, né?

Vinicius ri.

— Eu sei, mas nesse caso é verdade, ela está bem.

— Quando vão trazê-la de volta?

Ele olha para o grande relógio dourado em seu pulso antes de responder:

— Daqui a pouco. Que tal a gente tomar um café? Tenho certeza de que você ainda não comeu nada.

O grande médico se levanta e vai até a porta segurando-a aberta a minha espera.

— Você está mentindo para mim — digo ao me aproximar.

— Não tô não, você tá uma merda e, acredite em mim, não há nada nesse mundo que uma boa xícara de café não resolva.

Caminhamos juntos pelos corredores do hospital, Vinicius é parado algumas vezes no trajeto até a lanchonete para assinar papéis e responder perguntas sobre pacientes.

— O que aconteceu? — ele pergunta enquanto mexe o café duplo em sua xícara.

— Ela perdeu o controle do carro e bateu em um poste, estava sem cinto.

— Entendi. — Ele ergue o olhar da sua xícara e não gosto da forma como ele me observa antes da próxima pergunta: — E o que vocês estavam fazendo juntos?

— Eu não estava junto, na verdade eu estava no meio de...

Um quase boquete no beco.

— Um encontro quando ouvi o barulho do carro.

Vinicius me observa por um instante antes de voltar a mexer em seu café.

— Se afasta da Clara — ele fala e preciso de alguns segundos para compreender o que ele disse.

— Como?

— Eu não tô aqui para te julgar nem nada, mas estou te falando como um irmão, se afasta dela.

— Eu não sei de onde vem esse papo, só socorri a garota. — A ansiedade em minha voz é tamanha que tenho certeza de que as pessoas da mesa do lado sabem que estou mentindo.

Vinicius bufa, como se eu fosse um moleque pego fazendo algo errado.

Pelo amor de Deus!

— A Clara é complicada, só estou te dando um toque, antes que seja tarde demais.

— Não fale comigo como se eu fosse um doente sedutor de menores.

— Eu não disse isso, mesmo porque Clara é maior de idade, só estou tentando te avisar.

— Vinicius, eu não vou mandar você se foder por consideração. Mas é melhor a gente parar esse assunto por aqui. — Arrasto a cadeira fazendo um barulho exagerado e chamando a atenção de todos a nossa volta. — Preciso voltar, ela vai chegar a qualquer momento e prometi ao Christopher que tomaria conta dela até que ele voltasse. — Levanto-me dando o assunto por encerrado e me afasto.

O caminho de volta até o quarto onde Clara está é longo, sinto meu coração batendo pesado no peito enquanto volto para o lugar de onde não deveria ter saído. Quando chego, uma enfermeira está mexendo em sua medicação, ela está dormindo e, por um instante, o medo ameaça me atingir.

— O que houve? — Me aproximo olhando para a moça.

— A medicação vai deixá-la sonolenta por algum tempo, mas vai melhorar a dor de cabeça dela.

— Ela está bem?

— Sim, está ótima, só um pouco agitada.

A enfermeira termina seu trabalho e sai nos deixando sozinhos, puxo a cadeira e volto a me sentar ao seu lado, observo seu rosto delicado machucado, os hematomas que se formaram na lateral esquerda onde ela provavelmente bateu, o nariz pequeno e arrebitado, a palidez de seus lábios rosados, lábios que uma noite beijei sem saber que eram proibidos; seus cabelos, tão claros e rebeldes; e a pequena mancha de sangue perto do curativo. Penso na cicatriz que vai ficar no lugar e se ela vai se lembrar de mim sempre que a ver.

Clara parece tranquila enquanto dorme dopada de medicação e aproveito esse momento para pensar nas palavras de Vinicius:

“Se afasta da Clara.”

Tento fingir para mim mesmo que ele não tem motivos para me dar esse aviso, que não tenho nenhum interesse na minha ex-aluna, que estou aqui apenas porque eu faria isso por qualquer um, que eu não dispensei a garota que estava prestes a me dar um orgasmo no meio da rua sem pensar duas vezes, que o fato dela ser loira não tinha nada a ver com essa garota que está aqui deitada nessa cama, como uma bela adormecida, tão perfeita, que tenho medo de tocá-la.

Estendo minha mão e toco a ponta dos seus cabelos enquanto lamento não ser capaz de reconhecê-la naquela noite, e enquanto me martirizo por ter beijado sua boca bonita, bêbado e magoado, me pergunto se eu faria diferente se soubesse quem ela é.

Sinceramente? A cada segundo que passa, eu tenho mais certeza da resposta.

Não.



O almoço chega e ela ainda está dormindo, isso me deixa nervoso e pergunto para a próxima enfermeira a entrar no quarto se é normal. Ela diz que sim e, embora seu sorriso pareça sincero, não consigo relaxar.

Pego um e-book sobre história romana, que estava lendo antes de viajar, e tento continuar; as palavras se embolam na minha frente e as frases não parecem fazer sentido algum, mesmo assim continuo fingindo que estou tranquilo, quando na verdade estou contando os segundos como um maldito psicopata.

Pouco tempo depois ouço o barulhos dos lençóis e ergo os olhos do aplicativo de leitura para encontrar Clara tentando se sentar, levanto-me rapidamente e vou até ela estendendo a mão para apoiá-la.

— Eu estou bem — ela diz rejeitando minha ajuda e mexendo nos botões da cama.

— Que bom, isso é muito bom.

Ela olha para todos os cantos do quarto evitando meu rosto e odeio essa situação entre a gente.

“Se afasta da Clara.”

— Olha, eu quero me desculpar — começo chamando sua atenção. — Eu não deveria ter falado assim com você.

Clara me observa por um instante, seus olhos verdes que me atormentam, me analisam, me torturam, me enlouquecem, se espremem em uma fenda.

— Não se preocupe, não tem que se desculpar.

Ela vira o rosto para o outro lado e me aproximo segurando a sua mão e obrigando-a a olhar para mim.

— Clara, olhe para mim — peço e ela me obedece. — Eu não sei o que está acontecendo aqui, preciso que você me ajude.

— Por que não pede para a garota de ontem?

— Ela foi embora.

— Ligue para ela — ela diz com seu nariz empinado. Mesmo nessa cama de hospital, toda machucada, ela ainda tem disposição para brigar.

Eu realmente não compreendo as mulheres.

— Não tenho seu número, eu nem ao menos a conheço — admito.

— Lamento por ela — ela diz ainda magoada.

— Eu não, na verdade eu pedi para ela ir embora quando vi você naquele carro. — Olho para o curativo em sua testa, a vontade de tocá-la se torna quase insuportável.

Ela encara meu rosto de um jeito que me atormenta, é como se ela estivesse sofrendo por não poder me tocar assim como estou.

— Eu fiquei apavorado, achei que havia acontecido algo grave. Me desculpe, por favor, me desculpe. Eu não devia ter gritado com você. Eu só... odeio hospitais. Você sabe.

— Eu sei... — Sua voz sai fraca e ela balança a cabeça sem conseguir terminar de falar. Sem pensar envolvo seus ombros em meu braço e a puxo para perto de mim, Clara apoia seu rosto machucado em meu peito e fecho meus olhos quando sinto o calor do seu corpo perto do meu.

— Está tudo bem agora — digo, enquanto apoio minha bochecha em seu cabelos e acaricio suas costas. Sem saber ao certo quem estou querendo tranquilizar.

Ela ou eu.



*“Querida Cristal,
Desastres as vezes são inevitáveis, aprenda com eles, a vida é uma
enorme sala de aula.
Quando doer, feche os olhos e sinta o meu abraço.
Amo você,
Mamãe.”*

Eu soube exatamente o momento em que eu perderia o controle do carro; mesmo que eu tentasse de todas as formas evitar a colisão, eu sabia que não conseguiria, que o que estava prestes a acontecer era maior do que a minha vontade. Não houve tempo para medo, só a constatação do choque.

É exatamente assim que me sinto com relação a Tomaz, eu vi o acidente antes dele acontecer, eu vi o estrago que seria feito em meu coração, eu sabia que iria doer, mas não havia nada que eu pudesse fazer para evitar.

Fechei meu olhos e recebi o impacto.

Agarro sua camisa sem me importar que estou sendo dramática ou não; estou assustada, com tudo o que está acontecendo comigo, com o acidente, com o fato dele estar aqui, de admitir para mim que se livrou da outra garota e da forma como meu coração descompassado bate em sua presença.

— Senti sua falta — sussurro, bem baixinho, uma confissão frágil de algo que ainda não sei nomear, mas que chegou com força.

Ele não diz nada, mas ouço seu coração batendo pesado em seu peito quando ele suspira e aumenta o aperto sobre meu corpo.

— Sabia que no período medieval era quase uma heresia tocar um corpo humano, os médicos conheciam muito pouco ou quase nada sobre ele. — Escondo meu rosto em seu peito e enfio meu nariz em sua camisa, inalo o cheiro de cigarro e bebida que tanto odeio e amo e sinto meu coração se aquecer enquanto sorrio. — Eles provavelmente morreram sem ver um coração.

— Senti falta disso também. — Me afasto e olho para ele, o sorriso desaparece do seu rosto enquanto ele acaricia meus cabelos afastando-os do meu rosto.

— Eu tenho Prosopagnosia — ele começa, agora sério demais. — Uma doença rara que dificulta o reconhecimento de feições. Quando fico muito tempo sem ver uma pessoa, seu rosto simplesmente é apagado da minha memória.

— Por isso não me reconheceu?

Ele balança a cabeça e o que parecia ruim fica ainda pior.

— Eu consigo me lembrar exatamente a roupa que você estava usando no dia em que aquele bandido te acuou na porta da escola, mas não me recordo o rosto de alguém que não vejo a mais de quatro meses.

— Se a gente não se ver por um tempo, você não vai me reconhecer novamente?

Ele ergue a outra mão segurando meu rosto e acariciando-o com a ponta dos polegares.

— Provavelmente não.

Me surpreendo com isso e, por um instante, fico sem saber o que falar.

— Me desculpe, eu não fiz por mal, eu juro...

Tomaz coloca o dedo na frente dos meus lábios me impedindo de continuar a falar.

— Tudo bem, já passou.

Aperto meus lábios desejando poder pedir perdão pelos meus atos, mas, às vezes, na falta de palavras, gestos são o mais próximo do que somos capazes de fazer para nos redimir.

Então faço algo que desejei desde aquela noite em que nos encontramos.

Eu o beijo.

E dessa vez, enquanto meu lábios trêmulos se unem aos seus, não há nenhum fator externo no nosso beijo, nenhuma mágoa ou dúvida, há apenas eu e ele, o homem que desejo do fundo do meu coração.

Observo seus olhos me analisando enquanto minha boca roça na sua, suas pálpebras se tornando pesadas enquanto suas mãos se prendem em volta da ridícula camisola que estou usando. Ergo minha mão colocando-a no lugar onde deveria estar desde então, em seus cabelos, nas mechas macias e sedosas que deslizam por meus dedos fazendo cócegas.

O beijo não dura muito, nem mesmo se aprofunda como eu realmente desejava, mas é o suficiente para eu ter certeza de que não foi ilusão, tudo o que senti naquela noite foi real.

Ainda é.

— Você está bem? — Tomaz passa as costas das mãos em meu rosto e não quero nem pensar em como deve estar a minha aparência nesse momento.

— Um pouco sonolenta, mas estou bem.

Ele se senta na cama fazendo com que eu me apoie nos travesseiros, seu ombro tão próximo, tão atraente, que não resisto e acabo me deitando nele.

— Pode dormir, eu ficarei aqui — ele diz enquanto acaricia meus cabelos com cuidado e, antes que eu possa sequer dizer obrigada, apago.



— Como você está? — meu pai pergunta pela centésima vez enquanto abro a mala e verifico se Penha pegou tudo que eu precisava.

— Pronta para o Halloween. — Aponto para os hematomas horríveis em meu rosto enquanto meu pai me olha de cara feia.

— Eu não estou achando graça em ver você nesse estado, Clara! — ele me repreende e me sinto ridícula como uma menina de doze anos que caiu da bicicleta e ralou o joelho.

— Foi um acidente, pai, poderia acontecer com qualquer um.

— Você tem ideia do estado em que seu carro está? — ele aumenta o tom de voz e respira fundo tentando não perder a paciência.

— Não, mas, acredite, minha cabeça está doendo o suficiente para que eu não me esqueça de usar o cinto nunca mais.

Ele coloca as mãos na cintura enquanto tenta manter a pose de pai durão, mas sei que, no fundo, ele está aliviado por saber que estou bem.

Levanto-me e vou para o banheiro me arrumar, me assusto com a minha aparência, estou mais feia do que poderia imaginar e balanço a cabeça tentando entender o que deu em mim para beijar Tomaz desse jeito.

Toco meus lábios lembrando o nosso beijo, todo o meu corpo formiga e um sorriso bobo se instala em meu rosto.

Ouçó o barulho da porta sendo aberta e imagino que seja ele. Mesmo depois que meu pai chegou, ele ainda insiste em permanecer aqui.

Não falamos mais sobre nós, ou seja lá o que está acontecendo; adormeci em seu ombro e ele me sustentou o tempo todo. Quando acordei, meu pai já estava no quarto e Tomaz havia saído para comer alguma coisa.

Abro a porta do banheiro alguns minutos depois, usando uma calça larga e camiseta, os cabelos rebeldes organizados em um coque e meus confortáveis chinelos, encontro meu pai e Tomaz em silêncio, ambos com as mãos nos bolsos das calças enquanto me observam, como se eu fosse a própria aparição de Maria Madalena.

— O quê? — pergunto olhando de um para o outro.

— Você... demorou — Tomaz responde meio sem graça e meu pai olha para ele daquele jeito que os pais olham para os rapazes quando percebe que eles estão a fim de suas filhas.

Acontece que Tomaz não é um rapaz. Ele é um homem.

— Meu cabelo está terrível. — Aponto para o ninho em minha cabeça.
— Estava tentando arrumar.

— Vamos logo, você precisa descansar — meu pai interrompe nosso diálogo silencioso enquanto recolhe minhas coisas.

Por insistência dos dois, saio do hospital em uma cadeira de rodas e, quando chegamos ao carro, meu pai se afasta para pegar as chaves com o

manobrista.

— Promete que vai descansar? — Tomaz se abaixa segurando minha mão e estendo a outra tocando as olheiras em seus olhos.

— Só se você me prometer de que também vai.

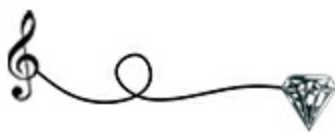
Ele sorri, ai, Jesus! Eu amo tanto o seu sorriso.

— Prometo tentar.

— Obrigada — digo rápido antes que meu pai chegue. — Por tudo.

— Não foi nada.

— Nós dois sabemos que foi — admito no instante em que meu pai se aproxima e Tomaz se levanta despedindo-se do meu pai, que o agradece mais uma vez.



— Por tudo que é mais sagrado, promete que não vai contar ao Gabe?
— digo baixinho tentando encontrar uma posição confortável para apoiar o celular.

— *Como assim? Isso não é justo com ele* — Carol defende o marido do outro lado da linha.

— Você o conhece melhor do que eu, sabe que ele vai pirar. — Reviro os olhos, porque sei que não estou exagerando. — Ele é capaz de pegar um voo só para vir até aqui conferir se estou viva de verdade.

Carol ri, como a boba apaixonada pelo mala do meu irmão que ela é.

— *Eu não concordo em deixá-lo de fora, mas vou respeitar a sua vontade.*

— Eu já estou bem, juro.

Conversamos um pouco mais sobre eles, o bebê e a viagem que está próxima.

— *Clara, você sabe que o César também vai, não sabe?*

Baixo o olhar para o lençol em meu colo sem querer falar nesse assunto, ainda não respondi as mensagens dele, mas li todas e agora elas já não me machucam mais.

— Sei.

— *Eu só quero que você fique bem* — minha cunhada diz e sei, por experiência própria, que ela está falando a verdade, porque essa é a Carol, a garota que coloca o nosso bem-estar acima de qualquer coisa nessa vida.

— Eu estou bem, juro — digo e imediatamente me lembro de Tomaz, das suas mãos em meu rosto, do seu lábio no meu, da forma como ele esteve ao meu lado, protetor, cuidadoso, lindo.

Eu quase desejo voltar, só para tê-lo ao meu lado mais uma vez.

— *Tem certeza?*

Sinto uma vontade desesperadora de contar a ela o motivo, de dizer quem é o responsável por tudo o que vem acontecendo na minha vida ultimamente. Sempre contei tudo a Carol, sempre compartilhei com ela meus segredos mais íntimos, foi a ela quem contei quando perdi minha virgindade, foi ela quem me levou ao ginecologista e me ensinou a tomar pílula, foi Carol quem me mostrou como usar um absorvente e me fez sentir a garota mais especial do mundo por isso.

Ela sempre foi a minha figura materna e, por mais que eu sinta falta da minha mãe, sei que, enquanto ela estiver aqui, eu nunca estarei desamparada.

— Absoluta — respondo e fecho meus olhos desejando que chegue logo o dia em que eu poderei contar sobre Tomaz.

Desligo o telefone e me deito, olho para o diário que minha mãe me escreveu antes mesmo de eu nascer e sorrio, tenho certeza de que ela amaria a Carol e isso faz com que eu me sinta em paz.

O celular acende avisando que uma nova mensagem chegou, abro imediatamente.

“Eu nunca odiei tanto não guardar feições quanto nesse momento, tenho medo de te esquecer, não a garota que você será daqui a alguns anos, mas aquela que me salvou na noite de réveillon, com seus cabelos curtos e seu nariz arrebitado. Passo horas relembrando cada detalhe na esperança de assim gravá-la em algum lugar dentro de mim, que ainda não conheço.”

Leio a mensagem sorrindo, sem me importar com a dor de cabeça que estou sentindo e, enquanto respondo, não tenho medo do que estou insinuando, talvez seja apenas efeito dos analgésicos, mas eu prefiro pensar que é o prelúdio de um futuro bem próximo.

“Talvez seja melhor guardá-la em seu coração, é o lugar mais seguro para se guardar alguém que não se deseja esquecer.”

Clico em enviar e coloco o celular de volta na mesa, em cima do diário, desejando nesse momento, que seja lá onde minha mãe esteja, que ela possa amá-lo, porque talvez seja isso que vai acontecer comigo.

Eu posso sentir.



"Querida Cristal,

Sempre fui uma romântica incurável, talvez por ter tido uma vida limitada e sem expectativas, criei um universo particular onde usei o poder das palavras para amenizar a dor do meu coração defeituoso. Em meu mundo, cada dia de vida que me foi tomado, eu devolvi ao universo com palavras de amor.

Às vezes, quando não se pode lutar por algo, só nos resta aceitar e agradecer.

Hoje, agradeço por sua vida que cresce em meu ventre.

Amo você,

Mamãe."

Fecho o diário gasto por todos esses anos em que foi manuseado e me levanto, minha cabeça ainda lateja um pouco e, assim que chego ao banheiro e me olho no espelho, gemo de dor e frustração. Observo o corte em minha testa e imagino a cicatriz que vai ficar no lugar, ao menos espero que seja sexy como nos rapazes. Tomo meus remédios e ligo o chuveiro, tomo um banho longo na tentativa de me sentir melhor,

repasso toda a conversa que tive com Tomaz ontem e analiso a forma como ele cuidou de mim, sempre fui muito observadora e, embora eu tenha certeza de que tudo o que ouvi não foi fruto da minha imaginação, não quero criar expectativas.

Ele nem ao menos respondeu a minha mensagem.

Saio do banho e me enrolo em um roupão enquanto decido se quero comer ou voltar para a cama, mas, antes que eu possa decidir, deparo-me com Tomaz apoiado no batente da porta do meu quarto.

— Mais dez minutos e eu juro que derrubaria essa porta pra ver se você estava viva. — Ele tem um sorriso debochado nos lábios enquanto fala, ainda de braços cruzados no peito enquanto me olha usando apenas um roupão.

— Uau, isso é tão... selvagem — brinco para que ele não note o quanto estou tremendo nesse momento.

— Eu sei ser bem selvagem quando precisa.

Sorrio, mas não sei se ele nota porque meu sorriso poderia muito bem ser confundido com uma espécie de AVC tamanho meu nervosismo.

— Eu gosto de banhos longos — justifico enquanto tento desemaranhar o ninho em meus cabelos.

— Percebi.

Apoio-me na porta do banheiro enquanto seguro as abas do roupão já que meus cabelos venceram a batalha; observo Tomaz, no meu quarto, na minha casa, sorrindo para mim enquanto estou nua e molhada, coberta por uma camada de tecido e outra de nervosismo.

— Eu vim ver como você está. — Ele aponta para o curativo em minha testa e levanto a mão cobrindo-o com meus dedos trêmulos e gelados.

— Eu estou bem, um pouco dolorida, mas bem.

Ele passa seus olhos por todo meu rosto e mesmo a essa distância, sinto como se seus dedos estivessem sobre mim, respiro fundo tentando ficar calma, mas não consigo.

— Como você entrou aqui?

Tomaz franze o cenho, como se eu tivesse perguntado algo absurdo.

— Pela porta. — Ele aponta para o corredor atrás de si e reviro os olhos.

— Engraçadinho.

— Eu liguei para o seu pai, perguntei se poderia te ver antes de ir embora. Ele disse que sim, então eu vim, uma senhora me deixou entrar.

— A Penha — digo com um sorriso nervoso nos lábios.

— Isso mesmo, Penha.

— E você está indo para casa?

— Estou, vou ficar com meu pai, você sabe. — Ele baixa o olhar por um instante e quero abraçá-lo nesse momento.

— Sim, eu sei. Manda um beijo para ele.

— Vou mandar, ele vai amar.

Aperto o nó no roupão, porque estou prestes a fazer algo idiota caso não tenha com o que me distrair.

— Veja Indiana Jones na sequência, vai ser bacana maratonar.

— Sim, eu já estava pensando mesmo nisso.

Sorrimos, meio sem graça, um pouco nervosos e totalmente ansiosos.

— Eu passei no mecânico antes de vir para cá.

— E aí? Muito feio?

— Você não tem ideia, de dia é ainda pior.

— Então está explicado o mau humor do meu pai.

— Você poderia ter morrido, Cristal.

Sinto um burburinho em meu estômago quando ele me chama de Cristal. Parece tão íntimo.

— Mas não morri.

— Eu fiquei apavorado — ele admite. — Hoje de manhã, quando vi o estado do carro, foi como reviver novamente aqueles minutos antes de você acordar e eu... — ele respira fundo e enterra as mãos nos bolsos da calça jeans.

— Já passou, eu estou bem e você também.

— Eu não tô nada bem.

— Tomaz.

— Eu tô uma merda, Cristal, a pior pessoa desse mundo. Estou desmoronando e não faço ideia do que vai sobrar quando tudo isso acabar.

— Eu não me importo com nada disso.

— Mas eu me importo, eu não quero ser um babaca com você.

— Então não seja, seja sempre sincero, fale o que pensa, não importa o que for.

— É por isso que estou aqui agora, porque eu preciso ser sincero com você.

— Sim?

— Eu não acho que isso possa dar certo de alguma forma — fala sem rodeios e dou graças a Deus por ter uma estrutura de concreto atrás de mim ou eu poderia desabar nesse momento.

— Tudo bem, ninguém aqui está te pedindo nada. — Odeio o fato da minha voz estar tão fraca, que quase não me ouço.

— Eu não quero te magoar, Cristal.

— Não está — minto.

— Mas eu também não quero me afastar de você.

— Temos um dilema então — brinco, mas ele não sorri, ao contrário, ele continua olhando para mim por baixo das mechas da cor de mel dos seus cabelos.

— Eu não gostei do que senti aquela noite.

— Me desculpe — sussurro enquanto abaixo a cabeça me sentindo uma idiota.

Ouçoo seus passos enquanto ele caminha até mim, suas mãos seguram meu rosto enquanto seus olhos castanhos intensos observam meu curativo.

— Por favor, Cristal, não faça mais isso. Não se coloca em perigo dessa maneira. — Ele mantém seus olhos em meu rosto enquanto sussurra e já não tenho mais certeza de que está falando comigo, se estou de pé ou flutuando ou se estamos mesmo no meu quarto. — Eu posso não estar lá para te proteger na próxima vez.

Talvez eu tenha morrido e isso seja apenas fruto do meu subconsciente, que não se desprende da Terra ainda.

Não consigo falar, nem ao menos respirar direito, meu coração bate tão forte que tenho certeza de que ele pode ouvi-lo mesmo através do roupão.

Roupão esse que nem ao menos sei se está aberto ou fechado porque, nesse momento, não consigo afastar meus olhos do seu rosto.

— Prometo me certificar de que você esteja por perto na próxima vez. — Sorrio, mas ele não sorri de volta.

— Eu não sei o que está acontecendo aqui, eu nem deveria estar no seu quarto. Tenho certeza de que seu irmão me mataria se soubesse que... — Coloco um dedo em sua boca para silenciá-lo.

— Não fala nada, não pensa em nada, só estamos nós dois aqui.

— Crist...

— Shhhhh... silêncio. — Me aproximo um pouco mais e toda a ansiedade desaparece enquanto sinto o calor do seu corpo perto do meu.

— Escuta isso. — Inclino meu rosto e ele faz o mesmo, nossas bochechas quase se tocando enquanto fecho meus olhos. — Você consegue ouvir?

Ele nega com a cabeça e eu sorrio.

Ergo minhas mãos e seguro sua cabeça inclinando-a um pouco mais para perto do meu peito, ele se deixa levar, e quando seus cabelos roçam a pele do meu ombro sinto meu coração disparar.

— E agora? — A agitação em meu corpo é tanta que tenho a sensação de que estou sofrendo uma descarga elétrica.

— Sim.

— Você sabia que o coração de uma mulher é em média oito batidas mais acelerado que o de um homem?

Suas mãos se fecham em minha cintura enquanto sua cabeça se mantém firme em meu peito. Sinto o sorriso se formar em seus lábios.

— Ele bomba em média cinco litros de sangue por minuto. — Sinto sua boca roçando a minha pele, a barba por fazer me pinicando de um jeito bom. — E produz energia para abastecer um caminhão — completo. Sua boca sobe por meu pescoço causando arrepios.

— Está nervosa, Cristal? — indaga com os lábios em meu ouvido e estremeço quando beija um ponto abaixo da minha orelha.

— Não, mas eu sei que você está e pensei que talvez essas informações possam te ajudar.

Tomaz segura meus cabelos mantendo meu rosto próximo do seu e antes de sua boca se unir a minha ele sorri, um sorriso lindo que faz o músculo, que tanto conheço, disparar, como se estivesse prestes a fugir.

Envolvo meus braços em seu pescoço, lembrando o beijo que demos ontem e constatando que, a cada vez que ele me beija, é ainda melhor.

Tomaz me empurra delicadamente até a parede, onde posso finalmente me apoiar enquanto minha boca é devorada pela dele, suas mãos afoitas se enroscam no laço que mantém meu corpo nu protegido e nunca desejei tanto que ele se desfizesse quanto agora.

Estou finalmente sendo beijada como queria, sem cautela, sem a sombra do álcool nublando nossas decisões, sem o cuidado de me machucar, sem a raiva por saber quem sou, sem nada além do desejo de me beijar.

— Jesus Cristo! — sussurra com os lábios ainda próximos dos meus.
— Eu não sei o que estou fazendo.

— Você está me beijando — digo e ele abre os olhos para me observar.

— Você é incrível, sabia?

— Já me falaram isso — brinco e ele passa as costas da mão em minha bochecha deslizando até tocar o curativo em minha testa.

— Acho que essa cicatriz vai ter uma boa história.

— Eu espero que sim e que seja a única.

Fecho meus olhos pensando em suas palavras e no fato de que infelizmente ele está longe de estar certo. Muito longe disso.

Sinto quando sua boca toca a minha novamente, de leve, apenas uma carícia gentil antes dele se afastar por completo.

— Eu preciso ir — fala ainda perto de mim, mas com suas mãos nos bolsos. — Não sei quando volto, talvez só quando...

Ele não termina a frase, mas sei o que ele quer dizer, seu pai está morrendo e ele não tem cabeça para nada além de cuidar dele.

— Pode ir e, sempre que precisar conversar, você sabe o meu número.

— Obrigado. — Ele começa a caminhar ainda olhando para mim. — Eu vou precisar.

— Eu estarei te esperando —digo e ele sorri, aquele sorriso lindo que faz meu coração derreter.

Droga de coração.



*“Querida Cristal,
A vida é boa, sempre!
Com amor,
Mamãe.”*

Os dias passam sem que eu me dê conta, passo a maior parte do tempo no meu quarto, recuperando-me e conversando com Tomaz, sei que ele está usando nossas conversas para manter sua cabeça no lugar, falamos de tudo um pouco, sobre música, comida, filmes e lugares que desejamos conhecer, me pego imaginando nós dois juntos em algumas dessas viagens e, por mais maluco que pareça, é algo que eu desejo.

Desejar.

Cada dia que passa, eu o desejo mais, desejo suas palavras, seu bom dia e seu boa noite; desejo sua voz, cantando músicas para mim; desejo sua risada, grave e forte; desejo seu sorriso, bonito e tímido; desejo sua boca, que acalma a minha sempre que me toca.

Passo o tempo sorrindo. Mesmo quando não estou conversando com ele, estou relembrando algo que ele me disse e isso é bom. Embora faça

Mariah me encher de perguntas, que acabam ficando sem respostas.

Nos dias que se passam permaneço na casa do meu pai, já que ele me proibiu de dirigir e de voltar para minha casa, vou ao cinema com minhas amigas e passo na ONG algumas vezes para ler para as crianças, algo que Carol gostava de fazer e me comprometi a continuar depois que ela foi embora.

Verônica ocupa uma outra parte do meu tempo livre; embora eu não tenha nenhuma aptidão artística, ela me obriga a ajudá-la a fazer laços em embalagens que eu tenho certeza de que deveriam ter vindo prontos.

O fato é que, no fundo, eu sei que, ao me ter perto, ela se sente mais próxima da sua amiga. Depois que Carol e Gabriel começaram a namorar, Vê se tornou parte da casa, e vem sendo assim desde então.

Verônica ainda não perdoou Carol por seu casamento surpresa com o meu irmão e, embora viva falando que nunca vai perdoá-la, sei que no fundo está apenas enciumada por Monique estar tão próxima da sua amiga. Principalmente agora que ela está à espera do bebê número três.

Nossa, eu ainda não acredito que vem mais um bebê para a família deles, Sarah ainda é tão pequena e tem o Ben, que, por mais que esteja se saindo bem, sempre requer uma atenção especial. Sinto falta deles, dos fins de semana juntos no lago, de ver filmes repetidos com Ben e de jogar cartas com Alfredo e Fernando. De certa forma, eles foram a minha família por longos seis anos e agora não sei mais como reagir ao me encontrar com eles novamente.

— Clara, você está esquecendo de colocar a etiqueta! — Vê me repreende quando não faço o laço da forma correta. Olho para as duzentas sacolas espalhadas pela minúscula sala do apartamento que ela mora com Fábio sem compreender por que, mesmo depois de tanto tempo, ela ainda insiste em viver aqui. A família Becker é dona de quase

metade das propriedades da cidade e mesmo assim ela insiste em continuar aqui.

Mas quem sou eu para julgá-la quando insisto em viver em uma casinha antiga do outro lado da cidade enquanto meu pai promove a verticalização da cidade construindo edifícios na velocidade da luz.

— Desculpa, eu estava distraída.

— Eu percebi. — Ela me olha com um sorriso de quem está louca para iniciar uma conversa. E sinto um burburinho em meu estômago.

Verônica é noiva do melhor amigo de Tomaz, logo, ela tem acesso direto a ele, ou seja, deve saber que estamos nos falando.

— Não é nada disso — defendo-me mentirosamente.

— Eu não disse nada. — Ela dá um laço habilidoso na embalagem enquanto olha para mim sorrindo.

Como ela consegue fazer isso com essas unhas gigantes? Me refiro ao laço, claro.

— Mas vai dizer, eu estou sentindo e não quero falar sobre isso.

— Tudo bem, mas, quando quiser, eu estou aqui.

Eu bufo e erro o laço.

É quase impossível esconder algo de Verônica, ela é pior que Gabriel, quase um detector humano de mentiras e sinto-me exposta na sua presença intimidante.

— Somos apenas amigos — conto a mentira universal e ela aperta os lábios enquanto coloca a sacola ao lado das outras.

— Amigos... sei.

— Vê! — a repreendo, mas ela apenas ergue o ombro e continua seu processo elaborado de me humilhar.

— Nós criamos uma relação estranha, mas que funciona bem.

A tela do meu celular se acende no exato momento em que estou falando e, para minha surpresa, é uma mensagem dele.

— Você não vai responder? — ela pergunta.

— Depois — minto embora meus olhos vagueei para a mensagem.

— Aposto que está curiosa.

Bufo e reviro os olhos enquanto limpo minhas mãos sujas de glitter no macacão e me estico para pegar o celular.

“Passando para dizer oi.”

“Oi.”

Respondo e coloco o celular de volta fingindo estar tranquila quando, na verdade, eu queria mesmo era poder conversar com ele. A sós de preferência.

— Tudo bem, garota, pode responder.

— Está tudo bem — minto.

— Eu vou lá na cozinha pegar um chá gelado para a gente.

Ela se levanta e me deixa sozinha com meu celular e, assim que o pego de volta, há uma nova mensagem.

“Muito ocupada?”

Tiro uma foto minha envolta em fitas e sacolas e envio para ele, não ligo se meus cabelos rebeldes estão parecendo ainda piores ou se estou sem nem ao menos um batom.

A resposta vem logo em seguida:

“Nunca senti tanta inveja de um objeto inanimado.”

Sorrio e sinto meu rosto aquecer enquanto leio a mensagem.

“Acredite em mim, não sinta.”

“Verônica está te explorando?”

Olho para a loira enchendo dois copos de chá na velocidade de uma tartaruga reumática e sorrio, porque sei que ela está nos dando espaço.

“Na verdade, eu acho que ela está enrolando na cozinha para que a gente possa conversar.”

“Sempre gostei dessa garota.”

Trocamos mais meia dúzia de mensagens aleatórias até que Verônica volta com nossos chás. Ela me entrega um e se senta ao meu lado.

— Sabe de uma coisa, eu nunca canso de me surpreender com a vida.

Verônica beberica seu chá com a classe de uma francesa. Mesmo que seja uma coberta de glitter.

— Não sei do que você está falando.

Ela se vira e olha para mim por um instante antes de continuar:

— Tomaz sempre acreditou que não se apaixonaria novamente, que o amor não era para ele, mas, na verdade, mesmo sem querer, o coração dele estava apenas esperando.

— Esperando o quê?

— Você se tornar uma mulher.

Abro a boca para responder, mas, de repente, uma onda de emoção me inunda e fico sem reação. Então, eu bebo o meu chá desejando que ele possa desfazer o bolo que se formou em meu estômago enquanto ignoro

a imagem romântica de Tomaz aguardando por mim durante todos esses anos.

Pare com isso, Clara, apenas pare. Agora, antes que seja tarde demais.



Meu coração está prestes a saltar pela boca quando vejo o carro do meu pai estacionado. Ainda estou suja de glitter e imagino que estarei até o fim dos meus dias, meus dedos estão queimados e acredito que perdi minhas impressões digitais com aquela cola quente, tudo o que eu mais quero é um banho e a minha cama, mas assim que abro a porta sei que estarei longe dela pelas próximas horas.

— Eu não acredito que vocês me enganaram! — digo assim que avisto Carol e Gabriel debruçados na bancada conversando com Penha.

Os dois se viram ao mesmo tempo e não sou capaz de conter as lágrimas de caírem, eu estava morrendo de saudades, mesmo que tenhamos nos visto há pouco mais de dois meses.

Carol sorri e suas bochechas redondas de grávida dão a ela um ar mais juvenil, Gabriel parece um pouco mais forte do que da última vez que o vi e ainda mais bonito, como se isso fosse possível.

— Ah, meu Deus, eu odeio vocês — digo ao me aproximar de Carol e me inclinar para deixar um beijo em sua pequena barriga. — Ele já está desse tamanho? — me refiro ao bebê e seu sorriso se espalha.

— Pois é, os médicos acham que será um bebezão — ela diz cheia de orgulho de sua barriga redonda.

Eu a abraço e, quando me afasto para cumprimentar Gabriel, noto seu sorriso se desfazer no instante em que ele olha para meu rosto.

Ou para a minha testa.

— O que diabos aconteceu com você? — reviro os olhos ignorando a sua pergunta e me jogando em seus braços.

— Também senti sua falta, irmãozinho. — Envolver meus braços em sua cintura e ele me aperta junto de si.

— Deus, Magrela, que saudade, como você está? O que aconteceu com você?

— Eu estou bem, foi só um pequeno acidente.

Eu estava perseguindo o ex-namorado da sua esposa e acabei batendo o carro, aliás, acho que estou criando sentimentos por ele. Lide com isso, brother.

Gabriel passa a ponta dos dedos em minha cicatriz, ela está bem melhor, um pouco vermelha, mas quase indolor. Mesmo assim me encolho quando seus dedos a tocam.

— Pode me contar como isso aconteceu, porque não me parece algo pequeno.

— Dá um tempo, Gabe, deixa a Clara em paz — Carol diz em minha defesa, ele olha para mim e para a sua esposa e o vinco que se forma entre seus olhos me faz ter vontade de rir.

Gabriel é como um velho cão de caça, apesar da sua história e da sua cara feia, não amedronta mais ninguém.

— Você sabia disso, Carol? — ele pergunta e respondo antes dela.

— Eu bati o carro no poste algumas semanas atrás, não foi nada.

— Você estava sem a porra do cinto, não é?

Pego uma garrafa de água e começo a sair da cozinha.

— É muito bom ter vocês de volta, eu estava com saudades.

— Quantas vezes eu já te disse para não dirigir sem o cinto de segurança, Clara? — Gabriel continua com seu sermão e eu continuo

ignorando-o. é a melhor alternativa.

— Vou tomar um banho, estava com a Vê, aliás, Carol liga para ela! — grito enquanto subo as escadas ignorando a chatice do meu irmão.

— Quando você vai aprender a ouvir o que eu digo? Mas que porra!
— Gabriel resmunga e fecho a porta do meu quarto sorrindo.

Às vezes, a gente só se dá conta do quanto algo é perfeito quando não o temos mais por perto. Me sinto privilegiada por saber disso sem que eu precise perder mais ninguém.

Retiro o celular do bolso da calça jeans e leio a mensagem de Tomaz:

“Cheguei em casa, quando puder conversar me avisa.”

Apoio a cabeça na porta, ainda posso ouvir Gabriel e Carol conversando lá embaixo enquanto meu coração dispara, prevendo o que vai acontecer.

Começou a contagem regressiva para o casamento de Verônica e Fábio.



A vida não é como um filme, onde o roteiro é programado e encaixado para que tudo dê certo.

Na vida real, nem sempre as coisas fazem sentido, para dizer a verdade, quase nunca. Mesmo assim, aprendemos a lidar bem com ela.

Precisei de um longo período para poder aceitar que meu pai escolheu morrer sem lutar, no começo o achei um homem fraco e deixei que minha mágoa nublassem todo o meu amor e admiração. Mas hoje eu sei que precisa de muita coragem para lidar com a morte, como ele vem fazendo.

Para minha grande surpresa, hoje a admiração e respeito que tenho por esse homem é tamanha que não cabe em meu peito.

Nunca fui um homem muito emotivo, sempre soube controlar bem as minhas emoções, mas nas últimas duas semanas, chorar tem sido algo recorrente em meus dias, e principalmente em minhas noites.

Meus cadernos de rascunho estão lotados de músicas, venho compondo muito e sinto que a tristeza e o amor juntos são o tempero perfeito para a criatividade de um músico.

Observo os enfermeiros instalando os últimos equipamentos no quarto para que ele esteja confortável, não reconheço mais o lugar onde passei noites debaixo do cobertor, protegido pelas duas pessoas que mais amo, depois de pesadelos. O quarto dos meus pais se tornou uma UTI. Cheira a uma UTI, tem os sons de uma UTI.

— Ele está bem mais confortável agora — minha mãe fala ao meu lado, ela parece menor, mais velha e frágil, temo por sua saúde; às vezes a obrigo a comer algo e quase sempre ela diz que não consegue.

A verdade é que todos nós estamos morrendo um pouco junto com ele.

Acompanho os homens até a porta e entrego o cheque com o valor dos equipamentos, uma quantia altíssima para algo que não pode fazer nada além de aliviar a dor do homem mais importante da minha vida.

Deixo minha mãe com ele e vou à cozinha preparar algo para comer, acho que emagreci um pouco mais, minhas roupas estão folgadas e me sinto doente, mas sei que é apenas meu coração entristecido.

Hendrix se mantém deitado na porta do quarto, mas de onde estou posso ver seus olhos me seguindo, ele é um bom companheiro e acredito que sua presença vem sendo de grande ajuda para todos.

Como a lasanha de berinjela sem reclamar, já não tenho mais forças para isso, em seguida vou até o quarto e analiso os novos equipamentos enquanto a enfermeira explica o que significa cada uma das coisas.

Não consigo entender nada, mesmo assim assinto a cada nova explicação e agradeço a ela por estar aqui, mesmo sabendo que esse é o seu trabalho.

Às dez da noite, a porta se abre e Rio entra sem fazer barulho, ele está usando jeans e camiseta e seus cabelos estão presos, algo incomum para

ele. Meu amigo vai até onde está o meu pai e beija seu rosto enquanto acaricia seus cabelos.

— Suas coisas já estão no carro — Rio sussurra.

— Não sei, não estou confortável em ir.

— *Bro*, ele vai ficar bem, confia no teu velho. — Rio coloca a mão em meu ombro e me dá um leve aperto.

Balanço a cabeça sem dizer nada e saio do quarto sem me despedir. Ele prometeu que não iria a lugar algum sem mim. Então me prendo a sua promessa enquanto pego as chaves e minha carteira e saio de casa sabendo que só algo muito importante poderia me afastar dele nesse momento.

Algo do tipo o casamento do meu melhor amigo.

A cerimônia é daqui a algumas horas e, embora Fábio esteja uma pilha de nervos, eu garanti a ele que estaria ao seu lado no momento certo, conforme o combinado.

Dirijo por horas no mais completo silêncio, Rio não força a barra para conversar e fico feliz por isso, ele sabe que não há nada que possa dizer para aliviar a situação e, às vezes, a melhor coisa que se pode fazer por alguém é ficar ao seu lado. Embora nesse momento, ter Rio ao meu lado significa que meus pais estão sozinhos.

— Vai dar tudo certo — Rio diz, é a única frase que ele fala durante todo o trajeto, como se precisasse que ela ficasse entre nós, como um lembrete.

Passa das quatro da manhã quando finalmente estaciono o carro na frente do edifício onde moro. Descemos em silêncio, é a primeira vez que Rio vem a minha casa, desde que me mudei para cá, e lamento que não seja em uma ocasião melhor.

— Seja bem-vindo — digo ao abrir a porta e dar passagem para o meu amigo, que parece ocupar cada espaço do meu pequeno apartamento.

Ele entra e olha em volta, está uma bagunça, há coisas espalhadas por todos os lugares, meus vinis e meus livros, coisas da universidade, um videogame e até mesmo bitucas de cigarro em um cinzeiro, é atordoante, mas é o meu lugar e gosto dele assim.

— Agora está explicado o seu eterno mau humor — Rio provoca enquanto se joga no sofá.

— Se quiser pode ir para a casa do Fábio.

— Não, eu tenho amor aos meus ouvidos, só quero vê-lo daqui a oito horas.

Oito horas...

Se eu estou ansioso? Nem um pouco.



— O que você acha? — Fábio se vira para nós mostrando seu terno preto elegante e que vale mais do que minha moto.

— Deixa eu ver. — Rio coloca o polegar e o indicador no queixo como se estivesse realmente analisando o nosso amigo e aperto os lábios para não rir da cara de Fábio.

— Para com isso, vai terminar de se vestir antes que o noivo chegue atrasado. — Empurro Rio para dentro do banheiro e vou até Fábio, que parece congelado no lugar.

— Você acha realmente que posso me atrasar? — Ele olha em volta em busca de um relógio e nego com a cabeça enquanto arrumo sua

gravata.

— Claro que não. Relaxa, amigo, hoje é o seu dia e estamos a alguns andares de distância do seu casamento, a não ser que dê uma pane no elevador, está tudo certo. — Aperto os ombros dele, mas tenho a sensação de que rochas seriam mais maleáveis.

— Você acha que é possível? Jesus Cristo, acho que vou descer de escadas.

— Para com isso, eu estava brincando, não vai dar nada errado, trate de relaxar.

— Mano, é impossível relaxar, acredite, eu tentei, até aceitei a massagem que o hotel me ofereceu.

— Fábio, é a Vê, cara, a garota que está com você há dez anos, a mulher com quem você dorme todos os dias.

— Eu sei.

— Então não tem que ter medo de nada, é só curtir a festa.

Falar é fácil, eu sei, principalmente quando eu nem ao menos sei do que estou falando, nunca me imaginei no lugar dele, prestes a desposar uma garota e prometer na frente de seiscentas pessoas que a amarei para sempre. Mas, como um bom amigo, eu faço o que tenho que fazer. Eu minto.

— Acho que minha gravata está com defeito. — Rio aparece alguns minutos depois segurando a gravata desmanchada em suas mãos.

— Você vai prender esse cabelo para ir ao meu casamento — Fábio resmunga.

— Deixa meu cabelo fora disso, ele gosta de ser livre — Rio provoca e logo voltamos a ser apenas três amigos se provocando e sorrindo.



Eu nunca deveria ter duvidado de Verônica.

Essa garota não brinca em serviço e, quando disse que o casamento dela seria grandioso, ela estava falando a verdade.

Todo o hotel está fechado para o casamento, a área externa está decorada para a recepção e o salão principal está preparado com poltronas de veludo dourado e um espelho no lugar do tradicional tapete vermelho.

Tem um espelho no chão.

Vou até o lugar que foi preparado para os músicos, verifico a afinação de todos os instrumentos mesmo sabendo que eles já devem ter feito isso e repasso com a equipe o que planejamos, em breve o grande astro da noite chegará e quero que tudo esteja pronto para ele.

Meia hora depois, Guilherme me avisa que eles chegaram, me sinto um pouco nervoso e sei que estarei assim durante toda a noite, é sempre muito desgastante manter a concentração em rostos e essa noite haverá muitos rostos desconhecidos de pessoas que conheço há muito tempo. Quase ninguém sabe da minha condição e prefiro assim, na maior parte do tempo, sou um cara como outro qualquer e é assim que eu quero que as pessoas me vejam.

Observo a figura de dois homens caminhando ao meu encontro, Alan está usando um terno escuro e ao seu lado, quase do seu tamanho, está Benjamin, de cabeça baixa, mãos rígidas apertadas em frente ao corpo.

Sei o quanto está sendo difícil para ele estar aqui, além de ser um lugar desconhecido, o fato de ter tantas pessoas a sua volta o deixa nervoso.

— Ei, Tomaz. — Alan se aproxima me estendendo a mão e me puxando para um abraço rápido. — Como vão as coisas?

— Tudo bem, e você? — pergunto educadamente enquanto analiso Ben puxar a gravata que o está incomodando.

— Papai, não consigo respirar — ele diz bem perto do ouvido de Alan.
— Não consigo.

Alan se vira para o filho e segura seu rosto fazendo Ben olhar para ele.

— Lembra o que conversamos? Você está entre amigos, filho.

— Não consigo respirar, papai — ele repete e Alan afrouxa sua gravata.

— Assim está melhor?

— Melhor, bem melhor — o garoto responde e, quando ergue os olhos para mim, o sorriso que ele me dá faz meu coração se agitar.

— Ei, campeão. — Abro meus braços e Ben se aproxima, com as mãos em punho ele me abraça meio sem jeito, sem de fato me tocar, e mesmo que hoje ele seja maior do que eu, o seguro em meus braços e me recordo do garotinho assustado que conheci tantos anos atrás.

— Oi, professor.

— Como você cresceu, garoto. — Espalmo minha mão em seu rosto e ele sorri balançando o corpo levemente de um lado para o outro, um claro sinal de sua agitação.

— Minha mãe disse que já posso ir à escola sozinho — Ben fala empolgado.

— Olha só que bacana, meus parabéns.

Ben desvia o olhar para o grande piano de cauda que está a sua espera e esfrega as mãos uma na outra.

— Um Bosendorfer — ele cita a marca do piano e seus olhos brilham de expectativa.

— Hoje é seu grande dia, garoto, confio em você. — Aperto seu ombro e Ben se encolhe, sorrindo, sem tirar os olhos do instrumento.

— Obrigado, professor.

Ele se senta ao piano e, no instante em que seus longos dedos tocam as teclas, Ben deixa de ser o menino diferente e inseguro e passa a ser o músico brilhante que toca as pessoas com o seu dom e sinto uma vontade imensa de chorar.

Esse é o principal motivo pelo qual amo a música, ela rompe barreiras e unifica pessoas.

A música faz mágica nas nossas vidas.



*“Querida Cristal,
Aprecie os momentos, sejam eles bons ou ruins; no fim das contas, todos
são importantes.
Com amor,
Mamãe.”*

Estou uma pilha de nervos, embora não deva, já que a noiva está tranquila fazendo mais uma sessão de fotos.

Olho para o meu reflexo no espelho, odeio esse vestido, mas Verônica disse que estou sexy e delicada, o nude da renda é tão pálido quanto a minha pele e tenho a sensação de estar nua. Viro de costas e a parte transparente do tecido aumenta ainda mais essa sensação.

— Você está linda. — Carol surge ao meu lado apoiando o queixo em meu ombro esquerdo. O contraste entre a minha palidez e sua pele dourada é tão grande, que mais parece uma daquelas propagandas de maquiagem.

— Você não teria coragem de dizer o contrário.

— Acredite, se a Vê não tivesse desistido daquele verde apagado, eu diria — ela fala e sorrio.

— Eu só acho injusto você estar divina com essa barriga e esses peitos enquanto eu pareço que estou pelada. — Espalmo minhas mãos em meus seios enquanto Carol ajusta o vestido tentando cobrir um pouco mais do seu colo. Ao contrário de mim, o nude parece reluzir em sua pele de grávida irritantemente perfeita.

— Isso aqui se chama hormônios. — Ela apalpa os peitos. — E isso aqui se chama culotes. — Suas mãos descem até os quadris enquanto ela resmunga, suas curvas estão mais acentuadas e, embora ela ache que está gorda, eu acho que está linda.

E meu irmão também.

— Acredite, você é a grávida mais linda que já vi na vida.

— Vou levar em consideração o fato de você não ter visto muitas grávidas na sua vida.

Ela pisca para mim e sorrimos no instante em que Monique entra no quarto onde estamos desde ontem à noite.

— Graças a Deus encontrei vocês. — Ela fecha a porta e joga o cabide com seu vestido em cima da cama.

Meu coração dispara no peito ao vê-la, uma parte de mim quer correr até ela e envolvê-la em um abraço apertado; a outra está ansiosa porque sabe que, se Monique está aqui, provavelmente toda a sua família está.

Isso inclui César.

Olho de relance para o meu reflexo no espelho e desejo me ver pelos olhos da Carol, não me sinto nem um pouco sexy, embora eu sempre tenha tido um ótimo relacionamento com o meu corpo.

Só pode ser esse vestido. Nude deveria ser proibido de ser usado por loiras fantasmagóricas como eu.

— Ufa, que calor! — Monique ergue os cabelos em um coque enquanto caminha até nós, ainda não fui capaz de me mover e nem ao menos abrir a minha boca, apenas observo-a se aproximar. — Meu Deus, que saudades que estava de você! — Ela me puxa para seus braços exatamente como imaginei que faria. — Você está linda, Clarinha. — Monique se afasta e olha para o meu rosto.

— Obrigada, também senti saudades — digo um pouco sem graça e ela passa as costas da mão em meu rosto. Seus olhos estão tristes, embora ela esteja sorrindo e quase posso ler o pedido de desculpas retido neles.

— Eu sinto tanto por tudo isso — sussurra, quase choramingando e meu sorriso parece sem graça.

— Tudo bem, já passou, de verdade.

Ela bufa e me abraça mais uma vez.

— César é um idiota por ter te deixado escapar. — Ela afaga meus cabelos e me sinto feliz em saber que ela está do meu lado.

— Como está o bebê? — Toco sua barriga, bem maior que a da minha cunhada e ela abaixa o olhar espalmando a mão sobre a minha.

— Ela está ótima.

— Ela? É uma garotinha?

— Sim, mais uma garotinha, agora estamos com dois casais — Monique diz animada. Embora seja apenas dez anos mais velha que César, ela sempre o tratou como seu filho.

— Que notícia maravilhosa. — Estendo meus braços e a abraço, sinto seu perfume tão familiar e, sem que eu possa controlar, meus olhos se enchem de lágrimas.

Droga, não sei se sobreviverei até o fim desse casamento!

— Como você está? — Suas palavras saem cheias de tristeza.

— Eu estou bem. — Tento ser o mais sincera possível e me recordo da última mensagem que troquei com Tomaz hoje de manhã.

“Por favor, me lembre de não aceitar mais nenhum convite de casamento.”

Enviei para ele assim que acordei ao som do secador de cabelo.

“Pode deixar, estou anotando aqui, casamentos ao lado de hospitais para coisas que mais detesto.”

Passamos meia hora reclamando como dois velhos rabugentos, gosto da versão leve e descontraída do Tomaz, ela é tão rara de se ver que sempre aquece meu coração quando surge.

Ele está aqui, em algum lugar e em breve vou vê-lo. Estou pensando nisso a cada segundo do dia e em todas elas meu estômago se agita em expectativa.

— Onde está o Ben? — mudo de assunto.

— Está no salão principal com Tomaz, eles estão fazendo a passagem de som ou algo do tipo. Eu não sei como vou conseguir resistir a isso, meu menino tocando para tantas pessoas.

— Tenho certeza de que vai ser lindo, Ben é brilhante — Carol diz.

— Agora, por favor, alguém me diz onde a Vê estava com a cabeça quando escolheu essa cor? Nude, sério isso? — Monique resmunga e voltamos a falar sobre nossos vestidos.



Passamos a hora seguinte fazendo caras e bocas ao lado de uma Verônica tão bonita, que tenho medo de sujá-la se eu a tocar.

Ela está radiante, iluminada e tão feliz, que é contagiante, impossível não sorrir ao seu lado e, embora ela seja a noiva, sua calma nos tranquiliza.

Seguimos o cronograma de acordo com o que a cerimonialista projetou, tenho a sensação de estar participando de uma noite de gala do Oscar, tamanha a quantidade de pessoas e fotógrafos nesse lugar. Agora entendi por que esse casamento está acontecendo em um hotel, não há nessa cidade um local caro e grande suficiente para receber tantos convidados.

Assim que chegamos ao salão principal e ouço a música tocando, sinto a calma deixar meu corpo e tudo o que sou capaz de ouvir é meu coração disparado, olho em volta, entre a imensidão de pessoas à procura da única pessoa que quero ver, mas não o encontro em lugar algum e me sinto ansiosa enquanto aguardo o momento em que eu devo entrar.

Estou entretida ouvindo Carol e Gabriel contarem algo sobre o casamento deles quando vejo o rosto do meu irmão mudar do tranquilo e relaxado para o tradicional “quero matar alguém”. Ele enrijece ao lado da esposa e não preciso me virar para saber quem está atrás de mim.

Fecho os olhos lembrando-me, nesse instante, de que Verônica fez questão de chamar César para ser meu par, já que éramos um casal e, de acordo com ela, “lindinhos juntos”. Isso faz tanto tempo, que eu nem ao menos me recordava.

Até agora.

— Clara — ele me chama, sua voz é tão familiar que meus pelos se arrepiam. Fecho os olhos por um instante desejando poder voltar no tempo e ter pedido para Verônica mudar isso, mas é tarde demais e a única culpada por essa situação sou eu.

Viro-me lentamente e encontro o mesmo rapaz por quem fui apaixonada por anos parado na minha frente. As palavras escritas covardemente por ele flutuam em minha mente me fazendo espalmar a mão em meu estômago tamanho o mal-estar que sinto. Tento sorrir, mas meus lábios não me obedecem e posso sentir o olhar feroz de Gabriel atrás de mim.

— Oi — digo, sem vontade de falar mais nada e César baixa a cabeça um pouco sem graça.

“Não mereço seu perdão.”

— Você está linda — ele diz sem se importar com a cara feia de Gabriel, que parece rosar. Deus, meu irmão é tão dramático!

Olho para César, usando um terno exatamente igual ao de todos os outros padrinhos, com uma rosa nude na lapela, da mesma cor do meu vestido, algo tão íntimo que sinto vontade de sair correndo.

— Obrigada — me limito a falar e torno a olhar em volta desejando que Tomaz não esteja mais aqui, tudo o que ele não precisa é me ver andando de braço dado com César nessa cerimônia. É demais até mesmo para mim.

César se aproxima cumprimentando Carol e Gabriel, que não aceita a sua mão estendida. Olho feio para meu irmão, mas ele não está nem aí; Gabriel nunca se preocupou muito em ser educado, não será agora que algo vai mudar.

César sempre foi um garoto corajoso e nunca, jamais, teve medo da cara feia do meu irmão, ele ignora a falta de educação dele e se coloca ao meu lado, perto o suficiente para que eu possa sentir o tecido do seu terno roçando em minha pele nua. Prendo a respiração por um instante e mantenho meus olhos fixos na decoração do lugar, César continua olhando para mim, posso sentir o calor do seu olhar como um toque indesejado sobre minha pele.

“Eu te traí.”

— Você não respondeu minhas mensagens — ele sussurra, mantenho meus olhos fixos no colarinho do homem a minha frente.

“Conheci uma garota, ela se chama Jordan.”

— Eu estive ocupada.

Esquecendo você.

— Eu estou nervoso, droga! — Ele balança a cabeça e sorri, nitidamente sem graça.

Não digo nada, estou ocupada relembrando cada uma das palavras escritas por esse cara que, durante seis anos, foi tudo para mim, mas que hoje não significa mais nada além de uma lembrança. Como um quadro bonito, porém manchado.

— Precisamos conversar — ele sussurra, seus lábios pertos demais do meu pescoço causam arrepios que odeio sentir.

Olho para o seu rosto, seus olhos castanhos doces, seus lábios grandes e bonitos, provedores dos sorrisos mais escandalosamente perfeitos que já vi e dos beijos mais especiais que já dei.

“Eu nunca beijei outra garota.”

Meu peito dói, de um jeito ruim, de um jeito que me confunde e que me irrita, de um jeito que me faz querer saber *por quê?*

— Mas eu não quero conversar — digo odiando o fato de estar tão brava, queria não estar, queria não sentir nada ao vê-lo, mas é quase impossível, foram seis anos. Seis fodidos anos.

— Ei, não me provoque, moleque! — Gabriel espalma sua mão entre mim e César afastando-o, como se soubesse que eu preciso de espaço. Ele é meu irmão, talvez ele saiba.

— Eu só estou tentando conversar com a minha namorada.

“Somos tão jovens... não vivemos nada.”

— Ex — corrijo-o rapidamente enquanto sinto meu coração palpitar.

— Clara — César diz com um olhar suplicante, que me obriga a relembrar sua carta.

— Na boa, meu punho tá coçando pra encontrar a sua cara, não o provoque — Gabriel ameaça, baixinho, para que apenas nós dois possamos ouvi-lo, Carol o puxa de volta para o seu lugar e quero que um buraco se abra embaixo dos meus pés, para que eu possa me enterrar nele.

Eu odeio casamentos!

César ignora Gabriel, algo que ele faz com excelência e seus olhos voltam a se fixar em mim.

— Por favor...

— Por favor, limite-se a sorrir para as câmeras e não fale comigo. — Encaro seu rosto perfeito mais uma vez. — Ou eu não respondo por mim.

Sustento seu olhar por mais um instante antes de voltar a encarar o colarinho do homem a minha frente.

— Tudo bem. Tudo bem — ele sussurra baixando a cabeça.

A cerimonialista aparece com Fábio e sua mãe ao seu lado, ela nos dá ordens enquanto os levam para a frente da fila, ela diz algo no microfone que está conectando em seu ouvido e, segundos depois, a música volta a

tocar. Fecho meus olhos e me concentro nela, meu coração dispara por saber que é ele quem está tocando.

E então tudo se acalma, só para se agitar mais uma vez, de um jeito bom, de um jeito intenso, de um jeito que me faz sorrir.



Tocar faz parte de mim, como respirar, como lecionar, é tão natural que não me dou conta de que estou tocando, não noto meus dedos se moverem pelas cordas do violão, não sinto as notas sendo trocadas e então voltando e indo em uma dança coordenada que cria música.

Eu apenas deixo fluir, respiro, vivo, sinto. Sou.

Há meses, Fábio e Verônica me mostraram suas ideias para o casamento, era algo audacioso, mas gosto de desafios e topei na hora. O mais difícil era inserir Benjamin no projeto, estando tão longe, mas até mesmo isso foi fácil, algumas horas de chamadas de vídeo e logo ele já estava pronto, o garoto nasceu para a música.

O lugar está lotado, centenas de cadeiras espalhadas por todo o espaço, não me concentro em ninguém em particular, lugares muito lotados me deixam ansioso e sinto vontade de fazer o que sempre faço quando estou tocando, fecho meus olhos e me permito sentir. Mas hoje não posso, é o casamento do meu amigo e ela está aqui.

Tentei parecer o mais casual possível, ela estava nervosa e eu percebi isso durante nossas conversas, mas não posso evitar a ansiedade quando percebo que, em breve, a verei novamente.

O cortejo começa com o pobre coitado do meu amigo ao lado de sua mãe, os primeiros acordes de *Nothing Else Matters* soam por todo o lugar como ele pediu, sorrio ao lembrar do quanto ele parecia nervoso meia hora atrás, agora ele parece prestes a vomitar e está tão pálido que sinto compaixão por ele.

Fábio passa pelo espaço onde estamos e sorri com um sutil movimento de cabeça, sorrio de volta encorajando-o, mas assim que ele se coloca no lugar e olha para os convidados, sua palidez parece piorar.

O cortejo continua e meus olhos se mantêm fixos nas pessoas que passam, Vinicius e Poliana lideram a fila com dezenas de casais, até que vejo Rio com seus cabelos domados em um rabo de cavalo baixo ao lado de uma morena bonita que não conheço. Ou não reconheço. Tanto faz.

Mais três casais passam por mim até que meu coração para de bater. Eu a vejo, com seus cabelos claros como trigo, sua pele de anjo e seus olhos inocentes, ela está tão linda que mais parece uma miragem e, mesmo de longe, seus olhos se encontram com os meus. Ela sorri brevemente, suas bochechas coram e ela desvia o olhar no mesmo instante em que a pessoa ao seu lado segue seu olhar.

Não o reconheço, ao menos não imediatamente, mas sei, pela forma como ele a mantém junto a si, o jeito tímido como ela me olha e a maneira como meu coração dispara que é ele.

Fecho meus olhos por um momento odiando minha condição, sinto-me inseguro como há muito tempo não acontece, odeio a incerteza que permeia meu julgamento, mesmo que meu coração não tenha dúvidas. É ele, o garoto que por anos se sentou ao lado dela na sala de aula, com seus braços em torno da sua cadeira, possessivo, apaixonado e tão... jovem.

Respiro fundo e concentro-me na música, tento manter a respiração o mais tranquila possível e, quando volto a abrir meus olhos, eles já passaram por mim; sei que, se eu virar meu rosto, posso vê-los ao lado das outras dezenas de casais, obrigo-me a lembrar de que eles não são mais um casal, mantenho meus olhos fixos a minha frente e apenas faço o que estou aqui para fazer.

Eu toco.



A cerimônia ocorre tranquilamente, ou o mais tranquila possível, Fábio está nervoso e Verônica chora enquanto lê um texto onde promete amar meu amigo por toda a sua vida e tudo mais, o que enche meu coração de alegria; se existe alguém nesse mundo que merece ter um conto de fadas é Fábio.

Ben está concentrado em seu piano e toca as mais belas e difíceis canções para os noivos, o casal sai ao som de *Clair de Lune* e finjo que não me recordo de Verônica citar um vampiro ao escolher essa música. Tem momentos em que a ignorância é realmente uma dádiva.

Rapidamente tudo se transforma, enquanto os convidados são recepcionados no salão de festas somos guiados para o primeiro andar onde há uma estrutura digna de um show de rock a nossa espera, Guilherme parece uma criança ao entrar em uma loja de brinquedos e Ben se recusa a descer e se juntar com os outros convidados. Eu não o julgo, até mesmo para mim é demais.

Passo a hora seguinte tocando; enquanto meu amigo e sua esposa cumprimentam pessoas, meus olhos percorrem o salão em busca dela,

deles, de algo que me diga que eu preciso me afastar, mas de onde estou tudo o que vejo são centenas de cabelos loiros espalhados pelo salão e isso não me ajuda muito.

— Vocês podem continuar sem mim? — pergunto a Guilherme e todos os outros músicos acenam.

Desço as escadas dizendo a mim mesmo que estou apenas indo cumprimentar os noivos, mas, na verdade, eu sei muito bem o que estou fazendo.

Passo por pessoas que sorriem para mim, faço o mesmo e agradeço quando elogiam meu trabalho, pego uma taça de champanhe no meio do caminho e me pergunto se já posso tirar o paletó e a gravata, de repente sinto que estou sufocando nesse lugar.

— Ei, gatão — Rio sussurra no meu ouvido ao se aproximar segurando um copo de água como se fosse um uísque dezoito anos.

— E aí? Já falou com Fábio?

— Aquele lá tá mais requisitado que o Papa, todo mundo quer beijar a cara de idiota do nosso amigo.

Olhamos para o lugar onde ele e sua esposa estão e desisto no mesmo instante, há uma imensidão de pessoas em volta deles e, dessa vez, tenho que concordar com Rio.

Viro o conteúdo da taça e troco por outra cheia ignorando o olhar de Rio.

— Você sabe que o álcool não vai melhorar em nada a sua vida, né? Na verdade, só piora.

Resisto à vontade de mandá-lo para o inferno, Rio é assim, meio paizão de todos e preciso dar o crédito a ele.

— Tenho você para dirigir de volta, posso beber à vontade.

Viro o conteúdo da segunda taça enquanto olho em volta à procura dela. Tenho a sensação de que seria mais fácil encontrar uma agulha no palheiro do que Clara nesse lugar.

— Cadê a morena que estava com você? — pergunto quando Rio me impede de pegar a terceira taça e coloca um copo de água na minha mão.

— Me deu um fora. Bebe essa água, que você ainda tem que tocar.

Penso em dizer a ele que estou acostumado a tocar bêbado, mas tenho certeza de que meu pai receberia essa notícia melhor do que ele e desisto. Viro o copo de água e o coloco em uma mesa.

— Você levou um fora? O que você fez? Tentou transformar a garota em vegana?

— Vai à merda, Tomaz!

— Não, sério, o que você fez?

— Nada, só perguntei se a bolsa que ela estava segurando era de couro natural.

Caio na gargalhada porque ele realmente é o tipo de cara que se comove com uma cobra assassinada ao ponto de perder uma garota.

Caminhamos pelo salão: Rio em busca de algo comestível, que não tenha nada animal em sua composição; e eu tentando beber algo que, ao invés de explodir em contato com o céu da minha boca, que queime a minha garganta.

— Tomy? — reconheço sua voz antes de ver seu rosto e me sinto aliviado por ela ter me chamado, dois anos é tempo demais para mim e eu não queria me sentir estranho ignorando-a. Tenho certeza de que não pegaria bem.

— Carol. — Me viro e encontro uma morena de bochechas redondas e um sorriso amplo nos lábios, demoro um pouco para reconhecê-la, mais do que o normal, mas ainda é a Carol, com seu nariz arrebitado e seus

cabelos castanhos longos. Ela está linda em um vestido da mesma cor do de todas as madrinhas, porém com uma barriga arredondada se destacando.

— Quanto tempo — ela diz meio sem graça enquanto se estica para me dar um abraço desajeitado.

— Verdade, como você está? — Estendo minha mão apontando para a sua barriga quando ela se afasta. — Como vocês estão — corrijo-me.

— Bem, estamos bem. — Ela envolve a barriga nas mãos e seu sorriso se amplia enquanto ela a acaricia.

— Meus parabéns, já sabe o que é? — pergunto, mesmo que eu não tenha o menor interesse em saber, mas porque imagino que seja o que se pergunta a uma mulher grávida, ao menos eu espero.

— Ainda não, é um pouco cedo e eu acho que queremos esperar.

— Ah, legal...

Gabriel chega instantes depois e não tenho dificuldades em reconhecê-lo, o cara mais mal-humorado da festa com certeza só podia ser ele.

— Ei, cara! — Ele estende a mão educadamente para mim.

— Meus parabéns pelo bebê — digo apertando a mão dele e, por um instante, um largo sorriso se abre em seu rosto carrancudo.

— Obrigado.

— Vocês foram incríveis na cerimônia — Carol fala e agradeço a sua capacidade de contornar situações desagradáveis.

Falamos sobre Ben e sobre o frio insuportável dos Estados Unidos, pergunto se eles vão voltar só por educação e, enquanto eles falam sobre desejar criar o bebê deles aqui no Brasil, percebo que não sinto absolutamente nada em meu coração, há tempos percebi que amava essa garota e hoje ao vê-la ao lado do homem por quem lutou tenho a certeza

de que nossa história ficou no passado, como uma lembrança apagada, exatamente como os rostos em minha memória.

Há um silêncio tranquilizador em meu peito, que me faz vibrar de alegria. Não quero ser o cara que se incomoda com a felicidade dos outros e saber que a felicidade deles não me causa nada faz um sorriso se espalhar por meu rosto.

Rio chega pouco depois segurando um prato de saladas e frutas e, com a boca cheia, apresento ele a Carol e Gabriel e, por alguns minutos, formamos um estranho grupo de pessoas que conversam coisas aleatórias e educadas em um casamento.

Espero que isso seja mais comum do que parece.

Carol diz que precisa ir ao banheiro e Gabriel a acompanha nos deixando a sós finalmente.

— Esse é o seu cunhado? — Rio pergunta enquanto enfia um pedaço de manga na boca. — Páreo duro, hein?

— Vai se foder! — digo ignorando a gargalhada que ele dá, é estranho pensar em Gabriel como meu... cunhado? Deus... eu preciso beber.

— Já viu a Cristal?

— Não.

— Cara, na boa, ela deve ser a garota mais bonita dessa festa, se você é chegado em loiras exóticas.

Sei que ele está me provocando, assim como também sei que ela, com certeza, é a garota mais bonita dessa festa assim como a única que consegue fazer meu coração acelerar.

— Você tá me testando?

— Tô sim, e tô conseguindo alcançar meu objetivo. — Ele joga uma uva na boca e pisca para mim.

— Preciso beber e você precisa de uma garota — digo antes de deixar meu amigo sozinho e sair em busca de um bar.

Esse lugar deve ter um bar abastecido com os melhores uísques do mundo. Tem que ter, é o casamento da Verônica afinal.

Caminho por entre mesas e garçons passo por ambientes internos e externos e por um lounge ocupado por casais se pegando em uma parte mais remota da festa, estremeço só em pensar em encontrar Clara e César aqui e percebo que estou novamente em um triângulo amoroso.

Porra, Tomaz, o que há de errado com você?

Enfio as mãos nos bolsos me arrependendo de não ter trazido um maço de cigarros, hoje com certeza é um dia em que preciso de todos os modos de me distrair. Finalmente encontro o bar, não tenho certeza se ele está abastecendo a festa, mas me sento em um banco e peço um uísque duplo sem gelo.

— Por acaso, vocês têm cigarros? — pergunto para o barman.

— Não, mas acho que consigo um charuto caso deseje.

Agradeço ao homem e fico apenas com o uísque, vai ter que servir. Faz apenas duas horas que a festa começou e eu sei que vou precisar.



*“Querida Cristal,
Aconteça o que acontecer, seja sempre honesta consigo mesma, nunca
aceite algo que magoe seu coração. Ele é precioso demais.
Com amor,
Mamãe.”*

Uau! Que festa!

Eu mal consegui circular pelo salão principal e sinto que até o fim da noite não conseguirei chegar nem perto de tudo o que tem aqui.

Estou segurando uma taça de água charmosa, que me faz parecer alguém que bebe enquanto olho em volta à sua procura.

Percebi o momento em que ele parou de tocar e, embora pareça algo meio doentio, posso garantir que reconheço até mesmo o jeito como ele toca.

Imagino que ele esteja em busca de um lugar mais calmo e caminho para fora do salão, olho meu celular, mais uma vez, na esperança de que ele tenha respondido a mensagem que mandei meia hora atrás pedindo para que ele me encontrasse perto da entrada principal, mas ele não viu,

talvez tenha deixado o celular no quarto, ou talvez tenha me visto ao lado de César e tenha interpretado tudo errado.

Droga!

Me espremo entre grupos animados que estão conversando no salão, encontro a saída para a parte externa e respiro aliviada quando o som da música fica mais abafado.

Olho em volta, mais uma vez, enquanto digito mais uma mensagem.

“Acho que eu subestimei a capacidade de exagerar da Vê, não consigo te encontrar; se você ver essa mensagem antes da festa acabar, estou do lado de fora, perto de uma fonte, que mais parece ter sido roubada de uma praça antiga de Roma, dá pra acreditar que tem uma fonte aqui nesse lugar? Talvez eu faça algum pedido enquanto te espero.”

Apago a última frase, não quero parecer tão desesperada quanto estou. Envio a mensagem e observo ansiosamente por sua visualização.

É, talvez eu esteja muito desesperada mesmo.

— Será que podemos conversar? — César sussurra em meu ouvido e dou um pulo assustada.

— Droga! — esbravejo bloqueando a tela do celular e ele se desculpa.

— Eu não queria te assustar — ele diz tocando meu braço e me afasto. Seu toque me incomoda.

— Mas assustou.

— Poxa, me desculpa. — Ele passa os dedos nas mechas onduladas e odeio o quanto eu amava isso.

— Você está atrasado — digo relembrando a nossa antiga forma de falar.

— Eu sei. — Ele sorri, mas não consigo sorrir de volta.

— Dessa vez é de verdade — digo séria.

— Você não pode... — ele para a frase no meio, talvez seja absurda demais até mesmo para ele.

— Não posso o quê? — Cruzo os braços irritada, com ele, comigo, com a vida que me permitiu demorar seis anos para descobrir que ele não era o amor da minha vida.

— Clara, por favor, apenas me ouve.

— Eu estou ouvindo, pode começar.

— Eu sinto sua falta — ele fala, com tanta intimidade que me sinto incomodada, como se ele fosse um estranho e não o garoto com quem transei por anos.

— É isso que você tem a me dizer?

— Não, poxa, é que eu realmente sinto a sua falta.

— O que houve com as garotas americanas? Elas não são tão quentes como nos filmes? Achei que fosse o sonho americano realizado. *American Pie* ou alguma babaquice do tipo.

— Clara...

— Foi assim que você me traiu, não foi? Em uma festa de fraternidade com aqueles copos vermelhos idiotas e um monte de peitudas usando aqueles biquínis ridículos?

— Por Deus, Clara, não!

— Onde está a sua garota? Joe? Justin?

— Jordan, e ela não é a minha garota.

— Ah, quer saber? Na boa, eu não ligo, César, de verdade, eu achei que não suportaria viver sem você. Quando li aquela carta, por um instante desejei que aquele avião despencasse do céu porque achei que a vida não teria sentido sem você.

As palavras saem mais amargas do que desejo, em meus sonhos eu teria frieza de falar com César sem deixar as minhas emoções me dominarem, mas é muito difícil quando se termina uma relação tão longa quanto a nossa por uma carta. Uma maldita carta.

— Deus... por favor, me perdoe. — Ele dá um passo e segura minha mão me puxando para perto. — Por favor, foi um erro, um erro gigante, mas eu não posso ficar sem você — ele sussurra com o nariz em meus cabelos como costumava fazer, mas, dessa vez, não é tão reconfortante como antes.

— Não, para com isso. — Empurro seu peito afastando-o de perto. — Não posso.

— Por quê?

— Por quê? Sério? Você só pode estar brincando! — rio nervosa e suas mãos escorregadias voltam a me tocar.

— Clara, eu sou louco por você. — Ele me pressiona em uma parede de cercas vivas enquanto segura meu rosto erguendo-o em direção ao seu.

Meu coração está acelerado, mas infelizmente não é de antecipação, por um beijo do garoto que sempre amei, é de raiva, por saber que ele acha que pode me ter de volta com meia dúzia de palavras falsas.

— Ninguém é igual a você, a nós. — Sua boca está tão próxima da minha, que sinto seu hálito em meus lábios. Ele bebeu.

Deus do céu, ele não teve sequer a dignidade de estar sóbrio para falar comigo!

— Somos um, Clara, sempre fomos. — Sua mão grande se enrosca em meus cabelos enquanto a outra me mantém firme no lugar.

Não o afasto, por um momento suas palavras me tocam, por um instante concordo com ele, sempre fomos um. Mas e agora? Por que não

o sinto com a mesma intensidade de antes? Por que seu toque me aperta ao invés de me excitar? Por que sua boca não me parece tão apetitosa como antes?

Por que, quando sua boca se une a minha, eu sinto como se estivesse fazendo algo errado? Como se estivesse me traindo ao permitir que ele me toque dessa forma? Se sempre fomos um, por que agora sinto como se ele fosse uma parte que não se encaixa mais no meu quebra-cabeça?

Sinto sua língua invadir minha boca, sedutora e poderosa, mas não me movo, não o beijo de volta, não o permito entrar de verdade em mim. César sente minha rejeição, meu corpo duro e tenso, minha frieza é diferente.

Sinto-me um objeto inanimado, fria e sem emoções; e, quando ele se afasta, ainda segurando meu rosto, eu sei que ele também sentiu.

— O que você fez com a gente? — ele pergunta como se fosse minha culpa ele ter nos traído.

— Não existe mais a gente, César, só você não percebeu isso ainda.

Ele dá mais um passo para trás e, quando o seu corpo se afasta do meu, tudo o que consigo sentir é alívio.

— Você não me ama mais — ele constata enquanto me olha como se eu o houvesse traído.

— A vida segue, César, e depois que eu percebi que aquele avião não ia cair, eu descobri que poderia sobreviver sem você.

Minhas palavras o atingem como se ele estivesse com dor, seu rosto se contorce e, por um instante, eu tenho pena dele. Por ter destruído algo tão bonito.

— Sabe o que mais me chocou? Foi descobrir que não foi tão difícil assim — completo.

— Por que você está fazendo isso?

— Eu só estou sendo sincera, assim como você foi comigo quando me contou que precisava trepar com outra pra saber se eu realmente era boa de cama.

— Não foi isso que eu disse.

— Foda-se, não importa mais, já passou.

Dou um passo tentando me afastar, mas César coloca o braço na frente me impedindo.

— Me deixa ir.

— Não, por favor, você está com raiva, eu entendo, mas não diz que acabou.

Seguro seu braço enquanto olho dentro dos seus olhos castanhos, que sempre foram meu universo particular. Respiro fundo para dizer as palavras que ensaiei por meses:

— César, acabou.

Ele parece congelar ao som das minhas palavras, seu rosto sempre tão belo nesse momento não significa nada para mim, apenas uma página virada de uma história que tinha tudo para ter um final feliz, mas que tomou um rumo errado e acabou de forma triste.

César abaixa o braço, dando-me passagem, mas não me movo, não consigo; é intenso demais ver o fim de uma parte da sua vida, perceber que todas as palavras que ensaiei por meses agora perderam o valor, não compensam o esforço.

— Não precisamos nos odiar. — Tento dar um sorriso, mas César não retribui.

— Não quero ser seu amigo, Clara.

— É só o que posso te oferecer.

— Como você pode estar tão tranquila? Eu não durmo direito há meses, não consigo me concentrar nas aulas, eu mal como pensando que

destruí o que tinha de mais importante enquanto você...

Ele olha para mim com um desprezo que me incomoda.

— Eu aceitei o fim que você nos deu.

— Tem outro?

— O quê?

— Você está saindo com outro cara?

— Não seja idiota, foi você quem transou com uma desconhecida.

— Não, não, não, não... — Ele apoia a testa na minha e fecho meus olhos. — Por favor, Clara, não.

— César, não. — Apoio minha mão novamente em seu peito, mas ele não se move. — César, pare com isso! — insisto e ele nega com a cabeça ainda próximo demais. — Afaste-se de mim.

— Não, Clara, ainda não acabou — ele sussurra e começo a ficar irritada. — Me deixa consertar as coisas, por favor.

— César. — Uma voz chama a nossa atenção e, como se tivesse levado um choque, César se afasta, mas ainda não consigo respirar direito porque Tomaz está a poucos passos de distância, segurando um copo de forma elegante em uma mão e um charuto na outra. — A garota falou não.

— Ei, professor. — César sorri ainda perto demais para o meu gosto. — Está tudo bem, só estamos conversando aqui.

Tomaz olha para mim e me sinto pequena e envergonhada na sua presença, odeio que ele esteja me vendo em uma situação tão vulnerável.

— Cris... Clara, você está bem?

— Qual é, professor, estamos tendo uma DR, pode nos dar licença? — César responde nitidamente irritado.

Deus, quando foi que ele ficou tão babaca?

— Clara? — Tomaz pergunta mais uma vez, olhando para onde a mão de César está em meu braço.

Não consigo falar, as lágrimas pinicam meus olhos e rezo para que mais ninguém apareça por aqui, tudo o que eu não preciso é de uma confusão na festa de casamento da Vê.

Tomaz ergue a mão em que está o charuto apagado e esfrega o ponto entre seus olhos como se estivesse tentando manter o controle.

— Escuta aqui, moleque, eu vou tentar ser educado com você, se afasta dela... por favor.

— Não me chame de moleque! — César ergue a voz.

— Então não se comporte como um. — Tomaz mantém o tom firme, controlado, baixo. — Afaste-se dela — pede mais uma vez.

César olha para Tomaz e para mim, o sorriso se desfaz dos seus lábios enquanto ele faz o que Tomaz pediu se afastando de mim o suficiente para que eu possa respirar.

— E aí está o seu salvador, mais uma vez — César fala olhando para mim e estendendo a mão exageradamente para Tomaz.

Olho para Tomaz e seus olhos estão fixos em César, o copo sendo sustentado pelas pontas dos seus dedos enquanto ele analisa a reação do meu ex-namorado.

— Dá o fora daqui antes que eu perca a cabeça — Tomaz fala, agora um pouco mais exaltado.

César ri e balança a cabeça.

— Qual é, professor?

— Eu não sou seu professor.

Os dois se olham por um instante e tenho a sensação de que uma briga está prestes a começar, mas logo César desiste e se vai esbarrando seu ombro, de forma imatura, em Tomaz enquanto passa por ele.

E então somos apenas eu, ele e um silêncio do tamanho da vergonha que estou sentindo nesse momento.

Tomaz se aproxima, ergue a mão e, ao notar que ainda está segurando um charuto, ele o joga no chão; e, quando seus dedos tocam a minha pele me sinto pequena, ingênua e triste.

Pequena, diante do fim de um relacionamento.

Ingênua, ao acreditar que poderia ser fácil.

Triste, por não conseguir conter a mistura de sentimentos que nadam em meu coração.

— Está tudo bem — ele sussurra ainda longe demais para meu gosto e balanço a cabeça concordando com ele.

— Me desculpa, eu... — não consigo terminar a frase enquanto ele me olha como se desejasse me salvar do mundo. — Tomaz...

— Shhh... está tudo bem. — Ele me puxa para seu peito e me deixo ir, aliviada ao sentir seu cheiro e percebendo que, durante todo o tempo em que eu estava conversando com César, era nele em quem eu estava pensando.



Tento ser um homem controlado.

Na grande maioria do tempo, eu sou.

Mas assim como Bruce Banner, quando perco o controle, vou até as últimas consequências, não que isso seja algo do qual eu me orgulhe; ao contrário, eu geralmente odeio o resultado, mas quando o monstro decide sair, não consigo evitar.

Então eu tento, o máximo que posso, evitar entrar em algum tipo de conflito, porque nunca sei onde ele vai me levar.

Observo o idiotinha passar por mim, ele esbarra em meu ombro e dou graças a Deus que o copo em minha mão seja resistente, porque estou descontando toda a minha raiva nele enquanto meus olhos observam atentamente o rosto bonito dela se esforçar para esconder as lágrimas que ameaçam cair.

Ergo minha mão desejando impedi-las de sujar seu rosto e odeio o fato de saber que ela está chorando por causa de outro.

Do seu namorado.

— Está tudo bem — digo enquanto sinto seu corpo tremer e o meu fraquejar diante do desejo de ir atrás daquele maldito moleque e quebrar

a cara dele.

— Me desculpa, eu... — Sua voz embarga e ela não consegue mais continuar, e eu não sei por que está se desculpando. É ele quem deve desculpas a ela. — Tomaz... — ela me chama, como se precisasse de mim e isso me destrói e faz com que o monstro se agite em meu corpo querendo escapar, querendo fazer aquele maldito pagar pelas lágrimas dela, e antes que eu possa fazer uma bobagem, capaz de estragar o casamento do meu amigo, eu a puxo para os meus braços.

— Shhh... estou aqui — digo enquanto a embalo sentindo seu corpo desabar sobre o meu enquanto ela finalmente chora.

Fecho meus olhos tentando não me abalar enquanto vejo a garota que vem me tirando o sono desde que a conheci, chorar por causa de outro.

Algo estranho acontece em meu peito, uma dor quente que aperta meu coração e dificulta a respiração.

Quero acalmá-la e dizer que ele não merece suas lágrimas; quero dizer que ela é especial demais para um moleque, que ainda não sabe o que quer, que ela merece alguém que possa cuidar dela; quero dizer a ela que eu sou esse cara e que a quero, mesmo que eu ainda não consiga admitir isso nem a mim mesmo, mas enquanto ouço Clara fungar em meu ombro, seus braços em volta da minha cintura enquanto chora baixinho, não ligo para as minhas merdas, eu a quero e, nesse momento, eu tenho certeza de que seria capaz de lutar contra o mundo só para ver aquele sorriso bonito de volta em seu rosto.

— Me desculpe — ela pede mais uma vez quando se afasta limpando os olhos. — Eu odeio perder o controle.

— Tudo bem — minto, com a voz grave de quem está tentando conter a fera dentro de si. — Ele te machucou? — Olho para ela rezando para

que não haja nenhuma manchinha em sua pele ou sairei dessa porra de casamento direto para a cadeia.

— Não, não, está tudo bem, eu não deveria estar chorando, eu... Ah, meu Deus, sujei sua camisa. — Ela passa a mão trêmula em meu ombro esfregando a mancha que se formou com suas lágrimas enquanto mais delas escorrem por seu rosto.

— Cristal, eu já disse, está tudo bem. — Passo o polegar em sua bochecha. — Eu não me importo com essa camisa, só quero que você pare de chorar. — Retiro sua mão do meu ombro tentando ser o mais delicado possível.

— Eu estraguei tudo. — Ela olha para mim e já não sei mais se está falando da camisa, de César ou de nós.

Nós...

Realmente existe um nós? Ou foi apenas algo que eu criei?

— Você não estragou nada. — Limpo a garganta porque, de repente, fica difícil falar. — Aconteceu o que tinha que acontecer — digo odiando a amargura em minha voz.

— O quê? — pergunta inclinando o rosto para o lado. Seu nariz pequeno está avermelhado assim como suas bochechas.

Moleque maldito!

— Você não precisa se desculpar, eu não devia ter me metido, mas, quando te vi acuada, eu...

— Para! Para! O que você está falando?

— De você, dele, de vocês dois. — Abro os braços sentindo o controle escapando por meus dedos como arreia. — Eu não devia estar aqui... Eu devia ter passado e ignorado, mas, quando ouvi você, eu simplesmente não consegui.

— Não! Você está entendendo tudo errado.

— Eu vi, Cristal! — falo agora furioso.

— Então você viu errado, não existe nós, pelo amor de Deus, ele me traiu! Na primeira oportunidade que teve.

— Então é isso? Você está magoada porque ele te traiu?

— Eu não deveria?

Não! Quero gritar bem alto, quero que ela diga que ele não significa nada, que sua traição não importa mais, que ele não importa mais, quero que ela pare de chorar.

— Eu não sei. — Tomo o restante do uísque concentrando-me no calor do álcool passando por minha garganta e coloco o copo no chão.

— O que você está falando?

— Olhe para você, Clara, está chorando, e não me diga que não é por causa dele, porque não sou idiota — bufo e tento manter a respiração controlada, mas nesse momento nada em mim é controlável, estou completamente fora de mim, morto de raiva e de ciúmes de uma garota que nem ao menos é minha.

Pelo amor de Deus, Tomaz!

— Está claro que ainda não acabou, Cristal.

Ela respira fundo antes de falar e posso sentir meu coração pulsando em minhas veias.

— Não era por ele. — Sua voz soa tão frágil, que tenho certeza de que nem ela acredita no que diz.

— Era por quem então?

Com certeza não era por mim.

— Era por tudo o que vivi, pelo fim de um ciclo, pelo estresse de estar na frente dele novamente, pela dor da traição, e...

— Para. — Ergo minha mão. — Por favor, não diz mais nada.

Caminho de um lado para o outro tentando entender o que está acontecendo.

— Jesus Cristo! — Enfio as mãos nos cabelos querendo poder estar em outro lugar e poder ter essa conversa sem a sensação de estar sendo observado por centenas de pessoas.

— Você está tirando conclusões precipitadas, não é o que você está pensando.

Dou um passo para trás me afastando dela.

— Eu não estou pensando em nada.

— Está sim, você está achando que eu menti para você, que eu ainda gosto dele. Por favor, eu quase posso ouvir seu julgamento.

— E você gosta?

— O quê?

— Vamos, responda, você ainda gosta dele?

— Se eu gostasse dele, não estaria aqui tendo essa conversa ridícula com você.

Dou mais alguns passos, com meu corpo implorando para voltar e beijá-la até que não reste dúvidas de que eu sou o cara certo, ao mesmo tempo um *déjà vu* insuportável surge. Cá estou eu, mais uma vez, desejando ser a escolha de uma garota. Inseguro, com medo de ser trocado, querendo dar o primeiro passo porque não ser escolhido dói demais e eu não quero mais sentir essa dor, não quero mais ter a sensação de que fui a escolha errada. Então eu paro, incapaz de agir, sentindo o medo me mandando fugir.

E eu o ouço.

— Eu... Eu preciso ir.

Dou as costas para ela ignorando seu chamado e caminho de volta ao salão principal, sinto-me deslocado, desconectado, não consigo pensar

em nada além da sensação sufocante de estar em um pesadelo recorrente e desejar acordar.

Mas eu não vou. Isso não é um pesadelo, é a minha vida. Minha maldita vida.

Esbarro em alguém, na pressa para voltar ao primeiro andar derrubando a bebida em nossas roupas.

— Mas que porra! — Gabriel esbraveja antes de erguer os olhos e me ver.

— Me desculpe, eu não te vi — justifico esfregando o rosto com as mãos.

— Tá tudo bem? — ele me pergunta enquanto passa a mão na frente da camisa molhada.

— Sim, eu só estou atrasado para voltar, a banda precisa de mim.

Gabriel me observa por um instante, seus olhos passeiam pelo meu rosto como se ele soubesse que estou mentindo.

— Beleza, vai lá, ou a noiva te mata. — Ele força um sorriso em seu rosto e faço o mesmo tentando parecer calmo.

— Valeu! — Aceno ao passar por ele sabendo que o final desse estranho diálogo seria outro se ele realmente soubesse o motivo para eu estar fugindo.

E, por um instante, desejo que ele saiba.

O monstro dentro de mim adoraria uma boa briga.



"Querida Cristal,

Hoje não foi um bom dia, infelizmente eles são mais frequentes do que eu gostaria, mas tento não contabilizar; às vezes, ignorar algo que nos aflige faz com que ele perca um pouco da sua força.

Exercite isso de vez em quando. Funciona.

Com carinho,

Mamãe."

Eu sempre achei que, com o passar do tempo, as frustrações fossem perdendo força, que a cada decepção eu me tornaria mais forte e que, um dia, estaria imune a essa dorzinha gelada que dá no coração quando ela chega.

Me iludi.

Observo Tomaz se afastar enquanto tento ignorar todas as perguntas sem respostas que vagueiam por minha cabeça, estou exausta emocionalmente e tudo o que não preciso agora é pensar em homens e no quanto eles são idiotas.

Saio em direção ao banheiro, tenho certeza de que devo estar parecendo uma garota que acabou de chorar e não quero que alguém ache que o motivo é o César, nem venha me perguntar se estou bem. Porque a verdade é que eu não estou nada bem.

Dou graças a Deus quando vejo que estou sozinha, lavo meu rosto tentando consertar o estrago em minha maquiagem por causa das lágrimas enquanto me xingo por ter cedido a elas. Odeio chorar, odeio parecer uma garota fraca e indecisa, odeio que Tomaz me veja dessa forma e, principalmente, odeio que ele tenha pensado que eu chorei por causa do César.

Foi por causa do que ele me fez. Não importa se o amo ou não, ele me traiu. Disse que transou com outra, porque era jovem e precisava experimentar, como se eu não significasse nada. Nenhuma pessoa reage a algo assim com indiferença.

Só eu sei o quanto venho tentando ser forte e fingir que não sinto por saber que estava satisfeita enquanto ele queria mais, que perdi seis preciosos anos da minha vida.

Pego um pouco de rímel e batom de uma cesta que está na pia e passo, retiro alguns grampos e tento organizar meu penteado, mas fica ainda pior e acabo soltando tudo, o resultado é razoável e me apego ao fato da maioria das pessoas já estarem com uma boa quantidade de álcool no organismo e não notarem a minha cara de quem acabou de chorar.

Respiro fundo e saio forçando-me a sorrir, mesmo que não haja ninguém ao meu lado.

— Clara? — Ouço a voz de Gabriel do outro lado, ele está saindo do banheiro masculino, quero fingir que não o ouvi e continuar andando, mas é ridículo tentar fugir do meu irmão.

— Oi. — Viro-me para ele com meu sorriso forçado.

— O que houve? — Ele olha para o meu rosto e desejo ter ficado um pouco mais de tempo lá dentro.

— Nada, por quê?

— Você estava chorando. — Ele aponta para meu rosto e nego com a cabeça.

— Eu só estava com calor e fui ao banheiro retocar a maquiagem.

Gabriel me analisa minuciosamente, odeio quando ele faz isso; mesmo que eu já tenha pedido milhões de vezes para ele parar, é como ter um espião do governo americano na minha cola o tempo todo.

— O que está acontecendo, Clara?

— Nada, eu já disse, eu fui ao banheiro. Por Deus, deixe de ser exagerado!

— Você está me escondendo algo.

— Não seja exagerado, Gabriel.

— Primeiro o acidente. — Ele aponta para a cicatriz em minha testa.

— Agora te pego saindo do banheiro com essa cara.

— É a única que tenho, lamento.

— Você estava chorando.

— Não, eu não estava.

Gabriel olha em volta, as mãos fechadas em punho ao lado do seu corpo, como se estivesse tentando se controlar.

— Ou você fala ou vou perguntar para o bosta do seu namorado.

— Ex — corrijo-o. — O César e eu terminamos há meses.

— Ele sabe disso? Porque ele se comporta como se vocês ainda estivessem juntos.

— Com certeza.

Meu irmão coça a parte de trás da cabeça enquanto parece pensar, ele não é muito bom com conversas, principalmente se elas forem tensas, mas eu sei que ele vem se esforçando para ser mais... legal.

— Ele te fez chorar, Magrela?

— Gabe, por favor, para com isso. Vamos voltar para a festa. — Estendo a mão segurando a sua, mas ele a solta.

— Eu ainda não tive uma conversa com ele em respeito ao Alan, mas eu juro por Deus que, se eu te ver chorando mais uma vez, vou pegar aquele moleque de jeito. E que se foda o Alan!

Reviro os olhos e sorrio.

— Tudo bem, agora vamos. — Volto a pegar a sua mão e ele deixa dessa vez. — O que houve com a sua camisa?

— Tomaz esbarrou em mim e derrubei um copo de água. Ele também parecia estar fugindo de algo.

— Hum, entendi. — Puxo meu irmão pelo salão agora lotado de pessoas se remexendo ao som da música, que ecoa por todos os lados, e agradeço por estarmos em um local com a iluminação escassa ou meu irmão veria meu rosto corar.

Ouvir a voz rouca de Tomaz é quase insuportável para mim, ergo os olhos e o encontro com a boca tão próxima do microfone, que sinto um pouco de inveja daquele objeto, que parece estar sendo beijado por seus lábios. Ele canta como se estivesse sentindo a música, como se fosse doloroso para ele falar de amor e de perda.

Talvez seja.



Passo o resto da noite balançando a cabeça a cada vez que falam comigo, não consigo ouvir nada direito, todos os meus sentidos estão voltados para o cara no andar de cima, na forma como seus cabelos suados se espalham para todos os lados se transformando em uma bagunça linda, em como ele nunca olha para a plateia, como se não estivesse tocando para nós, como seu rosto sempre tão sério se contorce, como se ele estivesse sentindo cada uma das frases que saem de sua boca, como se as palavras que ele canta saíssem direto do seu coração.

Deus, eu não posso acreditar na força com que meu coração bate enquanto observo Tomaz tocar, é como ver um astro do rock e saber que seu beijo é exatamente igual a forma como ele toca. Intenso, forte e inesquecível.

Tomaz agradece a todos e se despede convidando um DJ famoso para dar continuidade à festa, Carol se anima ao meu lado e, juro por Deus, que eu vi Gabriel dar umas cochiladas. Meu pai está sentado em uma mesa com outros homens e tenho certeza de que eles estão falando de negócios, me entristeço em saber que ele não é capaz de se divertir em nenhum momento, às vezes gostaria que ele encontrasse alguém que o trouxesse de volta à vida, mas conheço meu pai, sei que seu coração está sossegado assim e que ele é feliz, do jeito torto e esquisito, tão característico da família Smith.

— Vamos dançar um pouquinho, eu adoro esse cara — Carol pede já me puxando junto com ela e não tenho outra opção a não ser atender a seu pedido.

Monique se junta a nós animada enquanto balança sua barriguinha de grávida.

— Eu não acredito que ele está aqui. — Ela aponta para o DJ estiloso, que já está chamando as pessoas para a pista.

— Você realmente não conhece a Vê, ela seria capaz de trazer os Beatles se fosse algo que quisesse muito — Carol diz e eu confirmo, enquanto Monique nos olha assustada.

— Onde está o Ben?

— Ele foi embora com o César, isso já é demais para ele, muita luz e muito som. — Monique sorri orgulhosa do filho e lamento não ter tido muito tempo para ficar com ele.

— Eu nem acredito que ele tocou na cerimônia — digo e logo engatamos um papo sobre Ben e suas conquistas enquanto balançamos nossos corpos de forma estranha e animada.

— Posso me juntar a vocês? — Poliana surge em seguida e abrimos a roda para que ela se junte a nós.

Vê e Fábio chegam na pista, ela com um vestido dourado cravejado de pedras que reluzem e uma fenda que termina na altura do quadril, tão linda que chega a doer olhar para ela.

As duas horas seguintes é um amontoado de sensações, luzes, música, corpos suados gritando e pulando, como marionetes nas mãos de um artista que sabe muito bem o que está fazendo e tudo o que eu quero é que isso acabe o mais rápido possível.



Assim que o DJ toma posse do meu posto desço as escadas sem me despedir de ninguém, não suporto mais estar nesse lugar, nessa festa, meu coração endurecido não suporta toda essa alegria.

— Ei, Tomy, onde você vai? — Vê pergunta.

— Oi, eu preciso de um ar. — Aponto para a pista de dança, que começa a encher.

— Você tá bem? — Fábio pergunta preocupado.

— Só um pouco cansado, mas tudo bem — minto para meu amigo e ele parece acreditar, ou finge acreditar.

— Por favor, se precisar de alguma coisa só me chamar. — Fábio apoia a mão em meu ombro e confirmo com a cabeça com a certeza de que nem se o mundo estivesse ruindo eu seria capaz de estragar a felicidade dele nesse momento.

— Fica bem, e obrigada por tudo, você arrasou. — Vê me dá um abraço apertado e eu a envolvo em meus braços por alguns instantes. — Não esquece que a gente te ama, viu.

— Eu sei, também amo vocês, cuida dele, por favor — sussurro no ouvido dela antes de nos separarmos.

— Pode deixar. — Ela pisca para mim.

— Preciso ir, vão lá se divertir. — Empurro Fábio e me afasto sem dar chance para ele perguntar mais alguma coisa.

Caminho pelas mesas vazias e esbarro em grupos que preferem dançar longe da multidão. Dessa vez, já sei onde fica o bar e vou até ele decidido a sair de lá carregado.

Peço para o garçom me trazer qualquer coisa do cardápio, ele me prepara uma gim tônica e me entrega com cara de quem conhece bem o tipo de cliente como eu.

Na próxima hora me perco em quantos copos sou capaz de beber, sempre tive uma boa tolerância para álcool, mas hoje desejo beber até perder a consciência.

Noto quando alguém se senta ao meu lado, um homem alto que ocupa espaço demais para meu gosto, mesmo assim não me dou ao trabalho de me virar. Não dou a mínima para quem quer que seja.

— Por favor, uma vodca — o homem pede e reconheço a sua voz. O sotaque levemente enrolado de quem passou a vida aqui, mas que carrega outro idioma em seu sangue.

Olho para Christopher e aceno brevemente antes de voltar a atenção ao meu copo e ele aguarda o garçom entregar sua bebida.

— Como vai seu pai? — pergunta analisando o copo em sua mão.

— Morrendo — respondo secamente, não quero ser grosso, mas não tem outra coisa a dizer. Sinto um aperto no peito ao pensar que eu deveria estar lá com ele e não aqui chorando por uma garota, que nem ao menos é minha.

— Sei que não há muito a ser feito, mas quero que saiba que, no que precisar, eu estou à disposição.

— Muito obrigado, mas infelizmente ninguém pode fazer nada além de esperar.

— Eu sei como é agonizante essa espera, mas uma coisa que eu aprendi é que não há dor que não se cure, você vai superar isso.

— Obrigado, eu espero que sim. As coisas estão bem difíceis nesse momento.

— Eu imagino, Clara me contou tudo — ele continua e tenho vontade de me levantar e sair de perto, mas então me dou conta do que ele está falando e me viro para encará-lo.

— O quê?

— Sabe, filho, embora eu não seja o pai ideal, eu sei reconhecer cada um dos sentimentos dos meus filhos, mesmo quando eles não falam. — O garçom coloca o copo na frente dele e Christopher agradece antes de tomar um gole. — Clara sempre gostou de me deixar a par dos acontecimentos mais importantes da sua vida, ela me contou sobre seu pai e sobre tudo mais.

— Deus...

— Conheço o César desde que ele era só um moleque, sempre o recebi com todo o carinho em minha casa e sentia que ele fazia a minha filha feliz. — Christopher bebe mais um gole da vodca antes de continuar. — A Clara é meu bem mais precioso, eu amo meu filho, mas ela é o coração da minha esposa, e eu seria capaz de morrer para vê-la feliz. — Balanço minha cabeça para que ele saiba que eu estou ouvindo, mas não digo nada, mesmo que no fundo eu deseje dizer a ele que eu também sou capaz de tudo por sua filha.

Essa constatação me assusta porque até hoje eu não sabia que o que eu sentia por ela era tão grande.

— Eu achei que minha filha nunca ia se recuperar depois daquele dia, mas então ela te encontrou e, quando ela me falou o que havia acontecido, eu vi um brilho novo nos olhos dela.

— Me perdoe, mas eu acho que você está confundindo as coisas, sua filha ainda ama o namorado dela.

— Você realmente acredita no que está falando, rapaz?

Nego com a cabeça enquanto finalizo minha bebida e ergo a mão para o barman pedindo mais uma.

— Eu não... — Penso um pouco no que realmente quero falar para ele e continuo: — Eu não sou um bom homem para sua filha, Christopher, acho que seria melhor se ela continuasse com o César.

Deus... o que é isso que estou falando? Eu realmente acabei de falar para o pai da responsável por meu porre, que ela deveria ficar com o seu ex?

— Eu te conheço, Tomaz, há muitos anos e sei que você é um bom homem, e eu confio nas escolhas que minha filha faz. — Christopher se levanta levando seu copo pela metade com ele. — Faça por merecer o coração dela, ele é precioso demais.

— Eu não posso — admito, talvez um pouco encorajado pelo álcool.

— Por que não?

— Porque acho que não sei amar.

Christopher sorri, como se já esperasse por essa resposta ou algo parecido.

— Ah, é isso? Amar é como respirar, apenas deixe o ar entrar. — Ele dá uma batidinha em meu ombro.

— E se eu não souber?

— Então se afaste, deixe claro a ela que você não a quer. Só não a magoe, você não vai querer me ter como inimigo.

Ele se vai me deixando sozinho, com um copo na mão e um milhão de questões permeando a minha cabeça, todas sem nenhuma resposta.

Bebo o conteúdo de uma vez e ergo meu braço pedindo mais uma bebida, a última, aquela que me dará coragem para fazer o que precisa ser feito.

Viro o copo enquanto penso em algo.

Sou um homem morto.

E um homem morto não precisa respirar.



“Querida Cristal,

Será que você será temperamental e intensa como o seu pai ou apaixonada e reflexiva como eu?

Por favor, me responda isso nos primeiros meses, não sei se teremos muito tempo e eu adoraria te conhecer melhor.

Te amo tanto, filha,

Com carinho,

Mamãe.

Meus pés estão me matando e eu mal me lembro de onde fica o elevador, Gabe e Carol já foram para o quarto deles faz algum tempo e, embora a festa ainda esteja rolando, não consigo mais ficar de pé.

Pego meu celular enquanto caminho à procura de um elevador que me transporte direto para a minha cama, as mensagens que mandei para Tomaz não foram respondidas até agora, mas ele as visualizou.

Maldito seja o cara que teve a brilhante ideia de nos permitir saber quando somos ignoradas. Eu o odeio.

Encontro o elevador, mas ele parece demorar mil anos para chegar ao décimo terceiro andar, o quarto parece estar a dois quilômetros de distância e, antes que eu chegue a ele, avisto uma pessoa sentada na porta.

— Tomaz? — Me aproximo e ele ergue o rosto quando nota que sou eu. — O que você está fazendo aqui?

— Eu precisava falar com você. — Ele se levanta, um pouco sem equilíbrio e abre passagem para que eu possa destravar a porta e entrar.

Jogo o sapato e observo enquanto ele decide se deve ou não entrar, seu equilíbrio está comprometido e imagino que ele tenha passado as últimas duas horas no bar.

Que maravilha!

Tomaz entra e então fecho a porta, nos deixando sozinhos dentro de um quarto de hotel. Meu coração bate tão forte que tenho certeza de que ele é capaz de ouvir o tum-tum reverberando por todo o meu corpo,

— Tudo bem, pode falar. — Aliso o vestido porque não sei o que fazer. Ainda estou agitada pela festa; meus nervos à flor da pele, pela briga com César; e meu coração confuso e completamente apaixonado por Tomaz, pela forma como ele cantou, o jeito como ignorou cada um dos convidados, mas sempre que olhava para Ben havia um sorriso complacente em seu rosto, encorajando-o e a forma como o garoto se sente seguro ao seu lado.

Hoje eu tive a certeza de que o que sinto por ele vai além da admiração aluna/professor, e mais do que uma garota desesperada para curar um coração doente e muito mais do que apenas uma atração física.

Eu o quero, como nunca quis nada na minha vida. Eu o quero tanto, que chega a doer, e isso me apavora porque não sei o quanto vou suportar se ele não me quiser na mesma proporção.

Não sei se vou suportar ser rejeitada mais uma vez.

Tomaz se senta apoiado na porta, como se precisasse garantir que não sairei daqui, sua roupa está amarrotada e seus cabelos caem em seus olhos escondendo-os de mim.

— Por que você fez isso? — Sua pergunta me deixa momentaneamente confusa.

— Você está bêbado?

— Isso não importa.

— Pra mim importa, muito. Não vou perder meu tempo discutindo com um bêbado, que não vai se lembrar de nada amanhã.

— Eu não estou tão bêbado assim, Clara — ele responde parecendo ofendido. — Ou não estaria aqui.

O tempo passa e nada sai da minha boca, Tomaz encara as abotoaduras da sua camisa, estou nervosa e sinto como se fosse incapaz de dizer algo coerente.

— O que você quer que eu diga, Tomaz?

— Por que eu? Por que justo eu? — Ele aponta para o próprio peito em seguida para mim. — Olhe para você, é a garota mais linda dessa festa, todos os homens te olhavam quando você passava, você pode ter o homem que quiser, por que eu?

— É isso que te incomoda? É por isso que está de porre dentro do meu quarto a essa hora?

— É, é exatamente por isso, por que eu?

— Isso não tem explicação, não posso te dar essa resposta.

Ele ri, mas sua risada é triste e embriagada.

— Sabe, eu nunca fui um cara bom com relacionamentos, os poucos que tive não duraram muito e, na maioria das vezes, eu estava tão distante emocionalmente, que mal me esforçava para saber o que

aconteceu — ele diz ainda encarando as peças douradas de sua roupa. — Por muito tempo, eu acreditei que a Carol fosse a mulher da minha vida, eu tive ódio do seu irmão, desejei que ele nunca se recuperasse, que ela percebesse a merda que estava fazendo e voltasse para mim, mas não foi isso que aconteceu. — Ele ergue o olhar e me encara, talvez esperando que sua confissão me machuque, mas eu já esperava por isso, no fundo eu já sabia, eu sempre soube. — Carol foi como um vírus, ela destruiu tudo o que eu imaginei saber, ela me fez duvidar do amor, me fez perder a confiança em todas as outras mulheres, me tornou um cara frio, amargo, sem fé.

Movo minha cabeça enquanto o ouço falar da minha cunhada, não posso dizer que o fato de saber de tudo isso diminui a dor, porque ouvir da sua boca é intensificar tudo ao ponto de se tornar quase insuportável.

— Aquela noite na praia foi como um sonho, leve, sem dúvidas, e quando... — ele respira fundo e, mesmo levemente embargada pelo álcool, sua voz se mantém firme. — Quando eu te beijei, foi diferente, eu achava que era porque estava magoado. E depois, eu nunca me senti tão traído, nem quando percebi que eu era uma peça a mais na vida da Carol, nem mesmo quando ela me disse que preferia um cara destruído a mim.

— Não fala assim, por favor.

— Eu não estou falando por mal. Já passou, dez anos é tempo suficiente para apagar qualquer mágoa. Mas eu não quero mais esperar dez anos para me curar, Cristal. Eu não quero mais me machucar, não quero me abrir para você e depois descobrir que eu sou uma peça a mais na sua vida quando você decidir que é com ele que quer ficar.

Então é isso, Tomaz está achando que vou trocá-lo por César, assim como Carol fez dez anos atrás quando escolheu ficar com o meu irmão.

— Não é. — As palavras voam desesperadas da minha boca e ele se levanta vindo até mim. — Acredite em mim.

— Eu não consigo, eu quero, mas não consigo.

— O César me traiu, ele duvidou do que sentíamos, ele engravidou uma garota, não compare isso com o que meu irmão e a Carol têm. Não chega nem perto.

— Eu não estou comparando, só não posso me machucar mais.

— Tudo aconteceu de um jeito que não pude evitar, mas eu nunca menti para você, eu estava sendo eu o tempo todo. Mas, se você não quer acreditar em mim, não posso fazer nada — digo sentindo o calor da emoção aquecendo minha pele e inundando meu olhos, mas me impeço de chorar. Não aqui, não agora.

Tomaz passa as mãos nos cabelos puxando-os para trás e desviando o rosto como se não fosse capaz de me olhar por muito tempo.

— Você ainda o ama?

— De novo isso? — pergunto magoada por ele estar tão empenhado em saber algo que eu já disse que não.

— Diga. — Ele se aproxima espalmando as mãos ao lado do meu rosto, o seu tão perto de mim que fica difícil respirar.

— O que você quer que eu diga?

— Que o ama, que ficou comigo apenas para machucá-lo, diga que me usou, que não significa nada para você! — ele exige e a perturbação em seu rosto faz com que eu envolva meus braços em volta do meu corpo.

— Porque... — sussurro permitindo finalmente que as lágrimas escorram por meu rosto, Tomaz acompanha o percurso delas como se estivesse satisfeito por me fazer chorar.

— Porque eu preciso ouvir isso. — Ele olha em meus olhos. — Eu preciso de algo que me faça te odiar.

Suas palavras me machucam e um soluço escapa dos meus lábios quando vejo seus olhos sempre tão doces, avermelhados e perdidos me encarando como se eu fosse uma estranha.

— Por que você quer me odiar? — pergunto enquanto lembro dele com sua voz rouca naquele microfone cantando canções de amor como quem as sente com toda a alma.

Balanço a cabeça sem querer acreditar.

— Porque isso que está acontecendo está me matando. — Suas palavras saem baixas, como se proferi-las aumentasse sua angústia.

— O que está acontecendo?

— Você, Cristal, você está acontecendo na minha vida. Todos os dias, ao dormir e ao acordar, você domina tudo em mim e eu estou apavorado com isso, eu não quero isso. Eu não posso mais estar entre duas pessoas, não posso mais viver essa merda novamente.

— Você quer me odiar para não poder me amar? — Tenho medo de estar sendo precipitada, mesmo assim pergunto e, quando ele não desvia o olhar, noto que talvez eu tenha razão.

Tomaz tem medo de amar.

Observo seu rosto bonito, há olheiras profundas sobre seus olhos, como se ele não dormisse há dias. Seus cabelos desgrehados, suas mãos – minha parte favorita de todo seu corpo – estão fechadas em punhos ao lado do meu rosto. E mesmo envolto no elegante traje, ele parece destruído.

Ele está sofrendo...

— Eu não posso te dizer isso.

— Por quê?

— Porque você também está acontecendo aqui dentro. — Espalmo a mão onde meu coração bate. — Todos os dias, o dia todo.

— É mentira! — ele grita e eu me encolho assustada. Tomaz se afasta colocando as mãos atrás da nuca.

— Quando cheguei de viagem tinha trazido comigo uma carta e um coração partido e isso era mais do que eu podia suportar — começo a falar, a voz embargada pela emoção enquanto ele encara o carpete. — Eu estava magoada e, naquele momento, eu só queria fazer aquela dor parar. — Relembro o sentimento sufocante que senti naquele dia. — Eu te usei — admito. — Mas não como você está pensando, não para atingir outra pessoa; eu te usei porque, naquele momento, você era a cura para o meu coração.

Tomaz me olha como se minhas palavras o infligissem algum tipo de dor. Um vinco pesado se forma entre suas sobrancelhas e ele inclina a cabeça para o lado.

— A cada vez que a gente se falava, a cada vez que você sorria em um áudio bobo, a cada coisa sem sentido que você falava, só para me fazer rir, era como se um pouco de cor voltasse para a minha vida... eu sinto muito, que você tenha achado que eu e o César havíamos voltado, sinto muito se você confundiu minhas lágrimas de raiva com amor, eu não quis te machucar. Eu sempre te vi como algo inalcançável, o professor, o herói. O meu herói, o homem desejado por todas as garotas, mas que cuidava de mim. E quando te vi tão humano... — Estendo a mão e toco seu rosto sentindo a aspereza da barba por fazer em minha pele. Ele se afasta e minha mão cai. — Eu fui covarde, mas nunca quis te magoar.

— E ele? — Ele faz uma careta ao falar de César.

— Eu já disse que acabou.

— Mas ele ainda te ama.

— Não me importo, eu não o amo mais.

— Quando eu vi vocês juntos na cerimônia, eu achei que haviam se acertado. Eu me senti um maldito idiota.

— Você estava errado — digo ofendida ao pensar que ele acha que sou esse tipo de garota.

— Mas você ainda o ama.

— Por que você está fazendo isso? — pergunto e finalmente percebo o que ele deseja.

Liberdade.

No momento em que eu admitir para ele que amo o César, ele vai se sentir livre para seguir adiante. Porque, para Tomaz, é mais fácil aceitar que o que vivemos naquela praia, para mim, foi apenas uma distração do que acreditar que ele finalmente pode ser amado.

Baixo o olhar, confusa, exausta e sem a mínima vontade de continuar essa discussão. Ele já tomou a sua decisão, não há nada que eu diga nesse momento que possa fazê-lo acreditar em mim, então faço a última coisa que eu deveria fazer. Eu minto.

— Sim — digo, sentindo como se a palavra adormecesse minha língua. — É isso que você quer que eu diga? Então eu digo! — grito magoada por ele ser tão teimoso em aceitar que eu possa sentir algo por ele. — Eu amo o César, amo e sempre amei, o que houve entre nós foi apenas uma brincadeira, eu estava brincando com seus sentimentos, eu te usei porque você não significa porra nenhuma para mim. Está bom assim? Está satisfeito?

— Cristal... — ele sussurra meu nome.

— Vai embora daqui. — Aponto para a porta enquanto ele se aproxima. — Some daqui, me deixa em paz! — continuo gritando enquanto seu corpo se junta ao meu. — Me deixa em paz. — Empurro seu peito, mas ele não se move.

Fecho meus olhos e ouço sua respiração pesada enquanto minhas palavras são assimiladas por ele, ouço seus passos se aproximando de mim, ouço o toque da sua mão em sua barba por fazer e depois o calor do seu toque em meu rosto quando me puxa para um beijo duro e sujo, um beijo escondido de alguém que não se permite amar, um beijo que me mostra toda a sua dor e, mesmo quando o beijo acaba e ele se afasta, eu não consigo olhar para ele, apenas ouço-o girar a maçaneta; e, quando ele finalmente me deixa, batendo a porta e indo embora, ouço o som do meu coração quebrando e é o som mais aterrorizante que já ouvi, porque é o som de um coração que já foi machucado antes e ainda não estava pronto para sofrer, um coração que acreditei que jamais permitiria ser magoado.

Mas me enganei profundamente. E nesse momento, enquanto me deixo cair no chão de um quarto vazio e desconhecido, noto que a segunda vez, com certeza, é a pior.



E no capítulo de hoje, conheça o passo a passo para ser um idiota completo.

Primeiro: se apaixone por uma garota que você não pode ter.

Segundo: veja-a com o ex-namorado e se sinta um velho pervertido louco de ciúmes.

Terceiro: encha a porra da sua cara de álcool para afogar as mágoas.

Quarto: bata um papo legal com o pai da garota. Completamente bêbado.

E por fim: estrague tudo tratando-a como um lixo.

Bato a porta do quarto e me apoio nela, fecho os olhos sentindo o mal-estar duelar com seja lá o que esteja acontecendo dentro de mim por um lugar de destaque.

O mal-estar perde e preciso massagear meu peito porque tenho a sensação de que estou prestes a infartar.

Porra de coração idiota e burro.

Sei que fiz a coisa certa, não sou o cara ideal para ela, mesmo assim as palavras de Cristal martelam em minha mente, e embora eu saiba que

são mentiras elas entraram em meus ouvidos como facas afiadas, rasgando tudo pelo caminho.

Deus... o que está acontecendo comigo?

Decido que preciso beber mais. Vou até o frigobar e pego uma minigarrafa de uísque, não dou a mínima se ela vale metade do meu salário, viro o conteúdo desejando que o álcool superfaturado faça um bom trabalho em meu organismo e eu me permita esquecer o motivo de estar assim. Ao menos por algumas horas.

Sento-me no chão e apoio minhas costas na cama enquanto relembro o que me fez agir como um completo idiota e pressionar Cristal dessa forma.

“Então se afaste, deixe claro a ela que você não a quer, só não a magoe...”

E esse é o ponto.

Eu vou magoá-la, não porque eu queira, mas porque eu estou enferrujado demais para esse tipo de relacionamento, sou um homem de relacionamentos curtos, noites anônimas, nenhum comprometimento além do meu trabalho e minha música, não sei lidar com algo que exija de mim mais do que posso dar e, sinceramente, nem sei ao menos o que eu tenho para dar, com certeza menos do que Clara merece. Ela é doce, inteligente, alegre e tão... especial que desejo poder ter me preparado melhor para esse momento, mas como poderia eu saber que, a essa altura do campeonato, ainda estaria vivendo uma paixão como um adolescente.

Pego a segunda garrafa e penso por que eles colocam frascos tão pequenos nos frigobares, por acaso eles não sabem que há aqueles que desejam a solidão para esquecer o que são?

Puxo o celular do bolso enquanto desenrosco a tampa da garrafa, leio a última mensagem que ela me enviou tantas vezes, que começo a achar que estou ficando louco.

E entre palavras não escritas e álcool escasso e caro sobrevivo a uma das piores noites da minha vida, sabendo que a cura para a dor estranha em meu peito está a dois andares de distância.



Sinto a bile subir por minha garganta queimando e cobrando o preço da noite anterior, levanto do chão que serviu de cama e corro para o banheiro, mal tenho tempo de erguer a tampa do vaso sanitário e começo a colocar para fora tudo o que guardei dentro de mim nos últimos meses.

Encosto-me na parede e fecho os olhos, exausto e vazio, silencioso e triste, eu poderia escrever a canção mais bela do mundo, caso o coração partido seja realmente um bom aditivo para a criatividade, porque não me lembro de alguma vez na minha vida me sentir assim.

Fecho os olhos e tenho a sensação de adormecer quando ouço uma batida forte e preciso de um tempo para me dar conta de que seja lá quem for, está batendo a minha porta.

Me levanto com dificuldade e ignoro os protestos do meu estômago vazio implorando para que eu não me afaste do vaso e me arrasto até a porta desejando parar o barulho que faz minha cabeça vibrar.

— Mas que porra! — resmungo, meu cérebro vibra e ergo a mão na tentativa de fazê-lo parar.

Tum-tum-tum...

Meu visitante impaciente continua.

— Já estou indo. — Perco o equilíbrio no meio do caminho e percebo que ainda estou bêbado. — Pare de bater! — grito e me arrependo quando tenho a sensação de que meu cérebro explodiu.

Merda!

Chego a porta e quando abro encontro Rio, com seus cabelos parecendo saídos de um tornado, embolados em cima da sua cabeça, a camisa amarrotada para fora da calça e uma cara de quem acabou de acordar; se eu não conhecesse meu amigo suficiente, diria que ele está tão mal quanto eu. Mas é o Rio, ele não bebe, então provavelmente o motivo da sua aparência provavelmente deve ser uma mulher.

— Porra, é você.

Deixo a porta aberta e me arrasto de volta ao meu novo lugar favorito, ao lado do vaso sanitário, pego uma garrafa de água pela metade jogada na mesa e levo comigo.

— O que diabos aconteceu aqui? — Rio olha para o lugar onde adormeci, onde todas as garrafas de álcool que encontrei disponíveis no frigobar descansam tranquilas e vazias ao lado de um cinzeiro lotado de bitucas, cinzas, tristeza e culpa.

— Uma orgia.

— Mas que merda, achei que você e a Cristal tivesse se entendido.

— Pois é, como pode ver, não. — Bato a porta do banheiro e me jogo novamente no chão, abro a garrafa e tomo um longo gole, a água bate em meu estômago e me arrependo imediatamente quando ele reclama.

Rio abre a porta e se apoia nela me observando em silêncio.

Odeio seu silêncio.

Ele pode ser tão julgador quanto um amontoado de palavras ditas, às vezes pior.

— Desembucha logo, Rio, não tô com saco pra nada hoje.

Ele não diz nada, entra no banheiro e abre o vidro do box ligando o chuveiro.

— Entra nessa porra e toma um banho logo, precisamos voltar. — Meu estômago afunda em meu corpo e, como num passe de mágica, sinto todo o álcool do meu organismo desaparecer dando lugar para uma onda de pânico.

Não... por favor, não.

— Vamos, Tomaz, não me faça te arrastar até o chuveiro porque eu vou fazer.

Ele não está brincando, seu rosto está sério enquanto pega uma toalha e o conjunto de banho que o hotel disponibiliza para seus clientes.

Não... não... isso não pode ficar pior do que está, hoje não.

— Rio — o chamo, a voz rouca pela noite de bebedeira. — Olhe para mim — exijo e meu amigo se vira.

— Não temos tempo para agir como adolescentes, Tomaz, toma logo esse banho, te espero na recepção em dez minutos.

Rio joga as coisas em meu colo e sai sem falar mais nada, o barulho da água colidindo com o piso frio do banheiro é como o som da morte gelando meus ossos e me mostrando que não importa o quanto achei que saberia como agir; no momento em que ela chega, eu percebo que nunca estive preparado para ela.



Vomito mais uma vez, uma proeza que imaginei impossível já que não tenho mais nada em meu estômago, tiro a roupa, me jogo no jato frio e deixo que a água molhe meu corpo, apoio a cabeça no azulejo e finjo que

o líquido que molha meu rosto e escorre por meu pescoço é água, deixo que ele escape dos meus olhos em ondas fortes e dolorosas que, aos poucos, me fazem engasgar com a dor que ele transporta.

Não estou preparado, ainda não e talvez eu nunca esteja, isso não é algo que nascemos para viver, embora seja a nossa única certeza na vida.

Arrasto-me para fora do banheiro e pego uma calça jeans e uma camiseta qualquer, junto minhas coisas passando pela bagunça que fiz na noite anterior e desejando como nunca que eu tivesse sido corajoso e terminado a noite de forma diferente.

Se ela estivesse aqui agora...

Pego o celular em cima da mesa e, por um instante, penso em mandar uma mensagem para ela, mas não consigo, ao invés disso coloco o aparelho no bolso de trás da minha calça e jogo a mochila nas minhas costas.

Fecho a porta e respiro o mais fundo que consigo, desejando ser mais corajoso do que realmente sou.



*“Querida Cristal,
Às vezes, tudo o que temos para dar é um abraço,
Às vezes, ele é tudo o que alguém precisa.
Com amor,
Mamãe.”*

Levanto-me antes mesmo do dia amanhecer, na verdade não consigo dormir, passo a noite revirando na cama e pensando na minha capacidade de sair de um relacionamento para cair de cabeça em uma relação complicada.

Quantas pessoas conseguem se dar mal na velocidade com que eu consegui? Tenho certeza de que já posso me candidatar ao *Guinness* por maior rapidez em que um coração pode ser partido.

Tomo um banho frio para relaxar meus nervos que mais parecem um novelo de lã depois de uma tarde em posse de um filhote de gato, sigo minha rotina de todos os dias e visto um jeans e camiseta enquanto penso em afogar minhas mágoas em uma xícara de café e muito carboidrato.

Pego meu celular e olho as notificações só para confirmar que não há nada de novo e, embora eu já esperava por isso, uma onda de frustração me atinge como um soco bem no meio do meu estômago vazio.

Abro a porta frustrada e mais irritada do que pensei que poderia estar um dia e me deparo com algo que eu jamais imaginei ver na minha vida.

Tomaz está parado na frente do meu quarto, ele parece alguém que acabou de chegar do inferno, seus cabelos úmidos molham a camiseta que parece ter sido colocada ao avesso e seus olhos estão tão inchados que mal se abrem.

— Oi — ele fala, a voz tensa e dura, como se estar aqui tivesse exigido tudo dele.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto sem saber se estou feliz ou irritada com meu coração que bate fora do ritmo em meu peito.

— Eu não sei... — ele fala desviando o olhar para o fim do corredor, mas sua voz embarga e ele não termina.

— Ah, meu Deus, o que houve? — Fecho a porta e dou um passo para mais perto, estendo a mão tocando seu braço e chamando sua atenção. — Tomaz, fale comigo.

— Eu preciso voltar pra casa, mas não consigo, eu não consigo me mover... — Nunca em minha vida ouvi alguém mais destruído, sua voz faz com que meus olhos se encham de lágrimas porque eu sei que só existe uma coisa capaz de deixá-lo desse jeito.

Puxo seu pescoço trazendo-o para perto de mim, Tomaz vem com tanta facilidade, que sinto que ele estava prestes a desabar quando chegou aqui.

Ouç o baque da sua mochila caindo no chão quando ele envolve seus braços em torno da minha cintura e afunda seu rosto em meu pescoço.

— Eu não consigo... — ele repete e estendo minha mão em sua nuca, acariciando seus cabelos e descendo até seu pescoço em uma tentativa de confortá-lo.

— Está tudo bem, eu estou aqui, vamos fazer isso juntos — digo confortando-o e fortalecendo-o. — Está tudo bem — repito sem saber ao certo se minhas palavras chegam aos seus ouvidos.



A viagem acontece no mais absoluto silêncio, Rio parece tranquilo, mas noto seus dedos batucando o volante e sua perna esquerda balançando sem parar, um sinal claro do quanto ele está tenso.

Tomaz nem ao menos parece vivo, sentado ao meu lado, imóvel, os olhos escondidos pelos óculos escuros enquanto ele encara a paisagem.

Sua mão descansa aberta no banco entre nós, os dedos trêmulos se mexem sem que ele note, estico minha mão cobrindo a sua, encaixo meus dedos entre os dele sentindo o quanto eles estão frios, isso chama a sua atenção e ele vira o rosto olhando para nossas mãos unidas e em seguida para mim.

Sorrio para ele, que me devolve o que se parece com um meio sorriso antes de voltar a olhar para fora enquanto seus dedos se fecham em torno dos meus e ele leva as nossas mãos até o seu colo onde permanecem juntas durante o resto do percurso.

Rio estaciona o carro em frente a uma típica casa de veraneio, e meu estômago se agita quando sinto Tomaz enrijecer ao meu lado. Puxo sua mão para o meu colo chamando sua atenção e ele olha para mim.

— Eu estou com você — digo e ele move a cabeça concordando em silêncio.

— Eu também, *bro* — Rio fala olhando para nós pelo retrovisor e Tomaz faz o mesmo gesto silencioso para o amigo, como se falar fosse algo além da sua capacidade.

O portão se abre e uma mulher pequena com longos cabelos grisalhos presos em uma trança sorri para nós, Rio desce e vai até ela envolvendo-a em um abraço caloroso.

— Vamos? — chamo Tomaz, que parece incapaz de se mover ao meu lado.

— Eu não consigo — ele admite.

— Tudo bem, a gente espera um pouco.

Rio vem até nós e peço a ele alguns minutos antes de entrarmos. Ele concorda e entra abraçado a mulher.

Viro-me para Tomaz envolvendo a sua mão entre as minhas.

— Não importa o quão doloroso e assustador esse momento possa parecer, você precisa vivenciá-lo, reprimir só te fará sofrer ainda mais e não vai mudar o rumo desse dia. Ele é o que precisa ser. Eu estou aqui para te apoiar, mas você deve vivê-lo.

Tomaz abaixa a cabeça e chora, em silêncio, apenas os espasmos do seu peito se movendo indica a dor que está sentindo nesse momento.

— Eu não sei o que fazer — ele diz retirando os óculos e limpando os olhos com as costas das mãos.

— Permita-se sentir, é tudo o que lhe resta.

Mais alguns minutos se passam enquanto ele se recompõe; e quando Tomaz se sente pronto, respira fundo colocando os óculos de volta.

— Podemos ir? — pergunto e ele volta a segurar a minha mão enquanto confirma.

Abro a porta do carro e descemos juntos, entramos na casa e um cachorro enorme nos recebe, até mesmo ele parece triste e sem fazer festa; se aproxima de Tomaz, que se abaixa para afagar a cabeça do cão.

— Ei, grandão, você fez um bom trabalho, obrigado por ter cuidado dele enquanto eu estava fora.

O cachorro balança o rabo e abaixa a cabeça como se estivesse se comunicando com Tomaz e, quando ele se levanta, o cão caminha devagar até a porta e olha para nós.

Entramos na casa e Tomaz estremece ao olhar para a mulher que nos recebeu, ela está conversando com algumas pessoas e, assim que nos vê, ela vem ao nosso encontro.

Nada é dito, ela apenas abre seus braços e Tomaz se aconchega neles, é tão íntimo e triste que meus olhos se enchem e sou incapaz de controlar as lágrimas, mas limpo-as rapidamente para que ninguém note e aguardo enquanto eles se consolam.

— Eu sabia que não deveria ter me afastado — Tomaz fala quando se afasta.

— Ele está esperando você, filho — ela fala e Tomaz desaba em lágrimas.

É doloroso vê-lo chorar dessa forma e sinto meu coração doer por ele. Espalmo minha mão em suas costas e acaricio-o tentando mostrar que ainda estou aqui.

— Eu não consigo, mãe — ele diz para ela. — Eu não posso entrar naquele quarto.

— Tudo bem, filho, não precisa ir. Ele sabe que você está aqui.

Tomaz ergue os olhos para um corredor, que imagino que seja onde os quartos ficam e a sua mãe sorri para mim.

— Me desculpe o mau jeito, sou Helena. — Ela estende a mão e a seguro entre as minhas.

— Sou a Clara. — Tento dar um sorriso, mas ele parece não se encaixar muito bem no momento e desisto. — Sinto muito pelo seu marido.

Helena agradece e me oferece uma xícara de chá, que aceito. Tomaz não se mexe enquanto sua mãe me convida a ir até a cozinha, hesito em deixá-lo só, mas por fim sigo a pequena mulher enquanto observo seu filho parado no meio da sala como um garotinho perdido e assustado.

— Eu já imaginava que ele reagiria assim — Helena diz enquanto enche duas xícaras de chá e me entrega uma. — Ele nunca lidou bem com a doença do Bernardo.

— Eu gostaria de poder ajudá-lo de alguma forma, mas Tomaz parece uma concha dura e impenetrável, não consigo chegar até ele de forma nenhuma.

Helena estende sua mão livre e toca meu braço chamando minha atenção.

— Você já tocou, Cristal — ela me chama pelo nome que dei a Tomaz e imagino que já saiba sobre nós.

Tomo o chá e volto para perto de Tomaz, ele continua imóvel, encarando a parede com o cão ao seu lado.

Rio aparece com o rosto vermelho e os olhos marejados, ele vem até nós e envolve Tomaz em um abraço dando tapas fortes em suas costas.

Ninguém diz nada.

Mais algum tempo se passa até que os dois se separam, Rio limpa as lágrimas do rosto enquanto Tomaz continua com as emoções represadas.

— Ele sabe que você está aqui, eu já falei para ele o que você me pediu — ele diz para o amigo e Tomaz assente.

Uma mulher de uniforme branco surge no corredor chamando Helena, ela diz algo que faz com que a mãe de Tomaz concorde e, então, elas entram juntas no quarto.

Tomaz finalmente se mexe e caminha até o corredor, seguimos atrás dele e vemos ele entrar em um quarto e sair de lá com um violão nas mãos, ele olha para o amigo, que balança a cabeça encorajando-o e então Tomaz vai até a porta do que imagino que seja o quarto dos seus pais, ele estende a mão na madeira e abaixa a cabeça como se estivesse fazendo uma prece, ou se despedindo, em seguida se senta ao lado da porta, coloca o violão em seu colo e começa a dedilhar as cordas, o som da música se formando aos poucos e preenchendo tudo a sua volta, Rio entra e então eu me sento de frente para Tomaz, ele apoia a cabeça na parede e fecha os olhos, ele respira fundo e pigarreia limpando a garganta, então a coisa mais bela e triste que já vi na minha vida acontece.

Tomaz toca para o seu pai.

*“Mais uma noite chegou,
As ondas batem na areia úmida
Em uma dança contínua e triste
A porta está fechada
Mas meus olhos continuam abertos*

*Onde você está?
O garoto precisa dormir
Onde você está?
A noite começa a cair.
Onde você está?*

*Está escuro lá fora,
Mas aqui dentro o céu brilha em cores neon
Mercúrio, Vênus, Terra...
Meus companheiros de noites insones
Ainda te esperam.*

*Onde você está?
O garoto precisa dormir
Onde você está?
A noite começa a cair.
Onde você está?*

*Não consigo respirar
Um mundo inteiro em meu coração
Grécia, Roma, Egito
Todos esperam por sua vez
Você demora a chegar*

*Onde você está?
O garoto precisa dormir
Onde você está?
A noite começa a cair.
Onde você está?*

*Talvez essa noite seja o fim
Seu corpo cansado relaxa
Exausto, o garoto sucumbe ao sono*

Mas sua alma ainda espera por sua chegada

Onde você está?

O garoto precisa dormir

Onde você está?

A noite começa a cair.

Onde você está?"

A música termina, mas Tomaz continua dedilhando a melodia, os olhos fechados, envolto em seus pensamentos, lembranças que ele cantou e que agora carregará para sempre em seu coração.

Pouco depois Rio surge na porta, ele olha para mim e nada precisa ser dito. Tomaz parece sentir a presença do amigo e para de tocar.

Seu pai se foi, ao som da música de seu filho que, ao pensar que não sabia o que fazer, deu a ele aquilo que tem de mais precioso dentro dele:

Sua música.



A casa está lotada de pessoas e, embora seja um momento triste, tudo o que consigo sentir nesse momento é o carinho que todos têm com Helena.

Tomaz ainda não consegue demonstrar nenhuma emoção, dez horas se passaram desde a última vez em que ele falou algo para alguém além de *obrigado*. Sua mão continua gelada e trêmula, mas ao menos está firme sobre a minha.

— Você quer que eu vá pegar algo para você? — pergunto pela milionésima vez.

— Não, obrigado — ele responde de forma mecânica e volta a analisar nossos dedos.

Surpreendo-me quando vejo Fábio e Vê entrando, ambos usando jeans e camiseta, de mãos dadas e com suas alianças reluzindo em seus dedos, uma estranha contradição com o que estamos vivendo agora.

O início e o fim.

Estremeço com a percepção do “até que a morte nos separe” e Tomaz parece notar porque ele olha para mim assustado, movo o rosto em direção aos seus amigos e ele ergue os olhos sem acreditar no que vê enquanto eles abraçam Helena.

— Deus do céu... — ele sussurra ao meu lado quando Fábio, com os olhos vermelhos, nos vê e vem até nós. — O que você está fazendo aqui? — Tomaz pergunta quando Fábio o puxa para um abraço apertado e doloroso.

— Eu estou onde eu deveria estar, ao seu lado — Fábio diz antes de beijar o rosto do amigo e, então, Tomaz finalmente desaba em seus braços.



— Pai, para onde as pessoas vão quando morrem? — pergunto quando ele se deita ao meu lado na pequena cama fazendo o estrado ranger sobre o seu peso.

— Depende, filho — responde olhando para o universo que terminamos de colar no teto.

— Depende do quê?

— Do que você acredita, cada um tem uma crença.

— No que você acredita, pai? — pergunto porque sei que meu pai tem todas as respostas do mundo e ele sempre sabe de tudo.

Ser filho do meu pai é como ter uma enciclopédia gigante só para mim.

— Eu acredito que ela pode ir para muitos lugares diferentes, vai depender de quantos corações conquistou nessa vida.

Viro-me de lado para observar o rosto dele, seus óculos de aro grosso me impedem de ter uma visão completa de onde estou.

— Como assim?

— Eu acredito que, quando uma pessoa morre, sua alma se espalha e se divide em vários pedaços: o maior deles vai para o céu, onde ele vai

descansar ao lado de Deus; os outros se abrigam nos corações daqueles que o amavam e por lá permanecem até o fim.

— Se eu morrer, um pedaço de mim vai morar no seu coração? — Ele responde minha pergunta com um aceno de cabeça. — Então eu quero que seja a maior parte.

— Com toda a certeza do mundo será, mas isso não vai acontecer. — Meu pai se vira para mim e sorri.

— Por que, pai? — pergunto entristecido.

— Porque o certo sou eu morrer antes de você. — Ele bate o indicador em meu nariz.

— Então vou te guardar no meu coração inteirinho.

— Eu amo você, filho.

— Eu também, pai.

— Agora vai dormir.

Ele beija meu rosto e fecho meus olhos, feliz em saber que, de certa forma, sempre estaremos assim, perto um do outro. Mesmo depois do fim.



Observo o mar a minha frente, cada um dos movimentos que ele faz enquanto as ondas se formam e se desfazem, nenhum é igual ao outro, assim como na vida, nenhum dia, por mais difícil ou feliz que seja, é igual ao outro.

Ouçó seus passos antes mesmo dela se aproximar e respiro fundo quando se senta ao meu lado estendendo a sua mão para mim como vem fazendo há dois dias.

Dois dias inteiros em que tudo o que me lembro é do homem que hoje tem um pedaço de si vivendo em meu coração e da mão pequena e reconfortante de Clara sobre a minha.

Só hoje consigo compreender o que ele disse ao falar que um pedaço de alguém que se ama vive para sempre em nossos corações. Não era da alma que ele falava, mas das memórias que permanecem conosco para sempre.

Clara se deita em meu ombro, o vento movendo seus cachos dourados em meu rosto. Beijo o topo da sua cabeça e apoio a bochecha nela enquanto permanecemos em silêncio observando o mar.

— Falou com seu pai?

— Sim, ele te mandou lembranças — ela responde ainda deitada em meu ombro enquanto brinca com a pulseira em meu pulso. — Você está bem?

— Estou — respondo quando se afasta para analisar meu rosto, algo que faz a cada meia hora. Ou mais.

— Quer comer algo?

— Não, eu só preciso ficar assim com você.

— Okay. — Ela volta a deitar a cabeça em meu ombro e sinto uma estranha paz em meio a toda a tristeza que me assola nesse momento; é uma paz silenciosa, que não tem nada de mais; uma paz única que só sinto quando estou perto dela e desejo poder ficar assim para sempre.



O pote com as cinzas do que um dia foi o homem mais importante da minha vida está em cima de uma mesa no canto da sala, minha mãe

escolheu jogá-las no mar sozinha, algo que eles decidiram e, embora eu queira estar ao seu lado, respeito a sua decisão.

Isso foi algo que demorei muito a aprender, respeitar as decisões contrárias as minhas.

Observo minha mãe sair carregando o pote em suas mãos e me impressiono com sua força, ela quase não chora e nunca perde o controle, é como se tivesse nascido preparada para viver esse momento. Não consigo imaginar o que é se ver sozinha depois de quarenta anos juntos.

Saio de casa porque, de repente, se torna insuportável ficar aqui sem meus pais, eu ainda posso sentir o cheiro dele, posso ouvir o som dos seus chinelos se arrastando pelo corredor, a tosse cansada... se eu fechar meus olhos e me concentrar, ainda posso ouvir uma de suas histórias.

— Onde você vai? — Cristal pergunta correndo para me alcançar.

— Eu preciso sair um pouco de casa, não consigo respirar aqui dentro.

— Eu vou com você.

— Não precisa.

— Mas eu quero. — Ela sorri ao segurar minha mão.

Caminhamos por cerca de uma hora, o sol se põe e a noite chega, o vento frio faz com que Cristal se encolha ao meu lado e passo meu braço em seus ombros puxando-a para perto de mim e aquecendo-a com meu corpo.

— Você está bem? — pergunta quando paramos para descansar um pouco, seu corpo colado ao meu, suas mãos em volta de mim enquanto esfrego seus braços para aquecê-la.

— Eu não sei. Quando você está perto de mim, eu estou.

— Isso é bom. — Ela sorri e não canso de olhar para seu rosto bonito e tranquilo e me surpreender como alguém tão jovem consegue lidar bem com uma situação dessa.

— Acho que sim.

O vento balança seus cabelos e ergo a mão para afastar uma mecha que cobre seus olhos, coloco-a atrás da orelha e mantenho minha mão na parte de trás da sua cabeça enquanto meus olhos passeiam por cada parte dela, dos seus olhos verdes tranquilos, seu nariz pequeno e arrebitado, sua boca rosada e úmida.

— O que você está fazendo? — pergunta sorrindo.

— Me inspirando.

— Para compor?

— Talvez. — Passo a mão novamente por suas mechas rebeldes.

— Vai escrever algo sobre mim?

Penso em todas as páginas de letras escritas para ela em meu quarto e imagino o que ela acharia se as visse.

— Talvez.

— Eu vou saber se um dia você compor?

Ergo os ombros em sinal de dúvida.

— Hummm... que misterioso.

— Nunca disse que não sou.

Ela sorri e algo se agita dentro de mim.

— A música que você cantou para o seu pai é linda.

— Eu nunca cantei nada meu para ele. Nem para ninguém.

— Por quê? Eu adorei. Tenho certeza de que as pessoas vão amar quando te ouvir.

— Esse é o problema, não toco para ser visto, toco para desaparecer.

— Por isso você nunca olha para ninguém?

Movo a cabeça afirmando.

— Por que você não quer se conectar com ninguém?

Ergo minha outra mão em suas costas, meus dedos passeando por sua coluna, subindo e descendo, sinto ela se contorcer levemente.

— Nunca me conectei com rostos, eles não significam muito para mim, são apenas imagens que em pouco tempo me esquecerei.

Cristal coloca suas mãos por dentro da minha camiseta buscando calor em minha pele para aquecer suas mãos frias e fazendo minhas costas se arrepiarem.

— Você já escreveu para alguma garota?

Sorrio brevemente imaginando se ela realmente quer saber isso.

— Já — digo e ela morde a lateral da boca.

— Ela já ouviu?

— Não. Já disse, nunca toquei minhas músicas para ninguém.

— Posso perguntar uma coisa?

— Pode perguntar o que você quiser.

Ela pensa por um instante e imagino o que seja.

— Foi para a Carol?

Nego tentando não sorrir, mas sua tentativa de parecer indiferente ao relacionamento que tive com sua cunhada fracassa.

— Você se importa do meu passado com a Carol?

— Isso significa algo para você hoje em dia?

— Não — respondo rapidamente para que não haja nenhuma dúvida.

— Então não me importo, todos temos passado, acho que faz parte da vida, não dá para apagar o que vivemos.

— Você gostaria de apagar algo?

— Não. Eu estou bem com minhas escolhas.

— Está? — pergunto, minha voz soa tão baixa que logo estou sussurrando, como se estivéssemos contando um segredo um para o outro. — Com todas as escolhas?

Minha mão se espalma na base da sua coluna e a trago para mais perto de mim, ela respira com força e posso sentir seu corpo estremecer quando estamos colados.

— Todas. — Meus olhos caem em seus lábios, o desejo de beijá-la se torna doloroso, Cristal molha os lábios e confirma com a cabeça. Incapaz de falar, volto a afastar seus cabelos, segurando-os em minha mão e inclinando seu rosto para que nossos narizes se toquem. — Porque elas me trouxeram até aqui.

Fecho meus olhos e apoio minha bochecha na sua, obrigando-me a me acostumar com isso, com ela, conosco.

Afasto-me e abro os olhos para observá-la, Clara está tranquila enquanto me observa e, pela primeira vez desde que descobri quem ela é, acredito em suas palavras.

— Obrigado — sussurro com minha boca roçando na sua.

— Por quê?

— Por ter me usado aquele dia.

Cristal sorri no momento em que diminuo a distância entre nós e a beijo, nossas bocas se encaixam uma na outra enquanto nossas línguas se conectam, se envolvem, se acariciam em uma dança sensual que acende todos os pontos do meu corpo e me faz perceber que aqui, em seus braços, é onde eu quero estar, é onde me sinto bem, onde quero morar.

Onde sei que vou me curar.



*“Querida Cristal,
A felicidade nem sempre é algo fácil de reconhecer; na maioria das
vezes, é só quando ela passa que notamos.
Com carinho,
Mamãe.”*

Não existe uma cartilha de como se comportar após a perda de alguém especial, nem certo ou errado. Há aqueles que sofrem e se fecham, como meu pai; há aqueles que se perdem, como meu irmão; há os que choram, os que ficam saudosos.

E há o Tomaz.

Dizem que existem cinco estágios do luto e que, de certa forma, todos passamos por eles. Não sei se acredito muito nisso, acho que as pessoas absorvem suas perdas de acordo com suas relações, vivências e religiões.

Tomaz é uma incógnita para mim, não consigo ler suas emoções, seu rosto sempre frio e sério, seu olhar atento e cabisbaixo, observando por baixo de seus cabelos desgrehados, as mechas mais claras que o normal depois de tanto tempo ao sol. Passo os últimos quatro dias observando-o,

sempre soube que ele era um homem sério, só o vi sorrir um pouco apenas em duas ocasiões: quando sua mãe disse algo, que o fez lembrar do pai; e quando Hendrix fez algo que chamou a sua atenção. Fora isso, ele mal falou, comeu ou dormiu.

Acordo no meio da noite e, mais uma vez, estou sozinha. Embora de certa forma eu não estava esperando nada do tipo dormir de conchinha com ele nesse momento, mas é um pouco frustrante estar na sua casa, no seu quarto e não ter ideia de onde ele está passando as noites.

Abro a porta e olho o extenso corredor, imagino que, em alguma dessas portas, deve haver um quarto extra onde ele está dormindo. Longe de mim.

Vou até a cozinha com a desculpa de que quero um copo de água, vejo a luz da varanda acesa e vou até ela na esperança de encontrar Tomaz.

Ele está sentado em uma cadeira de madeira, um cigarro aceso descansa entre seus dedos enquanto escreve algo em um caderno. Está tão concentrado no que está fazendo que ainda não me viu, o violão está apoiado no chão e Hendrix dorme tranquilamente aos seus pés.

Eu gostaria de poder fotografá-lo nesse momento, é algo tão íntimo e casual, tão solitário e ao mesmo tempo charmoso, algo que as pessoas passam dias idealizando para eternizar em uma imagem de redes sociais. Imagens falsas, que não chegam nem perto do que estou vendo agora.

Ele finalmente nota minha presença e ergue o olhar, os óculos de armação escura parecem se encaixar perfeitamente em seu rosto sério e concentrado. Nunca o vi de óculos antes e preciso admitir que ele consegue ficar ainda mais bonito com eles.

— Perdeu o sono? — Ele apaga o cigarro discretamente em um cinzeiro e não posso deixar de notar que existem mais algumas bitucas

nele, o que me entristece. Odeio saber que ele fuma, mesmo depois de tudo o que aconteceu com o seu pai.

— Sim. — Cruzo os braços e me apoio no batente da porta. Hendrix ergue o rosto e, quando vê que sou eu, volta a dormir.

— Está com fome? — Nego com a cabeça. — Precisa de algo?

Você.

— Não, só não consigo dormir. — Me aproximo e abaixo para fazer um carinho na cabeça do cão preguiçoso, que mal se mexe. — Estou te atrapalhando?

— Não.

Ele se encosta na cadeira fechando o caderno e, embora diga que não, sinto que estou interrompendo.

— Está escrevendo uma música nova?

— Talvez.

— Por que você é tão misterioso?

— Não sou, só que não estou acostumado a compartilhar minhas coisas.

— Se quiser, eu posso entrar. — Aponto para a porta e ele me puxa pela mão levando-me ao meio de suas pernas.

— Eu não quero.

Passamos um instante apenas nos olhando, um mundo inteiro de perguntas não respondidas, questões mal resolvidas e dúvidas nos rodeando como um tornado emocional prestes a nos engolir e, nesse momento, tudo o que vejo é ele, com seus cabelos bagunçados e seus óculos de leitura sexy e tudo o que ouço é o meu coração desesperado, por não entender o que acontece toda vez que estou perto dele.

Pois é, coração...

Tomaz se inclina para a frente, suas mãos percorrem a parte de trás das minhas panturrilhas, seus dedos tocam-me com tanta leveza que minha pele se arrepia. Ele ergue o rosto e passo meus dedos por seus cabelos afastando-os dos seus olhos.

— Gosto deles. — Toco a lateral dos óculos e ele me dá um leve sorriso. — Te deixa com um ar intelectual.

Suas mãos passeiam pela parte de trás dos meus joelhos e uma onda de eletricidade passa por meu corpo.

— Você deveria usar mais eles, combinam com você. — Passo meus dedos por sua bochecha sentindo os pelos da barba pinicando-me.

Seus dedos se espalham pela minha coxa, sua mão se espalmam por toda a extensão me fazendo dar mais um passo. Agora seu corpo está tão próximo, que ele apoia o queixo em minha barriga enquanto suas mãos continuam explorando meu corpo, subindo, aquecendo minha pele, aumentando minha frequência cardíaca e me fazendo falar coisas sem sentido enquanto tento manter meus olhos abertos.

Ele me puxa um pouco mais e preciso apoiar minhas mãos em seus ombros quando suas mãos passam por baixo da barra do meu short e chegam até minha bunda.

Arfo completamente excitada e nervosa quando seus dedos se cravam em minha pele e, antes que eu possa pensar, ele me coloca montada em seu colo enquanto suas mãos continuam vagando por meu corpo, subindo por minha espinha, até chegar aos meus cabelos erguendo-os, puxando-os, guiando meu rosto para perto do seu. Sinto-me zozza, leve, atordoada, excitada e completamente vulnerável, Tomaz mantém seu olhar frio, lento e silencioso, enquanto me observa como se analisasse uma obra de arte, estudando, lendo, conectando-se, admirando.

Retiro seus óculos colocando-os em cima do caderno enquanto sinto seus dedos brincarem com a alça da minha blusa, seus olhos caem em meus seios expostos pelo fino tecido e, embora eu esteja completamente vestida, nunca me senti tão exposta em toda a minha vida.

Ele começa a escrever algo com a ponta do dedo em meu ombro e não consigo compreender o que é, ele continua até chegar ao ombro direito e quando ele termina, seus lábios tocam minha pele aquecida e sensível pelo desejo que sinto por ele nesse momento. Seus lábios continuam me beijando, lentamente, sua barba causando arrepios, na curva do pescoço, subindo, chegando ao meu ouvido, passando por meu maxilar, meu queixo até pousarem em meus lábios, em um beijo lento, sexy e cheio de palavras silenciosas.

Ele me conduz, ditando o ritmo e a intensidade do beijo e, embora não acho que seja certo, não posso evitar pensar no que César disse ao se referir a nossa falta de experiência, nunca fui beijada dessa forma, tão forte e confiante, tão imponente e sexy.

Enrosco meus dedos em seus cabelos e gemo quando ele aperta minha cintura me puxando como se desejasse se fundir a mim nesse momento, algo que eu desejo com cada célula do meu corpo.

Quando o beijo acaba estou sem ar, não consigo abrir os olhos, como se uma intensa descarga de oxitocina acabasse de passar por mim. Preciso de um instante para recuperar meu fôlego e, quando abro os olhos, encontro Tomaz sorrindo, é o sorriso mais lindo que já vi, leve, satisfeito e tão breve, que me sinto privilegiada de tê-lo visto.

— Eu estou apaixonado por você — ele sussurra, com sua voz rouca causando arrepios em minha pele e o sorriso que se espalha por meus lábios é o completo oposto do que ele me deu, é tão grandioso que tenho a sensação de que pode se romper a qualquer instante.

Abro a boca para falar, mas Tomaz coloca um dedo sobre meus lábios silenciando-me.

— Shhhhh... não — pede e, mesmo sem compreender, eu assinto. Ele afasta meus cabelos e deixa um beijo em minha testa, em seguida me puxa para seu ombro onde me deito sentindo seu coração batendo forte junto ao meu.

Nesse momento, gostaria de ter o dom da escrita para poder descrever a beleza do que está acontecendo em meu peito, aqui, deitada nos braços do homem mais improvável para amar, sentindo algo que até pouco tempo atrás acreditei que só acontecia em romances e nas canções de amor e repassando suas palavras em minha mente como se fosse uma música escrita apenas para mim. A mais bela de todas.

Beijo seu ombro, por cima da camiseta, enquanto fecho meus olhos novamente desejando que esse momento dure para sempre.



*“Querida mamãe,
Eu estou flutuando...*

Adoraria poder escrever o que estou sentindo nesse momento, mas acredito que não existem palavras dignas de descrever meus sentimentos, portanto, onde quer que esteja, desejo que possa senti-los.

*Com amor,
Sua Cristal.”*

Sinto o sono chegar aos pouquinhos, ao som das ondas ao fundo e dos nossos corações batendo em sincronia.

Tomaz dedilha algumas coisas em minhas costas enquanto escreve em seu caderno, me seguro para não ler, não quero invadir sua privacidade, mesmo que seja tentador saber o que se passa em sua cabeça depois de ter dito que está apaixonado por mim.

Ficamos assim por horas, até que o sono me derrota e acabo adormecendo.

Quando acordo estou novamente em sua cama, Tomaz está adormecido ao meu lado, um braço em volta da minha cintura e o outro

embaixo do travesseiro, fico um instante apenas admirando-o dormir, ao meu ver o momento mais íntimo e vulnerável entre duas pessoas. Deixo um beijo em sua testa e me levanto devagar com medo de acordá-lo.

Ao nosso lado na mesinha está o seu caderno e seus óculos, venço a vontade de bisbilhotar e saio do quarto deixando-o descansar um pouco mais. Em poucas horas voltaremos para casa e ele precisa estar bem.

Pego minha mochila e vou para o banheiro, tomo um banho quente e tento relaxar o máximo que posso, mas os acontecimentos dos últimos dias insistem em ir e vir em minha mente me lembrando da vida real e tentando destruir o nosso momento.



Antes de irmos embora, Helena nos prepara uma caixa térmica lotada de comida suficiente para um mês, Tomaz resmunga que ela quer matá-lo de fome e fico sem entender qual o seu problema com comidas saudáveis, mas sorrio agradecida pela generosidade dela, embora eu acredite que é uma forma de se ocupar depois de tudo o que aconteceu. Helena não para, já voltou ao trabalho e, quando está em casa, ela passa a maior parte do tempo na cozinha, fazendo receitas esquisitas que levam Tomaz ao desespero. Acho que é a sua forma de lidar com o luto e só espero que ela fique bem.

— Eu gostaria de te agradecer por tudo o que você fez por Tomaz — ela diz quando estamos sozinhas fechando os potes e colocando-os na sacola.

— Eu não fiz nada de mais.

— Você salvou minha família, Cristal. — Ela me dá um dos seus sorrisos discretos, tão similares aos do seu filho. — Se não fosse você, Bernardo teria partido sem se acertar com o filho e não consigo sequer imaginar o que isso faria com Tomaz.

Eu sei o que pode acontecer com alguém que se perde, lembranças de Gabriel surgem em minha mente e faz meu coração gelar ao imaginar Tomaz se perdendo de alguma forma dentro de si mesmo.

— O importante é que eles se acertaram — digo tentando parecer casual.

Helena se emociona e, pela primeira vez desde que tudo aconteceu, eu a vejo derramar algumas lágrimas. É tão contido e breve, que me sinto um pouco constrangida.

— Obrigada, menina. — Ela espalma as mãos em meu rosto. — Você é realmente uma joia preciosa que chegou na vida do meu Tomaz. Eu sinto uma energia muito boa quando vejo vocês dois juntos.

— Muito obrigada — agradeço sentindo meu rosto corar.

Ela me puxa para um abraço carinhoso e é a maior demonstração de emoção que recebo dela desde que a conheci.

— Eu vou colocar nossas coisas no... — Tomaz surge na porta da cozinha carregando nossas mochilas e para de falar no instante em que nos vê. — Está tudo bem? — Ele olha de uma para a outra e voltamos a guardar os potes, como se nada tivesse acontecido.

— Eu só estou tentando organizar as refeições, eu etiquetei tudo para que você não se confunda — Helena continua falando enquanto Tomaz me olha como se soubesse que estamos escondendo algo.

— Eu vou terminar de arrumar minhas coisas. — Saio da cozinha em direção ao quarto e sinto Tomaz me seguindo.

Ele para na porta enquanto guardo meus objetos pessoais em uma *nécessaire* e enfio tudo na bolsa sem olhar para ele.

— Clara — ele me chama e não gosto da forma como meu nome soa em sua boca, tenso, preocupado, mesmo assim ergo os olhos e encontro ele me observando do mesmo jeito que na noite anterior.

— Está tudo bem, ela só estava me dizendo que sente uma energia boa quando nos vê juntos, acho que isso deve ser algo bom, né? — Sorrio, mas Tomaz não diz nada, apenas me olha como se estivesse esperando eu dizer que o que houve na noite passada foi um engano.

Coloco minha bolsa no ombro e caminho até ele, mantenho meus olhos fixos nos seus até estar na sua frente.

— Está tudo bem. — Seus olhos passeiam por meu rosto de um jeito que me faz perder o ar, em seguida ele me puxa para um beijo que me surpreende por sua intensidade, como se ele precisasse ter certeza do que estou falando.

— Precisamos ir — ele diz assim que o beijo acaba e apenas concordo com a cabeça, incapaz de falar.

Ele segura minha mão e saímos do seu quarto, passando pelo corredor e pela porta do quarto dos seus pais, Tomaz olha para ela por alguns instantes, posso sentir seu corpo enrijecer ao meu lado e gostaria que ele expressasse mais suas emoções, que chorasse, que sofresse, tenho medo do instante em que essa barragem se romper.

Colocamos todas as coisas no carro e a cada segundo sinto a ansiedade dele por voltar e deixar sua mãe sozinha.

— Eu vou ficar bem — ela diz quando ele pergunta pela décima vez. — Aqui é o meu lugar, filho, perto do seu pai.

Helena olha para a extensão de praia a nossa frente e sinto meu coração doer no peito.

— Promete que vai me ligar se algo acontecer? — ele exige e ela confirma.

— Não se preocupe, o Rio está aqui — ela diz quando o grandalhão desajeitado surge com um sorriso caloroso.

— Cuida dela pra mim — Tomaz pede quando Rio o puxa para um abraço cheio de emoções e sentimentos.

— Relaxa, *bro*, ela não tá sozinha. — Rio se afasta de Tomaz e vem até mim me apertando em um abraço com cheiro de mar.

— Cuida dele pra mim — ele sussurra em meu ouvido.

— Pode deixar, ele não está sozinho — repito suas palavras e, quando nos afastamos, Rio pisca para mim.

— Isso eu já sei.



A viagem é longa e cansativa, paramos apenas duas vezes para comer e ir ao banheiro, conversamos um pouco e Tomaz parece leve e, mesmo que tenhamos passado por dias difíceis, sinto como se estivéssemos encerrando um ciclo.

Quando chegamos à cidade já é de noite, à medida que nos aproximamos da minha casa me sinto agitada. Quando paramos na frente do grande portão preto, não sei o que fazer, como me despedir, quando nos veremos novamente. Tomaz apoia a mão no câmbio apertando-o com força enquanto morde o lábio inferior.

— Não quero que você vá embora, não estou pronto pra dizer tchau — ele admite e parece algo doloroso de ser dito.

Respiro fundo porque, às vezes, tenho a sensação de que apenas para mim parece tão intenso o que está acontecendo entre nós, mas quando ouço o tom em sua voz, sinto que não sou só eu.

— Então não diga. — Coloco minha mão sobre a sua e ele assente. — Me leve com você. — Ele me observa por um instante, como se precisasse ter certeza do que estou pedindo e, quando sorrio, coloca o carro em movimento nos levando para onde desejo estar.

Ao seu lado.



Fazemos o trajeto da casa do meu pai até a sua em silêncio, como dois adolescentes prestes a fazer algo errado. Quando chegamos, Tomaz estaciona o carro em uma vaga em frente a um edifício antigo de cinco andares e se vira para mim.

— Já avisou ao seu pai que chegou? — Ele parece preocupado e me sinto como a adolescente prestes a fazer algo errado.

— Tomaz, eu sou uma mulher, adulta.

— Mesmo assim, você esteve comigo todos esses dias e...

— Sim — interrompo-o. — Deixei recado, ele deve estar no avião nesse momento.

— Ótimo. — Tomaz balança a cabeça e abre a porta do carro saindo e pegando as coisas no banco de trás. Faço o mesmo e levo nossas mochilas enquanto ele carrega todas as coisas que sua mãe o obrigou a trazer. Subimos os quatro lances de escada, já que o edifício não tem elevador, parando de vez em quando para descansar; e, quando paramos

na frente do seu apartamento, a expectativa do que estamos fazendo me atinge fazendo meu coração acelerar.

— Você está bem? — pergunta enquanto abre a porta equilibrando uma sacola na perna.

— Sim, só um pouco cansada pelas escadas — minto e ele parece acreditar.

Seu apartamento é exatamente como imaginei, uma desordem charmosa e atraente, assim como ele. Há discos de vinil empilhados em um canto ao lado de um aparelho de som antigo, equipamentos e caixas acústicas dividindo o pequeno espaço com pilhas de livros que deixam o ambiente aconchegante e masculino.

Vou até uma das pilhas e pego um livro que está no topo, é um exemplar antigo de *O Iluminado*.

— Parece que você gosta desse. — Balanço o calhamaço no ar.

— Na verdade li uma única vez, mas gosto de emprestar para os meus alunos — ele diz enquanto coloca as sacolas em cima de uma pequena mesa entre papéis e cadernos.

Olho mais algumas lombadas, a grande maioria são de livros que não conheço e, por um breve momento, me pergunto quantos desses a Carol deu a ele quando eram namorados.

Pela primeira vez, sinto uma pontada de ciúmes da relação deles, do que viveram e do que ele ainda guarda em sua memória.

— Essa é a vantagem de seu melhor amigo ter uma livraria.

Sorrio ao me lembrar de que Fábio é dono da livraria onde ela trabalhava.

Passo dos livros para os discos e reconheço um clássico, que está no meio de alguns espalhados pelo chão.

— Meu favorito. — Balanço *The Dark Side of the Moon* no ar. — Já ouviu com *O mágico de Oz*? — pergunto animada e Tomaz nega com a cabeça.

— Não, é mesmo verdade o que dizem? — pergunta e confirmo com a cabeça.

— Podemos assistir se você quiser.

Tomaz caminha até mim, suas mãos enlaçando minha cintura enquanto ele me puxa para junto de si.

— Podemos fazer tudo o que você quiser — ele diz e meu estômago se agita em expectativa.



Perder alguém é algo que transforma a gente.

Como se a rotação da Terra mudasse, ou o céu se tornasse mais escuro, ou a vida mais lenta. Não sei, mas desde o dia em que vi meu pai sabendo que aquela poderia ser a última vez que o tocaria, que beijaria seu rosto, algo está diferente em mim.

Ainda não consigo chorar, não como gostaria, sinto como se estivesse bloqueado, acorrentado, aprisionado. Tudo a minha volta está sem sentido e não consigo manter o interesse em nada além de Cristal.

Agora ela está aqui, no meu apartamento, falando coisas aleatórias sobre música, mexendo em meus LPs e, embora seja a primeira vez que ela põe seus pés na minha casa, é como se ela sempre estivesse aqui. O tempo todo, por toda a minha vida. Como se tudo aqui pertencesse a ela, inclusive eu.

— Você está com fome? — Cristal pergunta enquanto seus dedos brincam com meus cabelos.

— Não.

— Você não tem comido muito.

— Você está parecendo a minha mãe. — Passo as pontas dos meus dedos por sua costela e ela estremece, como cordas de um violão.

— Não tenho certeza, talvez ela seja um pouco conivente demais com você.

— É mesmo? Você vai me obrigar a comer então? — Beijo seu pescoço e ela se encolhe.

— Talvez. — Ela tenta se afastar, mas seguro-a com um pouco mais de força.

— Quer tentar? — Beijo seu ombro e ela se remexe em meus braços.

— Quero — ela fala e ergo meus olhos para olhar nos seus profundos, quentes e doces olhos verdes.

Às vezes, não consigo me expressar quando o coração se agita e as pernas amolecem; quando a vontade de beijá-la é tamanha, que tudo o que consigo pensar é no sabor da sua língua sobre a minha; quando todo o sangue parece sumir do meu corpo, deixando-me dolorosamente excitado.

Então eu paro, respiro e olho para o seu rosto, tão jovem e bonito, tão delicado e forte, tão incrível, que não me canso de admirar.

— O que você está fazendo? — pergunta espalmando suas mãos em meu peito.

— Me inspirando.

Ela ri, talvez ache que seja brincadeira minha, ou talvez não compreenda ao certo o que quero dizer, mas estou sendo sincero, tudo nela me inspira: a ser melhor, a viver mais, sonhar, desejar, querer, lutar.

— Você está me deixando convencida. — Finalmente a solto e Cristal vai até a mesa remexendo nas sacolas da minha mãe. — Ou talvez esteja apenas me iludindo, já que até agora não ouvi nada sobre uma garota magricela das pernas compridas e dos cabelos loiros.

— Não sei de quem você está falando. — Pego nossas mochilas e as levo para o meu quarto.

— O que você acha desse estrogonofe de grão de bico?! — Cristal grita da sala enquanto retiro os lençóis sujos da cama e pego limpos no armário.

— Se quiser me matar, esse é o caminho! — grito de volta e o som da sua risada me faz sorrir.

Acho que nunca sorri tanto em minha vida, mesmo nesse momento tão... estranho.

— Hambúrguer de aveia, hmmm... parece delicioso.

Coloco a cabeça para fora do quarto.

— Você está brincando comigo?

Ela solta uma gargalhada, que me faz ter vontade de jogá-la na minha cama suja e desarrumada mesmo.

— Estou, não tem hambúrguer vegano aqui, uma pena, porque amo.

— Você não pode amar isso.

— Qual o problema?

— É contra a lei.

— De quem? — questiona.

— De Deus, da vida, dos bons costumes.

Termino de arrumar a cama e embolo os lençóis sujos, abro a gaveta da mesa de cabeceira e pego o panfleto da pizzeria e levo para ela.

— Aqui está a salvação da sua alma. — Entrego o panfleto para ela e vou para a lavanderia onde jogo os lençóis dentro da máquina de lavar.

— Se sua mãe souber que você está deixando de comer o creme de ervilhas para comer uma pizza, ela vai te matar.

— Graças a Deus que ela não vai saber disso, não é? — Pego o celular e disco a chamada rápida. Zeca, o dono da pizzeria, atende no segundo

toque. — O que você vai querer? — pergunto para ela, que está olhando para o panfleto.

— Rúcula com tomate seco. — Ela olha para mim e o brilho nos seus olhos me diz que está brincando.

— Sêrio?

— Não, pode ser marguerita.

Faço o pedido e observo ela se sentar no chão ao lado do aparelho de som, como se fosse uma nave espacial ou algum objeto de outro planeta; me lembro que para ela é quase isso, são treze anos que nos separa, onde a tecnologia ganhou força e tornou as diferenças entre nós ainda maiores.

— Chegará em vinte minutos. — Me aproximo sentando-me por trás e apoiando meu queixo em seu ombro.

Ela se vira e deixa um beijo em minha boca antes de voltar a vasculhar os títulos. Descanso minhas mãos em suas coxas, que de magrelas não têm nada, enquanto observo ela ler um por um os títulos e faixas.

— Eu tenho esse álbum no *Spotify*. — Ela vira *The Joshua Tree* do outro lado para ler as músicas.

— Tenho certeza de que não é tão legal como esse — a provoco.

— Você iria se impressionar com o quanto é incrível e moderno.

— É mesmo? — Mordo seu ombro e ela solta um gritinho, que me faz sorrir.

— Remasterizado — ela continua.

— Então, nada de chiado entre as músicas? — Ela nega com a cabeça e beijo seu pescoço. — Que chato.

Volto a apoiar meu queixo em seu ombro enquanto a observo analisar minha coleção de LPs, aproximo-me um pouco mais de seu

ouvido sentindo em seus cabelos o cheiro de mar, gasolina e seu perfume, uma mistura esquisita, mas que nesse momento adoro, assim como tudo nela.

— *If you twist and turn away...* — sussurro o primeiro verso de *Bad*, do U2, e Cristal fecha os olhos apoiando a cabeça em meu ombro. — *If you tear yourself in two again...*

Sinto seu corpo inteiro recair sobre o meu, seus braços apoiados em minhas coxas enquanto meus lábios continuam se movendo em seu ouvido, observo a reação do seu corpo a cada palavra cantada, a forma como seu peito se move, como se respirar fosse uma tarefa difícil e seus lábios entreabertos parecem tão convidativos.

Nunca vi nada mais belo. Em toda a minha vida.

— *To let it go... and so fade away...*

Beijo o local bem abaixo da sua orelha e ela se encolhe soltando um gemido, que faz meu corpo endurecer.

Putá merda!

— *If i could, you know i would...*

Continuo cantando enquanto ergo sua camiseta expondo sua barriga, meus dedos dedilhando as notas que conheço de cor em sua pele pálida, como um violão feito especialmente para mim.

Seus lábios se abrem mais, seus olhos estremecem, suas sobrancelhas se unem em uma expressão que nunca vi na vida e que me leva à loucura por saber que apenas a minha voz que está fazendo isso com ela.

— *I'm wide awake... I'm not sleeping...*

Cristal se move, inclinando seu rosto, seus olhos se abrem lentamente, uma pequena fenda me observa enquanto sua boca busca pela minha sedenta por um beijo, que não hesito em lhe proporcionar. Puxo-a para meu colo, abrindo suas pernas e colocando-a onde a desejo;

ela se molda com perfeição, seu corpo magro e bonito, suas pernas longas, seus seios pequenos. Sua boca feita na medida certa para se encaixar na minha.

— Eu tenho certeza de que não tem essa versão no seu *Spotify* — sussurro, com meus lábios passeando por sua pele.

— Então é assim que você seduz as garotas — ela diz enquanto lambe meu lábio inferior causando uma tormenta em meu corpo.

— Eu nunca cantei para uma garota antes — admito, mas sua expressão demonstra que ela não acredita em mim.

— Não brinca comigo, Tomaz — geme e a puxo para mais perto, esfregando minha ereção entre suas pernas.

— Não estou, nunca fiz nada disso antes.

— Por quê? — sussurra, com seus dedos novamente em meus cabelos, e eu estou apavorado com a necessidade que tenho de tê-la me tocando o tempo inteiro.

— Porque nunca desejei dividir a música com ninguém antes.

— E agora? — Ela parece estar brincando comigo, não posso ser mais óbvio que isso, estou completamente louco por essa garota, será que ela não entendeu ainda?

Cristal passa a ponta dos dedos em meu rosto, fecho os olhos os sentindo passearem por minha pele, contornando meus lábios, brincando com a minha sanidade. Abro meus olhos e encaro a garota atrevida enroscada em mim e nunca estive tão excitado assim apenas com um beijo, seguro seus cabelos em minhas mãos, deixando seu rosto de porcelana livre de mechas rebeldes, beijo a pontinha arrebitada do seu nariz, as bochechas rosadas, os lábios inchados, beijo-a incansavelmente porque sei que não posso parar, não agora.

Se eu separar meus lábios dos dela, falarei algo que ainda não estou preparado para admitir, mas que sinto, cada dia mais, quando estou perto, quando meus lábios estão nos dela, mas principalmente quando ela não está perto e descubro que não consigo respirar, que tudo perde a cor, que o dia vira noite, o mar fundindo-se ao céu deixando-me completamente perdido em busca de algo que me diga onde estou.

Um farol para me guiar.

E hoje eu sei que o encontrei.

Eu finalmente o encontrei.



*“Querida mamãe,
Sinto que estou caindo e, pela primeira vez na minha vida, não tenho medo.*

É incrível.

Com amor,

Cristal.”

Meu coração bate tão forte que dói.

Quero dizer a ele o que estou sentindo, mas tenho medo de ser precipitada. Na outra noite, ele me pediu para não falar, acho que não está preparado para esse tipo de coisa, talvez ache que é cedo, que estamos indo rápido demais.

Ou talvez ele não queira se envolver, ter algum tipo de relacionamento; ele vem dizendo que é sozinho, que nunca fez nada parecido com nenhuma outra mulher e isso me confunde.

Será que sou realmente especial? Ou o que estamos vivendo é uma explosão química tão forte, que faz com que eu confunda meus sentimentos?

A campainha toca interrompendo nosso beijo, Tomaz para lentamente, sua língua se move devagar até se afastar por completo, em seguida seus lábios, seu rosto, seus cabelos que tanto amo, suas mãos que ainda descansam em minhas coxas. Noto que ele está um pouco ofegante e seu... corpo ainda reage ao meu.

— Nosso jantar chegou — diz baixinho enquanto observa meu rosto. Ameaço me levantar e ele me segura no lugar mais um pouco para me dar mais um beijo. — Espera só mais um pouquinho — pede e sinto meu rosto ruborizar ao notar que está tentando se recompor para poder atender a porta.

A campainha toca, mais uma vez, e nos levantamos juntos, Tomaz vai até a porta e fico parada olhando em volta, sem saber bem o que fazer.

— Está com fome? — Ele ergue a tampa verificando a pizza.

— Faminta, eu comeria essa pizza inteira sozinha.

— Duvido. — Ele ergue uma sobrancelha de um jeito charmoso.

— Não duvide, eu posso te surpreender.

Tomaz coloca a caixa na mesa, ao lado das sacolas de comida saudável que sua mãe enviou e me lança um olhar provocante.

Deus... que homem lindo!

Tomaz não é belo como César, com traços ainda juvenis, uma mistura do garoto que foi com o homem que um dia será.

Ele é bonito de um jeito confiante, com as linhas de expressão bem marcadas que se acentuam quando ele sorri, com seu olhar frio e intenso de quem sabe o que está fazendo e não tem mais dúvida do que quer.

E, nesse momento, ele me quer.

— Surpreenda-me.

Mordo o lábio tentando controlar meus hormônios porque tenho a sensação de que não é sobre a pizza que ele está falando e tudo o que eu

mais quero é surpreendê-lo.

Comemos a pizza inteira rapidamente, Tomaz me oferece vinho, mas nego e fico com uma lata de refrigerante enquanto ele bebe o vinho, no aparelho de som um LP toca, um leve chiado e uma pausa entre uma música e outra dá um charme vintage à canções que conheço enquanto conversamos amenidades.

Tudo é tão natural com ele, mesmo quando ficamos em silêncio, cada um no seu mundo particular, apreciando sua comida e ouvindo a mesma canção. É como se fizéssemos isso a vida toda.

Quando terminamos de comer, ajudo Tomaz a guardar a comida.

— Você tá abastecido por um bom tempo. — Olho para o freezer e a geladeira cheios.

— Você não acha que vou comer tudo isso, acha?

— Acho, seria o mínimo. Sua mãe cozinhou para você.

Tomaz balança a cabeça, como um menino mimado, de frente para um prato de brócolis.

— Nem pensar.

— Você não vai jogar isso fora, vai?

— Não, claro que não, vou distribuir entre meus vizinhos.

Ele fecha a porta e me dá um beijo com sabor de vinho antes de terminar de guardar as coisas.

— Quero te mostrar uma coisa. — Ele vai até a sala e sigo-o curiosa para saber o que é.

Tomaz pega o violão que está apoiado em um suporte ao lado do sofá, um caderno e o celular. Ele passa por mim e me estende a mão.

— Vem comigo.

Ele abre a porta e saímos subindo as escadas que nos leva para... eu não faço a menor ideia de onde.

— Onde estamos indo?

— Você vai ver. — Ele continua subindo e me pergunto o que quer me mostrar. Será que vai me apresentar a alguém?

— Eu achei que havia apenas cinco andares nesse edifício — falo ofegante quando ele abre uma porta corta fogo e saímos em uma espécie de quintal.

— E são, esse lugar é apenas meu. — Ele estende a mão me mostrando o lugar. — Meus vizinhos são na maioria idosos e quase nunca eles vêm aqui, então eu acabei me apropriando, é onde componho a maioria das minhas músicas, onde recarrego minhas energias, onde gosto de pensar.

Olho em volta, não há muito, um banco de madeira desgastado, alguns vasos de plantas, um baú velho e uma espécie de lamparina que Tomaz acende enquanto vou até a borda.

— Cuidado, por favor. — Ele estende a mão como se pudesse me salvar, mas estamos um pouco longe um do outro, mesmo assim acho sua atitude bonitinha.

Olho em volta e perco o ar quando vejo a cidade inteira a nossos pés, do mirante a universidade, do complexo de edifícios, que meu pai está construindo, ao parque.

— Isso é incrível! — digo no instante que sinto as mãos de Tomaz em volta da minha cintura.

— Também acho — ele sussurra em meu ouvido e beija meu rosto enquanto observamos o horizonte juntos, como um casal apaixonado.

E me dou conta de que é isso que somos. Um casal apaixonado.

Eu estou muito apaixonada, nesse momento gostaria de gritar para a cidade inteira ouvir o quanto estou apaixonada.

Tomaz observa enquanto caminho por todo o perímetro do telhado, sempre atento e cuidadoso, como se eu fosse uma garotinha prestes a cometer uma traquinagem.

— Quem cuida das plantas? — pergunto quando encontro mais vasos ao lado da caixa de concreto e me inclino para cheirar uma flor.

Tomaz ergue a mão.

— Mentira.

— O quê? Por acaso, não conheceu minha mãe e o Rio? Impossível ser criado naquele lugar e não sair contaminado com algo. Para minha sorte foram as plantas.

— Nossa, com certeza, imagina que tragédia se, por acaso, você fosse um homem adepto a comer legumes.

— Que heresia, isso jamais acontecerá.

— Tenho certeza que não. — Vou até ele e Tomaz me puxa imediatamente pela mão.

— Vem cá. — Ele abre o baú e retira um cobertor e algumas almofadas de dentro, jogando-os no chão. — Pronto. — Ele estende a mão e me sento no meio esperando-o se juntar a mim.

Tomaz pega o violão, o caderno e o celular e coloca ao nosso lado, em seguida se deita e me puxa para me deitar ao seu lado.

— A vista daqui é ainda mais bonita. — Ele aponta para o céu estrelado sobre nós.

— Concordo, muito mais — digo com meu queixo apoiado em seu peito observando a luz amarelada da lamparina derramar um filtro dourado em seus cabelos e parte do seu perfil.

— Você está me cantando, Clara?

— Hum... talvez. Tempos modernos, meu bem, mulheres decididas vão atrás do que querem.

— E você me quer?

Confirmo balançando a cabeça.

— Bom saber.

Ele mexe no celular e logo uma música começa a tocar, não a reconheço, mas é bonita e relaxante.

— Olha só. — Aponto para o *Spotify* aberto e Tomaz sorri.

— Nem só de velharia vive um homem como eu.

— Eu gosto das suas velharias.

— Eu percebi.

— Como você está se sentindo? — mudo de assunto, mesmo que eu saiba que posso estragar o momento.

— Estranho, não sei ao certo, acho que a minha ficha ainda não caiu, tenho a sensação de que amanhã vou ligar para a minha mãe e ela vai reclamar de algo que ele fez. Como sempre foi.

— Imagino que ainda vai demorar um tempo até você se dar conta de que é para sempre.

— Acho que sim, a pior parte ainda está por vir. É o que dizem.

Ele olha para o céu e não gosto de imaginar que ainda vá existir uma “pior parte”. Acredito que o pior é a constatação do fim, o resto é aceitação.

Assim espero.

— Sabe, agora entendo porque, para você, a morte é algo tão fácil de falar.

— A morte não é fácil para ninguém, Tomaz, mas, para que eu pudesse nascer, minha mãe se sacrificou. Ela fez uma escolha que não foi bem aceita por ninguém; se não fosse por mim, talvez ela estivesse viva até hoje, meu pai estaria feliz, talvez a cidade não tivesse tantos edifícios, porque ele estaria ocupado, vivendo; meu irmão não teria passado por

tanta coisa. — Sinto o peso das minhas próprias palavras sobre mim. — Acho que as coisas seriam melhores.

— Mas você não existiria. — Ele começa a enrolar uma mecha do meu cabelo. — Então, nada disso importa. Nada seria melhor, eu estaria vagando pela Terra esperando por algo que eu nunca iria encontrar.

Sorrio porque, por mais mórbido que seja, acho fofo ele dizer essas coisas.

— Eu gosto de acreditar que fui um ato de amor. Às vezes, meu pai me conta coisas que não sei se são verdades, mas que gosto de ouvir.

— Que coisas?

— Sobre minha mãe ter me amado, sobre eu ter feito ela viver mais, e não o contrário. — Ergo os ombros ignorando as lágrimas que pinicam meus olhos desejando caírem.

— Eu não duvido disso.

— É difícil saber que sua existência é motivo para muitas das tragédias da sua família. — Passo as costas da mão em meu rosto limpando uma lágrima fujona. — Às vezes, me sinto como uma maldição.

Tomaz franze o cenho enquanto olha para mim.

— Você só pode estar brincando — ele diz sério. — Ou eu sou o homem mais amaldiçoadamente feliz, por estar com você aqui, agora.

Sorrio e desvio o olhar quando ele bate o indicador em meu nariz, como se eu fosse uma menina.

— Eu acredito que as coisas acontecem porque tem que acontecer. — Ele coloca um braço atrás da cabeça e volta a olhar para o céu.

— Professor Fonseca acreditando em destino? Isso é incrível.

— Não é bem destino, mas eu acho que tudo tem um motivo para acontecer, você não foi parar na minha cidade por acaso, tínhamos que nos encontrar ali, você tinha que me salvar de alguma forma.

— E eu te salvei? — pergunto agora com um sorriso meio bobo nos lábios.

— Você nem imagina o quanto — ele responde enquanto se inclina para me beijar, dessa vez o beijo é delicado, suave e termina antes que eu possa aproveitar.

— Então, esse é um dos lugares onde mais ninguém veio antes de mim? — pergunto brincando e ele balança a cabeça.

— Exatamente.

— Você sabe que está me deixando convencida, não sabe?

— Não, estou sendo apenas sincero.

— Então por que eu?

— Não sei, porque tenho vontade de te mostrar tudo, contar tudo sobre mim, compartilhar o que sou com você.

— Até mesmo aquele caderninho? — Aponto para o caderno do outro lado.

— Não, aquilo ainda não.

— Por que não posso ler?

— Porque tem muito de você, não sei se estou tão preparado assim para isso.

— Eu espero que isso seja bom.

— Eu também. Para o meu próprio bem. — Ele beija o topo da minha cabeça e me deito ao seu lado encarando o céu e ouvindo música ao lado do cara mais incrível que já conheci na vida.



Cristal adormece em meus braços, é a segunda vez em dois dias que isso acontece e estou começando a gostar.

Ajeito sua cabeça em uma das almofadas e me levanto, não consigo dormir; desde que meu pai morreu, minhas noites de sono consistem em apenas duas ou três horas e, na maioria das vezes, tenho sonhos ruins, mas não conto isso para ela, nem para ninguém, não preciso preocupá-los com bobagens. Vai passar, eu sei que vai.

Abro o baú e pego um maço de cigarros, vou para o outro lado e acendo um enquanto observo Cristal dormindo, é como ver um anjo, lindo, delicado e intocável. Algo que eu deveria respeitar, me manter longe, mas não suporto mais lutar contra o meu desejo de estar com ela.

Quando disse que queria compartilhar tudo com ela, eu estava falando a verdade, e enquanto a observo dormir tranquilamente sinto um novo desejo surgir em minha mente: a vontade de velar seu sono todos os dias, de tê-la em minha cama, de não precisar me importar se ela vai se chatear ao acordar e se dar conta de que dormiu ao meu lado ou se o seu pai vai achar ruim sua garota namorando um cara mais velho.

Namorando?

Nós estamos namorando? Isso é um relacionamento? Eu quero um relacionamento?

Minha vida não tem espaço para mais ninguém; durante os últimos anos ocupei minhas horas em trabalho, para que não houvesse tempo para pensar no que eu não tinha.

Mas agora... talvez eu tenha e quero que ela ocupe muito mais do que algumas horas roubadas em um telhado.

O cigarro queima em meus dedos enquanto me perco em pensamentos, jogo-o fora e me dou conta que não consegui fumar, Cristal não gosta, ela já deixou claro e, de alguma forma, me senti mal por fazer isso na sua presença.

Volto para o lugar onde ela está aninhada, adormecida, me encaixo nela, envolvendo sua cintura com meu braço e apoiando minha cabeça em sua nuca, sei que não vou dormir, mas se vou ficar acordado, que ao menos seja no meu lugar favorito.



Uma dor horrível nas costas me faz acordar, observo o céu azul claro acima de mim e ao meu lado Cristal ainda adormecida, com suas pernas enroscadas nas minhas e o rosto enterrado em meu pescoço, mal consigo me mexer e, mesmo assim, não me recordo de algum dia acordar tão feliz.

Beijo seus cabelos e a puxo para mais perto de mim, ela geme enquanto se enrosca como uma gatinha e minha ereção matinal parece prestes a rasgar sua roupa por atenção.

— Bom dia — ela diz com os lábios em meu pescoço.

— Bom dia, dormiu bem?

Ela se afasta e se estica inteira resmungando quando sente as dores de dormir no chão.

— Acho que fui atropelada.

Levanto-me e estendo a mão para que ela possa se levantar, não tinha intenção de adormecer aqui; para dizer a verdade, eu achei que não iria, mas, quando dei por mim, estava acordando depois de algumas horas de sono.

Arrumamos tudo e descemos, Cristal vai para o banheiro tomar um banho enquanto eu preparo um café e procuro entre as coisas da minha mãe por algo comestível, encontro um pacote de pão integral e decido que isso deve servir.

Tomamos café embolados no sofá assistindo um seriado qualquer que está passando na televisão, meu coração está agitado com a possibilidade dela se levantar a qualquer momento e dizer que precisa ir.

Droga, Tomaz, fica tranquilo aí!

O celular toca chamando minha atenção e me levanto para atender, não tenho tido muito contato com o mundo externo desde que meu pai faleceu, ainda não estou pronto para voltar a vida real e sinceramente, nesse momento, eu não estou a fim.

— Pronto — digo meio a contragosto.

— *Tomaz Fonseca?* — o homem do outro lado da linha questiona.

— Ele mesmo, quem fala?

— *Aqui é Arnaldo Muller, sou produtor musical e gostaria de falar com você.*

Ele começa a falar e preciso me sentar porque não consigo acreditar no que estou ouvindo, devo estar com a cara de quem acaba de ser

informado que é o único ganhador do prêmio da loteria acumulada porque Cristal me olha como se fosse isso.

— *Vocês poderiam comparecer ao meu escritório amanhã no período da manhã?*

— Claro, eu só preciso comunicar meus companheiros, mas sim, com certeza estaremos aí.

Anoto o endereço e desligo a chamada ainda sem acreditar no que acabei de ouvir.

— Está tudo bem? — Cristal pergunta, ainda estou processando a informação e tudo que consigo fazer é balançar a cabeça. — Tem certeza? Você parece meio pálido.

— Nossa banda foi convidada para abrir um show internacional — finalmente falo.

— Ah, meu Deus... — Ela cobre a boca com as mãos em uma expressão de euforia.

— Você me dá um minuto? Preciso comunicar os caras da banda.

— Claro!

Ligo primeiro para Guilherme e preciso repetir o que ouvi umas três vezes, para que ele possa compreender que não estou brincando; em seguida ligo para os outros rapazes e as reações são parecidas. Todos ficam em estado de choque ao ouvir o que digo.

Quando volto para a sala, Cristal está sentada no chão, folheando um livro repleto de fotos de lugares históricos.

Assim que me vê, ela larga o livro no chão e vem até mim, o sorriso em seus lábios me faz sorrir de volta e, quando ela se aproxima, puxo-a para meus braços.

— Meus parabéns — ela diz baixinho, de forma sedutora.

— Ainda não sei de nada, é apenas uma reunião, parece que ele estava no casamento do Fábio.

— Por que isso não me surpreende?

— Pois é. — Respiro fundo ainda sem acreditar no que está acontecendo.

— Vai dar tudo certo, você é incrível.

— Você acha? — Puxo-a um pouco mais, fazendo com que apoie suas mãos em meu peito.

— Uhum... eu sempre achei. — Ela parece um pouco tímida ao admitir isso.

Ainda me sinto um pouco desconfortável ao pensar que, mesmo quando era apenas uma garotinha, Clara já me olhava de forma diferente.

Tudo bem, não sou hipócrita e finjo que não sei que recebo olhares diferentes de garotas, que mal começaram a usar sutiã, e que essas investidas se intensificam à medida que se tornam mais velhas. Mesmo assim, são apenas garotas; na grande maioria das vezes, rostos que deixarão de existir para mim assim que elas terminam o ensino médio.

Mas a ideia de Clara me desejar há tanto tempo tem um efeito diferente, me excita, me apavora, me angustia.

É como se eu estivesse me aproveitando da sua inocência, mesmo sabendo que ela já é uma mulher, adulta e com experiência suficiente para saber o que quer. Sinto isso na forma como se encaixa em mim, no jeito que me olha, em como sempre morde o lábio inferior, como uma garotinha prestes a pedir algo que, talvez, não esteja pronta para ter.

Porra, Cristal...

Passo meus dedos por seus cabelos afastando-os do seu rosto, continuo tocando-a porque ver sua pele se arrepiar com meu toque se tornou meu novo vício, observo como ela é transparente, como se não

tivesse problema em expor suas necessidades da forma que faz. E isso me fascina.

— Então, você sempre teve uma queda por seu professor? — Minha voz soa mais grossa que o normal e me sinto meio animalesco.

— Sim, eu costumava definir meu dia de acordo com a cor da sua camisa, ou da banda estampada em sua camiseta.

— Como assim?

— Se fosse branca, seria um dia tranquilo; se fosse uma camiseta do Kiss, que Deus tivesse misericórdia de mim... — Ela ergue os ombros e caio na gargalhada.

— Você não pode estar falando sério.

— Estou sim, todas as minhas amigas aguardavam ansiosas a sua chegada na sala.

— Se eu soubesse teria acordado um pouco mais cedo para escolher melhor minhas camisetas.

— Mas você não imaginava e era aí que estava a graça.

— O que mais vocês falavam do seu pobre professor?

— Havia uma lenda sobre você.

— Uma lenda?

— Ai, meu Deus, eu não acredito que estou prestes a te contar isso! — Ela cobre o rosto com as mãos e me vejo agitado em expectativa.

— Eu preciso me preocupar?

Ela brinca com a gola da minha camiseta e toda vez que as pontas frias dos seus dedos tocam minha pele sinto vontade de arrancar sua roupa.

— Não sei, talvez me ache uma pervertida e me coloque para fora.

— É tão grave assim?

— Ai, meu Deus... — Ela esconde o rosto em meu peito e beijo seus cabelos.

— Agora fiquei curioso.

— Eu não vou falar. De jeito nenhum. — Cristal balança a cabeça de um lado para o outro.

— Se não contar, eu vou criar expectativas e sabe como isso pode ser ruim, não sabe?

Ela continua com a cabeça em meu peito enquanto falo. Depois de um tempo, ergue a cabeça e me encara.

— Você vai me fazer falar?

— É essa a intenção.

Cristal respira fundo e começa:

— Havia uma garota mais velha, ela adorava se gabar por já ter feito sexo e ficava contando um monte de vantagens. Ela disse uma vez que guitarristas eram... hã... habilidosos com... você sabe... as... mãos.

Não consigo esconder o sorriso enquanto ouço Cristal falar sobre sexo, há outras coisas que, nesse instante, também sou incapaz de esconder, mas que se dane, estamos entrando em um terreno estreito e muito delicado e não tenho a menor intenção de parar.

Passo a língua nos lábios enquanto apoio seu corpo na parede e me coloco sobre ela.

— Habilidade? Isso não posso falar. — Baixo meu rosto e beijo a curva do seu pescoço enquanto sinto suas mãos tocando minhas costas.
— Mas posso provar, se você quiser — sussurro com meus lábios próximos do seu ombro e sua resposta vem em forma de uma longa e intensa respiração.

— Tomaz... — Ela coloca a mão por dentro da minha camiseta enquanto sussurra meu nome e que Deus me ajude, mas essa garota está

me enlouquecendo.



*“Querida mamãe,
Eu imagino que o céu deve ser como o amor, tão belo e intenso que
palavras não podem descrevê-lo.
Isso me deixa feliz.
Porque nesse momento me sinto no céu.
Com amor,
Cristal.”*

Meu coração está tão acelerado quanto as asas de um beija-flor. É a comparação mais brega do universo, a mais clichê também, mas não consigo pensar em mais nada além disso.

Na verdade, estou começando a sentir meu cérebro derreter com o calor das palavras sussurradas dele em meu pescoço.

Deus, que calor!

— É isso que você quer, Cristal? — Ele passa a ponta dos seus dedos por meu braço e estremeço. — Quer que eu te mostre se a lenda é real?

Santa Mãe... perco minha capacidade de falar, ela deve estar em algum lugar entre meus pés, amontoado ao lado do meu cérebro, tudo o

que sinto, vejo e ouço é Tomaz sussurrando sacanagem em meu ouvido.

Enfio minhas mãos trêmulas por baixo de sua camiseta, sua pele parece em chamas em contato com meus dedos sempre tão frios, mas assim que o toco, sinto-o enrijecer de um jeito bom, para depois relaxar.

Sua boca passeia por meu pescoço explorando as sensações que ela é capaz de me fazer sentir, fecho meus olhos e me concentro na aspereza da sua barba arranhando minha pele, no jeito como seu corpo magro e forte se encaixa no meu, mesmo estando completamente vestidos, na forma como a sua respiração aquece meu corpo e me causa arrepios deliciosos que descem por minha espinha e chegam ao meu ponto mais sensível.

Eu o desejo, com toda a expectativa da garota que sonhava com o beijo de um homem, com a malícia da jovem que imaginava noites de amor com o músico de mãos habilidosas e com o desejo da mulher que sabe o que quer.

Tomaz me beija, com força, sua língua bruta em busca da minha, enquanto sua mão se enrosca em meu cabelo e seu quadril pressiona o meu; posso senti-lo, forte e pesado sobre mim e, mesmo que eu mal consiga respirar, me sinto bem.

Muito mais do que bem.

Puxo sua camiseta e ele se afasta para que ela suba por seus braços, puxando-a pelas costas e jogando-a no chão sem se importar onde foi parar, para voltar a me beijar. Espalmo minhas mãos novamente em sua pele quente e nua, sentindo os músculos sob meus dedos e me deliciando com a sensação de tê-lo assim sem receio.

Deus, eu não acredito que confessei parte das minhas fantasias eróticas de adolescente para ele, talvez tenha sido o fato dele estar tão lindo com seus cabelos bagunçados e essa cara assustada e feliz, ou como

eu me senti ao notar que acordei em seus braços e mesmo que eu queira muito que algo a mais aconteça, ele me respeitou.

Não sei por que, mas Tomaz me faz sentir à vontade, sem reservas. E nesse momento não quero que ele me respeite. Quero que ele me deseje, assim como o desejo.

Ele faz o mesmo que eu e coloca a sua mão dentro da minha camiseta, seus dedos se enroscam no meu sutiã enquanto o polegar passeia pela lateral do meu seio e sua boca continua me consumindo com força.

Mal consigo me mexer, ele parece ocupar todos os espaços a minha volta, não há delicadeza em seus movimentos e isso é algo novo para mim, com César tudo sempre foi mais afoito e desesperado, mas ele nunca me pegou como se precisasse de mim para respirar e, mesmo depois de anos, ainda tínhamos uma inocência em nosso sexo.

Já Tomaz não tem nada de inocente, ele parece saber exatamente o que eu quero, mesmo que nunca tenha me tocado. Ele abre o fecho do meu sutiã e seu polegar passa pelo cetim até chegar a meu mamilo.

Cravo meus dedos em sua nuca puxando-o com mais força, gemendo em sua boca à medida que ele me acaricia com mais ênfase. Tomaz coloca uma perna entre as minhas e me esfrego nele sem pudor, desejando poder acalmar meu corpo.

Ele puxa minha camiseta e meu sutiã e, então, estamos ambos com o torso nu, meus seios sensíveis tocando sua pele quente, sentindo a maciez dos pelos suaves do seu peito. Suas mãos me apertam puxando-me para mais perto de sua ereção, torturando-me de um jeito bom, ouço sua respiração pesada enquanto ele observa minha frustrada tentativa de me aliviar, vejo o sorriso cretino surgir em seus lábios quando me provoca e me surpreendo com a minha ousadia quando começo a descer minha mão para a sua calça.

Ele se afasta dando-me espaço e abro o botão e o zíper deixando-o mais exposto, mesmo por cima da cueca posso ver o quanto ele está excitado e isso me deixa ainda mais ansiosa. Ele volta a me tocar, seus dedos acariciam meus mamilos enquanto puxo sua calça para baixo.

— Porra, Cristal! — xinga em meu ouvido e estremeço porque sua voz não se parece mais a do professor, tampouco a do músico, ela é algo novo, sexy e desesperado. Tão grave e baixa que mal compreendo as palavras enquanto libero sua ereção acariciando-a.

Ele espalma uma mão na parede, como se precisasse se manter apoiado em algo, mas mantendo-se a uma distância suficiente para que eu possa acariciá-lo, seu rosto bonito se contorce enquanto observa minha mão trabalhando em seu corpo. As linhas de expressão em sua testa e em torno dos seus olhos deixam-no com um ar másculo e sexy, ele geme e ouvir seus barulhos é algo novo para mim. César sempre se perdia em silêncio em seu prazer e, embora sempre fosse algo bonito de se ver, eu nunca me senti parte daquilo; já com Tomaz, me sinto a responsável por seu prazer, poderosa e sensual como nunca me senti.

Quando ele começa a perder o controle, sinto como se o seu prazer fosse o meu, quero olhar para seu rosto, beijar sua boca, também quero olhar o que estou fazendo, mas mal consigo manter meus olhos abertos enquanto seus dedos me estimula e, quando ele se abaixa e sua boca se fecha sobre um dos meus mamilos, sugando-o com força, grito sentindo que posso morrer a qualquer instante.

Ergo a mão e puxo seus cabelos, para longe, para perto, pedindo mais sem sequer falar, ele sente minha excitação e faz o mesmo com o outro seio, chupando-me quase ao ponto da dor enquanto abre minha calça e a puxa para baixo, sem deixar de me sugar; ergo uma perna me livrando da

calça e, em seguida, faço o mesmo com a outra e então estou apenas com uma ridícula calcinha de algodão.

Tomaz volta a esfregar sua ereção em minha pele, de repente somos como dois adolescentes, se pegando em um canto escuro e proibido, cheios de tesão, incapazes de parar de se tocar, como se o mundo fosse acabar a qualquer momento.

— Você quer descobrir se sou habilidoso? — sussurra em meu ouvido e tenho certeza de que nesse momento o que me mantém de pé é seu corpo poderoso. Movo a cabeça confirmando e sinto sua mão pesada descendo por minha barriga. Sua perna ainda está entre minhas coxas e ele a move um pouco, abrindo-me para seus dedos.

Sinto quando ele me toca, ainda por cima do tecido da calcinha, mas sinto ainda mais a forma como ele geme quando sente o quanto estou molhada. Deito minha cabeça em seu ombro e ergo o rosto para beijá-lo quando ele afasta o tecido e toca minha intimidade.

— Jesus... você é incrível — ele sussurra em meus lábios enquanto seus dedos se movem sobre mim.

Estou tonta, embriagada de prazer, leve e excitada; nunca na minha vida imaginei que poderia me sentir assim apenas por ser tocada.

A lenda é verdadeira. Com certeza.

Aumento meus movimentos em torno dele, sentindo seu prazer crescer à medida que movo minha mão; é insano e, ao mesmo tempo, a coisa mais correta do mundo. Duas pessoas cheias de desejo estimulando-se, amando-se, sem pudores ou julgamentos.

Sinto-me como um instrumento, sendo explorada, reconhecida, afinada, conforme o desejo do músico, um violoncelo entre as pernas do mestre, sendo tocada com bravura, força e paixão, meus gemidos são a melodia obtida por suas mãos, que se intensificam, como em um solo,

onde as cordas são duramente castigadas em busca das mais altas notas, os dedos calejados, exigindo o máximo de seu instrumento para obter o mais belo som.

O som da música do amor.

Cravo meus dentes em seu ombro quando o prazer explode em meu corpo, Tomaz me abraça enquanto me acalmo, suas mãos mágicas acariciam meus cabelos enquanto seus lábios deixam beijos gentis em meu rosto. Ainda estou seminua, ele ainda está com as calças abaixadas. Há evidência do que fizemos em nossos corpos e nas nossas respirações, mas ao contrário do que imaginei, não me sinto envergonhada; nesse momento em que estou tão intimamente exposta a ele, sinto um amor enorme crescer em meu peito quando me abraça.

— Não quero que esse dia acabe nunca — sussurro em seu peito, ouvindo a mais bela música de todas. Rítmica, forte, pesada e intensa.

O som do seu coração.



Putá merda!

Eu acabei de gozar nas minhas calças.

Não lembro quando foi a última vez que fiz isso, provavelmente eu ainda estava na faculdade e era ingênuo o suficiente para ter vergonha de fazer uma garota ajoelhar e terminar o que começou.

Mas agora não me importo comigo, seu prazer é o mais importante e, no instante em que ela falou sobre a lenda, todo o sangue do meu corpo correu para o meu pau.

Eu perdi completamente a cabeça.

Não era para ter sido assim, uma esfregação juvenil no corredor do meu apartamento, por Deus! A gente mal retirou nossas roupas. Eu poderia ter dado mais dez passos e estaríamos na minha cama onde eu poderia cuidar dela, como ela merece.

Sinto meu coração doer quando ela diz que não quer que esse dia termine, porque esse é exatamente o meu desejo, quero levá-la para a minha cama e aninhá-la em meus braços. Quero terminar o que começamos, mas também quero vê-la dormir, satisfeita e cansada.

Observo as marcas vermelhas em sua pele de anjo, saber que fui eu quem a deixou assim me excita, mas também me assusta.

— Te machuquei? — pergunto quando passo meus dedos em sua nuca, Cristal ergue o rosto e olha para mim como se eu tivesse acabado de falar algo absurdo.

— Eu não sou de papel, professor.

— Não é o que parece. — Percorro toda a extensão vermelha da sua clavícula até seus seios e vejo eles enrijecerem ao meu toque.

Cristal abre a boca para dizer algo no instante em que alguém bate à porta.

Ambos olhamos para ela, como se tivéssemos sido pegos fazendo algo errado.

— Você está esperando alguém? — pergunta baixinho.

— Eu não e você? — brinco e ela sorri depositando um beijo em meu peito antes de se abaixar e pegar sua roupa.

A pessoa bate mais uma vez, mas não me movo; apenas fecho minha calça e recolho minha camiseta no chão, decidindo se devo ignorar quem quer que seja e voltar para Cristal, ou abrir e mandar embora o empatafoda.

Estou prestes a seguir a segunda opção quando meu celular toca na mesa delatando a minha presença.

Mas que porra!

Passo a camiseta pela cabeça verificando se ela cobriu a parte comprometedora da minha calça e caminho até a porta, passo a mão nos meus cabelos e desisto quando percebo que não importa o que eu faça, minha cara vai me entregar.

— Porra, Tomaz, estava quase chamando uma ambulância, achei que tinha infartado! — Luís reclama ao passar seguido de Marcelo.

— Eu não o julgaria, eu mesmo ainda não tô acreditando — diz Marcelo se jogando em meu sofá.

— Foi mal, cara, eu tentei segurar eles, mas a ansiedade estava grande, não deu pra esperar até amanhã — Guilherme se desculpa, como se soubesse que estão interrompendo alguma coisa.

Quando noto que ele não está olhando para mim, me viro para encontrar Cristal parada no meio do corredor, com seu olhar inocente depois de ter gozado em minha mão. Eu quase posso nos ver poucos minutos atrás, seminus, ofegantes e satisfeitos de prazer.

Putá merda!

— Olá. — Ela ergue a mão em um aceno geral e todos permanecem em silêncio por tanto tempo, que tenho vontade de meter a porrada em cada um deles por estarem olhando para ela.

— Entra — peço para Guilherme, que continua parado na porta como um idiota. — E fecha a porra da boca.

Ele olha para mim e para Cristal, como se fôssemos adversários em uma partida de tênis e o fuzilo com o olhar de um professor.

— Ei, Clarinha. — Luís se aproxima beijando-a no rosto seguido pelos outros dois e respiro fundo tentando compreender de onde veio essa súbita onda de homem das cavernas, que me faz querer jogar meu companheiro de banda pela janela.

As bochechas dela estão rosadas e seus lábios inchados e vermelhos; de onde estou posso ver um pouco de vermelho em seu pescoço e balanço a cabeça sem acreditar que eu realmente abri essa porta.

— Eu acho que vou indo — ela avisa ao pegar sua mochila e bolsa passando pelos caras, que parecem ocupar o apartamento inteiro. — Boa sorte para vocês, rapazes. — Ela acena mais uma vez e vem até mim.

— Me desculpe, eu não fazia ideia — começo a falar baixinho quando ela se aproxima.

— Tudo bem. — Ela sorri, um pouco sem graça.

— Vou te levar em casa. — Puxo as chaves do carro, mas ela me interrompe.

— Não precisa, eu chamei um táxi e ele já está chegando. — Ela balança o celular entre nós.

Olho para os idiotas, que estão assistindo nosso papo, e todos desviam o olhar mexendo nos meus LPs, como um bando de velhas fofoqueiras.

Cambada de filhos da puta, vocês vão se ver comigo!

— Eu te acompanho até lá embaixo. — Bato a porta com força e começo a descer as escadas com ela. Nenhum dos dois diz nada, apenas o som dos nossos sapatos ecoam na caixa de escadas.

— Você conhece o Luís? — pergunto e quero me jogar das escadas assim que a pergunta sai da minha boca. Que merda é essa, Tomaz?

— Ele é irmão do Fernando — ela diz como se eu devesse saber e, quando olha para mim por mais tempo do que deveria, eu sei do que está falando.

— O marido do Alberto. — Bato na minha testa.

Que idiota!

— Isso mesmo.

Continuamos descendo as escadas e, quando chegamos ao térreo, quero propor a ela que entremos no meu carro e fujamos para algum lugar bem longe daqui, mas sei que não posso; em algumas horas teremos uma reunião importante para o futuro da banda e, por mais que eu não curta muito a ideia de nos expor dessa forma, há uma parta minha que está feliz com a possibilidade.

— Então — ela passa seus dedos pelos cabelos colocando uma mecha atrás da orelha.—, a gente se vê.

Passo a ponta dos dedos em seu pescoço e me inclino para beijar a parte mais vermelha desejando poder apagar isso da pele dela.

— Me desculpe, eu não queria que terminasse assim.

— Não terminou, professor. — Ela morde o lábio inferior e se aproxima beijando minha boca. — Ainda temos assuntos pendentes.

O celular vibra em sua mão no instante em que um carro para na porta do prédio e preciso me afastar, ou colocarei meu plano de sequestrá-la em prática.

— Manda mensagem quando puder. — Ela pisca para mim antes de abrir a porta do carro.

— Pode deixar. — Jogo um beijo e fico parado igual um idiota enquanto observo o taxista levá-la para longe de mim.



Pegue quatro homens empolgados e cheios de ideias, coloquem em uma sala do tamanho de uma lata de sardinha e tenha uma confusão capaz de me fazer desejar dar aulas para uma turma de cem adolescentes pelo resto da minha vida.

— Não vou tocar minhas músicas. — Cruzo os braços para dar ênfase a minha resposta e Guilherme se joga no sofá.

— Qual é, Tomaz, a gente sabe que são ótimas! — Luís rebate.

— Não, vocês não sabem porque nunca ouviram. Nem ouvirão.

Marcelo, que continua dedilhando algumas notas no violão, ergue a cabeça pela primeira vez desde que esse assunto começou.

— Deixe que a gente diga se elas valem ou não a pena.

— O que tá acontecendo aqui? Nós somos uma banda de covers, e é isso que vamos tocar, caso a gente aceite a proposta do cara — me altero erguendo as mãos no ar. — Por Deus, vocês nem sabem o que o cara quer!

— Tomaz — Guilherme me chama.

— Não, nem começa, eu não vou tocar.

Saio da sala indo em direção à saída, mas então me lembro de que estou na minha própria casa e volto. Olho para o rosto dos meus companheiros de anos, homens que me conhecem quase tão bem quanto Fábio e Rio, que sabem que essa talvez possa ser a nossa chance de ser uma banda reconhecida.

— Preciso respirar. — Pego as chaves da moto e saio deixando a porta do apartamento aberta, guardando lá dentro três homens que dependem de mim para fazer seus sonhos se realizarem.

O problema é que eu não tenho certeza se quero isso.



*“Querida mamãe,
A paciência é uma virtude que não existe na família Smith, acho que
você levou tudo para o céu.
Por favor, ajude sua filha e mande um pouco para mim.
Com carinho e nem um pinga de paciência,
Cristal.”*

Assim que entro no carro me arrependo de ter ido embora. Depois de tudo o que aconteceu, não era essa a forma como eu gostaria que o nosso dia terminasse, mas também não tenho certeza se sei como eu gostaria.

Na cama dele, provavelmente.

Não seria uma má ideia.

Entro em casa sonhando com um bom banho de banheira, com direito a espuma de banho e sais aromáticos, velas e tudo o que eu tenho direito.

Mas basta eu abrir a porta, para que me lembre que já faz muitos anos que eu descobri que Papai Noel não existe e nem calmaria na família Smith.

— Olá — cumprimento meu irmão, que está sentado em uma poltrona encarando o canal de notícias econômicas com uma cara tão feia, que por um momento acho que o preço do cimento chegou à lua.

Quando percebo que ele não está a fim de papo começo a subir para o meu quarto, disposta a pôr meu plano de banho de princesa em ação quando ele resolve falar.

— Onde você estava todos esses dias?

— Na casa de uma amiga.

— Que amiga? — Gabriel se levanta e vem até a ponta da escada.

— O quê? Tá treinando pra quando for pai? Não se preocupe, sua cara feia já vai espantar todos os amigos dos seus filhos.

— Clara, não tô brincando. — Meu irmão cruza os braços na frente do peito, como se fosse meu segurança particular ofendido por ter tomado um perdido.

— Está sim, porque você não é meu pai e eu não te devo satisfações.

Volto a subir as escadas desejando que Gabriel permaneça na sala, odeio brigar com ele; na grande maioria das vezes, eu acabo cedendo porque o amo demais e sei que tudo o que ele faz é porque me ama e não sabe como lidar com esse amor.

Infelizmente, perder nossa mãe teve pesos diferentes para nós dois: para mim, há muito mais culpa por me achar o motivo para ela ter piorado tanto em tão pouco tempo; para Gabriel, há raiva e, embora ele tenha trabalhado sua raiva em anos de terapia e com o amor da Carol, no fundo ele sempre terá uma parte de si que será formada de raiva.

Como pode um coração tão delicado e bondoso dar à luz duas pessoas tão confusas?

Abro a porta do meu quarto e jogo minhas coisas no chão, estou exausta, mais do que costumo estar diariamente e a ideia de um banho

de banheira se torna mais atrativa a cada segundo.

Abro uma gaveta em busca de um pijama confortável quando a porta se abre e sinto que meu banho talvez não aconteça.

— O que está acontecendo aqui? — A voz de Gabriel soa magoada.

— Eu preciso tomar um banho, você pode me dar licença? — Balanço o pijama no ar.

— Onde você estava, Clara? — Meu irmão ignora meu pedido, como ele sempre faz quando está irritado. Ou seja, quase sempre.

— Gabe, eu não quero brigar com você.

— Sete dias, Clara. Você desapareceu naquela porra de hotel e volta sete dias depois e ainda acha que está certa?

— O papai sabia onde eu estava.

Vou para o banheiro decidida a ignorá-lo, sei que estou sendo covarde, que eu deveria contar logo. Afinal de contas, é uma questão de tempo até que ele saiba com quem eu estive esses dias. Mas não hoje.

A exaustão parece querer me dominar, odeio essa sensação, odeio não me sentir dona de mim, odeio ouvir Gabriel soltando palavrões em meu quarto, odeio me sentir acuada.

Porque não consigo respirar.

Sento na tampa do vaso sanitário e fecho meus olhos, respiro fundo, tentando manter a calma, não posso perder o controle, não hoje, meu pai não está em casa, Carol está em algum lugar, grávida, e Gabriel... que Deus permita que ele nunca saiba, mas ele sempre será uma bomba relógio, estabilizada, mas ainda assim, letal.

— Clara. — Ele entra no banheiro e, assim que me vê sentada no vaso, corre até mim e se ajoelha em meus pés. — Caralho, o que houve? Você está passando mal? — Ele segura meu rosto erguendo-o para me

analisar. — Você está pálida. — Sua voz está apavorada e coloco minhas mãos sobre as suas.

— Está tudo bem, eu só tive uma queda de pressão.

— Você está gelada, Clara, olhe pra mim — ele exige e faço o que ele pede.

Encaro seus olhos verdes intensos, duas bolas de neon que refletem o medo que tanto odeia sentir, eu quase posso ouvir o tique-taque do relógio em seu peito, implorando por uma contagem regressiva que nenhum de nós está disposto a dar a ele.

— Eu estou bem, só preciso de um banho.

Gabriel não me solta, não se move, não responde, ele apenas continua com suas mãos em meu rosto, me observando, seus olhos suplicando para que eu diga algo, que acalme seu coração errado, forço um sorriso e peço a Deus que ele possa acreditar em mim, por favor... eu não posso contar, não a você. Eu te amo demais para jogar minhas merdas em cima de você.

— Gabe, deixa eu tomar um banho, descansar um pouco e aí a gente conversa, eu preciso mesmo ter essa conversa com você.

— Você tá me assustando, Magrela.

— Eu sei, me desculpe, vou ficar bem.

— Alguém te machucou?

— Não.

Ao contrário, nos últimos dias me senti mais viva e feliz do que em toda a minha vida.

— Tem certeza?

Afirmo com a cabeça e Gabriel se afasta sentando-se sobre suas pernas.

— Eu... eu fiquei preocupado, sei que não deveria falar assim com você, mas eu só...

Estendo minhas mãos trêmulas e toco seu rosto, Gabe pode ter superado muitas coisas, fantasmas que a grande maioria das pessoas jamais conseguiriam sequer encarar de frente, ele foi ao inferno e voltou. Mesmo assim, quando olho para ele, tudo o que vejo é o garoto frágil e apavorado que sempre foi.

— Tudo bem, eu sei, Gabe, eu sei.

Gabriel segura minha mão e a beija, em seguida se levanta e deixa um beijo em meus cabelos.

— Eu vou ficar aqui no seu quarto. Por favor, não tranca a porta.

— Ah, não...

— Sem discussão, Magrela, nem fodendo vou te deixar sozinha! Você tá parecendo um daqueles vampiros esquisitos que a Carol gosta.

Ele faz uma cara feia e sai encostando a porta do banheiro, ouço o som da TV sendo ligada e, sem força para exigir minha tão amada privacidade, abro as torneiras para encher a banheira.

Respiro com dificuldade, porém aliviada por, pelo menos dessa vez, ter conseguido adiar nossa conversa.

Como a boa covarde que sou.



Adormeço na banheira, acordo com a água fria e os dedos tão enrugados que mal posso senti-los, me seco e visto o pijama, penteio os cabelos e vou até meu quarto na esperança de Gabriel ter desistido e caído fora.

Mas meu irmão é uma porta e continua aqui, embora esteja dormindo.

Vou até a TV e abaixo o volume, fecho as cortinas e deixo o quarto mais aconchegante, ergo o edredom e me acomodo ao lado dele já sentindo o cansaço me dominar. Antes de fechar meus olhos me inclino e beijo seu rosto, a barba esquisita arranha minha pele, mas sorrio me acomodando ao seu lado, sentindo seu cheiro que tanto me fez falta nos últimos dois anos e desejando que a gente possa encontrar uma maneira de fazer isso dar certo.



Quando acordo, Gabriel não está mais ao meu lado, o que deveria ser algo bom, afinal de contas, não é sempre que estou bem para lidar com o temperamento do meu irmão.

Mas nesse momento descubro que existe algo ainda pior para lidar do que ele.

Carol.

Eu amo minha cunhada, como se fosse minha irmã mais velha, mas ela parece ter um detector de mentiras humano dentro de si e, sempre que alguém diz algo, ela sabe no ato se é mentira ou não.

Sei que não sou mais uma garotinha, que preciso lidar com essa situação se quero mesmo ser tratada como uma mulher, sei que Carol ama Gabriel e que Tomaz não significa nada para ela. Mesmo assim é estranho olhar para ela e saber que um dia foi o grande amor do cara com quem tive o orgasmo da minha vida poucas horas atrás.

— Finalmente acordou, achei que dormiria o dia inteiro. — Ela sorri, do jeito carinhoso de sempre.

— Que horas são? — Olho para a janela, mas a cortina me impede de ver lá fora.

— Quase nove.

— Deus, eu dormi demais.

— Você estava cansada, precisava. — Carol se aproxima e se senta ao meu lado segurando minha mão. — Como você está se sentindo?

— Melhor.

— Tem certeza? Quer falar com o Vini?

— Não precisa, eu estou bem.

Ela aceita minha resposta, isso é algo bom na Carol, ela confia nas pessoas, confiou em Gabriel quando ninguém mais, além do Alan, que é o anjo da guarda dele, confiou.

Carol se acomoda no travesseiro, com sua barriga redondinha e ainda pequena se destacando em seu corpo pequeno.

— Gabriel está preocupado com você.

— Isso é o normal dele, sempre preocupado — digo ao me sentar ao lado dela.

— Ele acha que você está escondendo algo. — Ela brinca com a barra da sua camiseta casualmente. — Você quer conversar? — Ela se vira para olhar para mim.

— Quero, mas não sei como.

— Que tal começar respondendo uma pergunta.

— Qual?

— Você está feliz? — Ela olha para mim e, nesse momento sei que ela já sabe de tudo, o melhor é sentir em seu olhar que não há julgamento, nem acusação, ela apenas está preocupada com meus sentimentos.

Eu amo minha cunhada.

— Sim, como nunca me senti antes.

— Ele é um bom homem, um dos melhores que já conheci — fala com carinho e me sinto estranhamente enciumada.

— A Vê te contou?

— Ela disse que ele estava devastado, mas que você estava lá ao lado dele e toda vez que ele olhava para você, ela via um filete de luz.

— A Vê é tão exagerada — digo envergonhada.

— Não dessa vez, eu o observei no casamento.

— Você não se importa?

— De te ver feliz? Claro que não, por que me importaria?

— Não sei, vocês tiveram uma história. — Ergo os ombros.

— Ah, Clarinha, nessa vida eu descobri que não se pode controlar o coração. Quando percebi que, no meio daquele salão lotado de pessoas, você era tudo o que ele era capaz de ver, naquele momento eu soube que era real. — Ela pousa a sua mão delicadamente sobre a minha. — Eu estou feliz, de verdade.

Abaixo a cabeça sentindo-me um pouco envergonhada, não sabia que éramos assim tão óbvios.

— Ele precisava de mim, eu só fiz o que tinha que fazer.

— Eu sei, você fez bem. Tomaz merece ser amado, Clara, e eu não posso imaginar uma garota mais especial do que você para ocupar esse cargo.

— Só que o Gabe não vai pensar assim quando souber.

Carol balança a cabeça e volta a encarar sua barriga.

— Sabe, a coisa mais difícil que tive que fazer na minha vida, foi contar a meus pais que estava apaixonada por um dependente químico. Durante meses voltei para casa quase todos os fins de semana decorando

tudo o que eu iria dizer, as qualidades dele, como ele me ajudava a ser forte nos meus momentos de fraqueza. O quanto eu me sentia feliz ao lado dele e doente todas as vezes que nos separávamos, para mim era tão simples e fácil de enxergar. Mas, quando eu chegava em casa e olhava para meus pais e lembrava de tudo o que havíamos passado desde a morte do Beto e o medo que eles carregavam dentro de si, eu desistia.

Carol sorri com tristeza ao se lembrar do seu primeiro ano com meu irmão, foi quando voltei para nossa casa a pedido dela, e encontrei Gabriel destruído de todas as formas que um ser humano pode estar.

— Para os pais, os filhos sempre são preciosos demais, Clara. Não importa o quanto você seja forte e corajosa, para Gabriel, você sempre será o bebezinho que Laura entregou nos braços dele.

— Isso é uma utopia, Carol, você sabe disso. Gabe tem que parar de me tratar como se eu tivesse doze anos.

— É mais fácil o inferno congelar.

Ela se apoia nos travesseiros e sorri para mim, ninguém nesse mundo conhece meu irmão melhor do que ela.

— Temos uma missão quase impossível pela frente — digo sorrindo de volta.

— Tomaz e Gabriel juntos... Eu não quero nem imaginar. — Ela esfrega o rosto com as mãos e começo a pensar nas possibilidades do inferno vir a congelar.

Acho que será mais fácil.



*“Querida mamãe,
O que você colocava na mamadeira do Gabriel? Fala sério, tem que
amar muito para aguentar ele, viu?
Com carinho,
Cristal.”*

Carol fica comigo um pouco mais, assistimos a um filme romântico que amamos, e falamos mais sobre Tomaz. Achei que seria esquisito falar sobre ele com ela, mas é como se fossem dois homens diferentes. Conto quase tudo, deixando de fora a parte em que nos pegamos no corredor da sua casa, claro.

— Você já foi ao terraço do apartamento dele? — pergunto colocando um pouco de pipoca na boca.

— Terraço? Não, nem sabia que ele tinha um. Por quê?

Sorrio como uma idiota ao lembrar do que ele disse sobre nunca ter levado ninguém lá.

— Tem uma vista incrível da cidade.

— Melhor que a do antigo apartamento do Vinicius tenho certeza de que não é.

— Acredite, é incrível — digo com a voz meio boba, meio apaixonada.

Conversar com Carol é tranquilo, ela me transmite tanta paz que sinto como se ela fosse uma espécie de anjo enviado pela minha mãe para nos proteger.

Já passa um pouco das onze quando a porta do quarto se abre e Gabriel enfia sua cabeça-dura dentro dele.

— Posso entrar? — pergunta educadamente e imagino que Carol já tenha tido uma conversinha com ele.

— Claro — respondo ainda um pouco chateada.

Olho para ela, que me dá um sorrisinho que diz: “tenha paciência com ele”, e se levanta esticando a coluna e deixando a sua barriga um pouco mais proeminente.

Gabriel se aproxima e envolve suas mãos em torno da cintura da sua esposa puxando-a para um beijo breve.

— Estou indo me deitar, não demora, tá? — ela diz antes de se afastar. — Tchau, Clarinha, se precisar de algo só me chamar. — Ela joga um beijo para mim e sai me deixando sozinha com meu irmão.

Gabriel enfia as mãos nos bolsos da calça de moletom e olha para o teto. Sei que ele está tentando encontrar uma maneira de falar com calma, mas sei também que, em trinta anos, ele ainda não conseguiu, então me preparo para o debate.

— Eu quero pedir desculpas por ter falado com você daquela forma.

— Tudo bem, eu também não devia ter respondido daquele jeito.

Ele balança a cabeça.

Eu mexo no edredom.

Ele caminha pelo meu quarto até parar de frente a janela.

— Eu sei que sou um babaca, mas me preocupo com você.

— Gabe — o chamo e ele abaixa a cabeça, mas não se vira. Chamo-o de novo até que ele olhe para mim. — Eu sou uma mulher, pode não parecer, mas sou.

Ele balança a cabeça enquanto analisa minha resposta como uma equação matemática complexa.

— Mas tinha que ser ele? — pergunta como se não pudesse sequer pronunciar o nome de Tomaz.

Obrigada, Carol, eu te amo até o fim da minha vida.

— Por que não ele?

— Sério? Você está mesmo me fazendo essa pergunta? — Sinto no seu tom de voz que ele está tentando se controlar.

— Sim, estou.

— Porque não — ele responde de forma bem madura para uma criança de seis anos.

— Agora sim, tudo faz sentido.

— Porra, ele... droga, Clara, ele é o Tomaz, o fantasma que assombrou a minha vida por muitos anos, que fez eu me sentir o pior dos homens, indigno da Carol.

— Ele fez isso com você? Ou você fez isso sozinho?

Gabriel abre a boca, mas não diz nada, ele abaixa o rosto porque sabe o que estou falando. Durante minha adolescência presenciei muitas brigas entre ele e Carol; em algumas delas, Tomaz era citado como o cara perfeito enquanto ele era o erro. Mas, em nenhuma delas, essas palavras saíram dos lábios da Carol, era sempre do meu irmão.

Levanto-me e vou até ele, Gabriel ergue o rosto e olha para mim, ainda me sinto um pouco cansada, mas aprendi a fingir bem o suficiente para sorrir em momentos ruins.

— Gabe, não se esqueça de que foi um rapaz com o sorriso de um anjo que partiu o meu coração.

— Aquele filho da puta maldito... Eu ainda não acredito que prometi ao Alan que não ia matar o filho postiço dele! — ele esbraveja e passo a mão em seu rosto.

— Não importa, quebrar a cara dele não mudará o que ele fez. Tudo bem, confesso que tive alguns sonhos em que você arrebentava a cara dele e eu fiquei bem satisfeita. Mas a verdade, Gabe, é que todos têm a sua cota de coração partido alguma vez na vida. Tomaz teve a dele quando Carol escolheu você, eu tive a minha. Você teve a sua, um dia seu bebê terá a dele.

— O desgraçado que pensar em fazer isso é um homem morto.

Sorrio lamentando pela vida do garoto que ousar pôr os olhos na garotinha do meu irmão. Isso se for mesmo uma garotinha.

— Faz parte da vida, se o bebê for uma menina, ou um menino, um dia ele terá seu coração partido, um dia partirá corações.

Gabriel bufa como se a simples menção de algo assim fosse demais para ele.

— Você está andando muito com a Carol.

— Ela é minha inspiração, você sabe disso.

Meu irmão sorri, em meio à carranca que ele está fazendo. O sorriso é como um feixe de luz em meio a escuridão, assim é Carol em sua vida.

— No casamento, quando você estava chorando, foi ele?

Nego com a cabeça.

— Eu esbarrei com ele no caminho até você, a camisa dele estava suja.

— Não foi ele.

— Foi aquele moleque.

— Não importa, o fato é que eu estava nervosa e Tomaz estava me acalmando.

— Aquele filho da puta! Eu juro que vou arrebentar aquela boca dele.

— Gabe, não importa mais, ele não significa mais nada.

— Mas você estava chorando.

— Estávamos lavando nossa roupa suja, tinha muita coisa para ser dita, não foi legal.

— E o Tomaz?

— Ele viu, interpretou errado, conversamos e, no dia seguinte, o pai dele morreu. Eu não podia deixá-lo sozinho, Gabe.

Meu irmão respira fundo, ele sabe que do que estou falando. Droga, ele seria o primeiro a dar apoio a Tomaz se soubesse; se existe no mundo algo que ele preze é a nossa família.

— Desde quando isso tá acontecendo?

— Desde o *réveillon*.

— Puta merda, e a Carol sabia o tempo todo?

— Não, só o papai.

— Ele sabia? E apoiou essa loucura?

— Gabe. — Pouse minha mão em seu braço. — Por favor, eu quero que você respeite o Tomaz.

— Mas que porra... não posso arrebentar a cara daquele filho de uma merda do César, agora você tá querendo que eu seja amigo do Tomaz? Daqui a pouco vão pedir para eu cortar minhas bolas.

Reviro meus olhos sentindo-me ainda mais esgotada, mas eu sabia que essa conversa não seria fácil.

— Eu não estou pedindo para que seja amigo do Tomaz, só estou pedindo para que não seja seu inimigo.

— Não sei, Clara.

— Ele me faz feliz, Gabe.

— Ah, porra... aquele músico do caralho! — Gabriel esfrega o rosto, o barulho da fricção da sua mão em sua barba demonstra o quanto está nervoso.

— Gabe.

— Tá, tá, já entendi. Não posso matar o César, nem socar a cara daquele filho da puta, posso ao menos ficar bravo?

— Não.

— Você tá querendo demais, Magrela.

Aproximo-me do meu ogro favorito e enlaço seu pescoço como fazia quando era adolescente. Gabriel envolve minha cintura me abraçando com força.

— Eu ainda não tô confortável com isso. Só pra ficar claro — ele diz com o rosto em meu pescoço.

— Eu sei, mas foi você quem pediu para ele cuidar de mim, lembra?

Gabriel ergue o rosto e me olha com uma expressão, que beira o ridículo de tão dramática.

— Não me provoca, Magrela.

Sorrio e dou um beijo em seu rosto antes de me afastar.

— Estou com fome, vou preparar um lanche, você vem?

— Você está querendo me comprar com comida?

— Não custa tentar.

Pisco para Gabriel e caminho para a porta sentindo o meu coração leve por finalmente ter arrancado esse band-aid.

Sei que ainda tenho um longo caminho até que meu irmão aceite que eu e Tomaz possamos ser um casal, mas com Gabriel tudo é assim.

Um passo de cada vez.



A vida é mesmo engraçada, as vezes não sabemos ao certo o que desejamos para nós. Apenas baseamos nossas convicções em pensamentos que definimos como sendo aquilo que achamos que queremos, como se a vida fosse um jogo de assinalar, sim ou não, gosto ou não gosto, quero ou não quero.

Nada disso.

Sempre acreditei que tocar era minha paixão, algo só meu, que faço para mim. Escrever é minha válvula de escape, a forma que encontrei para expurgar meus demônios. Nunca acreditei que um dia cogitaria transformar minhas palavras em algo que outras pessoas pudessem ouvir.

Nem ao menos imaginei que poderia gostar disso.

Até esse momento.

Termino o último verso e ergo o olhar, Cristal está sentada em um dos alto-falantes, seu rosto ilumina tudo a sua volta, como se ela fosse uma espécie de sol particular e seu sorriso é como meço o quanto minha música tá indo bem.

— Lindo — ela diz em silêncio antes de me jogar um beijo. Sorrio um pouco sem graça por não estarmos sozinhos e agradeço.

— Acho que, se subirmos uma nota no último verso, ficaria perfeito — Guilherme fala.

— E se alongar a última frase assim... — Marcelo canta puxando a última palavra e todos concordamos que fica melhor.

Voltamos a repassar pela centésima vez.

É exaustivo, repetitivo e, às vezes, irritante, mas ter Cristal aqui torna tudo melhor. Guilherme disse que pareço um idiota sorrindo na presença dela, não ligo mais, sou obrigado a admitir que ele tem razão, sou um idiota, o mais feliz de todos e tudo bem.

Depois de mais uma hora, finalmente encerramos os ensaios do dia, Cristal salta do alto-falante e vem até mim se jogando em meu colo disputando o lugar com o violão que deixo de lado para me dedicar a seus beijos.

— Está ficando lindo. — Ela acaricia meus cabelos afastando as mechas suadas da minha testa.

— Eu ainda não tenho certeza se isso vai dar certo.

— Deixe de ser tão pessimista, não tem como as pessoas não se apaixonarem por sua música, elas já amam a sua voz. — Ela sorri e, por alguma razão, meu coração se acalma.

Depois daquela reunião com o produtor musical, Guilherme e os outros caras insistiram para que eu mostrasse minhas músicas, passamos algumas horas brigando sobre o quanto isso seria ruim e mais outras tantas tentando criar.

No fim tínhamos quatro canções originais, uma delas a que cantei para o meu pai no seu leito de morte; mesmo sem acreditar que eu faria aquilo, aceitei a proposta.

Desde então, eu ando tão nervoso, que estou quase aceitando os chás relaxantes da minha mãe.

— Não sei se posso confiar na opinião de uma garota que passa horas dentro desse lugar que fede a homem suado, cigarro e cerveja.

Cristal revira os olhos e gargalha me fazendo beijar seu pescoço, sua risada aumenta, me acalmando, me excitando, me dominando.

— Por favor, você já se ouviu cantando? É lindo, sua voz é a coisa mais sexy que já ouvi na vida — Cristal diz cheia de expectativa.

Meu corpo se agita com suas palavras, seguro seu rosto e a trago para mim, beijo sua boca sentindo uma sensação boa em meu peito, estou em paz, embora apavorado e desejando como nunca que os dias se arrastem.

— Obrigado por tudo — digo com a testa apoiada na dela.

Ouçó Luís se despedindo e me dou conta de que não estamos sozinhos, levanto começando a guardar as minhas coisas, Cristal enrola os cabos e o resto dos caras terminam de organizar nossos instrumentos.

É tudo tão natural, a forma como ela se encaixa entre nós, como os outros caras brincam com ela, como ela sorri para todos, às vezes noto os olhares admirados dos meus companheiros para a garota de cabelos desgrehados que nos acompanha em silêncio e não posso deixar de sorrir, porque ainda não consigo acreditar que ela é minha.

Nos despedimos e saímos de mãos dadas na noite tranquila e refrescante de abril. Quatro meses se passaram desde que Cristal entrou na minha vida, quatro meses em que tudo ficou mais fácil de lidar. Quatro meses em que eu descobri que também posso ser feliz.

— O que acha de comermos algo? — indago antes de beijar seus cabelos quando ela deita sua cabeça em meu ombro.

— O que acha de pegarmos uma pizza e levarmos para o nosso lugar?

Desde a noite em que levei Cristal ao terraço, ele virou o nosso lugar; sempre que dá voltamos lá. Na grande maioria das vezes, Cristal me ouve compor por horas, enrolada no edredom, olhando-me como se eu fosse a coisa mais especial do mundo. E por mais bobo que pareça, enquanto ela me olha, eu me sinto exatamente assim.

Especial.

Há noites em que nos beijamos, nos tocamos, nos damos prazer, mas ainda não conseguimos ir até o fim, sinto que ela está ansiosa, porra, eu sou a própria reencarnação do Tomaz adolescente, eternamente de pau duro e acordando no meio da noite para me aliviar depois de um sonho erótico. Mas a verdade é que ainda não rolou, só não sei o porquê.

Merda! Claro que sei.

Eu sou o motivo, sempre que Clara vem até mim com seu rosto cheio de desejo eu a satisfaço, com minhas mãos habilidosas, com meus lábios, com minhas palavras. Sem pressa, explorando seu corpo da forma mais especial que posso, ela me retribui sempre e eu amo a forma como ela gosta de me observar quando estamos juntos, mas no fundo, lá no fundo, em uma parte de mim que só eu sou capaz de alcançar, há um sentimento terrível que eu não quero aceitar, mas que sei que existe.

O preconceito.

Clara é treze anos mais nova e, embora ela as vezes seja mais madura do que eu, no fundo eu sinto que ela é só uma garota vivendo um momento com um homem mais velho. É ridículo, inaceitável e cruel com o que estamos vivendo, mas não posso evitar me sentir assim.

Desde o dia em que me tornei professor, tenho um cuidado ainda maior quando me relaciono com outras mulheres, nunca me envolvi com nenhuma aluna e se levar em conta todas as investidas que já recebi, posso ser canonizado na próxima semana.

Tenho medo do que as pessoas podem falar, do olhar das outras garotas ao me ver com uma mulher tão mais nova, tenho medo do julgamento das nossas famílias e, embora eu nunca tenha me importando nem um pouco, tenho medo do que Gabriel possa pensar sobre isso.

Não tenho irmãs e não faço ideia de como seja o sentimento, mas sou homem e imagino que, para ele, não esteja sendo fácil lidar com o fato de sua irmãzinha estar saindo comigo. Justo comigo.

— Tem certeza? Não quer ir naquela cantina?

— Não, hoje eu quero só você — sussurra em meu ouvido e sorrio como o tolo apaixonado que sou.

— Eu sou todo seu — afirmo e como prêmio recebo um delicioso beijo cheio de expectativas.



Cristal está exausta, imagino que um dia inteiro assistindo um bando de músicos estressados ensaiando tenha sido demais e ela acaba adormecendo no meio do caminho.

Paro na cantina e peço nosso prato favorito e, quando chegamos em casa, ela insiste em ir direto para o terraço.

— Podemos parar só um instante? — ela pede ofegante quando chegamos ao quarto andar.

— Você está bem? — Aproximo-me tocando seu rosto, ela confirma em silêncio, mas não é o suficiente para me acalmar. — Vem, vamos nos sentar um pouco. — Coloco as sacolas com a nossa comida no chão e seguro suas mãos para ajudá-la a se sentar no meu colo. — Ei, princesa? — Ergo seu rosto afastando as mechas de cabelos para poder olhar para

ela. — O que está acontecendo? — Observo seu rosto, ela está pálida, muito mais do que o normal, e não gosto do que vejo.

— Eu estou bem. — Ela força um sorriso, mas seus lábios tremem e meu coração traumatizado não acredita em suas palavras.

— Não, não está. — Começo a ficar aflito, seus dedos frios tocam minha pele superaquecida pelo medo e me levanto segurando-a em meus braços.

— O que você está fazendo? — pergunta enquanto desço as escadas.

— Te levando para o hospital — respondo ignorando seus pedidos para colocá-la no chão.

— Tomy, olhe para mim — ela pede e paro agora ofegando tanto quanto ela. — Eu vou ficar bem.

— Você está pálida, fria como um cadáver e tremendo, Clara.

— É que... — Ela desvia o olhar como se estivesse me escondendo algo e meu coração estremece no peito. — Eu me esqueci de comer.

— Como, em nome de Deus, alguém se esquece de comer? — Estou apavorado e minha voz sai um pouco mais alta do que eu queria, ecoando pelas paredes da caixa de escadas.

— Eu estava empolgada em passar o dia com vocês e acabei me esquecendo.

— Deus... Você não pode fazer uma coisa dessas, está prestes a desmaiar de fome. — Apoio minha testa na dela e fecho os olhos sentindo um alívio em meu peito. *“É apenas fome, posso alimentá-la e então tudo ficará bem”*, digo a meu coração, que não para de bater com força em meu peito.

— Pode me colocar no chão? — Ela beija meus cabelos, minha testa, minha bochecha, meus lábios. — Por favor.

— Não — resmungo segurando-a com mais força.

- Tomy, são seis lances de escadas.
- Não, são apenas quatro. Vem, vamos colocar comida nessa barriga.
- Ajeito-a em meus braços e volto a subir.
- Okay, senhor mandão.



— Meu Deus, eu pre... preciso... voltar para a aca... demia... — Apoio meus braços frágeis nas pernas bambas enquanto tento recobrar o fôlego, meus músculos queimam e meu pulmão parece cheio de cimento, não consigo respirar e parece que o chão do telhado está forrado com o próprio fogo do inferno.

— Eu disse que poderia subir! — Cristal resmunga brava ao me ver destruído.

— Só se eu estivesse morto.

— Está quase. — Ela cruza os braços e empina o nariz, o vento move seus cabelos e ela os afasta, ainda irritada.

— Vem cá e eu te mostro o quanto estou morto. — Puxo-a pela cintura e ela vem ainda de braços cruzados. — Por que está tão brava?

— Você não pode ficar me tratando como se eu fosse criança, Tomaz.

— Eu não estou, jamais te tratei assim.

— Eu disse que estava bem.

— Sou professor, vacinado contra desculpas esfarrapadas e sua aparência dizia o contrário, agora vem, deixa eu te alimentar e se reclamar darei na sua boca. — Pego a sacola e puxo Clara para o banco, abro a caixa retirando o edredom, as almofadas e a mesa dobrável que ela trouxe outro dia e montando nosso cantinho.

— Deus, às vezes você parece meu irmão de tão chato.

— Nem brinca com isso. — Afasto uma mecha de cabelo do olho enquanto observo ela sorrir.

Senhor, eu não fazia ideia do quanto o seu sorriso me acalmava até ver ela prestes a desmaiar.

— O quê? Que vocês são dois chatos mandões? É a verdade.

— Não tenho nada do seu irmão — respondo na defensiva e detesto a forma como a comparação me incomoda, não tenho nada contra Gabriel, mas ser comparado a ele é a coisa mais esquisita do mundo.

— Só a chatice. — Ela se ajoelha na minha frente erguendo a mão até meus cabelos e puxando-me para seus lábios.

— Não. — Afasto-me antes que sua boca se junte a minha. — Primeiro, você vai comer até os botões da sua calça explodirem.

Cristal cai na gargalhada e rio junto com ela, é fácil rir na sua presença, ela é uma das pessoas mais felizes e vivas que eu conheço, ao lado dela é como se a vida fosse mais colorida, os problemas mais leves e os medos... eu quase nem me lembro mais deles.

Comemos enquanto falamos sobre os ensaios, faltam apenas uma semana para o show e sinto que ainda não estamos prontos. Porra, eu já não ouço mais rádio só para não ver as chamadas com o nosso nome como banda de abertura, não sinto mais meus dedos de tanto ensaiar e preciso admitir que estou exigindo muito da minha voz.

A verdade é que nossas vidas viraram um caos desde que aceitamos o convite, mas parece que só eu estou vendo a realidade, os outros estão como Cristal, radiantes de alegria.

Guilherme disse que o *Instagram* da banda, que tinha apenas algumas fotos aleatórias e mal tiradas e um punhado de seguidores, está quase

chegando a meio milhão e eu ainda não consigo acreditar que tudo isso está mesmo acontecendo.

— Você vai à entrevista de amanhã? — Cristal pergunta enquanto coloca um pedaço de ravióli na boca.

— Não, Guilherme que está responsável por essas coisas, não gosto de falar.

— Mas você precisa, é o líder da banda.

— Não, sem chance. — Enfio um pedaço generoso de filé na boca para não ter que responder.

— Ui, que bravinho!

— Não começa — aviso e ela ergue uma sobrancelha desafiadora.

— Músico, sexy e misterioso que não dá entrevistas, já está agindo como um pop star.

— Pare com isso, você sabe que eu não gosto dessas coisas, não tem nada a ver com fazer uma cena ou algo do tipo.

— Será que terei que comprar uma arma? — Cristal bate o indicador no lábio inferior. — Spray de pimenta, acho que vou adorar cegar as engraçadinhas.

— Você está rindo da minha cara?

— Não, tolinho, só estou te provocando.

— Eu tô uma pilha de nervos. — Esfrego o rosto e tomo um gole da cerveja tentando aliviar a tensão.

— Eu sei, mas vai dar tudo certo, já deu. — Ela parece mais confiante do que eu e isso é algo bom, ela sempre consegue me acalmar. — Gui me pediu para ajudar com as redes sociais, estava pensando em fazer um ensaio fotográfico.

— Ah nem começa, Cristal.

— Por quê? Vocês são gatos, a mulherada vai amar umas fotos sua com sua guitarra, fazendo cara de mau com esses cabelos bagunçados. — Ela ergue o braço mexendo em meus cabelos.

— Você está brincando, né?

— Que eu te acho sexy? — Ela engatinha até mim e se senta em meu colo, seus dedos brincando com meus cabelos enquanto beija minha boca. — Você é o homem mais sexy que eu já conheci, e eu sabia disso antes mesmo de virar uma mocinha. — Ela morde meu lábio e tudo que consigo responder é um gemido estranho enquanto sua língua volta a invadir minha boca. — Sexy e delicioso. — Ela me provoca fazendo todas as minhas outras preocupações se esvaírem.

Porra, Cristal...

Ela passa os dedos por minha nuca, descendo pela gola da camiseta, causando arrepios em meu corpo.

— Eu já até idealizei umas fotos — ela insiste e sei que não adianta continuar dizendo não, então me concentro em seu rosto de anjo, seus lábios ainda pálidos, mas um pouco mais rosados, em como seus olhos me analisam enquanto fala, como se a cada vez ela descobrisse algo novo e especial em mim.

Nunca fui visto dessa forma antes. É tão intenso que chega a ser assustador.

A verdade é que amar Clara me assusta, de um jeito que não sei explicar, minha mãe diz que é porque ainda estou passando pelo luto e por isso tenho medo de perdê-la por qualquer coisa boba, talvez seja mesmo isso.

Eu não sei o que eu faria se a perdesse e admitir isso me assusta pra cacete.



*“Querida mamãe,
Você sabia que os pinguins criam sons distintos para encontrar seus
parceiros em meio à multidão?
Achei que iria gostar de saber.
Com amor,
Cristal.”*

Os dedos voam pelas teclas do piano enquanto seu corpo magro e alto se curva deixando seu rosto a um palmo de tocar a madeira.

É intenso, complexo, forte, dramático e absurdamente lindo.

Sinto que estou prendendo o ar, temendo que o mais suave ruído possa destruir a sua concentração, mas ele é o Benjamin, o garoto de ouro do projeto que tem o nome da minha mãe. Nada é capaz de estourar a sua bolha particular quando ele está aqui, é como se esse fosse o seu portal para outra dimensão, seu guarda-roupa que o leva para outro mundo onde ninguém é capaz de alcançá-lo.

Sinto o momento em que outro corpo alto e grandalhão se aproxima. É Vinicius, com seu eterno jaleco; ele cruza os braços enquanto observa

Ben tocar, como se sua vida dependesse disso.

— Mozart se sentiria humilhado se pudesse ver isso. — Vinicius ergue o queixo para onde ele está, sozinho na sua sala, com seu único amigo de verdade.

— Eu nunca vi nada tão incrível.

Observamos Ben por mais alguns instantes, incapazes de nos mexer, completamente hipnotizados pela música que ele toca.

O menino está dando lugar a um adolescente lindo, alto com os cabelos negros como os do pai, e a estrutura elegante da mãe, completamente alheio a sua beleza e a forma como ele seduz as pessoas com a sua música. Assim como seu mestre.

— Você queria me ver? — pergunto ainda sem olhar para o grandalhão ao meu lado.

Vinicius me mandou uma mensagem ontem pedindo para que eu viesse ao projeto, imaginei que fosse para ver Ben ou para me pedir algo para as crianças que são assistidas aqui, não tenho participado tanto como gostaria, ultimamente tenho estado cansada demais e estou dividindo meu tempo entre Gabe e Carol e Tomaz.

— Podemos ir até meu consultório? — ele pede de um jeito que me deixa nervosa. É o tom do Dr. Becker que fala comigo e eu não gosto dele.

— Sim, claro.

Sigo Vinicius pelos corredores cheios da ONG, a cada ano mais pessoas vem de todos os cantos e o projeto está cada dia maior.

Vinicius abre a porta do seu consultório e aguarda enquanto entro e me sento, ele dá a volta na mesa e se senta me observando como o bom médico que é.

— Faz tempo que não te vejo.

— Eu estou um pouco ocupada, estou ajudando a banda do Tomaz, você sabe que eles vão abrir os shows daquele cantor famoso, o Derek Mayer, né?

— Sim, Poliana está enchendo o meu saco para ver esse show.

— Ele é incrível, eu ainda nem acredito que ele voltou ao Brasil — digo empolgada.

— Pois é, senti sua falta, Clara — ele corta meu papo furado indo direto ao assunto e me ajeito na cadeira me sentindo na sala do diretor. Ou do doutor, tanto faz.

— Como disse, estava ocupada.

— Eu fiquei sabendo.

— Como assim? — pergunto com medo da sua resposta.

— Tomaz esteve aqui ontem, está tentando retomar suas aulas com as crianças, passou um tempo com o Ben, depois veio me ver, ele está preocupado com você.

— Ele é um exagerado. — Reviro os olhos tirando o peso das palavras de Tomaz. Eu não acredito que ele foi falar sobre meu mal-estar para Vinicius. Eu deveria saber, ele não acreditou na minha história sobre não ter comido.

— Ele disse que você quase desmaiou nos braços dele.

— Santo Deus, que exagero, eu estava faminta e minha pressão deve ter caído.

Vinicius se inclina para a frente cruzando as mãos sobre a mesa apinhada de papéis e fotos de sua família.

— Clara, você sabe que não pode mentir para mim, não sabe?

— Eu não estou mentindo — minto.

— Não? — Ele mantém seus olhos azuis fixos em mim e tenho pena de seus filhos, deve ser difícil mentir para um pai como Vinicius.

Mas sou Clara Smith e não tenho medo de cara feia.

— Não — respondo com toda a tranquilidade possível e ignoro o palavrão que ele solta.

— Resolva isso. — Ele volta a se recostar em sua cadeira, girando uma caneta entre os dedos. — Você tem dois dias.

— O quê?

— Dois dias, Clara. Se você não resolver, eu vou e você sabe que não vou poupar palavras para falar.

— Você não pode fazer isso.

— Posso sim, e não estou nem aí, eu vou fazer.

— Por quê?

— Porque eu não gosto de mentiras, isso não é brincadeira, Clara.

— Merda! — resmungo ao me levantar arrastando a cadeira e fazendo um barulho exagerado.

— E ligue para o Augusto, ele deve estar sentindo a sua falta.

Bato a porta sem responder. Droga, eu não posso fazer isso com o Tomaz, não agora que ele está começando a ficar bem, voltando a sua vida, feliz com a banda.

Isso não é justo e Vinicius está blefando, ele não vai fazer isso, ele nem pode fazer isso. Ele não seria capaz... Espero que não.

Passo pelos corredores enquanto tento encontrar Tomaz, é engraçado como sempre estivemos perto um do outro circulando por esse edifício sem nunca nos encontrarmos, a última vez que o vi foi na festa de fim de ano; naquela época, eu ainda acreditava que tinha um futuro com César e Tomaz ainda era o meu sonho de menina.

Sinto como se fosse uma vida inteira atrás.

Recordo-me das palavras de Verônica ao dizer que ele estava esperando por mim esse tempo todo. Talvez ela tenha razão, e não posso

perdê-lo, preciso contar a verdade antes que ele descubra da pior maneira possível.



O som da música me indica o caminho, passo por salas, desvio de pessoas e encontro um grupo de mães babonas sorrindo para seus filhos. Ou talvez seja para o professor gato, que está sentado no meio deles, com um violão no colo e o sorriso mais lindo do mundo enquanto explica pacientemente a nota que eles devem tocar a seguir e quando eles repetem o que ele faz, de um jeito desorganizado e barulhento, recebem o olhar cheio de orgulho do herói deles.

É, não posso julgar o olhar delas, eu mesma devo ter um igualzinho em meu rosto.

Tomaz parece sentir minha presença, sua expressão muda, de professor sorridente para guitarrista sexy quando olha para mim e meu coração se agita no peito.

Espero a aula terminar, assisto encantada como ele lida com cada uma das crianças e com as cantadas disfarçadas de admiração e agradecimentos das mães babonas.

Bando de cara de pau!

Quando a última mãe finalmente vai embora, Tomaz vem até mim, seus olhos cheios de expectativas enquanto ele umedece os lábios pronto para me beijar.

— Oi — ele diz e espalmo minha mão em seu peito deixando-o um pouquinho longe para que eu possa falar com ele. É quase impossível raciocinar quando está com suas mãos em cima de mim.

— Então, você foi falar de mim para o Vinicius?

— É por isso que você está aqui?

— Ele exigiu minha presença, achei que era algo sobre o projeto.

— Está brava?

Eu tenho o direito de estar brava? Claro que não, eu sou a cadela que está escondendo as coisas dele.

Mais uma vez.

— Um pouco, achei que você confiasse em mim.

— Você quase desmaiou nos meus braços, eu mereço um pouco de preocupação — se defende.

— Eu te disse que não era nada.

— Eu fiquei com medo e, como esbarrei com o Vinicius, achei que podia pedir para ele dar uma olhada em você.

Isso não está certo, não podemos mais ficar assim, Tomaz merece mais do que estou dando a ele nesse momento, embora eu odeie admitir.

— Precisamos conversar — digo quando ele volta a se aproximar, suas mãos lindas e mágicas capturando as minhas.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta preocupado.

— Não, nada de mais.

Cadela mentirosa!

— Pode ser hoje à noite? Tenho uma reunião em trinta minutos com o pessoal responsável pela iluminação do show.

Droga!

Como posso jogar mais essa bomba nas suas costas quando ele já tem tanto para se preocupar. Quero esperar até o show passar, mas eu conheço Vinicius e sei que ele não está blefando.

— Pode sim.

Ele me puxa para um beijo rápido e cheio de promessas e me sinto doente quando se afasta de mim.

— Você quer uma carona?

— Acho que vou voltar lá na sala do Ben e ficar um pouco com ele.

— Ótimo, ele vai adorar. Eu preciso ir, a gente se vê mais tarde. — Nos beijamos, mais uma vez, antes do seu celular tocar. — Tchau, princesa.

Observo Tomaz caminhar para longe de mim enquanto penso em todos os cenários que podem acontecer quando eu contar a ele a minha verdade, aquela que venho guardando em segredo por toda a minha vida.



A sala de música do Ben é afastada do resto do edifício, Tomaz pediu que fosse assim para que não chamasse muito a atenção das pessoas, com certeza ele teria uma plateia enorme se estivesse no prédio principal e Ben ainda tem dificuldades em se relacionar com estranhos.

Ao chegar noto que há uma garota sentada do lado de fora da sua sala. Ela está encolhida, com as pernas erguidas e os braços em torno delas, a cabeça apoiada na parede e os olhos fechados. De onde estou tenho a impressão de que ela está chorando, mas quando me aproximo, noto que, ao contrário, ela está sorrindo, como se cada nota tocada por Ben fosse um carinho em sua pele.

— Olá — digo baixinho para não assustá-la, mas acho que não consegui porque ela se levanta em um pulo se colocando mais longe de mim.

Ela deve ter a mesma idade de Ben, é magrinha, quase tanto que mal consigo compreender como se mantém de pé, seus cabelos são curtos, mal cortados e tenho a impressão de que ela mesmo foi a responsável por seu corte.

Sei por experiência própria que cortar o próprio cabelo as vezes pode ser uma tentativa de fugir de algo que nos machuca.

O que será que machuca essa garota?

Com certeza, seja lá o que for, Ben parece ser o remédio para a sua dor.

— Oi — ela diz abaixando o rosto como se fosse uma criminosa pega em flagrante.

— Linda música, não é? — Aponto para dentro da sala onde um Ben suado e compenetrado toca incansavelmente.

— Uhum. — A garotinha coloca as mãos para trás e mantém seus olhos no chão.

— Sou Clara. — Estendo minha mão para ela, mas a garotinha não a recebe, ao contrário, ela se afasta um pouco mais olhando para a minha mão como se ela fosse o próprio Mengele.

Começo a observá-la um pouco melhor, conheço essa menina, na verdade, acabei de ver uma foto sua, um sorriso meio tímido nos lábios, em um porta-retratos em cima da mesa de Vinicius.

— Espera, você é a Nina, não é?

Ela olha para dentro da sala onde Ben está, alheio a nós aqui fora, como se eu tivesse desvendado o seu segredo. Sigo seu olhar, mas o garoto ainda está imerso em sua música.

— Você está esperando o Ben? — pergunto feliz em imaginar que ele tenha encontrado uma amiga.

— P-preciso ir. — Ela se vira sem me responder e sai correndo sem me dar a chance de perguntar o que está acontecendo, olho em volta, mas somos apenas nós e Ben e não consigo compreender a sua reação.

Entro na sala e espero até que ele termine a música, ele sorri e para de tocar no instante em que me vê.

— Clarinha — ele me chama com a mesma alegria de sempre e me aproximo sentando-me ao seu lado.

— Ei, como você vai, garotão? — Toco seu braço de leve permitindo que ele sinta minhas ações. Ben, como todo autista, não gosta muito de contatos, mas se sente mais seguro se puder definir o que está acontecendo e decidir quando e como será tocado.

— Eu tive saudades de você — ele diz feliz com a minha presença, como se nada tivesse acontecido.

— Eu também.

— Mamãe vai ter mais um bebê.

— Eu fiquei sabendo, você está feliz?

Ele ergue os ombros enquanto olha para algum ponto específico no fundo da sala, dou a ele um tempo antes de perguntar.

— Eu ainda não sei, ele não saiu de dentro da mamãe.

— Tenho certeza de que você será um irmão mais velho incrível. — Acaricio suas costas e ele se balança levemente de um lado para o outro, feliz com meu toque.

— Ben, você conhece a garota que estava lá fora?

Ele olha para a porta e baixa o rosto, seus dedos passeiam pelas teclas do piano enquanto seu rosto ganha uma tonalidade rosada que faz meu coração se encher de alegria com a resposta que ele não me dá, mas que reconheço em seu comportamento.

Ele volta a tocar a música que estava tocando quando cheguei.

— Ben gosta dessa música — ele diz com os olhos fixos na tecla e o sorriso se espalha por meu rosto.

— Nina parece gostar dessa música também — digo em busca de mais alguma reação.

— Ela deixa Ben feliz — diz e o assunto termina por aí, não sei se ele está se referindo à música ou à garota. Mesmo assim, me sinto feliz ao imaginar que eles tenham encontrado na música uma conexão que os una.

Não consigo imaginar algo mais bonito.

Brinco com as teclas como fazíamos antigamente, Ben toca de um lado e eu do outro formando uma melodia bonita. Sorrimos e matamos nossa saudade, de forma simples, sem perguntas e sem explosões de sentimentos.

— Ele estava com saudades. — Ouço e me viro para encontrar César parado na porta.

Merda!

— Pois é, vim aqui ficar um pouco com ele. Já estou indo. — Me levanto decidida a ir embora, de jeito nenhum que vou ter algum tipo de conversa com César hoje. — Tchau, Ben. — Aceno para ele.

— Tchau, Clarinha. — Ele balança a mão no ar antes de voltar para o seu mundo.

Passo por César sem a menor intenção de ser gentil, mas ele parece não se importar e vem atrás de mim.

— Clara, espera. — Ele segura meu braço me parando.

— Não me toque! — exijo puxando meu braço.

— Por favor, eu quero falar com você.

— Já falamos tudo o que tinha que ser dito.

— Isso não pode ser o nosso fim, não posso aceitar.

— Nosso namoro já havia acabado antes mesmo do fim, César. Crescemos acostumados a ter a presença um do outro, como... primos? Amigos?

— Eu não transo com minhas primas — ele diz meio ofendido.

— O que eu quero dizer é que não era mais amor, era costume; e, quando isso acontece, não há o que resgatar. Nosso amor se transformou, César, era uma questão de tempo até nos darmos conta de que estávamos transando como primos.

— Não faz isso, não suja o que a gente teve.

— Foi você quem fez isso. — Aponto o dedo em seu peito e ele dá um passo para trás. — Eu só estou aceitando a verdade.

— Mas eu não estou.

— Como está o bebê? — pergunto mesmo que, no fundo, eu não esteja nem um pouco interessada.

— Clara, por favor, vamos falar de nós.

— Não existe mais nós.

Ele bufa, passa a mão nos cabelos e olha em volta, como se precisasse ter certeza de que estamos a sós.

— Eu não sei, não falei mais com ela, precisava resolver as coisas com você.

— Já resolvemos, agora volte para ela, descubra se esse bebê é seu e...

— Ergo os ombros sem saber ao certo o que responder. — Seja feliz, César.

— Como vou fazer isso sem você?

— O tempo vai te ensinar.

Viro-me para sair decidida a não dar mais nem um segundo do meu tempo para ele, mas César é insistente.

— Então é isso? Você tá mesmo com ele?

Paro de andar e me odeio por dar a César uma atenção que ele não merece, ainda posso ouvir o som do piano de Ben tocando ao fundo, além disso, só consigo ouvir o som da minha raiva.

— Não é da sua conta.

— Eu vi vocês se beijando na porta da sala dele.

— E qual o problema? Somos livres, solteiros e não estamos fazendo nada errado.

— Pelo amor de Deus, ele é um velho, Clara!

— Talvez seja exatamente isso que eu estava precisando, de um homem de verdade, cansei de moleques que não sabem o que querem.

Viro-me e saio sentindo o sangue ferver nas pontas dos meus dedos com a vontade insana de meter a mão na cara dele.

— Você sabe que, para ele, você é apenas um troféu, não é? Só mais uma garotinha que o tiozão tá levando para a cama. Mais uma pra conta.

— Vai se foder, César! — grito sem me virar enquanto caminho deixando suas palavras se espalharem pelo chão, como lixo inúteis e feias.



"Querida Cristal,

Existe uma lenda chinesa muito bonita sobre a criação do mundo. Nessa lenda, Panku, ao separar o Yin e o Yang, sustenta o mundo por milhares de séculos até que, por fim, descansa e cada pedacinho de seu corpo se transforma na terra, no mar, nas florestas, mostrando que todos nós somos um só, eternamente em conflito entre o bem e o mal.

Gosto dessa lenda, porque ela me faz pensar no sacrifício de Panku; só quando ele descansou, a vida se fez.

Eu te amo, lembre-se sempre disso.

Com amor,

Mamãe."

Mando uma mensagem para a secretária do Dr. Augusto Bittencourt, ela me responde quase imediatamente e acerto um dia no fim do mês para o nosso encontro. Ele é um dos caras mais chatos e ocupados que já conheci na minha vida, tenho certeza de que é mais fácil marcar um horário com o Trump, pacientes esperam meses para serem atendidos

por ele, isso só deixa claro que Vinicius tinha razão, ele está me esperando.

Que maravilha!

Assim que termino de enviar a resposta da confirmação para a secretária, uma mensagem de Tomaz chega.

“Acabei de descobrir que existe um app que avisa as pessoas a hora de comer. Vou mandar o link, instale no seu celular.”

Leio a mensagem com um sorriso enquanto abro o pequeno portão da antiga casa da minha mãe, sinto um burburinho em meu estômago quando penso que, em algumas horas, vou ter a conversa que estou protelando por todos esses meses.

“É comida de verdade? Quero!”

Envio e abro a porta, sinto o cheiro de tinta das paredes recém-pintadas da sala.

— Tem alguém aí?

— Oi, Clarinha, que bom que você chegou. — Carol me dá um abraço desengonçado e me puxa para a cozinha. — Estava prestes a comer um pedaço de bolo daquela loja que amo.

Passo pela porta do quarto que estava planejando transformar em um escritório e vejo Gabe sentado no chão, de costas para nós.

— Hoje, ele está decidido a começar o quarto do bebê — minha cunhada diz quando chegamos a cozinha.

Gabriel e Carol decidiram não voltar para os Estados Unidos, eles querem que o bebê nasça perto de nós e eu confesso que estou radiante

em tê-los novamente aqui.

— Isso é bom, porque tenho a sensação de que sua barriga cresce a cada dia.

Ela passa a mão na barriga e sorri.

— Obrigada por ter nos emprestado sua casa. Ontem, o Alan descobriu um vazamento no encanamento da cozinha, vão ter que desmontar tudo para ver o que fazer.

— Imagina, Carol, meu pai não me deixaria ficar aqui sozinha de qualquer forma, e essa casa é tanto do Gabe quanto minha.

Ela olha para a porta e me dá um sorriso triste.

— Ontem ele estava bem introspectivo, pensar na mãe de vocês mexe muito com ele.

— Pois é, sabe aquele lance de ser uma granada? Minha mãe era a própria bomba atômica.

— Ela não tinha culpa.

— Mesmo assim, ela destruiu a vida de todos a sua volta. Meu pai, o meu irmão, até mesmo a sua, olhe para você, toda preocupada.

— Não fale assim, Clara! — ela me repreende, mas estou magoada demais para parar.

— Você não sabe o que é ser tratada como se estivesse prestes a quebrar e, o pior de tudo, saber que você realmente pode quebrar.

— Aí que você se engana, todos nós somos quebráveis, Clara, até mesmo o mais resistente dos diamantes se rompe em um choque; o que diferencia é a resistência, uns são mais delicados, como cristais.

Baixo o olhar para o pedaço de bolo em meu prato sentindo mais uma vez as sábias palavras de Carol me atingir.

— Você ainda não contou para ele, né? — Nego com a cabeça. — Não se preocupe, vai dar tudo certo.

— Eu só queria que ele não deixasse de me olhar da forma que me olha agora.

— Por que você acha que ele vai mudar a forma de te ver?

— Porque ninguém quer viver ao lado de uma granada. Isso aqui não é os romances fofos e dramáticos, é a vida real.

Carol estende sua mão e segura a minha apertando-a enquanto sorri.

— Aí que você se engana, há pessoas que adoram um desafio; o meu está logo ali, rabiscando paredes como um garotinho mimado. Confie no que vocês dois têm, o amor de verdade supera qualquer adversidade, enfrenta todas as guerras, se ajusta a todas as situações. Porque amar não é só viver a parte bonita de um relacionamento, é viver a parte ruim e saber que, mesmo assim, aquela pessoa ainda é a mais especial de todo o mundo.



Entro no quarto e encontro Gabriel debruçado em um desenho elaborado que ele está fazendo, ele parece tão imerso que não percebe a minha presença, aproveito para matar um pouco da saudade que sinto de ver ele desenhar.

Sento-me na poltrona no canto do quarto enquanto observo seu rosto concentrado, há um vinco forte entre suas sobrancelhas enquanto rabisca alguma coisa no papel, seu antebraço direito está sujo de grafite e ele quase se parece o garoto que reencontrei oito anos atrás.

Ainda me lembro do que pensei quando o vi, machucado, chegando em casa depois de meses em um hospital, ainda me lembro do cheiro de antibióticos em sua pele e de como me assustei ao vê-lo tão frágil.

— O que você quer, Magrela? — pergunta sem tirar os olhos do desenho.

— Você sabe que não sou mais Magrela, né?

— Para mim sempre será.

Sorrio e ergo minhas pernas abraçando-as e apoiando meu queixo nos joelhos.

— Cadê a Carol? — pergunta sem tirar os olhos do desenho.

— Ela foi na casa da Vê.

— Não sabia que eles já tinham voltado. — Gabriel finalmente ergue o rosto e olha para mim como se não acreditasse no que digo.

— Chegaram ontem e ela disse que precisava ver a Carol, você sabe que a Vê tá pirada com o bebê. Ela quer comprar o mundo para ele. — Ergo os ombros e Gabriel volta a olhar para o seu desenho.

— Às vezes, aquela garota ainda me assusta. — Ele coça a parte de trás da cabeça e faz uma careta engraçada.

Sei que Gabriel e Verônica tiveram um lance esquisito quando eram jovens e isso sempre foi algo que incomodou meu irmão, mesmo que Carol já tenha dito um milhão de vezes que está tudo bem, mas eu conheço ele o suficiente para saber que se ele pudesse apagaria esse lance da sua vida. Junto com todas as outras garotas.

— Fala logo, Clara, tô ficando nervoso de te ver aí amuada como se tivesse doze anos de idade.

Levanto-me e vou até ele, ajoelho-me ao seu lado e observo o desenho que está fazendo; é um jardim, com um lindo balanço em uma árvore enorme, há flores por toda a corda e elas parecem abraçar a árvore robusta com sua delicadeza.

— Eu só queria ficar um pouco com você. — Apoio meu queixo no topo da sua cabeça e ele sorri.

— Aquele imbecil fez alguma coisa? — Ele me olha com uma carranca que tenho a impressão de que já se fixou em seu rosto para sempre.

— Tomaz? Claro que não.

Sou eu quem vou fazer algo em breve.

— Então, o que houve?

— Saudades do meu irmãozinho — provoco-o.

— Vou fingir que acredito.

Observo sua mão firme desenhando linhas e formando desenhos em uma folha de papel, a tatuagem dança em volta da sua mão, o rouxinol que complementa a rosa que Carol carrega na sua mão e que representa tanto para eles.

É incrível como nossa mãe se faz presente em nossas vidas mesmo não estando mais aqui, ela embala o amor do meu irmão e sem saber, é minha melhor amiga, minha conselheira e confidente.

— Como você acha que a mamãe estaria se estivesse viva?

Gabriel para o que está fazendo e gira para ficar de frente para mim.

— Como assim?

— Com o bebê chegando. — Sorrio ao relembrar a barriga enorme da minha cunhada, que parece crescer a cada segundo.

— Eu acho que ela estaria escrevendo poesias para o bebê e ajudando a Carol a escolher coisas... — Gabriel olha para fora da janela e ergue os ombros. — Sei lá, quem sabe.

— Como ela era?

— Muito parecida com você.

— Mentiroso, eu sei que sou a cara do papai.

— Ela era incrível, mesmo com toda a merda acontecendo, mesmo com o pai pirando e a casa desmoronando, a vida dela ruindo, ela tinha

sempre aquele sorriso apaixonado nos lábios, como se nada no mundo pudesse abalar o que sentia.

— Você acha que, em algum momento, ela se sentiu um estorvo?

— Como assim?

— O papai era jovem e ela era apenas uma garota com a sua data de validade vencida.

— Não sei, talvez sim, mas porque a gente sempre acha que a pessoa que a gente ama poderia estar melhor se estivesse sozinha, ou com outra pessoa. Acho que essas paranoias são mais de quem sofre, o pai nunca mudaria uma vírgula do que ele viveu com a mãe. Já ela, acredito que passou sua vida imaginando como ele seria feliz sem ela. — Gabriel respira fundo e sei exatamente o que está falando, no fundo somos muito mais parecidos do que imaginei. — No fim das contas, isso é uma utopia, não tem como ser feliz longe da pessoa que a gente ama; se ela tá na merda, então vamos ser felizes na merda, e por aí vai.

— Sinto falta dela.

— Eu também, mesmo depois de tanto tempo ainda sinto falta dela.

— Me conta algo.

Sento-me na cama e Gabriel abandona seu desenho e se junta a mim, ele conta algumas histórias já conhecidas; às vezes, acho que ele enfeita um pouco para parecer mais bonito do que realmente era, mas não ligo, gosto de imaginar que nossa família era linda, perfeita, como aqueles ensaios fotográficos onde até mesmo a cor do céu parece combinar. É o nosso jeito de aquecer o nosso coração e preencher o vazio que sempre estará presente em nossas vidas.



Nunca desejei tanto em minha vida tomar uma taça de vinho, estou uma pilha de nervos e seguro o diário da minha mãe em minhas mãos como se fosse a única coisa que me mantém forte.

Na verdade, sempre foi. Desde o dia em que aprendi a ler, é como se ela estivesse aqui, ao meu lado, apoiando-me e me dando conselhos preciosos.

— Você está bem? — Tomaz diz olhando para mim enquanto segura a porta corta fogo.

— Sim, estou ótima — minto tentando não parecer tão ofegante.

— Que bom, porque quero que veja uma coisa.

Ele abre a porta e meu coração para de bater por um instante, o telhado está todo decorado com flores e velas espalhadas por cada pedacinho dele, como um lindo jardim suspenso. No meio dele, onde fica o banco e o baú velho, há uma mesa posta com uma toalha, jogos de pratos e taças e até mesmo castiçais, uma música tranquila toca e, enquanto olho tudo a minha volta, percebo que estou perdida.

O universo só pode estar de sacanagem comigo.

— Tomaz, isso é lindo — digo nervosa.

— Espero que goste, quero que essa noite seja especial — sussurra em meu ouvido e estremeço.

E lá se foi o meu plano perfeito. Não tem a menor chance de eu poder contar algo para ele hoje.



Passei as últimas quatro noites planejando esse jantar, não sei se ela vai gostar, não sei se o romantismo ainda está em alta e se as garotas ainda curtem essas coisas ou se virou algo como histórias da França do século XVIII.

Belos só no papel.

Mas sinto que estou ausente, passo a grande parte do meu dia envolvido com o show e mal tenho tempo para ela, então, hoje a noite é só nossa.

Observo sua reação, a forma como seus olhos passeiam por todo o telhado, o sorriso que se espalha à medida que descobre um novo detalhe, isso faz valer a pena o trabalho.

Ela ainda respira com dificuldade e, por mais que finja, sei que está exausta, mesmo que eu tenha inventado de pegar algo no meu apartamento, só para ela descansar um pouco antes de terminar de subir.

— Isso tudo é para mim? — questiona como se fosse algo muito especial e fico feliz, significa que meu trabalho foi bem feito.

Ponto para mim.

— Tudo para você — respondo quando ela se vira e descansa seus braços em torno do meu pescoço.

— Então aquele papo de reunião...

— Uma desculpa para poder arrastar aquele bando de desocupado metido a estrelinha pra cá.

— Você fez os meninos trabalharem?

— Cada um deles subiu essas escadas cinco vezes.

Ela sorri e aproveito para beijar seu pescoço e sentir seu cheiro. Eu amo seu cheiro.

— Que maldade! Eu não acredito que eles fizeram isso.

— Claro que fizeram, todos eles te amam.

Cristal abaixa o olhar, um pouco tímida.

— Obrigada. — Ela parece emocionada e espalmo minha mão delicadamente em seu rosto trazendo sua boca para mim.

— Você ainda não disse se gostou.

Ela olha em volta mais uma vez antes de se voltar para mim.

— Eu estou sem palavras, claro que amei.

Cristal enrosca seus dedos em meus cabelos, bagunçando-os ainda mais que o normal, mas não me importo, gosto da bagunça feita por suas mãos, gosto da forma suave que seus dedos deslizam pelos fios e, principalmente, gosto de ter ela assim, tão perto de mim.

Seguro sua nuca e beijo sua boca, sentindo o sabor de estar em paz, porque, quando meus lábios estão juntos aos dela, sinto como se todos os problemas do mundo desaparecessem, nada existe além da garota que reduziu meu mundo até caber dentro do seu coração.

É lá que ele vive agora.

Ainda estamos nos beijando quando ela finalmente percebe o que está tocando.

— Ah, meu Deus! — Ela se afasta, os olhos verdes cheios de energia, os lábios úmidos por nosso beijo. — É o que eu estou pensando? — Ela aponta para o lugar onde meu celular está e balanço a cabeça, o coração repleto de um sentimento que ainda não sou tão íntimo, mas que vem se fazendo presente cada dia mais na minha vida.

A alegria.

Cristal se afasta e me puxa pela mão para o centro do nosso jantar, há um tapete que Luís trouxe não sei de onde, ele é peludo e gostoso de pisar, Cristal para no meio do tapete e fecha os olhos ouvindo, as mãos fechadas em cima do lugar onde seu coração bate, o sorriso, sua marca registrada, enfeitando seu rosto perfeito enquanto minhas palavras namoram com seus ouvidos.

É a coisa mais excitante e linda que já vi.

— Deus do céu, Tomaz, é você. — Ela abre os olhos e eles estão marejados. — Quando vocês gravaram isso?

— Ontem, passamos o dia no estúdio e Guilherme me obrigou a gravar algumas canções.

Ela se ajoelha em frente ao aparelho e ergue para olhar a *playlist*.

— O que mais tem aqui?

— Alguns covers, a grande maioria é coisa que você já conhece, mas tem essa aqui. — Clico em *Me ensine a te perder* e, assim que os primeiros acordes do violão surgem, ela se vira para mim.

— A música do seu pai... — sussurra.

— Sim, a própria.

Ouvimos a canção em silêncio, Cristal chora, como em quase todas as vezes em que me ouviu ensaiando. Gostaria de conseguir chorar, mas acho que deve haver uma represa dentro de mim onde todos os

sentimentos que não sei lidar ficam trancafiados, e de lá nenhuma gota de lágrima consegue escapar.

— Ela ficou ainda mais linda.

— Obrigado. Por tudo, por me encorajar a gravar meu material e seguir com essa loucura.

— Você está preparado para a fama? Porque ela virá, impossível não se apaixonar por sua música.

— Se depender de você, eu sou o homem mais convencido do mundo — provoco-a e ela revira os olhos de um jeito sexy.

— Eu só estou dizendo a verdade, você já deu uma olhada nas suas fotos da página da banda?

— Não.

— Teve uma garota que eu juro que quase bloqueei, mas, como sou uma mulher adulta, eu só apaguei o comentário dela.

— Você tá brincando? — Puxo-a de volta para mim, virando-a de costas. — Foi tão grave assim? — Beijo seu ombro, agradecendo por ela estar com um vestido de alças finas que deixam sua pele exposta para mim.

— Gravíssimo. — Sua voz amolece quando chego a sua nuca.

— Agora fiquei curioso. — Passo a língua por sua nuca e ela estremece. — Alguma coisa sobre a habilidade das minhas mãos? — a provoco e ela me dá um tapa, mas não ligo, continuo saboreando-a, sentindo uma excitação louca por saber que ela sente ciúmes de mim, como se não soubesse que sou completamente seu.

— Ela disse que te lamperia inteiro. — Cristal se engasga quando mordo o lóbulo da sua orelha e faço um barulho rouco em seu ouvido.

— Assim? — Passo a língua mais uma vez por sua nuca e seu corpo inteiro se arrepia.

— Uhum...

Abaixo a alça do seu vestido deixando-o cair em seu ombro e beijo toda a pele até chegar as suas costas.

— Você sabe que não precisa se importar com essas coisas, não sabe?

— Vejo sua pele branca começar a ficar vermelha nos lugares onde minha barba a arranha.

— Uhum...

— Não dou a mínima para essas coisas. Sabe por quê? — Viro seu corpo para mim e, quando seus olhos pesados de desejo se abrem, eu digo aquilo que venho lutando para aceitar. Mas que tenho mais certeza a cada dia. — Porque eu amo você.

Ela respira fundo, como se estivesse absorvendo cada uma das três palavras mais importantes da minha vida e guardando-as em um lugar especial.

Seus lábios se movem, lentamente, o sorriso que amo se esticando, a ponta da sua língua dançando em seu lábio inferior.

— Repete?

Inclino-me até minha boca estar em seu ouvido.

— Eu amo você — sussurro e sinto como se ela derretesse em minhas mãos, é a sensação mais incrível que já senti e gostaria de congelar esse momento para escrever tudo o que estou sentindo.

Eu preencheria todos os papéis do mundo.

Cristal me puxa para um beijo forte, gosto que ela tenha o meu ritmo, que sua boca seja sempre tão faminta quanto a minha, gosto de sentir a sua força quando ela puxa meus cabelos, ou quando sua língua vai fundo em minha boca. Cristal é ousada e cheia de desejo e isso é a coisa mais erótica que já vi.

Nesse instante uma nova música começa a tocar, como se eu tivesse planejado o momento certo, envolvo minhas mãos em sua cintura e a puxo para mais perto de mim. Ainda não ouvi o seu eu te amo e, sinceramente, descobri nessa vida que os verdadeiros sentimentos são falados em silêncio, com os olhos e principalmente com o corpo.

Meu coração bate forte, sei que ela pode senti-lo assim como estou sentindo o seu, é o momento mais mágico da minha vida.

— Quando escrevi essa música, ainda não fazia ideia do que estava acontecendo comigo, estava vivendo um momento difícil e tudo o que eu queria era ouvir tua voz, a todo momento. Mesmo sem saber, naquela época, eu já amava você.

Cristal está chorando, uma lágrima escapa por seu olho e ela a captura antes de sorrir para mim, é o sorriso mais lindo do mundo, e ele é só meu.

Ela abre a boca para dizer algo, mas a impeço, pousando meu dedo em seus lábios.

— Feche seus olhos, princesa. Espero que goste — peço quando *Tempestade de emoções* toca e ela apoia a cabeça em meu ombro, apertou um pouco mais e enterro o meu rosto em seus cabelos.

*“Você chegou sem avisar
Pé descalço e cabelos de sol
Me ouviu falar e sorriu
Coisas inúteis de um coração vazio*

*No silêncio do meu defeito
Você se fez barulho
Desde então o caos se instalou em mim*

E eu já não quero mais viver no escuro

*Não sinto mais o frio,
Mas sei que o vento está lá fora
É só uma questão de tempo
até que ele me leve embora*

*Me aqueça com seu sorriso
A tempestade está chegando
Segure minha mão
Não estou suportando*

*Me ensine a chorar, porque amar eu já aprendi
Na melodia das suas palavras
Na canção da sua risada
O homem morreu, dando vida ao jovem que em mim habitava*

*Sua voz é tudo o que quero
Seu sorriso é tudo o que ouço
Sua luz tudo o que enxergo
Seus lábios, o que mais venero*

*Hoje me vejo poeta, de um amor que muito escrevi
Ateu de sentimentos, mas gênio de mentiras
Hoje você chegou e mostrou para mim
Que existe uma vida, uma que eu ainda não vivi”*

Quando a música acaba, Cristal se afasta de mim, com seus olhos arregalados enquanto ela me observa. Sinto-me em frente a mais importante banca da minha vida, estou expondo meus argumentos da única forma que conheço: com minha música.

— E-eu acho que ainda falta ajustar algumas notas e talvez... — não consigo terminar de falar, ela se joga em mim com força, nos derrubando no chão, caio trazendo comigo o amor da minha vida.

Estou literalmente caindo de amor e, embora nesse momento, meu quadril esteja doendo, meu coração disparado e meus lábios trêmulos, eu nunca me senti melhor em minha vida.

Ela me beija e eu a beijo, no silêncio da noite sob as estrelas que iluminam o céu, um cenário perfeito para a descrição do que estou sentindo nesse momento.

Quando se afasta, ela está ofegante e rosada, seus cabelos caem em torno do seu rosto e suas mãos estão espalmadas em meu peito, dando a ela a certeza de que meu coração bate por ela. Só por ela.

— Eu amo você — ela diz, com a voz embargada, com os olhos cheios de lágrimas, com o sorriso que tanto amo nos lábios. — E eu não tô nem aí se você não quer que eu diga isso, mas eu digo mesmo assim, eu amo você e sou a garota mais sortuda desse mundo, porque eu não tenho medo de te amar. Eu aceitei esse amor, da forma que ele veio, porque a verdade é que eu sempre te amei, de forma platônica, ingênua e infantil, e meu amor foi se moldando, transformando-se à medida que a gente se conhecia até que ele se transformou, no instante em que você me beijou. Eu o amo, Tomaz Fonseca, com todo o meu coração errado e espero que você aceite o meu amor, do jeito que ele é.

Puxo-a para mim e giro, colocando-a no chão e segurando sua cabeça enquanto a beijo.

— Minha princesa, é claro que eu aceito.

Sinto quando ela puxa minha camisa, com suas mãos afoitas enquanto sua boca acaricia minha pele. Ergo-me permitindo que ela faça o que quer e, quando ela joga minha camisa no chão, somos um emaranhado de desejo e amor.

Dizemos coisas desconexas enquanto nos livramos das nossas roupas, do mundo, das dúvidas, do medo. Vestido, calça, cueca, calcinha, serás e porquês, tudo fica para trás e quando estamos nus, de corpo e alma, sou preenchido de um amor que eu desconhecia: forte, cru e real. Muito mais intenso do que qualquer palavra que eu já tenha escrito a respeito disso, porque existem coisas que não se pode dizer. Apenas sentir.



“Querida Cristal,

Cresci minha vida inteira lendo e ouvindo tudo sobre a função defeituosa do meu coração, mas foi o sorriso do seu pai que me ensinou para o que ele realmente servia.

Graças a ele descobri que meu órgão de fraco não tem nada, ele bate por três e com tanta força que meu corpo frágil não é capaz de suportar.

Amo vocês,

Mamãe.”

Eu nunca compreendi esse texto. Quando conheci César, achei que havia chegado ao auge do amor, quando transamos pela primeira vez, eu tive a certeza de que minha mãe era uma poeta sonhadora, apaixonada pelas palavras, que viveu em seu coração um amor potencializado por sua doença.

Ninguém podia amar com tanta intensidade.

Hoje, enquanto observo o homem sobre mim, lindo e tão atordoado que mais parece que ele é o inexperiente aqui, enquanto acaricio seus cabelos e sinto seu corpo pesado sobre o meu, me tocando, me

preenchendo, me possuindo, descubro que talvez nem todos os amores sejam fortes o suficiente e talvez haja nesse mundo pessoas que passem suas vidas inteiras sem saber o que é sentir o coração doer de amor.

Mas hoje eu sei o que isso significa.

Amar Tomaz dói, é tão intenso quanto beijá-lo, é tão forte quanto sua voz, é tão grandioso quanto seu coração e tão bonito quanto a sua música.

Deslizo minha perna em torno do seu quadril e amo a forma como ele respira fundo quando me aproximo da sua ereção.

— Cristal — geme meu nome com sua voz rouca e ergo meu quadril implorando por algo que ele vem me negando há alguns dias.

Mas hoje é diferente, depois de tudo o que ele fez, dessa música, as luzes e o jantar, a forma como ele me olha, hoje eu sei que é diferente, ele está mais entregue, mais intenso e, quando ele se afasta por um instante, sinto uma pontada de decepção, que logo se vai quando o vejo pegar uma camisinha. Apoio-me nos cotovelos enquanto observo ele vesti-la, seus cabelos bagunçados, seu peito subindo e descendo com a respiração pesada de quem está louco de prazer, é tão bonito que eu desejo que ele demore um pouco mais para poder ficar aqui admirando-o.

Quando ele se aproxima, com seus olhos castanhos doces e gentis, olhos que me observam como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo, passando a mão por minha coxa e erguendo-a, penetrando-me devagar, deixando que meu corpo se acostume ao seu, entregando-me aquilo que nós dois tanto queríamos, fecho meus olhos, permitindo-me apreciar esse momento, sentir a sensação de estar fazendo amor com Tomaz, o homem capaz de escrever sobre seus sentimentos de forma tão especial e que agora está me entregando eles na forma como me ama.

— Eu amo você — digo me contorcendo à medida que ele entra por completo dentro de mim. — Eu amo você — repito com toda a emoção que sinto quando ele se deita sobre mim, seu corpo quente, vivo, forte, me aquecendo de uma forma deliciosa.

— Você está bem? — Tomaz pergunta, a voz tão carregada de desejo que eu poderia gozar agora mesmo, só em ouvi-lo sussurrar isso para mim. Confirmo com a cabeça e ele acaricia meus cabelos enquanto me olha com devoção. — Eu também te amo, minha princesa — confessa e beija minha boca enquanto começa a se mover, devagar, permitindo que eu me acostume com sua invasão, sentindo-o por completo, enchendo-me a um ponto quase insuportável e então ele sai, deixando-me vazia e sedenta por mais até que ele me penetre mais uma vez e a tortura continua por algum tempo, estocadas lentas e profundas acompanhadas de sons roucos que me fazem gemer e me esticar enquanto ele me observa, é sexy e tão primitivo que estou quase lá. Enrosco minhas pernas em seu quadril e agarro sua nuca puxando-o para mim, para mais fundo, para algo mais que eu ainda não sei o que é, mas que seja suficiente para suprir a minha necessidade dele.

Nossos corpos suados colidem com tanta força que estendo minha mão em busca de algum lugar onde eu possa me segurar, ele geme em meu ouvido enquanto sua barba arranha minha pele em chamas e tenho a sensação de que estamos no meio de um furacão, tudo a minha volta parece girar.

— Ai, meu Deus... — choramingo quando sinto que estou prestes a gozar e Tomaz se afasta beijando-me em todas as partes que ele consegue alcançar e, quando ele ergue meu quadril, segurando-me junto do seu enquanto me penetra cada vez mais forte, desabo em um orgasmo

que me faz estremecer, sentindo meu coração bater com tanta força, que mal consigo respirar.

— Isso... — ele diz em meu ouvido enquanto tento me recuperar. — Goza pra mim, princesa — pede enquanto se move com força, envolvo sua nuca em meus braços choramingando de prazer e ele deita a cabeça na curva do meu pescoço aumentando suas investidas, mais bruto à medida que seu corpo se prepara para o clímax, sinto-o enrijecendo quando começa a chegar perto e meu corpo ainda sensível se arrepia com a força com que ele me ama. — Cristal... — Ele segura meus cabelos puxando meu rosto para trás e me beija no instante em que seu corpo estremece de prazer.

Tomaz mantém seus lábios colados aos meus e suas estocadas se suavizam pouco a pouco, quando ele me deita novamente em cima do tapete peludo, tenho a sensação de que cada osso do meu corpo se transformou em gelatina.

Ele se afasta de mim, nossos corpos se separando devagar, Tomaz remove a camisinha e se deita ao meu lado puxando-me para seu peito, ele beija minha testa, sua respiração ainda pesada e seu corpo ainda tão sensível quanto o meu se arrepia com o meu toque. Passo os dedos por seu peito e espalmo minha mão em cima do seu coração, então fecho meus olhos, ouvindo o som saudável e belo do seu coração jovem e perfeito.

Um coração que está pronto para viver um amor que estou disposta a dar a ele. Um coração belo que aprendi a amar desde muito antes desse momento e que, sem que eu percebesse, em uma noite de *réveillon*, salvou-me da tristeza sem imaginar que roubaria o meu coração com suas histórias ruins.

E, pela primeira vez na minha vida, sinto-me triste por ser quem eu sou.



— Você está bem? — Ele passa a ponta dos dedos em meu braço causando um arrepio bom.

— Uhum... — respondo de boca cheia enquanto comemos, ainda nus, embolados no edredom, dividindo um ravióli com molho funghi.

— Uhum... Uhum... — Ele me imita passando o nariz em meu pescoço e me fazendo cócegas.

— Eu posso morrer engasgada, sabia? — digo depois de conseguir engolir a massa entre sorrisos e suspiros.

— Eu sou bom em respiração boca a boca. — Ele enfia o garfo no prato capturando dois raviólis e os enfiando na sua boca linda e provocante.

Coloco o prato no chão ao nosso lado e me viro de frente para ele.

— Engraçadinho você, né, professor?

— Posso ser astro do rock caso minha princesa prefira. — Suas mãos, que ainda não se afastaram do meu corpo nem um minuto sequer, me puxam para mais perto da parte mais... empolgada do seu corpo e, embora eu tenha plena consciência de que estamos no telhado de um edifício completamente pelados, nunca me senti mais segura em toda a minha vida.



— Você é linda — ele diz quando finalmente nos acalmamos, agora deitados um ao lado do outro, à luz das velas deixando seu peito úmido de suor com um brilho dourado.

Acho que nunca fui olhada dessa forma, com essa paixão e admiração, com essa intensidade que faz borboletas voarem em meu estômago, nunca me senti tão mulher como nesse momento.

— Você bebeu três taças de vinho, sua capacidade de análise está comprometida.

— Acredite, todas as minhas capacidades que se referem a você estão completamente perfeitas e, de qualquer forma, eu não podia desperdiçar aquele vinho já que você não tomou nenhum gole.

— Então talvez seja a lua que te enfeitiçou.

— Hummm... pode ser... — ele sussurra, seus dedos brincando em minha pele enquanto ele ergue os olhos para o céu.

— Você sabia que um dia na lua dura treze dias terrestres? — ele fala com a voz um pouco sonolenta e me viro cobrindo nossos corpos com o edredom.

— É mesmo, professor?

— Astro do rock — lembra ainda olhando para a lua.

— Por que decidiu ser astro do rock hoje?

— Porque eles são mais sexys. — Ele se vira para mim, puxando meu quadril para perto e entrelaçando suas pernas nas minhas.

— Mas e se eu achar professores mais sexys que astros do rock.

— Então eu devo estar fazendo algo errado nos nossos ensaios, porque eu jurava que toda vez que você me ouvia cantar sua calcinha

ficava molhada.

Enfio meu rosto na almofada sentindo minhas bochechas corarem enquanto ele beija meu ombro e apoia a testa nele.

— Você sabia que o diâmetro da lua é quase o tamanho do comprimento da China? — diz quase se rendendo ao sono e ao álcool e começo a rir me virando para que ele possa deitar a sua cabeça em meu peito.

— Hum... bem melhor que a lua. — Tomaz beija meu seio direito e enfio minha mão em seus cabelos acariciando-os enquanto sinto suas mãos em meu esterno. — Eu adoro esse som — diz com a cabeça em meu peito.

— Que som?

— Esse. — Ele começa a bater um dedo em minha costela, marcando o tum-tum do meu coração. — É o mais belo do mundo. — Ele ergue o rosto e preciso afastar as mechas para que eu possa ver seus olhos sonolentos. — O som da minha garota.

— Eu amo você, Tomaz Fonseca — admito com a certeza de que não é possível que exista no mundo alguém mais feliz que eu nesse momento.



“Querida mamãe,

Às vezes sinto medo, um medo que me sufoca, na grande maioria dos dias eu tento não pensar nisso, mas em dias como hoje, me permito deixar que a tristeza se aproxime e possamos trocar uma ideia.

Eu gostaria de ser mais corajosa como você; gostaria de ter mais tempo, embora eu mesma não saiba quanto; ou quem sabe, não contar os dias; não pensar na morte, ou talvez só não temê-la. Mas o que mais me assusta é pensar que, hoje, eu tenho em minha vida alguém especial, para quem deixar poemas de amor quando eu partir.

Eu amo um homem, mamãe, e dessa vez eu sei, é para a vida toda, mesmo que eu não faça ideia de quanto tempo isso significa.

Hoje estou com medo e gostaria que você me dissesse que tudo vai ficar bem.

*Com amor,
Cristal.”*

Olho para as palavras escritas no caderno que ela trouxe consigo ontem à noite, faltam algumas páginas para que eu termine de ler e,

embora eu saiba que o que estou fazendo é errado, não consigo parar.

Laura sempre despertou em mim muita curiosidade; no projeto tem alguns textos dela espalhados pelos corredores, ela era uma poetisa, brincava com as palavras com maestria e amava com todo o seu coração.

Sempre me perguntei como pode alguém, que passou tão pouco tempo aqui, pode deixar uma marca tão forte naqueles que ela amou?

Ela morreu quando tinha a minha idade, e mesmo assim já havia vivido um amor que, até pouco tempo atrás, eu não conhecia.

Eu não tinha intenção de bisbilhotar seu caderno, mas esbarrei nele sem querer e ao pegá-lo meus olhos capturaram um poema. Comecei a ler o caderno na intenção de conhecer um pouco mais da mulher que deu a vida à garota adormecida no telhado do meu apartamento, mas à medida que fui lendo suas anotações nas páginas, de início apenas algumas frases infantis que foram amadurecendo junto com sua letra, me dei conta de que esse diário é uma espécie de conversa entre mãe e filha e, nesse momento, não sei se estou compreendendo o que estou lendo.

Penso em descer e pegar meus cigarros, mas a ideia de fumar na sua frente me causa enjoo, então abro a garrafa de vinho e tomo um gole ignorando o fato de ser seis da manhã.

Se levar em conta que eu mal dormi essa noite, talvez seja mais aceitável eu ainda estar bebendo.

Uma ambulância passa lá embaixo e o barulho das sirenes causam arrepios em minha pele.

Deus... o que é isso?

Cristal se move puxando o edredom para o seu rosto, sei que ela está começando a despertar e, por um instante, desejo que ela durma um pouco mais, não sei se quero perguntar o que isso significa, porque ela

trouxe isso com ela, Deus, eu nem sei se quero ouvir o que tem a me dizer.

Olho para sua letra bonita no diário, textos e mais textos sobre César, sinto um pouco de ciúme ao pensar que ele foi tão importante em sua vida e pulo quase todos, principalmente os mais íntimos, tenho pena por ele ter sido tão idiota em perdê-la. Um dia, ele vai se arrepender.

Sinto-me ridículo e errado por estar mexendo em algo que não me pertence, mas o sentimento que mais me preenche enquanto invado a intimidade da mulher que se entregou a mim essa noite, é o medo, estou apavorado ao ponto de bloquear do meu cérebro toda e qualquer conclusão sobre o que estou lendo.

Não pode ser...

Estou lendo errado, com certeza.

O sol começa a surgir com força iluminando o céu e fazendo ela franzir o cenho. Não me canso de olhar para ela, seu corpo tão pálido, que nem parece real, destaca-se no tapete escuro, como uma princesa medieval frágil e adormecida.

“Às vezes, me pego pensando no sentido da vida. Por que algumas pessoas têm tanta sorte enquanto outras parecem ter nascido apenas para sofrer? Às vezes, quando vejo meu irmão sofrendo, sinto-me mal, embora ninguém nunca diga, eu sei, mamãe, foi tudo minha culpa.”

Sinto a dor nas suas palavras, embora não consiga associá-las à garota que me deu suporte no momento mais triste da minha vida. Como ela consegue manter essa leveza enquanto carrega tanta culpa e dor dentro de si?

Tomo mais um gole do vinho desejando que a garrafa estivesse cheia, sinto que hoje vou precisar de todo o álcool que existe.

Folheio o diário, encontro uma foto dela com Gabriel e Christopher, ela deve ter uns quinze anos, foi nessa época que dei aula para ela; na foto seguinte, ela está com a cabeça deitada no ombro de César. Passo por essa o mais rápido que posso e a seguinte é dela ainda bebê, os cabelos quase brancos de tão loiros, uma suave baguncinha em sua pequena cabeça enquanto estende os braços para a sua mãe, aí está ela.

Laura parece menor do que imaginei ser, o que me surpreende já que foi uma mulher tão forte em suas palavras. Ela sorri para a bebê e me sinto triste por Clara... minha Cristal. Tive o privilégio de criar momentos com meus pais, memórias que levarei comigo para sempre, mesmo que um dia sejam tudo o que eu venha a ter. Já ela, minha doce princesa, não teve isso com sua mãe, tudo o que ela tem é esse caderno onde ela divide suas angústias com um pedaço de papel que não pode respondê-la.

— Pelo visto, você começou sem mim — ela chama minha atenção e fecho o caderno como se estivesse sendo pego fazendo algo errado.

Porra, claro que fui!

— Desculpe, eu...

— Tudo bem, eu o trouxe exatamente para isso. — Clara se senta colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, ela olha em volta e encontra seu vestido, passa ele por sua cabeça, vestindo-se antes de continuar: — Acho que a gente precisa conversar.

— Sim, só não sei se quero conversar. — Olho para o caderno, as palavras dançam em minha mente, incapazes de formular uma pergunta coerente.

— Quer perguntar alguma coisa? — pede depois de um instante e ergo os olhos do caderno.

— Acho que estou com medo de perguntar.

— Pergunte, não tenha medo. — Ela ainda parece tão calma.

— Quanto... quanto tempo?

Ela sorri e, por mais que eu tente entender, não consigo encontrar um motivo para que seus lábios se movam desse jeito.

— Como vou saber? — Ela ergue os ombros e meu peito dói como se uma bola de ferro o acertasse, bem no meio dele. — Essa é a magia da vida, não é? A gente nunca vai saber, Tomaz, seu pai não deveria viver mais que dois meses e ele resistiu muito mais que isso, minha mãe deveria ter tido no máximo quinze anos, mas ela foi considerada um milagre da medicina e viveu o dobro do que lhe foi dito. Talvez, se eu não tivesse nascido, ela teria vivido mais, o tempo suficiente para salvar o meu irmão, para dar a meu pai mais tempo e maturidade para se preparar, mas ela escolheu a mim e eu me sinto tão grata a ela, que não me permito pensar muito no tempo que tenho, eu prefiro usá-lo da melhor forma que posso, aproveitando cada pedaço do dia, mesmo quando é difícil. Quanto tempo temos nesse mundo? Essa é a pergunta de um milhão de dólares.

— Eles estavam doentes — afirmo sem querer entrar nessa de viver a vida e foda-se seja lá o que ela quer dizer com isso.

— Eu sei — sussurra e ergue as sobrancelhas, impeço as palavras não ditas de entrarem em minha mente, como se não aceitá-las fizesse com que o que ela está tentando me dizer fosse menos real.

— Não, Clara. — Balanço a cabeça em negação.

— Tomaz — ela me chama.

— Não, por favor. — Esfrego o rosto antes de olhar para ela, observo seu rosto e me pergunto quanto da sua palidez é saudável. — Essa cicatriz? — Aponto para o seu peito me recordando do dia em que ela me

contou como se cortou brincando em cima de uma árvore quando era criança.

— Cateterismo aos dez anos.

— As vitaminas para anemia.

— Remédios.

— As suas mãos. — Olho para elas, seus dedos longos, pálidos e sempre tão frios, estão delicadamente entrelaçados.

— Má circulação.

— Deus... meu Deus... isso não pode ser real. — Levanto e caminho até a borda do edifício incapaz de acreditar no que estou vivendo. — O cansaço não era fome. — Viro-me e olho para ela, Clara abaixa o olhar e nega.

— Infelizmente não.

— Jesus Cristo, isso não pode estar acontecendo! — Esfrego meu rosto tentando colocar as coisas em ordem na minha cabeça.

— Tomaz — ela me chama quando nota meu desespero e só me dou conta de que ela está do meu lado quando sinto o toque das suas mãos. — Está tudo bem.

Frias... sempre tão frias.

— Não, Clara, não tem nada bem. — Balanço a cabeça enquanto observo o lugar que preparei para nós dois ontem à noite, quando acreditei que poderia ser feliz.

— Tomy, olha pra mim, por favor. — Ela segura meu rosto me obrigando a encarar seus olhos grandes e atrevidos, cheios de vida.

— Diz pra mim que é mentira. — Envolvero seu rosto em minhas mãos e, quando ela desvia o olhar, sinto como se estivesse despencando desse edifício.

— Não posso.

Afasto-me dela caminhando até a mesa, espalmo minhas mãos e encaro o caderno desejando nunca tê-lo aberto.

— Ontem você veio disposta a me contar?

— Eu não poderia esconder isso de você por mais tempo. Mas não achei justo conosco, ontem foi mágico.

— Onde está a justiça nisso, Clara?

— Não sei, não faça perguntas que não tem respostas, elas só servem para nos ferir.

— Quando você sofreu aquele acidente, o Vinicius veio falar comigo.

— É, eu sei. Ele me deu um ultimato, disse que se eu não te contasse ele contaria.

Ergo o rosto para olhar para ela. Como ela pode estar tão calma enquanto falamos sobre algo que levou a sua mãe?

— Meu Deus... — sussurro incapaz de aceitar que ela esteja mesmo doente. — Quando você descobriu?

— Eu tinha mais ou menos uns cinco anos, comecei a ficar cansada com muita facilidade, um dia desmaiei na escola e meu pai me levou ao hospital e exigiu que me vasculhassem até o último fio do meu cabelo. Foi quando ele descobriu que eu havia herdado a mesma doença da minha mãe.

— Então, você convive com isso desde pequena?

— Sim, foi aí que ele me levou para Londres, não tinha como ele cuidar de mim, o Gabe estava dando trabalho, ele não tinha cabeça para lidar com tanto problema e minha avó, bom digamos que meu pai e meu irmão herdaram esse jeito mandão dela, de certa forma foi bom, porque ela cuidou de mim enquanto meu pai tentava lidar com o Gabe.

Sento-me de novo na cadeira, apoio os cotovelos nas minhas pernas e sustento minha cabeça, que parece prestes a explodir.

Uma avalanche de pensamentos começa a encher minha cabeça.

“Todos estamos aqui de passagem, uns ficam mais, outros menos...”

Não... não... não pode ser.

Sinto o desespero apertar minha garganta, como a mão de um inimigo que me odeia, com tanta força, que não se importa de me ver sofrer.

Todas as lembranças que passei nos últimos meses com meu pai voltam: o medo, a dor, a revolta, a tristeza e, o pior de todos, a saudade.

— Tomaz, por favor, olhe para mim. — Ela está ajoelhada entre minhas pernas, suas mãos em volta do meu rosto, secando-o enquanto ela me pede para olhar para ela.

Não quero olhar, não posso, porque vou perdê-la e não vou sobreviver a isso.

— Ei, meu amor, olhe para mim. Eu estou aqui com você e estou bem, eu juro, eu não vou a lugar nenhum.

— Como você pode me prometer isso? — Encaro seu colo incapaz de erguer o rosto.

— Porque eu me cuido, tomo meus remédios e faço tudo que os médicos pedem, Vinicius cuida de mim aqui e tenho uma equipe muito boa em São Paulo, que me mantém na linha. — Ela ergue meu rosto e volta a secar as lágrimas que não param de cair. — Eu vou ficar bem, nós dois vamos.

— Você passou mal aquele dia, eu sabia que estava acontecendo algo, mas nunca imaginei que seria isso.

— Me desculpe, eu estava esperando o momento certo para te contar, quando você estivesse mais forte emocionalmente, quando você voltasse do show, quando a gente estivesse mais próximo... eu fiquei me

prendendo a todas as desculpas que encontrei, porque não queria ver essa expressão em seu rosto.

— Eu estou apavorado, Clara — admito e ela sorri de forma triste.

— Eu sei, também estou.

— Eu não posso te perder — admito.

— Também não quero te perder, por isso fui covarde.

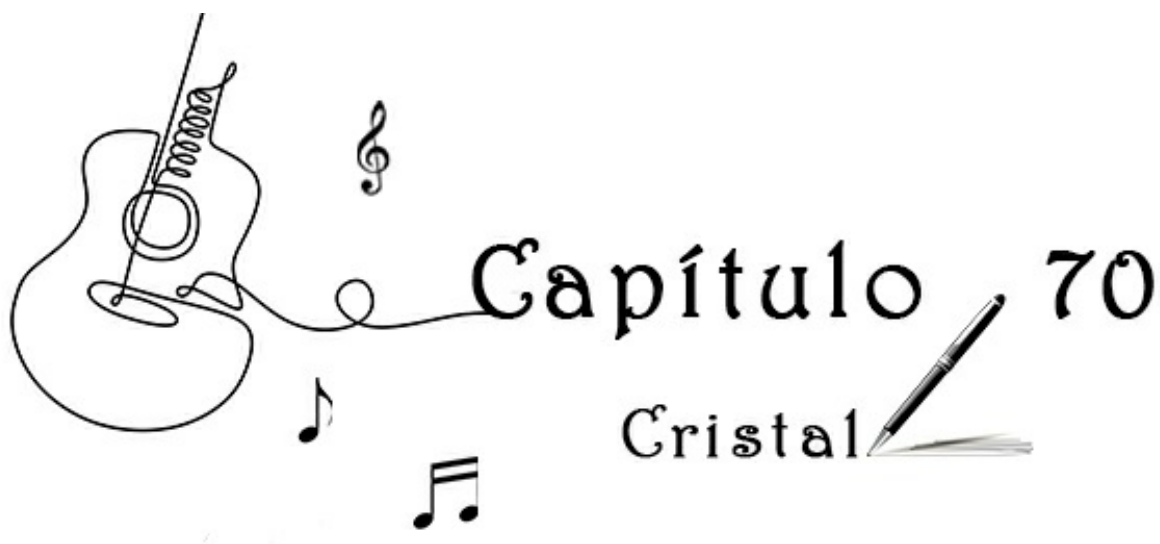
— Isso não é justo! Não agora que te encontrei. Por que você, droga, por que a gente?

Volto a chorar, as lágrimas que não consegui derramar desde que meu pai morreu finalmente encontram um jeito ainda mais cruel de se libertarem.

Clara se levanta afastando meus braços e se sentando em meu colo, puxo-a para mim desejando que meu amor tenha o poder de curá-la enquanto minhas lágrimas escorrem por sua pele. Ela beija meus cabelos enquanto diz que está tudo bem, que vamos ficar bem.

Acontece que eu já ouvi isso e, infelizmente, eu sei que essas palavras nunca vêm acompanhadas de algo bom.

A represa se rompeu e tudo o que posso fazer é deixar que ela siga seu caminho para fora de mim.



*“Querida Cristal,
Às vezes precisamos ser fortes por aqueles que amamos.
Com carinho,
Mamãe.”*

Estou sentada na mesma poltrona de couro em que estive nos últimos seis anos, ao longo do tempo poucas coisas mudaram na confortável sala de dez metros quadrados, a mesma mesa de madeira elegante e cara, as mesmas pilhas de papéis, as fotos e desenhos foram sendo atualizadas e hoje conta a história do homem a minha frente.

Observo cada detalhe enquanto suas palavras dançam em minha mente:

Cardiopatia genética.

Hereditário.

Controlado.

Transplantes.

Sem cura.

Vida quase normal.

A primeira coisa que Tomaz disse quando conseguimos nos soltar foi que precisava falar com Vinicius, e é o que estamos fazendo. Desde que chegamos, ele não para de falar, já fez milhares de perguntas e tenho quase certeza de que vasculhou alguma coisa na internet enquanto eu tomava banho. Agora estamos aqui enquanto Vinicius responde a cada uma delas com toda a paciência e palavras difíceis que tanto gosta de usar.

Estou acostumada a essa rotina. Uma vez por mês nos encontramos; uma vez por semestre, eu e meu pai viajamos para minha bateria de exames; uma vez por ano choro por mim; uma vez por dia, pergunto-me quanto tempo tenho e me obrigo a aceitar que nenhuma pessoa nesse mundo sabe essa resposta, seja ela a mais saudável ou a mais doente. Nesse ponto, estamos todos iguais.

Hoje me sinto pequena, frágil, defeituosa, quero gritar, sair correndo, fingir que tudo não passa de uma brincadeira, quero pedir para Tomaz parar de fazer perguntas, quero que Vinicius minta para ele, quero ser outra pessoa, uma garota saudável e normal, quero que ele volte a me olhar como na noite passada quando fizemos amor.

Mas querer não é poder e, nessa vida, eu descobri muito cedo que eu posso muito pouco.

Sua mão está fria e úmida, ele está nervoso, mas se mantém na sua pose de durão, eu já o conheço o suficiente para saber que esse é seu escudo para os momentos em que não está dando conta. Eu ouvi sua voz estremecer quando seu pai estava morrendo, conheço esse tom, conheço a fragilidade dela, conheço cada uma das vezes em que ele limpa a garganta para tentar manter a voz forte.

Vinicius olha para mim e sorri, sua covinha surge e seus olhos azuis como o céu parecem cheios de alegria. Ou talvez seja orgulho.

— Ela está bem, temos cuidado dessa garota há muitos anos e posso te garantir que ela é muito responsável com sua saúde. Se ela continuar seguindo à risca tudo o que pedimos, ela vai viver muitos anos.

— Muitos quantos? — Tomaz pergunta e viro meu rosto para ele. Mas ele não me olha.

— Quantos Deus quiser, como eu posso te dar essa resposta? Nem eu sei quantos anos vou viver.

— E sobre filhos?

Meu coração para de bater quando ele faz a pergunta, desvio o olhar para o porta-retratos na minha frente, Vinicius e Poliana estão sentados na grama, Noah, Bento e Nina estão em torno deles; é uma linda família e, embora eu saiba dos riscos para alguém como eu, nunca parei para pensar se um dia eu teria filhos.

— Hoje em dia é bem menos arriscado do que trinta anos atrás, mas ainda assim é algo que precisa ser conversado.

Vinicius olha para mim, sinto seu olhar em meu rosto, assim como sinto minhas bochechas queimarem.

— Assim que ela decidir, a gente conversa sobre isso — ele completa, mas permaneço quieta, pensando em tudo o que para mim é tão difícil.



Tomaz para o carro na frente da casa do meu pai, estamos em silêncio desde que saímos do consultório do Vinicius, seu rosto está tão sério que tenho a sensação de que ele vai se partir ao meio a qualquer momento.

Sinto-me mal, envergonhada, mesmo que eu não tenha culpa por ter nascido assim, sinto como se eu estivesse, de alguma forma, machucando

mais uma vez alguém que amo com minha condição.

— Clara — ele me chama e sua voz é tão grave e séria que me assusta.

— Sim — sussurro, incapaz de dizer nada mais que isso.

— Tem mais alguma coisa que eu precise saber?

— Como?

— Mais alguma mentira? Algo que você esteja me escondendo?

— Tomaz.

— Por favor, eu preciso saber.

— Eu não escondi nada de você.

Ele me olha com uma expressão de quem não acredita em mim. Eu compreendo.

— Eu não menti — defendo-me.

— Tem certeza? — Sua pergunta está cheia de mágoa e, mesmo que ele tenha todos os motivos para estar magoado comigo, eu me sinto péssima.

— Não estou mentindo para você, não mais.

— Como posso ter certeza?

— O que você quer que eu faça?

— Eu não sei, sinceramente eu não sei. — Ele apoia o rosto no volante e me sinto péssima por estar tendo essa conversa com ele. Estendo minha mão para tocar seus cabelos, mas desisto no meio do caminho e a coloco em meu colo.

Sinto que estou perdendo-o, que ele não confia em mim, que está em dúvida sobre nós e isso me deixa mal.

— Tudo bem, compreendo você. Eu menti, escondi uma coisa importante, você deve estar se sentindo enganado, mas quero que saiba que nada foi planejado, essa coisa entre nós foi acontecendo, eu nunca quis te magoar.

Ele ergue o rosto do volante e me olha, seus lábios presos entre os dentes, os cabelos quase cobrindo os olhos sombreados pelas olheiras de quem não dormiu a noite toda.

— Essa coisa? Eu te amo, Clara, isso vai muito mais além de uma coisa.

— Eu sei. — Baixo a cabeça. — Sinto muito — digo do fundo do meu coração quando ele apoia a cabeça no encosto do banco e me olha com uma expressão cansada.

— Eu também.

— Acho melhor eu entrar, preciso fazer algumas coisas e você tem reunião com a banda daqui a pouco.

— É, acho melhor.

— A gente se fala.

— Claro.

Abro a porta do carro e saio sentindo vontade de chorar, não sei o que ele está pensando nesse momento e, sinceramente, não tenho certeza se quero saber. Às vezes, é preciso um pouco de tempo para a poeira baixar e ver o que é real e o que é apenas ilusão.



Entro na enorme e silenciosa casa onde cresci à sombra da mentira, sempre acreditei que mentir era uma forma de proteger as pessoas que amo de sofrer por algo que não se pode controlar, mas hoje, enquanto observava o rosto retorcido de dor de Tomaz, percebi que isso é uma terrível ilusão, não há como proteger ninguém de algo que é inevitável. Isso é apenas uma forma covarde de enfrentar a vida.

Vou até a cozinha e abro a geladeira em busca de algo que faça o caroço em minha garganta desaparecer, mas não há nada lá dentro, nem em lugar algum. Ignoro as lágrimas pesadas que escapam dos meus olhos nublados enquanto vasculho entre potes de comida e garrafas a cura para a minha dor, ouço os passos de alguém se aproximando e, quando ouço sua voz, noto o quanto eu precisava dele.

Só ele é capaz de me compreender, de saber o quanto me machuca magoar as pessoas que amo. Só ele sabe o que é conviver com essa dúvida em meu peito.

Só ele.

— Clara — ele me chama e, quando me viro olhando para seus olhos verdes cansados e cheios de amor, ele não diz nada, apenas abre seus braços e corro em sua direção aninhando-me em seu colo enquanto meu pai me envolve em um abraço carregado de todas as palavras que preciso ouvir, mas que não precisam ser ditas, porque eu as sinto.



O ensaio é uma merda.

A reunião é uma merda.

Minha vida é uma merda.

E sou o cara mais teimoso do mundo porque sei que só há uma maneira de resolver isso, mas ainda estou irritado demais para fazer o que é preciso, então eu sigo dia após dia vivendo uma vida de merda enquanto tento encontrar uma forma de lidar com a droga da realidade em que Clara é uma versão 2.0 da sua mãe.

Merda de vida!

Não consigo falar com ela sem que eu me desmanche como uma criança, que não entende que nunca terá o brinquedo que deseja. Então me enfiei no estúdio desde o dia em que a deixei em casa e aqui estou.

Dois dias em que tudo o que faço é pensar, escrever, comer *fast-food*, lamentar minha vida desgraçada e escrever.

Tenho certeza de que a grande maioria das composições é tão miserável quanto eu estou me sentindo, mas ao menos duas delas agradaram os outros caras e estamos trabalhando nelas desde então.

Passamos horas tentando encontrar o tom certo para as duas novas músicas que apresentei a meus companheiros, mesmo quando encontramos algo que parece bom, decido que não está boa o suficiente e ficamos mais duas horas na mesma canção.

— Já chega — Luís diz retirando o baixo do ombro e colocando no pedestal. — Eu tô morto, não aguento mais, preciso de uma cerveja. — Ele sai do estúdio e sei que está se afastando para não brigar comigo. Uma pena, eu daria tudo para que alguém brigasse comigo, alguém com quem eu possa lidar, já que a vida é um adversário sujo e cruel.

Guilherme fica me olhando por um tempo antes de sair de seu lugar e vir até mim.

— Tomaz, eu sei que você está inseguro, mas não temos tempo para isso, o show é no fim de semana e amanhã a gente tem passagem de som e teste de luz no palco, precisamos definir o que vai e o que fica — ele diz enquanto dedilha a mesma nota pela milionésima vez.

— Você tem razão, vamos passar as outras — digo ainda encarando o violão em meu colo.

— Ei, cara — ele chama a minha atenção. — O que está acontecendo?

— Nada.

— Na boa, mas você tá uma merda.

Acredite, você também estaria se soubesse que sua garota está doente, a mesma doença que levou a sua mãe embora.

— Tô sabendo.

— O que eu posso fazer pra te ajudar?

Que tal trocar o seu coração pelo dela?

— Nada.

— Está tudo bem com sua mãe? — pergunta e balanço a cabeça afirmando. — E com a Clara? — Ergo os olhos quando ele fala o nome

dela, sei que seria bom para mim dividir a bomba que carrego em meu peito com alguém e, além de Fábio e Rio, Guilherme é o mais próximo que tenho aqui.

Mas não consigo. então eu minto.

— Tá tudo ótimo.

— Vocês brigaram?

— Tá tudo ótimo — repito e ele me observa por alguns instantes antes de se afastar voltando a ocupar seu lugar na bateria. — Podemos repassar a última música só mais uma vez? — mudo de assunto ignorando o meu peito apertado.

No fim do dia estamos mais confiantes do que nunca, eles anotam detalhes que precisam ser verificados e atendem telefonemas que eu recuso enquanto guardo as minhas coisas, ciente de que falei pouco mais de duas dúzias de palavras o dia inteiro.

Guilherme me ameaça dizendo que, se eu não for para casa, ele vai me jogar dentro de uma caixa d'água e depois vai ligar para a minha mãe e eu sei que ele faria isso. Então eu arrasto minha bunda para fora do estúdio depois de dois dias trancafiado dentro dele.

Saio na noite fria em direção ao meu apartamento, mas não suporto a ideia de entrar nele sabendo que a última vez que estive lá Clara estava em meus braços e eu acreditava que tudo estava bem, que seríamos felizes. Então vou para o único lugar nessa cidade em que me sinto em casa.

O bar onde toco desde os vinte anos é um lugar simples e acolhedor, as mesas gastas com o passar dos anos carregam em suas ranhuras as histórias de milhares de pessoas que já passaram por aqui, o palco, meu lugar favorito do mundo, tem as marcas dos nossos instrumentos,

reconheço cada rachadura daquele chão gasto e me sinto confortável aqui dentro.

Sento-me no banco do balcão e ignoro os olhares das pessoas que me conhecem a tempo suficiente para saber que, embora eu não seja um cara vaidoso, ao menos gosto de manter uma boa aparência, ao contrário do mendigo que acaba de se sentar.

— Ei, me traz uma bebida — peço a um dos garçons, eu preciso de algo que me faça parar de pensar em todas as tragédias que pode acontecer e deixe minha visão tão embaçada que fazer pesquisas no *Google* seja impossível.

Então trabalho arduamente na tarefa de encher meu cérebro idiota de álcool, já que não posso impedir o meu coração maldito de doer.

A noite se arrasta como um velho ancião e eu mal consigo tomar dois copos de uísque antes de me dar conta de que não adianta encher a cara, amanhã tudo o que terei é uma dor de cabeça e nada vai mudar, ela ainda estará doente e eu ainda serei um miserável apaixonado, então vou para casa decidido a beber sem a presença de ninguém para me julgar.



Ouçó o barulho de alguém batendo a porta, forço meus olhos a se abrirem e noto que o dia já amanheceu. Junto as folhas espalhadas pelo chão, amontoados de palavras que finalmente falam sobre um amor que nunca desejo sentir, mas que parece uma força da natureza, capaz de destruir tudo a sua volta.

Mais batidas e minha vontade de ignorá-la e me trancar no quarto é tentadora, mas me arrasto até a porta e a abro para encontrar a última

pessoa que eu desejava ver na vida.

— Eu não vou perguntar o que você está fazendo aqui, porque provavelmente só existe um assunto que faria você arrastar a sua bunda até a minha casa a essa hora da manhã. Então, se veio aqui para me bater, faça logo o que tem que fazer e me deixe em paz.

Gabriel olha para mim como quem olha para um saco de lixo, seu olhar frio e arrogante me deixaria incomodado em qualquer outra situação, mas nesse momento não consigo sentir nada além de um cansaço tão grande, que não tenho forças sequer para mandá-lo embora. Então apenas caminho até a sala e deixo a porta aberta para que ele faça o que bem quiser.

— Não seja idiota, não bato em cachorro morto e você se parece exatamente com isso, um cachorro sujo e morto.

— Que seja. — Sento e apoio o rosto nas mãos sentindo a cabeça doer pela noite em claro, a segunda seguida às vésperas do show.

Merda!

— Diga logo o que você quer de mim e me deixe em paz! — resmungo.

Gabriel não fala, nem ao menos se mexe e o apartamento fica tão silencioso, que sou obrigado a levantar o rosto para ter certeza de que ele continua por aqui.

— Eu quero que você saiba que eu não fazia ideia de quem ela era. Eu jamais a tocaria se soubesse — digo, mesmo sabendo que não me importo nem um pouco com o que pensa sobre mim.

— Eu sei — ele diz e suas palavras me surpreendem. — Ela me contou tudo.

— Bom...

— Eu não gosto de você, Tomaz. Na verdade, durante muito tempo, você foi o meu maior pesadelo, o exemplo inalcançável do que eu jamais poderia ser — ele diz com a voz calma de quem aprendeu, depois de anos, a controlar suas emoções. Mas eu o conheço o suficiente para saber que, seja lá que ele veio fazer aqui, está lhe cobrando todo o esforço que ele é capaz de fazer. — Na verdade, eu te detestei durante anos por saber exatamente quem você é e o que eu jamais serei.

Ele esfrega a nuca e olha para os papéis amontoados ao lado do violão.

— Eu posso ser um idiota, grosseirão e explosivo, mas sou um homem capaz de reconhecer a verdade, mesmo que eu não goste dela.

— Eu já entendi que você não gosta de mim e, na boa, eu não dou a mínima. Só não entendi ainda o que diabos você veio fazer aqui — digo sentindo que minha cabeça vai explodir.

— Eu posso não gostar de você, mas eu amo a Clara com todo o meu coração, não existe nada nesse mundo que eu não seria capaz de fazer por aquela garota. — Gabriel olha para mim como se estivesse prestes a fazer um trato com o próprio diabo e continua: — Quando minha mãe... — ele limpa a garganta e desvia o olhar. — Quando minha mãe morreu, ela me pediu para cuidar da Clara, ela confiou em mim porque sabia que, por muito tempo, meu pai não seria capaz. Eu tentei, enquanto eu pude, eu cuidei dela, mas... — Ele passa a mão na nuca nitidamente envergonhado. — Você sabe que, durante anos, não fui o irmão que ela merece, mas prometi a ela, no dia que escapei daquele sequestro, eu prometi que jamais falharia com ela.

Gabriel respira fundo e, pela primeira vez na vida, eu sei o que ele está sentindo, conheço sua dor e me surpreendo com a admiração que

sinto por sua luta, porque, mesmo depois de tudo, ele ainda encontrou um motivo para seguir adiante.

— Ontem, quando cheguei em casa, percebi que algo estava estranho. Ela estava triste, amuada como um cachorrinho, não sorriu nenhuma vez e caralho... ela tem o sorriso mais lindo do mundo. Ela não quis sair, nem ver série comigo, não quis conversar com a Carol e não me contou que porra está acontecendo, ela só ficava se arrastando pela casa igual a um zumbi e hoje, quando acordei e percebi que ela não havia dormido, eu soube que precisava fazer algo.

Ele caminha até mim e se senta na cadeira a minha frente cruzando a perna esquerda na direita como um assassino frio.

— Eu não gosto que mexam com a Clara. Eu sei que não posso evitar que ela se magoe, mas vou tentar fazer o possível para evitar que ela fique triste.

— Você sabe por que brigamos?

— Sei. — Ele balança a cabeça. — Minha irmãzinha está apaixonada, e imagine a minha alegria ao saber que o responsável por ter quebrado o seu coração não é o filho da puta que estou louco pra quebrar a cara desde o Natal e sim o desgraçado que foi a pedra na porra do meu sapato a vida inteira.

— Ah, mas que merda... — Esfrego o rosto quando noto que, além de mim, Gabriel parece também ter sido enganado todo esse tempo.

Ele não sabe de nada.

Gabriel se inclina para a frente e olha para mim. Tenho pena do homem que defende a mentirosa da irmã, como se ela fosse a pessoa mais justa do mundo. Será que ele a defenderia assim se soubesse que ela o enganou?

— Eu tô aqui para dizer que, embora eu não me sinta muito confortável em saber que a minha irmã e você estão... — ele faz uma careta como se falar aquilo o causasse dor. — Enfim, eu não vou atrapalhar, não enquanto você a fizer feliz; e, por incrível que pareça, você faz. Então levanta essa bunda dessa merda desse sofá, vai tomar um banho, limpa essa cara que você está um lixo, toma um café para curar essa ressaca de merda e vai lá colocar de volta o sorriso no rosto dela.

— Você não pode entrar na minha casa e achar que pode mandar eu fazer alguma coisa, seja lá o que for.

— Eu prometi a Carol que seria um homem adulto e falaria educadamente com você, mas não me provoque, ou vou dar motivos para a sua cabeça doer de verdade e não vai ter nada a ver com aquela garrafa que você esvaziou na noite passada.

Inclino-me para a frente, com meu rosto a poucos centímetros de distância dele, olho dentro dos seus olhos verdes, tão parecidos com os dela que me deixa atordoado, abro a boca para dizer a verdade, que ela mente para todos, que ela, assim como sua mãe, está doente e pode morrer a qualquer momento, mas não digo nada. Como ele mesmo disse, não se bate em cachorro morto e, ao contrário do que Gabriel pensa, eu não sou o único nessa situação aqui.

Ele só não sabe ainda.

— Obrigado pelos conselhos, eu preciso ir, tenho reunião em... — olho para o meu pulso vazio — uma hora.

Gabriel me olha como se quisesse me matar e, sinceramente, eu sei que se pudesse era o que ele faria. Em seguida se levanta e vai em direção à porta; antes de sair, ele se vira e olha para mim.

— Eu já estive aí no seu lugar, me martirizando e tentando provar a mim mesmo que eu não era um cara bom para a minha mulher, eu lutei

contra o que eu sentia por ela e quase a perdi, mas no fim descobri que isso é bobagem, você só está protelando, mas, no fundo, sabe que a única forma de acabar com seu sofrimento é resolver as coisas com ela. Então, não seja teimoso porque eu sou o rei da teimosia e sei o que estou falando. Você não vai chegar a lugar nenhum desse jeito, então faça logo o que tem que fazer.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro e abre a porta.

— E por tudo que é mais sagrado, esse assunto morre aqui, porque nem que o próprio Jesus Cristo desça e me peça para voltar a jogar minha irmã em seus braços, eu não faço isso. Nunca mais. Resolva logo essa porra!

Gabriel sai batendo a porta e fazendo com que meu cérebro vibre dentro da minha cabeça e que meu coração idiota se agite no meu peito cansado de sofrer.

— Não posso resolver o que está me matando, infelizmente não posso.



*“Querida mamãe,
Os homens são uns babacas!
Com amor e muita raiva.
Cristal.”*

Dois dias.

Dois longos dias em que ele não fala comigo. Sério, eu imaginava que, ao lidar com um homem mais velho, eu estaria livre desse tipo de comportamento infantil, mas Tomaz está me provando que homens não amadurecem nunca.

Tudo bem, isso é algo que Gabriel já havia de mostrado; aos trinta anos, ele, às vezes, ainda se comporta como se tivesse vinte, mas ele é meu irmão e imaginei que isso fosse algum tipo de carma familiar.

Mas não é.

— E aí, nada ainda? — Carol se senta à minha frente segurando uma caneca de café e um livro. Ela sempre está carregando um livro, seja para onde for. É sua marca registrada.

— Não! — resmungo com raiva.

— Não fique brava com ele, Tomaz é assim, ele tá se esforçando.

— Como você sabe? Talvez ele esteja apenas sem coragem de contar para a coitada da garota doente que não tá a fim de se relacionar com alguém como eu.

— O que tem alguém como você? — Gabriel entra na cozinha com a cara de quem acabou de matar uma ninhada de filhotes de lobos.

— Nada.

— Por que eu não posso saber das coisas? — Ele olha para Carol e para mim como se tentasse ler nossas mentes.

— Exatamente porque eu não quero ter que ficar lidando com essa sua cara feia.

— Se você soubesse todas as coisas que faço por você seria um pouco menos malcriada.

— Gabe, por favor... — Carol pede com seu olhar recriminatório.

— Ah, que se foda! Se eu não fosse excluído das coisas, minha cara estaria melhor.

Ele pega uma garrafa de suco de laranja e se senta ao lado de Carol. De frente para mim.

Às vezes, é cansativo ser irmã do Gabriel, principalmente quando quero evitar assassinatos desnecessários.

— Se te deixa melhor, o imbecil do seu namorado está muito pior do que você — ele fala enquanto enche o copo de suco.

— Que namorado?

— Caralho! Você terminou com o almofadinha do Tomaz?

Carol aperta os lábios para não sorrir e, embora eu fique feliz em vê-la tão feliz, não consigo compreender onde está a graça nisso tudo.

— O que você fez?

— Eu fui um bom irmão, aliás, me agradeça. — Ele toma um longo gole do suco, como se fosse um bárbaro viking após a batalha.

— Gabriel.

— O quê? Eu fui fazer o meu papel de irmão. Não aguento mais ver essa sua cara e, acredite, a dele está mil vezes pior. Eu nem sei se ele tá tomando banho.

Noto um ar de satisfação nas palavras do meu irmão e quero matá-lo por saber que ele foi até Tomaz.

— O que você fez?

— Nada, apenas dei um recadinho educado para o seu namorado.

— Jesus Cristo! — Deito a cabeça na bancada fria enquanto ouço Gabriel falar de sua visita a Tomaz.



Depois do almoço, eu e Carol vamos a ONG, Fábio mandou entregar uma caixa de livros em casa e, como ele e Vê estão viajando, de novo, nos comprometemos a levar até lá.

Deixo Carol organizando as coisas e vou até a sala do outro lado do prédio ver o Ben, sei que ele vai embora em alguns dias e quero passar um tempinho com ele e, já que sua casa não é mais uma opção, só me resta a ONG. Quando chego, o encontro sentado em seu piano, ele está concentrado em algo e só noto que não está sozinho quando ouço a sua voz.

Grave, séria, rouca...

Deus, que saudades da sua voz!

Estou prestes a dar meia-volta e ir embora quando Ben me chama, sinto o coração acelerado quando Tomaz se vira e olha para mim. Gabriel não mentiu quando disse que ele estava péssimo, tenho a sensação de que ele emagreceu nos últimos dois dias e sua barba agora cobre todo o seu rosto como um náufrago perdido.

— Oi. — Aceno para ele ainda na porta e Tomaz me olha como se não soubesse quem eu sou.

Será que dois dias foram suficientes para ele esquecer o meu rosto?

— Oi — ele sussurra de volta.

— Eu vim dar um beijo no Ben — explico.

— Tudo bem, eu vou dar uma volta, pode ficar à vontade.

Tomaz coloca o violão no pedestal e se levanta vindo na minha direção. Quando chega perto, ele para na minha frente, seus olhos castanhos parecem ainda mais tristes e cansados e os cabelos caem em seu rosto.

Que saudades de tocar suas mechas, de acariciar seu rosto, de abraçá-lo e ouvir suas histórias bobas.

Parece que faz anos e não apenas dois dias.

— Eu preciso passar. — Ele aponta para a porta e dou um passo para o lado permitindo que passe, Tomaz esbarra em meu braço, um toque tão sutil, mas que me faz notar o quanto estou sentindo sua falta.

Ele sai da sala, mas não consegue se afastar, continua parado de costas para mim e de onde estou, ouço o som da sua respiração, forte e pesada, difícil, cheia de sentimentos, que não é capaz de sustentar em silêncio.

Sinto o calor do seu corpo, tão perto de mim que, se eu me inclinar um pouco, posso tocá-lo, mas ao mesmo tempo, tão longe emocionalmente que não consigo falar.

Então espero que ele tenha mais coragem do que eu, ou que vá embora de uma vez e me deixe aqui.

— Podemos conversar um instante? — ele sussurra ainda de costas para mim.

— Sim, claro. — Viro-me para ele e o sigo até o meio do corredor.

Tomaz enfia as mãos nos bolsos do jeans enquanto encara o chão e me apoio na parede esperando que ele não seja capaz de ouvir o quanto meu coração bate forte nesse momento.

— Seu irmão foi na minha casa.

— Eu fiquei sabendo. Quero pedir desculpas, seja lá o que ele falou, eu não sabia, ou não teria deixado.

— Tudo bem, ele só foi o Gabriel de sempre.

— Ah, meu Deus...

Tomaz anda de um lado para o outro no pequeno espaço entre nós, sinto seu nervosismo e sei que preciso fazer algo para mudar isso.

— Tomaz, eu...

— O Gabriel também não sabe, né? — questiona e noto que essa conversa não tem a intenção de mudar nada entre nós. É mais uma acusação que qualquer outra coisa.

— É complicado.

— O quê? Falar a verdade é complicado?

— Tudo é complicado.

— Eu tive pena do Gabriel, você tem ideia do que é isso?

— Tomaz..

— Não, nem tente se defender, isso é muito grave, não sei de onde você tirou a ideia de que mentir é a melhor solução, porque não é — ele se exalta nas últimas palavras e me encolho. — Porra, eu não posso fazer

isso, eu não posso fazer parte dessa rede de mentiras, eu não vou compactuar com isso.

Ele enfia uma mão nos cabelos nitidamente frustrado.

— Eu não sei por que você faz isso. O cara te ama, ele morreria por você.

— Eu sei. — Sinto a emoção em minha voz. — É exatamente por isso que eu não contei, porque eu sei que o Gabriel poderia pirar se soubesse.

— Dê a ele o benefício da dúvida, você não pode julgar as atitudes das pessoas, cada um tem que lidar com suas merdas sozinho.

— É por isso que você me afastou?

— Sim — responde friamente e sinto um soluço se formar em minha garganta. — Eu tenho um show importante em dois dias, não tenho condições de lidar com tudo isso agora.

— Então, você me deu um pé na bunda?

— Para, Clara, não faz isso, você não é a vítima aqui.

— Não, eu sou a vilã. Afinal de contas, eu escolhi nascer com a merda do coração fodido. Quem não quer um drama nível máster em sua vida, não é mesmo?

— Mas você escolheu mentir para as pessoas. Isso faz de você a vilã, não a sua... — Ele olha para o meu peito, como se fosse capaz de ouvir as batidas defeituosas do meu coração. — Ah, Deus... Eu preciso ir.

— Então a gente...

— Não... para, por favor, não faz isso.

Ele caminha para longe de mim, as mãos enterradas fundo nos bolsos da sua calça, seus ombros caídos, seus cabelos bagunçados. Um caos em forma de homem.

— Ah... — Ele para e se vira para mim. — Conta isso para o Gabriel, ele merece saber.

Então ele vai embora me deixando sozinha no meio do corredor, sentindo o meu coração doer, de um jeito que nenhum médico no mundo será capaz de resolver.



— Você tem certeza de que quer fazer isso, filha? — meu pai pergunta pela quinta vez.

— Tenho, Tomaz está certo, eu não tenho o direito de mentir para o Gabe, eu sei que na época a gente fez o que era melhor para ele, mas hoje ele já está bem, eu sei que ele vai ficar bem. — Olho para Carol ao meu lado, tento encontrar nela algum traço de medo por seu marido, mas ela está confiante, muito mais do que eu, para dizer a verdade.

Meu pai não parece concordar conosco, ele ainda está parado do outro lado do quarto, os braços firmemente cruzados no peito enquanto olha para mim e para Carol.

— Você sabe que isso é um gatilho para ele, não sabe? — ele pergunta para Carol.

— Sim, eu sei, mas a vida é feita de gatilhos. Ele nem sempre vai poder se livrar de todos, e temos um bebê chegando, e se ele for um cardiopata?

— Por Deus! Não diga isso — digo virando-me para Carol, que se mantém calma.

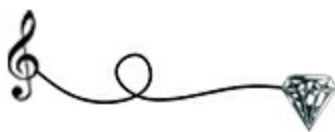
— Eu estou preparada para isso, já conversei com alguns especialistas, já fizemos alguns exames. A princípio está tudo bem, mas a gente não tem como saber, a vida é para ser vivida e não descoberta.

Olho para a fortaleza ao meu lado, sem acreditar na forma tranquila com que ela está lidando com essa informação, Deus... o seu bebê, isso não pode acontecer.

Sinto uma onda forte de enjoo me atingir, como se eu finalmente me desse conta de que o mundo é algo grande demais para uma garota como eu querer sustentar nas costas, não me dou conta de que estou chorando até que Carol me abraça, envolvendo-me em uma bola de carinho e apoio.

— Ele vai ficar bem, Clara, estamos todos aqui.

Agarro-me às palavras dela como se fossem uma promessa da vida. Eu preciso acreditar nela.



Depois que Gabriel sofreu uma tentativa de assassinato, as coisas mudaram na nossa família, nunca fomos muito tradicionais com relação às datas festivas e jantares de fim de semana, meu pai muito ocupado sempre passou a maior parte dos dias viajando e nós nos acostumamos com uma vida bem pouco tradicional.

Porém, tudo mudou e, às vezes, pego-me pensando em como a vida é engraçada; às vezes, precisamos que uma tragédia aconteça para nos darmos conta de que estamos perdendo algo. Embora pareça contraditório, é a forma com que a vida lida com a gente.

Na minha família deu certo.

Gabe quase morreu para que nos uníssemos novamente.

Não quero ser a tragédia que vai fazer minha família desmoronar, nunca quis, esse é um dos meus maiores medos.

— Você me chamou? — Gabriel pergunta enquanto entra no meu quarto fechando a porta.

— Sim, eu gostaria de conversar com você.

Ele me olha um pouco desconfiado e meu coração dói por pensar que estou prestes a magoá-lo, assim como fiz com Tomaz.

— Tem alguma coisa a ver com o Tomaz?

— De certa forma sim, mas também tem a ver com nossa família.

— Nossa família?

— Gabe, senta aqui e para de tentar adivinhar.

— Eu tô ficando nervoso, Magrela, a Carol veio com um papo esquisito pra cima de mim hoje e não gosto quando ela faz isso, porque sempre acontece uma merda depois.

— Gabe, senta aqui. — Dou uma batidinha no colchão ao meu lado e ele se arrasta até se sentar. — Eu quero conversar sobre algo muito importante com você.

Ele me observa contar toda a minha história, como se não fizesse parte dela; de certa forma, essa parte ele não conhece, porque eu o considerei frágil demais para suportá-la. Observo seu rosto ranzinza enquanto falo, suas sobrancelhas quase unidas escondendo seus olhos claros e intensos. A boca uma fina linha pressionada com força, como se estivesse usando tudo de si para sustentar os palavrões dentro dela. Suas mãos fechadas em punho, nitidamente resistindo ao que seus ouvidos estão recebendo.

Enquanto estudo cada uma das reações dele, sinto-me pela primeira vez na vida como Atlas, carregando uma maldição que não me pertence, punindo-me por ser quem sou, escondendo das pessoas mais importantes da minha vida a verdade, como se ela fosse algo do qual eu deva ter vergonha; mesmo que eu não saiba o motivo, para que eu

precise esconder algo que sempre admirei, ser como minha mãe não é uma maldição. Nunca foi.

Gabriel olha para mim, seus olhos descem por meu pescoço, meu colo e meu peito. Ele estende a mão e toca o lugar onde meu coração falho bate, seus dedos estão trêmulos e seus olhos brilham com as lágrimas que não quer deixar cair.

Dói olhar para ele nesse momento, porque ele sabe o que estou dizendo; ele viveu os últimos anos de vida da nossa mãe, ele viu o que aconteceu com ela. Enquanto ele me observa em silêncio, ouço o som do gatilho sendo disparado em torno da sua mente, como se ele estivesse revivendo tudo de novo.

— Gabe. — Ergo seu rosto obrigando-o a olhar para mim. — Eu não sou a mamãe, não é como se estivéssemos na mesma situação.

Ele não fala, apenas me olha como se estivesse em choque.

— Está tudo bem comigo, as coisas mudaram.

Continuo, mas ele não reage.

— Posso te levar comigo a uma consulta, você pode fazer todas as perguntas do mundo para os meus médicos, eles estão dispostos a responder a tudo.

Ele não se move, apenas me olha, piscando devagar como se tentasse não chorar.

— Eu ainda sou eu, a Magrela chata que te inferniza. Por favor, não olhe para mim assim.

Ele desvia o olhar para a janela quando uma grossa e pesada lágrima escapa do seu olho, vejo seu pomo de adão se mover como se ele tentasse engolir o restante das lágrimas.

— Me desculpa não ter contado antes, eu só queria te proteger — sussurro incapaz de falar enquanto a emoção me sufoca.

— Essa era a minha função — ele diz virando-se para mim. — Sou eu quem tenho que te proteger.

— Não, Gabe, todos nós precisamos nos proteger, um ao outro, porque é assim que as famílias fazem, elas cuidam um do outro.

Começo a chorar incapaz de continuar falando, ele me puxa para os seus braços e me aperta em um abraço enquanto esconde seu rosto na curva do meu pescoço. Abraço meu irmão sentindo o seu choro baixinho lavar a minha alma da culpa e da mentira enquanto peço desculpas repetidas vezes.

Permanecemos assim, quietos, machucados, tristes e unidos, da única forma que a família Smith sabe ser: intensa e passional.

— Eu vou ficar bem. — sussurro com os lábios em seus cabelos. — Está tudo bem, Gabe, está tudo bem... — continuo repetindo na esperança de que o universo tenha compaixão de mim e me dê um pouco de alegria.

Eu preciso disso.



*“Querida mamãe,
Nos últimos dias descobri que nosso coração é uma rocha, talvez seja
por isso que ele é tão problemático; nessa vida, tudo precisa ter equilíbrio.
Com carinho,
Cristal.”*

Sinto-me mais leve, mas nem um pouco mais feliz. Apesar de destruído, Gabriel parece bem, Carol me prometeu que contaria se ele ficasse mal e estou me agarrando a isso para seguir em frente.

Depois que saiu do meu quarto aquele dia, Gabe foi dar uma volta de carro com nosso pai, é o jeito deles de conversarem, eles param em algum lugar, acendem um cigarro, choram, falam coisas que não diriam para mais ninguém, tomam um café e voltam para casa.

Sei disso porque meu pai me contou uma vez, depois de ter passado quase o dia inteiro fora com meu irmão.

É o momento deles.

Gabe disse que quer ir a São Paulo comigo na próxima consulta e eu estou ansiosa para isso, tenho certeza de que ele vai adorar conhecer o

doutor Augusto, uma alma tão paciente e gentil sempre reconhece outra parecida.

Escrevi três textos para Tomaz, mas não tive coragem de enviar nenhum, amanhã é o seu grande dia e imagino que nesse momento ele deve estar no telhado, fumando um maço inteiro de cigarros e bebendo uma garrafa de uísque.

Deus...

Tenho vontade de ir até ele e gritar, para que pare de ser tão idiota, que se ele quer seguir em frente sem mim, que ao menos se pareça com alguém que está seguindo em frente e não com um maldito cadáver.

— Como tá o Gabriel? — Mariah se joga no sofá com o balde de pipoca no colo.

— Carol disse que ele tá bem. — Pego um punhado de pipoca e coloco na boca enquanto busco algo para assistir.

— E o Chris?

— O de sempre, sustentando o fardo.

Pensar em meu pai dói, ele é um homem bom, merecia ser feliz, mas parece que se esqueceu de que ainda está vivo e que merece um momento bom, nem que seja um pouquinho.

Olho para Mariah e tento imaginar como seria se eles se dessem uma chance, balanço a cabeça afastando a imagem da minha amiga agarrada ao meu pai.

É insano demais.

— Esbarrei com ele ontem — ela fala com a boca cheia.

— Que horas? Por que você não me contou?

— Porque eu fiquei com vergonha.

— Vergonha do quê? — Viro-me para ela. — O que você fez?

Mariah ergue os ombros, como se não fosse nada de mais.

— Eu me declarei.

— Você o quê?!

— Eu contei que estava apaixonada por ele.

— Você falou para o meu pai que estava apaixonada por ele?

— Quer parar de repetir o que estou falando? É enervante.

— Enervante é imaginar você falando algo assim para o meu pai.

— Ah, qual é, ele é um homem lindo e totalmente amável, não vejo por que você acha tão absurdo eu amar o seu pai.

— Amar? Mariah, você está ouvindo o que você está falando?

Ela bufa e noto que não há brincadeira em suas palavras, isso é algo que eu nunca vi nela.

— Ah, meu Deus, você realmente ama o meu pai! — constato e ela olha para mim como se dissesse: “finalmente!”.

Tento abraçá-la, mas Mariah se esquivava.

— Nem vem, eu não vou chorar pelo babaca do seu pai, não mesmo. Já gastei minha cota ontem à noite.

— Você quer conversar sobre isso?

— Eu vou poder chamar a sua mãe de vaca cretina?

— De jeito nenhum.

— Então é melhor não conversarmos.

Ela deita a cabeça no encosto do sofá e faço o mesmo, ambas com o coração partido encarando o teto.

— Eu o beijei — confessa e preciso me controlar para não ter uma reação esquisita.

— E?

— Foi uma bosta.

— Por favor, eu não quero saber como o meu pai beija.

— Não é nada disso — ela diz sem paciência. — Foi uma bosta porque ele não me beijou de volta, ao menos não como eu gostaria que fosse.

— Oh, Mariah, eu tentei te avisar.

— Eu sei, mas você é a filha, achei que era porque você não o vê como um homem ou sei lá, mas é mais que isso, ele não se vê como um homem, é como se uma parte dele estivesse enterrada junto com a sua mãe.

Sinto todo o meu corpo se arrepiar quando penso no tamanho do amor que meu pai sente por minha mãe, que, mesmo depois de quase duas décadas, ele ainda se mantém apaixonado por ela, a garota frágil e doente. Que mesmo assim foi o grande amor da sua vida.

Mariah funga e finjo que não estou vendo-a chorar.

— O que acha de assistir um filme de terror?

— Terror, Mariah?

— É, daqueles em que os carinhos são assassinados antes de comer as garotas, pelados, jogados pela janela, com as tripas para fora.

— Você não tá pensando no meu pai, não, né?

— Claro que não, eu nem estou pensando nesse momento. O que acha de *O massacre da serra elétrica*?

Ela funga, mais uma vez, e me levanto indo em direção à cozinha.

— Vai colocando que vou pegar o sorvete.

— Pega aquele de macadâmia.

— O do meu pai?

— Foda-se, eu preciso de um sorvete de macadâmia, é o mínimo que ele pode fazer por mim depois de me dar o pior melhor beijo da minha vida.

Pego o pote fechado de sorvete e entrego para Mariah, porque hoje nós merecemos um pouco de sorvete para afogar as nossas mágoas.

— Já falou com o professor?

— Não.

— Ele tá uma merda, tenho certeza de que metade das fãs vão se decepcionar quando ele subir naquele palco amanhã.

— Onde você o viu?

— Ah ele estava com o seu pai lá no bar, antes de... você sabe... — Ela balança a colher cheia de sorvete no ar.

— Tomaz e meu pai?

— Uhum...

— O que eles estavam fazendo juntos?

— Chorando as pitangas provavelmente.

Sinto um burburinho em meu estômago ao pensar no que meu pai foi falar com Tomaz.

— Olha, olha lá. — Ela aponta para a tevê no exato momento em que um rapaz começa a ser estripado. — É disso que eu estava falando. — Ela enfia a colher de sorvete na boca e, pela primeira vez na minha vida, eu tenho medo dela.



Não consigo dormir e ver Mariah roncando tranquilamente ao meu lado não me ajuda muito, rolo de um lado para o outro na cama imaginando como ele está nesse momento, horas antes do seu show. Será que está pensando em mim?

Arghhhh!

Levanto-me irritada comigo, com o mundo e com minha amiga barulhenta e desço decidida a comer algo.

Quando chego à cozinha encontro meu pai, ele ainda está usando calça e camisa, e imagino que tenha acabado de chegar.

— Chegando agora? — Olho para o relógio na parede e me surpreendo quando noto que são duas da manhã.

— Pois é, estava terminando algumas coisas no escritório.

— Hum... sei. — Abro a geladeira e pego um pedaço de bolo de cenoura que a Penha fez.

— O que você está fazendo acordada?

— Não consigo dormir.

— Está se sentindo bem?

— Sim.

— E o seu irmão?

— Carol disse que ele está bem.

Meu pai balança a cabeça enquanto encara o copo de água em sua mão.

— Ele vai ficar bem.

— Entendi. — Respiro fundo tentando afastar a súbita onda de pânico que ameaça me invadir.

— A gente tá aqui, Clara, não vamos deixar que nada de ruim aconteça a nenhum de vocês.

— Eu sei, pai.

Ficamos em silêncio por um tempo e noto como as palavras são frágeis e, quando não possuem o peso necessário, elas se dissipam no ar, como uma nuvem de fumaça.

— A Mariah me contou sobre ontem — digo chamando sua atenção e vejo seu rosto corar.

— A Mariah é uma menina, está confundindo as coisas.

— Eu gostaria que fosse isso, mas não é, pai. Ela gosta mesmo de você.

— Ela não pode gostar de mim.

— Por quê?

— Porque não, porque eu não posso retribuir.

— Só porque ela é jovem?

— Jesus Cristo! Eu não vou ter essa conversa com a minha filha. —
Ele se levanta decidido a não falar mais nada.

— Ela disse que o senhor estava com o Tomaz.

Ele para no meio do caminho e se vira para mim.

— Eu sou a única pessoa aqui que sabe o que ele está sentindo, achei que deveria ir falar com ele.

— Como ele está?

— Como alguém que descobriu que a vida é frágil.



“Querida mamãe,

A primeira vez que vi um show em minha vida, eu tinha quinze anos. Precisei gastar todas as minhas lágrimas e fazer o Vinicius escrever uma carta garantindo ao meu pai que eu não estava correndo nenhum risco de vida; mesmo assim, meu pai me levou até lá e ficou ao meu lado enquanto eu ouvia a banda de rock cover tocar as músicas que todos conheciam, mas que para mim eram especiais porque eram tocadas por eles.

Tomaz era meu astro do rock antes mesmo dele imaginar que esse dia chegaria, eu o admirava de todas as formas possíveis, a forma como ele segurava aquela guitarra, como ele se mantinha concentrado e ao mesmo tempo entregue a sua música, como ele parecia sempre tão sério e misterioso e mesmo quando sorria, era como se estivesse fazendo algo proibido.

Naquele dia minhas pernas tremiam, meu coração batia tão forte que, no dia seguinte, eu sentia dor até mesmo para respirar, o sorriso em meus lábios era tão grande que meus músculos faciais ficaram doloridos por dias. Eu estava no céu, completamente apaixonada por alguém que sequer imaginava que eu existia, muito embora me visse quase todos os dias.

Hoje me sinto da mesma forma.

Minhas pernas tremem, meu coração bate descompassado e, embora eu saiba que temos uma história, sinto como se eu fosse apenas mais uma na imensidão de pessoas que enchem o lugar onde Tomaz e sua banda subirão em breve.

Alfredo e Fernando me deram o ingresso para o show de Derek Mayer faz alguns meses, parece que foi uma vida atrás, eu fiquei tão empolgada que quase os esmaguei em um abraço.

Era uma outra época, em que ganhar ingressos dos meus cunhados era algo normal, ainda me lembro de tentar convencer César a ir ao show, ele adora Derek Mayer e disse que tentaria vir, hoje a primeira coisa que fiz quando Alfredo me perguntou se eu ainda iria ao show com eles, foi me certificar de que César não iria conosco.

Agora estou aqui, ao lado de duas das minhas pessoas favoritas da vida, sentindo o coração doer por estar novamente apaixonada por alguém que parece não me enxergar.

Sinto-me novamente com quatorze anos.

Com amor,

Sua Cristal, a garota mais azarada do mundo.”

— Você quer algo para beber? — Fernando pergunta ao meu lado.

— Uma água, por favor.

Ele sai de perto de nós em busca de algo e é a primeira vez que fico sozinha com Alfredo desde que minha vida se transformou nessa novela mexicana.

— E então, como você está?

— Bem.

— Clarinha, eu te conheço, sei bem que de bem você não tem nada, tô até te achando mais magrinha. — Ele aperta meu braço exageradamente.

— Okay, estou uma merda, mas sigo viva, se é o que você quer saber.

Ele se inclina para a frente apoiando os braços na grade da área VIP e me olha como se estivesse guardando o grande segredo da humanidade.

— Eu vou te falar uma coisa bem rápida antes que o Fê chegue; ele vai me matar se souber que te contei. Mas seu boy fez questão de mandar ingressos da área VIP para nós e mandou trezentas mensagens o dia inteiro para saber se você viria.

— O quê? Do que você está falando?

— Luís contou para o Fê, que me contou e enfim... Achei que seria importante para você saber.

— Como você se sente com relação a isso? — pergunto, é estranho conversar sobre Tomaz com o meu ex-cunhado, não sei até que ponto ele sabe de tudo, mas não me sinto confortável mesmo assim.

— Eu não vou mentir, no fundo eu ainda tinha esperanças de que você e o Cesinha voltassem, mas à medida que o tempo foi passando eu percebi que ele foi um idiota e não merece você, e o professor... — Olhamos para o palco quando um rapaz entra organizando os instrumentos, reconheço a guitarra de Tomaz e meu estômago revira. — Eu sempre soube que você tinha uma queda por ele, né? — Alfredo pisca para mim e sinto minhas bochechas esquentarem.

— A gente não tá muito bem — desabafo, sempre gostei de conversar com Alfredo, ele tem os melhores conselhos do mundo, depois da Carol.

— O que houve?

— Conte sobre mim.

— Ele te rejeitou por causa do seu probleminha? — Alfredo arregala os olhos de uma forma tão dramática, que me faz rir.

— Não, ele não me rejeitou, ele só ficou chateado... — começo a contar tudo desde a noite em que nos conhecemos, Fernando chega com nossas águas e se apoia no ombro de Alfredo para me ouvir, dois pares de olhos atentos me observam e dois pares de braços fortes me protegem impedindo que qualquer pessoa se aproxime de mim, sinto-me uma celebridade com seus dois guarda-costas, com a vantagem de que são também meus amigos.

— Poxa, Clara, dá um desconto, o cara deve estar sobrecarregado — Fernando, sempre mais compreensivo, diz.

— Mas ele foi um babaca em te afastar, não deixe que ele se dê bem, faça-o rastejar um pouco — Alfredo fala e Fernando revira os olhos para o conselho infantil do companheiro.

O tempo passa e me pego sorrindo enquanto conversamos, até me esqueço de que estamos prestes a assistir um show e que estamos cercados de milhares de pessoas que, em poucos minutos, vão ver Tomaz cantar. Ainda parece um sonho para mim e imagino o quanto ele deve estar agitado.

— Gostaria de vê-lo — admito.

— Tipo agora? — Alfredo pergunta.

— Sim, ele deve estar apavorado, ele nunca foi muito fã dessa coisa de pop star, e com todas as coisas que aconteceram nesse ano... — respiro fundo sentindo-me um pouco cansada. — Sei que é bobagem, provavelmente ele nem deve estar pensando em mim nesse momento e talvez... ah, esquece. Eu só estou desabafando.

Alfredo olha para Fernando com um sorriso de quem está aprontando algo, mas seja lá o que eles haviam planejado, se desfaz no momento em que as luzes se apagam e a multidão a nossa volta grita em

coro enquanto, um por um, os integrantes da banda surgem, um pouco tímidos, nervosos e muito bem arrumados.

Guilherme é o primeiro a acenar para as pessoas com suas baquetas nas mãos, depois é a vez de Marcelo com sua guitarra e Luís com o baixo e, então, ele aparece, tão sério e compenetrado, que quase não o reconheço. Ele acena brevemente para as pessoas, se coloca em frente ao microfone e afasta os cabelos de um jeito sexy, que faz a mulherada gritar. Alfredo sorri, Fernando assobia e ignoro o fato de estar olhando para ele da mesma forma que a garotinha de quatorze anos, como se ele fosse algo inalcançável.

A iluminação faz seus cabelos parecerem feixes de ouro e, quando ele abaixa o rosto, eles caem escondendo seus olhos de mim.

Tudo o que acontece a seguir é como um borrão de imagens e sons que se misturam em forma de emoção e sentimentos, cada palavra que sai da sua boca foi ensaiada exaustivamente no decorrer dos últimos meses e eu estive lá, em cada um deles, ouvi suas músicas, vi seus medos, vibrei com suas conquistas, chorei ao ouvir a música que ele fez para Bernardo e nesse momento, enquanto ele a canta para milhares de pessoas, recordo-me do homem destruído sentado naquele corredor se despedindo do seu pai.

Tomaz não sabe expressar seus sentimentos, ele os escreve e, mesmo que não se dê conta, carrega muitos em seu coração, em seus cadernos confusos e nas letras das músicas que jurou um dia nunca cantar para ninguém.

Seus olhos se abrem brevemente quando a plateia canta em coro o refrão da música do seu pai, vejo seu peito se expandir sobre a camisa jeans e sei que esse é o momento mais importante da sua vida. Um leve

sorriso se espalha por seus lábios cobertos pela barba suave e confusa e sei que isso é o equivalente a uma gargalhada para o músico Tomaz.

Eles te amam, Tomaz, eu sempre soube que seria assim.

Meu coração defeituoso está repleto de orgulho e emoção e, quando Tomaz segura o microfone e o retira da base caminhando para a frente do palco, sinto que ele pode parar a qualquer instante.

— Essa canção foi escrita dois dias atrás. Antes de mais nada, eu quero agradecer a meus companheiros por aceitarem essa loucura e aguentado minha chatice, valeu a pena, sempre vale. — Ele olha para cada um dos meninos da banda e abre um sorriso completo para eles antes de colocar o microfone em outro pedestal e se sentar em um banquinho, na frente de milhares de pessoas que não fazem ideia do que significa para este homem expor seus sentimentos dessa forma.

É uma música nova, não a conheço e me sinto um pouco chateada por não ter participado dessa composição, mas, quando ouço seus dedos baterem na madeira do violão, no compasso exato de um coração, o meu próprio se agita ao me lembrar de uma noite, quando ele me disse que amava o som do meu coração e, quando sua boca toca o microfone permitindo que sua voz rouca e baixa se espalhe por cada cantinho desse lugar, sinto que estou sonhando.

*“Tum... tum... tum... tum...
Você consegue ouvir?
O som do caos em meu peito?
Do mar lavando minha dor
Das pessoas seguindo adiante
Enquanto permaneço aqui.
Você consegue ouvir?”*

*O som das piadas dos amigos
Das conversas de bar
Dos pássaros lá fora
Daquele sorriso*

*Você consegue ouvir?
O cantor no palco
Expondo em versos
Sentimentos tão altos
Que silenciam o resto*

*Tum... tum... tum... tum...
Sinto falta desse som assustador
Das batidas da minha vida em seu peito
Das gargalhadas que alegram minha dor
Dos seus beijos quando fazemos amor*

*Você consegue ouvir?
Meu coração está cantando esta noite
Ele pede por ti
Volta pra mim
Eu já não consigo mais dormir
Volta pra mim.*

*Se você consegue me ouvir
Volta pra mim."*

O público aplaude, grita o nome da banda enquanto Tomaz se levanta e segue para junto dos seus amigos, todos no meio, de mãos dadas, erguidas no ar, ovacionados por um público que não é seu, mas que se rendeu à magia da sua música.

Ele conseguiu, tocou suas canções, deixou o medo de lado e hoje foi mais do que uma banda cover de bar, hoje eles foram astros e emocionaram uma multidão de pessoas e, enquanto o palco se apaga para se preparar para a grande atração da noite, ainda posso ouvir o nome deles ecoando entre as pessoas enquanto em meu peito sua voz ainda toca.

Volta pra mim...

— Está preparada para conhecer um camarim? — Alfredo grita em meu ouvido.

— O quê? — pergunto sem entender direito enquanto Fernando me puxa pela mão afastando as pessoas e me levando para longe do palco.

— Espera, onde vocês estão me levando? — pergunto, mas não sou respondida, enquanto abrimos caminho entre as pessoas que se amontoam para chegar o mais perto possível do palco seguindo para o caminho oposto ao deles.

— Fernando, para! — Puxo sua mão fazendo-o diminuir o passo. — O que você está fazendo?

— Não faça perguntas, menina, apenas coloca esse corpinho para se mover. — Alfredo segura minha cintura me empurrando até que chegamos a parte lateral do palco.

— A gente não pode entrar aí! — digo no instante em que Fernando se apresenta para um segurança e ele abre caminho para nós.

Olho para Alfredo, que mantém o rosto erguido e um sorriso bobo nos lábios enquanto caminha ao meu lado pelos corredores escuros e

repletos de equipamentos do *backstage* de um show.

Há pessoas por todos os lados falando e se movendo apressadamente, ignorando a presença de três estranhos caminhando entre eles.

Mais um grandalhão nos para e Fernando ergue um crachá para ele.

— Onde ele achou aquilo? — pergunto para Alfredo.

— Pare de fazer perguntas, menina, apenas vamos.

Entramos em uma área mais tranquila, corredores enormes e brancos com portas dos dois lados, avisto Luís em uma das portas, o sorriso tão grande que mais parece um menino, ele acena para nós e Fernando o cumprimenta com um abraço quando nos aproximamos.

— O que estamos fazendo aqui? — pergunto para Alfredo, que me puxa para outra porta.

— Só estou seguindo ordens, baby, vai lá e, por favor, seja feliz. Eu amo você independente de quem você escolher, eu sempre vou amar você e vou matar quem magoar esse coração lindo. — Ele espalma a mão em meu peito e sinto meus olhos se encherem de lágrimas.

— Eu também amo você — digo abraçando Alfredo.

— Agora vai logo. — Ele se afasta e me vejo de frente a uma porta imaginando o que me espera do outro lado. Respiro fundo, mas o ar parece pesado demais para meus pulmões e se nega a entrar por completo, arrumo minha roupa e passo a mão nos meus cabelos, olho para trás e encontro Fernando e Alfredo abraçados, ambos olhando para mim.

— Eu amo vocês — sussurro para os dois e ambos me enviam beijos.

Empurro a porta tentando controlar a minha ansiedade e, quando ela se abre, avisto Tomaz sentado em uma cadeira, com seu violão no colo, o cabelo úmido colado em seu rosto, a camisa molhada de suor. Seus dedos passeiam pelas cordas do violão e fecho a porta me apoiando nela sem

saber o que fazer. Ele ergue o rosto e para de tocar, como se eu tivesse atrapalhado alguma coisa.

— Oi... eu... eh... oi.. — sussurro meio sem jeito e sinto o tremor em minha voz. — Eu vi vocês lá no palco. — Ele coloca o violão no pedestal ao seu lado sem tirar os olhos de mim. — Foi lindo, meus parabéns! — completo sentindo-me orgulhosa por não ter dito nada sem nexo.

Tomaz se levanta e caminha até mim, com seus passos lentos enquanto ele enfia os dedos nos cabelos daquele jeito que eu tanto amo e que fez as mulheres gritarem por ele no palco.

Ele é lindo de uma maneira que está cada dia mais raro, é simples e discreto, sem vaidade, lindo de um jeito que faz meu coração derreter no peito.

— Oi — fala quando para na minha frente e ergo um pouco o rosto para admirar seus olhos.

— Gostei da sua música.

— Gostou? — Ele se aproxima um pouco mais e sinto o calor que emana do seu corpo ainda cheio da adrenalina do show.

— Sim. Linda. — Movo a cabeça enquanto meus olhos seguem os seus.

— Eu precisava pedir perdão para uma garota, achei que talvez ela pudesse compreender se fosse na frente de 55 mil pessoas.

— Acho que talvez ela tenha ouvido.

Ele coloca as mãos espalmadas na porta me envolvendo entre seus braços.

— Que bom, porque custou tudo de mim fazer isso.

— Você foi incrível naquele palco.

— É?

Ele se aproxima um pouco mais e ergo minha mão espalmando-a em seu peito, sentindo a textura úmida da camisa e o peso do seu corpo quando ele respira.

— Uhum...

— Bom saber que você gostou.

— Eu amei.

Ele inclina seu rosto, apoiando sua bochecha na minha, seus cabelos úmidos em minha pele, seu cheiro de Tomaz, misturado com o suor aumentam minha saudade, fazendo com que fique difícil pensar.

— Eu estou apavorado, Clara — ele sussurra como se temesse ser ouvido. — Estou apavorado que algo de ruim possa acontecer com você, na verdade eu estou apavorado porque, pela primeira vez na minha vida, eu tenho alguém que não posso perder. Eu amo você e percebi nesses dois dias que não importa o que o futuro nos reserva, preciso aceitar e viver um dia de cada vez, foi o que você me ensinou e eu quero fazer isso, um dia de cada vez e em todos eles, quero você ao meu lado.

— Tem certeza do que você está fazendo, Tomaz?

— Eu nunca tive dúvidas, eu só tive medo e estou te pedindo perdão, eu ainda estou aprendendo como lidar com tudo isso, mas de uma coisa eu já tenho certeza: não posso ficar sem você. Você me perd...

Não espero ele terminar de fazer a pergunta, puxo-o pela gola da camisa e o beijo sentindo como se fogos de artifícios explodissem em meu peito. Assim como imaginei que seria ser beijada pelo professor, pelo músico, pelo amor da minha vida. Assim como deve ser a vida real.

A mágica e única vida real.



Dois dias antes...

O bar está lotado essa noite, as pessoas parecem animadas demais, bêbadas demais e chatas demais. Um cara esbarra em mim e me viro para mandá-lo se afastar, mas ele já se foi, com o braço em volta do pescoço de uma garota.

As aulas do primeiro semestre estão quase no fim e isso faz com que o bar fique ainda mais cheio.

Sinto falta de lecionar, embora tenha sido uma escolha minha me afastar. Mas não posso me dedicar como gosto para duas coisas e os shows vão exigir tudo de mim.

Bebo mais um gole da minha cerveja enquanto observo Gabriel olhar em volta. Ele parece desconfortável, como se estar aqui o trouxesse a um tempo do qual não gosta de lembrar. Não sei se ele se recorda a última vez em que estivemos aqui nesse bar em uma conversa estranha, mas eu me lembro, ele estava no fundo do poço e veio me pedir para cuidar da sua namorada, caso algo acontecesse a ele.

Hoje eu o entendo, e sei que, graças a Deus, nunca vou precisar pedir isso a ele. Cuidar da Clara é uma das suas funções nessa vida.

— Aqui estão todos os exames que você me pediu. — Christopher me entrega uma pasta que parece ter o peso do mundo inteiro dentro dela.

— As autorizações de voo estão aqui?

— Tudo, receitas médicas, nome e número de telefone de todos os médicos, um resumo dos procedimentos.

Ouçó Gabriel resmungar algo e sua expressão é tão carrancuda que tenho a sensação de que ele está prestes a se partir em dois.

Dou uma olhada rápida em tudo sabendo que passarei a noite lendo cada uma dessas folhas.

— Como você está com tudo isso? — Christopher pergunta com uma tranquilidade, que não condiz com o homem que acaba de me entregar um relatório médico, que diz que sua filha tem uma doença cardíaca crônica.

— Eu não sei — minto, porque no fundo eu sei, estou apavorado, nervoso, irritado, com raiva, revolta, ódio do destino, do mundo, da vida, mas, sinceramente, não acho que essa seja uma boa resposta para dar ao pai dela.

Tomo mais um gole da cerveja, o líquido gelado parece ser um acalanto momentâneo para o grito que está preso na minha garganta desde o momento em que ela me contou tudo.

— Vinicius me disse que vocês foram lá — Christopher continua. — Tem mais alguma coisa que queira saber?

— Eu tenho milhões de perguntas, mas acho que você não pode me responder nenhuma delas. — Olho para Gabriel, que está inclinando a cadeira para a frente e para trás, perdido em pensamentos, completamente ausente. Não sei ao certo o que ele está fazendo aqui, eu

me sentiria mais confortável caso estivesse conversando apenas com Christopher, mas sei que não deve estar sendo fácil para ele também, afinal de contas ele também descobriu há pouco tempo.

— Eu já estive no seu lugar, rapaz, eu já chorei, me desesperei, já achei que havia mais alguma coisa a ser feita, já pensei nas coisas mais absurdas que se pode pensar; algumas deram certo, outras não. Então pode ter certeza de que eu sei exatamente o que você está sentindo.

— Como você suportou?

Christopher sorri, Gabriel solta um palavrão que eu não dou a mínima e a minha garganta ainda está apertada.

— Eu aprendi que nem tudo o que acontece na nossa vida é ruim, ter perdido a minha esposa foi horrível, mas ter tido dezesseis anos ao lado dela foi maravilhoso; eu trocaria todos os anos que me restam por mais um ao seu lado, sem pensar. Então eu não posso te dar nenhuma resposta, mas posso te dar um conselho: aproveite esses anos, não pense no futuro, Clara não é a Laura. Você não sou eu, essa não é uma reprise do que vivemos. Essa é uma nova história, onde vocês são os protagonistas. Clara é mais forte que a mãe, mais saudável também e a medicina hoje permite a minha filha que ela tenha uma vida longa e feliz, a você resta decidir se quer fazer parte dela ou não.

— Eu tenho medo.

— O medo faz parte da vida, são como bactérias emocionais, existem, estão a nossa volta. O que precisamos fazer é nos proteger delas, impedi-las de nos atacar.

— Como eu faço isso?

Christopher se inclina na mesa, aproximando-se um pouco mais de mim, seus cabelos loiros desorganizados me lembram um pouco os da Clara e fazem meu peito doer de saudade.

— Tenha fé.

O baque da cadeira de Gabriel voltando ao lugar chama a nossa atenção, ele pega o copo de refrigerante e bebe um longo gole. Desvio o olhar quando noto que seus olhos estão vermelhos e tenho certeza de que ele também está ignorando os meus.

— Tomaz. — ele me chama. — Pode contar comigo, para o que... o que você precisar, se você quiser, sei lá, eu nem sei o que eu posso te oferecer, sinceramente eu nem sei se tenho algo a oferecer. Mas eu tô aqui, eu sempre estarei, seja lá o que for.

Dou um aceno de cabeça em agradecimento, embora eu nunca tenha duvidado de que ele realmente estivesse disposto a colocar tudo o que vivemos no passado de lado em nome da felicidade de sua irmã.

— Pela primeira vez na vida estamos nesse barco juntos, Gabriel. Por algum motivo, o destino usou o amor a uma pessoa para nos unir.

— Eu estou feliz — Christopher diz olhando para nós. — Tenho certeza de que minha esposa estaria se estivesse aqui. Nossa menina não poderia ser mais amada.



Assim que chego em casa, jogo as chaves do carro na mesa e puxo uma cadeira, sento-me e abro a pasta que Christopher me entregou, não são cópias de exames, tudo o que tem dentro dessa pasta é original, como se ele soubesse que sou, a partir de agora, o homem que deve protegê-la.

As horas se passam enquanto leio cada uma das folhas e pesquiso os termos que não conheço. Sinto-me pequeno, mesquinho e fútil ao me

lembrar de todas as vezes em que reclamei de algo para ela, enquanto tudo o que recebi foi seu amor, sua alegria e sua felicidade.

Quando não suporto mais ler nenhuma linha sequer, puxo uma folha de papel, que parece se destacar entre as outras, é uma página de caderno, escrito a mão, em uma caligrafia que já vi uma vez e que reconheço.

“Tomaz,

Pare, por favor.

Se você está lendo esse relatório em busca de descobrir quem é a Clara, está no lugar errado, não é na dose dos medicamentos que você vai saber qual a sua comida favorita. Seu filme preferido não está escrito nos eletrocardiogramas, seu lugar favorito não está no relatório do último cateterismo. Sua música preferida não vai ser tocada no CD com seu doppler cardiograma.

Essas são grandes informações sobre uma pequena parte de quem ela é; as outras, as mais importantes, estão esperando por você para descobrirem juntos. Não tenha medo de ser feliz.

Com carinho,

Carol.”

Leio a carta até que todas as palavras parecem ter sido gravadas em meu cérebro, levanto e vou para o meu velho sofá, pego o violão, meu eterno companheiro, e o coloco no colo. Fecho os olhos e me concentro em tudo o que estou sentindo, tento ignorar toda a parte feia e destaco as bonitas, sinto as palavras surgirem, junto com as primeiras lágrimas e as lembranças de tudo o que tivemos juntos, deito minha cabeça na madeira enquanto toco os nódulos dos meus dedos.

Tum... tum... tum... tum.

Sigo o ritmo das batidas imitando as do coração enquanto os primeiros versos se formam em minha mente, um pouco desordenado, confuso, triste, mas repleto de amor e sinceridade. Puxo um caderno e uma caneta da mesa ao lado e rabisco tudo o que sinto, não faço ideia do que vai sair, só preciso escrever essas palavras antes que eu me afogue em todas elas.



*“Querida mamãe,
Não sei o que dizer,
Estou confusa, acho que você me entende.
Com amor,
Cristal.”*

Nos dias seguintes, não consigo ficar mais do que meia hora sozinha com Tomaz, o show foi um sucesso e Derek Mayer estendeu o convite para toda a turnê na América Latina, isso significa que eles vão ficar no mínimo três meses fora e, se as coisas continuarem, eles podem seguir para a Europa e Estados Unidos.

Dois dias depois do show vamos a minha consulta semestral com o Dr. Augusto Bittencourt, tenho certeza de que nunca vou me esquecer a cara dele ao se deparar com Gabriel e Tomaz ao meu lado, como se fossem meus guarda-costas e a maratona de perguntas que duraram mais de duas horas, eu ainda não acredito que ele teve paciência de responder a todas elas.

Duas vezes.

— Vocês estão mais calmos agora? — pergunto para Gabriel e Tomaz ainda dentro do elevador do Centro Cardiológico.

Gabriel está do meu lado esquerdo, com os braços cruzados na frente do peito enquanto encara a porta de metal; Tomaz do meu lado direito, ainda com os óculos de leitura que usou para ler as 75 perguntas que fez ao doutor Augusto enquanto rói o que restou das suas unhas.

— Quer me responder? — Puxo sua mão da boca e ele me olha como se fosse soltar um palavrão e desistiu no meio do caminho.

— O que você disse?

— Você está mais calmo?

— Não.

— Tomaz...

— Desculpa, Clara, não dá. Não é assim, eu preciso de um tempo para me acostumar.

— Ele tem razão — Gabriel fala ainda olhando para a porta.

— Sério? — pergunto sem acreditar, porque nunca imaginei que chegaria o dia em que Gabriel e Tomaz concordariam com algo.

— Você não pode querer que a gente ache que isso é normal — Tomaz se defende.

— Isso sou eu, Tomaz, e eu adoraria que vocês me tratassem como uma pessoa normal, porque é exatamente o que sou.

A porta do elevador se abre e saio ignorando os palavrões do meu irmão e Tomaz me chamando. Caminho sem saber ao certo para onde quero ir, apenas tentando não me deixar afetar por essa palavrinha que eu odeio tanto e que tem tanto peso em minha vida.

Normal.

— Ei, Clara, me espera. — Tomaz segura meu braço me impedindo de continuar. — Por favor, não fica brava comigo, por favor.

— Você me chamou de anormal.

— Eu não falei isso, eu só tô processando ainda, por favor, me desculpa, eu não quis dizer isso.

— Acabamos de sair de uma sabatina com o médico mais chato que existe no planeta e ele respondeu cada uma das suas perguntas idiotas.

— Não eram idiotas.

— Você perguntou se a gente podia fazer sexo.

— Isso não é uma pergunta idiota.

— Por favor, Tomaz, eu não sou uma criança e já fiz sexo muitas vezes na minha vida e ainda estou viva.

Ele solta meu braço e percebo que fui longe demais com esse assunto quando ele desvia o olhar.

— Desculpa, eu não quis te magoar.

— Tudo bem, foi uma pergunta idiota.

Ele retira as chaves do carro do bolso e olha para trás onde Gabriel está sentado em um banco observando nossa conversa.

Deus! Esse dia não pode ser mais constrangedor.

— Podemos ir? — Tomaz balança as chaves no ar e Gabriel se levanta e vem até nós.

— Ainda não, vocês precisam conversar. — Ele retira as chaves da mão de Tomaz e caminha em direção ao carro. — Vou dar uma volta de carro, em meia hora eu ligo pra vocês.

— Gabe, nem ouse — o ameaço, mas ele continua andando.

— Nem fodendo eu vou ficar trancado em um carro ouvindo vocês dois brigarem, estou ultrapassando todos os limites que já imaginei para essa vida. — Ele destrava o carro e abre a porta. — Meia hora, sejam bonzinhos e façam seja lá o que for para arrumarem essas caras.

Gabriel sai com o carro nos deixando sozinhos no meio da praça, há pessoas caminhando de um lado para o outro, desviando da bolha de constrangimento que se formou entre nós.

— Ele sabe? — Tomaz pergunta.

— O quê?

— O César, ele sabe sobre você?

— Sim.

— Então vocês nunca tiveram problemas... para... você sabe.

— Não, nunca e isso não é sobre ele, é sobre nós.

— Claro. — Ele caminha até um banco e se senta apoiando os cotovelos nas coxas e enfiando os dedos nos cabelos.

Paro na sua frente e estendo minha mão para tocar seus cabelos, nossos dedos se encontram no meio do caminho e ele segura minha mão.

— Ei, não quero brigar com você.

— Não estou brigando, só quero que você entenda que eu sou saudável, assim como um diabético pode ser, ou um hemofílico ou um soropositivo, qualquer pessoa que tenha uma doença crônica.

Tomaz me puxa para o seu colo e eu me deixo ir ignorando o fato de que estamos em um lugar público.

Ele envolve seus braços em minha cintura e deita a cabeça em meu ombro, retiro seus óculos e acaricio sua barba sentindo a tensão se dissipar.

— No que você está pensando?

— Que eu daria tudo para trocar o meu coração com o seu.

Afasto-me para olhar em seus olhos, não vejo nada além de sinceridade neles e os meus se enchem de lágrimas.

— Isso não seria possível.

— Por quê?

— Porque, do jeito que você se cuida, não duraria muito com um coração como o meu.

— Mas ao menos você ficaria bem.

— Mas eu estou bem, e não viveria sem você, mesmo com um coração bom.

— Clara, promete que não vai esconder nada de mim? Nem uma indisposição sequer?

— Prometo.

— Promete que vai ter paciência comigo?

— Eu sou irmã do Gabriel, esqueceu? Paciência é o meu nome do meio.

— Eu vou ficar bem, só preciso de um tempo para me acostumar, vai ficar tudo bem.

— Eu te amo tanto — digo com a voz embargada de emoção.

— Eu nunca quis dizer que você não é normal. Eu só não sou bom com palavras ditas.

— Eu percebi.

— Eu estou com fome, o que acha de mandar o idiota do seu irmão trazer meu carro de volta?

— Acho uma boa ideia.



— Tem certeza de que esse lugar é bom? — Gabriel pergunta enquanto lê o cardápio do restaurante.

— Tenho sim, sempre que eu e o papai viemos a São Paulo almoçamos aqui.

Gabriel abaixa o cardápio e me olha espantado, ainda estou esperando-o explodir e gritar comigo porque escondi tudo isso por tanto tempo, mas a cada dia que passa tudo o que ele me dá é esse olhar zangado e um punhado de palavrões e só.

— Eu gostaria que você brigasse comigo.

— Eu não vou fazer isso, pode parar.

— Por quê?

— Para, Clara, para de provocar as pessoas, não vai rolar, não vou brigar.

— Você se esqueceu de todas as brigas que tivemos durante a nossa vida?

— Isso era antes — Gabe responde e então percebo tudo, ele está com medo de brigar comigo.

— Eu ainda sou a mesma de antes, caso queira saber. — Tento reprimir um sorriso.

— Mas eu não sou o mesmo, não quero brigar com você.

— Mas você está chateado.

— Não, eu estou puto da vida, preocupado com o meu bebê e tentando não pensar que você me considera um fraco.

— Por que está falando isso?

— Porque todos consideram, nosso pai, você, até mesmo minha esposa.

— A gente te ama, isso é uma das coisas idiotas que fazemos quando amamos alguém.

— Nunca mais tente me proteger, Clara, isso não muda nada. Meu problema é apenas meu, nem sempre uma coisa ruim vai me fazer querer usar; às vezes, as coisas boas são as que mais me levam a pensar, a sensação de satisfação, a euforia, até mesmo o sexo, não tem um gatilho

específico. Então, não tente me proteger, porque o meu maior inimigo vive dentro de mim e minhas batalhas são silenciosas. Vocês nunca sabem quando elas acontecem.

Sinto meu coração apertar ao ouvi-lo falar de forma tão crua sobre sua dependência, sei que ele é um guerreiro e que cada dia é uma vitória. Depois de tantos anos, é fácil achar que ele está curado, mesmo que não exista uma cura. Quase nunca o ouço falar tão abertamente sobre isso; e, quando acontece, é como se tudo se tornasse ainda mais real.

— Me perdoa. — Estendo a mão e seguro a sua, ele a aperta de forma carinhosa enquanto balança a cabeça.

Ele olha para o banheiro quando Tomaz está voltando e um meio sorriso perverso surge em sua boca.

— Então é ele mesmo? O professor engomadinho?

— Sim.

— Quer saber, eu prefiro ele do que aquele moleque dos infernos.

— Eu não acredito que estou te ouvindo falar isso.

— Se disser que eu falei, eu minto.

Tomaz se aproxima e se senta ao meu lado, Gabriel solta minha mão voltando a reclamar de tudo o que tem no cardápio e sinto que finalmente minha vida está voltando ao normal.

Ao menos o que, para mim, é normal.



Já é noite quando deixamos Gabriel na frente da casa dele, Carol vem até nós e nos convida para jantar. Clara me lança um olhar de súplica, que faz meu peito explodir de amor, e negamos o convite.

— Tem certeza de que não quer entrar? — Gabriel se debruça no carro. — Tá tarde, Magrela, você precisa descansar.

— Gabe, você me prometeu que não ia me tratar como uma doente!
— Clara diz irritada.

— Vamos, amor, deixa eles, acho que eles querem ficar um tempo sozinhos. — Carol puxa o braço do ogro do seu marido e dou graças a Deus por ela ser uma pessoa sensata.

Nos despedimos dos dois e, quando finalmente viramos a esquina, sinto como se estivesse respirando aliviado pela primeira vez desde que Gabriel entrou nesse carro.

— Porra, seu irmão é um saco!

— Não fale assim dele — ela diz sorrindo. — Vocês têm muito em comum.

— A única coisa que temos em comum é o fato de amarmos você.

Ela se inclina e deixa um beijo em meu rosto antes de se deitar no meu ombro e suspirar.

— Está cansada?

— Estou, mas é um cansaço emocional, não foi fácil carregar esse segredo por tanto tempo.

Estendo a mão apoiando-a em sua coxa e ela envolve seus dedos pálidos e delicados nos meus. Ainda me assusto ao pensar que suas mãos sempre frias é uma forma do seu corpo dizer que algo não está bem, ainda tenho momentos em que o medo sussurra em meu ouvido: “e se ela morrer...”. Mas, na maioria das vezes, eu tento pensar que vai passar; em algum momento, eu vou aprender a lidar com tudo isso e ao menos eu sempre posso contar com seu pai e, por mais esquisito que possa parecer, com seu irmão.

Quando paro o carro na frente do edifício, Clara está dormindo e, embora eu ame o apartamento onde vivo há mais de dez anos, eu me pego pensando que está na hora de escolher um lugar onde tenha um elevador para que ela não precise se esforçar subindo quatro andares de escadas.

— Cristal. — Toco seu rosto afastando os cabelos e chamando-a assustado com o fato de estar pensando em coisas que jamais me imaginei fazendo antes só para podê-la ver bem. — Chegamos — sussurro com a boca em sua bochecha.

Ela desperta devagar, os olhos sonolentos se movendo em torno, reconhecendo onde estamos.

— Oi — ela ronrona preguiçosamente e, dessa vez, não tenho o desejo enlouquecido de agarrá-la, quero aninhá-la em meus braços, protegê-la, amá-la.

— Chegamos?

— Sim, dorminhoca.

Saímos do carro e subimos os quatro lances de escada devagar, observo seu esforço e paro sempre que ela fica ofegante.

— Eu estou bem — ela diz quando paramos na terceira vez.

— Eu sei, mas não custa descansar um pouco.

— Eu já disse que te amo? — Ela se estica na ponta do pé e me beija enfiando suas mãos dentro da minha camiseta e passando suas unhas por minha pele.

— Cristal, esse edifício não tem outro caminho a não ser esse — falo enquanto ela passa sua língua em meu pescoço.

— Hummm... — Ela continua me provocando enquanto olho para o fim das escadas.

— Deus, o que houve com você?

— Saudades. — Ela morde o lóbulo da minha orelha e fecho os olhos buscando a porra do controle que está escapando.

— Clara, você não estava dormindo?

— Agora não estou mais — ela sussurra. — Vai ser rapidinho. — Giro seu corpo colocando-a na parede para poder beijá-la como quero.

Toda a adrenalina que venho carregando em meu corpo é despejada nesse momento: medo, dor, emoção, alegria, tristeza, orgulho e amor, tanto que mal consigo me conter enquanto ela move nossas roupas de uma forma que consigo penetrá-la nas escadas do edifício.

É rápido, forte e intenso. Seguro sua cintura enquanto entro nela o mais rápido possível, ela mantém seus olhos fixos nos meus, os dentes presos no lábio, as pupilas dilatadas, a respiração pesada, o gemido baixo.

— Cristal, vou gozar — sussurro quando ela segura meu pescoço como se estivesse prestes a cair. — Vem comigo.

— Tomaz... — ela geme meu nome e é o suficiente para que meu corpo exploda em um orgasmo tão forte que, por alguns instantes, tudo se apaga e me sinto fraco, respiro fundo tentando manter minhas pernas firmes enquanto Clara goza baixinho, beijando meu pescoço e dizendo que me ama.

Seguro seu rosto em minhas mãos enquanto beijo sua boca, sugando seu ar, suas palavras, seu prazer e, em troca, entregando a ela tudo o que sou e o que sinto: as batidas do meu coração que, nesse momento, parece prestes a escapar da boca e o amor que parece se expandir a cada segundo que passa.

Clara se afasta abaixando seu vestido e me empurrando para longe dela um instante antes de uma mulher passar carregando seu cachorro nos braços. Ela olha para nós como se fôssemos ladrões e desce as escadas sem falar nada. Clara observa a mulher com suas bochechas rosadas e a respiração ainda ofegante.

— Podemos ir para casa agora? — pergunto ainda meio sem jeito, sentindo-me um garoto cheio de energia e paixão enquanto seguro a mão da garota mais linda do universo: a minha garota.



— A gente pode pedir algo pra comer, se você quiser — digo sem graça enquanto observo Clara roer a ponta do dedo mindinho.

— Qual o problema da gente comer um miojo?

— Você precisa se alimentar bem.

— Mas eu me alimento superbem, e eu fiquei curiosa sobre o seu miojo.

Não sei se ainda estou com tesão depois da rapidinha na escada, mas ouvi-la falar do miojo faz meu pau ganhar vida novamente. Clara percebe e me lança um olhar provocante, que só piora minha situação, e abro a geladeira tentando refrescar minha cabeça e pegar alguns legumes.

— Quer ajuda? — Ela se debruça sobre mim e ergo o rosto para responder.

— Pode colocar os pratos na mesa se quiser, termino aqui em alguns minutos.

Clara faz o que peço e agradeço porque preciso de um pouco de espaço para poder cozinhar algo para ela comer, tento colocar o máximo de legumes que eu posso na panela e, quando termino, encontro ela debruçada sobre meu toca-discos, tentando colocar a agulha no LP.

— Eu acho que não sei fazer isso — diz quando me aproximo e pego sua mão.

— Tem que ser delicadamente, ou a agulha pode riscar o LP. — Solto a agulha na linha inicial e ouço o chiar do disco preencher toda a sala.

Shine on Crazy Diamonds começa a tocar, o solo de guitarra tranquilizador e tão familiar me faz sorrir enquanto puxo-a para meus braços e começamos a nos mover de um lado para o outro, totalmente fora de sincronia com a música, mas de um jeito bom que me faz desejar estar assim com ela para sempre, ao som de Pink Floyd, a banda favorita do meu pai.

— Está vendo isso? — Passo o dedo por seu braço arrepiado.

— Sim?

— É Pink Floyd enviando dopamina para seu cérebro.

— Hummm... que ousados — ela brinca.

— Também acho, já que essa deveria ser a minha missão.

— Acredite, você me enche de dopamina. — Ela sorri e me inclino para beijar a sua boca.

Comemos o miojo mais saudável que já fiz na vida, ouvindo música e dando risada, é uma noite tranquila e tão feliz que tenho um pouco de medo. Tudo parece estar se encaixando em nossas vidas, o show foi um sucesso e o prognóstico de Clara é bom, ela está bem. Estamos bem.

— O que você está pensando? — pergunta com o garfo entre seus lábios bonitos.

— Sabia que, quando estamos apaixonados, temos mais facilidade de sorrir?

— Faz sentido. — Ela apoia a bochecha na palma da mão.

— O Rio foi o primeiro a notar que eu estava apaixonado por você.

— Ah, é? Por quê?

— Ele disse que eu estava sorrindo mais.

— Você teve medo?

— Não, naquele momento estar apaixonado por você era meu sopro de ar.

— E hoje?

— Hoje estar apaixonado por você é meu pulmão inteiro.

Ela ri e seu riso me faz rir como um bom apaixonado deve fazer.

— Não ri das minhas confissões.

— Você deveria escrever uma música sobre isso.

— Provavelmente.

Whish You were here começa e desvio o olhar para o prato vazio na minha frente.

— O que foi? — Cristal pergunta quando nota minha mudança de humor.

— É a primeira vez que faço isso sem ele.

— Faz o quê?

— Como nossa comida especial, ouço esse disco, essas eram as nossas coisas favoritas, além de decorar curiosidades bobas.

Como se soubesse exatamente o que fazer, Cristal se levanta e vem até mim, sentando em meu colo e me abraçando em silêncio enquanto meu coração se aperta de saudades do meu pai. Apoio minha cabeça em seu ombro e, pela primeira vez, deixo que a saudade siga seu caminho através dos meus olhos, mas, dessa vez, ela não me machuca tanto, porque, embora ela seja dolorosa, sei que ela vai passar e, já não estou sozinho.

— Obrigada por ter me escolhido para dividir algo tão importante.

— Você é a única com quem quero dividir.

No momento em que digo essas palavras, noto que é muito mais do que isso, quero dividir tudo com ela: minhas alegrias, minhas tristezas, minha música e, principalmente, minha vida.



“Querida Cristal,

“Tira-me o pão se quiseres,

Tira-me o ar, mas não

Me tires o teu riso.’

Esse poema nunca fez tão sentido quanto hoje,

*Eu poderia morrer nesse exato momento, com a caneta em minhas
mãos, o diário em meu colo e seu sorriso preenchendo minha vida,*

Tudo teria valido a pena,

Absolutamente tudo.

Com amor,

A mãe mais apaixonada desse mundo.”

As férias de julho passam lentamente, Tomaz e sua banda saem em turnê pelo país com Derek Mayer e, apesar de ter se passado apenas algumas semanas, sinto como se os dias se arrastassem. Passo o meu tempo livre ajudando Carol com os preparativos para a chegada do bebê;

embora ela pareça prestes a explodir a qualquer momento, nunca a vi mais calma em toda a minha vida.

— Eu estava pensando em colocar as cortinas agora, o que acha? — Carol pergunta enquanto me balanço na cadeira do bebê. — Clara?

— O que eu acho do quê?

— Hummm... já vi que tem alguém aqui que está com a cabeça no mundo da lua. — Ela se apoia no berço. — Ou talvez esteja em... Salvador? Minas?

— Brasília.

— Já? Faltam quantos shows?

— Esse é o último, amanhã eles estão de volta.

— E isso não é bom?

— É, mas em duas semanas eles partirão para mais três meses na América Latina.

— E você, já decidiu o que quer fazer?

— Ainda não. — Apoio meu queixo no bichinho de pelúcia que está em meu colo enquanto penso, pela milionésima vez, na proposta que Tomaz me fez.

— Clara, que tal você seguir os seus próprios conselhos ao menos uma vez na vida.

— Que conselhos?

— Siga seu coração, seja feliz e não pense muito. A vida é curta demais para isso.

Ela pisca para mim enquanto estende o tecido em frente à janela e me pergunta novamente algo que eu não consigo me lembrar o quê.



Avisto Tomaz e os outros rapazes da banda assim que as portas do desembarque se abrem, ele dá um sorriso enorme quando me vê e me recordo do dia em que ele disse que pessoas apaixonadas sorriem mais; devo concordar com ele, nunca o vi sorrir tanto.

Assim que ele se aproxima, corro a seu encontro e me jogo em seus braços, Tomaz me segura no ar e me beija de um jeito que chama a atenção de todos a nossa volta.

— Deus, que saudades! — ele diz quando me coloca de volta no chão, com o rosto ainda enterrado em meus cabelos, inalando meu perfume de um jeito íntimo demais para o lugar onde estamos.

— Eu também — admito sentindo meu coração disparado cheio de amor por esse cara lindo, metido a pop star, com seu violão dentro da case atravessado em suas costas.

— O quê? — pergunta quando nota que estou olhando demais.

— Você fica tão gostoso assim.

Tomaz fica meio tímido e quero arrancar suas roupas aqui mesmo porque ele consegue ficar ainda mais bonito envergonhado.

— Você não sabe o que diz, garota. — Ele segura minha mão me puxando. — Vamos pra casa, que eu estou louco pra matar a minha saudade. — Ele deixa um beijo em meu ombro. — E vou mostrar pra você o que é ser gostosa.

Dirijo direto para o apartamento dele, Tomaz atende duas ligações no meio do caminho, ambas sobre a turnê e meu estômago se revira em expectativa para os próximos dias. Olho para ele e noto que está mais cansado do que já estive, há olheiras sob seus olhos e ele parece ter

perdido um pouco de peso, mas a alegria em sua voz é notável. Tomaz está vivendo o seu sonho, mesmo que ele tenha passado sua vida acreditando que cantar era algo apenas para ele, a verdade é que sempre cantou para os outros, mesmo quando não sabia disso.

— O que você quer fazer hoje? — pergunta assim que desliga a chamada.

— Quero você.

— Isso significa que você não desistiu de mim?

— Tá brincando? Sou a fundadora do fã clube TomazGostoso.

Ele solta uma gargalhada tão deliciosa, que me faz sorrir em satisfação.

— Então estou em boas mãos.

— Você nem imagina o quanto. — Mordo o lábio maliciosamente e ele suspira recusando mais uma chamada.



Uma das coisas que mais odeio na minha condição é ser tratada como uma doente, isso era algo que eu gostava em César; talvez por sermos jovens demais, ele nunca me tratou com cuidados ou preocupação, sempre me senti uma garota normal ao lado dele.

Tomaz tenta, mas eu vejo a forma como me olha a cada degrau que eu subo e toda vez que tenta me tocar eu me desvio.

— Tá legal, deixa eu te falar uma coisa — digo ofegante no meio do terceiro andar e ele arregala os olhos para mim. — Eu sempre vou ficar cansada pelas coisas mais bobas do mundo; às vezes, eu fico cansada em

subir para o meu quarto, ou até mesmo ao comer. Faz parte, pare de me olhar como se eu fosse desmaiar a qualquer momento.

— Mas é o que parece — ele fala com uma expressão tão apavorada, que me obrigo a abrir um sorriso.

— Mas eu não vou. E se caso acontecer, prometo avisar antes.

Tomaz bufa e resmunga de um jeito engraçado e enrosco meus braços em seu pescoço puxando-o para um beijo.

— Não fique bravo comigo.

— Eu não entendo por que você se sente tão mal por eu me preocupar.

— Porque não tem motivos para isso. — Dou um empurrãozinho em seu braço. — Agora quem chegar por último é a mulher do padre — brinco e subo dois degraus antes de Tomaz me puxar pelo braço.

— Nem fodendo. — Perco o equilíbrio e ele me segura com uma velocidade tão grande, que nem tenho tempo de gritar.

Estou ainda mais ofegante, o coração disparado e os lábios abertos quando ele me olha como se fosse a última vez.

— Não brinque comigo, Clara, não sou um homem que lida bem com essas coisas. Você viu como fiquei com meu pai. — Há tanta sinceridade em suas palavras, que me arrependo do que disse imediatamente.

— Me desculpe, é que você não sabe como é ser tratada como algo que pode quebrar a qualquer instante.

— E você não sabe o que é amar alguém que você acredita que pode quebrar a qualquer instante. Isso tudo é algo novo para mim, você vai ter que suportar um pouco de paranoia da minha parte.

— Tudo bem, acho que posso lidar com isso.

— É como um carro novo, logo eu relaxo, prometo. — Ele dá um beijo na ponta do meu nariz antes de passar por mim correndo.

— Ei, isso não vale! — grito para o som dos seus passos pesados nos degraus.

— Você é a mulher do padre! — ele grita enquanto abre a porta do apartamento e sorrio, inclinando-me e puxando o ar para dentro dos meus pulmões.

Assim que passo pela porta do apartamento sou surpreendida com Tomaz, que me puxa para um beijo bruto enquanto fecha a porta. Suas coisas já estão jogadas no meio da sala caótica e ele envolve suas mãos em minhas coxas erguendo-me em seus braços e me levando para o seu quarto.

— Você pode repetir aquilo que falou sobre eu ser gostoso? — pede quando me joga na cama colocando-se sobre mim.

— Não sei do que você está falando, sou uma mulher casada — solto um grito agudo quando ele ergue minha camiseta e passa a língua em meu umbigo. — Com um padre — completo agora ofegando de um jeito diferente enquanto Tomaz abaixa minha calça e sua língua começa a descer pelo meu corpo.

— Eu juro que não me importo de ir para o inferno. — Ele ergue uma das minhas pernas, abrindo-me enquanto me observa por baixo de seus cabelos cor de doce de leite e, quando sua barba arranha a parte interna da minha coxa e seu hálito aquece a minha parte mais sensível, enrosco meus dedos em volta dos lençóis e fecho meus olhos me entregando às sensações que Tomaz me proporciona.



Passamos a noite na cama, enroscados um no outro, Tomaz me conta tudo o que viveu nas últimas semanas e é maravilhoso ver a euforia em seus olhos.

— Tem que ver a alegria deles a cada vez que subíamos naquele palco.

— Se for a metade da que estou vendo nesse momento, tenho certeza de que foi incrível.

Ele estende a mão e começa a brincar com uma mecha do meu cabelo enquanto fala:

— Uma parte de mim estava feliz por estar lá, a outra estava feliz por estar acabando.

— Eu sei, mas agora teremos duas semanas para curtir antes de vocês voltarem para a turnê.

Tomaz se senta na cama, o lençol cobrindo parte da sua nudez enquanto me observa por baixo dos cabelos.

— Na verdade houve uma alteração na agenda e partimos em três dias.

Sento-me de frente para ele enquanto processo a informação.

— Três dias? — Ele confirma balançando a cabeça e penso em todas as coisas que imaginei que faríamos durante esse tempo que não teremos mais. — Tudo bem, serão só três meses. — Forço um sorriso falso enquanto meu coração afunda no peito.

— Podemos fechar a turnê mundial, então serão mais quatro ou cinco meses, eu só voltaria no ano que vem.

Abro a boca para falar, mas não consigo encontrar nada que possa parecer sequer perto de feliz. Não quero ser a garota egoísta e chorona, mas também não quero pensar que ficaremos quase oito meses longe um do outro, isso é muito mais do que pensei e, por mais que eu não queira,

a sensação de *déjà vu* me assola ao lembrar que meu relacionamento com César acabou no momento em que eles se mudaram para longe.

Não tem como resistir a tanto tempo longe, ao menos minha experiência provou isso.

— Bom, isso é incrível para vocês, né? — Minha voz falha no fim da frase e me levanto recolhendo minhas roupas e me vestindo porque, de repente, estar nua em uma cama com o homem que vai me deixar em três dias, sem data para voltar, é demais para mim.

— Isso é tudo o que você tem para me falar? — Ele parece magoado e me sinto injustiçada por ele achar que tem o direito de estar chateado.

— Preciso beber água. — Saio do quarto e cambaleio no corredor, sinto o nó se formar em minha garganta e um ataque de pânico querendo crescer em meu peito.

Oito meses.

Entro na cozinha e abro a geladeira, pego a garrafa de água e bebo um longo gole desejando que a água possa empurrar o medo e a insegurança para longe.

Oito meses...

— Ei, olhe para mim — Tomaz pede na porta da cozinha, usando um short e sem camisa.

— Por favor, me dá um minutinho. — Apoio a testa na porta da geladeira e me sinto ridiculamente dramática.

— Cristal.

— Só um instante, eu já falo com você.

Ele entra na minúscula cozinha e logo sinto seus braços em volta da minha cintura.

— Nós vamos ficar bem — ele sussurra com os lábios em minha nuca.

— Essa frase é minha, não ouse roubá-la — digo sem nenhuma emoção na voz.

— Olhe para mim, por favor.

— Não, você está sem camisa, não consigo pensar com você sem camisa.

Ele sorri, sinto o calor do seu sorriso em minha pele e meu corpo se arrepia quando sua mão grande se espalma em minha barriga me puxando para seu peito nu.

— Ei, princesa, tudo bem, não tem problema. A gente vai dar um jeito, voltarei sempre que puder, eu prometo.

Ele beija meu pescoço e me desvencilho dele saindo da cozinha e indo para a sala onde me aninho no sofá.

— O que foi, Clara, o que você quer que eu faça?

— Nada.

— Então é isso? Vamos passar os próximos três dias brigando?

— Não.

— Você não vai querer conversar sobre isso?

— Não.

— Ah, porra... — Ele se vira voltando para a cozinha e pisco inúmeras vezes inibindo as lágrimas de caírem.

Droga!

Oito meses.

— Quer saber? — Ele volta agitando as mãos no ar. — Foi você quem me disse para correr atrás dos meus sonhos, foi você quem me incentivou a cantar minhas músicas. Se eu tô nessa é sua culpa! — ele se altera, nitidamente bravo.

— Sim, eu sei, eu te apoiei, te disse que aceitasse, incentivei você a cantar suas músicas, eu sei e estou feliz demais por vocês.

— Então, eu não estou entendendo.

— Foi assim com o César.

— O quê? Você está me comparando com o seu ex-namorado?

— Quando o Alan recebeu a proposta de ir trabalhar nos Estados Unidos, eu fiquei superanimada pelo César, era uma oportunidade dele fazer uma faculdade em outro país.

— Ah, Deus... — ele exala abaixando a cabeça e apoiando-a nas mãos.

— Eu estou feliz de verdade por vocês, juro que estou.

— Mas você está achando que eu vou te trocar por outra garota na primeira oportunidade que eu tiver.

— Eu não disse isso.

Tomaz ergue o rosto e olha para mim, sinto que estou sendo ridícula com toda essa insegurança descabida, mas não posso evitar.

— Você está se ouvindo? Pelo amor de Deus, eu sou louco por você.

Desvio o olhar quando ele caminha até mim e se ajoelha na minha frente puxando minhas pernas para que eu fique perto dele.

— Olhe para mim. — Ele segura meu rosto me fazendo encará-lo. — Se eu pudesse mandaria tudo à merda nesse exato momento, eu estava feliz dando aulas e tocando no bar, mas não é apenas meu sonho.

— Eu sei.

— Eu te amo, garota. Quando é que você vai entender isso?

— Você não pode negar que está cheio de garotas atrás de vocês.

— Não sei, não vi nenhuma. — Ele ergue os ombros.

— Não brinque comigo, eu estou falando sério.

— Ei, Clara, eu não sou ele, sou um homem. Já tive inúmeras transas de uma noite só, o suficiente para saber que elas não suprem o que meu coração quer, e ele quer você.

Inclino-me para a frente deitando a cabeça em seu ombro, Tomaz me puxa para o seu colo e me deixo ir me sentindo pela primeira vez, desde que começamos a namorar, a garota ingênua e imatura.

— Me desculpe — sussurro com o rosto em seu pescoço.

— A gente vai ficar bem, princesa, eu juro que vai. — Ele beija meus cabelos enquanto fala. — Você sabe que meu convite ainda está de pé, não sabe? — Balanço a cabeça confirmando. — Ótimo.



— Precisamos inserir mais duas músicas no *setlist* — Marcelo fala debruçado em uma folha de papel.

— Já falei com Fernando, ele conhece alguém que pode administrar nossos voos e hospedagens — Luís fala com o celular no ouvido.

— Vocês já pensaram no que vão vestir? — a irmã do Guilherme fala chamando a atenção de todos e a pequena sala de Tomaz fica em silêncio pela primeira vez no dia.

— Roupas? — Guilherme diz provocando a irmã, que revira os olhos.

— Eu estou preocupada com o que vocês vão comer. — A mãe de Tomaz surge da cozinha com o copo do liquidificador cheio de vitamina de abacate e copos descartáveis, que são entregues nas mãos de cada um de nós. Ela veio ver o filho assim que soube que a turnê havia sido adiantada. — Com essa correria toda, vocês não vão ter tempo de pensar em comida de verdade.

Hendrix, que ocupa metade do sofá, ergue os olhos quando ouve a voz de sua dona, mas logo se deita novamente em meio ao caos que o apartamento se tornou.

— Nada que um miojo não resolva em sete minutos — Tomaz brinca acariciando a cabeça do cão e recebe um olhar fulminante da sua mãe.

— Três minutos — Marcelo o corrige.

— Ele está brincando, pode ficar tranquila que eu serei a responsável pela alimentação da banda — digo ao tomar um gole da vitamina, que está uma delícia por sinal.

Todos param o que estão fazendo e a sala, de repente, fica no mais completo silêncio.

— O que você disse? — Tomaz ergue os olhos do cão me olhando como se eu tivesse acabado de dizer que, na verdade, me chamo Leopoldo.

— O quê? Eu gosto da comidinha da sua mãe e preciso me alimentar bem.

Tomaz continua me olhando, como se não fosse capaz de acreditar no que está ouvindo. Todas as outras pessoas nos olham enquanto temos um diálogo silencioso aqui na frente deles.

Tomaz se levanta e vem até mim, seus dedos castigados acariciam meu rosto afastando meus cabelos daquele jeito que sempre faz.

— O que você está fazendo? — sussurra para mim.

— Salvando a banda de morrer de desnutrição.

— São três meses, Clara.

— Sim, e vocês morreriam em menos de um.

— Você sabe que não precisa vir, a gente vai dar um jeito.

— Eu quero, eu quero muito.

Ele olha dentro dos meus olhos, seus doces olhos castanhos me encarando através dos óculos elegantes, que hoje é tudo o que restou do professor por quem me apaixonei aos quatorze anos.

— Você tem certeza?

— Sim, absoluta.

— Deus do céu, não espere que eu tente te convencer do contrário porque não vou.

— Por favor, não faça isso, porque eu também não quero.

Ele me puxa para um beijo cheio de emoção e alegria, que me rouba o ar, as batidas do meu coração falho e tudo o que mais tenho de especial.

— Eu te amo — sussurra em meus lábios antes de voltar a me beijar, impedindo-me de dizer o mesmo.

Mas ele sabe que eu o amo e, se depender de mim, eu passarei o resto da minha vida mostrando a ele o quanto eu o amo.

E vou amar pelos próximos... não importa quantos anos. O importante é que eu sei que eles serão muito bem vividos. Essa é a minha meta de vida.

Amar muito e viver cada dia como se fosse único,
Afim de contas, eles são.



— Você sabia que os maias se baseavam no ciclo de Vênus para as épocas mais favoráveis para colheitas e guerras?

Ele está olhando para o céu estrelado me segurando em seus braços enquanto fala, apoio o queixo em seu peito para observá-lo tentando conter o sorriso em meus lábios.

Foi preciso muito para Tomaz me trazer aqui, brigamos um pouco, sua mãe entrevistou e por fim ele aceitou, mas com a condição de me encher de casacos, para que eu não pegue nenhum resfriado.

Às vezes, ele é tão teimoso, que só me resta ceder e mostrar a ele que tenho razão. Bater de frente, só vai me causar mais desgaste.

— O quê? Vai dizer que isso não é importante? A civilização Maia já tinha dados precisos sobre o ciclo do sol milhares de anos antes de nascermos.

— Você é muito CDF, Tomaz.

— Você não pode chamar um professor de História de CDF. — Ele finge estar ofendido e me ergo para beijar seu pescoço deixando-o arrepiado.

— Por que não?

— CDFs são os professores de Matemática, os de História são apenas sábios.

— Eu acho que posso, eu o chamo de gostoso o tempo todo.

— Gostoso é aceitável, CDF não. — Ele sorri e beijo sua boca antes de me deitar novamente para observar o céu.

— Eu já disse que tenho uma queda por professores CDFs.

— É, você disse. — Ele volta a me aninhar entre seu braço e seu corpo.

— Quando vocês começaram isso? — pergunto enquanto puxo um fio do moletom surrado que estou usando.

— Não sei, acho que meu pai sempre me contou essas coisas, ele não era muito fã de fábulas infantis, e era sua maneira de me induzir a gostar de História.

— Você sempre quis ser professor?

— Acho que, na verdade, eu sempre quis ser como meu pai, ele era meu herói. E, enquanto os outros meninos queriam salvar o mundo ou ser o mais forte, eu só queria saber sobre coisas que aconteceram muitos séculos antes de eu nascer.

— Eu tive uma crise de pânico no meu primeiro dia de aula na universidade — admito ainda encarando o moletom e sinto seu corpo enrijecer. — Achei que tinha certeza do que eu queria, mas então me dei conta de que nenhuma pessoa é capaz de saber o que quer aos dezessete anos. Saí correndo no meio da aula e tranquei meu curso de Arquitetura e me inscrevi para o de História, mas nunca mais voltei.

— Peraí, você estava fazendo faculdade de História? — pergunta surpreso por minha confissão.

— Sim, no fundo eu também gostaria de ser como o meu herói.

Sinto como se milhares de fogos de artifícios explodissem em meu estômago quando Tomaz se vira deitando-me no amontoado de edredons, que ele colocou no chão, e me olha, através dos seus óculos de nerd gostoso, como se eu fosse o seu universo particular.

— Você não pode estar falando sério.

— Só perguntar para o meu pai.

— Por que eu, Clara?

— Eu não sei, talvez os maias tenham a resposta escondida em uma daquelas ruínas. — Passo meus dedos em suas mechas de forma carinhosa, seus cabelos estão maiores, grandes o suficiente para poder colocá-los atrás da orelha. — Podemos encaixar uma visita na passagem da banda pelo México, eu sempre quis conhecer os templos maias.

— E eu que achava que o amor era apenas uma forma dramática de potencializar o desejo físico, que acreditei que não era possível encontrar esse sentimento, e você esteve aqui o tempo todo.

— Talvez eu seja o seu meteoro particular, um pedaço de rocha sem cor que iluminou ao se chocar com você.

— Não pode ser. — Ele passa seu indicador na lateral do meu rosto subindo e descendo enquanto seus lindos olhos acompanham o trajeto.

— Por que não?

— Meteoros têm vida curta, você não pode ser meu meteoro. — Ele encara meus lábios enquanto sua voz baixa até se tornar apenas um sussurro. — Talvez você seja minha estrela particular, que faz tudo em mim ter vida com sua luz.

— Eu quero fazer amor com você.

Tomaz molha seus lábios antes de me beijar com tanta doçura, que meus olhos se enchem de lágrimas; quando sua boca toca a minha e seu corpo pesado se abriga entre o meu, encho-me de um amor tão forte que

tenho a sensação de que posso explodir como uma estrela, iluminando tudo a minha volta.



— Eu acho que ele vai sentir sua falta. — Acaricio a cabeça de Hendrix, que está deitada preguiçosamente no colo de Tomaz.

— Serão só alguns meses, ele sabe disso. Não é, garotão? — O cachorro ergue os olhos dramaticamente. — Assim que voltarmos vamos passar um tempo juntos, tenho certeza de que aquele idiota do Rio não está te levando para passear todos os dias.

— Na verdade, ele está. — Helena entra na sala com um bule de chá e o coloca na mesa para o café da manhã mais colorido que já vi na minha vida.

— Mãe, cadê o café? — Tomaz se levanta e vai até a mesa fazendo cara feia para cada uma das coisas que estão dispostas.

— Café vai te deixar agitado e não é bom para a Clarinha. — Ela sorri e penso em dizer a ela que eu posso tomar um pouco de café.

— Eu já estou agitado, um copo de café não vai mudar nada. — Ele ergue a tampa e reclama do queijo também.

— É só não ligar, ele reclama, mas sempre come tudo — ela diz ao me entregar uma xícara de chá de flor de laranjeira.

Meu celular toca e me levanto para atender, ainda sorrindo das rabugices de Tomaz.

— *Clara* — César fala parecendo eufórico e olho para a mesa no mesmo instante.

— O-oi.

Tomaz se vira para olhar para mim e sinto meu rosto inteiro ficar vermelho.

— *Desculpa te ligar assim, mas é que a Monique está na sala de parto, eu achei que você gostaria de saber.*

— Ah, meu Deus, ela está bem?

— *Sim, só chegou a hora dela, da bebê, enfim, tá tudo bem, o Alan tá lá com ela.*

— Me manda notícias, por favor.

— *Claro, pode deixar.*

— Obrigada por avisar. Vou rezar para que tudo dê certo.

— *Valeu.*

A ligação fica muda por alguns instantes e sinto que há mais coisas a serem ditas, mas então ela se encerra e, por um instante, fico sem saber o que fazer.

— A Monique está tendo bebê — digo erguendo o celular no ar e Tomaz me observa por um instante.

— Está tudo bem?

— Parece que sim, eles vão mandar notícias. — Sorrio meio sem graça enquanto me sinto intimidada por seu olhar.

— Vem tomar seu café.

— Eu vou ligar para a Carol, podem tomar sem mim. — Saio da sala em direção ao quarto enquanto ligo para a minha cunhada e ignoro a sensação desagradável que sinto.

Termino a ligação com Carol e permaneço um tempinho no quarto, leio as mensagens que Mariah me enviou na noite passada sobre a viagem e aviso a meu pai que estou bem, é um hábito que adquiri desde pequena; todos os dias de manhã, eu mando uma mensagem para ele.

— Você está bem? — Tomaz pergunta parado na porta e me viro assustada.

— Sim, eu só estava mandando uma mensagem para o meu pai.

Ele cruza os braços na frente do peito enquanto olha para mim me analisando.

— Você não vai comer?

— Vou sim, e depois preciso ir para casa arrumar minhas coisas, você me leva?

— Claro, agora vem. — Ele me estende a mão e me levanto deixando-o me levar.



São quase oito da noite quando termino de organizar a minha mala, olho para a lista de coisas que Mariah me ajudou a montar a fim de não me esquecer de nada, Tomaz está sentado na poltrona, as pernas cruzadas e o olhar atento a mim.

Uma mensagem de Carol chega e, quando a abro, encontro uma foto dela segurando o bebê da Monique. É uma linda garotinha de cabelos negros como os do pai e não consigo evitar o sorriso enquanto vejo a forma como todos parecem felizes ao fundo.

— O bebê da Monique nasceu. — Balanço a foto no ar e Tomaz se levanta para ver. — Não é linda?

— Eu não sei, recém-nascidos sempre se parecem um pouco esquisitos. — Ele coça a parte de trás da cabeça e respondo a mensagem enviando parabéns para Monique e lamentando o fato de não estar lá com eles.

Tomaz me observa responder à mensagem e mais fotos chegam da bebê, de Monique e de todos que estão lá.

— Amanhã de manhã vou tentar dar um pulinho lá.

— Temos um tempo, a gente só precisa se encontrar com o pessoal no fim da tarde.

— Sim.

Coloco o celular em cima da cama e volto a arrumar minhas coisas, ainda faltam algumas coisas que preciso pegar, como meus remédios e minhas receitas médicas que estão em uma pasta do outro lado do quarto.

— Você pode pegar aquela pasta para mim? — peço e Tomaz caminha até lá pegando tudo o que peço e entregando para mim.

— Você pensa em ter filhos? — ele pergunta me surpreendendo.

— Nossa, eu não sei. Por quê?

— Não sabe?

— Não acha que é um pouco cedo para termos essa conversa? — Solto um riso nervoso, que mal reconheço sair da minha boca.

— Não existe isso de tempo certo para perguntar coisas importantes.

— Eu tenho vinte anos, mal sei o que cursar na faculdade. Como posso saber se quero filhos? Por que essa pergunta?

Minto porque a verdade é que já pensei mil vezes sobre isso, os doutores Vinicius e Augusto já me tranquilizaram diversas vezes dizendo que eu posso sim engravidar, mas tenho tanto medo que me obrigo a não pensar nisso, até esse momento.

— Acho que é algo natural do ser humano, pensar em filhos, família, essas coisas.

— Você quer filhos, Tomaz? — Viro-me para olhar em seu rosto enquanto ele me responde:

— Não.

Eu não sei por que, mas sua resposta curta e fria me machuca, talvez a energia da chegada de um novo bebê tenha me deixado um pouco emotiva, ou talvez a ideia de Tomaz não querer esse laço comigo tenha me deixado surpresa.

— Uau, então tudo bem. — Dou um sorriso e desvio o olhar tentando entender por que estou tão abalada com algo que, até dois minutos atrás, eu nem ao menos pensava. Começo a socar as roupas de forma irritada na mala e já não sei mais o que estou fazendo. — Posso saber se essa é uma decisão pessoal? — Viro-me para ele, que está apoiado na parede encarando a janela.

— Sim, é uma decisão totalmente pessoal.

— Você nunca quis ter filhos?

— Não, eu sempre quis ter filhos, sou filho único e sempre senti falta de um irmão, mas agora tudo mudou.

Sinto o chão se abrir sob meus pés quando me dou conta do que ele está falando.

— Como é?

— Eu não vou arriscar te perder por causa de um bebê, Clara.

— Meu Deus! isso é sério?

— Com toda a certeza.

— Então, meu destino já foi decidido por você?

— Não tente me tornar o vilão, não vai rolar.

— Você está sendo um cretino arrogante isso sim — altero-me ofendida por ele achar que pode comandar meu futuro. — Você nem sabe se vamos ficar juntos tempo suficiente para isso. Aliás, você nem sabe se eu quero ter um filho com você algum dia.

— Foda-se, não ligo se você vai ficar um mês ou uma década. Eu só gostaria que você soubesse.

— Babaca! — Passo por ele indo até o banheiro, já não vejo mais sentido em mudar toda a minha vida para segui-lo nessa viagem. Estou furiosa e tão indignada com sua decisão, que largo tudo em cima da bancada. — Você já pensou que, talvez, eu quisesse fazer parte da sua decisão? — Volto para o quarto e ele está debruçado em uma foto da minha mãe e, quando nossos olhos se encontram, os seus estão marejados de lágrimas.

— Eu não sou tão forte quanto o seu pai, Clara, eu morreria se te perdesse. Não quero saber se você vai estar comigo para sempre ou não, eu posso viver sem um bebê, mas não posso viver sem você.

— Ah, meu Deus...— Caminho até ele e retiro o porta-retratos da sua mão colocando-o de volta no lugar. — Eu não sou a minha mãe e até lá, quando nós dois decidirmos que é a hora de termos um bebê, vamos nos cercar de todos os cuidados para que ele venha com saúde.

Aproximo-me acariciando sua barba sentindo toda a raiva se esvaír, ele me puxa para os seus braços me apertando em um abraço desesperado.

— Existem muitas crianças precisando de amor, podemos pensar nisso também.

— Sim, podemos, mas isso é uma outra história, para outro momento, não vamos sofrer por algo que não podemos controlar, tudo bem?

— Eu só queria que você soubesse que sonhos mudam de acordo com nossas prioridades, e hoje a minha prioridade é você.

Seguro seu rosto e beijo sua boca capturando suas palavras e guardando-as em um lugar especial em meu coração, aquele onde ficam as partes mais importantes da minha vida.



Chegamos ao hospital pouco depois do café da manhã, sigo Clara pelos corredores brancos com portas decoradas e, por mais que ela tenha razão em dizer que é muito cedo para pensar, não consigo evitar a ideia de algum dia estar atrás dessas portas.

Completamente sozinho.

O pânico tenta atravessar as barreiras do meu coração com suas garras afiadas e tenho a sensação de que estamos andando por horas em um espaço sem fim.

— Acho que é aqui. — Ela olha para o número que a recepcionista nos deu escrito na porta e sorri para mim enquanto dá batidinhas leves.

Alan abre a porta para nós, os olhos inchados e sonolentos, os cabelos em pé e a camiseta amassada indicam que chegamos cedo demais.

— Acho que acordamos vocês — Clara diz um pouco sem graça.

— Na verdade, não tem como dormir nesse lugar, as enfermeiras entram a cada segundo. — Ele abre a porta e Clara me puxa pela mão.

Monique está sentada em uma poltrona, com um pacotinho de cabelos escuros em seu colo e, se eu achei que Alan parecia ruim, Monique é a verdadeira imagem do cansaço.

Passamos poucos minutos com eles, é um pouco desconfortável ver a relação familiar que eles têm e saber que é devido ao namoro de seis anos dela com César. Alan me convida para tomar um café e agradeço a Deus, esse ambiente de bebês está me deixando agitado.

— E aí, como o Ben está? — pergunto no elevador enquanto ele tenta domar algumas mechas que estão espetadas.

— Não tem como saber, ele reage de forma diferente para cada situação. Mas, por enquanto, ele está bem.

— Sinto falta dele.

— Ele também sente de você. Sabe como é, Ben gosta de rotinas e vocês tinham uma juntos, mas faz parte. Ele está aprendendo a lidar com isso, do jeito dele, mas está.

Coço o pescoço sem saber o que dizer, ele é só três anos mais novo do que eu e já tem tanta responsabilidade enquanto estou aqui agitado por causa de uma possibilidade.

A porta do elevador se abre e saímos para a lanchonete do hospital, Alan pede dois cafés e nos sentamos em uma minúscula mesa no canto.

— Você e a Clara, é sério isso?

— Aham... é sim.

— Poxa, eu nem sei o que dizer.

— Tudo bem, não precisa.

Ele toma um gole do seu café e eu fico remexendo o meu sem saber o que falar, Alan é um cara legal e temos uma relação relativamente próxima por causa do Benjamin, mesmo assim não me sinto confortável em falar de Clara com ele.

— O Gabriel está sendo legal?

— Você sabe que ele não é legal, não é?

Alan sorri e estica o pescoço.

— É, eu sei, ele é um pé na bunda, mas eu juro que esperava que ele fosse te matar ou algo assim.

— O tempo passou, Alan, graças a Deus.

— Verdade. — Ele enfia um pão de queijo na boca. — Quando vocês viajam?

— Hoje, saímos daqui direto para o aeroporto.

— Cacete! Isso deve ser incrível.

— Meio louco pra dizer a verdade, mas estamos indo.

— Tô feliz de verdade. Por você, que sempre fez tanto pelo meu moleque, que deu a ele um caminho para se comunicar nesse mundo caótico; e por ela também. Clara é uma garota muito forte, cuida bem dela, cara, ela é como se fosse da minha família. Porra, eu vi essa garota do tamanho do meu bebê.

— Valeu, pode deixar.

Quando voltamos para o quarto, Clara está no corredor, de costas para mim, conversando com César, tento não demonstrar o meu desconforto e Alan parece notar e me olha como se soubesse que essa é uma situação de merda.

— Acho que vou descer, avisa a ela que estou esperando-a no carro, por favor.

— Tem certeza? — Alan pergunta nitidamente constrangido.

— Tenho, acho que eles precisam conversar. — Estendo a mão para Alan e ele me dá um abraço. — Parabéns pela garotinha e diz para o Ben que mandei um abraço.

— Valeu, sucesso na turnê.

Volto para o elevador e aperto o botão para descer, estou aguardando-o quando ouço o meu nome e me viro para encontrar César e Clara.

— Ei, eu estava indo te esperar no carro — falo para Clara, que se aproxima e segura minha mão.

— Tomaz. — César ergue a mão e faço o mesmo em um cumprimento de longe.

— Boa sorte para vocês — ele diz e olho para Clara sem entender o que diabos está acontecendo aqui.

— Valeu.

— Obrigado por me ouvir, Clara — César fala e ela balança a cabeça.

Quero quebrar a cara dele por ainda ter algo para conversar com ela, mas ignoro o sentimento infantil e dou um sorriso quando o elevador chega e entramos. César acena mais uma vez antes que a porta se feche e então somos apenas nós dois novamente.

— Tudo bem? — pergunto quando o que eu queria mesmo dizer é “o que aquele filho da puta queria?”.

— Tudo sim.

— Beleza.

A porta se abre e saímos de mãos dadas e um oceano entre nós. Entramos no carro e dirigimos ainda em silêncio por quase dez minutos.

— Quer saber o que estávamos conversando?

— Hum... acho que não.

— Mas eu quero contar, para você não ficar com essa cara achando coisas.

— Eu não estou achando coisas.

— Está sim. — Olho para ela e tento não me deixar atingir pelo seu sorriso, mas é algo meio difícil já que é o mais lindo do mundo.

— Ele disse que ainda me ama.

— Ah, que legal. É claro que ele disse! — Tento não parecer um idiota enciumado, mas é exatamente assim que me sinto.

— Mas que sabe que nossa história acabou.

— Poxa, ele é mesmo um gênio!

Ela ri e tento manter a minha pose de bravo, mas sinto meus músculos relaxarem.

— Ele é. — O sorriso dela se espalha e mantenho meus olhos fixos no caminho.

— Eu disse a ele que desejo que encontre alguém que o faça tão feliz quanto você me faz.

— Devia ter mandado ele para o inferno.

— Não seja tão rabugento! — Ela se inclina e passa a mão nos meus cabelos causando arrepios na minha nuca.

— Eu sou rabugento.

— E ciumento.

— Não, isso não.

— Ah, não? E o que você é então?

— Sensato.

Ela se aproxima passando seu nariz em minha barba enquanto ronrona em meu ouvido desviando a minha atenção.

— Chato.

— Sincero.

— Bobo.

— Apaixonado.

Paro o carro no estacionamento do meu edifício e puxo o freio de mão com força um segundo antes de arrancar Clara do seu assento e trazê-la para o meu colo, ela se encaixa em mim com tanta facilidade que é como se nós dois tivéssemos sido criados para isso, o encaixe perfeito.

Meu corpo inteiro reage quando ela me puxa pelos cabelos para um beijo cheio de tesão, que me deixa duro em plena luz do dia. Clara se

mexe em meu colo aumentando minha tortura e cravo minhas unhas em sua pele enquanto minha língua suga a sua.

— O que acham de subir para o quarto vocês dois? — Uma batida no capô do carro faz Clara gritar e meu pau morrer no mesmo instante.

— Mas que porra! — Olho para fora e encontro Guilherme, Luís e Marcelo assistindo o nosso pega dentro do carro como um bando de adolescentes.

— Vocês não têm nada melhor pra fazer? — resmungo e Clara sai do meu colo abrindo a porta e saindo para cumprimentar os idiotas, que estão rindo da minha cara nesse instante.

— Melhor do que ver o ilustre Tomaz Fonseca ficar vermelho? Cara, com toda certeza do mundo não — Marcelo fala, todos riem e preciso de todo o meu autocontrole para não rir também.



— Como você está se sentindo? — Clara pergunta quando entramos no aeroporto.

— Com dor nas bolas — admito e ela enfia o rosto na curva do meu pescoço sorrindo.

Clara não para de sorrir desde que saímos de casa, seu rosto pálido parece iluminado por sua alegria e sou contagiado por ela.

— Eu estou falando sério — ela diz.

— Acredite, eu também. — Pisco para ela enquanto empurro o carrinho com todas as nossas coisas, é estranho ver todas as suas malas femininas em meio as minhas e imaginar que nos próximos oito meses é assim que vai ser, suas coisas se misturando com as minhas, suas pernas

enroscadas nas minhas todas as manhãs, sua escova de dentes ao lado da minha.

— Estou ansioso pelos próximos oito meses — digo olhando para ela.

— Eu também.

Quando chegamos no setor de embarque encontramos toda a sua família a nossa espera, é estranho e um pouco constrangedor. Despedi-me da minha mãe em casa, ela detesta essas coisas e mal me permitiu abraçá-la, fiz mil recomendações a Rio e, embora uma parte de mim se preocupe com ela, sei que minha mãe ficará bem.

Carol abre um sorriso enorme quando nos vê e Clara se afasta de mim para abraçá-la.

— Você promete para mim que, na primeira contração, vai mandar o Gabe me ligar?

— Pode deixar, não vou esquecer. — Clara passa a mão na barriga gigante da Carol e sussurra algo para o bebê.

— Ei, cuida bem dela. — Gabriel me estende a mão e a seguro apertando-a.

— Pode deixar.

— Anotou meu celular aí? — ele pergunta e assinto. — Beleza, boa sorte no seu show. — Agradeço-o.

— Ah, Tomy, eu nem acredito que você está mesmo indo para uma turnê. — Carol se estica para me dar um abraço. — Estou tão feliz por vocês dois, por favor, se permita ser feliz — sussurra em meu ouvido. — Eu esperei dez anos para ver você se apaixonar.

Quando me afasto, seus olhos estão marejados e me sinto um pouco sem graça. Me recordo exatamente o dia em que disse para Carol que acreditei que estava apaixonado por ela, foi no dia em que descobri que eu era a parte extra na história dela com Gabriel e terminamos. Carol foi

importante na minha vida de várias formas diferentes, ela foi a garota que acendeu em meu coração a chama do amor, foi com ela que aprendi a sonhar e foi com ela que descobri que um coração pode ser quebrado.

Olho para Clara, que está abraçada com Gabriel, ambos olhando para nós. O sorriso que parece ter sido colado em seus lábios se amplia e eu sorrio para ela.

— Valeu a pena esperar — respondo com todo meu coração.

Ela se afasta indo para os braços de Gabriel, que parece nervoso em vê-la emocionada, e me viro para encontrar Christopher. Ele se aproxima e segura Clara em seus braços, como se ela fosse uma garotinha. Ela encaixa seu rosto no pescoço do seu pai e abaixo a cabeça sentindo meus nervos em frangalhos.

— Ei, professor! — Mariah, a amiga de Clara, bate um dedo em meu braço e me viro para ela. — Se o senhor não cuidar bem da minha menina, eu juro que mando arrancar as suas cordas vocais.

— Senhor? Sério? Estou me sentindo com setenta anos — brinco e ela me dá um sorriso engraçado.

— Eu ainda não esqueci aquele três no oitavo ano.

— Eu sinto muito.

— Tudo bem. Que tal me dar o telefone daquele seu amigo?

— O Rio? — Ela confirma com a cabeça e dou risada ao imaginar Mariah tentando colocar uma coleira no espírito livre do meu amigo.

— Beleza, essa eu vou gostar de ver.

— Tomy! — um grito agudo chama a atenção de todos e logo avisto Vê e Fábio vindo até nós.

— Jesus Cristo, isso tá parecendo ceia de Natal! — resmungo quando a loira grande e exagerada se joga em meus braços. — Eu não acredito que deu tempo. — Ela me aperta e beija minha bochecha.

— Pois é.

— Ei, irmão. — Fábio me puxa para um abraço, que dura muito mais do que o normal e muito menos do que eu queria. — Seja feliz, cara, você merece muito.

— Valeu, Fábio! — Ele dá tapas em minhas costas e faço o mesmo. Quando nos afastamos sinto lágrimas pinicarem meus olhos.

— Tomaz. — Christopher se aproxima e me estende a mão, seguro-a sentindo um respeito enorme por esse homem, que me deu o maior tesouro da sua vida. — Se cuidem, faça o seu melhor dentro e fora dos palcos e traga minha menina de volta.

— Pode deixar, obrigado por tudo — digo quando nossas mãos se afastam.

— Ei, rapaz, isso não é o fim de nada, é apenas o começo. — Ele dá uma batidinha em meu ombro e então olho para Clara.

— Acho que está na nossa hora — ela fala no instante em que nosso embarque começa a ser anunciado e estendo minha mão para ela.

É um ato simples, mas que, nesse momento, enquanto sinto sua mão fria e pequena se enroscando na minha e nos despedimos das pessoas que são importantes para nós, sinto como se fosse o início de uma nova vida.

— Está pronta? — pergunto enquanto ela limpa minha bochecha e se ergue para beijar a minha boca.

— Esperei minha vida inteira por isso, professor. — Ela pisca para mim e sorrio enquanto caminhamos de mãos dadas rumo a um futuro completamente diferente do que imaginei para mim um ano atrás, mas que carrega em seu desconhecido a expectativa de estar com ela.



O som reverbera através das paredes, dentro do meu coração, em minha pele, jogo o microfone no ar e Luís o pega girando-o e causando um alvoroço entre os fãs. Nos reunimos no meio do palco e damos as mãos erguendo-as no ar. Somos aplaudidos por longos minutos e meus olhos passeiam pela multidão, que grita, enquanto sinto meu coração batendo forte. Mesmo quando estamos a caminho dos bastidores, ainda posso ouvir o público pedindo bis. É eletrizante de um jeito que jamais imaginei que gostaria.

Durante toda a minha vida acreditei que ser professor e tocar em um bar nos fins de semana era tudo o que eu queria para mim, mas hoje, quando olho para trás, tudo o que vejo é um borrão cinza de uma vida triste de um homem, que se anulou por se sentir incapaz de ser feliz e arriscar.

Precisei perder meu pai para perceber que a vida é muito mais do que seguir respirando; a vida é luz, é cor, é som, é sentimentos, ela é multissensorial e precisa ser vivida todos os dias como se fosse o último.

Retiro os pontos do ouvido enquanto caminho para o meu camarim, passo a mão nos cabelos desejando um corte, mas Clara me proibiu. De

acordo com ela, é sexy; e se ela acha, quem sou eu para discordar.

Cumprimento algumas pessoas da equipe que estão no meu caminho, agito-me querendo pôr um fim em cada uma das paradas que me atrasam para chegar onde quero. Guilherme bate em minhas costas me parabenizando pelo show e faço o mesmo com ele, estamos cada dia mais confiantes e cheios de planos para o nosso futuro e isso é a coisa mais mágica; saber que todos os dias, mesmo depois de uma noite louca, a gente ainda tem ideias para tornar tudo ainda mais especial.

Passo por um rapaz, que carrega uma prancheta nas mãos, e assino alguns papéis burocráticos e, então, estou finalmente em frente à porta onde meu nome está escrito e, assim que a abro, sou atacado por um par de mãos frias e deliciosas que me puxam pelo colarinho da minha camisa jeans destruída depois de uma hora e meia de show e me empurram na parede.

— Uau! — é tudo o que consigo falar antes da sua boca estar sobre a minha e suas mãos começarem a desabotoar minha camisa. — Princesa, eu tô todo suado. — Seguro-a um instante, mas assim que vejo seus olhos percebo que é um argumento em vão, ela me quer, agora, do jeito que estou e a adrenalina em minhas veias aumenta quando sinto sua mão descer até alcançar minha virilha.

— Eu já disse que te amo de camisa jeans? — Ela beija meu pescoço, seus cabelos grudando na minha pele suada e me causando arrepios.

— Já, mas pode falar quantas vezes quiser — respondo com a voz rouca e cansada depois de uma hora de show. Ergo-a em meus braços incapaz de aguentar mais um segundo e a levo até a bancada apoiando sua bunda na madeira fria e empurrando as coisas de perto.

— Eu já disse que amo você? — questiono com os lábios colados nos dela.

— Já, mas pode falar quantas vezes quiser. — Ela termina de desabotoar a minha camisa e se inclina para beijar meu peito, fecho os olhos e me permito sentir o calor dos seus lábios em minha pele quente e agitada, suas mãos em meu corpo, sua voz em meus ouvidos e o amor explodindo em meu coração.

Enfio minhas mãos em sua calcinha arrancando-a bruscamente enquanto Clara se livra da minha calça, ouço o som das pessoas passando lá fora enquanto a penetro em uma estocada forte e profunda.

— Tomaz. — Ela se inclina para trás, os seios se movendo no decote do seu vestido, os olhos semicerrados me observando penetrá-la, os lábios entreabertos em busca de ar.

Olho nosso reflexo no espelho e sinto uma onda de tesão potencializar o que estamos fazendo, Clara sempre me surpreende com seus desejos e estou sempre pronto para dar a ela tudo o que quer.

O que nós dois queremos.

— Goza pra mim, princesa! — exijo quando sinto meu corpo enrijecer à espreita do fim. Ela choraminga e cravo minhas unhas em suas coxas sabendo que ficarão marcas em sua pele pálida depois.

Alguém se aproxima e aumento o ritmo colocando uma mão em sua boca quando ela começa a gozar sentindo que vou logo em seguida.

O som de batidas faz tudo ficar ainda mais forte e preciso enfiar meu rosto em seu pescoço para não gemer, ela me segura enquanto dou uma última estocada antes do fim.

Abraço-a, sentindo seu coração bater com força, esse coração tão forte e tão frágil, a morada da minha alma.

— Já terminaram? — Guilherme grita da porta e Clara cobre a boca com a mão para não rir. — Sério, Tomaz, abre aí que o Gabriel ligou, parece que tua cunhada tá indo para o hospital.

Clara pula do meu colo arrumando seu vestido e pegando a calcinha do chão enquanto arrumo minha roupa o melhor possível.

— Ele falou isso?! — Clara abre a porta praticamente gritando e me viro ainda descabelado e com a camisa aberta para encontrar Guilherme com o celular na mão.

— Alô. — Clara puxa o aparelho da mão dele. — Quanto tempo? Ah, meu Deus, então vai nascer?

É a terceira vez essa semana que Carol vai para a maternidade com suspeita de que o bebê possa nascer, eu estava rezando para que ela pudesse esperar mais uma semana, mas, pela forma como Clara repete “ah, meu Deus”, sinto que dessa vez vai nascer.

— O bebê está nascendo. — Ela olha para mim, o rosto corado do sexo que acabamos de fazer e, se eu olhar bem, posso ver os hematomas se formando em suas coxas.

— Tem certeza? — Apoio-me na bancada e começo a fechar a camisa.

— Sim, dessa vez é verdade, eu vou ser titia. — Ela pula no meu colo e seguro-a beijando sua boca quando ela se inclina para mim.

— A mais linda de todas as tias.



Faz uma semana que o bebê de Gabriel e Carol chegou e é exatamente o tempo que estou longe de Clara, ainda não consegui uma folga para poder ir ao Brasil e, embora eu saiba que não é para sempre, sinto um vazio no peito toda vez que subo no palco e sei que ela não está lá embaixo esperando por mim.

“Boa noite, titio.”

Ela me manda uma foto segurando o bebê nos braços. Ainda é muito pequeno, mas Clara insiste em dizer que se parece com ela.

“Subindo em dez minutos.”

“Estou morrendo de saudades, te amo.”

“Também te amo, princesa linda. Dá um beijo no bebê por mim e conta uma das histórias que te mandei.”

“Pode deixar, bom show para todos.”

Entrego o celular para um dos rapazes, ajusto a alça da guitarra em meu ombro, coloco os pontos no ouvido, toco o punho de cada um dos meus companheiros e me preparo para mais um show.



Quinze dias depois, a banda finalmente tem uma folga longa o suficiente, para que eu possa voltar para o Brasil. Quando chego à porta da casa de Christopher, já passa das duas da manhã e, assim que eu termino de enviar a mensagem avisando que cheguei, o grande portão negro se abre para que eu possa entrar.

Gabriel está me esperando na porta, a cara quase tão ruim como a que Alan estava alguns meses atrás e um humor que faria o diabo

parecer um cãozinho fofo.

— E aí, como foi a viagem? — pergunta sussurrando.

— Bem, valeu por perguntar.

— Segunda porta à direita — ele diz quando terminamos de subir as escadas. — Se você acordar o bebê, eu juro que vou te fazer balançar ela o resto da noite.

— Pode deixar, eu não vou.

— Beleza, boa noite.

Ele entra no quarto a minha esquerda e sigo até a porta do quarto dela, abro devagar para não acordar ninguém e me surpreendo ao notar que esse não é o quarto dela e sim do bebê.

Clara está deitada em uma pequena cama, os braços em volta do pequeno pacotinho, que parece ainda menor ao seu lado. Sinto meu peito apertar com a imagem e me recordo de quando Christopher me disse, um dia, que seu amor por Laura era tão grande, que ele seria capaz de roubar uma estrela do céu se ela pedisse. Nesse momento, enquanto observo a garota, faço a única coisa que pode me salvar de passar por algo parecido com o que ele passou.

Eu rezo a Deus, para que ela nunca me peça um filho, porque eu sei, nesse momento eu sei, que se um dia ela me pedir, eu não serei capaz de negar.

— Tomaz? — Clara sussurra se levantando devagar.

— Oi, princesa.

— Eu não acredito que você chegou.

— Eu não podia esperar nem mais um minuto.

Clara se levanta e vem até mim, em silêncio ela se aninha em meus braços e inalo o aroma de seus cabelos, meu cheiro favorito no mundo.

— Eu estava com saudades.

— Eu também, amor, você nem imagina o quanto.



*“Querida mamãe,
O bebê do Gabe é a coisa mais linda do mundo, você estaria tão apaixonada se estivesse aqui.
Como eu gostaria que você pudesse vê-lo.
Com carinho,
Sua Cristal.”*

Quando acordo, ele não está mais na cama, mas seu cheiro ainda está em meu corpo e o travesseiro ao meu lado está todo embolado. Eu não fazia ideia do quanto estava com saudades até vê-lo na noite passada.

Levanto-me e vou até o banheiro, tomo um banho rápido, faço minha rotina de medicamentos de todas as manhãs e saio em busca de Tomaz.

Encontro-o na sala, debruçado sobre seu violão, dedilhando as notas de *Wish You Were Here* baixinho, seus cabelos grandes caem em cascata sobre seu rosto e não consigo ver a sua expressão e, quando me aproximo, percebo que ele não está sozinho e a música está sendo tocada para uma pessoa.

O bebê está deitado ao seu lado no sofá, os bracinhos e perninhas se movendo descoordenadamente enquanto ele toca, Tomaz nota minha presença e ergue o rosto sorrindo para mim.

— Bom dia, princesa — ele sussurra e me aproximo beijando sua boca antes de me ajoelhar ao lado do pacotinho.

— Gabriel precisava resolver umas coisas e a Carol está dormindo, eu disse que podia ficar um pouco.

— Tocando Pink Floyd?

— Só estou mantendo a tradição viva. — Ele apoia o rosto no corpo do violão enquanto olha para mim com seus olhos doces e suas piscadas lentas, que me fazem querer beijá-lo incansavelmente. — Até chegar a nossa vez — ele completa e meu estômago se agita, não quero perguntar o que ele quer dizer com isso, tenho medo de ter entendido errado, então apenas aproveito esse momento.

Sento-me no tapete com o corpo entre as pernas dele, o bebê se aquieta enquanto ouve a música que Tomaz canta e logo adormece, é uma cena tão linda que nesse momento, enquanto vejo o homem que eu amo dando ao bebê do meu irmão algo que é especial para ele, sinto que faria qualquer coisa para vê-lo feliz.

Hoje compreendo minha mãe, ela viveu intensamente todos os anos que Deus lhe permitiu viver, ela amou e viu seu amor se multiplicar e se transformar em Gabriel e em mim.

Envolvo meu braço em sua perna e deito minha cabeça em sua coxa, sinto quando ele se inclina e beija meus cabelos e ouço quando ele sussurra que me ama e meu coração se enche de algo mágico e belo:

Esperança.



— Quer que eu dirija? — pergunto depois de duas horas na estrada.

— Não, pode deixar.

— Você deve estar cansado.

— Na verdade, eu estava com saudades dessa tranquilidade. — Ele coloca o braço na janela aberta do carro, o vento soltando mechas de cabelo do rabo que fiz contra a sua vontade.

— Não está gostando da turnê?

— Estou, é mágico, tudo o que sonhei, mas uma parte de mim sempre vai ser o garoto caçara que cresceu com o pé no mar.

— Acho que todos nós somos assim, né? Como uma árvore que vai crescendo, expandindo seus galhos, se enchendo de folhas, para depois trocá-las. Mas as raízes sempre estarão lá, fincadas no chão, para que a gente nunca se esqueça de quem um dia fomos.

Tomaz tira os olhos da estrada por tanto tempo que tenho medo que ele bata o carro, ele me olha e um sorriso se espalha por seus lábios lindos e beijáveis.

— Isso é lindo, Clara.

— Isso é a vida.

— Sabe, antes de te conhecer, eu jamais imaginei que alguém tão jovem pudesse ter tanta maturidade.

— Isso é preconceito, professor.

— É, eu sei.

Apoio minha cabeça em seu ombro e ele estende a mão para mim.

— Talvez a maturidade tenha mais a ver com a forma com que vivemos do que com o tempo que vivemos.

— Você tem razão, meu amor. — Ele beija meus cabelos e entrelaça meus dedos nos seus enquanto ouvimos música e sentimos o vento bater em nossos rostos.



O sol começa a se pôr tingindo o céu de tons de amarelo e laranja, há pássaros sobrevoando o mar e o vento frio do início da primavera me faz estremecer enquanto observo Tomaz caminhar com Hendrix ao seu lado.

Já faz mais de meia hora que ele saiu para passear em torno do lugar onde sua mãe jogou as cinzas do seu pai, e só quando o avisto voltando para mim é que respiro normalmente.

Tento não pensar muito nas coisas que ele guarda para si, tanta coisa aconteceu desde a noite em que nos beijamos pela primeira vez, que tenho a impressão de que vivemos em meses o equivalente a uma década inteira.

O vento sacode seu cabelo e ele enfia seus dedos neles puxando-os para trás, não sei quanto tempo mais conseguirei fazer com que os mantenha nesse tamanho, mesmo que eu diga o quanto ele está bonito, parece que nunca acredita.

Ah... se ele soubesse...

— Oi. — Ele se joga ao meu lado e Hendrix corre até mim jogando areia em meu corpo com sua afobação.

— Tudo bem? — Viro o rosto para observar seus olhos, ele sorri e move a cabeça confirmando enquanto sou lambida por seu cachorro.

— Ei, grandão, dá licença que a garota é minha. — Tomaz puxa Hendrix pela coleira e o cão se joga em seu colo derrubando-o na areia.

— Puta que pariu, para com isso, Hendrix. — Tomaz tenta pôr ordem, mas ele parece uma criança animada para brincar.

— Acho que ele estava com saudades de você.

— Eu também estava com saudades dele.

Tomaz brinca com Hendrix até que ele se cansa e se deita ao seu lado com as pernas esparramadas e a barriga apoiada na areia fresquinha, então volta a se sentar ao meu lado e apoia o queixo em meu ombro observando o diário em meu colo.

— Para de ler o que eu estou escrevendo — o repreendo.

— É sobre mim?

— Convencido. — Fecho o diário e o guardo na minha bolsa.

— É, não é? — Ele me dá aquele sorriso torto que me faz derreter de amor.

— É sobre mim.

— Jura? — Ele ergue uma sobrancelha completamente incrédulo.

Gosto dessa versão do Tomaz, mais leve, mais feliz. Gosto ainda mais de saber que fui responsável por uma parcela dessa felicidade.

— Não, mas de certa forma é.

— Hum... misteriosa.

Ele se deita e faço o mesmo, ambos se virando um para o outro, exatamente como fizemos daquela primeira vez em que estivemos aqui.

— Sabia que na Grécia antiga jogava-se maçãs nas pessoas amadas?

— Ele apoia a cabeça na mão enquanto com a outra acaricia meu braço.

— Não me diga?

— Em alguns casos, eram feitos pedidos de casamento assim.

— Você trouxe maçãs, professor?

— Não. Mas está nos meus planos para o futuro.

— Ahhh. — Deito-me na areia ignorando meus cabelos espalhados por todos os lados. — Acho que gosto desse seu plano.

— É bom saber. Ele é um bom plano.

Tomaz se inclina e beija minha boca, sem pressa, exatamente como eu desejo que a gente possa viver a vida, curtindo e absorvendo cada um dos minutos que nos é dado de presente.

Amando e sendo amado, curando e sendo curado, como duas pessoas que se amam deve ser.



Dois anos depois...

“Querido genro,

Lamento muito não estar aí ao seu lado nesse momento, eu adoraria poder dizer essas palavras olhando dentro dos seus olhos, olhos que admiram a mulher que não tive o privilégio de ver crescer, mas que amo com todo o meu coração.

Uma vez, quando era muito pequena, ouvi uma lenda sobre a criação do mundo, eu não me recordo muito bem sobre todos os detalhes, mas havia uma parte muito bela em que, ao finalizar a Criação, Deus notou que, de tudo o que havia feito, desde o céu e o mar, a mais bela das obras era o homem. E para homenageá-lo, ele pegou um punhado de areia e o apertou entre seus dedos; com a pressão, os minúsculos grãos de areia se juntaram e formaram uma pequena pedra translúcida e com um brilho delicado. Era o Cristal, o presente de Deus para o homem.

Eu desejo do fundo do meu coração, que você seja digno de receber o meu presente, a minha Cristal, a minha pedrinha mais preciosa.

Cuide dela com a sua vida,

Foi exatamente o que eu fiz.

Com carinho,

Laura.”

Passo o dorso da mão esquerda no rosto enquanto dobro o papel que Christopher me entregou alguns meses atrás quando disse a ele que estava pensando em pedir sua filha em casamento.

Tanta coisa aconteceu nesse ano, não é fácil conciliar minha vida na estrada, com a agenda mais louca que um homem pode ter com uma família, Clara decidiu começar a estudar e estou feliz que tenha voltado para a faculdade de História; gosto de pensar que tenho um pouco de influência em sua decisão.

Porra, eu sei que tenho!

A banda terminou sua primeira turnê internacional há duas semanas e ainda ouço o zumbido do palco em meus ouvidos todos os dias. Guilherme gosta de dizer que é a adrenalina que se acumula em nosso sangue e escapa por nossos ouvidos. Preciso admitir que essa teoria é melhor que a de que estamos começando a ficar surdos.

Ouçó o barulho do chuveiro sendo desligado e guardo a carta no fundo da minha mala, que está aberta no meio da cama, e pego a pequena caixa que trago comigo para cima e para baixo esperando o momento certo.

Eu só espero que seja hoje.

— Você já preparou nosso roteiro? — Clara surge no quarto completamente nua, secando seus cabelos com uma toalha; sua pele alva, como a de uma estátua grega, sempre faz meu corpo acender por ela.

— Já sim, está tudo aqui. — Bato o indicador na minha cabeça e ela sorri.

— Eu sempre soube que seria interessante ter um professor de História ao meu lado.

Ela passa por mim e a puxo para um beijo molhado e completamente excitante.

— Sua interesseira. — Mordo seu lábio inferior e ela solta um gritinho delicioso. — Ponha logo uma roupa antes que eu te arraste de volta para a cama e te mostre o que um professor de História é capaz de fazer.

— Hummm... fale mais sobre isso. — Ela passa um dedo em meu pescoço e dou um tapa em sua bunda afastando-a de mim antes que eu perca a capacidade de pensar.

— Vai logo, Clara, não temos o dia todo.

Ela resmunga enquanto passa um vestido um pouco amassado por sua cabeça, gosto desse vestido, ele é alegre e deixa sua pele iluminada, espero que seja um dos seus favoritos também.

— Onde vamos primeiro?

— Praça de São Marco. — Retiro o celular do bolso e verifico uma mensagem de Rio, confirmando sua chegada com Mariah em alguns dias.

— Estou animada para fotografar tudo. — Ela retira a grade máquina que traz consigo para todas as nossas viagens, verifica tudo e a guarda na bolsa.

— Rio e Mariah chegam em quatro dias.

Clara se anima e preciso confessar que eu também, sinto saudades dos meus amigos, da minha casa e das minhas plantas, mas não troco o que estamos vivendo por nada nesse mundo. É como ela disse uma vez, somos como árvores, não importa onde nossos galhos chegarão, nossas raízes sempre estarão no mesmo lugar.

— Vamos? — Estendo a mão e ela a segura empolgada com a expectativa de tudo o que vamos viver hoje.

Eu só espero que seja realmente inesquecível.

Passamos o dia visitando cada um dos lugares que planejamos, fomos a praça, comemos em um dos seus cafés, andamos por vielas cercadas de muros de tijolos antigos, visitamos igrejas e lojas, ruelas e pontes. Clara está atenta a tudo; como uma criança, ela vibra com cada coisa nova que conhece e tira muitas fotos. Estou em algumas delas, a grande maioria completamente espontânea e tudo bem, um dia olharemos para elas com alegria.

O sol já se pôs e o charme da cidade ganha um toque especial com a iluminação elétrica, Clara parece cansada e se apoia em meu ombro quando digo que vamos fazer nosso último passeio. Tento não demonstrar, mas estou sempre atento a sua saúde, seus medicamentos e suas consultas, estou sempre com ela em cada uma delas e Vinicius e Augusto sempre nos deixam completamente confortáveis com relação ao seu tratamento.

— Eu achei que iríamos esperar Rio e Mariah para passearmos de gôndola — ela diz empolgada enquanto ajudo-a a subir no pequeno barco.

— Podemos repetir, mas essa noite quero que sejamos apenas nós.

Ela me olha de soslaio e meu coração acelera quando o barquinho começa a se mover sobre as águas da cidade mais romântica do mundo.

Há uma pequena mesa a nossa frente e sobre ela uma toalha branca cobre tudo, ergo-a e vejo o champanhe, as taças e a cesta de maçãs que pedi.

— Um piquenique, professor? — ela me pergunta curiosa e não respondo. Clara se vira olhando para mim enquanto recolho uma maçã

em minhas mãos, olho para ela e a rejeito, buscando a seguinte e a outra, até encontrar uma que esteja perfeita, então eu a levo até minha boca, mordo um pedaço sentindo o suco escorrer por minha boca e então eu a jogo em Clara, ela se encolhe quando a maçã cai em seu colo e o sorriso que ela me dá é o mais lindo desse mundo.

Clara pega a maçã e a morde de um jeito sexy, exatamente no mesmo lugar onde mordi.

— Achei que nunca seria digna de receber uma maçã — ela diz e dá mais uma mordida na fruta. Aponto para uma ponte a poucos metros a nossa frente quando uma pequena faixa se desenrola com a frase que esperei dois anos para fazer e vejo a maçã despencar das suas mãos no instante em que ela se dá conta do que está escrito.

“Quer casar comigo?”

Clara olha para a faixa e para mim. Em seguida, ela olha em volta e para o gondoleiro e, embora estejamos cercados de centenas de pessoas, nesse momento sinto como se fôssemos as últimas pessoas do mundo e, sinceramente, em meu coração somos.

— E então? O que você acha de passar os próximos 85 anos ao meu lado?

Ela morde o lábio inferior enquanto me provoca fingindo que está pensando.

— Passei a minha vida inteira sonhando com o dia em que você me faria essa proposta indecente.

Sorrio e me ajoelho, retiro a caixinha do meu bolso e abro pegando o anel que comprei para ela, e enquanto deslizo-o pelos dedos frios e trêmulos da garota que mudou minha vida sinto que sou exatamente

como esse barquinho, instável e à mercê de alguém que me conduza pelas águas frias da vida. Só que agora não estou mais à deriva eu encontrei o meu farol.

Clara é a luz em minha vida escura, é o ponto para onde eu devo seguir, é a melodia para a minha letra, é o destino onde quero estar.

E, nesse momento, sinto que meu coração machucado finalmente encontrou a sua cura. Quis o destino que fosse no peito de um coração delicado e instável, mas que tem a força necessária para salvar a minha vida.

E é o que ela vem fazendo todos os dias.



Muitos anos depois...

“Querida mamãe,

Hoje acordei muito pensativa sobre as coisas da vida: sobre como os ciclos se fecham e lendas se desfazem; sobre como nos modificamos do decorrer da nossa vida, como camaleões, que se adaptam às condições.

Já passei por tantos nessa minha vida, a grande maioria deles descrevi em folhas de papel silenciosas que abrigam minhas palavras, meus sentimentos, minhas memórias.

Houve algumas bonitas, outras feias, as difíceis e as felizes, houve aquelas em que precisei passar sozinha e que, embora parecesse prestes a me partir ao meio, me fortaleceu.

Hoje se fecha mais um ciclo, um que durante toda a minha vida foi algo que me assustou, que me impediu de pensar além, confesso que muitas vezes tive medo, medo de não ser forte, medo do que me esperava quando chegasse ao fim.

Mas eu cheguei, mãe, talvez não ao fim, mas a uma nova etapa, uma que, embora eu não soubesse, era algo que eu queria muito e com o passar

dos anos se tornou um sonho, o meu sonho, o nosso sonho.

Hoje sou muito mais feliz do que poderia imaginar, cheguei até aqui e agora eu quero mais, quero viver, quero amar e ser amada, quero realizar novos sonhos e objetivos. Quero ter medo e me sentir frágil, quero encontrar minha coragem e ir além, quero vencer cada uma das minhas batalhas.

E sabe de uma coisa, mãe? Hoje eu posso, eu posso ser o que eu quiser e daria tudo para ter você aqui ao meu lado.

Não deve ser ambição desejar ser feliz, certo? Porque se for, sou a mulher mais ambiciosa desse mundo e não me importo com isso.

Obrigada, mãe, por nunca ter desistido dos seus sonhos, por ter me preparado da forma mais delicada e possível que uma mãe pode preparar um filho, seus conselhos são a base do que sou e eu os carrego comigo para onde vou.

Sempre fui muito grata e tento todos os dias fazer valer a pena tudo o que você fez por mim, mas hoje sei com propriedade o tamanho do seu amor, porque finalmente criei coragem e permiti viver aquilo que você lutou para ter.

Com amor,

Sua eterna Cristal.”

Uma batida na porta me interrompe e me viro para encontrar Tomaz parado com as mãos enterradas nos bolsos da calça jeans.

— Princesa, podemos ir? — pergunta com carinho, mas posso ver a ansiedade e a emoção embargando a sua voz. Ele está nervoso e não resisto quando o vejo assim. É tão bonitinho e encantador.

— Claro, amor. — Fecho meu novo diário e guardo a caneta, que ganhei de presente da Carol, no último Natal, em uma gaveta ignorando o

quanto meu coração está acelerado.

Hoje é o nosso grande dia e não tinha como ser diferente.

— Estava escrevendo para a sua mãe? — ele pergunta ao meu lado.

— Sim, hoje é um dia importante para nós duas.

— Para todos nós, amor. — Ele se aproxima e estende a mão para mim. Seguro-a e me levanto com um pouco de dificuldade.

Baixo o olhar para minha barriga redonda, bela e exuberante, que durante as últimas trinta e oito semanas carregou e cuidou do meu bem mais precioso, meu pacotinho de amor.

— Eu tô tão orgulhoso de você — diz com suas mãos em volta da minha barriga, sua voz rouca e grave causando um rebuliço em meu ventre e enchendo meu coração de amor.

— Foi fácil desde que você esteve comigo o tempo todo.

— Vou sentir falta dela. — Seus dedos ásperos acariciam minha pele sensível fazendo o bebê se mover, como sempre faz quando Tomaz me toca, como se ele soubesse que é seu pai, o nosso grande amor.

— Acho que tem mais alguém aqui louco de amor por você — digo enquanto olhamos para a mágica da vida acontecendo.

Tomaz se inclina e segura meu rosto em suas mãos, puxando-me para um beijo delicado e cheio de amor.

— Eu te amo — ele sussurra. — Obrigado por fazer de mim o homem mais feliz desse mundo. — Seus lábios quentes e macios tocam os meus mais uma vez, com reverência.

Uma batida suave na porta nos interrompe e meu pai entra, seu rosto já não tão jovem, mas ainda tão lindo que me faz suspirar, está carregado de nervosismo e não vejo a hora dele poder respirar aliviado.

Esses meses não foram muito fáceis para ele, porém, mais uma vez, ele resistiu bravamente e estou muito orgulhosa dele.

— Você está bem, filha? — Ele vem até mim e deixa um beijo em meus cabelos antes de passar a mão em minha barriga e sorrir para Tomaz.

— Sim, estou ótima.

— Estamos todos lá embaixo, só esperando você — ele diz se afastando.

— Obrigada, papai.

Observamos meu pai sair e, quando voltamos a ficar sozinhos, Tomaz se ajoelha, como faz todos os dias nas últimas trinta e oito semanas, para colocar a boca em minha barriga.

— Ei, garotão, sabia que os filhos de historiadoras e músicos são considerados os caras mais perfeitos do mundo? — Sorrio enquanto acaricio seus cabelos da cor de doce de leite, que se encaixam tão bem entre meus dedos, rezo para que nosso menino tenha seus cabelos, seu sorriso, sua voz rouca e bonita.

Seco uma lágrima que escapa dos meus olhos enquanto Tomaz ergue minha camisa e planta um beijo na lateral, bem onde um pezinho parece pronto para acertá-lo.

— Eu te amo, filho, não vejo a hora de te ter em meus braços — sussurra e se levanta olhando para mim como vem fazendo nos últimos dez anos. — Está pronta?

— Com certeza.

Seguro a mão do meu marido, do homem que teve a coragem de embarcar em todas as aventuras que estive disposta a viver nos últimos anos; que colocou seus medos em segundo plano, para me encorajar a enfrentar os meus; que respeitou meu tempo; que amou minha família e me deu a sua; que se uniu comigo, para sermos muito mais do que dois; e

que, todas as noites, cantou para mim as mais belas canções, o seu jeito especial de dizer eu te amo.

Antes de sair, olho mais uma vez para o lugar onde o diário está e sorrio.

Parece que a história se repete, só que, dessa vez, estarei aqui para ver como ela vai se desenrolar.

— Eu te amo, mamãe — sussurro enquanto enxugo uma lágrima que escapa dos meus olhos.



Desperto de um sono tranquilo e noto que estou sozinha em minha cama, algo comum para alguém casada com o líder de uma banda famosa, mas que não acontecia a algum tempo, viro-me para o seu lado e sinto seu cheiro sorrindo ao me lembrar da noite de ontem, da forma que ele cantou para mim enquanto fazíamos amor como nos velhos tempos.

Deus! Parece que foi em uma outra vida em que eu era uma garota destemida e louca de paixão, lutando pelo amor de um homem que acreditava ser incapaz de amar.

Levanto e saio do quarto, seguindo o som da melodia que preenche as paredes do nosso lar.

A casa está tranquila, a árvore de Natal ainda está no mesmo lugar de sempre, grande e exagerada, os enfeites antigos e ultrapassados que significam tanto para a nossa família, agora dividem o lugar com fotos de crianças e desenhos esquisitos, debaixo da árvore a cada ano há mais presentes, e o chão está repleto de papéis de presentes rasgados, lembranças de uma ceia repleta de muito amor, risadas e alegria.

Encontro meu marido sentado no chão, seu antigo violão em seu colo e nosso filho ao seu lado, seus dedos lindos dedilham uma melodia que ainda não conheço, e ele se inclina para escrever algo em seu caderno.

Uma nova canção.

— Posso saber o que vocês estão fazendo acordados a essa hora?

Os dois erguem seus rostos do papel como se tivessem sido pegos fazendo algo errado, Tomaz ajeita os óculos que vem sendo usados cada vez mais, deixam ele com um ar elegante e charmoso, que faz meu coração disparar, e o sorriso que ele me dá aquece meu corpo, mesmo depois de tanto tempo.

— Estamos tendo um momento de garotos aqui — ele diz e Bernardo balança a cabeça concordando com o pai enquanto tenta reproduzir a canção que seu pai estava tocando instantes atrás com seus dedos pequeninos, mas habilidosos para um garotinho tão pequeno.

Aproximo-me e Tomaz ergue uma mão para me puxar para o seu colo.

— Eu posso interromper um pouquinho?

— Ei, Bernardo, o que você acha, filho?

Nosso garotinho ergue os ombros e olha para mim, seus olhos da cor de caramelo, doces, lindos e apaixonantes, olham para mim como se estivessem pedindo desculpas.

— Só um *poquinho*, mamãe.

— Estão me excluindo?

— Não, é que estamos fazendo uma música para você — ele diz e imediatamente olha para o pai, como se tivesse revelado um segredo antes da hora.

— Ah, então eu acho que vou voltar para a minha cama e deixar meus garotos em paz.

Tento levantar, mas Tomaz me segura no lugar beijando meu ombro.

— Acho que hoje tudo bem, mas não se acostume, esse é um momento só nosso. Não é, filho? — Ele pisca para o garotinho, que balança a cabeça, concentrado em acertar as notas de *Wish You Were Here* que ele vem treinando há algum tempo.

Ainda não me canso de olhar para ele e, de acordo com Carol, será sempre assim. Ele é lindo, grande, forte e tão saudável como um garotinho de quatro anos pode ser e isso é tudo o que eu sempre desejei.

Tomaz está finalmente se acalmando, mas, às vezes, ainda o vejo me olhar como se eu pudesse quebrar, me acostumei com isso, faz parte de ser quem sou.

Passo meus braços em volta do seu pescoço, sentindo o meu amor por esse homem crescer um pouco mais, enquanto o vejo recriar as memórias que foram tão importantes para ele, agora com nosso filho.

— Você sabia que sua pupila dilata toda vez que você vê a pessoa que você ama? — ele sussurra em meu ouvido enquanto passa a mão em meus cabelos e, quando me afasto para olhar em seus olhos, é como se ele estivesse me vendo pela primeira vez, naquela praia, em uma noite de *réveillon*, mesmo depois de tantos anos juntos.

— Está nervoso, professor?

— Quando estou perto de você, estou sempre nervoso.

Ele me beija e sinto que sou uma mulher completa, nos braços do homem que amei minha vida inteira, ao lado do nosso filho e rodeados de uma família linda e amigos que nos amam.

E espero, que de onde minha mãe está, ela possa se orgulhar da mulher que me tornei, corajosa e apaixonada, que sempre lutou por seus sonhos e nunca teve medo de encher seu coração especial, que para o

resto do mundo parece frágil, mas que, para mim, é especial, assim como o dela um dia foi.

Porque esse é o único e verdadeiro significado da vida. Fazer esse músculo perder algumas batidas, errar outras; às vezes, acelerar tanto, que fica difícil respirar e sempre manter ele assim repleto de muito amor.

NOTA DA AUTORA

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) as doenças cardiovasculares são a principal causa de morte no mundo, em 2015 elas representaram 31% das mortes em âmbito geral.

Ou seja, a cada 10 mortes, 3 foram causadas por problemas no coração.

No caso de Laura e Clara, ambas possuem uma cardiopatia congênita, uma deformidade em seu coração que o impede de funcionar de forma correta, é uma doença genética e hereditária, mas que, na maioria das vezes, se diagnosticado precocemente, pode-se prolongar a vida de uma pessoa, podendo até mesmo ter uma vida saudável.

No caso de Laura, suas expectativas de vida eram baixas; de acordo com os médicos, ela não chegaria a vida adulta, mas com tratamentos experimentais ela viveu até os trinta e por causa de suas escolhas, seu coração frágil, não suportou duas gestações.

Trinta anos depois, a medicina permitiu a Clara que ela tivesse uma vida quase normal, as drogas já não tinham tantos efeitos e sua gestação foi tão saudável quanto de qualquer mulher que se cuida.

É importante ressaltar que, em ambos os casos, estamos falando de situações irreais, mas que foram baseadas em muita pesquisa, consultas e conversas com especialistas e todo o cuidado para trazer a vocês, mais uma vez, algo o mais próximo possível da realidade.

De qualquer forma, a maneira mais segura de cuidar desse órgão tão importante é a prevenção, existem cardiopatias silenciosas, que só se revelam quando é tarde demais. Um acompanhamento médico é o modo mais seguro de manter nosso coração saudável e garantir que ele estará apto a suportar todas as emoções que nossas histórias nos proporcionam.

Em *Minha Cura*, abordei uma outra doença muito pouco conhecida, mas que é mais comum do que se pode imaginar. A Prosopagnosia, também conhecida como “Cegueira de Feições”, é uma doença que afeta o sistema cognitivo visual e impede que a pessoa reconheça rostos.

Existem vários graus, chegando ao ponto de não reconhecer o rosto dos próprios pais, porém Tomaz possui o que podemos considerar um grau leve, muitas vezes confundido com “uma memória ruim” e que pode passar despercebido. É o que acontece com a grande maioria das pessoas que possuem Prosopagnosia.

Geralmente uma pessoa com Prosopagnosia acaba se utilizando de outros detalhes para gravar os rostos das pessoas mais próximas, como marcas, cheiros, manias, até mesmo a voz. No caso de Tomaz, ele acaba apagando o rosto das pessoas após um certo tempo sem vê-las, o que causou toda aquela confusão entre ele e a Cristal.

A Prosopagnosia não tem cura, sendo necessário a utilização de técnicas, dicas e truques para facilitar a vida da pessoa que possui essa condição.

AGRADECIMENTOS

Deus do céu!

Eu ainda não estou acreditando que esse dia chegou, não, sério mesmo, eu passei dias olhando para a tela do note, pensando no que eu posso escrever aqui sem que se pareça repetitivo e clichê, mas a verdade é que não existe. Se você leitor, que está lendo isso, me acompanha a algum tempo já deve estar cansado de me ouvir dizer o quanto *Segredos* é importante para mim e como estou emocionada com esse livro.

Essa série trouxe luz e esperança a minha vida, fez com que eu percebesse que sou mais do que eu imaginava ser, que minhas palavras têm poder e que eu posso chegar a qualquer lugar desse mundo com elas. Então, você que está aí, mesmo que eu não te conheça, saiba, foram as palavras que nos aproximaram, use-as com sabedoria, elas têm poder.

Antes de qualquer agradecimento quero pedir desculpas para todos aqueles leitores que esperaram por longos dois anos a conclusão dessa série. *Minha Cura* é muito mais do que um fim, ele é um recomeço, o fechamento de um elo, e eu precisava que ele fosse perfeito, ao menos para mim.

E hoje, enquanto escrevo essas palavras, carregadas de sentimentos, desejo que ele seja especial para você também, que ao final dessa leitura seu coração esteja repleto de amor e que Gabriel, Carol, Vinicius, Poliana,

Alan, Monique, Tomaz e Cristal sempre tenham um lugarzinho em seus corações, esse é meu legado e meu maior tesouro.

Como vocês sabem, cada livro traz um segredo, e *Minha Cura* era o mais especial de todos, era a ligação do início com o fim.

A história de uma garota romântica, com seu coração frágil, que amava o poder das palavras, não poderia terminar de outra forma a não ser com a história da sua filha, que carrega em seu peito um coração tão especial quanto o de sua mãe.

Minha Cura é isso, a ponta que une o fim ao início, tornando tudo uma coisa só, um círculo onde o amor é a base sólida que liga esses personagens.

Então agora vamos aos agradecimentos.

Como sempre, meus primeiros agradecimentos sempre são para vocês leitores que fazem de mim a escritora feliz que sou, o sucesso dessa série é graças a vocês que todos os dias a mantém viva em seus Kindles, em suas estantes, em suas redes sociais, muito obrigada!

As minhas amigas queridas, minhas betas, companheiras de horas e horas de divagações, leituras e releituras, tenho certeza de que existe um lugar no céu especial para vocês, criaturas abençoadas que aguentam a mente incansável e angustiada dessa autora. Eu amo cada uma de vocês.

Thais Alves, a capa de *Minha Cura* não poderia ser mais perfeita; como sempre, estou apaixonada por ela e tudo isso é graças a você, que sempre enxerga meus meninos como se eles fossem reais. Em suas mãos, eles são.

Carla Santos, por preparar meus textos e cuidar de toda a diagramação dos meus livros, muito obrigada mais uma vez.

A minhas filhas, meus bens mais preciosos, que conhecem essa turminha como se fossem parte da nossa família, que me ouvem falar de

Gabe, Vini, Alan e Tomy há seis anos e me amam, mesmo sabendo que sou uma mãe meio maluquinha. Obrigada por cada beijinho que vocês me dão quando estou exausta. Eles são mágicos.

Ao meu marido, incansável na arte de me apoiar, meu motor nas horas de exaustão, quando sinto que não sou capaz de mais nada, que, embora ache que não é bom com as palavras, tem a sabedoria de usar as mais importantes de todas, nos momentos mais cruciais. Obrigada por emprestar um pouquinho de você para cada um deles. Eu te amo.

E como sempre, o mais importante de tudo: agradeço a Deus que me trouxe até aqui, que coloca nas pontas dos meus dedos histórias que, às vezes, não tenho ideia de como vai terminar, é o Senhor quem me capacita, e é ao Senhor que dou graças todas as noites por essa dádiva.

E se você acha que tudo termina aqui, tenho uma coisa para te contar, as histórias, como a vida real, não terminam nunca, ciclos se fecham para que novos se iniciem.

Não vejo a hora que poder iniciar esse novo ciclo com vocês.

Não deixe de me acompanhar para saber sobre o que vem por aí.

Por enquanto, meu coração é pura gratidão por tudo.

Até a próxima.

BIOGRAFIA

Cynthia Freire

Paulista, apaixonada por romances, pipoca, chocolate e sorvete. Adora as mil formas com que uma história de amor pode ser contada e a magia por trás disso. Vive em São Paulo com o marido, duas filhas e Jack, seu cachorro.

Autora de *Antes dos Vinte*, *Um Novo Amanhecer* e da *Série Segredos*, que inicia-se com *Meu Erro*.

REDES SOCIAIS

Facebook:

www.facebook.com/cinthiafreireautora

Fanpage da Série Segredos:

www.facebook.com/seriesegredos

Instagram:

@cinthia_freire_escritora

Twitter:

@cynthiasfreire

OBRAS

Série Segredos



Outros romances



amazon **kindle**unlimited

1)

Maybe Tomorrow - Stereophonics ↵